

Júlio Verne

OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT

Índice

PRIMEIRA PARTE — AMÉRICA DO SUL

- Capítulo 1 — «BALANCE-FISH»
- Capítulo 2 — Os TRÊS DOCUMENTOS
- Capítulo 3 — MALCOLM-CASTLE
- Capítulo 4 — UMA PROPOSTA DE LADY GLENARVAN
- Capítulo 5 — A PARTIDA DO «DUNCAN»
- Capítulo 6 — O PASSAGEIRO DO CAMAROTE N.º 6
- Capítulo 7 — DONDE VEIO E PARA ONDE VAI JACQUES PAGANEL
- Capítulo 8 — UM EXCELENTE HOMEM A MAIS NO «DUNCAN»
- Capítulo 9 — O ESTREITO DE MAGALHÃES
- Capítulo 10 — O TRIGÉSIMO SÉTIMO PARALELO
- Capítulo 11 — ATRAVÉS DO CHILE
- Capítulo 12 — A DOZE MIL PÉS NOS ARES
- Capítulo 13 — DESCIDA DA CORDILHEIRA
- Capítulo 14 — UM TIRO DE ESPINGARDA DIRIGIDO PELA PROVIDÊNCIA
- Capítulo 15 — O ESPANHOL DE JACQUES PAGANEL
- Capítulo 16 — O RIO COLORADO
- Capítulo 17 — OS PAMPAS
- Capítulo 18 — À PROCURA DE UMA AGUADA
- Capítulo 19 — OS LOBOS VERMELHOS
- Capítulo 20 — AS PLANÍCIES ARGENTINAS
- Capítulo 21 — O FORTE INDEPENDÊNCIA
- Capítulo 22 — A CHEIA
- Capítulo 23 — EM QUE SE LEVA VIDA DE PÁSSARO
- Capítulo 24 — ONDE CONTINUA A VIDA DE PÁSSARO
- Capítulo 25 — ENTRE O FOGO E A ÁGUA
- Capítulo 26 — O ATLÂNTICO

SEGUNDA PARTE — AUSTRÁLIA MERIDIONAL

- Capítulo 1 — REGRESSO A BORDO
- Capítulo 2 — TRISTÃO DA CUNHA
- Capítulo 3 — A ILHA AMESTERDÃO
- Capítulo 4 — AS APOSTAS DE JACQUES PAGANEL E DO MAJOR MAC-NABS
- Capítulo 5 — OS ÍMPETOS DA CÓLERA DO OCEANO ÍNDICO
- Capítulo 6 — O CABO BERNOULLI
- Capítulo 7 — AYRTON
- Capítulo 8 — A PARTIDA
- Capítulo 9 — A PROVÍNCIA DE VITÓRIA
- Capítulo 10 — WIMERRA-RIVER
- Capítulo 11 — BURKE E STUART
- Capítulo 12 — O CAMINHO DE FERRO DE MELBURNE A SANDHURST
- Capítulo 13 — UM PRIMEIRO PRÉMIO DE GEOGRAFIA
- Capítulo 14 — AS MINAS DO MONTE ALEXANDRE
- Capítulo 15 — «GAZETA DA AUSTRÁLIA E NOVA ZELÂNDIA»
- Capítulo 16 — ONDE O MAJOR SUSTENTA QUE SÃO MACACOS O QUE VÊ
- Capítulo 17 — OS CRIADORES MILIONÁRIOS
- Capítulo 18 — OS ALPES AUSTRALIANOS
- Capítulo 19 — UM LANCE TEATRAL
- Capítulo 20 — ALAND ZEALAND
- Capítulo 21 — QUATRO DIAS DE ANGÚSTIAS
- Capítulo 22 — EDEN

TERCEIRA PARTE — OCEANO PACÍFICO

CAPÍTULO 1 — O «MACQUARIE»

CAPÍTULO 2 — O PASSADO DO PAÍS PARA ONDE VÃO

CAPÍTULO 3 — AS CARNIFICINAS DA NOVA ZELÂNDIA

CAPÍTULO 4 — OS ESCOLHOS

CAPÍTULO 5 — OS MARINHEIROS IMPROVISADOS

CAPÍTULO 6 — EM QUE O CANIBALISMO É TRATADO TEORICAMENTE

CAPÍTULO 7 — EM QUE POR FIM ABORDAM A TERRA DE QUE DEVERIAM FUGIR

CAPÍTULO 8 — O PRESENTE DO PAÍS EM QUE SE ENCONTRAM

CAPÍTULO 9 — TRINTA MILHAS AO NORTE

CAPÍTULO 10 — O RIO NACIONAL

CAPÍTULO 11 — O LAGO TAUPO

CAPÍTULO 12 — O FUNERAL DE UM CHEFE MAORI

CAPÍTULO 13 — AS ÚLTIMAS HORAS

CAPÍTULO 14 — A MONTANHA TABU

CAPÍTULO 15 — OS GRANDES MEIOS DE PAGANEL

CAPÍTULO 16 — ENTRE DOIS FOGOS

CAPÍTULO 17 — POR QUE RAZÃO CRUZAVA O «DUNCAN» NA COSTA ORIENTAL DA NOVA ZELÂNDIA

CAPÍTULO 18 — AYRTON OU BEN-JOYCE?

CAPÍTULO 19 — UMA TRANSACÇÃO

CAPÍTULO 20 — UM GRITO NO SILÊNCIO DA NOITE

CAPÍTULO 21 — A ILHA TABOR

CAPÍTULO 22 — A ÚLTIMA DISTRAÇÃO DE JACQUES PAGANEL

PRIMEIRA PARTE — AMÉRICA DO SUL

Capítulo 1 — «Balance-Fish»

Impelido por um nordeste rijo, no dia 26 de julho de 1864 navegava um iate a todo o vapor nas águas do canal do Norte. No seu penol da carangueja flutuava o pavilhão de Inglaterra e na extremidade do mastro grande ostentava um galhardete azul com as iniciais E. G. bordadas a ouro e encimadas por uma coroa ducal. Chamava-se «Duncan» o iate e pertencia a Lord Glenarvan, um dos dezasseis pares escoceses que têm assento na Câmara Alta e membro dos mais distintos do Royal-Thames-Yacht-Club, célebre em todo o Reino Unido.

Lord Edward Glenarvan achava-se a bordo na companhia da sua jovem esposa, Lady Helena, e de um dos seus primos, o major Mac-Nabs.

Recentemente construído, o «Duncan» viera fazer viagem de experiência a algumas milhas do golfo de Clyde e procurava entrar em Glasgow. Já a ilha de Arran se começava a avistar no horizonte quando o vigia de proa deu sinal de que descobrira um peixe enorme na esteira do iate. O capitão, John Mangles, mandou logo prevenir Lord Edward do encontro. O lord subiu imediatamente ao tombadilho, acompanhado do major Mac-Nabs, e perguntou ao capitão qual era o seu parecer a respeito do animal.

— Para falar com franqueza — respondeu John Mangles —, parece-me que é um tubarão de bom tamanho.

— Um tubarão nestas paragens! — exclamou Glenarvan.

— Não oferece dúvida — retorquiu o capitão —; o peixe que temos à vista pertence a uma espécie de tubarões que se encontra em todos os mares e em todas as latitudes. É o *balance-fish* e, ou eu me engano muito, ou estamos a contas com um desses patifes! Se Vossa Honra consente e Lady Glenarvan não desgostar de assistir a uma pesca curiosa, bem depressa saberemos o que havemos de pensar a tal respeito.

— Que lhe parece, Mac-Nabs? — disse Lord Glenarvan para o major — ; é de opinião que se tente a empresa?

— Eu sou da opinião que lhe aprouver — respondeu o major tranquilamente.

— Demais — disse John Mangles — todas as diligências que se fizerem para exterminar tão terríveis animais são poucas. Aproveitemos a ocasião, se Vossa Honra quiser; será ao mesmo tempo um espetáculo grandioso e uma ação meritória.

— Pois faça o que diz, John — anuiu Lord Glenarvan.

Em seguida mandou avisar Lady Helena, que apareceu no tombadilho, com verdadeira curiosidade de presenciar tão interessante pesca.

O mar estava esplêndido; na sua superfície podiam-se facilmente seguir as rápidas evoluções do esqualo, que mergulhava ou emergia com surpreendente vigor. John Mangles deu as suas ordens. Os marinheiros deitaram pela trincheira de estibordo um cabo valente, munido de anzol, levando por isca um grande pedaço de toucinho. Apesar de estar ainda a distância de cinquenta jardas, o tubarão pressentiu o engodo com que tentavam a sua voracidade. Aproximou-se rapidamente do iate. Viam-se-lhe as barbatanas, esbranquiçadas na extremidade, negras na base, fustigar as ondas com violência, ao mesmo tempo que a cauda o conservava em linha rigorosamente reta. À proporção que avançava percebiam-se-lhe os olhos grandes e salientes incendiados pela cobiça, e escancarando as queixadas deixava ver, quando se voltava, uma quádrupla fileira de dentes. Tinha uma cabeça enorme, que semelhava um martelo de duas hastes na extremidade do cabo. John Mangles não se enganara: era o exemplar mais voraz da família dos esqualos, o *balance-fish* dos Ingleses, o peixe-judeu dos Provençais.

Os passageiros e os marinheiros do «Duncan» seguiam com extrema atenção os movimentos do monstro. Dentro em pouco o animal estava ao alcance do anzol; voltou-se sobre o costado para melhor o engolir, e a isca enorme desapareceu-lhe na imensa goela. Em seguida, dando um puxão violento no cabo, cravou em si o anzol, e os marinheiros içaram o esqualo monstruoso por meio de uma talha colocada no lais da verga grande.

O tubarão debateu-se violentamente, vendo-se arrancado do seu elemento natural. Mas subjugaram-no. Um cabo munido de um nó corredio segurou-o pela cauda e paralisou-lhe os movimentos. Instantes depois era levado acima da trincheira e precipitado sobre a tolda. Imediatamente um dos marinheiros aproximou-se dele, não sem a devida cautela, e com um vigoroso golpe de machado decepou-lhe a cauda formidável.

Estava acabada a pesca; nada mais havia a recluir do monstro; achava-se satisfeita a vingança dos marinheiros, mas não a curiosidade. A bordo de todos os navios é de uso examinar atentamente o bucho dos tubarões. Os marinheiros, conhecendo-lhes a voracidade pouco delicada, esperam alguma surpresa, e nem sempre é baldada a sua expectativa.

Lady Glenarvan não quis assistir a tão repugnante «exploração» e voltou para o tombadilho. O tubarão ainda respirava; tinha dez pés de comprimento e pesava mais de seiscentas libras. Não têm nada de extraordinários este peso e estas dimensões; mas, embora o *balance-fish* não esteja classificado entre os gigantes da espécie, figura pelo menos no número dos mais temíveis.

Depressa e sem cerimónias o tubarão foi aberto a machado.

Entrara-lhe o anzol até ao bucho, que se encontrou vazio. Não restava dúvida de que o tubarão jejuava havia algum tempo, e os marinheiros, descoroçoados, iam atirar os restos ao mar quando um objeto grosseiro, solidamente preso numa das vísceras, despertou a atenção do mestre.

— Olá! Que é isto? — exclamou ele.

— Isto — respondeu um dos marinheiros — é um bocado de rocha que o bruto engoliu para fazer lastro.

— Não tem que ver — acudiu um outro —, isto não é mais nem menos do que uma palanqueta que o patife meteu no bucho e ainda não pôde digerir.

— Calem-se aí vocês! — ordenou Tom Austin, o imediato do iate. — Não veem que este animal era um beberrão de marca e, para não perder nada, bebeu não só o vinho, mas até a garrafa?

— O quê? — exclamou Lord Glenarvan. — É uma garrafa que esse tubarão tem no bucho?

— Uma verdadeira garrafa — respondeu o mestre. — Mas bem se vê que não acaba de sair da adega.

— Bem, então tire-a com muito cuidado, Tom — recomendou Lord Edward —; as garrafas achadas no mar encerram muitas vezes documentos preciosos.

— Acredita isso? — perguntou o major Mac-Nabs.

— Creio, pelo menos, que pode suceder.

— Oh! Não o contradigo — volveu o major — e há talvez dentro dessa garrafa um segredo.

— É o que vamos saber — disse Glenarvan. — Então, Tom?

— Aqui está — respondeu o imediato, mostrando um objeto informe, que tirara, não sem custo, do bucho do tubarão.

— Bem — ordenou Lord Glenarvan — façam lavar essa repugnante coisa, e tragam-na depois para o tombadilho.

Tom obedeceu, e a garrafa encontrada em circunstâncias tão extraordinárias foi posta sobre a mesa da câmara, em volta da qual tomaram lugar Lord Glenarvan, o major Mac-Nabs, o capitão John Mangles e Lady Helena, porque as mulheres, segundo se diz, são sempre um tanto curiosas.

No mar tudo é novidade. Houve um momento de silêncio. Todos interrogavam com o olhar aquele frágil objeto. Estaria ali o segredo nada menos de que de um desastre, ou apenas insignificante mensagem confiada ao capricho das ondas por algum navegador ocioso?

Entretanto era preciso saber o que se havia de pensar, e Glenarvan passou sem mais demora

ao exame da garrafa. Em todo o caso tomou as precauções requeridas em tais circunstâncias. Dir-se-ia um *coroner* tomando nota das particularidades de um caso grave. E Glenarvan tinha razão, porque o indício mais insignificante na aparência pode muitas vezes servir-nos de fio para uma grande descoberta.

Antes de ser observada interiormente, a garrafa foi examinada exteriormente. Tinha um colo esguio, em cujo gargalo ainda se via um pedaço de arame comido da ferrugem; as paredes, muito espessas e capazes de suportar uma pressão de muitas atmosferas, denunciavam origem puramente champanhesa. Com garrafas assim, os vinhateiros de Ai ou de Epernay quebram travessas de cadeira, sem o vidro ficar com a mais pequena falha. A garrafa que estava à vista tinha podido, portanto, passar impunemente pelos acasos de uma longa peregrinação.

— Uma garrafa da casa Cliquot — anunciou simplesmente o major.

E, como devia ser entendedor, a sua afirmativa foi aceite sem contestação.

— Meu querido major — redarguiu Lady Helena — pouco nos importa a qualidade da garrafa, contanto que saibamos donde ela vem.

— Havemos de saber, minha querida Helena — disse Lord Edward — e já se pode afirmar que vem de longe. Veja as matérias petrificadas que a cobrem, estas substâncias por assim dizer mineralizadas pela ação do mar! Este resto de um naufrágio já tinha feito longa persistência no fundo do oceano, antes de ir sepultar-se no ventre de um tubarão.

— Não posso deixar de ser do seu parecer — apoiou o major — e este vaso frágil, protegido pelo seu invólucro de pedra, é muito possível que tenha feito grande viagem.

— Mas donde vem ele? — perguntou Lady Glenarvan.

— Espere, minha querida Helena, espere; é preciso ser paciente com as garrafas. Ou eu me engano muito, ou ela vai responder por si mesma a todas as nossas perguntas.

E, dizendo isto, Lord Glenarvan começou a escavar nas duras matérias que protegiam o gargalo da garrafa. Daí a pouco tempo aparecia a rolha, porém muito danificada pela água do mar.

— Desagradável circunstância — observou Glenarvan — porque, se contiver algum papel, há de achar-se em muito mau estado.

— É de recear — ponderou o major.

— E acrescentarei — prosseguiu Glenarvan — que esta garrafa, mal rolhada, não podia tardar a ir ao fundo, e foi uma fortuna que o tubarão a engolissem para no-la trazer a bordo do «Duncan».

— Decerto — concordou John Mangles —, mas antes a pescássemos no mar largo em

longitude e latitude bem determinadas. Nesses casos pode-se, estudando-se as correntes atmosféricas e marinhas, reconhecer o caminho percorrido; mas com um correio de tal espécie, com estes tubarões que nadam contra o vento e as marés, não sabe a gente como se há de regular.

— Veremos — disse Glenarvan.

E no mesmo momento tirava a rolha com o maior cuidado, espalhando-se no tombadilho um cheiro salino muito ativo.

— E então? — perguntou Lady Helena com uma curiosidade puramente feminina.

— Exato! — exclamou Glenarvan. — Não me enganava! Contém papéis!

— Documentos! Documentos! — reforçou Lady Helena.

— Com a circunstância apenas de que parecem comidos da humidade, e é impossível tirá-los, porque aderem às paredes da garrafa.

— Quebre-mo-la — propôs Mac-Nabs.

— Estimava mais conservá-la intacta — disse Glenarvan.

— Também eu — acrescentou o major.

— Pudera — disse Lady Helena —, mas o conteúdo é mais precioso que o invólucro, e vale mais sacrificar este do que aquele.

— Quebre Vossa Honra apenas o gargalo — aconselhou John Mangles — porque poderá tirar o documento intacto.

— Vejamos! Vejamos, meu caro Edward — disse Lady Glenarvan.

Era difícil proceder de outra maneira e, houvesse o que houvesse dentro da preciosa garrafa, Lord Glenarvan resolveu-se a quebrar-lhe o gargalo. Foi preciso usar-se de martelo, porque o invólucro de pedra que a envolvia tinha adquirido a dureza do granito. Breve se fez em pedaços e se descobriram muitos fragmentos de papéis aderindo uns aos outros. Glenarvan tirou-os com precaução, separou-os, estendeu-os diante de si, enquanto Lady Helena, o major e o capitão o rodeavam cheios de curiosidade.

Capítulo 2 — Os Três Documentos

Nos papéis, meio destruídos pela água do mar, apenas se percebiam algumas palavras, restos indecifráveis de linhas quase totalmente apagadas. Durante alguns minutos Lord Glenarvan examinou-os com atenção; voltou-os em todos os sentidos, expô-los contra a luz do dia, estudou os menores vestígios da escritura respeitadas pelo mar, e afinal olhou para os seus amigos que o observavam com expressão ansiosa.

— Temos aqui — explicou ele — três documentos distintos, e provavelmente três cópias do mesmo documento, traduzido em três línguas, uma em inglês, outra em francês e a terceira em alemão. Algumas das palavras que escaparam não me deixam dúvida alguma a tal respeito.

— Mas ao menos essas palavras oferecem algum sentido? — perguntou Lady Glenarvan.

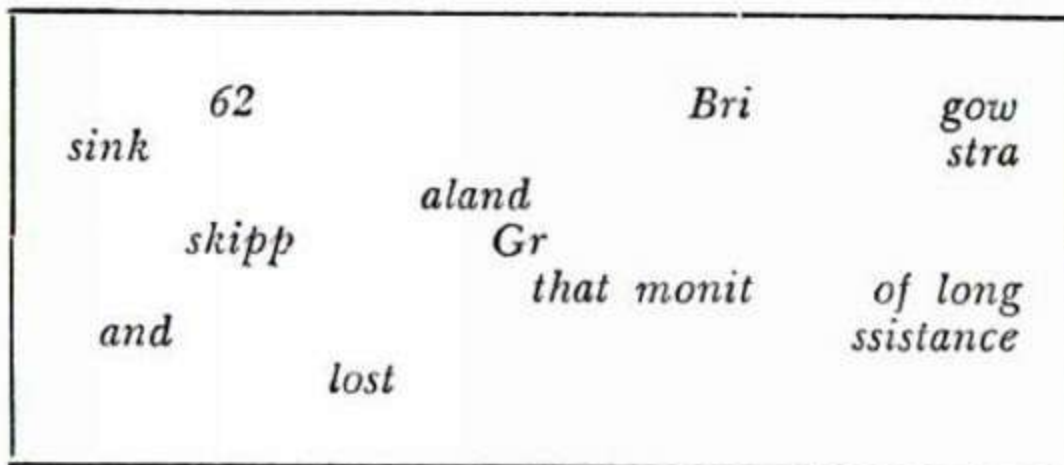
— É muito difícil emitir uma opinião, minha querida Helena; as palavras traçadas nestes documentos são muito incompletas.

— Talvez os documentos se completem uns pelos outros — lembrou o major.

— Assim deve ser — redarguiu John Mangles —; é impossível que a água do mar tenha comido as linhas exatamente nos mesmos sítios e, reunindo esses pedaços de frases, acabaremos por lhes achar um sentido inteligível.

— É o que vamos fazer — disse Lord Glenarvan —, mas procedamos com método. Eis primeiramente o documento inglês.

Este documento apresentava a seguinte disposição de linhas e palavras:



— Eis uma coisa que pouco significa — afirmou o major, descoroçoado.

— Em todo o caso — observou o capitão — é bom inglês.

— Isso não oferece dúvida — confirmou Lord Glenarvan —; as palavras *sink, aland, that, and, lost*, estão intactas; *skipp* forma evidentemente a palavra *skipper* e trata-se de um Sr. Gr..., provavelmente o capitão do navio que naufragou .

— Acrescentemos — disse John Mangles — as palavras *monit* e *ssistance*, cuja interpretação é evidente.

— Mas bem — afirmou Lady Helena —, isso é já alguma coisa.

— Infelizmente — observou o major — faltam-nos linhas inteiras. Como acharemos o nome do navio perdido, o local do naufrágio?

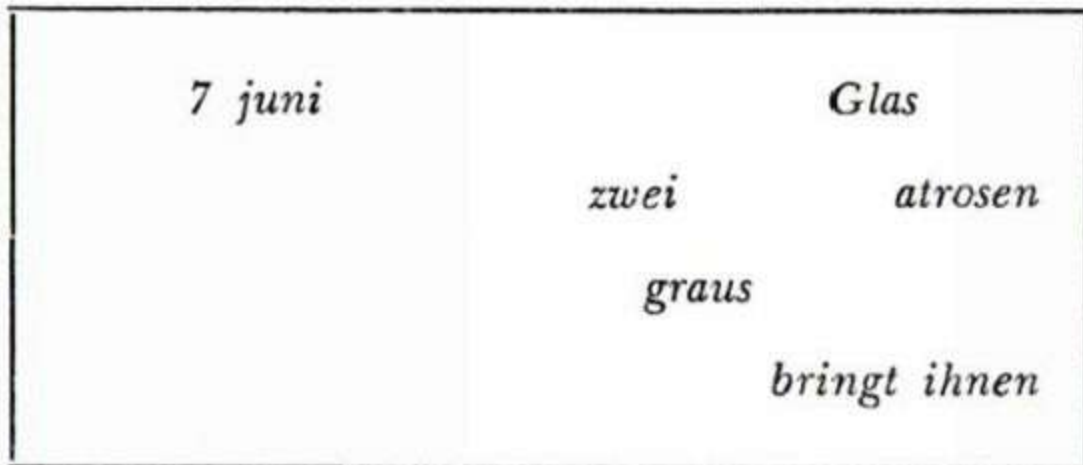
— Havemos de achá-los — garantiu Lord Edward.

— Havemos de achá-los — repetiu o major, que era invariavelmente da opinião de toda a gente —; mas de que maneira?

— Completando um documento pelo outro.

— Procuremos então! — exclamou Lady Helena.

O segundo pedaço de papel, mais danificado que o primeiro, só oferecia palavras inteiramente isoladas e assim dispostas.



— Este está escrito em alemão — declarou John Mangles assim que deitou os olhos para o papel.

— E sabe essa língua, John? — perguntou Glenarvan.

— Perfeitamente, Vossa Honra.

— Então, diga-nos o que significam estas poucas palavras.

O capitão examinou o documento com atenção e exprimiu-se nos seguintes termos:

— Em primeiro lugar, eis-nos certos quanto à data do acontecimento; *7 juni*, quer dizer *7 de junho*, e, aproximando estes algarismos dos algarismos 62 fornecidos pelo documento inglês, temos a data completa: *7 de junho de 1862*.

— Muito bem — exclamou Lady Helena —; rogo-lhe que continue, John.

— Na mesma linha — prosseguiu John — acho a palavra *Glas*, que, aproximada de *gow* fornecida pelo primeiro documento, dá *Glasgow*. Trata-se decerto de um navio do porto de Glasgow.

— É a minha opinião — apoiou o major.

— A segunda linha do documento falta completamente — tornou John Mangles. — Mas na terceira encontro duas palavras de grande importância: *zwei*, que quer dizer *dois*, e *atrosen* ou antes *matrosen*, que significa *marinheiros* em linguagem alemã.

— Parece, pois — observou Lady Helena —, que se trata de um capitão e de dois marinheiros?

— É provável — disse Lord Glenarvan.

— Confesso a Vossa Honra que a palavra seguinte, *graus*, me embaraça — continuou o capitão. — Não sei como traduzi-la. Talvez o terceiro documento no-la faça compreender. Quanto às duas últimas palavras explicam-se sem dificuldade. *Bringt ihnen* significa *levem-lhes*, e aproximando-as da palavra inglesa situada também na sétima linha do primeiro documento, quero dizer, da palavra *assistance*, a frase *levem-lhes socorro* depreende-se sem dificuldade.

— Sim! Levai-lhes socorros! — exclamou Glenarvan. — Mas onde estão esses desgraçados? Até aqui ainda não obtivemos uma simples indicação do lugar, e o teatro da catástrofe é absolutamente desconhecido.

— Esperemos que o documento francês seja mais explícito — disse Lady Helena.

— Vejamos o documento francês — redarguiu Glenarvan —, e como todos sabemos esta língua, serão mais fáceis as nossas indagações.

Eis o fac-símile exato do terceiro documento:

	<i>troi</i>	<i>ats</i>	<i>tannia</i>
		<i>gonie</i>	<i>austral</i>
<i>contin</i>		<i>pr</i>	<i>abor</i>
	<i>jeté</i>		<i>cruel indi</i>
<i>et 37° 11'</i>		<i>lat</i>	<i>ongit</i>

— Temos Algarismos — declarou Lady Helena. — Vejam, senhores, vejam.

— Procedamos com ordem — recomendou Lord Glenarvan — e comecemos pelo princípio. Permitam-me que tome uma por uma estas palavras espalhadas e incompletas. Vejo logo às primeiras palavras que se trata de uma galera, cujo nome, graças aos documentos inglês e francês, nos foi inteiramente conservado: *Britannia*. Das duas palavras seguintes, *gonie* e *austral*, só a última tem uma significação que todos compreendem.

— Eis já um pormenor valioso — observou John Mangles —; o naufrágio ocorreu no hemisfério austral.

— Isso é vago — disse o major.

— Eu continuo — declarou Edward Glenarvan. — Ah! A palavra *abor*, radical do verbo *aborder*. Os desgraçados abordaram a qualquer parte. Mas aonde? *Contin!* Foi então a um continente? *Cruel...*

— Cruel! — exclamou John Mangles. — Mas eis aí a explicação da palavra alemã *graus...* *grausam...* *cruel!*

— Continuemos, continuemos — insistiu Glenarvan, cujo interesse se sobre-excitava violentamente à medida que o sentido das palavras incompletas se lhe desenrolava à vista. — *Indi...*, trata-se pois da *índia*, para onde os marinheiros terão sido lançados. O que significa esta palavra *ongit*? Ah! longitude! E eis a latitude: *trinta e sete graus e onze minutos*. Enfim, temos uma indicação exata.

— Mas falta a longitude — objetou Mac-Nabs.

— Não se pode ter tudo, meu querido major — redarguiu Glenarvan —, e já é alguma coisa um grau exato de latitude. Inegavelmente, o documento francês é o mais completo. Está claro que cada um deles não passa da tradução literal dos outros, porque todos contêm o mesmo

— Primeiro que tudo — continuou Glenarvan — é preciso tomar em consideração três coisas bem distintas, que se encontram no documento: 1.º, as coisas que se sabem; 2.º, as que se podem conjecturar; 3.º, as que não se sabem. O que sabemos? Sabemos que no dia 7 de junho de 1862 a «Britannia», de Glasgow, soçobrou; que dois marinheiros e o capitão lançaram estes documentos a 37° e 11' de latitude e pedem socorro.

— Perfeitamente — concordou o major.

— O que podemos conjecturar? — continuou Glenarvan. — Primeiro, que o naufrágio sucedeu no mar austral, e desde já lhes chamo a atenção para a palavra *gonie*. Não vem ela por si mesma indicar o nome do país ao qual pertence?

— A Patagónia! — exclamou Lady Helena.

— Decerto.

— Mas será a Patagónia atravessada pelo paralelo trinta e sete? — perguntou o major.

— Isso é fácil de verificar — afirmou John Mangles, desenrolando um mapa da América meridional. — Exato; a Patagónia é quase tocada pelo paralelo trinta e sete. Este paralelo corta a Araucanía, passa rente da parte setentrional das terras patagãs e vai perder-se no Atlântico.

— Bem, continuemos as nossas conjecturas. Os dois marinheiros *abord...*, abordam aonde? *conti...*; entendem, a um continente e não a uma ilha. Qual é a sorte? Aí têm duas letras providenciais *pr...* que o dizem. Esses desgraçados, efetivamente, acham-se *presos* ou *prisioneiros*. De quem? De *índios cruéis*. Estão convencidos? Não vêm por si mesmas as palavras ocupar os lugares em branco? Por acaso não se lhes esclarece este documento diante dos olhos? Não lhes entra a luz no espírito?

Glenarvan falava cheio de convicção. Lia-se-lhe nos olhos uma confiança absoluta. Todo o entusiasmo que o animava se comunicava aos seus ouvintes. Como ele, exclamaram:

— É verdade! É evidente!

Passado um momento, Lord Edward prosseguiu nestes termos:

— Todas as hipóteses que formulei, meus amigos, parecem-me extremamente plausíveis. Na minha opinião, a catástrofe ocorreu na costa da Patagónia. Demais, farei perguntar em Glasgow qual era o destino da «Britannia», e saberemos então se ela podia ter sido arrastada para essas paragens.

— Oh! Não temos precisão de ir indagar tão longe — redarguiu John Mangles. — Tenho aqui a coleção da «Mercantile and Shipping Gazette», que nos ministrará todas as indicações precisas.

— Vejamos, vejamos! — disse Lady Glenarvan.

John Mangles pegou num maço de jornais do ano de 1862 e pôs-se a folheá-los rapidamente. Não foram demoradas as suas indagações, porque dali a nada exclamava com um tom de satisfação:

— 30 de maio de 1862. Peru! Callao! com carga para Glasgow, «Britannia», capitão Grant.

— Grant! — exclamou Lord Glenarvan. — Aquele arrojado escocês que pretendeu fundar uma Nova Escócia nos mares do Pacífico!

— Sim — confirmou John Mangles —, é aquele mesmo que, em 1861, embarcou em Glasgow, na «Britannia», e de quem nunca mais se receberam notícias.

— Já não há dúvida! Já não há dúvida! — exclamou Glenarvan. — É ele mesmo. A «Britannia» largou de Callao em 30 de maio, e em 7 de junho, oito dias depois, perdeu-se nas costas da Patagónia. Eis toda a sua história nestes restos de palavras que parecem indecifráveis. Veem, meus amigos, que não é má a porção de coisas que podemos conjeturar. Quanto às que sabemos, reduzem-se a uma só, no grau da longitude, que nos falta.

— É escusado — afirmou John Mangles — porque, conhecendo a terra, e só com a latitude, eu incumbia-me de ir direito ao teatro do naufrágio.

— Então sabemos tudo? — perguntou Lady Glenarvan.

— Tudo, minha querida Helena, e os lugares em branco que o mar deixou entre as palavras do documento vou preenchê-los sem dificuldade, como se escrevesse e o capitão Grant ditasse.

Então Lord Glenarvan tornou a pegar na pena, e redigiu sem hesitar a seguinte nota:

Em 7 de junho 1862, a galera «Britannia», *de Glasgow*, naufragou nas costas da Patagónia, no hemisfério austral. *Dirigindo-se* para terra, dois marinheiros e o capitão Grant vão *esforçar-se* por abordar ao continente onde ficarão prisioneiros de índios cruéis. *Lançaram este documento* ao mar em *graus de longitude e 37° 11' de latitude*. *Levem-lhes socorro, ou ficam perdidos.*

— Bem! Bem! Meu querido Edward — disse Lady Helena —, e se esses desgraçados tornarem a ver a pátria é a ti que deverão tamanha felicidade.

— hão de tornar a vê-la — prometeu Glenarvan. — Este documento é muito claro, muito explícito, muito positivo para que a Inglaterra hesite em levar socorro a três filhos seus abandonados numa costa deserta. O que ela fez por Franklin e por tantos outros há de fazê-lo hoje pelos naufragos da «Britannia».

— Mas esses desgraçados têm decerto família que chora a sua perda — lembrou Lady

Helena. — Talvez o pobre capitão Grant tenha mulher, filhos...

— Acho-lhe razão, querida Helena, e eu me encarrego de lhes fazer saber que não está de todo perdida a esperança. Agora, meus amigos, tornemos a subir para o tombadilho, porque devemos estar próximo do porto.

Efetivamente, o «Duncan» tinha feito força de vapor; costeava neste momento as margens da ilha de Bute, deixando a estibordo Rothesay com a sua cidade pequenina e linda, reclinada em fértil vale; em seguida meteu pelos estreitos canais do golfo, passou rapidamente por diante de Greenok, e, às seis horas, lançava ferro próximo do rochedo basáltico de Dumbarton, coroado pelo castelo de Wallace, o herói escocês.

Ali, uma carruagem com cavalos e arreios de posta esperava Lady Helena para a conduzir a Malcolm-Castle na companhia do major Mac-Nabs. Lord Glenarvan, depois de ter abraçado a sua jovem esposa, meteu-se no comboio expresso do caminho de ferro de Glasgow.

Antes, porém, de partir, confiara ao mais rápido agente uma nota importante, e o telégrafo elétrico, minutos depois, levava ao «Times» e ao «Morning Chronicle» um aviso redigido nos seguintes termos:

Para esclarecimentos sobre a sorte do navio «Britannia», de Glasgow, capitão Grant, dirijam-se a Lord Glenarvan, Malcolm-Castle, Luss, condado de Dumbarton, Escócia.

Capítulo 3 — Malcolm-Castle

O castelo de Malcolm, um dos mais poéticos das Highlands, fica situado próximo da aldeia de Luss, cujo lindo vale domina. O granito das suas muralhas é banhado pelas águas límpidas do lago Lomond.

Pertencia desde tempos imemoriais à família Glenarvan, que conservou no país de Rob Roy e de Fergus Macgregor os costumes hospitaleiros dos velhos heróis de Walter Scott.

Na época em que se operou a revolução social na Escócia, foram expulsos grande número de vassallos, por não poderem pagar enormes rendas aos antigos chefes de clãs. Morreram uns de fome, outros fizeram-se pescadores e muitos emigraram. Era uma consternação geral. Única exceção, os Glenarvan entenderam que a fidelidade tanto obrigava os grandes como os pequenos e conservaram-se fiéis ao pacto que tinham com os seus rendeiros. Nem um só deixou o lar que o vira nascer; nenhum abandonou a terra onde os seus antepassados descansavam. Por isso também, nesta época de desafeto, a família de Glenarvan só tinha escoceses tanto no castelo de Malcolm como a bordo do «Duncan»; todos descendiam de vassallos de Macgregor, de Mac-Farlane, de Mac-Nabs, de Mac-Naughtons, quer dizer, eram filhos dos condados de Stirling e de Dumbarton; gente de bem, dedicada de corpo e alma a seus amos, e alguns ainda falavam o gaélico da velha Caledónia.

Lord Glenarvan possuía uma fortuna imensa; empregava-a em fazer bem, e a bondade sobrelevava nele a generosidade, porque, se uma era infinita, a outra tinha forçosamente limites. O senhor de Luss, «o lord de Malcolm», representava o condado na Câmara dos Lordes. Mas, com as suas ideias jacobinas e importando-lhe pouco agradar ou desagradar à casa de Hanôver, era mal visto pelos homens de estado de Inglaterra, e era principalmente por este motivo que ele se apegava às tradições dos seus avós e resistia energicamente às usurpações dos do Sul.

Não passava contudo Lord Edward Glenarvan por homem reacionário, nem de espírito acanhado ou de curta inteligência; mas, ao mesmo tempo que abria de par em par as portas dos seus condados ao progresso, permanecia escocês na alma, e só para glória da Escócia ia nos seus iates tomar parte nas regatas do Royal-Thames-Yacht-Club.

Lord Glenarvan contava trinta e dois anos; tinha estatura elevada, feições um pouco severas, infinita doçura no olhar, e em todo o aspeto o cunho poético dos habitantes das Highlands. Reputavam-no valente até à temeridade, empreendedor, cavalheiresco, um Fergus do século

XIX, e principalmente bondoso, mais ainda que o próprio S. Martinho, porque era capaz de dar a capa inteira aos pobres moradores das montanhas.

Casara havia apenas três meses, tendo escolhido para esposa Miss Helena Tuffnel, filha do grande viajante William Tuffnel, uma das numerosas vítimas da ciência geográfica e da paixão pelas descobertas.

Miss Helena não pertencia a uma família nobre, mas era escocesa, o que, aos olhos de Lord Glenarvan, valia por todas as nobrezas. Desta criatura jovem, sedutora, corajosa e dedicada, o senhor de Luss fizera a companheira da sua vida. Um dia, encontrou-a vivendo sozinha, órfã, quase sem meios, em casa de seu pai, em Hilpatrick. Compreendeu que aquela pobre menina se tornaria em mulher muito corajosa; desposou-a.

Miss Helena contava vinte e dois anos; era uma menina loira, de olhos azuis como as águas dos lagos escoceses em manhãs formosas de primavera. O amor que dedicava ao marido mostrava-se superior à gratidão que lhe votava. Amava-o como se ela fosse a rica herdeira e ele o órfão abandonado. Quantos aos seus rendeiros e servidores, estavam prontos a dar a vida por aquela a quem chamavam: a nossa boa senhora de Luss.

Lord Glenarvan e Lady Helena viviam felizes em Malcolm-Castle, em meio da natureza grandiosa e selvática das Highlands, divagando pelas sombrias alamedas de castanheiros e de sicómoros, pelas margens dos lagos, onde ainda ecoavam os *pibrochs* de outros tempos, e pelo fundo de incultos desfiladeiros onde a história da Escócia se acha escrita em ruínas seculares. Um dia, perdiam-se nos bosques de videeiros ou de lárax e nas vastas campinas de amareladas giestas; noutra, trepavam às cumeadas abruptas de Ben Leomand, ou corriam a cavalo através dos *glens* abandonados, estudando, interpretando, admirando a terra poética, chamada ainda a «terra de Rob Roy», e todos os lugares célebres tão vigorosamente contados por Walter Scott. À tarde, quando a noite se acercava e «a lanterna» de Mac-Farlane se acendia no horizonte, iam vaguear ao longo das ameias, vetusta galeria circular, que formava um colar de seteiras no castelo de Malcolm, e aí, pensativos, esquecidos e como que sós no mundo, sentados nalguma pedra derruída, em meio do silêncio da natureza, aos pálidos raios da lua, enquanto a noite invadia o cume das montanhas, eles permaneciam mergulhados nesse êxtase puro, nesse arrebatamento íntimo, cujo segredo só na Terra possuem os corações que palpitam de amor.

Assim decorreram os primeiros meses de casamento.

Porém, Lord Glenarvan não esquecia que sua mulher era filha de um grande viajante; disse consigo que Lady Helena devia abrigar no coração todas as aspirações de seu pai, e não se enganava.

Foi construído o «Duncan»; era destinado a transportar Lord e Lady Glenarvan aos mais belos países do mundo, e pelas ondas do Mediterrâneo até às ilhas do Arquipélago. Imagine-se a alegria de Lady Helena quando o marido lhe pôs às suas ordens o «Duncan»! Com efeito, haverá maior ventura do que transportar o seu amor para as formosas paragens da Grécia e ver nascer a lua de mel nas encantadas margens do Oriente?

Entretanto Lord Glenarvan partira para Londres. Tratava-se da salvação de uns infelizes náufragos; por isso também Lady Helena mostrou-se mais impaciente do que triste com esta ausência momentânea. No dia seguinte, um despacho do seu marido fez-lhe esperar um breve regresso. À noite, uma carta pedia demora; as propostas de Lord Glenarvan encontravam algumas dificuldades. Dois dias depois, em nova carta, Lord Glenarvan não ocultava o seu descontentamento a respeito do Almirantado.

Em face de tal notícia, Lady Helena começou a sentir-se inquieta. À noite, quando se encontrava sozinha no seu quarto, o mordomo do castelo, Mr. Halbert, foi perguntar-lhe se queria receber uma jovem e um menino, que desejavam falar a Lord Glenarvan.

— São desta localidade? — perguntou Lady Helena.

— Não, senhora, porque não os conheço. Acabam de chegar pelo caminho de ferro de Balloch, e de Balloch a Luss vieram a pé.

— Peça-lhes que subam, Halbert — disse Lady Glenarvan.

O mordomo retirou-se. Instantes depois, a jovem e o menino que a acompanhava foram introduzidos na câmara de Lady Helena. Eram irmãos. A sua aparência não permitia duvidar disso. Tinha dezasseis anos a jovem. O rosto interessante, mas magoado de cansaço, os olhos que pareciam ter chorado muitas vezes, a fisionomia em que se revelava a expressão da resignação e também da coragem, o traje pobre, mas aseado, tudo nela inspirava simpatia. Trazia pela mão um rapazinho de doze anos, de aspeto resoluto, e que parecia tomar a irmã sob a sua proteção. Efetivamente, quem quer que faltasse ao respeito à jovem ter-se ia de haver com aquele homem pequenino!

Ao ver-se diante de Lady Helena, a jovem ficou um pouco perturbada. A lady apressou-se a tomar a palavra.

— Desejava falar-me? — perguntou ela, animando a jovem com um olhar.

— Não a Vossa Honra — redarguiu o pequeno em tom decidido —, mas a Lord Glenarvan em pessoa.

— Desculpe-o, senhora — disse a jovem olhando para o irmão.

— Lord Glenarvan não se acha no castelo — explicou Lady Helena —, mas sou sua mulher

e posso substituí-lo junto da menina e do seu irmão.

— Estou na presença de Lady Glenarvan? — inquiriu a jovem.

— Sim, miss.

— Da esposa de Lord Glenarvan, de Malcolm-Castle, que publicou no «Times» um anúncio relativo ao naufrágio da «Britannia»?

— Sim! Sim! — respondeu Lady Helena com alvoroço. — É a menina?...

— Eu sou Miss Grant, senhora, e eis o meu irmão.

— Miss Grant, Miss Grant! — exclamou Lady Helena, puxando para si a jovem, agarrando-lhe nas mãos, e beijando as frescas faces do pequeno.

— Senhora — disse a jovem —, que sabe do naufrágio de meu pai? Está vivo? Torná-lo-emos ainda a ver? Fale, peço-lhe.

— Minha querida filha —olveu-lhe Lady Helena —, Deus me livre de lhe responder levianamente em semelhante circunstância; não queria dar-lhe uma esperança ilusória...

— Fale, senhora, fale! Sei resistir à dor, e tudo posso ouvir.

— Minha querida menina — disse Lady Helena —, é bem pouca a esperança que nos resta; mas com a ajuda de Deus, que tudo pode, é possível que torne a ver um dia seu pai.

— Meu Deus, meu Deus! — exclamou Miss Grant, que não pôde conter as lágrimas, ao mesmo tempo que Roberto cobria de beijos as mãos de Lady Glenarvan.

Passado o primeiro acesso desta alegria dolorosa, a jovem deixou-se levar na corrente de perguntas sem número. Lady Helena contou-lhe a história do documento, como se perdera a «Britannia» nas costas da Patagónia; de que modo, depois do naufrágio, o capitão e dois marinheiros, os únicos que haviam escapado, deviam ter alcançado o continente; finalmente, como imploravam o socorro do mundo inteiro no documento escrito em três línguas e abandonado aos caprichos do oceano.

Durante esta narração, Roberto Grant fitava ansioso Lady Helena; tinha a vida suspensa daqueles lábios; a sua imaginação de criança reproduzia-lhe as cenas terríveis de que seu pai devia ter sido vítima. Via-o sobre a tolda da «Britannia», seguia-o em meio das ondas; agarrava-se com ele aos rochedos da costa; arrastava-se ofegante sobre a areia e fora do alcance das vagas. Durante a narrativa, muitas palavras lhe escaparam dos lábios.

— Oh! Papá! Meu pobre papá! — exclamou ele, chegando-se para a irmã.

Quanto a Miss Grant, escutava, juntando as mãos, e não proferiu uma só palavra até ao momento em que, terminada a descrição, pediu:

— Oh! Senhora! O documento! O documento!

— Já não o tenho, minha querida menina — respondeu Lady Helena.

— Já não o tem?

— Não; mesmo para interesse de seu pai, teve de ser levado a Londres por Lord Glenarvan; mas eu disse-lhes palavra por palavra tudo quanto ele continha e o modo como conseguimos obter o seu sentido exato. Entre os pedaços de frases quase apagadas, as ondas respeitaram alguns algarismos; infelizmente a longitude...

— Passaremos sem ela! — exclamou o pequeno.

— Sim, Sr. Roberto — concordou Lady Helena ao vê-lo tão cheio de resolução. — Como vê, pois, Miss Grant, as mais pequenas particularidades desse documento são tão conhecidas de si como de mim.

— Sim, senhora, mas eu desejava ver a letra de meu pai.

— Pois bem, amanhã, amanhã talvez, Lord Glenarvan estará de volta. Meu marido, munido desse documento incontestável, quis expô-lo aos membros do Almirantado, a fim de promover a imediata partida de um navio incumbido de procurar o capitão Grant.

— Será possível, senhora? — exclamou o jovem. — Fizeram isso por essa causa?

— Sim, minha querida miss, e espero Lord Glenarvan de um momento para o outro.

— Senhora — disse a jovem em tom de profundo reconhecimento e com ardor religioso —, que o Céu a abençoe e a Lord Glenarvan.

— Querida filha — volveu Lady Helena — não merecemos agradecimento algum; qualquer pessoa em nosso lugar faria o mesmo que nós fazemos. Que as esperanças que eu lhes deixei entrever possam realizar-se! Até ao regresso de Lord Glenarvan ficará no castelo...

— Senhora — replicou a jovem —, não quero abusar da simpatia que está mostrando a dois estranhos.

— Estranhos! Querida menina! Nem seu irmão nem a menina são estranhos nesta casa, e quero que Lord Glenarvan, quando chegar, participe aos filhos do capitão Grant o que se vai tentar para a salvação de seu pai.

Não havia meio de rejeitar um oferecimento feito de tão boa vontade. Concordou-se, pois, em que Miss Grant e seu irmão esperassem em Malcolm-Castle o regresso de Lord Glenarvan.

Capítulo 4 — Uma Proposta de Lady Glenarvan

Durante esta conversação, Lady Helena não falara dos receios manifestados nas cartas de Lord Glenarvan a respeito do modo como seria recebido dos lords do Almirantado o seu pedido, nem tão-pouco se disse palavra com referência ao cativeiro provável do capitão Grant entre os índios da América meridional. De que servia entristecer aquelas pobres crianças com a situação de seu pai e diminuir a esperança que elas acabavam de conceber? Isso em nada mudaria a situação. Lady Helena calara-se portanto a tal respeito, e, depois de satisfeitas todas as perguntas de Miss Grant, interrogou-a por seu turno a respeito da sua vida, da sua situação neste mundo, onde parecia ser a única protetora do irmão.

As respostas de Miss Grant formavam uma história singela e patética, que ainda mais aumentou a simpatia que por ela sentia Lady Glenarvan.

Miss Mary e Roberto Grant eram filhos únicos do capitão. Harry Grant perdera a esposa por ocasião do nascimento de Roberto, e durante as suas viagens de longo curso deixava os filhos entregues aos cuidados de uma boa e velha prima. Era um valente marinheiro Harry Grant, um homem que sabia bem da sua arte; ao mesmo tempo bom negociante e bom navegador, reunindo deste modo uma dupla aptidão preciosa para os capitães da marinha mercante. Habitava na cidade de Dundee, condado de Pesth, na Escócia. O capitão Grant era pois filho daquela terra. Seu pai, cura de Saint Katrine Church, dera-lhe uma educação completa, entendendo que semelhante circunstância não prejudica pessoa alguma, nem mesmo um capitão de longo curso.

Durante as suas primeiras viagens no ultramar, a princípio como imediato, e por fim na qualidade de capitão, fizera bons negócios, e, alguns anos depois de Roberto nascer, achava-se possuidor de alguma fortuna.

Foi então que lhe acudiu ao espírito uma grande ideia, que tornou o seu nome popular na Escócia. Como os Glenarvan e algumas grandes famílias das Lowlands, achava-se separado de coração, se não de facto, da Inglaterra invasora. Aos seus olhos, os interesses da sua terra não podiam ser os dos anglo-saxónicos, e para lhes dar um desenvolvimento pessoal resolveu fundar uma colónia escocesa num dos continentes da Oceânia. Seria o seu sonho futuro a independência de que os Estados Unidos deram exemplo, essa independência que os índios e a Austrália não podem deixar de obter algum dia? Talvez. E é possível também que desse a perceber as suas esperanças secretas. Compreende-se, pois, que o Governo recusasse auxiliar o

seu projeto de colonização; opôs até ao capitão Grant dificuldades que noutro qualquer país teriam prostrado o homem contra quem se levantassem. Mas Harry não desanimou; apelou para o patriotismo dos seus compatriotas, pôs a fortuna ao serviço da sua causa, construiu um navio, e, ajudado por uma tripulação escolhida, depois de ter confiado os filhos ao cuidado da sua velha parenta, partiu com o fim de explorar as grandes ilhas do Pacífico. Era em 1861. Durante um ano, até maio de 1862, receberam-se notícias dele; mas depois de ter partido de Callao, no mês de junho, ninguém mais ouviu falar da «Britannia» e a «Gazeta Marítima» emudeceu a respeito da sorte do capitão.

Foi nestas circunstâncias que a velha prima de Harry Grant morreu e as duas crianças ficaram sós no mundo.

Mary Grant tinha então catorze anos. A sua energia não recuou diante da situação em que de repente se achava, e dedicou-se completamente ao irmão, ainda pequeno. Era preciso educá-lo e instruí-lo. À força de economias, de prudência, de sagacidade, trabalhando dia e noite, dando tudo a ele, e tudo recusando a si mesma, a jovem ocorreu à educação do irmão e desempenhou corajosamente os deveres maternais.

Viviam, pois, as duas crianças em Dundee, nesta situação patética de uma miséria nobremente aceite e valorosamente combatida. Mary não pensava senão no irmão, e cogitava para ele algum futuro venturoso. Na sua opinião, infelizmente, a «Britannia» perdera-se para sempre, e seu pai estava morto e bem morto! É preciso, portanto, renunciar a descrever a sua comoção quando a notícia do «Times», que o acaso lhe deparou à vista, a veio tirar do desespero. Não havia que hesitar; tomou imediatamente uma resolução. Ainda que viesse a saber que o corpo do capitão Grant tinha sido achado numa costa deserta, no fundo de um navio abandonado, valia isso muito mais do que o tormento incessante da ignorância em que se encontrava.

Disse tudo ao irmão; naquele mesmo dia, as duas crianças tomaram o caminho de ferro de Pesth, e à noite chegaram a Malcolm-Castle, onde Mary, depois de tantas angústias, sentiu renascer a esperança.

Eis a dolorosa história que Mary Grant contou a Lady Glenarvan, em tom cheio de simplicidade, e sem pensar que em tudo isto se portara como filha heroica; pensou-o, porém, Lady Helena em lugar dela, e repetidas vezes, sem ocultar as lágrimas, apertou nos braços os filhos do capitão Grant.

Quanto a Roberto, parecia-lhe que ouvia aquela história pela primeira vez; dilatava muito os olhos ao ouvir a irmã; compreendeu tudo quanto ela tinha feito, tudo quanto havia sofrido, e por

fim, estreitando-a nos braços, exclamou, sem poder conter este brado, que partia do mais fundo do seu coração:

— Ah! Mamã! Minha querida mamã!

Enquanto assim conversavam, a noite cerrara-se completamente. Tomando em consideração o cansaço das duas crianças, Lady Helena não quis prolongar mais o colóquio. Mary Grant e Roberto foram conduzidos aos seus aposentos e adormeceram sonhando com um futuro mais grato.

Depois de eles se retirarem, Lady Helena mandou chamar o major e contou-lhe todos os incidentes daquela tarde.

— Excelente rapariga que é essa Mary Grant — exclamou Mac-Nabs, depois de ouvir a narração de sua prima.

— Permita Deus que meu marido se saia bem da sua diligência — disse Lady Helena —, porque a situação das duas crianças tornar-se-ia horrível.

— há de sair — replicou-lhe Mac-Nabs —, embora os lords do Almirantado tenham um coração mais duro do que a pedra de Portland.

Apesar desta segurança do major, Lady Helena passou a noite entregue às mais vivas inquietações e não pôde sossegar um momento.

No dia seguinte, Mary Grant e seu irmão, a pé desde a madrugada, passeavam pelo pátio principal da acastelada residência, quando o rodar de uma carruagem se ouviu. Lord Glenarvan regressava a Malcolm-Castle a todo o galope dos seus cavalos. Quase ao mesmo tempo, Lady Helena, acompanhada do major, aparecia no pátio e corria para o marido.

Lord Glenarvan parecia triste, descoroçoado, furioso. Abraçou a mulher e nem uma palavra proferiu.

— Então, Edward, Edward? — inquiriu Lady Helena.

— Então, querida Helena, aquela gente não tem coração!

— Recusaram?...

— Sim! Recusaram-me um navio! Falaram-me nos milhões infrutiferamente gastos em busca de Franklin! Declararam o documento obscuro, ininteligível! Disseram que o abandono do navio se dera havia mais de dois anos e que restavam poucas probabilidades de o tornar a achar! Sustentaram que, prisioneiros dos índios, deviam ter sido levados para o interior das terras, e não se podia revolver toda a Patagônia para encontrar três homens... três escoceses! Que uma tal busca seria inútil e perigosa, e custaria mais vítimas do que salvaria! Finalmente, deram-me todas as más razões próprias de quem quer recusar o que se lhes pede. Lembravam-se dos

projetos do capitão, e o desgraçado Grant está para sempre perdido!

— Meu pai, meu pobre pai! — exclamou Mary Grant, caindo de joelhos diante de Lord Glenarvan.

— Seu pai! O quê, miss... — exclamou o lord, admirado de ver aquela jovem a seus pés.

— Sim, Edward, Miss Mary e seu irmão — explicou Lady Helena —, os dois filhos do capitão Grant, que o Almirantado acaba de condenar à orfandade!

— Ah! miss — disse Lord Glenarvan fazendo levantar a jovem — se soubesse quem era...

Não disse mais! Um silêncio doloroso, só perturbado pelos soluços, reinava no pátio. Ninguém elevava a voz, nem Lord Glenarvan, nem Lady Helena, nem o major, nem os servidores do castelo, silenciosamente postados à ioda dos amos. Mas pela atitude via-se que todos aqueles escoceses protestavam contra o procedimento do Governo inglês.

Passados instantes, o major tomou a palavra e, dirigindo-se a Lord Glenarvan, interrogou:

— Portanto, já não lhe resta nenhuma esperança?

— Nenhuma.

— Pois bem, nesse caso — exclamou o jovem Roberto — irei eu só ter com essa gente, e... veremos...

Roberto não concluiu a ameaça, porque a irmã o conteve; mas o seu punho cerrado indicava intenções pouco pacíficas.

— Não, Roberto — objetou Mary Grant —, não! Agradecemos a estes bons senhores o que eles têm feito por nós; dediquemos-lhes eterna gratidão, e partamos.

— Mary! — exclamou Lady Helena.

— Mas aonde quer ir? — perguntou Lord Glenarvan.

— Vou deitar-me aos pés da rainha — respondeu a jovem — e veremos se ela será surda às súplicas de duas crianças que pedem a vida de seu pai.

Lord Glenarvan abanou a cabeça. Não que ele duvidasse do coração de Sua Graciosa Majestade, mas sabia que Mary Grant não podia chegar junto dela. Raras vezes os suplicantes podem aproximar-se dos degraus de um trono, e parece que se escreve na porta dos palácios reais o que os Ingleses põem na roda do leme dos navios: *Passengers are requested not to speak to the man at the wheel.*

Lady Helena compreendera o pensamento do marido; sabia que a jovem ia dar um passo inútil, e via aquelas duas crianças passarem dali em diante uma existência desesperada. Foi neste momento que lhe ocorreu uma ideia luminosa.

— Mary Grant — exclamou ela —, espere, minha filha, e ouça o que vou dizer.

A jovem segurava o irmão pela mão e dispunha-se a partir. Parou.

Então Lady Helena, com os olhos humedecidos, mas a voz firme e o rosto animado, dirigiu-se para o marido.

— Edward — começou ela —, escrevendo aquele papel e deitando-o ao mar, o capitão Grant confiara-o a Deus. Foi às nossas mãos, às nossas, que Deus permitiu que ele viesse parar! É que decerto Ele quis que nos encarregássemos da salvação daqueles desgraçados.

— Que quer dizer, Helena? — perguntou Lord Glenarvan.

Em todo o auditório reinava um silêncio profundo.

— Quero dizer — prosseguiu Lady Helena — que nos devemos considerar felizes por começarmos a vida de casados por uma boa ação. O meu querido Edward, para me agradar, projetou uma viagem de recreio! Mas qual será o prazer mais verdadeiro, mais útil, do que salvar uns desgraçados a quem o seu país abandona?

— Helena! — exclamou Glenarvan.

— Sim, compreende, Edward! O «Duncan» é um bom e valente navio! Pode afrontar os mares do Sul! Pode fazer a volta ao mundo, e há de fazê-la se preciso for! Partamos, Edward! Vamos procurar o capitão Grant!

A estas palavras audaciosas, Lord Glenarvan estendera os braços para a sua jovem esposa; sorria, apertava-a contra o coração, ao mesmo tempo que Mary e Roberto lhe beijavam as mãos.

E durante esta cena os moradores do castelo, comovidos e entusiasmados, soltaram do coração este grito de reconhecimento:

— Hurra pela dama de Luss! Hurra! Três vezes hurra por Lord e Lady Glenarvan.

Capítulo 5 — A Partida do «Duncan»

Já se disse que Lady Helena tinha uma alma forte e generosa. Era disso prova incontestável o que ela acabava de fazer. Lord Glenarvan sentiu-se, com muita razão, orgulhoso desta nobre mulher, capaz de o compreender e seguir. A ideia de correr em socorro do capitão Grant já se tinha apoderado dele, quando em Londres viu o seu pedido desatendido; se não precedera Lady Helena, fora por não se poder habituar à ideia de se separar dela. Mas, visto que ela própria pedia para partir, toda a hesitação cessava. Os servidores do castelo tinham saudado com os seus gritos aquela proposta: tratava-se de salvar uns irmãos, uns escoceses como eles, e Lord Glenarvan tomou parte cordialmente nos hurras que aclamavam a senhora de Luss.

Adotada a resolução de partir, não se devia perder uma hora. Naquele mesmo dia Lord Glenarvan expediu a John Mangles a ordem de trazer o «Duncan» para Glasgow e fazer todos os preparativos para uma viagem nos mares do Sul, que podia tornar-se numa viagem de circum-navegação. Demais, ao fazer a sua proposta, Lady Helena não tinha avaliado com demasiado favor as qualidades do «Duncan»; construído em condições superiores de solidez e de velocidade, podia impunemente tentar uma viagem de longo curso.

Era um iate a vapor do mais belo modelo; tinha o porte de duzentas e dez toneladas, e os primeiros navios que abordaram ao Novo Mundo, isto é, os de Colombo, de Vespúcio, de Pinçon, de Magalhães, eram de dimensões bem inferiores .

O «Duncan» tinha dois mastros: mastro de traquete, com vela traquete, traquete latino, velacho e joanete de proa, e mastro grande, com vela ré e gafetope; além disso, polaca, bujarrona, giba e velas de estai. Tinha pano suficiente, e podia aproveitar o vento como simples *Clipper*; mas, principalmente, contava com a potência encerrada nos seus flancos. A máquina era de uma força efetiva de cento e sessenta cavalos e, construída por um novo sistema, possuía aparelhos caloríficos que davam ao seu vapor maior tensão; era de pressão alta e punha em movimento uma hélice dupla. A todo o vapor, o «Duncan» podia adquirir uma velocidade superior a todas as velocidades obtidas até então. Efetivamente, nos seus ensaios do golfo Clyde, chegava a fazer, segundo o *patent-log* , dezassete milhas por hora . Tal como era, podia partir e fazer uma viagem em volta do mundo. John Mangles só teve de se preocupar com os arranjos interiores.

O seu primeiro cuidado foi alargar os paióis, a fim de levar a maior quantidade possível de

carvão, porque é difícil em viagem renovar as provisões de combustível. Com a despesa tomou as mesmas precauções, e John Mangles arranhou as coisas de modo que meteu mantimentos para dois anos; não lhe faltava o dinheiro, o qual lhe chegou até para comprar uma peça de rodízio, que foi colocada no castelo de proa do iate —; não sabia o que estava para suceder, e sempre é bom poder mandar uma bala de oito à distância de quatro milhas.

John Mangles, devemos confessar, era marinheiro entendido; embora incumbido apenas do iate de recreio, passava por um dos melhores capitães mercantes de Glasgow; tinha trinta anos, feições um pouco rudes, mas que indicavam coragem e bondade. Era um filho do castelo, que a família Glenarvan educou e do qual fez um excelente marinheiro.

John Mangles deu muitas vezes provas de habilidade, de energia e de sangue-frio em algumas das suas viagens de longo curso. Quando Lord Glenarvan lhe ofereceu o comando do «Duncan», aceitou de boa vontade, porque amava como um irmão o senhor de Malcolm e procurava, sem ainda a ter encontrado, uma ocasião de se sacrificar por ele.

O imediato, Tom Austin, era um velho marinheiro digno de toda a confiança. Vinte e cinco homens, contando o capitão e o imediato, compunham a tripulação do «Duncan»; todos pertenciam ao condado de Dumbarton; todos, marinheiros experimentados, eram filhos dos rendeiros da família e formavam a bordo um verdadeiro clã, ou tribo escocesa, composta de belos homens, aos quais nem mesmo faltava o *piper-bag* tradicional. Lord Glenarvan tinha neles um grupo de excelentes vassallos, contentes com o mester que exerciam, dedicados, corajosos, tão hábeis no manejo das armas como na manobra de um navio, e capazes de o seguirem nas mais arriscadas expedições. Quando a tripulação soube aonde a conduziam, não pôde conter uma alegre expansão, e os ecos dos rochedos de Dumbarton despertaram com os seus entusiásticos hurras.

John Mangles, ao mesmo tempo que se ocupava em meter mantimentos e de fazer a arrumação do navio, não se esquecia de preparar a câmara de Lord e de Lady Glenarvan para uma viagem de longo curso. Teve igualmente de arranjar os camarotes dos filhos do capitão Grant, porque Lady Helena não tinha podido recusar a Mary a permissão de a acompanhar a bordo do «Duncan».

Quanto ao jovem Roberto, não deixaria de ir, ainda que tivesse de se esconder no porão. Embora o obrigassem a fazer de grumete, como Nelson e Franklin, assim mesmo embarcaria no «Duncan». Como se podia resistir a um tal homenzinho?! Quem pensaria nisso? Foi até preciso «recusar-lhe» a qualidade de passageiro, porque, fosse como grumete, moço ou marinheiro, queria *servir* a bordo. John Mangles foi encarregado de o ensinar a marinheiro.

— Bem — disse Roberto — e que não me poupe com o *cat o'nine tails* se eu não andar bem!

— Sossega, meu rapaz — redarguiu Lord Glenarvan, sem lhe dizer que o *gato-de-nove-caudas* era proibido, e além disso perfeitamente inútil a bordo do «Duncan».

Para completa enumeração dos passageiros, falta falar no major Mac-Nabs. O major era um homem de cinquenta anos, de feições regulares e impassíveis, que ia para onde o mandavam, excelente e perfeita criatura, modesta, silenciosa, pacífica e meiga; sempre concordando, fosse com o que fosse, não discutia nada, não disputava sobre coisa alguma, nem se zangava; subia com o mesmo passo a escada do seu quarto de dormir ou a escarpa de uma muralha batida em brecha; não se comovendo, não se incomodando por coisa alguma do mundo, nem mesmo por uma bala de artilharia, é homem que decerto morre sem ter tido ocasião de se encolerizar. Mac-Nabs possuía em grau supremo não só a coragem vulgar dos campos de batalha, essa bravura física unicamente devida à energia muscular, mas, o que valia mais, a coragem moral, isto é, a firmeza de alma. Só tinha um defeito: era o de ser absolutamente escocês dos pés à cabeça, um caledoniano de raça pura, um teimoso observador dos costumes tradicionais do seu país. Por isso não quis nunca servir a Inglaterra, e a patente de major ganhou-a no 42.º regimento das Highland-Blanch-Watch, guarda negra, cujas companhias eram unicamente formadas de gentishomens escoceses.

Na qualidade de primo dos Glenarvan, Mac-Nabs vivia em Malcolm-Castle, e, na qualidade de major, achou muito natural tomar passagem no «Duncan».

Tal era, pois, o pessoal deste iate, chamado por circunstâncias imprevistas a realizar uma das mais surpreendentes viagens dos tempos modernos. Assim que chegou ao Steamboat-Quay de Glasgow, o «Duncan» monopolizou em seu proveito a curiosidade pública; multidão considerável vinha todos os dias visitá-lo; não se interessavam senão por ele, só dele se falava, com imenso desgosto dos outros capitães do porto, entre outros do capitão Burton, que comandava o «Scotia», magnífico vapor ancorado ao pé do «Duncan», com destino a Calcutá. Em razão do seu tamanho, o «Scotia» tinha o direito de considerar o «Duncan» como um simples *fly-boat*, como uma casca de noz. Contudo, todo o interesse se concentrava no iate de Lord Glenarvan, interesse que aumentava de dia para dia.

O momento da partida aproximava-se. John Mangles mostrava-se hábil e desembaraçado. Um mês depois das suas experiências do golfo Clyde, o «Duncan», arrumado, abastecido, podia fazer-se ao mar. A partida foi fixada para o dia 25 de agosto, o que permitia ao iate estar de volta das latitudes austrais no princípio da primavera.

Logo que o seu projeto foi conhecido, não passou Lord Glenarvan sem ouvir algumas observações a respeito das fadigas e dos perigos da viagem; não fez, porém, caso nenhum delas, e dispôs-se a deixar Malcolm-Castle. Demais, muitos havia que o censuravam e ao mesmo tempo o admiravam sinceramente.

Depois, a opinião pública declarou-se francamente a favor do lord escocês, e todos os jornais, à exceção dos «órgãos do Governo», censuraram unanimemente o procedimento do Almirantado neste negócio. Entretanto, Lord Glenarvan mostrou-se tão insensível ao elogio como à censura. Cumpria o seu dever e o resto pouco lhe importava.

No dia 24 de agosto, Glenarvan, Lady Helena, o major Mac-Nabs, Mary e Roberto Grant, Mr. Olbinett, o despenseiro do iate, e sua mulher, Mrs. Olbinett, que estava ao serviço de Lady Glenarvan, deixaram Malcolm-Castle, depois de terem recebido o adeus afetuoso dos servidores da família.

Passadas algumas horas estavam todos instalados a bordo. A população de Glasgow acolheu com simpática admiração Lady Helena, a mulher jovem e corajosa que renunciava aos tranquilos prazeres da opulência e corria em socorro dos náufragos.

Os aposentos de Lord Glenarvan e de sua mulher ocupavam no tombadilho toda a popa do «Duncan»; compunham-se de dois quartos de dormir, de uma sala e de dois gabinetes de vestir; em seguida havia uma câmara comum, rodeada de seis camarotes, cinco dos quais eram ocupados por Mary e Roberto Grant, Mr. e Mrs. Olbinett, e o major Mac-Nabs. Quanto aos camarotes de John Mangles e de Tom Austin, achavam-se situados na parte oposta e abriam sobre o convés. A tripulação acomodava-se na cobertura e muito à sua vontade, porque o iate não levava outra carga mais do que carvão, mantimentos e armas. A John Mangles não faltara, pois, espaço para as arrumações interiores, e aproveitara-o habilmente.

O «Duncan» devia partir na noite de 24 para 25 de agosto, na baixa-mar das três horas da manhã. Mas antes disso a população de Glasgow presenciou uma cerimónia sensibilizadora. Às oito horas, Lord Glenarvan e os seus hóspedes, toda a tripulação, desde os fogueiros da máquina até ao capitão, todos, em suma, que deviam tomar parte nesta viagem de dedicação, abandonaram o navio e dirigiram-se a Saint-Mungo, a velha catedral de Glasgow. Esta antiga igreja, que ficara intacta no meio das ruínas causadas pela Reforma, e tão maravilhosamente descrita por Walter Scott, recebeu sob as suas maciças abóbadas os passageiros e marinheiros do «Duncan». Acompanhava-os imensa multidão. Ali, na extensa nave, cheia de túmulos como um cemitério, o reverendo Morton implorou as bênçãos do céu e colocou a expedição sob a proteção da Providência. Houve um momento em que a voz de Mary Grant se elevou no centro

da velha igreja. A jovem rogava a Deus pelos seus benfeitores, e perante Ele derramava as doces lágrimas da gratidão. Em seguida a multidão retirou-se, dominada por uma profunda comoção.

Às onze horas já todos se tinham recolhido a bordo, e John Mangles e a tripulação tratavam dos últimos preparativos para a viagem.

À meia-noite acenderam-se as caldeiras; o capitão deu ordem para lhes dar toda a força, e bem depressa grossos e negros rolos de fumo se confundiram com as brumas da noite. As velas do «Duncan» tinham sido cuidadosamente metidas nas capas de pano, que serviam para as livrar das nódoas do carvão, porque o vento soprava de sudoeste e não podia favorecer o andamento do navio.

Por volta das duas horas o «Duncan» começou a estremecer por efeito da trepidação das caldeiras; o manómetro marcou uma pressão de quatro atmosferas; o vapor, quente de mais, assobiou saindo pelas válvulas; era preia-mar, a claridade do dia já deixava reconhecer os canais de Clyde, entre as balizas e os *biggings*, cujos faróis iam esmorecendo por efeito do alvor da manhã, que principiava a despontar. Só restava partir.

John Mangles mandou avisar Lord Glenarvan, que subiu logo à tolda.

Bem depressa se principiou a sentir a vazante; o «Duncan» soltou agudos silvos, levantou ferro, e afastou-se dos navios que o rodeavam; a hélice pôs-se em movimento e impeliu o iate para o canal do rio. John não tinha tomado piloto; conhecia admiravelmente os escolhos de Clyde e nenhum práctico teria manobrado melhor a bordo. O iate navegava a um sinal seu; com uma das mãos mandava na máquina, com a outra dirigia o leme, em silêncio e com segurança. Dali a pouco as últimas oficinas das margens desapareciam, e sucediam-se-lhes as vivendas de campo das colinas próximas à beira-mar, e os rumores da cidade calavam-se ao longe, apagados pela distância.

Uma hora depois o «Duncan» passou junto dos rochedos de Dumbarton, e ao fim de duas horas achava-se no golfo Clyde; às seis horas da manhã dobrava o *mull* de Contyre, saía do canal do Norte e vogava em pleno oceano.

Capítulo 6 — O Passageiro do Camarote N.º 6

Durante o primeiro dia de viagem, o mar esteve um pouco picado, e para a tarde o vento refrescou; o «Duncan» jogou bastante, e por isso as senhoras não apareceram no tombadilho, e ficaram deitadas nos seus camarotes, no que fizeram bem.

No dia seguinte, porém, o vento rondou uma quarta, e o capitão John largou o traquete, a vela ré e o velacho; o «Duncan», comportando-se melhor, não sentiu tanto o balanço e a arfagem. Lady Helena e Mary Grant puderam logo ao alvorecer reunir-se na tolda com Lord Glenarvan, o major e o capitão. O nascer do sol foi esplêndido. Semelhante a um disco de metal dourado pelo processo de Ruolz, o astro do dia saiu do oceano como um imenso banho voltaico. O «Duncan» deslizava no meio de uma irradiação esplêndida, e dir-se-ia até que as suas velas se tendiam sob a ação dos raios do sol.

Os hóspedes do iate assistiam em silenciosa contemplação ao aparecimento do astro radioso.

— Que admirável espetáculo! — exclamou por fim Lady Helena. — Eis um dia bem principiado. Queira Deus que o vento não se mostre contrário e antes favoreça o andamento do «Duncan».

— Seria impossível desejá-lo melhor, minha querida Helena — redarguiu Lord Glenarvan — e não temos razão de nos queixar deste princípio de viagem.

— E será muito demorada, meu querido Edward?

— É ao capitão John que pertence responder — disse Lord Glenarvan. — Marchamos bem? Está satisfeito *com* o seu navio, John?

— Muito satisfeito, meu lord — respondeu John —; é um navio magnífico e de um marinheiro gostar de andar nele. Nunca máquina e casco estiveram mais bem calculados um para o outro; e bem vê como o sulco do iate é pouco profundo, e como ele se esquia facilmente à vaga. Andamos na razão de dezassete milhas por hora. Se esta rapidez se conservar, passaremos a linha dentro de dez dias, e em menos de cinco semanas teremos dobrado o cabo de Horn.

— Ouve, Mary — replicou Lady Helena —, em menos de cinco semanas!

— Sim, senhora — disse a jovem —, ouvi, e o meu coração bateu com bastante força ao escutar as palavras do capitão.

— E como suporta a viagem? — perguntou Lord Glenarvan.

— Menos mal, milord, e sem sentir muito incómodo. Demais, hei de acostumar-me depressa.

— E o nosso jovem Roberto?

— Oh! Roberto — elucidou John Mangles — quando não está metido na máquina está empoleirado no galope dos mastros. Garanto-lho como um rapaz que zomba do enjoo. E aí o têm, veem-no?

A um gesto do capitão, todos os olhares se dirigiram para o mastro de traquete, e puderam ver Roberto suspenso nos amantilhos do joanete de proa, a cem pés da tolda. Mary não pôde reter um grito.

— Oh! Sossegue, miss — disse John Mangles —, respondo por ele, e prometo apresentar dentro em pouco um magnífico rapaz ao capitão Grant, porque havemos de o tornar a encontrar, o digno capitão!

— O céu o ouça, Mister John — redarguiu a jovem.

— Minha querida menina — interveio Lord Glenarvan —, há em tudo isto que se passa alguma coisa de providencial, que nos deve dar boas esperanças. Nós não vamos: somos levados. Não procuramos: conduzem-nos. E depois veja toda esta bela gente alistada ao serviço de tão nobre causa. Não só havemos de realizar a nossa empresa, como havemos de consegui-la sem dificuldades. Prometi a Lady Helena uma viagem de recreio e, ou eu me engano muito, ou hei de cumprir a minha palavra.

— Edward, o senhor é o melhor dos homens — disse Lady Helena.

— Isso não, mas tenho a melhor das tripulações no melhor dos navios. Acaso não admira o nosso «Duncan», Miss Mary?

— Pelo contrário, milord — respondeu a jovem —, admiro-o como verdadeira entendedora.

— Ah! Com efeito.

— Brinquei, muito criança, nos navios de meu pai. Ele devia ter feito de mim um marinheiro, e, se preciso fosse, não me veria muito embaraçada para meter uma vela nos rizes ou entrançar uma garceta.

— Olá, miss, que está a dizer? — exclamou John Mangles.

— Se se põe a falar desse modo — acudiu Lord Glenarvan — vai tornar muito seu amigo o capitão John, porque, para ele, nada há no mundo que valha a profissão de marinheiro, nem vê outro género de vida mesmo para uma mulher.

— Decerto, Vossa Honra — confirmou o jovem capitão —, e contudo confesso que Miss

Grant está melhor no tombadilho do que a ferrar uma vela de joanete, o que não impede que me sinta satisfeito de a ouvir falar assim.

— E principalmente quando admira o «Duncan» — ajuntou Lord Glenarvan.

— Que bem o merece — exclamou John.

— Palavra — disse Lady Helena —, já que o vejo tão orgulhoso do seu iate, inspira-me desejos de o visitar até ao fundo do porão, e ver como os meus bravos marinheiros estão instalados na coberta.

— Admiravelmente — informou John Mangles —; como em sua casa.

— E estão efetivamente em sua casa, querida Helena — afirmou Lord Glenarvan. — Este iate é uma porção da nossa velha Caledónia! É um pedaço despegado do condado de Dumbarton, que voga por graça especial, de modo que nós não deixámos a pátria! O «Duncan» é o castelo de Malcolm, e o oceano o lago de Lomond.

— Bem, nesse caso, meu querido Edward, faça-me as honras do castelo — replicou Lady Helena.

— Às suas ordens — disse Lord Glenarvan —, mas primeiro deixe-me prevenir Olbinett.

O despenseiro do iate era um excelente criado, um escocês que merecia ser francês vista a sua importância; demais, desempenhava as suas funções com zelo e inteligência. Obedeceu ao chamamento de seu amo.

— Olbinett, vamos dar um passeio antes do almoço — anunciou Glenarvan, como se se tratasse de um passeio a Tarbet ou ao lago Katrine —; espero que acharemos a mesa servida quando voltarmos.

Olbinett inclinou-se com ar grave.

— Acompanha-nos, major? — perguntou Lady Helena.

— Se o ordena — respondeu Mac-Nabs.

— Oh! — exclamou Lord Glenarvan. — O major está absorto na fumaceira do seu charuto; é preciso não o arrancar ao seu gozo; porque, Miss Mary, fique sabendo, é um fumador intrépido. Fuma sempre, até a dormir.

O major fez um sinal de aprovação, e os hóspedes de Lord Glenarvan desceram.

Mac-Nabs, que ficara só e a conversar consigo mesmo, mas, segundo o seu costume, sem nunca se contrariar, envolveu-se em nuvens mais espessas, e, imóvel, pôs-se a olhar para o sulco que o iate ia deixando na água. Passados alguns minutos de silenciosa contemplação, voltou-se e viu diante de si uma nova personagem. Se alguma coisa pudesse surpreender o major, seria tal encontro, porque o passageiro era-lhe absolutamente desconhecido.

Este homem, alto, seco e delgado, teria, o muito, quarenta anos; dava ares de um prego muito comprido com a cabeça muito grande. Tinha com efeito o crânio espaçoso e robusto, fronte elevada, nariz comprido, boca muito rasgada e queixo muito afilado. Os olhos divisavam-se-lhe através dos vidros dos grandes óculos redondos, e o seu olhar parecia ter a indecisão peculiar aos nictalopes . Na fisionomia denotava ser homem inteligente e alegre; não tinha o gesto repulsivo dessas graves personagens que nunca riem por sistema e cuja importância nula se cobre com a máscara da seriedade. Longe disso; a amável sem-cerimónia, a indiferença dos modos do desconhecido mostravam claramente que sabia encarar os homens e as coisas pelo seu lado bom. Mas, apesar de ainda não ter falado, pressentia-se que havia de ser falador, e sobretudo distraído, à maneira das pessoas que não veem aquilo para que estão olhando e não ouvem o que escutam. Tinha na cabeça um gorro de viagem, calçava botas brancas muito fortes e polainas de couro, e trazia calças de veludo de cor castanha e um casaco curto do mesmo tecido, cujas algibeiras, sem conto, pareciam atulhadas de canhenhos, agendas, carteiras, livrinhos de contas e de milhares de objetos tão embaraçosos como inúteis, sem falar de um óculo de alcance, que trazia a tiracolo.

A agitação do desconhecido fazia perfeito contraste com a placidez do major; girava em redor de Mac-Nabs, contemplava-o, interrogava-o com os olhos, sem que este se inquietasse para saber de onde vinha, para onde ia e porque se achava ali.

Quando a enigmática personagem viu que as suas tentativas eram baldadas perante a indiferença do major, lançou mão do óculo, que na maior extensão media uns bons quatro pés de comprimento, e, imóvel, com as pernas abertas, semelhante ao poste de uma estrada, apontou o instrumento de alcance para a linha onde o céu e o mar se confundem num mesmo horizonte. Depois de cinco minutos de exame, abaixou o óculo, e, ficando-o na tolda, apoiou-se a ele, como se fosse uma bengala; mas no mesmo momento as diferentes peças em que o óculo se dividia entraram umas nas outras, e o novo passageiro, a quem o ponto de apoio faltou repentinamente, por pouco não se estendeu ao pé do mastro grande.

Qualquer outro, no lugar do major, teria ao menos sorrido. Ele, porém, não pestanejou. O desconhecido tomou então a sua resolução.

— *Steward* — bradou ele com uma pronúncia que denotava um estrangeiro.

Esperou. Ninguém apareceu.

— *Steward* — repetiu com voz ainda mais forte.

Mr. Olbinett passava naquele momento em direção à cozinha, que ficava debaixo do castelo de proa. Qual não foi a sua admiração ao ouvir-se assim interpelado por aquele magro

indivíduo a quem não conhecia.

— Onde vem esta personagem? — perguntou ele consigo. — Um amigo de Lord Glenarvan? É impossível.

Contudo, subiu ao tombadilho e aproximou-se do estrangeiro.

— É o *steward* do navio? — perguntou-lhe este.

— Sim, senhor — respondeu Olbinett — mas não tenho a honra...

— Sou o passageiro do número seis.

— Número seis? — repetiu o *steward*.

— Decerto. E o senhor chama-se...

— Olbinett.

— Ora bem, amigo Olbinett — observou o passageiro do camarote número seis — é preciso pensar no almoço, e depressa. Há trinta e seis horas que não como, ou, antes, há trinta e seis horas que não faço senão dormir, o que é perdoável a um homem que veio numa corrida de Paris a Glasgow. A que horas se almoça, faz favor?

— Às nove horas — respondeu Olbinett maquinalmente.

O estrangeiro quis então consultar o relógio, o que lhe levou algum tempo, porque só o achou na sua nona algibeira.

— Bem — exclamou ele —, ainda não são oito horas. Mas, nesse caso, Olbinett, um biscoito e um copo de *sherry* para entreter, porque estou a cair de inanição.

Olbinett escutava sem compreender; demais, o desconhecido falava sem cessar, e passava de um assunto para outro com extrema volubilidade.

— Mas bem — disse ele — e o capitão? O capitão não está ainda levantado? E o imediato? Que faz o imediato? Dorme também. O tempo está belo, felizmente, o vento favorável, e o navio caminha por si...

Precisamente no momento em que ele falava assim, John Mangles apareceu na escada do tombadilho.

— Eis o capitão — informou Olbinett.

— Ah! Estou encantado, capitão, estou encantado, capitão Burton, de travar conhecimento com o senhor!

Se alguém ficou admirado foi decerto John Mangles, não menos de ouvir que lhe chamavam «capitão Burton» do que de ver este estranho a bordo.

O desconhecido continuava, cada vez com mais animação:

— Permita-me que lhe aperte a mão — disse ele — e se ontem não o fiz foi por entender

que no momento da partida não se deve incomodar ninguém. Mas hoje, capitão, estimo imenso entabular relações consigo.

John Mangles abriu muito os olhos, fitando ora Olbinett, ora o recém-chegado.

— Agora — continuou este — a apresentação está feita, meu querido capitão, e eis-nos amigos velhos. Conversemos, pois, e diga-me se está satisfeito com o «Scotia».

— O que entende pelo «Scotia»? — perguntou finalmente John Mangles.

— Ora, o «Scotia» que nos transporta, um bom navio cujas qualidades físicas me gabaram, não menos do que as qualidades morais do seu comandante, o valente capitão Burton. Será o senhor parente do grande viajante africano do mesmo nome? Homem bem audaz! Os meus cumprimentos, pois!

— Senhor — redarguiu John Mangles — não só não sou parente do célebre viajante Burton, mas nem sequer sou o capitão Burton.

— Ah! — exclamou o desconhecido —, é então ao imediato do «Scotia», Mr. Burdness, que estou falando?

— Mr. Burdness! — repetiu John Mangles, que principiava a suspeitar a verdade.

Mas estaria tratando com um doido ou com um estouvado? A este respeito levantavam-se-lhe dúvidas no espírito, e ia explicar-se categoricamente quando Lord Glenarvan, sua mulher e Mary Grant surgiram na tolda. O estrangeiro avistou-os e exclamou:

— Ah! Passageiros! Passageiras! Muito bem. Espero, Mr. Burdness, que me irá apresentar...

E adiantou-se com desembaraço, fácil e natural, sem esperar pela intervenção de John Mangles.

— Senhora — disse ele, dirigindo-se a Miss Grant —; miss — disse, dirigindo-se a Lady Helena —; senhor — acrescentou, dirigindo-se a Lord Glenarvan.

— Lord Glenarvan — disse John Mangles.

— Milord — tornou então o desconhecido —, peço-lhe desculpa de eu mesmo me apresentar; mas no mar é preciso a gente deixar-se um pouco de etiquetas; espero que rapidamente tomaremos relações, e que na companhia destas senhoras a viagem do «Scotia» nos parecerá tão curta quanto agradável.

Lady Helena e Miss Grant não achavam nada que responder. Não compreendiam o que significava a presença daquele intruso a bordo do «Duncan».

— Senhor — falou então Lord Glenarvan —, a quem tenho a honra de falar?

— A Jacques-Eliacin Francisco Maria-Paganel, secretário da Sociedade de Geografia de Paris, membro correspondente das Sociedades de Berlim, de Bombaim, de Darmstadt, de

Leipzig, de Londres, de Petersburgo, de Viena, de Nova Iorque, membro honorário do Instituto Real Geográfico e Etnográfico das Índias Orientais, que, depois de ter passado vinte anos a fazer geografia no seu gabinete, quis entrar na ciência militante e dirigir-se para a Índia, para aí ligar todos os trabalhos dos grandes viajantes.

Capítulo 7 — Donde Veio e Para Onde Vai Jacques Paganel

Devia o secretário da Sociedade de Geografia ser uma personagem amável, porque tudo isto foi dito com muita graça. Demais, Lord Glenarvan sabia perfeitamente com quem tratava; o nome e o merecimento de Jacques Paganel eram dele muito conhecidos; os seus trabalhos geográficos, os seus relatórios sobre as descobertas modernas inseridos nos boletins da Sociedade, a sua correspondência com o mundo inteiro faziam dele um dos sábios mais distintos da França. Por tudo isto, Lord Glenarvan estendeu cordialmente a mão ao seu inesperado hóspede.

— E agora que as nossas apresentações estão feitas — acrescentou ele — permita-me, Sr. Paganel, que lhe faça uma pergunta?

— Vinte perguntas, milord — respondeu Jacques Paganel —; será sempre para mim grande prazer conversar com milord.

— Foi anteontem que chegou a bordo deste navio?

— Sim, milord, anteontem à noite, pelas oito horas. Saltei do Caledoniam-railway num trem de praça, e do trem no «Scotia», onde tinha mandado de Paris reservar o camarote número seis. A noite estava escura. Não vi ninguém a bordo. Ora, sentindo-me cansado de trinta horas de viagem, e sabendo que para evitar o enjoo é excelente precaução deitar-se uma pessoa e não se mexer do seu beliche durante os primeiros dias de viagem, meti-me na cama no mesmo instante, e, peço-lhes que acreditem, dormi durante trinta e seis horas.

Os ouvintes de Jacques Paganel já sabiam o que pensar da sua presença a bordo. Enganando-se no navio, o viajante francês embarcara enquanto a tripulação do «Duncan» assistia à cerimónia de Saint-Mungo. Tudo se explicava. Mas o que diria o sábio geógrafo quando soubesse o nome e o destino do navio onde tinha tomado passagem?

— Portanto, Sr. Paganel, foi Calcutá que tomou por ponto de partida para as suas viagens?

— Sim, milord. Ver a Índia é uma ideia que tenho afagado toda a minha vida. É o meu sonho mais belo, que vai finalmente realizar-se na pátria dos elefantes e dos tuges.

— Nesse caso, Sr. Paganel, ser-lhe-ia indiferente visitar outro qualquer país?

— Não, milord, isso ser-me-ia até desagradável, porque levo recomendações para Lord Sommerset, o governador-geral das Índias, e uma missão da Sociedade de Geografia, que tenho interesse em cumprir.

— Ah! Tem uma missão?

— Sim, uma viagem útil e curiosa que tentar, e cujo programa foi redigido pelo meu sábio amigo e colega Mr. Vivien de Saint-Martin. Trata-se, com efeito, de seguir o rasto dos irmãos Schlaginweit, do coronel Waugh, de Webb, d'Hodgson, dos missionários Huc e Gabet, de Moorcroft, de Mr. Jules Remy e de tantos outros viajantes célebres. Quero ser bem sucedido naquilo exatamente em que o missionário Krick, infelizmente, falhou em 1846; numa palavra, reconhecer o curso do Yarou-Dzangbo-Tchou, que banha o Tibete no espaço de mil e quinhentos quilómetros, e lambe a base setentrional do Himalaia, e saber, finalmente, se não se lança no Brahmaputra a nordeste de Assão. A medalha de ouro, milord, é destinada ao viajante que conseguir realizar assim um dos supremos desideratos da geografia das Índias.

Paganel estava magnífico. Falava com admirável animação. Era tão impossível detê-lo como suspender o curso do Reno na catarata de Schaffousen.

— Mr. Jacques Paganel — disse Lord Glenarvan, depois de um momento de silêncio —, é essa de facto uma boa viagem, e pela qual a ciência vos há de ficar muito reconhecida; mas não quero por mais tempo prolongar o seu erro, e, ao menos por enquanto, tem de renunciar ao prazer de visitar as Índias.

— Renunciar! E porquê?

— Porque volta as costas à península indiana.

— Como! O capitão Burton...

— Não sou o capitão Burton — explicou John Mangles.

— Mas o «Scotia»?

— Este navio não é o «Scotia»!

O espanto de Paganel não se podia descrever. Olhou alternadamente para Lord Glenarvan, sempre sério, para Lady Helena e Mary Grant, cuja fisionomia exprimia um simpático pesar, para John Mangles, que sorria, e para o major, que não movia um músculo do rosto. Em seguida, encolhendo os ombros e puxando os óculos da testa para os olhos, exclamou:

— Que gracejo!

Mas, no mesmo momento, ao seu olhar deparou-se a roda do leme, onde havia um letreiro em círculo que dizia:

DUNCAN
GLASGOW

— O «Duncan»! O «Duncan»! — exclamou, soltando um verdadeiro grito de desespero.

Em seguida, atirando-se pela escada do tombadilho, precipitou-se na direção do seu camarote.

Assim que o desventurado sábio desapareceu, ninguém a bordo, exceto o major, se pôde conservar sério, e o riso comunicou-se aos próprios marinheiros. Enganar-se no caminho de ferro! Tomar o comboio de Edimburgo pelo de Dumbarton, ainda se admite! Mas enganar-se no navio, e vogar na direção do Chile quando se quer ir para as Índias, é na verdade resultado de grande distração.

— Entretanto, isto não me admira da parte de Jacques Paganel — informou Glenarvan —; é muito falado por causa de semelhantes percalços. Um dia publicou uma célebre carta da América, na qual pusera o Japão, o que não impede que seja um sábio muito ilustre e um dos melhores geógrafos da França.

— Mas o que vamos fazer desse pobre homem? — perguntou Lady Helena. — Não o podemos levar para a Patagónia.

— Porque não? — observou Mac-Nabs com ar grave —; não somos responsáveis por semelhantes distrações. Suponham que se achava num comboio de caminho de ferro, havia de fazê-lo parar?

— Não, mas desceria na próxima estação — redarguiu Lady Helena.

— Mas bem — acudiu Lord Glenarvan —, poderá fazê-lo no primeiro porto onde fundearmos.

Neste momento, Paganel, triste e envergonhado, subia ao tombadilho, depois de ter verificado que as suas bagagens se achavam a bordo. Repetia incessantemente estas palavras: «O “Duncan”! o “Duncan”!» No seu vocabulário não era por então capaz de encontrar outras. Pôs-se a andar de um lado para o outro, examinando a mastreação do iate e interrogando o mudo horizonte do alto mar. Finalmente, voltou para junto de Lord Glenarvan e perguntou:

— E este «Duncan» dirige-se?...

— Para a América, Sr. Paganel.

— E mais particularmente?...

— Para Concepción.

— Para o Chile! Para o Chile! — exclamou o infeliz geógrafo. — E a minha missão das Índias! Mas o que vão dizer Mr. de Quatrefages, o presidente da Comissão Central! E Mr. de Azevac! E Mr. de Cortambert! E Mr. Vivien de Saint-Martin! Como me fazer representar nas sessões da Sociedade?

— Vejamos, Sr. Paganel — replicou Glenarvan —; não desespere, tudo se pode arranjar, e afinal só terá tido uma demora de pouca importância. O Yarou-Dzangbo-Tchou esperá-lo-á nas suas montanhas do Tibete. Tocaremos bem depressa na Madeira, e há de lá achar um navio que o reconduza à Europa.

— Agradeço-lhe, milord; será preciso resignar-me. Mas pode-se dizer: eis uma aventura extraordinária, e só u mim é que tais coisas acontecem. E o meu camarote que está reservado a bordo do «Scotia»!

— Ah! Quanto ao «Scotia», rogo-lhe que renuncie a cie provisoriamente.

— Mais — observou Paganel, examinando mais uma vez o navio — o «Duncan» é um iate de recreio?

— Sim, senhor — redarguiu John Mangles —, e pertence a Sua Honra Lord Glenarvan.

— Que lhe pede se aproveite largamente da sua hospitalidade — acrescentou Glenarvan.

— Mil agradecimentos, milord — disse Paganel —; sou deveras sensível à sua cortesia, mas permita-me uma simples observação: a índia é um famoso país; oferece aos viajantes maravilhosas surpresas; estas senhoras não o conhecem decerto... Pois bem, o homem do leme só teria de dar uma guinada, e o «Duncan» vogaria tão facilmente na direção de Calcutá como na da Concepción; ora, fazendo ele uma viagem de recreio...

Os sinais negativos que se seguiram à proposta de Paganel não lhe permitiram continuar a desenvolvê-la. Calou-se.

— Sr. Paganel — interpôs então Lady Helena —, se só se tratasse de uma viagem de recreio, eu responder-lhe-ia: Vamos pois todos para as Índias, e Lord Glenarvan não desaprovava o meu dito. Mas o «Duncan» vai reconduzir à pátria alguns náufragos abandonados nas costas da Patagónia, e não pode alterar um ponto de destino tão humanitário...

Em poucos minutos o viajante francês foi posto ao facto da situação; soube, não sem se comover, do achado providencial dos documentos, da história do capitão Grant e do alvitre generoso de Lady Helena.

— Senhora — volveu ele — permita-me manifeste a admiração que me causa o seu procedimento, e a manifeste sem reserva. Que o seu iate continue na direção que leva, e seria eu próprio a censurar-me se fosse causa de o demorar um dia apenas.

— Quer então associar-se às nossas pesquisas? — perguntou Lady Helena.

— É impossível, senhora, é preciso que eu desempenhe a minha missão. Desembarcarei no primeiro porto onde tocarem...

— Então na Madeira — informou John Mangles.

— Pois seja na Madeira. Ficarei apenas a mil e cinquenta quilómetros de Lisboa, e aí esperarei os meios de transporte.

— Ora bem, Sr. Paganel — disse Glenarvan — far-se-á o que deseja, e pela minha parte felicito-me de poder oferecer-lhe, durante alguns dias, hospitalidade a bordo do meu navio. Permita Deus que não se aborreça muito em nossa companhia.

— Oh! Milord! — exclamou o sábio — sinto-me, pelo contrário, muito feliz por me haver enganado de um modo tão agradável! Entretanto, é sempre bastante ridícula a situação de um homem que, embarcando para a Índia, se faz de vela para a América.

A despeito desta reflexão melancólica, Paganel resignou-se a uma demora que não podia remediar. Mostrou-se amável, alegre e até distraído; encantou as damas pelo seu bom humor; antes de o dia findar, já era estimado de toda a gente. A pedido seu, o famoso documento foi-lhe mostrado. Estudou-o com atenção, demorada, minuciosamente. Nenhuma outra interpretação lhe pareceu possível. Mary e seu irmão inspiraram-lhe o maior interesse. Deu-lhes boas esperanças. O seu modo de prever os acontecimentos e o êxito indubitável que predisse ao «Duncan» arrancaram um sorriso à jovem. Na verdade, se não fosse a sua missão, pôr-se-ia em busca do capitão Grant.

Quanto a Lady Helena, quando ele soube que era filha de William Tuffnel, houve uma explosão de interjeições admirativas. Conhecera-lhe o pai. Que sábio arrojado que era! Que de cartas não trocaram, quando William Tuffnel foi membro correspondente da Sociedade! Fora ele, o próprio Tuffnel, que o apresentara a Mr. Malte-Brun! Que encontro e que prazer o de viajar com a filha de William Tuffnel!

Afinal pediu licença a Lady Helena para a abraçar.

Lady Glenarvan consentiu, apesar de ser um pouco *improper*.

Capítulo 8 — Um Excelente Homem a Mais no «Duncan»

O iate, favorecido pelas correntes do norte da África, navegava rapidamente para o equador. A 30 de agosto avistaram o grupo da Madeira. Fiel à sua promessa, Glenarvan ofereceu-se ao seu novo hóspede para o deitar em terra.

— Meu querido lord — redarguiu Paganel — não farei cerimónias consigo. Antes de eu aparecer a bordo tinha ideia de tocar na Madeira?

— Não — respondeu Glenarvan.

— Nesse caso, permita-me que tire proveito das consequências da minha mal-aventurada distração. A Madeira é uma ilha muito conhecida. Nada oferece de interessante a um geógrafo. Tem-se dito e escrito tudo quanto é possível a respeito deste grupo, que, aliás, se acha em grande decadência sob o ponto de vista de vinicultura. Imagine que já não há vinhas na Madeira! A colheita do vinho que, em 1813, subia a vinte e duas mil pipas, baixou em 1845 a duas mil seiscentas e sessenta e nove. Hoje não chega a quinhentas! É um espetáculo consternador! Se não lhe é indiferente tocar nas Canárias?...

— Toquemos nas Canárias — concordou Glenarvan. — Isso não nos afasta do nosso rumo.

— Bem sei, querido lord. Nas Canárias, como sabe, há três grupos a estudar, sem falarmos do pico do Tenerife, que eu sempre desejei ver. Oferece-se a ocasião. Aproveito-a, e, enquanto esperar a passagem de um navio que me reconduza para a Europa, poderei fazer a ascensão desta montanha célebre.

— Como quiser, meu caro Paganel —olveu Lord Glenarvan, que não pôde deixar de sorrir. E tinha razão.

As Canárias estão pouco distantes da Madeira. Distantes a respeito do Chile; de repente, o capitão interpôs, distância insignificante para um navio tão ligeiro como o «Duncan».

No dia 31 de agosto, às duas horas da tarde, John Mangles e Paganel passeavam pelo tombadilho. O francês não largava o seu companheiro com perguntas incessantes a respeito do Chile; de repente, o capitão interrompeu-o e disse, mostrando-lhe no sul um ponto do horizonte:

— Sr. Paganel?

— Meu querido capitão — respondeu o sábio.

— Queira dirigir o olhar para este lado. Não vê nada?...

— Nada.

— É porque não olha para onde deve. Não é para o horizonte, mas acima, para as nuvens.

— Para as nuvens? Por mais que procure...

— Tome sentido, agora, pelo pau da bujarrona.

— Não vejo nada.

— É porque não quer ver. Seja como for, e apesar de estarmos a quarenta milhas, bem me entende, o pico de Tenerife é perfeitamente visível acima do horizonte.

Que Paganel quisesse ver ou não, horas depois teve de se submeter à evidência, para não se confessar cego.

— Até que finalmente o avista? — disse-lhe John Mangles.

— Sim, sim, perfeitamente — respondeu Paganel —; é aquilo —acrescentou em tom desdenhoso —, é aquilo a que chamam pico de Tenerife?

— Aquilo mesmo.

— Parece ter uma altura um pouco medíocre.

— Contudo, está onze mil pés acima do nível do mar.

— O que não vale o Monte Branco.

— É possível, mas quando se trata de subir ao cume, talvez o ache bastante elevado.

— Oh! Subir! Subir, meu querido capitão, para que serve, faz-me favor, depois de Mr. Humboldt e Mr. Bonpland? Grande génio que era aquele Humboldt! Realizou a ascensão desta montanha; deu dela uma descrição que nada deixa a desejar; reconheceu-lhe cinco zonas; a zona dos vinhos, a zona dos loureiros, a zona dos pinheiros, a zona das urzes alpinas e, finalmente, a zona da esterilidade. No cume mesmo do pico foi onde ele pôs o pé, e aí não tinha espaço para se sentar. Do alto da montanha abrangia com a vista uma área igual à quarta parte da Espanha. Em seguida visitou o vulcão até às próprias entranhas, e chegou ao fundo da sua cratera extinta.

O que quer que faça depois daquele homem, pergunto-lhe eu?

— Com efeito — respondeu John Mangles — nada mais resta a respingar. É lástima, porque o senhor há de aborrecer-se muito a esperar por um navio no porto de Tenerife. Não se pode ali contar com muitas distrações.

— Exceto com as minhas — disse Paganel, rindo. — Mas não são as ilhas de Cabo Verde pontos de escala importantes?

— Sim, decerto. Nada mais fácil do que embarcar na Vila da Praia.

— Sem falar de uma vantagem, que não é para desprezar — replicou Paganel — e vem a ser que as ilhas de Cabo Verde ficam pouco distantes do Senegal, onde hei de encontrar compatriotas. Bem sei que dizem que esse grupo é pouco interessante, selvático, doentio; mas

aos olhos do geógrafo tudo oferece curiosidade. Ver é uma ciência. Há muita gente que não sabe ver e viaja com tanta inteligência como um crustáceo. Acredite que não sou dessa escola.

— Se acredito, Sr. Paganel —olveu John Mangles —; estou certo de que a ciência geográfica há de ganhar muito com a sua permanência nas ilhas de Cabo Verde. Precisamente devemos lá tocar para meter carvão. O desembarque do Sr. Paganel não nos causará atraso na viagem.

Dito isto, o capitão mudou de rumo, de modo que passasse a oeste das Canárias; o célebre pico foi deixado a bombordo, e o «Duncan», continuando no seu rápido andamento, passou o trópico de Câncer a 2 de setembro, pelas cinco horas da manhã. O tempo mudou então. Era a atmosfera húmida e pesada da «estação das chuvas», segundo a expressão portuguesa, estação penosa para os viajantes, mas útil aos habitantes das ilhas africanas, a quem faltam as árvores e por conseguinte a água. O mar, muito encapelado, impediu que os viajantes se pudessem conservar sobre a tolda, mas a conversa na câmara nem por isso deixou de ser animada.

No dia 3 de setembro, Paganel pôs-se a reunir as suas bagagens por causa do seu próprio desembarque. O «Duncan» navegava entre as ilhas de Cabo Verde, verdadeiro areal, estéril e desolado; depois de ter costeado vastos bancos de coral, achou-se próximo da ilha de Santiago, atravessada de norte a sul por uma grande cordilheira formada de montanhas basálticas e terminada nos extremos por dois elevados morros. Em seguida, John Mangles aprobeu à Vila da Praia e dentro em pouco largava ferro diante da cidade, por oito braças de fundo. O tempo estava terrível e a ressaca excessivamente violenta, apesar de a baía ser abrigada dos ventos do mar largo. Caía uma chuva torrencial, que apenas deixava ver a cidade edificada sobre uma planície em forma de terraço firmado em contrafortes de rochas vulcânicas da altura de trezentos pés. O aspeto da cidade através deste espesso lençol de água era consternador.

Lady Helena não pôde realizar o seu projeto de visitar a ilha; o embarque do carvão não se efetuava sem grandes dificuldades. Os passageiros do «Duncan» viram-se, portanto, presos no tombadilho, enquanto mar e céu misturavam as suas águas com indiscreta confusão. Como era natural, a questão do tempo constituiu a ordem do dia nas conversas a bordo. Cada qual disse o que entendeu, mesmo o major, que seria capaz de assistir ao dilúvio universal com perfeita indiferença. Paganel andava de um lado para o outro abanando a cabeça.

— É de propósito — comentava ele.

— Efetivamente — redarguiu Glenarvan —, os elementos declaram-se contra o senhor.

— Contudo, hei de vencê-los.

— Não pode arrostar uma chuva destas — avisou Lady Helena.

— Eu, senhora, por mim posso muito bem. Não me arreceio dela senão por causa das minhas bagagens e dos meus instrumentos. Ficaré tudo perdido.

— Só há a recear o desembarque — replicou Glenarvan. — Uma vez na Vila da Praia não ficará mal hospedado, com pouco asseio, é verdade, na companhia de macacos e de porcos, indivíduos com quem nem sempre é agradável ter relações. Mas um viajante não olha para tais bagatelas. Demais, é de esperar que daqui a sete ou oito meses possa embarcar para a Europa.

— Sete ou oito meses! — exclamou Paganel.

— Pelo menos; as ilhas de Cabo Verde são pouco frequentadas pelos navios durante a estação das chuvas. Mas o senhor podia empregar o seu tempo de um modo muito útil. Este arquipélago é ainda pouco conhecido; em topografia, em climatologia, em etnografia, em hipsometria, há muito que fazer.

— Teria rios a reconhecer — ajuntou Lady Helena.

— Não há rios, milady.

— Então ribeiras?

— Também não há.

— Então grandes correntes?

— Ainda menos.

— Bem — disse o major —, deitar-se-á então às florestas.

— Para fazer florestas são precisas árvores; não temos árvores.

— Bonito país! — comentou o major.

— Console-se, meu querido Paganel — disse então Glenarvan —, ao menos terá montanhas.

— Oh! Pouco elevadas e pouco interessantes, milord. E, demais, este trabalho já foi feito.

— Feito! — exclamou Glenarvan.

— Sim, veja por aí a minha fortuna. Se nas Canárias me achava em presença dos trabalhos de Humboldt, aqui encontro-me precedido por um geólogo, Mr. Charles Sainte-Claire Deville!

— Será possível?

— Não duvide — tornou Paganel, em tom magoado. — Esse sábio achava-se a bordo da corveta «Décidée» por ocasião de arribar este navio a Cabo Verde, e visitou o cume mais interessante do grupo, o vulcão da ilha do Fogo. Que quer que faça depois dele?

— É deveras para lastimar — disse Lady Helena. — O que vai ser do senhor?

Paganel guardou silêncio por alguns instantes.

— Decididamente teria feito melhor em desembarcar na Madeira, apesar da falta que há por lá de vinho — observou Glenarvan.

Houve novo silêncio da parte do sapiente secretário da Sociedade de Geografia.

— Eu por mim esperava — murmurou o major, exatamente como se dissesse: Eu por mim não esperava.

— Meu querido Glenarvan — inquiriu então Paganel —, onde tenciona tocar?

— Oh! Agora só em Concepción.

— Demónio! Isso afasta-me bastante das Índias.

— Não há tal; desde o momento que transpõe o cabo Horn, aproxima-se delas.

— Quer-me parecer...

— Demais — prosseguiu Glenarvan, com o ar muito sério —, quando uma pessoa vai às Índias, quer sejam orientais, quer ocidentais, pouco importa!

— Como, pouco importa?

— Sem contar que os habitantes dos Pampas da Patagónia têm tanto de índios como os indígenas do Pendjab.

— Ah! Com efeito, milord — exclamou Paganel —, eis uma razão que não seria capaz de imaginar.

— E depois, meu querido Paganel, pode-se ganhar a medalha de ouro seja em que lugar for; por toda a parte há que fazer, que procurar, que descobrir, tanto nas Cordilheiras como nas montanhas do Tibete.

— Mas o curso do Yarou-Dzangbo-Tchou?

— Ora! Substitui-lo-á pela rio Colorado! É um rio pouco conhecido e que nas cartas corre um tanto ao capricho dos geógrafos.

— Exato, meu querido lord, temos nesta parte erros de muitos graus. Oh! Bem sei que, se tivesse pedido, a Sociedade de Geografia enviar-me-ia para a Patagónia do mesmo modo que me enviou para as Índias. Mas nem pensei nisso.

— Efeito das suas distrações habituais.

— Vejamos, Sr. Paganel, acompanha-nos? — disse Lady Helena com a sua voz insinuante.

— Senhora, e a minha missão?

— Previno-o de que passaremos pelo estreito de Magalhães — informou Glenarvan.

— Milord, é um tentador.

— E demais, havemos de visitar o Porto da Fome!

— O Port-Famine — exclamou o francês, assaltado por todos os lados —, esse porto célebre nos fastos geográficos!

— Reflita também, Sr. Paganel — acrescentou Lady Helena —, que nesta empresa terá o

direito de associar o nome da França ao da Escócia!

— Sim, decerto!

— Um geógrafo pode ultimamente servir a nossa expedição, e o que haverá de mais belo do que pôr a ciência ao serviço da humanidade?

— Muito bem, milady, tem razão!

— Acredite-me: deixe obrar o acaso ou antes a Providência. Imite-nos. Ela mandou-nos este documento, e nós partimos. Ela traz o senhor a bordo do «Duncan», não o abandone.

— Querem que lhes diga, meus bons amigos? — replicou então Paganel. — Vejo que têm grandes desejos de que eu fique.

— E o meu caro Paganel está morrendo por ficar.

— Pudera! — exclamou o sábio — mas receava ser indiscreto!

Capítulo 9 — O Estreito de Magalhães

Foi geral a alegria a bordo quando se soube da resolução de Paganel. O jovem Roberto saltou-lhe ao pescoço com uma vivacidade bastante expressiva. O digno secretário ia quase caindo por terra. «Um homenzinho bem rude — disse ele —, hei de ensinar-lhe geografia.»

Ora, como John Mangles se encarregava de fazer dele um marinheiro, Glenarvan um homem de coração, o major um rapaz de sangue-frio, Lady Helena uma criatura boa e generosa, Mary Grant um discípulo grato para com tais mestres, Roberto devia forçosamente vir um dia a ser um cavalheiro perfeito.

O «Duncan» terminou rapidamente o seu carregamento de carvão; em seguida, deixando estas tristes paragens, navegou para a banda do Ocidente, a fim de alcançar a corrente da costa do Brasil, e a 7 de setembro, depois de ter passado o equador, impellido por uma nortada fresca, entrou no hemisfério austral.

A viagem fazia-se sem incómodo. Todos nutriam boas esperanças. Nesta expedição em busca do capitão Grant a soma de probabilidades parecia aumentar todos os dias. Um dos que maior confiança mostrava era o capitão. Mas a confiança provinha-lhe principalmente do desejo, que tão veemente lhe lavrava no coração, de ver Mary Grant feliz e satisfeita. Tomara um interesse muito particular pela jovem e tão bem ocultou este sentimento que, exceto ele e Mary Grant, todos a bordo do «Duncan» o descobriram.

Quanto ao sapiente geógrafo, era talvez o homem mais feliz do hemisfério austral; passava os dias a estudar os mapas com que cobria a mesa da câmara; daí originavam-se diariamente grandes questões com Mr. Olbinett, que não podia pôr os talheres. Porém, Paganel tinha a seu favor todos os frequentadores do tombadilho, menos o major, a quem estas questões de geografia pouco interessavam, principalmente à hora do jantar. Além disso, tendo descoberto uma grande coleção de livros truncados nos baús do imediato, e entre eles um certo número de obras espanholas, Paganel resolveu aprender a língua de Cervantes, que ninguém sabia a bordo. O conhecimento desta língua devia facilitar as pesquisas do litoral chileno. Mercê das suas disposições políglotas, não perdia a esperança de falar corretamente mais este idioma ao chegar a Concepción. Por isso estudava com aplicação extraordinária, e ouviam-no constantemente resmungar sílabas heterogêneas.

Durante as suas horas de ócio, não se esquecia de dar uma instrução prática ao jovem

Roberto, e ensinava-lhe a história das costas de que o «Duncan» se aproximava tão rapidamente.

Achava-se a 10 de setembro na altura de 5° 37' de latitude e 31° 15' de longitude, e naquele dia Glenarvan soube uma coisa que os mais instruídos ignoram provavelmente. Paganel contava a história da América, e para chegar aos grandes navegadores, cujo caminho o iate então seguia, retrocedeu até Cristóvão Colombo; afinal concluiu dizendo que o célebre genovês morrera sem saber que tinha descoberto um mundo novo.

Todo o auditório protestou. Paganel persistiu na sua afirmativa.

— Não há dúvida a tal respeito — acrescentou. — Não quero diminuir a glória de Colombo, mas o facto está provado. No fim do século XV, os espíritos só tinham uma preocupação: facilitar as comunicações com a Ásia e procurar o Oriente pela via do Ocidente; numa palavra, ir pelo caminho mais curto «para o país das especiarias». Foi o que Colombo tentou. Fez quatro viagens; abordou às costas americanas de Cumana, de Honduras, de Mosquitos, de Nicarágua, de Verágua, da Costa Rica, de Panamá, que tomou pelas terras do Japão e da China, e morreu sem ter percebido a existência do grande continente, ao qual nem sequer tinha de legar o seu nome!

— Quero acreditá-lo, meu caro Paganel — redarguiu Glenarvan —; contudo há de desculpar-me a surpresa, e que lhe pergunte quais são os navegadores que reconheceram a verdade a respeito das descobertas de Colombo?

— Os seus sucessores, Ojeda, que o tinha acompanhado nas suas viagens, Vicente Pinzon, Vespúcio, Mendoza, Bastidas, Cabral, Solis e Balboa. Estes navegadores percorreram as costas orientais da América, determinaram-lhe os limites descendo para o sul, levados também, trezentos anos antes de nós, pela mesma corrente que nos arrasta! Vejam, meus amigos, passámos o equador no ponto mesmo onde Pinzon o passou no último ano do século XV, e aproximamo-nos do oitavo grau de latitude austral, sob o qual ele abordou às costas do Brasil. Um ano depois, o português Cabral desceu até ao porto Seguro. Em seguida, Vespúcio, na sua terceira expedição, em 1502, avançou ainda mais para o sul. Em 1508, Vicente Pinzon e Solis associaram-se para efetuar o reconhecimento das costas americanas, e, em 1514, Solis descobriu a embocadura do Rio da Prata, onde foi devorado pelos indígenas, deixando a Magalhães a glória de viajar em volta de todo o continente. Esse grande navegador português partiu, em 1519, com cinco navios, seguiu as costas da Patagónia, descobriu o porto Désiré, o porto San Julian, onde fez longa paragem, achou a cinquenta e dois graus de latitude o estreito das Onze Mil Virgens, que havia de vir a ter o seu nome, e em 28 de novembro de 1520

desembocou no oceano Pacífico. Ah! Que alegria ele deveu sentir e que comoção lhe havia de fazer palpitar o peito quando viu um novo mar cintilar no horizonte ferido pelos raios do sol!

— Sim, Sr. Paganel — exclamou Roberto Grant, entusiasmado pelas palavras do geógrafo —, queria achar-me lá.

— Eu também, meu rapaz, não deixaria fugir uma ocasião daquelas se o céu me tivesse feito nascer trezentos anos mais cedo!

— O que teria sido desagradável para nós, Sr. Paganel — observou Lady Helena —, porque não estaria neste momento no tombadilho do «Duncan» para nos contar essa história.

— Um outro lha contaria em meu lugar, milady, e acrescentaria que o reconhecimento da costa ocidental é devido aos dois irmãos Pizarro. Estes ousados aventureiros foram notáveis fundadores de cidades. Cuzco, Quito, Lima, Santiago, Vila Rica e Concepción, para onde o «Duncan» nos leva, são obra sua. Naquela época, as descobertas de Pizarro ligaram-se às de Magalhães, e o delineamento das costas americanas figurou nos mapas, com grande satisfação dos sábios do velho mundo.

— Mas eu — disse Roberto —, eu não ficava satisfeito.

— Porquê? — inquiriu Mary, que observava o seu jovem irmão entusiasmado-se pela história das descobertas.

— Sim, meu rapaz, porquê? — perguntou Lord Glenarvan, com o sorriso mais animador.

— Porque eu queria saber o que havia além do estreito de Magalhães.

— Bravo, meu amigo — apoiou Paganel —, e eu também queria saber se o continente se prolongava até ao pólo, ou se existia um mar livre, como supunha Drake, um dos seus compatriotas, milord. É, pois, evidente que se Roberto Grant e Jacques Paganel vivessem no século XVII, teriam embarcado na companhia de Shouten e de Lemaire, dois holandeses muito curiosos de conhecer a explicação deste enigma geográfico.

— Eram sábios? — perguntou Lady Helena.

— Não, mas arrojados comerciantes, a quem o lado científico das descobertas pouco importava. Existia então uma companhia holandesa das Índias Orientais, que tinha um direito absoluto sobre todo o comércio que se fazia pelo estreito de Magalhães. Ora, como naquela época não se conhecia outra passagem para a Ásia pelo caminho do Ocidente, tal privilégio constituía um verdadeiro monopólio. Alguns negociantes quiseram por isso lutar contra ele, tratando de descobrir outro estreito, e desse número fez parte um tal Isaac Lemaire, homem inteligente e instruído. Ocorreu às despesas de uma expedição comandada por seu sobrinho, Jacob Lemaire, e Shouten, um bom marinheiro, natural de Horn. Estes arrojados navegadores

partiram no mês de junho de 1615, quase um século depois de Magalhães; descobriram o estreito de Lemaire, entre a Terra do Fogo e a Terra dos Estados, e em 12 de fevereiro de 1616 dobraram o famoso cabo Horn, que mais que seu irmão, o cabo da Boa Esperança, merecia que o chamassem cabo das Tormentas!

— Sim, na verdade, eu queria lá achar-me! — exclamou Roberto.

— E terias bebido na fonte das mais vivas emoções, meu rapaz — replicou Paganel, animando-se. — Haverá na verdade satisfação mais verdadeira, prazer mais real i]ue o do navegador que aponta as suas descobertas na carta de bordo? Vê as terras formarem-se pouco a pouco A sua vista, ilha por ilha, promontório por promontório, r, por assim dizer, saírem do seio das ondas! A princípio, as linhas terminais são vagas, cortadas, interrompidas! Aqui um cabo solitário, além uma baía isolada, mais longe um golfo perdido no espaço. Em seguida as descobertas completam-se, as linhas ligam-se, o ponteadado da carta dá lugar ao traço; as baías chanfram-se em costas determinadas, os cabos apoiam-se em margens já definidas; finalmente, o novo continente, com os seus lagos, rios e confluente, com as suas montanhas, vales e planícies, com as suas aldeias, vilas e capitais, desenrola-se no globo em todo o seu magnífico esplendor! Ah! Meus amigos, um descobridor de terras é um verdadeiro inventor! Tem as mesmas emoções e surpresas! Mas, presentemente, a mina está quase esgotada! Tudo está visto, tudo está reconhecido, tudo está inventado em matéria de continentes ou de novos mundos, e nós, os últimos que aparecemos na ciência geográfica, já nada temos que lazer!

— Temos, sim, meu caro Paganel — replicou Lord Glenarvan.

— Então o quê?

— O que estamos fazendo!

Entretanto o «Duncan» deslizava pelo caminho dos Vespúcios e dos Magalhães com maravilhosa rapidez. No dia 15 de setembro transpôs o trópico do Capricórnio e aprofundou-se na direção do célebre estreito. Por vezes as costas pouco elevadas da Patagónia surgiram à vista, mas como uma linha apenas visível no horizonte; ficavam a grande distância, e o famoso óculo de ver ao longe de Paganel só lhe deu uma ideia vaga daquelas praias americanas.

No dia 25 de setembro, o «Duncan» achava-se nas alturas do estreito de Magalhães. Meteu-se por ele sem hesitar. Esta via é geralmente preferida pelos navios a vapor que seguem o rumo do Pacífico. O seu comprimento exato é apenas de cento e trinta léguas; os navios de maior tonelagem encontram em toda a sua extensão um grande fundo de excelentes condições, aguadas numerosas, rios muito piscosos, florestas abundantes em caça, mais de vinte ancoradouros

seguros e acessíveis, enfim, milhares de recursos que faltam no estreito de Lemaire e nos terríveis rochedos do cabo Horn, incessantemente varridos de tempestades e furacões.

Durante as primeiras horas de navegação, isto é, numa extensão de sessenta a oitenta milhas, até ao cabo Gregory, as costas são baixas e arenosas. Jacques Paganel não queria perder nem um ponto de vista, nem o mais pequeno acidente do estreito. A passagem devia durar trinta e seis horas apenas, e aquele panorama móvel das duas margens valia bem a pena que o sábio impusesse a si mesmo a obrigação de o admirar à luz esplêndida do sol austral. Nenhum habitante se mostrou nas terras do norte; apenas alguns da Terra do Fogo vagueavam pelos escavados rochedos da ilha.

Paganel teve, portanto, de se lastimar por não ver patagões, o que muito o indignou, com grande desgosto dos seus companheiros de viagem.

— Uma Patagónia sem patagões — comentava — não é Patagónia.

— Paciência, meu estimável geógrafo — volveu-lhe Glenarvan —, havemos de ver patagões.

— Não tenho grande certeza disso.

— Mas eles existem — afirmou Lady Helena.

— Duvido muito, porque não os vejo, senhora.

— Em todo o caso, o nome de patagões, que significa pés grandes, não foi posto a criaturas imaginárias.

— Oh! O nome nada significa — retorquiu Paganel, que insistia cora o fim apenas de animar a discussão — e, para dizer a verdade, não se sabe como eles se chamam!

— Ora essa! — exclamou Glenarvan. — Sabia isto, major?

— Não — respondeu o major —, nem dava uma libra escocesa para o saber.

— Pois vai sabê-lo, major indiferente! Se Magalhães chamou Patagões aos indígenas deste país, os habitantes da Terra do Fogo chamam-lhes Tiremenen, os chilenos Caucahues, os colonos de Carmen Tehuelchas, os araucânios Huilichas, Bougainville dá-lhes o nome de Chaouha, Falkner o de Tehuelhetas! Eles mesmos designam-se pela denominação de Inaken! Pergunto-lhes como querem que nos entendamos e se um povo que tem tantos nomes pode acaso existir?

— Isso já é um argumento — replicou Lady Helena.

— Aceitamo-lo — concordou Glenarvan —; suponho, porém, que o nosso amigo Paganel confessará que, se há dúvidas a respeito do nome de patagão, há pelo menos certeza quanto à sua estatura!

— Nunca confessarei semelhante enormidade — replicou Paganel.

— São altos? — interrogou Glenarvan.

— Ignoro.

— São baixos? — perguntou Lady Helena.

— Ninguém o pode afirmar.

— Então são de mediana altura? — lembrou Mac-Nabs, para tudo conciliar.

— Também não sei.

— Isso é já demais! — exclamou Glenarvan —; os viajantes que os têm visto...

— Os viajantes que os têm visto não se entendem uns com os outros — replicou o geógrafo.

— Magalhães diz que apenas com a cabeça chegava à cintura de um patagão.

— Então?

— Sim, mas Drake pretende que os Ingleses são mais altos que o mais alto patagão!

— Oh! Os Ingleses é possível — observou o major, desdenhosamente —, mas se se tratasse de Escoceses...

— Cavendish afirma que são altos e robustos — prosseguiu Paganel. — Hawkins fá-los uns gigantes. Lemaire e Shouten dão-lhes onze pés de alto.

— Bravo! Aí temos pessoas dignas de crédito — afirmou Glenarvan.

— Sim, de tanto crédito como Wood, Narborough e Falkner, que lhes acharam uma estatura meã. É verdade que Byron, La Giraudais, Bougainville, Wallis e Carteret afirmam que os Patagões têm seis pés e seis polegadas, enquanto que Mr. de Orbigny, o sábio que melhor conhece estes países, atribui-lhes uma estatura média de cinco pés e quatro polegadas.

— Mas então — disse Lady Helena —, qual é a verdade em meio de tantas contradições?

— A verdade, senhora — respondeu Paganel —, é esta: os Patagões têm as pernas curtas e o busto desenvolvido. Pode-se, portanto, formar a respeito da sua estatura uma opinião, em modo de gracejo, dizendo que têm seis pés quando estão sentados, e cinco apenas quando em pé.

— Bravo, meu querido sábio! — redarguiu Glenarvan. — Eis o que é falar bem!

— Salvo se eles não existem, o que poria todos de acordo. Mas para concluir, meus amigos, acrescentarei a seguinte observação consoladora: é que o estreito de Magalhães é magnífico, até sem patagões!

Naquele momento, por entre dois panoramas esplêndidos, o «Duncan» costeava a península de Brunswick. Sessentas milhas além do cabo Gregory, deixou a estibordo a penitenciária de Punta Arena. Avistaram-se momentaneamente entre as árvores o pavilhão chileno e o campanário religioso. Então corriam as águas do estreito entre massas graníticas de soberbo

efeito; as montanhas escondiam a base sob tapete de imensas florestas e ocultavam nas nuvens as cumeadas embranquecidas por neves eternas; para sudoeste, o monte Tarn erguia-se a seis mil e quinhentos pés acima do solo; precedida de longo crepúsculo a noite sobreveio; a luz do dia começou a esmorecer suave e gradualmente; o céu recamou-se de brilhantes estrelas, e a Cruz do Sul veio indicar aos olhos dos navegadores o rumo do pólo austral. No meio daquela escuridão luminosa, à claridade daqueles astros, que fazem as vezes dos faróis das costas civilizadas, o iate prosseguiu audaciosamente na sua derrota sem lançar âncora nas enseadas tão acessíveis que abundavam ambas as margens; muitas vezes roçou com os lais das vergas pelos ramos das faias antárticas que se debruçavam sobre as ondas; outras tantas agitou com a hélice as águas dos grandes rios, despertando os gansos, os patos, as narcejas, os adens e todos os habitantes emplumados dos lugares húmidos. Dentro em pouco apareceram diversas ruínas, às quais a noite dava aspeto grandioso, tristes restos de uma colónia abandonada, cujo nome protestará contra a fertilidade daquelas costas e a riqueza daquelas florestas abundantes em caça. O «Duncan» passava em frente do Porto da Fome.

Foi neste mesmo lugar que o espanhol Sarmiento, em 1581, veio estabelecer-se com quatrocentos emigrados. Ali fundou a cidade de S. Filipe; frios rigorosos dizimaram a colónia, a fome deu cabo daqueles que o inverno poupava, e em 1587 o corsário Cavendish achou o último dos quatrocentos desgraçados morrendo à fome entre as ruínas de uma cidade velha de seis séculos, após seis anos de existência.

O «Duncan» costeou aquelas margens desertas; ao romper do dia navegava por estreitos canais, entre florestas de faias, de freixos e de vidoeiros, do meio dos quais emergiam verdejantes domos, morros cobertos de vigorosos azevinhos e picos agudos, entre os quais o obelisco de Backland se elevava a grande altura. Passou em frente da baía de S. Nicolau, outrora baía dos Franceses, assim apelidada por Bougainville; ao longe, folgavam cardumes de focas e de baleias de grande corpulência, a avaliar pelos seus jatos de água, visíveis a uma distância de quatro milhas. Afinal dobrou o cabo Froward, ainda coberto dos gelos do último inverno. Do outro lado do estreito, na Terra do Fogo, elevava-se à altura de seis mil pés o monte Sarmiento, enorme agregação de rochas, separadas por camadas de nuvens, e que formavam no céu uma espécie de arquipélago aéreo.

É no cabo Froward que termina verdadeiramente o continente americano, porque o cabo Horn é apenas um rochedo perdido em meio do mar, no 56° de latitude.

Para além deste ponto, o estreito diminui em largura, entre a península de Brunswick e a Terra da Desolação, comprida ilha que se estende entre milhares de ilhotas, como enorme

cetáceo sem movimento em meio dos seixos de uma praia. Que diferença desta extremidade da América, tão irregular e recortada, para os extremos franca e regularmente contornados da África, da Austrália ou das Índias! Que desconhecido cataclismo pulverizaria aquele imenso promontório lançado em meio dos dois oceanos?

Às margens férteis seguia-se uma série de costas áridas, de selvático aspeto, chanfradas pelos inúmeros canais daquele labirinto. Sem um desvio, sem um momento de hesitação, o «Duncan» seguia caprichosas sinuosidades, misturando os rolos de fumo com o nevoeiro rasgado pelas pontas dos rochedos. Deslizou, sem diminuir o andamento, pela frente de algumas feitorias espanholas estabelecidas naquelas praias abandonadas. No cabo Tamar, o estreito tem mais largura; o iate pôde fazer-se ao largo para tornear a costa escarpada das ilhas Narborough, e aproximou-se das margens do sul. Afinal, trinta e seis horas depois de haver entrado no estreito, viu surgir o rochedo do cabo Pilares, na extremidade da Terra da Desolação. Um mar imenso, livre, cintilante, estendia-se em frente da sua roda de proa, e Jacques Paganel, saudando-o com um gesto entusiástico, sentiu-se comovido como o próprio Fernão de Magalhães se sentiu no momento em que o «Trinidad» se inclinava ao sopro das brisas do oceano Pacífico.

Capítulo 10 — O Trigésimo Sétimo Paralelo

Oito dias depois de dobrar o cabo Pilares, entrava o «Duncan» a todo o vapor na baía de Talcahuano, magnífico esteiro de doze milhas de comprimento e nove de largura. O tempo estava admirável. Naquele céu não aparece uma nuvem de novembro a março, e o vento do sul sopra invariavelmente ao longo das costas abrigadas pela cordilheira dos Andes. Em conformidade com as ordens de Lord Edward Glenarvan, John Mangles tinha navegado sempre próximo do arquipélago dos Chiloé e dos inumeráveis pedaços de todo o continente americano. Quaisquer destroços de naufrágio, qualquer peça de bordo partida, um bocado de madeira afeiçoado pela mão do homem, podiam pôr o «Duncan» no rasto dos náufragos; mas nada disso viram, e o iate, seguindo a sua viagem, fundeou no porto de Talcahuano, quarenta e dois dias depois de ter deixado as nevoentas paragens do Clyde.

No mesmo instante Lord Glenarvan mandou deitar a canoa ao mar, e seguido de Paganel desembarcou ao pé da estacada. O sábio geógrafo, aproveitando-se da ocasião, quis fazer uso da língua espanhola, que tão conscienciosamente estudara; mas, com grande admiração sua, não se pôde fazer compreender dos indígenas.

— É a pronúncia que me falta — disse ele.

— Vamos à alfândega — informou Lord Glenarvan.

Ali disseram-lhe, por meio de algumas palavras inglesas acompanhadas de gestos expressivos, que o cônsul residia em Concepción. Era jornada de uma hora. Glenarvan encontrou facilmente dois cavalos muito ligeiros, e pouco tempo depois os dois viajantes franqueavam os muros daquela grande cidade, que devia a existência ao génio empreendedor do grande Valdivia, o valente companheiro dos Pizarros.

Quanto não estava descaída do antigo esplendor! Saqueada muitas vezes pelos indígenas, incendiada em 1819, desolada, arruinada, com os muros ainda enegrecidos pelas chamas da devastação, eclipsada já por Talcahuano, apenas contava oito mil habitantes. Sob os passos indolentes dos moradores, as ruas transformavam-se em prados. Não havia comércio, a atividade era nula, os negócios impossíveis. Em cada varanda soava o bandolim; através das gelosias ouviam-se lânguidas canções, e Concepción, a antiga cidade dos homens, tornara-se uma cidade de mulheres e de crianças.

Glenarvan mostrou poucos desejos de investigar as causas daquela decadência, apesar de

que Jacques Paganel o interpelou a tal respeito, e sem perda de um momento dirigiu-se a casa de J. R. Bentock, *esq.*, cônsul de Sua Majestade Britânica. Esta personagem recebeu-o muito atenciosamente e encarregou-se, quando soube da história do capitão Grant, de tirar informações em todo o litoral.

Quanto à questão sobre se o navio «*Britannia*» tinha dado à costa nas paragens do Chile ou da Araucanía, na direção do paralelo trinta e sete, foi resolvida negativamente. Nenhuma notícia sobre um acontecimento de tal natureza chegara ao conhecimento do cônsul nem dos seus colegas das outras nações. Glenarvan não desanimou. Voltou para Talcahuano e não poupou nem diligências, nem passos, nem dinheiro, e enviou agentes a todas aquelas costas. Baldadas pesquisas! As investigações mais minuciosas a que se procedeu entre as povoações do litoral não deram resultado. Não tiveram remédio senão concluir que a «*Britannia*» não deixara vestígio algum do seu naufrágio.

Glenarvan informou então os companheiros do mau resultado das suas indagações. Mary Grant e Roberto não puderam conter a expressão da sua mágoa. Passava-se isto seis dias depois da chegada do «*Duncan*» a Talcahuano. Os passageiros achavam-se reunidos no tombadilho. Lady Helena consolava, não com as suas palavras — que poderia ela dizer? —, mas com as suas carícias, os dois filhos do capitão Grant. Jacques Paganel tornara a pegar no documento e contemplava-o com profunda atenção, como se lhe quisesse arrancar novos segredos. Havia uma hora que assim o examinava, quando Glenarvan, interpelando-o, lhe disse:

— Paganel! Confio-me à sua sagacidade. Será errada a interpretação que demos a este documento? Será falto de lógica o sentido destas palavras?

Paganel não respondeu. Refletia.

— Enganámo-nos a respeito do suposto teatro do desastre? — tornou Glenarvan. — Acaso a palavra *Patagónia* não salta aos olhos dos menos perspicazes?

Paganel continuava calado.

— Finalmente — continuou Glenarvan — a palavra *índio* não vem também dar-nos razão?

— Perfeitamente — concordou Mac-Nabs.

— E, posto isto, não é evidente que os náufragos, no momento em que escreviam, esperavam ficar prisioneiros dos índios?

— Aí detenho-o, meu caro lord — replicou por fim Paganel —, e se as outras conclusões são justas, a última, pelo menos, não me parece racional.

— Que quer dizer? — perguntou Lady Helena, enquanto os olhares se fixavam no geógrafo.

— Quero dizer — respondeu Paganel, acentuando as suas palavras — que o capitão Grant

está agora prisioneiro dos índios, e acrescentarei que o documento não oferece dúvida sobre essa situação.

— Explique-se, senhor — rogou Miss Grant.

— Nada mais fácil, minha querida Mary; em lugar de ler no documento *ficarão prisioneiros*, leiamos *ficam prisioneiros*, e tudo se esclarece.

— Mas isso é impossível! — redarguiu Glenarvan.

— Impossível! E porquê, meu nobre amigo? — perguntou Paganel, sorrindo.

— Porque a garrafa não podia ter sido lançada ao mar senão no momento em que o navio se despedaçava contra os rochedos. Daí provém a consequência de que os graus de latitude e longitude são aplicáveis ao próprio lugar do naufrágio.

— Não há nada que prove isso — replicou Paganel com vivacidade — e não vejo motivo para que os náufragos, depois de terem sido levados para o interior pelos índios, não diligenciassem fazer conhecer o lugar do seu cativeiro por meio desta garrafa.

— Há um motivo muito simples, meu caro Paganel, porque, para lançar uma garrafa ao mar, é preciso pelo menos que o mar esteja à mão.

— Ou, na falta do mar — replicou Paganel — os rios que vão desaguar nele!

O silêncio causado pelo assombro acolheu esta resposta inesperada e contudo admissível. Ao ver a animação que brilhou como um relâmpago no olhar de todos os seus ouvintes, Paganel compreendeu que cada qual se apegava a nova esperança. Lady Helena foi a primeira a retomar a palavra.

— Que ideia! — exclamou ela.

— E que boa ideia! — acrescentou Paganel ingenuamente.

— Então, o seu parecer?... — perguntou Glenarvan.

— O meu parecer é procurar o paralelo trinta e sete no ponto em que corta a costa americana, e segui-lo, sem nos afastarmos sequer um grau, até ao ponto onde atravessa o Atlântico. Talvez que no seu decurso encontremos os náufragos da «*Britannia*».

— Por fraca que seja — insistiu Paganel — não devemos desprezá-la. Se eu por acaso tiver razão quando digo que a garrafa chegou ao mar trazida pela corrente de um dos rios que banham este continente, não podemos deixar de dar com o rasto dos prisioneiros. Vejam, meus amigos, vejam o mapa deste país, e vou convencê-los até à evidência!

Dizendo isto, Paganel estendeu sobre a mesa um mapa do Chile e das províncias argentinas.

— Olhem — disse ele — e sigam-me neste passeio através do continente americano. Transponhamos a costa estreita do Chile. Atravessemos a cordilheira dos Andes. Desçamos ao

meio dos Pampas. Faltam acaso nestas regiões os rios, os afluentes, as correntes? Não. Eis o rio Negro, eis o rio Colorado, eis os seus afluentes cortados pelo 37° de latitude, os quais todos podem ter servido de transporte ao documento. Aqui, talvez, no seio de uma tribo, nas mãos de índios sedentários, nas margens destes rios pouco conhecidos, nos desfiladeiros das Sierras, aqueles a quem tenho direito de chamar nossos amigos aguardam uma intervenção providencial. Devemos nós iludir-lhes a esperança? Não são todos de parecer que se siga através destes países a linha rigorosa que o meu dedo traça no mapa, e se, em contradição com todas as previsões, mais uma vez me engano, não é dever nosso subir até à extremidade do paralelo trigésimo sétimo, e, se tanto for preciso para encontrarmos os viajantes, dar uma volta em roda do mundo, seguindo sempre esse paralelo?

Estas palavras, pronunciadas com animação generosa, produziram comoção profunda entre os ouvintes de Paganel. Todos se levantaram e vieram apertar-lhe a mão.

— Sim! Meu pai está ali! — exclamou Roberto Grant, devorando o mapa com os olhos.

— E havemos de conseguir encontrá-lo onde ele se acha, meu filho — afirmou Lord Glenarvan. — Nada mais lógico do que a interpretação do meu amigo Paganel, e devemos, sem hesitar, seguir o caminho que ele nos traça. Ou o capitão Grant se acha em poder de numerosos índios, ou prisioneiro de uma fraca tribo. Neste último caso, libertá-lo-emos. Dada a primeira hipótese, depois de verificarmos a sua situação, alcançaremos o «Duncan» na costa oriental, iremos a Buenos Aires, e, ali, um destacamento organizado pelo major Mac-Nabs levará a melhor contra todos os índios das províncias argentinas.

— Bem, bem, milord! — exclamou John Mangles — e acrescentarei que a passagem através do continente americano se fará sem perigo.

— Sem perigo e sem fadiga — observou Paganel. — Quantos não a têm já realizado, sem os meios de execução de que dispomos, e cuja coragem não era estimulada pelo grandioso da empresa! Em 1782, um tal Basílio Villarmo não foi desde Carmen até às Cordilheiras? Em 1806, um chileno, alcaide da província de Concepción, D. Luís de la Cruz, tendo partido de Antuco, não seguiu exatamente o trigésimo sétimo grau e, atravessando os Andes, não chegou a Buenos Aires, depois de um trajeto realizado em quarenta dias? Finalmente o coronel Garcia, Mr. Alcide d'Orbigny, e o meu ilustre colega, o Dr. Martin de Moussy, não percorreram esta região em todo o sentido, fazendo pela ciência o que nós vamos fazer agora pela humanidade?

— Senhor! Senhor! — exclamou Mary Grant, com a voz alterada pela comoção — como havemos de manifestar o nosso reconhecimento por um ato de dedicação que o expõe a tantos perigos?

— Perigos! — bradou Paganel. — Quem pronunciou a palavra *perigo*?

— Não fui eu! — acudiu Roberto Grant, com olhar decisivo e brilhante.

— Perigos — repetiu Paganel — é coisa que exista? Demais, de que é que se trata? De uma viagem de trezentas e cinquenta léguas apenas, pois que iremos em linha reta, de uma viagem que se realizará sob uma latitude equivalente à da Espanha, da Sicília, da Grécia no outro hemisfério, e por conseguinte sob um clima quase idêntico, de uma viagem, em suma, que durará, o muito, um mês! É um passeio!

— Sr. Paganel — perguntou então Lady Helena —, parece-lhe que se os náufragos caíram em poder dos índios a sua existência foi respeitada?

— Se me parece, senhora! Os índios não são antropófagos! Um compatriota meu, com quem me relacionei na Sociedade de Geografia, Mr. Guinnard, esteve três anos prisioneiro dos índios dos Pampas. Padeceu, foi muito maltratado, mas afinal saiu vitorioso daquela provação. Um europeu é um indivíduo útil nestas regiões; os índios conhecem-lhe o valor e cuidam dele como de um animal de estimação.

— Ora bem, não há que hesitar — disse Glenarvan — é preciso partir, e partir sem demora. Que direção devemos seguir?

— Uma direção cómoda e agradável — respondeu Paganel. — A princípio algumas montanhas, depois um suave declive na vertente oriental dos Andes, por fim uma planície igual, relvosa, areada, um verdadeiro jardim.

— Vejamos o mapa — sugeriu o major.

— Ei-lo, caro Mac-Nabs. Iremos tomar a extremidade do paralelo trinta e sete, entre a ponta Rumena e a baía de Carnero. Depois de atravessarmos a capital da Araucanía, transporemos a Cordilheira pela passagem de Antuco, deixando ao sul o vulcão; em seguida, descendo os declives extensos das montanhas, transpondo o Neuquem e o rio Colorado, atingiremos os Pampas, o Salinas, o rio Guamini e a serra Tapalquen. Neste ponto deparam-se-nos as fronteiras das províncias de Buenos Aires. Transpô-la-emos, subiremos a serra Tandil e levaremos as nossas pesquisas até à ponta Medano, nas margens do Atlântico!

Falando deste modo, delineando o programa da expedição, Paganel nem sequer se dava ao incómodo de olhar para o mapa estendido diante dele; não lhe servia de nada. Profundamente versado nos trabalhos de Frézier, de Molina, de Humboldt, de Miers, de d'Orbigny, a sua memória imperturbável não podia errar nem surpreender-se. Terminada a nomenclatura geográfica, acrescentou:

— Portanto, meus amigos, é caminho direito. Dentro de trinta dias tê-lo-emos percorrido, e

chegaremos antes do «Duncan» à costa oriental, por pouco que os ventos contrários lhe estorvem o andamento.

— Visto isso, o «Duncan» — observou John Mangles — deverá cruzar entre o cabo Corrientes e o cabo Santo António?

— Exatamente.

— E como formará o pessoal de semelhante expedição?

— O mais simplesmente possível. Trata-se apenas de reconhecer a situação do capitão Grant, e não de andar aos tiros com os índios. Parece-me que Lord Glenarvan, nosso chefe natural, o major, que não há de querer ceder o seu lugar a ninguém, este seu criado, Jacques Paganel...

— E eu — exclamou o jovem Grant.

— Roberto! Roberto! — disse Mary.

— E porque não? — apoiou Jacques Paganel. — As viagens formam a mocidade. Portanto, nós quatro, e três marinheiros do «Duncan»...

— Como! — atalhou John Mangles, dirigindo-se a seu amo. — Vossa Honra não reclama em meu favor?

— Querido John — replicou Lord Glenarvan — deixamos as nossas passageiras a bordo, isto é, o que temos de mais caro no mundo. Quem velará por elas, a não ser o dedicado capitão do «Duncan»?

— Nós não podemos ir? — perguntou Lady Helena, por cujos olhos passou uma sombra de tristeza.

— Minha querida Helena — respondeu Lord Glenarvan —, a nossa viagem deve realizar-se em condições excepcionais de rapidez; a separação será curta, e...

— Sim, meu amigo, compreendo-o — volveu Lady Helena —, vá; saia-se bem da empresa...

— Demais — ajuntou Paganel — não é uma viagem.

— Que é então? — perguntou Lady Helena.

— Uma passagem, nada mais. Passaremos, eis tudo, como o homem virtuoso sobre a Terra, fazendo todo o bem que pode. *Transire benefaciendo* é a nossa divisa.

Terminou por estas palavras a discussão, se se pode dar tal nome a uma conversa em que toda a gente era de idêntica opinião. Naquele mesmo dia começaram os preparativos. Resolveu-se conservar secreta a expedição, para não dar sinal de alerta aos índios.

Foi fixada para 14 de outubro a partida. Quando se tratou de escolher os marinheiros, todos ofereceram os seus serviços, e Glenarvan só encontrou a dificuldade da escolha. Preferiu por

isso que a sorte decidisse, para não ofender aqueles bons homens. Foi o que se fez, e o imediato Tom Austin, Wilson, vigoroso mocetão, e Mulrady, capaz de desafiar o mais temível jogador de soco, não tiveram razão de se queixar do acaso.

Glenarvan desenvolvera grande atividade nos seus preparativos. Queria estar pronto no dia apazado, e conseguiu-o. Ao mesmo tempo, John Mangles metia carvão, de modo que pudesse imediatamente fazer-se ao mar. Daqui originou-se uma verdadeira rivalidade entre Glenarvan e o jovem capitão, que redundou em proveito de todos.

Efetivamente, no dia 14 de outubro, à hora designada, estavam todos prontos. No momento da partida, os passageiros do iate reuniram-se na sala de armas. O «Duncan» estava pronto a largar, e as pás da hélice agitavam já as águas límpidas de Talcahuano. Glenarvan, Paganel, Mac-Nabs, Roberto Grant, Tom Austin, Wilson, Mulrady, armados de carabinas e de revólveres Colt, prepararam-se para desembarcar. As mulas e os guias esperavam-nos na extremidade da ponte.

— É tempo — anunciou Lord Glenarvan.

— Vamos, meu amigo! — disse Lady Helena, reprimindo a sua comoção.

Lord Glenarvan apertou-a contra o peito, ao mesmo tempo que Roberto se lançava ao pescoço de Mary Grant.

— E agora, prezados companheiros — bradou Jacques Paganel —, um aperto de mão que dure até às praias atlânticas!

Era querer muito. Contudo houve naquela ocasião apertos de mão capazes de realizar os desejos do digno sábio.

Subiram para a tolda; os sete viajantes largaram do «Duncan».

Bem depressa chegaram ao cais, do qual o iate se aproximou quase meia amarra de distância.

Do alto do tombadilho, Lady Helena exclamou num último adeus:

— Meus amigos, Deus vos ajude.

— há de ajudar-nos, milady — redarguiu Jacques Paganel —, porque, creia-me, nós mesmos nos havemos de ajudar!

— Larga! — ordenou John Mangles ao maquinista.

— A caminho! — gritou Lord Glenarvan.

E no mesmo instante em que os viajantes, dando a rédea às cavalgadas, seguiam o caminho da praia, o «Duncan», sob a ação da hélice, tomava outra vez a todo o vapor a direção do oceano.

Capítulo 11 — Através do Chile

O acompanhamento indígena organizado por Lord Glenarvan compunha-se de três homens e de uma criança. O arrieiro-chefe era um inglês familiarizado naquele país havia vinte anos. Vivia de alugar as mulas aos viajantes e guiá-los através das diferentes passagens das cordilheiras. Em seguida entregava-os a um «baqueano», guia argentino, para quem era familiar o caminho dos Pampas. Este inglês não havia de tal modo esquecido a língua materna na companhia das mulas e dos vadios que não pudesse conversar com os viajantes. Desta circunstância resultou para Glenarvan uma facilidade de manifestar os seus pensamentos e vontades, de que ele tratou logo de se aproveitar, pois que Jacques Paganel não conseguia ainda fazer-se compreender.

O arrieiro-chefe, o «capataz», segundo a denominação chilena, era auxiliado por dois peões indígenas e um rapaz de doze anos. Os peões guardavam as mulas carregadas com a bagagem da comitiva, e o rapaz conduzia «la madrina», pequena égua, com guizos e campainha, que levava atrás de si dez mulas. Os viajantes montavam sete, o capataz uma; as duas restantes transportavam algumas peças de vários tecidos, destinadas a captar a boa vontade dos caciques da planície. Segundo o seu costume, os peões iam a pé. O trajeto de um ao outro lado da América meridional devia, pois, efetuar-se nas melhores condições, sob o ponto de vista de segurança e rapidez.

Não é uma viagem ordinária a passagem através da cordilheira dos Andes. Não pode ser empreendida sem o auxílio destas robustas mulas, das quais as mais estimadas são de raça argentina. Estes excelentes animais adquiriram no país um desenvolvimento superior ao da raça primitiva. São pouco difíceis de contentar quanto ao alimento. Só bebem água uma vez por dia, fazem facilmente dez léguas em oito horas e conduzem sem custo uma carga de catorze arrobas.

Nesta estrada de um ao outro oceano não há estalagens. Come-se carne seca, arroz temperado com pimento, e a caça que se deixa matar pelo caminho. Bebe-se água das torrentes na montanha, dos regatos na planície, temperada com algumas gotas de rum, de que todos levam a sua provisão num chifre. É preciso contudo ter cuidado com as bebidas alcoólicas, pouco úteis naquela região, em que o sistema nervoso dos homens é extremamente exaltado. Quanto à cama, vai toda na sela indígena chamada *recado*. Esta sela é feita de *pelions*, peles de carneiro curtidas de um lado e guarnecidas de lã do outro, seguras por grandes cilhas bordadas

luxuosamente. Um viajante enrolado nestas quentes coberturas arrosta impunemente as noites húmidas e dorme o melhor dos sonos.

Como homem que sabe viajar e conformar-se com os costumes dos diversos países, Glenarvan adotara para si e para os seus o traje chileno. Paganel e Roberto — duas crianças, uma grande e outra pequena — não couberam em si de alegria quando introduziram a cabeça através do poncho nacional, grande manto aberto no centro, e meteram as pernas em botas de couro feitas de patas traseiras de um garrano. Eram para ver as suas duas mulas ricamente arreadas, com o freio árabe na boca, a comprida rédea de couro entrançado servindo de chicote, a testada com enfeites de metal, e os alforges, duplos sacos de cor vistosa, que continham os mantimentos do dia. Sempre distraído, Paganel ia apanhando três ou quatro couces da sua excelente cavalgadura, no momento em que a montava. Logo que se achou sobre a sela, com o inseparável óculo de ver ao longe a tiracolo, os pés firmados nas estribeiras, confiou-se à sagacidade do animal e não teve razão de queixa. Quanto ao jovem Roberto, logo na estreia mostrou notáveis qualidades para vir a ser excelente cavaleiro.

Partiram. O tempo estava admirável, o céu de uma extrema limpidez, e a atmosfera, apesar dos odores, suficientemente refrescada pelas brisas do mar. A pequena comitiva seguiu a passo rápido as margens sinuosas da baía de Talcahuano, a fim de alcançar a trinta milhas no sul a extremidade do paralelo. Durante o primeiro dia marcharam rapidamente através dos juncais de antigos pântanos já esgotados, mas falaram pouco. Os adeuses da despedida tinham deixado viva impressão no espírito dos viajantes. Podiam ainda ver o fumo do «Duncan», que se sumia no horizonte. Todos estavam calados, à exceção de Paganel; o estudioso geógrafo fazia a si mesmo perguntas em espanhol, e a si mesmo respondia na sua nova língua.

E depois o capataz era homem taciturno, e a profissão não o devia tornar falador. Mas falava aos seus homens. Estes, como gente que sabe do seu ofício, não encontravam dúvidas nenhunas. Se alguma mula parava, estimulavam-na com um grito gutural; se o grito não bastava, uma boa pedrada com mão certa acabava-lhe com a teima. Se por acaso se desprendia uma cilha, uma rédea se soltava, o peão, desembaraçando-se do seu poncho, envolvia com ele a cabeça da mula, que, reparado o acidente, tornava a pôr-se a caminho.

O costume dos arrieiros é partir às oito horas, depois do almoço, e caminhar até ao momento de deitar, que é pelas quatro horas. Glenarvan conformou-se com este uso. Ora, exatamente quando o capataz deu o sinal de fazer alto, os viajantes chegavam à cidade de Arauco, situada na extremidade sul da baía, sem terem abandonado a orla espumante do oceano. Tornava-se então preciso caminhar umas vinte milhas na direção do ocidente até à baía Carnero,

para aí alcançar o extremo do paralelo trinta e sete. Os agentes de Glenarvan tinham, porém, já percorrido esta parte do litoral sem encontrar nenhum vestígio de naufrágio. Uma nova exploração tornava-se, pois, inútil, e resolveram tomar a cidade de Arauco por ponto de partida. Daí seguiram em linha reta para a banda do oriente.

O pequeno grupo entrou na cidade para ali passar a noite, e acampou em pleno pátio de uma estalagem, cujas comodidades estavam ainda em grau rudimentar.

Arauco é a capital da Araucanía, estado do comprimento de cento e cinquenta léguas, da largura de trinta, habitado pelos Moluchos, filhos primogénitos da raça chilena, cantada pelo poeta Ercilla. Raça ativa e forte, única das duas Américas que ainda não sofreu domínio estrangeiro. Se Arauco já em outros tempos pertenceu aos Espanhóis, as populações pelo menos não se submeteram. Resistiram então, como resistem hoje, às tentativas invasoras do Chile, e a sua bandeira independente — uma estrela branca sobre fundo azul — flutua ainda no alto da colina fortificada que defende a cidade.

Enquanto a ceia se preparava, Glenarvan, Paganel e o capataz foram passear por entre as casas colmadas. Exceto uma igreja e os restos de um convento de franciscanos, Arauco nada oferecia de curioso. Glenarvan tentou colher algumas informações, que nenhum resultado deram. Paganel estava desesperado por não se fazer compreender dos habitantes; mas como estes falavam o araucano — língua mãe cujo uso é geral até ao estreito de Magalhães —, o espanhol de Paganel servia-lhe de tanto como se fosse hebreu. Ocupou, portanto, os olhos em vez dos ouvidos, e, tudo somado, experimentou uma verdadeira alegria de sábio em observar os tipos da raça molucha que apareciam diante dele. Os homens tinham estatura elevada, rosto achatado, cor acobreada, queixo desprovido de barba, olhar desconfiado, cabeça grande e perdida em meio de uma comprida cabeleira negra. Pareciam entregues a essa ociosidade especial das raças guerreiras que não sabem o que hão de fazer em tempo de paz. As mulheres, miseráveis e corajosas, ocupavam-se dos duros trabalhos domésticos, tratavam os cavalos, limpavam as armas, lavravam, caçavam para os seus senhores, e sobejava-lhes ainda tempo para fabricarem os ponchos azul-turquesa, que levam dois anos de trabalho, e dos quais o mais barato custa cem dólares.

Em resumo, os Moluchos constituem um povo pouco interessante e de costumes bastante selvagens. Têm quase todos os vícios humanos, e por compensação uma só virtude, o amor da independência.

— Verdadeiros Espartanos — repetia Paganel, quando, terminado o passeio, veio tomar lugar à mesa da ceia.

O digno sábio exagerava, e compreenderam-no ainda menos quando acrescentou que o seu coração de francês batera bastante durante a sua visita a Arauco. Quando o major lhe perguntou a razão daquele «pulsar» inesperado, respondeu que era bem natural a comoção, pois que um dos seus compatriotas ocupara, havia pouco, o trono da Araucanía. O major rogou-lhe que dissesse o nome daquele soberano. Jacques Paganel proferiu com orgulho o nome de Mr. de Tonneins, excelente pessoa, antigo advogado de Périgueux, um pouco barbudo de mais, e que sofrera o que os reis costumam chamar «a ingratidão dos seus súbditos». Como o major sorrisse ao ouvir aquele caso de um antigo advogado expulso do trono, Paganel respondeu com muita seriedade que era talvez mais fácil a um advogado fazer-se um bom rei do que de um rei fazer-se um advogado. Ao ouvirem esta observação, cada qual pôs-se a rir e bebeu alguns tragos à saúde de Orellie-António I, ex-rei de Araucanía. Minutos depois os viajantes, enrolados nos seus ponchos, dormiam profundamente.

No dia seguinte, com a «madrina» à frente, os peões atrás, a pequena comitiva tornou a tomar para leste o caminho do paralelo trinta e sete. Atravessava então o fértil território da Araucanía, abundante em vinhos e gado. Mas pouco a pouco a solidão foi-se fazendo. Apenas de milha em milha se encontrava alguma cabana de «rastreadores», índios domadores de cavalos, célebres em toda a América. Outras vezes deparavam-se-lhes alguma muda de posta, abandonada, que servia de abrigo ao indígena errante das planícies. Durante este dia dois rios impediram a marcha aos viajantes, o rio de Raque e o rio de Tubal. Mas o capataz descobriu vaus que permitiram a passagem. A cordilheira dos Andes desenrolava-se no horizonte, alargando o dorso e multiplicando os picos na direção do norte. Eram por enquanto apenas as vértebras inferiores da enorme espinha dorsal sobre que se apoia todo o conjunto do Novo Mundo.

Às quatro horas da tarde, depois de um trajeto de trinta e cinco milhas, parou a caravana debaixo de um bosque de murtas gigantes. Foram desenfreadas as mulas, que puderam ir pastar em liberdade a erva abundante da campina. Os alforjes forneceram a carne e o arroz do costume. As peles de carneiro, estendidas no chão, serviram de cobertura, os *recados* de travesseiros, e todos encontraram nestas improvisadas camas um sono reparador, enquanto os peões e o capataz velavam por turnos.

Como o tempo se conservava tão favorável, e todos os viajantes, sem excetuar Roberto, gozavam de saúde excelente, como enfim a viagem se estreava com tão bons auspícios, era preciso aproveitar o tempo e continuar avante, como o jogador continua o jogo quando está com sorte. Era esta a opinião geral. No dia seguinte prosseguiu-se a jornada com vigor, transpondo

sem acidentes a torrente de Bell, e à tarde, acampando nas margens do rio Biobio, que separa o Chile espanhol do Chile independente, Glenarvan pôde inscrever mais trinta e cinco milhas no ativo da expedição. O aspeto do país não mudara. Continuava fértil e rico em amarílis, violetas arborescentes, fúcias, daturas e catos com flores de ouro. Alguns animais, entre outros o ocelote, estavam agachados nas moitas. Uma garça-real, uma coruja solitária, tordos e colimbo, fugindo às garras do falcão, eram os únicos representantes da raça emplumada. Mas, indígenas, poucos se viam. Apenas alguns *guassos*, filhos degenerados dos índios e dos Espanhóis, perpassavam como sombras, galopando sobre os cavalos ensanguentados pela espora gigantesca que os cavaleiros traziam no pé descalço. Não se achava pelo caminho ninguém com quem falar, e as informações faltavam absolutamente. Glenarvan conformava-se com aquilo. Dizia consigo que o capitão Grant, prisioneiro dos índios, devia ter sido levado por eles para além da cordilheira dos Andes. As pesquisas só deviam ser frutíferas nos Pampas, e não aquém. Era, pois, preciso ter paciência, caminhar depressa e sem cessar.

No dia 17 puseram-se a caminho à hora e na ordem do costume; ordem que Roberto não cumpria sem dificuldade, porque o ardor impelia-o sempre a passar adiante da «madrina», com grande desespero da sua mula. Era preciso nada menos que um chamamento severo de Glenarvan para conservar o mancebo no seu posto.

O país que percorriam tornou-se então mais acidentado; algumas desigualdades de terreno indicavam a aproximação de montanhas; os rios multiplicavam-se, obedecendo ruidosamente ao capricho dos declives. Paganel consultava muitas vezes os seus mapas; quando algum deles aí não figurava, o que sucedia frequentemente, o seu sangue de geógrafo fervia-lhe nas veias, e zangava-se do modo mais interessante do mundo.

— Uma ribeira que não tem nome — afirmava ele — é como se não tivesse estado civil! Não existe aos olhos da lei geográfica.

Também não se via em grandes embaraços para batizar aquelas correntes sem apelido; notava-as no mapa e adaptava-lhes os qualificativos mais retumbantes da língua espanhola.

— Que língua — repetia ele —, que língua tão cheia e sonora! É uma língua de metal, e tenho a certeza de que é composta de setenta e oito partes de cobre e vinte e duas de estanho, como o bronze dos sinos!

— Mas, ao menos, vai fazendo progressos? — perguntou-lhe Glenarvan.

— Com certeza, meu caro lord! Ah! Se não fosse a pronúncia! Mas há a pronúncia!

Esperando fazer progressos, Paganel ia de caminho cansando as goelas com as dificuldades da pronúncia, sem se esquecer das observações geográficas. Nisso, com efeito, é que ele era

muito forte e não acharia quem lhe ganhasse. Quando Glenarvan interrogava o capataz a respeito de alguma particularidade do país, o seu companheiro respondia sempre primeiro que o guia. O capataz olhava para ele abismado.

Naquele mesmo dia, pelas duas horas, apresentou-se uma estrada que cortava a linha seguida até ali. Como era natural, Glenarvan perguntou o nome dela, e também com muita naturalidade foi Jacques Paganel quem respondeu:

— É o caminho que conduz de Yumbel aos Angeles.

Glenarvan olhou para o capataz.

— Perfeitamente — confirmou este.

Em seguida, dirigindo-se ao geógrafo, inquiriu:

— Já atravessou este país?

— Pudera! — respondeu Paganel, com muita seriedade.

— Montado nalgum macho?

— Não, numa poltrona.

O capataz não compreendeu, porque encolheu os ombros e tornou a pôr-se à frente da caravana.

Às cinco horas da tarde parava num desfiladeiro pouco profundo, algumas milhas acima da pequena cidade de Loja; e naquela noite os viajantes acamparam ao pé das «sierras», primeiras escarpas da grande Cordilheira.

Capítulo 12 — A Doze Mil Pés nos Ares

A passagem do Chile não oferecera até ali nenhum incidente grave. Mas agora os obstáculos e perigos que traz consigo o trajeto pelas montanhas ofereciam-se de vez. Ia verdadeiramente começar a luta com as dificuldades.

Antes de se tornarem a pôr a caminho teve de ser resolvida uma questão importante. Qual era o *paso* por onde poderiam atravessar a cordilheira dos Andes sem se afastarem do caminho determinado? O capataz foi interrogado a este respeito.

— Só conheço — respondeu ele — duas passagens praticáveis nesta parte das cordilheiras.

— A passagem da Arica, decerto — disse Paganel — que foi descoberta por Valdivia Mendoza?

— Exatamente.

— E a de Villarica, situada ao sul do *nevado* deste nome?

— Justo.

— Mas bem, meu amigo, essas duas passagens só têm um inconveniente: o levar-nos para o sul ou para o norte mais do que convém.

— Tem alguma outra passagem a propor-nos? — perguntou o major.

— Tenho — respondeu Paganel. — A passagem de Antuco, situada na vertente vulcânica, a trinta e sete graus e trinta minutos, isto é, quase meio grau de diferença do nosso rumo. Acha-se apenas a mil toesas de altura, e foi reconhecida por Zamudio da Cruz.

— Bem — exclamou Glenarvan —, mas conhece a passagem de Antuco, capataz?

— Sim, milord, já a tenho atravessado, e se não a propunha era por ser apenas um caminho de gado, de que se servem os índios pastores das vertentes orientais.

— Pois bem, meu amigo — ponderou Glenarvan —, por onde passam rebanhos de carneiros, éguas e bois dos «pehueuchos», também nós passaremos. E visto que não nos afastamos da linha reta, tomemos por Antuco.

Deu-se logo o sinal de partida, e internou-se o grupo pelo vale das Lejas, por entre grandes massas de calcário cristalizado. Subia-se por um declive quase insensível. Próximo das onze horas, foi preciso tornear as margens de um pequeno lago, reservatório natural e ponto de reunião de todos os rios dos arredores, que ali chegavam, murmurando e confundindo-se em límpida tranquilidade. Pela banda de cima do lago estendiam-se vastos «llanos», planícies

elevadas cobertas de gramíneas e onde pastavam rebanhos índios. Em seguida encontrou-se um pântano, que corria do norte para o sul e que foi evitado, graças ao instinto das mulas. À uma hora avistaram o forte Ballenare, sobre um rochedo, que ele coroava com os seus muros desmantelados. Passaram adiante. Os declives iam-se tornando já íngremes, pedregosos, e os calhaus, arrancados pelos cascos das mulas, rolavam, formando cascatas sonoras na passagem dos viajantes. Por volta das três horas apareceram mais ruínas de um forte arrasado por ocasião do levantamento de 1770.

— Decididamente — comentou Paganel — as montanhas não bastam para separar os homens: é preciso ainda fortificá-las.

Daí em diante tornou-se dificultoso o caminho, perigoso até; o ângulo dos declives abriu mais, as cornijas estreitaram, os precipícios profundaram-se de um modo medonho. As mulas avançavam cautelosamente, com as ventas rentes ao chão, farejando o caminho. A caravana marchava em fileira. Por vezes, nalgum cotovelo inesperado, a «madrina» desaparecia, e a pequena caravana guiava-se pelo som longínquo da campainha. Outras vezes, as sinuosidades caprichosas do caminho colocavam a coluna em duas linhas paralelas, e o capataz podia falar aos peões, enquanto uma fenda da largura de duas toesas apenas, mas da profundidade de duzentas, cavava entre eles um abismo impossível de transpor.

Entretanto a vegetação herbácea lutava ainda contra as invasões da pedra, mas sentia-se já o reino mineral em competência com o reino vegetal. A aproximação do vulcão de Antuco conhecia-se por alguns rastos de lava de uma cor ferruginosa, eriçada de cristais amarelos em forma de agulhas. Os rochedos, amontoados uns sobre os outros e prestes a desabar, seguravam-se a despeito de todas as leis do equilíbrio. Evidentemente, os cataclismos deviam modificá-los muito o aspeto, e ao considerarem-se estes picos sem aprumo, estes domos faltos de elegância, era fácil de ver que a hora da agregação definitiva não soara ainda para aquela região montanhosa.

Assim, o caminho devia ser difícil de conhecer. A agitação quase incessante da carcaça andina altera-lhe muitas vezes o traçado, e os pontos que indicam a direção aos viajantes mudam de lugar. Por isso o capataz hesitava, parava, olhava em torno de si, interrogava a forma dos rochedos, procurava sobre a pedra friável rastos de índios. Era impossível toda a orientação.

Lord Glenarvan seguia-o passo a passo; compreendia, pressentia que a indecisão daquele homem aumentava com as dificuldades do caminho; não ousava interrogá-lo e pensava, não sem razão talvez, que o instinto dos arrieiros está nos mesmos casos que o instinto das mulas, e vale

mais fiar-se nele.

Durante uma hora, o capataz divagou, por assim dizer, ao acaso, mas sempre alcançando as zonas mais elevadas da montanha. Afinal foi obrigado a parar. Achava-se no fundo de um vale de pouca largura, num desses estreitos desfiladeiros que os índios chamam «quebradas». Uma muralha de pórfiro, cortada a prumo, fechava-lhe a saída. Depois de ter, debalde, procurado passagem, apeou-se, cruzou os braços, e esperou que Glenarvan se aproximasse dele.

— Perdeu-se? — perguntou o lord.

— Não, milord — respondeu o capataz.

— Contudo, não estamos na passagem de Antuco?

— Nela estamos.

— Não se engana?

— Não me engano. Eis os restos de um fogo que serviu aos índios, e aqui estão os vestígios de réguas de éguas e de rebanhos de carneiros.

— Bem, nesse caso é porque passaram por este caminho?

— Sim, mas mais ninguém tornará a passar. O último tremor de terra tornou-o impraticável...

— Para as muares, mas não para os homens — ponderou o major.

— Ah! Isso é com os senhores — replicou o capataz —; fiz o que pude. Estou pronto a voltar para trás com as mulas e procurar as outras passagens da Cordilheira.

— E será atraso?

De três dias, pelo menos.

Glenarvan escutava em silêncio as palavras do capataz. Este circunscrevia-se às condições do contrato. As mulas não podiam ir mais longe. Quando foi feita a proposta de torcer caminho, Glenarvan voltou-se para os companheiros e disse:

— Querem por força passar?

— Queremos seguir Vossa Honra — respondeu Tom Austin.

— E até precedê-lo, milord — acrescentou Paganel. — Afinal, de que se trata? De atravessar uma cordilheira cujas vertentes opostas oferecem uma descida incomparavelmente mais suave! Conseguido isto, acharemos os «baqueanos» argentinos, que nos guiarão através dos Pampas, e cavalos ligeiros habituados a galopar nas planícies. Avante, pois, e sem hesitar.

— Avante! — exclamaram os companheiros de Glenarvan.

— Não nos acompanha? — perguntou este ao capataz.

— Sou condutor de mulas — respondeu o arrieiro.

— Como quiser.

— Passaremos sem ele — disse Paganel —; do outro lado desta muralha encontraremos os caminhos de Antuco, e sinto-me capaz de os conduzir ao sopé da montanha tão diretamente como o melhor guia da Cordilheira.

Glenarvan fez, portanto, contas com o capataz, e despediu-o a ele, aos peões e às mulas. As armas, os instrumentos e alguns víveres foram distribuídos entre os sete viajantes. De comum acordo, resolveu-se que a ascensão seria imediatamente tentada outra vez, e que, se preciso fosse, viajar-se-ia uma parte da noite. Sobre a escarpa do lado esquerdo coleava um caminho íngreme, que as mulas não poderiam percorrer. Foram grandes as dificuldades, mas, depois de duas horas de fadigas e rodeios, Glenarvan e os seus companheiros tornaram a achar-se na passagem de Antuco.

Estavam então na parte andina propriamente dita, que não fica afastada da aresta superior da Cordilheira; mas de caminho trilhado, ou de *paso* determinado não havia vestígio. Toda esta região acabava de ser revolvida pelos últimos tremores de terra, e foi preciso subirem aos pontos mais elevados da Cordilheira. Paganel ficou bastante descoroçoado por não achar o caminho livre, e dispôs-se a suportar rudes fadigas para alcançar o cume dos Andes, pois a sua altura média é compreendida entre onze milhas e doze milhas e seiscentos pés. Por fortuna, o tempo estava ameno, o céu puro e a estação era favorável; mas no inverno, de maio a outubro, uma tal ascensão seria irrealizável; os frios intensos matam rapidamente os viajantes, e aqueles a quem poupam não escapam, pelo menos, às violências dos temporais, espécie de tufões particulares daquelas alturas, e que todos os anos povoam de cadáveres os desfiladeiros da Cordilheira.

Durante toda a noite não fizeram senão subir; os viajantes içavam-se à força de pulso para pequenos planaltos quase inacessíveis; saltavam fendas largas e profundas; os braços, encadeados uns nos outros, substituíam as cordas, e os ombros serviam de escadas. Aqueles homens intrépidos pareciam um bando de *clowns* entregues a toda a loucura dos jogos icários. Foi então que o vigor de Mulrady e a destreza de Wilson tiveram milhares de ocasiões de se exercitar. Os dois bravos escoceses multiplicaram-se; muitas vezes, se não fosse a sua dedicação e coragem, a caravana não teria podido passar. Glenarvan não perdia de vista o jovem Roberto, a quem a idade e a vivacidade levavam a cometer as maiores imprudências. Paganel, esse avançava com fúria genuinamente francesa. Quanto ao major, só se mexia o preciso, nem mais nem menos, e elevava-se por um movimento insensível. Percebia ele que subia havia algumas horas? Não havia certeza disso. Talvez imaginasse descer.

Às cinco horas da manhã, os viajantes tinham chegado a uma altura de sete mil e quinhentos pés, determinada por observação barométrica. Achavam-se então sobre os planaltos secundários, último limite da região arborescente. Saltavam por ali alguns animais, que teriam causado a alegria ou feito a fortuna de um caçador; aqueles bichos ágeis bem conheciam isso, porque fugiam, e de longe, da aproximação do homem. Era o lama, animal precioso das montanhas, que substitui o boi, o carneiro, o cavalo, e vive onde não viveria a mula. Era a chinchila, pequeno roedor manso e tímido, de pele preciosa, que representa o meio termo entre a lebre e o geobosio, e ao qual as patas traseiras dão a aparência de um canguru. Nada mais belo do que ver este ligeiro animal correr sobre a copa das árvores à maneira de esquilo.

— Não é ainda um pássaro — observou Paganel —, mas também já não é um quadrúpede.

Entretanto, não eram estes os últimos habitantes da montanha. A nove mil pés, nos limites das neves perpétuas, viviam ainda, e aos bandos, ruminantes de incomparável beleza, a alpaca, de pelo curto e sedoso, depois aquela espécie de cabra sem chavelhos, ativa e airosa, cuja lã é tão fina, e a que os naturalistas chamaram vicunha. Mas ninguém podia sequer por pensamento aproximar-se dela, e já era muito poder vê-la; fugia, por assim dizer, como quem voa, e deslizava sem ruído sobre os lençóis de neve de deslumbrante alvura.

Àquela hora, o aspeto das regiões metamorfoseara-se completamente. Grandes pedaços de gelo, brilhantes, de uma cor azulada em certos declives, elevavam-se por todos os lados e refletiam os primeiros raios do sol. A subida tornou-se então muito perigosa. Não se avançava sem primeiro sondar o solo atentamente, a fim de se descobrirem as fendas. Wilson tomara a dianteira da fila, e com o pé tateava o chão das geleiras. Os companheiros avançavam exatamente sobre os vestígios dos seus passos e evitavam elevar a voz, porque o menor ruído, agitando as camadas do ar, podia causar a queda das massas de neve suspensas a setecentos ou oitocentos pés acima das suas cabeças.

Tinham chegado à região dos arbustos, os quais, duzentas toesas acima, cederam o lugar às gramíneas e aos catos. A onze mil pés, estas mesmas plantas abandonaram o solo árido, e todo o vestígio de vegetação desapareceu. Os viajantes só uma vez pararam, às oito horas, a fim de restaurarem as forças com uma frugal refeição, e, enchendo-se de coragem sobre-humana, tornaram a acometer a subida, arrostando perigos cada vez maiores. Foi-lhes preciso transpor agudas arestas e passar sobre abismos que a vista não se atrevia a sondar. Em muitos lugares, enfileiravam-se pela estrada, à maneira de balizas, cruces de madeira, que indicavam o lugar de multiplicadas catástrofes. Pelas duas horas, um imenso planalto, sem sinal de vegetação, uma espécie de deserto, estendeu-se entre dois picos escalvados. O ar estava seco, o céu de um azul

carregado; naquela altura, as chuvas são desconhecidas e os vapores só se desfazem em neve ou granizo. Em vários pontos, alguns picos de pórfiro ou de basalto furavam o branco sudário como os ossos de um esqueleto, e, de quando em quando, pedaços de quartzo ou de gneisse desprendidos pela ação do ar desabavam, fazendo um ruído cavo, que a atmosfera pouco densa tornava quase impercetível.

A pequena caravana, a despeito da sua coragem, estava exausta de forças. Vendo o cansaço dos companheiros, Glenarvan arrependeu-se de haver avançado tanto pela montanha. O jovem Roberto procurava reagir contra a fadiga, mas não podia ir longe.

Às três horas, Glenarvan parou.

— É preciso descansar um pouco — disse ele, porque bem viu que ninguém faria tal proposta.

— Descansar? — redarguiu Paganel. — Mas nós não temos abrigo.

— Contudo não podemos dispensá-lo, quanto mais não seja senão para Roberto.

— Mas não, milord — respondeu o corajoso mancebo —, posso ainda andar... Não parem.

— Transportar-te-emos, meu rapaz — replicou Paganel —, mas é preciso alcançar a vertente oriental. Desse lado talvez encontremos alguma choça de refúgio. Peço mais duas horas de marcha.

— É essa a opinião de todos? — perguntou Glenarvan.

— Sim — responderam os seus companheiros.

Mulrady acrescentou:

— Eu me encarrego da criança.

E tomaram a direção do oriente. Foram mais duas horas de uma ascensão terrível. Continuaram a subir para alcançarem as últimas cumeadas da montanha. A rarefação do ar produzia a opressão conhecida pelo nome de «puna». O sangue ressumava das gengivas e dos lábios por falta de equilíbrio, e talvez também sob a influência dos gelos, que a grande altura viciam a atmosfera. É preciso suprir a falta da sua densidade por frequentes inspirações, e ativar assim a circulação, o que não fatigava menos que a reverberação dos raios do sol sobre as chapas de neve. Apesar do muito que podia a vontade daqueles homens corajosos, chegou um momento em que os mais valentes desanimaram, e a vertigem, esse terrível mal das montanhas, aniquilou-lhes não só as forças físicas, mas também a energia moral. Não se reage impunemente contra fadigas assim. Dali a pouco tornaram-se frequentes as quedas, e, os que caíam, só avançavam arrastando-se de joelhos.

Ia o abandono das forças pôr um termo àquela subida muito prolongada e já Glenarvan

considerava com terror a imensidade das neves, o frio que elas derramavam naquela região funesta, a sombra que subia para os cumes desolados, a falta de abrigo para a noite, quando o major parou e anunciou, com a habitual tranquilidade:

— Uma choupana.

Capítulo 13 — Descida da Cordilheira

Qualquer outro que não fosse Mac-Nabs teria passado de lado, em roda, por cima até daquela choupana, sem suspeitar sequer da existência dela. Uma intumescência no lençol de neve era o que apenas a distinguia dos rochedos circunvizinhos. Foi preciso varrer a neve. Depois de meia hora de trabalho assíduo, Wilson e Mulrady conseguiram desembaraçar a entrada da «casucha», e os viajantes correram a aninhar-se dentro dela.

Construída pelos índios, a choupana era feita de adobes ou tijolos cozidos ao calor do sol; tinha a forma de um cubo de doze pés por face, e elevava-se sobre um grande pedaço de basalto. Uma escada de pedra conduzia à porta, única abertura daquele cubículo, e, apesar de muito estreita que era, os tufões, a neve ou o granizo sabiam muito bem abrir caminho por ela, quando os temporais se desencadeavam na montanha.

Podiam ali facilmente caber dez pessoas, e quando na estação das chuvas as suas paredes não se conservassem enxutas, naquela época, ao menos, quase livravam do frio intenso, que o termómetro indicava a dez graus abaixo de zero. Demais, uma espécie de chaminé, com um cano de tijolos mal unidos, permitiu acender lume e combater eficazmente a temperatura interior.

— Eis um abrigo suficiente — disse Glenarvan —, embora não ofereça grande conforto. Foi a Providência que nos trouxe aqui, e não podemos deixar de nos mostrar gratos para com ela.

— O que diz! — volveu Paganel —; isto é um palácio. Só faltam sentinelas e cortesãos. Ficamos aqui admiravelmente.

— Principalmente quando um bom lume flamejar no lar — ponderou Tom Austin —, porque, se temos fome, também não temos menos frio, parece-me, e da minha parte um bom feixe de lenha dava-me maior alegrão que um naco de caça, por bom que fosse.

— Pois bem, Tom — retorquiu Paganel —, tratar-se-á de arranjar combustível.

— Combustível no cume da Cordilheira! — exclamou Mulrady, abanando a cabeça com ar de dúvida.

— Visto que fizeram uma chaminé nesta cabana — observou o major — é porque há por aqui alguma coisa que queimar.

— O nosso amigo Mac-Nabs tem razão — afirmou Lord Glenarvan —; preparem tudo para a ceia. Vou fazer o officio de cortador de lenha.

— Eu e Wilson vamos acompanhá-lo — acudiu Paganel.

— Se têm precisão de mim... — ofereceu-se Roberto, levantando-se.

— Não; descansa, meu valente rapaz — replicou Glenarvan. — hás de ser um homem na idade em que os mais não passam de crianças!

Glenarvan, Paganel e Wilson saíram da cabana. Apesar da absoluta serenidade da atmosfera, o frio cortava. O azul do céu começava a escurecer e o sol iluminava de fugida os altos cabeços dos planaltos andinos. Tendo levado o barómetro, Paganel consultou-o e viu que o mercúrio se conservava a quatrocentos e noventa e cinco milímetros. A depressão da coluna barométrica correspondia a uma elevação de onze mil e setecentos pés. Esta região da Cordilheira tinha uma altura apenas inferior novecentos e dez metros ao Monte Branco. Se a Cordilheira apresentasse as dificuldades de que se achava eriçado o gigante da Suíça, se os tufões e turbilhões se desencadeassem contra eles, nenhum dos viajantes teria transposto a imensa cadeia montanhosa do Novo Mundo.

Chegando a um montículo de pórfiro, Glenarvan e Paganel dirigiram o olhar para todos os pontos do horizonte. Encontravam-se então no cume dos *nevados* da Cordilheira e dominavam uma área de quarenta milhas quadradas. Ao oriente, as vertentes desciam em rampas suaves por declives praticáveis, sobre os quais os peões se deixam deslizar numa extensão de muitas centenas de toesas. Ao longe, grandes fileiras longitudinais de pedras e de pedregulhos erráticos, arrastados pelo desabar das geleiras, formavam imensas linhas de cascalho. Já o vale do Colorado se afogava numa sombra ascendente, produzida pelo declinar do sol; as ondulações do terreno, as saliências, os picos, os cabeços, iluminados pelos seus raios, sumiam-se gradualmente, e a escuridão ia-se estabelecendo pouco a pouco em todo o declive oriental dos Andes. Ao ocidente, a luz iluminava ainda os contrafortes que sustentam a muralha a prumo das faldas ocidentais. Era deslumbrante o espetáculo das rochas e geleiras banhadas pela irradiação do astro do dia. Para a banda do norte ondulava uma sucessão de cimos, que insensivelmente se confundiam e formavam uma espécie de linha tremida, que fosse traçada por lápis inábil. A vista confundia-se ao relancear para aquele lado. Para o sul, pelo contrário, o espetáculo tornava-se esplêndido, e com o cerrar da noite ia tomar sublimes proporções. De facto, o olhar, mergulhando no selvático vale de Torbido, dominava Antuco, cuja cratera se escancarava a duas milhas de distância. O vulcão rugia como um monstro enorme, semelhante aos leviatões dos dias apocalípticos, e vomitava ardente fumaceira misturada com torrentes de um fulgor fuliginoso. O circuito de montanhas que o rodeava parecia em chamas; nuvens de pedras incandescentes, grandes rolos de vapores avermelhados, luminosos jatos de lava, saíam da cratera, formando feixes cintilantes. Um imenso clarão, que aumentava de momento para momento, um como

deslumbrante incêndio, enchia o vasto circuito das montanhas com as suas reverberações intensas, enquanto que o sol, perdendo pouco a pouco os clarões crepusculares, desaparecia como astro apagado nas sombras do horizonte.

Paganel e Glenarvan teriam ficado muito tempo a contemplar aquela magnífica luta dos fogos do céu e dos fogos da terra; os lenhadores improvisados cediam o lugar aos artistas; mas Wilson, menos entusiástico, chamou-os ao sentimento da realidade. Não havia lenha; porém, felizmente, um musgo seco e enfezado revestia os rochedos; apanharam ampla provisão dele, como também de certa planta chamada *llareta*, cuja raiz podia arder menos mal. Levando este precioso combustível para a choupana, amontoaram-no no lar. O lume custou a acender e principalmente a alimentar. O ar, muito rarefeito, não fornecia oxigénio suficiente; foi pelo menos a razão que o major apresentou.

— Em compensação — acrescentou ele — não haverá precisão de cem graus de calor para uma fervura; os que gostarem de café feito em água a cem graus serão obrigados a passar sem ele, porque nesta altura a ebulição manifestar-se-á a noventa graus .

Mac-Nabs não se enganava, e o termómetro, mergulhado na água da caldeira, quando esta ferveu, marcou apenas oitenta e sete graus. Foi com voluptuosidade que todos beberam alguns goles de café a ferver; quanto à carne salgada, pareceu insuficiente, o que sugeriu a Paganel uma reflexão tão sensata como inútil.

— Com a fortuna! — exclamou. — Devemos confessar que um naco de lama grelhado não era para desprezar. Dizem que este animal substitui o boi e o carneiro, e estimaria saber se é sob o ponto de vista alimentício!

— Como! — objetou o major — pois não está contente com a ceia, sapientíssimo Paganel?

— Estou encantado, meu caro major; contudo, confesso que um prato de veação seria muito bem-vindo.

— O senhor é um sibarita — disse Mac-Nabs.

— Aceito o qualificativo, major; mas o senhor, por mais que me diga, também não faria cara a qualquer bife.

— É provável — concordou o major.

— Se lhe pedissem que fosse esperar a caça, apesar do frio que faz, iria sem fazer reflexões?

— Com certeza, e se faz nisso gosto...

Não tinham tido tempo os companheiros de Mac-Nabs de lhe agradecer e pôr termo aos seus oferecimentos, quando se ouviram uivos distantes. Prolongavam-se por muito tempo. Não eram

gritos de animais isolados, mas de bando que se aproximava com rapidez. A Providência, depois de ter fornecido o abrigo, queria fornecer a ceia? Foi a reflexão que o geógrafo fez. Mas Glenarvan diminuiu-lhe um pouco a alegria, observando-lhe que os quadrúpedes da Cordilheira nunca se encontram em zona tão elevada.

— Então donde vem este ruído? — perguntou Tom Austin. — Ouvem como ele se aproxima?

— Uma avalanche? — lembrou Mulrady.

— Não pode ser! São verdadeiros uivos — replicou Paganel.

— Vejamos — disse Glenarvan.

— E vejamos como caçadores — acrescentou o major, que pegou na carabina.

Todos correram para fora da «casucha». A noite cerrara-se completamente; estava sombria e constelada. A lua ainda não mostrava o disco meio chanfrado da sua última fase. Os cumes do norte e do oriente desapareciam nas trevas e o olhar apenas distinguia o perfil fantástico de alguns rochedos, que ficavam superiores àquele ponto. Os uivos — uivos de animais aterrados — redobravam. Vinham da parte tenebrosa da Cordilheira. O que se passava? De súbito desabou uma avalanche furiosa, não de neve, mas de seres animados e cheios de terror. Toda a planura pareceu estremecer. Estes animais vinham aos centos, aos milhares talvez, e, apesar da rarefação do ar, produziam um ruído de ensurdecer. Seriam gamos ou veados dos Pampas, ou apenas um bando de lamas ou vicunhas?

Glenarvan, Mac-Nabs, Roberto, Austin e os dois marinheiros mal tiveram tempo de se deitar no chão, enquanto este turbilhão vivo passava alguns pés acima deles. Paganel, que, na sua qualidade de nictalope, se conservava de pé para ver melhor, foi derrubado num abrir e fechar de olhos.

Naquele momento soou a detonação de uma arma de fogo. O major atirara ao monte. Pareceu-lhe que um animal caía a alguns passos dele, enquanto todo o bando, levado pelo seu ímpeto irresistível e redobrando os bramidos, desaparecia nos declives iluminados pelo reflexo do vulcão.

— Ah! Apanhei-os — disse uma voz: a voz de Paganel.

— E o que foi que apanhou? — perguntou Glenarvan.

— Os meus óculos, ora essa! Num tumulto destes é o menos que se pode perder!

— Não ficou ferido?...

— Não, um pouco espezinhado. Mas por quem?

— Por isto — respondeu o major, arrastando consigo o animal que abatera.

Todos se apressaram a voltar para a choupana e ao clarão do lume examinaram a peça de

caça em que o major empregara o tiro.

Era um bonito animal, parecido com um camelo sem bossa; tinha cabeça delicada, corpo achatado, pernas compridas e franzinas, pelo fino cor de café com leite, e a parte inferior do ventre malhada de branco. Apenas Paganel olhou para ele, exclamou:

— Um guanaco!

— Que é um guanaco? — perguntou Glenarvan.

— Um animal que se come — respondeu Paganel.

— E é bom?

— Saboroso: um manjar do Olimpo. Bem sabia que havíamos de ter carne fresca para a ceia. E que carne! Mas quem vai preparar o animal?

— Eu — respondeu Wilson.

— Bem, eu me encarrego de o grelhar — acrescentou Paganel.

— Então é cozinheiro, Sr. Paganel? — interrogou Roberto.

— Pudera, meu rapaz, pois se sou francês! Num francês encontra-se sempre um cozinheiro.

Cinco minutos depois, Paganel colocava grandes pedaços de caça sobre as brasas produzidas pelas raízes de *llareta*. Dali a dez minutos servia aos companheiros aquela apetitosa carne, sob o nome de «filetes de guanaco». Ninguém fez cerimónia e deitaram-se todos a ela com vontade.

Mas, com imensa estupefação do geógrafo, uma careta geral, acompanhada de um «irra!» unânime, acolheu o primeiro pedaço.

— É horrível! — exclamou um.

— Isto não se pode comer! — ajuntou outro.

Apesar de tudo, o pobre sábio não teve remédio senão concordar em que o tal grelhado não podia ser aceite nem sequer por gente esfomeada. Começaram a dirigir-lhe alguns gracejos, a zombar do seu *manjar do Olimpo*, gracejos com que aliás ele não se escandalizou; procurou até a razão por que a carne de guanaco, excelente deveras e muito estimada, se tornara detestável nas suas mãos, quando uma súbita reflexão lhe acudiu à mente.

— Achei — exclamou ele. — Com a fortuna! Achei, achei!

— Seria o animal já velho? — perguntou sossegadamente o major.

— Não, major intolerante, mas animal que andou muito! Como pude esquecer semelhante coisa?

— Que quer dizer, Sr. Paganel? — perguntou Tom Austin.

— Quero dizer que o guanaco não é bom senão quando morto em repouso; se se leva muito

tempo a caçá-lo, se é perseguido em grande extensão, a carne não se pode comer. Posso, por conseguinte, afirmar, em vista do seu gosto, que o animal vinha de longe e portanto o rebanho inteiro.

— Está certo disso? — inquiriu Glenarvan.

— Absolutamente certo.

— Mas que acontecimento, que fenómeno poderia assim assustar esses animais e fazê-los correr a uma hora em que deveriam repousar na toca?

— A isso, meu caro Glenarvan, torna-se-me impossível responder. Se quer um conselho, vamos dormir sem cismar mais tempo. Pela minha parte, estou a cair de sono. Vamos dormir, major?

— Durmamos, Paganel.

Dito isto, cada qual se embrulhou no seu poncho, depois de atizarem o fogo para toda a noite, e dali a pouco, em todos os tons e todos os ritmos, elevaram-se formidáveis ronquidos, no meio dos quais o baixo profundo do sábio geógrafo sustentava o edifício harmonioso.

Só Glenarvan não dormiu. Uma secreta inquietação o conservava em estado de insónia fatigante. Pensava involuntariamente no bando que fugia em direção comum, no seu terror inexplicável. Os guanacos não podiam ser perseguidos por veados ou gamos. Naquela altura estes animais não aparecem, e menos ainda caçadores. Que terror os precipitava para os abismos de Antuco? Glenarvan tinha o pressentimento de um perigo próximo.

Entretanto, sob a influência de uma quase modorra, as suas ideias foram-se modificando, e aos receios sucedeu a esperança. Imaginou-se no dia seguinte em meio da planície dos Andes. Era ali que verdadeiramente deviam começar as pesquisas, e o êxito não vinha longe. Pensou no capitão Grant, nos seus marinheiros livres de uma dura escravidão. Estas imagens perpassavam-lhe rapidamente pelo espírito, distraído a cada momento por um espirro do lume, por uma faísca que estalava no ar, por uma chama vivamente oxigenada, que iluminava a face adormecida dos seus companheiros e agitava alguma sombra fugitiva sobre as paredes da cabana. Em seguida, os pressentimentos voltavam com mais intensidade. Punha-se então a escutar vagamente os ruídos exteriores, difíceis de explicar naqueles cumes solitários.

Houve um momento em que julgou surpreender roncões subterrâneos, longínquos, surdos, ameaçadores, como os ribombos de uma trovoadas que não viesse do céu. Ora, tais roncões não podiam provir senão de uma tempestade que se houvesse desencadeado nas faldas da montanha, a alguns mil pés abaixo do seu cume. Glenarvan quis verificar o facto e saiu.

Assomava no horizonte a lua. A atmosfera estava límpida e serena. Não se via uma nuvem

nem abaixo nem acima do cume. Apenas se observavam em alguns pontos os reflexos movediços das chamas de Antuco. Nenhum relâmpago, nenhum indício de tempestade se apercebia. No zénite cintilavam milhares de estrelas. E contudo os roncões continuavam; pareciam aproximar-se e correr atrás da Cordilheira. Glenarvan recolheu-se mais inquieto, perguntando a si mesmo que relação podia existir entre os ruídos subterrâneos e a fuga dos guanacos. Haveria naqueles fenómenos efeito e causa? Consultou o relógio, que indicava duas horas da manhã.

Mas, como não tinha a certeza de um perigo iminente, não acordou os companheiros, a quem a fadiga mergulhara em sono profundo, e ele mesmo caiu numa sonolência que durou muitas horas.

De repente, ruídos violentos fizeram-no pôr de pé num pulo. Era um estrondo de ensurdecer, comparável ao ruído desigual e espaçado de um trem de artilharia rodando sobre chão sonoro. No mesmo instante Glenarvan sentiu o solo faltar-lhe debaixo dos pés; viu a cabana oscilar e entreabrir-se.

— Alerta! — gritou.

Os seus companheiros, que tinham acordado e caído uns por cima dos outros, deslizavam sobre um íngreme declive. O dia despontava; a cena era aterradora. A forma das montanhas mudava subitamente; os cones truncavam-se; os cabeços vacilantes desapareciam como se por debaixo deles se abrisse um alçapão. Por efeito de um fenómeno muito particular da Cordilheira, um pedaço de montanha, do tamanho de muitas milhas, deslocava-se inteiro e deslizava em direção à planície.

— Um tremor de terra! — exclamou Paganel.

Não se enganava. Era um dos cataclismos frequentes na orla montanhosa do Chile, e exatamente na região onde Copiapo foi duas vezes destruída e Santiago derrubada quatro vezes em catorze anos. Esta parte do Globo é convulsionada pelos fogos da terra, e os vulcões da Cordilheira oferecem poucas válvulas à saída dos vapores subterrâneos. Daqui provêm estes abalos incessantes conhecidos pelo nome de «temblores».

Entretanto, o pedaço de montanha a que se agarravam sete homens, atordoados, aterrados, seguros apenas aos montículos de musgo, escorregava com a rapidez de um expresso, isto é, com a velocidade de cinquenta milhas por hora. Não era possível um grito, um movimento para fugirem ou se afastarem. Não se poderiam entender se falassem. Os rumores interiores, o estrondo das avalanchas que desabavam, o choque das massas de granito ou de basalto, os turbilhões de neve pulverizada tornavam impossível qualquer comunicação. Uma vez, o

pedaço da montanha resvalava sem tombos nem encontrões; outras, apoderando-se dele um movimento de balanço e arfagem como a tolda de um navio sacudido por grossa vaga, costeando abismos nos quais caíam pedaços de rocha, arrancando árvores seculares pela raiz, nivelava com a precisão de imensa foice todas as desigualdades da vertente oriental.

Imagine-se a potência de uma massa do peso de muitos milhões de toneladas, arremessada com violência sempre crescente por um ângulo de cinquenta graus.

Ninguém poderia avaliar o tempo que durava aquela queda indescritível. Em que abismo iria parar ninguém ousaria prever. Se todos ainda estavam vivos, ou se já algum jazia no fundo de um desfiladeiro, ninguém o sabia. Sufocados pela velocidade da carreira, gelados pelo ar frio que os penetrava, cegos pelos turbilhões de neve, arquejavam, aniquilados, quase inanimados, e agarravam-se às rochas por um supremo instinto de conservação.

De repente, um choque de incomparável violência arrancou-os do seu veículo escorregadio. Foram arremessados para a frente e rolaram sobre as últimas escarpas da montanha. O pedaço deslocado parara de súbito.

Durante alguns minutos ninguém se moveu. Afinal um deles levantou-se, atordoado pelo choque, mas firme ainda — o major. Sacudiu a poeira que o cegava e depois olhou em torno de si. Os seus companheiros, estendidos, num círculo limitado, como os grãos de chumbo de uma espingarda, estavam caídos uns sobre os outros.

O major contou-os. Todos, menos um, jaziam por terra. O que faltava era Roberto Grant.

Capítulo 14 — Um Tiro de Espingarda Dirigido Pela Providência

A vertente oriental dos Andes é composta de extensos declives, que vão insensivelmente perder-se na planície, sobre a qual uma porção da montanha parara subitamente. Nessa nova região, coberta de abundantes pastagens, povoada de árvores magníficas, um incalculável número de macieiras plantadas no tempo da conquista ostentavam os dourados frutos e formavam verdadeiras florestas. Era um pedaço da Normandia para ali transportado, e em qualquer outra circunstância o viajante teria feito reparo naquela transição súbita do deserto para o oásis, dos cimos nevados para os prados vicejantes, do inverno para o verão.

Demais, o solo recaíra na imobilidade absoluta. O tremor de terra parara, e decerto que as forças subterrâneas exerciam mais além a sua ação devastadora, porque a cordilheira dos Andes está sempre nalgum lugar agitada e trémula. Desta vez a comoção tinha sido de uma violência extrema. O contorno superior das montanhas achava-se completamente modificado. Um novo panorama de cimos, de arestas, de cabeços, delineava-se sobre o fundo azul do céu, e o guia dos Pampas debalde ali teria procurado as balizas do costume.

Tudo anunciava um dia magnífico; os raios do sol, que surgira do seu húmido leito do Atlântico, deslizavam sobre as planícies argentinas e mergulhavam já nas águas do outro oceano, o Pacífico. Eram oito horas da manhã.

Reanimados pelos cuidados do major, Lord Glenarvan e seus companheiros foram tornando a si pouco a pouco. Afinal haviam sentido um terrível atordoamento e nada mais. A Cordilheira descera, e só teriam que se congratular por um meio de locomoção todo à custa da natureza, se um deles, o mais fraco, uma criança, Roberto Grant, não faltasse ao chamamento.

Todos amavam aquele corajoso jovem; Paganel, que particularmente se lhe afeiçoara, o major, apesar da sua frieza, e principalmente Glenarvan. O lord, quando soube da desapareição de Roberto, ficou desesperado. Imaginou a pobre criança caída nalgum abismo e invocando com brados inúteis aquele a quem chamava seu segundo pai.

— Meus amigos, meus amigos — disse ele, mal contendo as lágrimas —, é preciso procurá-lo, é preciso achá-lo! Não podemos abandoná-lo assim! Não há vale, precipício, abismo, que não deva ser esquadrihado até ao fundo! Amarrar-me-ão com uma corda, e eu descerei! Quero, entendem-me? Quero! Permita Deus que Roberto respire ainda! Sem ele, como nos atreveríamos a apresentar-nos a seu pai, e com que direito havemos de salvar o capitão Grant, se a sua

salvação custou a vida do filho!

Os companheiros de Glenarvan escutavam-no sem responder; sentiam que ele procurava nos seus olhares algum raio de esperança, e baixavam os olhos.

— Então — insistiu Glenarvan —, ouviram-me? Calam-se! Já não lhes resta esperança alguma!

Houve um momento de silêncio; em seguida, Mac-Nabs tomou a palavra e interrogou:

— Quem se lembra, meus amigos, do momento em que Roberto desapareceu?

A esta pergunta ninguém deu resposta.

— Ao menos — tornou o major — dir-me-ão de quem estava próximo na ocasião da descida da Cordilheira?

— Estava junto a mim — respondeu Wilson.

— Bem, até que momento o viste junto de ti? Faz por te lembrar. Fala.

— Eis tudo de que me lembro — prosseguiu Wilson. — Roberto Grant estava ainda a meu lado, com a mão aferrada a um montículo de musgo, dois minutos antes do choque que pôs termo à nossa descida.

— Dois minutos antes! Toma sentido, Wilson, os minutos devem ter-te parecido bem longos! Não te enganas?

— Não creio que me engane... É isso, é... menos de dois minutos!

— Bem — disse Mac-Nabs. — E Roberto achava-se à tua esquerda ou à tua direita?

— À minha esquerda. Lembra-me que o seu poncho me batia na cara.

— E tu, em relação a nós, estavas colocado?...

— Também à esquerda.

— Portanto, Roberto só pode ter desaparecido deste lado — concluiu o major, voltando-se para a parte da montanha compreendida entre o solo e duas milhas de altura. — É aí que é preciso procurá-lo, dividindo-nos por diferentes zonas, e é aí que havemos de achá-lo!

Não se proferiu nem mais uma palavra. Os seis homens, subindo as rampas, postaram-se em escalão pelo dorso da montanha e começaram a exploração. Não se afastavam do lado direito da linha por onde tinham descido, e esquadrihavam as menores fendas, desceram ao fundo dos precipícios, em parte atulhados pelos destroços do desabamento, e mais de um dos exploradores, depois de haver arriscado a vida, de lá saía com o fato feito pedaços, as mãos e os pés ensanguentados. Toda aquela porção dos Andes, exceto alguns planaltos inacessíveis, foi escrupulosamente esquadrihada durante muitas horas, sem que nenhum daqueles homens intrépidos se lembrasse do repouso. Inúteis pesquisas: a criança não só encontrara a morte na

montanha, como também um túmulo, cuja tampa, feita de algum enorme rochedo, para sempre se fechara sobre ela.

Por volta da uma hora, Glenarvan e os seus companheiros, prostrados, mortos de cansaço, achavam-se outra vez no fundo do vale. Glenarvan entregara-se a violento desespero; pouco falava, e dos lábios saíam-lhe estas únicas palavras, cortadas de suspiros:

— Não me irei daqui! Não me irei daqui!

Todos compreenderam esta obstinação, que se tornara numa ideia fixa, e respeitaram-na.

— Esperemos — disse Paganel ao major e a Tom Austin. — Tomemos algum descanso, e reparemos as forças. Temos precisão delas, quer para tornarmos a começar as nossas pesquisas, quer para continuarmos o nosso caminho.

— Justo — replicou Mac-Nabs — e fiquemos, visto que Edward quer ficar! Espera! Mas que espera ele?

— Deus o sabe — disse Tom Austin.

— Pobre Roberto! — exclamou Paganel, enxugando as lágrimas.

No vale cresciam grande número de árvores. O major escolheu um grupo de alfarrobeiras muito elevadas, debaixo das quais fez estabelecer um acampamento provisório. Algumas coberturas, as armas, uma pouca de carne seca e arroz, eis o que restava aos viajantes. Um rio corria pouco distante dali, o qual forneceu uma água ainda turva por efeito do último desabamento das neves. Mulrady acendeu lume e momentos depois oferecia a seu amo uma bebida quente e confortativa. Mas Glenarvan recusou-a e ficou estendido no poncho, em grande prostração.

Passou-se assim o dia. Chegou a noite, serena e tranquila como a precedente. Enquanto os seus companheiros jaziam na imobilidade, Glenarvan tornou a subir pela Cordilheira. Ia com o ouvido à escuta, esperando deste modo que um último brado lhe chegasse ao alcance. Aventurou-se ao longe, pelas alturas, só, pondo o ouvido no chão, escutando e comprimindo as palpitações do coração, chamando com voz desesperada.

Durante a noite toda, o pobre lord vagueou pela montanha. Umaz vezes Paganel, outras o major, seguiam-no, prontos a socorrê-lo nas cristas escorregadias e à borda dos abismos para onde o atraía a sua inútil imprudência. Foram, porém, estéreis os seus últimos esforços, e aos gritos, milhares de vezes repetidos, de «Roberto! Roberto!» o eco só respondeu repetindo aquele tão chorado nome.

Rompeu o dia. Foi preciso ir buscar Glenarvan aos pontos elevados da montanha, e, contra vontade dele, trazê-lo para o acampamento. Era horrível o seu desespero. Quem ousaria falar-

lhe em partir e propor-lhe o abandono daquele vale funesto? Contudo, os víveres escasseavam. Não muito longe dali deviam encontrar-se os guias argentinos anunciados pelo arrieiro e os cavalos necessários para se atravessarem os Pampas. Voltar para trás oferecia mais dificuldade do que continuar a avançar. E, demais, era no Atlântico que fora combinado o encontro com o «Duncan». Todas estas razões graves não consentiam em demora maior e, no interesse de todos, a hora da partida não se podia adiar.

Foi Mac-Nabs quem tentou arrancar Glenarvan à sua dor. Falou por muito tempo, sem que o amigo parecesse ouvi-lo. Glenarvan abanava a cabeça. Afinal, algumas palavras lhe entreabriram os lábios.

— Partir? — disse ele.

— Sim, partir!

— Mais uma hora!

— Pois seja mais uma hora — anuiu o digno major.

E, decorrido o espaço que se combinara, Glenarvan pediu por favor ainda uma hora mais. Dir-se-ia um condenado pedindo a prolongação da existência. Assim estiveram até quase ao meio-dia. Então Mac-Nabs, seguindo o parecer de todos, não hesitou mais e disse a Glenarvan que era preciso partir e que a vida dos seus companheiros dependia de uma pronta resolução.

— Sim! Sim! — volveu Glenarvan. — Partamos! Partamos!

Mas, assim falando, desviava os olhos de Mac-Nabs; o seu olhar fixava um ponto negro nos ares. De repente ergueu a mão, que lhe ficou imóvel como se estivesse petrificada.

— Acolá, acolá — indicou ele. — Vejam! Vejam!

Todos os olhares se dirigiram para o céu e na direção tão imperiosamente indicada. O ponto negro aumentava de volume. Era um pássaro que pairava a incomensurável altura.

— Um condor! — informou Paganel.

— Sim, um condor — confirmou Glenarvan. — Quem sabe? Vem! Desce! Esperemos!

Que esperava Glenarvan? Acaso desvairava? «Quem sabe?», dissera ele. Paganel não se enganara. O condor tornava-se a cada momento mais visível. Esta ave magnífica, reverenciada outrora dos Incas, é o rei dos Andes meridionais. Tem força prodigiosa e muitas vezes precipita bois inteiros no fundo dos abismos. Ataca os carneiros, os cabritos, os pequenos vitelos que vagueiam pelas planícies, e eleva-os nas garras a grandes alturas. Não é raro vê-la pairar a vinte mil pés acima do solo, isto é, no limite que o homem não pode ultrapassar. Desta altura, invisível às melhores vistas, o rei dos ares relanceia olhar penetrante para as regiões terrestres e distingue os mais pequenos objetos com uma potência visual que espanta os naturalistas.

Que tinha então visto o condor? Um cadáver, o de Roberto Grant! «Quem sabe?» repetia Glenarvan, sem o perder de vista. O enorme pássaro aproximava-se, ora peneirando-se, ora caindo com a velocidade dos corpos inertes abandonados no espaço. Bem depressa começou a descrever grandes círculos de longo raio a menos de cem toesas do solo. Distinguiam-no perfeitamente. Media mais de quinze pés de uma asa à outra. Estes potentes apêndices sustentavam-no sobre o fluido aéreo quase sem baterem, porque é próprio das grandes aves voar com majestosa tranquilidade, enquanto aos insetos, para se sustentarem nos ares, são precisos mil movimentos de asas por segundo.

O major e Wilson tinham lançado mão das carabinas. Glenarvan deteve-os com um gesto. O condor rodeava com os círculos descritos pelo seu voo uma espécie de planalto inacessível situado a um quarto de milha das faldas da Cordilheira. Girava com vertiginosa rapidez, abrindo e fechando as temíveis garras e sacudindo a crista cartilaginosa.

— É acolá! Acolá! — bradou Glenarvan.

Depois, subitamente, acudiu-lhe uma ideia.

— Se Roberto ainda está vivo! — exclamou, soltando um terrível grito. — Este pássaro... Fogo, amigos, fogo!

Era, porém, já tarde. O condor desaparecera por detrás de umas elevações da rocha. Decorreu um segundo que o ponteiro deveu ter levado um século a marcar!

Depois o enorme pássaro reapareceu extremamente carregado e elevando-se com mais pesado voo.

Ouviu-se um grito de horror. Suspenso das garras da ave balouçava um corpo inanimado, o de Roberto Grant. O pássaro gigantesco elevava-o pelo fato, e balouçava-se nos ares a menos de cento e cinquenta pés acima do acampamento; avistara os viajantes e, diligenciando fugir com a pesada presa, agitava violentamente com as asas as camadas atmosféricas.

— Ah! — exclamou Glenarvan — antes o cadáver de Roberto Grant se despedace sobre os rochedos do que sirva...

Não concluiu, e, agarrando na carabina de Wilson, procurou fazer pontaria ao condor. Mas o braço tremia-lhe. Não podia firmar a arma. Turvava-se-lhe a vista.

— Deixe-me a mim atirar — pediu o major.

E com o olhar firme, mão segura, apontou para a ave, que se achava já a trezentos pés de distância dele.

Mas não tinha dado ainda ao gatilho quando ecoou no fundo do vale a detonação de uma carabina; de entre dois pedaços de basalto subiu uma espiral de fumo alvacentos, e o condor,

ferido na cabeça, foi caindo vagarosamente, sustentado pelas grandes asas abertas, que formavam para-quedas. Não largara a presa, e foi com alguma lentidão que tocou em terra, a dez passos da borda do rio.

— Acudam! Acudam! — gritou Glenarvan.

E, sem indagar de onde partira o tiro providencial, correu precipitadamente para o condor. Os companheiros foram atrás dele.

Quando chegaram, o condor estava morto e Roberto desaparecia sob as enormes asas. Glenarvan lançou-se sobre o corpo do jovem, arrancou-o às garras do pássaro, estendeu-o sobre a erva e encostou o ouvido ao peito daquele corpo inanimado.

Nunca mais formidável grito de alegria se escapou de lábios humanos do que naquele momento em que Glenarvan se ergueu e anunciou:

— Vive! Vive ainda!

Num abrir e fechar de olhos, Roberto foi despojado das suas vestes e o seu rosto banhado com água fresca.

Fez um movimento, abriu os olhos e, atentando em redor, proferiu as seguintes palavras:

— Ah! É milord... meu pai!...

Glenarvan não pôde responder; sufocava-o a comoção, e, ajoelhando, pôs-se a chorar junto do mancebo tão milagrosamente salvo.

Capítulo 15 — O Espanhol de Jacques Paganel

Depois do perigo imenso a que acabava de escapar, correu o jovem outro não menor, o de ser devorado por carícias. Apesar de estar muito fraco, nenhuma daquelas excelentes criaturas resistiu ao desejo de o apertar contra o coração. É para crer que abraços daqueles, por apertados que sejam, não fazem mal aos doentes, porque Roberto não morreu, e, pelo contrário, pareceu melhorar.

Porém, depois do salvado pensou-se no salvador, e, como era natural, foi o major que se lembrou de olhar em volta de si. A cinquenta passos dali, um homem de estatura muito elevada erguia-se imóvel sobre uma das primeiras chapadas da montanha. Jazia-lhe aos pés uma comprida espingarda. Este homem, aparecido de súbito, tinha uns ombros largos e cabelos compridos e enlaçados com cordões de ouro. A sua estatura excedia seis pés. O rosto, de cor bronzeada, estava pintado de vermelho entre os olhos e a boca, de negro na pálpebra inferior e de branco na testa. Trajando à moda dos patagões das fronteiras, o indígena trazia um esplêndido manto decorado de arabescos vermelhos, feito das pernas e da parte superior do pescoço de um guanaco, cosido com tendões de avestruz, e cuja lã sedosa estava voltada para a banda de dentro. Por baixo do manto trajava uma veste de peles de raposa, apertada na cintura, que por diante terminava em ponta. Da cintura pendia-lhe um saquinho contendo ar, tintas que lhe serviam para pintar o rosto. Calçava botas feitas de um pedaço de couro de boi e seguras no tornozelo por meio de correias cruzadas regularmente.

O rosto do patagão era imponente e denotava verdadeira inteligência, apesar da mistura exótica de cores que o enfeitavam. Estava numa atitude de expectativa, cheia de dignidade. Ao vê-lo imóvel e grave no seu pedestal de rochedos, seria fácil tomá-lo pela estátua do sangue-frio.

Assim que o major deu pelo desconhecido, mostrou-o a Glenarvan, que correu para ele. O patagão deu dois passos à frente. Glenarvan pegou-lhe na mão e apertou-a entre as suas. Havia no olhar do lord, na dilatação da sua fisionomia, um tal sentimento de gratidão, uma tal expressão de reconhecimento, que o indígena não se pôde iludir. Inclinou brandamente a cabeça, e pronunciou algumas palavras, que nem o major nem o seu amigo puderam compreender.

Então o patagão, depois de atentamente olhar para os estrangeiros, mudou de linguagem; mas, a despeito dos seus esforços, o novo idioma não foi compreendido melhor que o primeiro.

Contudo, certas expressões de que o indígena se serviu chamaram a atenção de Glenarvan. Pareceu-lhe que pertenciam à língua espanhola, da qual conhecia algumas palavras usuais.

— Espanhol? — perguntou ele.

O patagão meneou a cabeça em direção vertical, movimento que tem a mesma significação afirmativa em todos os povos.

— Bem — exclamou o major —, aí temos tarefa da competência do nosso amigo Paganel. Felizmente que ele teve a ideia de aprender espanhol.

Chamaram Paganel. Acudiu logo e cumprimentou o patagão com uma elegância puramente francesa, que provavelmente passou despercebida ao indígena. O geógrafo foi inteirado da situação.

— Muito bem — disse ele.

E abrindo muito a boca, a fim de articular melhor as palavras, começou:

— *O senhor é um homem de bem!*

O indígena apurou o ouvido, e não respondeu.

— Não compreende — disse o geógrafo para os companheiros.

— Talvez que o senhor não pronuncie bem — lembrou o major.

— Tem razão. Demónio da pronúncia.

E Paganel tornou a proferir o seu cumprimento. Obteve o mesmo resultado.

— Mudemos de frase — disse ele, e, pronunciando as palavras com magistral lentidão, fez ouvir o seguinte: — *É sem dúvida patagão?*

O outro conservou-se silencioso como até ali.

— *Responda-me* — acrescentou Paganel.

O patagão ainda desta vez não respondeu.

— *Compreende?* — bradou Paganel com tal violência que pouco faltou para deteriorar as cordas vocais .

Era fora de dúvida que o índio não entendia, porque respondeu, mas em espanhol:

— *No comprendo.*

Desta vez foi Paganel quem ficou espantado, e puxou com precipitação os óculos da testa para os olhos como homem irritado.

— Que me enforcem se entendo palavra de tão infernal embrulhada! É com certeza língua da Araucanía!

— Mas não — retorquiu Glenarvan —, esse homem respondeu por certo em espanhol.

E, voltando-se para o patagão, inquiriu:

— *Espanhol?*

— *Si si!* — respondeu o indígena.

O espanto de Paganel tornou-se em estupefação. O major e Glenarvan olharam um para o outro de soslaio.

— Mas venha cá, meu sábio amigo — disse o major ao mesmo tempo que um leve sorriso se lhe esboçava nos lábios —, acaso cometeria alguma dessas distrações de que me parece ter o monopólio?

— O quê! — exclamou o geógrafo, apurando o ouvido.

— Sim! É evidente que este patagão fala espanhol...

— Ele!

— Sim! Dar-se-ia o caso de que o amigo estudasse uma outra língua, julgando estudar...

Mac-Nabs não concluiu. Um «oh!» formidável do sábio, acompanhado de um leve encolher de ombros, atalhou-lhe a frase.

— Major, o senhor vai um pouco longe — replicou Paganel, em tom bastante seco.

— Em suma, visto que não compreende! — observou Mac-Nabs.

— Não compreendo porque este indígena fala mal! — retorquiu o geógrafo, que principiava a impacientar-se.

— Quer dizer que ele fala mal porque o senhor não o compreende —olveu o major com tranquilidade.

— Mac-Nabs — disse então Glenarvan —, é essa uma suposição inadmissível. Por distraído que seja o nosso amigo Paganel, não se pode supor que as suas distrações chegassem a ponto de estudar uma língua por outra.

— Então, meu caro Edward, ou, antes, meu caro Paganel, explique-me o que se está passando.

— Não explico — respondeu Paganel —, comprovo. Eis o livro onde todos os dias me exercito nas dificuldades da língua espanhola! Examine-o, major, e verá se o engano!

Dito isto, Paganel vasculhou nas suas numerosas algibeiras, puxou de um volume em muito mau estado, e apresentou-o com ar seguro. O major pegou no livro e examinou-o.

— Mas, muito bem, que obra é esta? — perguntou ele.

— São «Os Lusíadas» — explicou Paganel —, uma admirável epopeia, que...

— «Os Lusíadas»! — exclamou Glenarvan.

— Sim, meu amigo, «Os Lusíadas» do grande Camões, nem mais nem menos!

— Camões — repetiu Glenarvan —, mas, meu desgraçado amigo, Camões é português. É

portanto a língua portuguesa que o senhor aprende há algumas semanas.

— Camões! «Lusíadas»! Português!...

Paganel nada mais pôde dizer. Os olhos turvaram-se-lhe por baixo dos óculos, ao mesmo tempo que uma gargalhada homérica lhe soava aos ouvidos, porque todos os seus companheiros o rodeavam.

O patagão não pestanejava. Esperava com toda a paciência a explicação de um acidente que para ele era absolutamente incompreensível.

— Ah! Insensato! Louco! — disse afinal Paganel. — Como? Pois é verdade! Não é uma invenção para divertimento nosso? Pois eu, eu fiz isso? É então a confusão das línguas como uma antiga Babel! Ah! Meus amigos! Meus amigos! Partir para as Índias e chegar ao Chile! Estudar espanhol e falar português! É forte, e se isto continua assim, um dia sucede que me deito da janela abaixo em vez de deitar o charuto! Isto é incompreensível!

Ao ver Paganel encarar assim a sua desventura, ao ver-lhe o desespero cómico, era impossível conservar a seriedade. Demais, ele dava o exemplo.

— Riam, meus amigos, riam com vontade! Nunca hão de rir tanto como eu mesmo me rio!

E fez ouvir a mais formidável gargalhada que jamais saiu da boca de um sábio.

— A verdade é que afinal estamos sem intérprete — observou o major.

— Oh! Não se aflijam — redarguiu Paganel —; o português e o espanhol parecem-se de tal modo que até eu me enganei; mas também a semelhança me servirá para prontamente reparar o meu erro, e dentro em pouco estarei apto para agradecer a este digno patagão na língua que ele fala tão bem.

Paganel tinha razão, porque pouco tardou que pudesse trocar algumas palavras com o indígena! Chegou até a saber que ele se chamava Thalcave, palavra que na língua araucana significava «Trovejante».

Este sobrenome provinha decerto da sua perícia no manejo das armas de fogo.

Mas do que principalmente Glenarvan deu o parabém a si mesmo foi de saber que o patagão exercia o ofício de guia, e guia dos Pampas. Havia nesse encontro alguma coisa tão providencial que o êxito da empresa tomava já o carácter de um facto consumado, e ninguém pôs em dúvida a salvação do capitão Grant.

Entretanto, tinham os viajantes e o patagão voltado para junto de Roberto. O jovem estendeu os braços para o indígena, que, sem pronunciar palavra, lhe pôs a mão na cabeça. Examinou-o e apalpou-lhe os membros doloridos. Em seguida, sorrindo, foi colher nas margens do rio alguns punhados de aipo silvestre com que friccionou o corpo do doente. Graças a este tratamento,

feito com extrema delicadeza, o jovem sentiu renascerem-lhe as forças, e tornou-se evidente que bastariam algumas horas de repouso para completamente se restabelecer.

Resolveu-se que aquele dia e a noite seguinte se passassem no acampamento. Além disso, duas graves questões havia a resolver: uma a respeito do transporte, outra a respeito do alimento. Faltavam mulas e víveres. Felizmente achava-se ali Thalcave. Este guia, habituado a conduzir os viajantes ao longo das fronteiras patagãs, e um dos mais inteligentes «baqueanos» do país, encarregou-se de fornecer a Glenarvan tudo o que faltava à sua pequena caravana. Ofereceu-se para o conduzir a uma «tolderia» de índios, distante dali quatro milhas o muito, onde se encontrava o necessário à expedição. A proposta fez-se metade por gestos, metade por palavras espanholas, que Paganel conseguiu compreender. Foi aceite. No mesmo instante, Glenarvan e o seu sábio amigo, despedindo-se dos seus companheiros, tornaram a subir o rio conduzidos pelo patagão.

Marcharam apressadamente durante hora e meia e com passadas bem largas para poderem acompanhar o gigante Thalcave. Toda esta região andina era encantadora e de fertilidade admirável. As pastagens abundantes seguiam-se umas às outras, e poderiam sem grande custo alimentar um rebanho de cem mil ruminantes. Lagos imensos, ligados entre si pela rede inextricável dos rios, forneciam às planícies fecunda humidade. Cisnes de cabeça negra descreviam na água caprichosos giros e disputavam o império das águas a numerosas avestruzes, que atravessavam aos saltos os alagadiços. A população emplumada era muito brilhante, muito buliçosa e sonora, e de uma variedade maravilhosa. Os «isacas», graciosas rolas de penas escuras listradas de branco, e os cardeais amarelos espanejavam-se sobre os ramos das árvores, semelhando flores vivas; os pombos de arribação atravessavam o espaço, e toda a coorte emplumada do género pardal, os «chingolos», os «hilgueros» e os «monjitas», folgavam voando velozmente e enchiam o ar com os seus gritos penetrantes.

Jacques Paganel cada vez se sentia mais admirado; as interjeições saíam-lhe continuamente dos lábios, com admiração do patagão, que achava muito natural haver pássaros no ar, cisnes nos lagos e erva nos prados. O sábio não teve razão de se arrepender do passeio nem de se queixar da sua duração. Julgava-se por assim dizer no momento da partida e já lhe surgia à vista o acampamento dos índios.

A «tolderia» ocupava o fundo de um vale apertado entre os rochedos, que serviam como os botaréis aos Andes. Viviam ali, abrigados por cabanas feitas de ramos, uns trinta indígenas nómadas, que traziam a pasto grande número de vacas, carneiros, bois e cavalos. Andavam de umas pastagens para outras e achavam a mesa sempre posta para os seus convivas de quatro

pés.

Tipo híbrido das raças dos Araucanos, dos Pehuenchos e dos Aucas, estes Ando-Peruvianos de cor azeitonada, estatura mediana, testa baixa, face quase circular, lábios delgados, maçãs do rosto salientes, feições efeminadas e fisionomia glacial, não ofereciam os olhos de um antropologista o caráter das raças puras. Eram, em suma, indígenas pouco interessantes. Mas Glenarvan só se importava com os seus rebanhos, não com eles. Do momento em que tinham cavalos e bois, não pedia mais nada.

Thalcave incumbiu-se das negociações, que não foram demoradas. Em troca de sete pequenos cavalos de raça argentina, completamente arreados, de uma centena de libras de charque, ou carne seca, de algumas medidas de arroz e vários odres para água, os índios, à falta de vinho ou rum, que teriam preferido, aceitaram vinte onças de ouro, cujo valor conheciam perfeitamente. Glenarvan quis comprar mais um cavalo para o patagão, mas este fez compreender que era inútil.

Concluída a transação, Glenarvan despediu-se dos seus novos «fornecedores», segundo a expressão de Paganel, e chegou ao acampamento em menos de meia hora. O seu regresso foi acolhido com aclamações, cuja honra ele quis declinar sobre aquilo a que pertenciam de direito, isto é, sobre os víveres e os cavalos. Todos comeram com apetite. Roberto tomou algum alimento; as forças tinham-lhe quase voltado inteiramente.

O resto do dia passou-se em completo descanso. Falou-se um pouco de tudo, das ausentes queridas, do «Duncan», do capitão John Mangles, da sua valente tripulação, de Harry Grant, que não estava talvez longe.

Quanto a Paganel, não largava o índio; tornara-se a sombra de Thalcave. A sua satisfação não conhecia limites por se ver junto de um verdadeiro patagão, ao pé do qual teria passado por anão, um patagão que poderia quase rivalizar com o imperador Maximino e com aquele preto do Congo visto pelo sábio Van der Brock, cada um dos quais media oito pés de altura! Depois, perseguia o grave índio com palavras espanholas, e Thalcave mostrava-se indiferente à perseguição. O geógrafo estudava, mas desta vez sem livro. Ouviam-no articular palavras sonoras com o auxílio da garganta, da boca e dos queixos.

— Se desta não apanho a pronúncia — repetia ele ao major — não me devem querer mal por isso! Mas quem me havia de dizer que seria um patagão quem um dia me ensinaria espanhol!

Capítulo 16 — O Rio Colorado

No dia seguinte, 22 de outubro, às oito horas, Thalcave deu o sinal da partida. O solo argentino, entre o vigésimo segundo e o quadragésimo segundo graus, inclina-se do ocidente para o oriente; os viajantes tinham só de descer um suave declive até ao mar.

Quando o patagão recusou o cavalo, pensou Glenarvan que ele preferia ir a pé, segundo o costume de certos guias, e com certeza que as suas pernas compridas deviam tornar-lhe fácil a marcha.

Mas Glenarvan enganava-se.

No momento de partir, Thalcave assobiou de um modo particular. No mesmo instante um magnífico cavalo argentino, de grande corpo, saiu de um pequeno bosque, pouco distante, e obedeceu ao chamamento do dono. Era um animal perfeito; a sua cor castanha indicava um cavalo de sangue, fero, corajoso e vivo; tinha cabeça ligeira e delicadamente desenhada, ventas muito abertas, olhar ardente, jarretes grandes, junta das espáduas saliente, peito elevado, ranilhas compridas, isto é, todas as qualidades que constituem a força da ligeireza. Como perfeito conhecedor, o major admirou sem reserva este exemplar da raça dos Pampas, no qual achou algumas semelhanças com o *hunter* inglês. Chamava-se «Thaouka», isto é, «pássaro» em língua patagã, e com razão merecia um tal qualificativo.

Quando Thalcave montou, o cavalo pulou debaixo dele. Cavaleiro consumado, o patagão tinha aspeto magnífico. O seu equipamento comportava os dois instrumentos de caça usados nas planícies argentinas, as bolas e o laço. As bolas consistem em três esferas reunidas por uma correia de couro, presa na parte dianteira do *recado*. O índio atira-as às vezes a cem passos de distância sobre o animal ou sobre o inimigo a quem persegue, e com lima precisão tal, que se enrolam em volta das pernas e o fazem logo cair. São nas suas mãos um instrumento temível, e maneja-as com surpreendente habilidade. O laço, pelo contrário, não abandona a mão que o brande. Compõe-se apenas de uma espécie de corda do comprimento de trinta pés, feita de duas tiras de couro bem entrançadas, e terminada por um nó corredio, que desliza numa argola de ferro. É este nó corredio que a mão direita arremessa, enquanto a esquerda segura o resto do laço, cuja extremidade está solidamente presa na sela. Uma grande carabina, posta em bandoleira, completava as armas ofensivas do patagão.

Thalcave, sem reparar na admiração causada pela sua gentileza natural, modos fáceis e

altiva desenvoltura, colocou-se à frente da caravana, a qual se pôs a caminho, indo umas vezes a galope, outras a passo natural dos cavalos, para os quais parecia desconhecido o trote. Roberto montava com muito desembaraço, o que tranquilizou Glenarvan a respeito da aptidão do jovem para se aguentar na sela.

A planície dos Pampas começava mesmo no sopé da Cordilheira. Pode-se dividir em três partes essa planície: a primeira parte da Cordilheira estende-se numa área de duzentas e cinquenta milhas e é coberta de árvores pouco elevadas e de mato. A segunda, de extensão de quatrocentas e cinquenta milhas, é alcatifada por uma erva magnífica e termina a cento e oitenta milhas de Buenos Aires. Daqui até ao mar os viajantes atravessam grande número de vastas planícies cobertas de luzerna e de cardos. É a terceira parte dos Pampas.

Saindo da Cordilheira, a caravana de Glenarvan encontrou a princípio grande quantidade de bancos de areia, chamados «medanos», verdadeiras vagas incessantemente agitadas pelo vento, quando a raiz dos vegetais não solidifica o solo. A areia é de extrema finura; por isso, ao menor sopro, viam-na levantar-se em ligeiras nuvens ou formar verdadeiras trombas, que se elevavam a altura considerável. Este espetáculo era ao mesmo tempo origem de recreio e do incómodo dos olhos; recreio, porque nada há mais curioso do que as trombas vagando pela planície, lutando, misturando-se, abaixando-se e levantando-se em indescritível desordem; incómodo, porque dos inumeráveis médãos desprendia-se um pó impalpável, que penetrava através das pálpebras, por muito fechadas que elas estivessem.

Durou este fenómeno grande parte do dia sob a ação do vento norte. Não impedia isso, contudo, que rapidamente se marchasse, e por volta das seis horas a Cordilheira, distante quarenta milhas, apresentava um aspeto tirando para negro e que ia desaparecendo nas primeiras sombras da noite.

Os viajantes estavam um pouco fatigados da jornada, que se podia avaliar em trinta e oito milhas. Por isso foi com prazer que viram chegar a hora de deitar. Acamparam nas margens do Neuquem, rio torrentoso, de águas turvas, cujo leito é cavado entre penedias de cor avermelhada. O Neuquem é chamado Ramid ou Comoe por alguns geógrafos, e nasce no meio de lagos que só os índios conhecem.

O dia e a noite que se seguiram não ofereceram nenhum incidente notável. Caminhava-se depressa e bem. Ao meio-dia, porém, o sol mostrou-se pródigo em raios muito quentes. À tarde, uma faixa muito negra listrou o horizonte do sudoeste, sintoma seguro de mudança de tempo. O patagão não podia iludir-se, e indicou com o dedo ao geógrafo a zona ocidental do céu.

— Bem! Já sei — disse Paganel; e, dirigindo-se aos companheiros, acrescentou: — Está-se

preparando uma mudança de tempo. Vamos apanhar lufada do «pampero».

E explicou que o «pampero» é frequente nas planícies argentinas. É um vento do sudoeste, muito seco. Thalcave não se enganara, e durante a noite, que foi bastante penosa para pessoas que só tinham um simples poncho para abafo, o «pampero» soprou com grande força. Os cavalos deitaram-se no chão e os homens estenderam-se ao pé deles em grupo cerrado. Receava Glenarvan sofrer demora na viagem se o tufão se prolongasse, mas Paganel tranquilizou-o, depois de consultar o barómetro.

— Ordinariamente — explicou ele —, o «pampero» produz tempestades de três dias de duração, que o mercúrio indica de um modo muito seguro. Mas quando, pelo contrário, o barómetro sobe (e é o que está agora sucedendo) fica-se quieto com o «pampero» a troco de algumas furiosas lufadas. Sossegue, pois, meu amigo: ao romper do dia terá o céu recuperado a habitual pureza.

— Fala como um livro, Paganel — redarguiu Glenarvan.

— E sou um livro decerto — replicou Paganel. — Está na sua mão folhear-me tanto quanto quiser.

Não se enganava o livro. À uma hora da madrugada o vento acalmou de súbito, e cada qual pôde procurar no sono um descanso reparador. No dia seguinte levantavam-se todos frescos e bem dispostos, principalmente Paganel, que fazia estalar as articulações com alegre ruído e se espreguiçava com a indolência de um paxá.

Era o dia 24 de outubro e o décimo depois que haviam partido de Talcahuano. Cento e cinquenta milhas distanciavam ainda os viajantes do ponto onde o rio Colorado corta o paralelo trinta e sete, isto é, três dias de viagem. Enquanto atravessava esta parte do continente americano, Lord Glenarvan observava com escrupulosa atenção a aproximação dos indígenas. Queria interrogá-los a respeito do capitão Grant por intermédio do patagão, com o qual Paganel já começava a entender-se menos mal. Mas a linha seguida era pouco frequentada dos índios, porque as estradas dos Pampas, que conduzem da República Argentina à Cordilheira, ficam mais ao norte. Por isso, índios errantes, ou tribos sedentárias, vivendo sob a lei dos caciques, não se encontravam. Se por acaso algum cavaleiro nómada aparecia ao longe, fugia rapidamente, curando pouco entrar em comunicação com gente desconhecida. Uma semelhante comitiva devia parecer suspeita a qualquer que se aventurasse sozinho na planície, tanto ao bandido, cuja prudência se assustava com a vista de oito homens bem armados e bem montados, como ao viajante, que naquelas planícies desertas podia tomá-los facilmente por gente mal-intencionada. De tudo isto provinha uma absoluta impossibilidade de comunicarem com gente

de bem ou com salteadores. Era caso para lastimar não toparem com um bando de «rastreadores», bandidos da campina, ainda que tivessem de travar conversa com eles a tiros de espingarda.

Contudo, se Glenarvan, para bem das suas pesquisas, teve de deplorar a ausência dos índios, deu-se um incidente que veio singularmente justificar a interpretação do documento.

Muitas vezes o caminho seguido pela expedição cortou várias estradas dos Pampas, entre outras, uma bastante importante — a de Carmen a Mendoza —, a qual se reconhecia pelas ossadas de animais domésticos, de mulas, de cavalos, de carneiros, de bois, que a sulcavam com os seus restos desagregados pelo bico das aves de rapina e branqueados pela ação descorante da atmosfera. Eram aos milhares os ossos, e com certeza mais de um esqueleto humano confundia o pó com o pó dos mais humildes animais.

Até ali Thalcave não fizera observação alguma sobre o caminho rigorosamente seguido. Compreendia, contudo, que, não se ligando esse caminho com via alguma dos Pampas, não iria dar nem às vilas, nem às aldeias, nem aos estabelecimentos das províncias argentinas. Todas as manhãs tomavam a direção do sol nascente, sem se afastarem da linha reta, e todas as tardes o sol poente se achava na extremidade oposta daquela direção. Na qualidade de guia, Thalcave devia admirar-se de ver que não só ele não guiava, mas o guiavam a ele. Contudo, se se admirou, foi com a reserva natural dos índios, e a propósito dos caminhos até ali desprezados não fez observação alguma. Mas naquele dia, tendo chegado à via de comunicação acima referida, fez parar o cavalo e voltou-se para Paganel:

— Estrada de Carmen — disse ele.

— Bem, sim, meu bom patagão — retorquiu-lhe Paganel no espanhol mais puro que pôde arranjar —, estrada de Carmen a Mendoza.

— Não tomamos por ela? — perguntou Thalcave.

— Não — replicou Paganel.

— E vamos?...

— Sempre para o oriente.

— Não é ir a parte alguma.

— Quem sabe?

Thalcave calou-se e olhou para o sábio com ar profundamente surpreendido. Não admitia, porém, que Paganel gracejasse, levemente que fosse. Um índio, criatura sempre séria, não imagina que lhe falem senão a sério.

— Não vai então a Carmen? — tornou ele, passado um momento de silêncio.

— Não — respondeu Paganel.

— Nem a Mendoza?

— Menos.

Neste momento Glenarvan, tendo-se reunido a Paganel, perguntou-lhe o que dizia Thalcave e porque parara.

— Perguntou-me se íamos a Carmen ou a Mendoza, e admirou-se muito da minha resposta negativa à sua dupla pergunta.

— De facto, o nosso caminho deve-lhe parecer muito extraordinário — observou Glenarvan.

— Também creio. Diz que não vamos a parte alguma.

— Ora bem, Paganel, não poderia explicar-lhe o fim da nossa expedição, e o interesse que temos em caminhar sempre na direção do oriente?

— há de ser muito difícil, porque um índio nada entende de graus terrestres, e a história do documento há de ser para ele um conto fantástico.

— Mas — objetou o major com muita seriedade — será a história que ele não compreende, ou o historiador?

— Ah! Mac-Nabs — replicou Paganel —, aí está outra vez a duvidar do meu espanhol!

— Pois bem, então experimente, meu respeitável amigo.

— Experimentemos.

Paganel voltou-se para o patagão e empreendeu um discurso frequentemente interrompido pela falta de palavras, pela dificuldade de certas particularidades, e de explicar a um selvagem, quase ignorante, minudências pouco compreensíveis para ele. Era curioso de ver o sábio. Gesticulava, articulava, desmanchava-se todo, e pela testa deslizavam-lhe copiosas gotas de suor. Quando a língua falhava, vinha o braço em auxílio. Paganel apeou-se; no mesmo sítio, sobre a areia, traçou uma carta geográfica onde se cruzavam as latitudes e longitudes, onde figuravam os dois oceanos, onde se estendia a estrada de Carmen. Nunca professor algum se viu em tal embaraço. Thalcave olhava para todo aquele manejo com ar tranquilo, sem dar a conhecer que compreendia ou não.

A lição do geógrafo durou mais de meia hora. Depois calou-se, enxugou o rosto, que se lhe desfazia em água, e olhou para o patagão.

— Compreenderia? — perguntou Glenarvan.

— Veremos — respondeu Paganel —, mas, se não compreendeu, desisto.

Thalcave não se movia, nem falava sequer. Continuava com os olhos fixos nas figuras

traçadas sobre a areia, que o vento ia apagando pouco a pouco.

— Então? — inquiriu Paganel.

Thalcave pareceu não o ouvir. Paganel via já um sorriso irónico esboçar-se nos lábios do major, e, querendo pugnar pela sua honra de sábio, ia começar outra vez com uma nova energia as suas demonstrações geográficas quando o patagão o deteve com um gesto.

— Procuram um prisioneiro? — disse ele.

— Sim — respondeu Paganel.

— É exatamente nesta linha compreendida entre o sol que se esconde e o sol que nasce — acrescentou Thalcave, determinando por uma comparação à moda dos Índios o caminho do oriente para o ocidente.

— Sim, sim, é isso.

— E foi o vosso Deus que confiou às ondas do vasto mar os segredos do prisioneiro?

— Deus mesmo.

— Seja então feita a sua vontade — concluiu Thalcave com ar um tanto solene —; marcharemos para o oriente, e, se preciso for, até ao sol!

Triunfante na pessoa do seu discípulo, Paganel tratou logo de traduzir aos seus companheiros as respostas do índio.

— Que raça inteligente! — acrescentou ele. — De entre vinte labregos do meu país, dezanove nada compreenderiam das minhas explicações.

Glenarvan convidou Paganel a perguntar ao patagão se tinha ouvido dizer que alguns estrangeiros houvessem caído prisioneiros dos índios dos Pampas.

Paganel fez a pergunta e esperou a resposta.

— Talvez — disse o patagão.

Ao proferir esta palavra, que foi imediatamente traduzida, Thalcave viu-se rodeado dos sete viajantes. Interrogavam-no com o olhar.

Paganel, comovido, encontrando com dificuldade as palavras de que precisava, tornou a principiar este interrogatório tão interessante, enquanto os seus olhos, fixos no rosto grave do índio, procuravam surpreender a resposta antes de ela lhe sair dos lábios.

Cada uma das palavras do patagão era repetida por ele em inglês, de modo que os seus companheiros ouviam falar Thalcave, por assim dizer, na língua que eles falavam.

— E esse prisioneiro? — perguntou Glenarvan.

— Era um estrangeiro — respondeu Thalcave —, um europeu.

— Chegou a vê-lo?

— Não, mas falava-se dele nas narrativas dos índios. Era um bravo! Tinha um coração de touro!

— Um coração de touro! — exclamou Paganel. — Ah! Magnífica língua patagã! Compreendem, meus amigos! Um homem corajoso!

— Meu pai! — exclamou Roberto Grant.

Dirigindo-se a Paganel, perguntou-lhe:

— Como se diz *é meu pai* em espanhol?

— *Es mi padre* — respondeu Paganel.

No mesmo instante Roberto, pegando nas mãos de Thalcave, disse com voz meiga:

— *Es mi padre!*

— *Su padre!* — retorquiu o patagão, cujo olhar se iluminou subitamente.

Tomou o jovem nos braços, levantou-o do cavalo e contemplou-o com a mais curiosa simpatia. No seu olhar inteligente manifestava-se uma serena comoção. Estava sublime aquele homem.

Mas Paganel não terminara o interrogatório. O prisioneiro onde estava? Que fazia? Quando foi que Thalcave ouviu falar dele? Todas estas perguntas lhe afluíam ao mesmo tempo ao espírito.

Não se fizeram esperar as respostas, e soube que o europeu estava escravo de uma das tribos de índios que percorriam o país entre o Colorado e o rio Negro.

— Mas onde se achava ele ultimamente? — perguntou Jacques Paganel.

— Com o cacique Calfoucura — elucidou Thalcave.

— Na linha que até aqui temos seguido?

— Sim.

— E o que é esse cacique?

— Chefe dos índios poiuchas, homem de duas línguas, homem de dois corações!

— Quer dizer, falso em palavras, falso em ações — informou Paganel, depois de ter traduzido aos seus companheiros aquela bela imagem da língua patagã. — E poderemos livrar o nosso amigo? — acrescentou.

— Talvez, se ainda estiver em poder dos índios.

— E quando foi que ouviu falar dele?

— Há muito tempo, e de então para cá o sol trouxe dois estios ao céu dos Pampas!

A alegria de Glenarvan não se pode descrever. A resposta concordava exatamente com a data do documento. Mas uma pergunta restava a fazer a Thalcave. Paganel fê-la no mesmo

momento:

— Fala de um prisioneiro; pois não havia três?

— Não sei — respondeu Thalcave.

— E não sabe nada da sua situação atual?

— Nada.

Esta última palavra pôs termo à conversa. Era impossível que os três prisioneiros estivessem separados havia muito tempo. Mas o que resultava das informações dadas pela patagão era que os índios falavam de um europeu que caíra em seu poder. A época em que o seu cativo principiara, o mesmo lugar em que ele devia estar, tudo, até a frase de que o patagão se servira para pintar a coragem daquele homem, tudo se referia evidentemente ao capitão Harry Grant.

No dia seguinte, 25 de outubro, os viajantes tornaram a empreender a viagem com redobrada animação. A planície, sempre triste e monótona, formava uma dessas áreas sem fim, chamadas na língua do país «travesias». O solo argiloso, exposto à ação dos ventos, apresentava perfeita horizontalidade; nem uma pedra, nem um calhau, exceto nalguns barrancos áridos e dessecados, ou nas bordas de pântanos artificiais cavados pela mão dos índios. A grandes distâncias apareciam florestas baixas, por entre cujas árvores, de negra copa, surgiam nalguns pontos brancas alfarrobeiras, cujas vagens contêm um miolo açucarado, de sabor agradável e refrigerante; além destas florestas viam-se alguns grupos de terebintos, de «chanares», de giestas silvestres, e uma coleção completa de uma espécie de árvores espinhosas, cujo aspeto enfezado denunciava já a esterilidade do solo.

No dia 26 a jornada foi fatigante. Tratava-se de alcançar o rio Colorado. Excitados pelos cavaleiros, fizeram tais esforços os cavalos que, naquela mesma tarde, por 69° 45' de longitude, chegaram ao formoso rio das regiões dos Pampas. O seu nome índio, Cobu Leubu, significa «grande rio», e de facto o Cobu Leubu, após um longo curso, vai lançar-se no Atlântico. Próximo da sua foz dá-se uma particularidade curiosa: o volume das águas diminui ao aproximar-se do mar, quer por filtração, quer por evaporação, mas a causa deste fenómeno ainda não está perfeitamente determinada.

Chegando ao Colorado, o primeiro cuidado de Paganel foi banhar-se «geograficamente» nas suas águas coloridas por uma argila avermelhada. Ficou surpreendido de também as achar profundas, resultado devido unicamente ao derretimento das neves sob a influência do primeiro sol de verão. Demais, a largura do rio era bastante considerável para impedir que os cavalos o atravessassem a nado. Muito felizmente, a algumas centenas de toesas rio acima, encontrava-se

uma ponte de vimes e terra amassada, sustentada por correias de couro e suspensa à moda dos índios. A pequena caravana pôde, portanto, passar o rio e acampar na margem esquerda.

Antes de dormir, Paganel quis tirar uma planta exata do Colorado, e indicou-o no seu mapa com particular cuidado, à falta do Yarou-Dzangbo-Tchou, que corria sem a sua presença nas montanhas do Tibete.

Durante os dois dias seguintes, 27 e 28 de outubro, correu a viagem sem incidentes. O terreno continuou a oferecer a mesma monotonia e a mesma esterilidade. Nunca se viu paisagem menos variada, panorama mais insignificante. O solo tornou-se muito húmido. Foi preciso atravessar «canadas», espécie de terrenos baixos, inundados, e «esteros», charcos permanentes, coalhados de ervas aquáticas. À tarde, os cavalos pararam na borda de um grande lago, de águas extremamente mineralizadas, o Ure Lanquem, chamado «lago amargo» pelos índios, e que em 1862 foi testemunha de cruéis represálias por parte das tropas argentinas. Acamparam à maneira costumada, e a noite teria sido excelente se não fosse a presença dos macacos, dos aluatas, espécie de sapajus, e dos cães selvagens. Estes buliçosos animais, decerto que em honra e decerto que também para desconforto dos ouvidos europeus, executam uma dessas sinfonias naturais que um compositor de música do futuro não desdenharia.

Capítulo 17 — Os Pampas

A Pampásia argentina estende-se desde o trigésimo quarto até ao quadragésimo grau de latitude austral. A palavra «Pampa», de origem araucana, significa «planície de ervas», e aplica-se com justiça a esta região. As mimosas arborescentes da parte ocidental, as ervas nutritivas da parte oriental, dão-lhe particular aspeto. Esta vegetação toma raízes numa camada de terra que cobre o solo argiloarenoso, avermelhado ou amarelo. Acharia grandes riquezas o geólogo que esquadrinhasse estes terrenos da época terciária. Jazem ali imensas quantidades de ossadas antediluvianas, que os índios atribuem a grandes raças de tatus, que desapareceram há muito, e debaixo deste pó vegetal está oculta a história primitiva daquelas regiões.

A Pampa americana é uma particularidade geográfica, como as savanas dos Grandes Lagos ou as estepes da Sibéria. O seu clima tem frios e calores mais intensos do que a província de Buenos Aires, apesar de mais continental. Segundo a explicação dada por Paganel, o calor do verão, acumulado no oceano, que o absorve, é lentamente restituído por ele durante o inverno. Provém daí que as ilhas têm uma temperatura mais uniforme que o interior dos continentes . Por isso também o clima da Pampásia ocidental não oferece a igualdade que apresenta nas costas, graças à vizinhança do Atlântico. É sujeito a excessos repentinos, a modificações rápidas, que fazem incessantemente saltar de um grau para outro as colunas termométricas. No outono, isto é, durante os meses de abril e maio, as chuvas são frequentes e torrenciais. Mas na época do ano que então corria, o tempo estava muito seco e a temperatura bastante elevada.

Partiram os viajantes ao romper do dia, depois de feita a verificação do caminho; solidificado pelos arbustos e pelas árvores pequenas, o solo oferecia perfeita firmeza; não se viam já médãos, nem a areia que as formava, nem a poeira que o vento trazia suspensa nos ares.

Os cavalos iam em andadura rápida, por entre os ervaçais de «paja-brava», erva pampesina por excelência e que serve de abrigo aos índios durante as tempestades. A certas distâncias, mas cada vez mais raros, encontravam-se alguns baixos húmidos, onde vegetavam os salgueiros, e certa planta, o *gygnerium argenteum*, que se dá de preferência nas proximidades da água doce. Nestes pontos os cavalos regalavam-se com boa porção de água, aproveitando-se da fortuna quando ela aparecia e bebendo à conta das sedes futuras. À frente, Thalcave batia o mato. Afugentava as «cholinhas», víboras da mais perigosa espécie, cuja mordedura mata um boi em menos de uma hora. O ágil «Thaouka» saltava por cima das moitas e ajudava o dono a abrir

passagem aos cavalos que o seguiam.

Nestas planícies, perfeitamente horizontais, a viagem prosseguia fácil e rapidamente. Na conformação da campina não se dava alteração alguma; nem uma pedra, nem um calhau se encontrava numa área de cem milhas. Jamais se vira semelhante monotonia, ou que por tanto tempo se prolongasse. Não se avistava um efeito, um acidente inesperado da paisagem! Era preciso ser um Paganel, um desses sábios entusiastas, que veem onde não há que ver, para poder tomar interesse nas particularidades da jornada. A que propósito? Nem ele o saberia dizer! Uma moita, o muito, um raminho de erva às vezes, bastavam para lhe excitar a inesgotável facúndia e instruir Roberto, que se comprazia em escutá-lo.

Durante o dia 29 de outubro a planície desenrolou-se diante dos viajantes com a sua infinita uniformidade. Por volta das duas horas, as patas dos cavalos pisaram extensos vestígios de animais. Eram as ossadas de uma imensa manada de bois, amontoadas e branqueadas. Não se alongavam estes destroços em linha sinuosa, como a costumam deixar após si os animais que vão exaustos de forças, caindo pela estrada. Por isso ninguém sabia explicar aquela reunião de esqueletos num espaço relativamente pequeno, nem Paganel, por mais diligência que fizesse para atinar com a razão do fenómeno. Interrogou, portanto, Thalcave, que não se viu em embaraços para lhe responder.

Um «impossível!» do sábio e um gesto afirmativo do patagão confundiram muito os seus companheiros.

— O que é? — perguntaram eles.

— O fogo do céu — respondeu o geógrafo.

— O quê? Pois o raio causou tamanho desastre! — exclamou Tom Austin. — Uma manada talvez de quinhentas cabeças assim derribada!

— Thalcave afirma-o, e Thalcave não se engana. E creio-o também, porque as tempestades dos Pampas distinguem-se pelo furor. Queira Deus que um dia não as experimentemos — ajuntou o sábio.

— Faz bastante calor — observou Wilson.

— O termómetro deve marcar trinta graus à sombra — informou Paganel.

— Não me admira — acudiu Glenarvan —, sinto penetrar em mim a electricidade. Esperemos que esta temperatura se não conserve.

— Oh! oh! — exclamou Paganel —, não se deve contar com uma mudança de tempo, porque o horizonte está limpo de todo o nevoeiro.

— Tanto pior — retorquiu Glenarvan —, porque os cavalos estão bastante incomodados

com a calma. Não sentes muito calor, meu rapaz? — acrescentou, dirigindo-se a Roberto.

— Não, milord — respondeu o moço. — Gosto de calor, é uma coisa boa.

— No inverno principalmente — observou muito judiciosamente o major, arrojando para as alturas o fumo do charuto.

Naquela noite pararam próximo de um rancho abandonado, construído de ramos amassados com lodo e coberto de colmo; esta cabana pegava com um cerrado feito de estacas quase podres, que bastou, contudo, para proteger os cavalos, durante a noite, dos ataques das raposas. Não que eles tivessem particularmente que temer daqueles animais, mas os arteiros bichos roem as rédeas, e os cavalos aproveitam-se disso para fugir.

A alguns passos do «rancho» havia um buraco que servia de cozinha e continha cinzas já frias. No interior havia um banco, uma cama de couro de boi, uma marmita, um espeto e uma chaleira de chá-mate. Este chá constitui uma bebida muito em uso na América do Sul. É o chá dos índios. Consiste numa infusão de folhas secas ao fogo, e sorve-se, como as bebidas americanas, por meio de uma palha. A pedido de Paganel, preparou Thalcave algumas taças desta bebida, que acompanharam com muita vantagem os comestíveis ordinários, mas que foram considerados como excelentes.

No dia seguinte, 30 de outubro, levantou-se o sol envolto num nevoeiro ardente e dardejou sobre o solo os seus mais férvidos raios. Não obstante, os viajantes retomaram corajosamente a direção do oriente. Encontraram muitos e imensos rebanhos que, sem forças para pastarem debaixo de um calor tão opressivo, se deixavam ficar indolentemente estendidos. De guardas, ou de pastores, para melhor dizer, não se via sombra. Alguns cães, habituados a mamar nas ovelhas, quando a sede os aperta, eram os únicos vigias daquelas numerosas aglomerações de vacas, touros e bois. São de índole mansa estes animais, e não têm o horror instintivo do vermelho que distingue os seus congêneres da Europa.

— Provém-lhes isso de pastarem a erva de uma república! — disse Paganel, encantado do seu gracejo, talvez um pouco francês de mais.

Por volta do meio-dia, algumas mudanças se produziram nos Pampas, que não podiam passar despercebidas a olhos cansados daquela monotonia. As gramíneas tornaram-se mais raras. Cederam o lugar a enfezadas bardanas e a cardos gigantescos de nove pés de altura, capazes de fazerem a felicidade de todos os burros da Terra. Chanares definhados e outros arbustos espinhosos de um verde-sombrio, plantas que se dão muito nas terras faltas de água, vegetavam em alguns pontos. Até ali uma certa humidade conservada na argila da campina alimentava as pastagens; a alcatifa herbácea era espessa e viçosa; mas agora a felpa da alcatifa,

gasta em parte, arrancada em muitos lugares, deixava ver a trama e descobria a miséria do solo. Estes sintomas de uma secura que ia em aumento não podiam ser desprezados, e Thalcave chamou para eles a atenção.

— Não se me dá desta mudança — declarou Tom Austin —; sempre erva, sempre erva, tornava-se por fim desconsolador.

— Sim, mas sempre erva, sempre água — redarguiu o major.

— Oh! Nós não estamos parados — interpôs Wilson — e sempre encontraremos algum rio pelo caminho.

Se Paganel tivesse ouvido esta resposta, não deixaria de dizer que os rios eram raros entre o Colorado e as serras da província argentina; mas naquele momento explicava ele a Glenarvan um facto para o qual o lord acabava de lhe chamar a atenção.

Havia já tempo que a atmosfera parecia estar impregnada de um cheiro de fumo. Contudo, não se via no horizonte indício algum de fogo; nenhuma fumaceira denunciava a existência de incêndio longínquo. Não se podia atribuir este fenómeno a uma causa natural. Em pouco, o cheiro de erva queimada tornou-se tão forte que admirou os viajantes, menos Paganel e Thalcave. O geógrafo, a quem a explicação de um facto qualquer não podia embaraçar, deu aos seus amigos a seguinte resposta:

— Não vemos o fogo e sentimos o fumo — disse ele. — Ora, não há fumo sem fogo, e este provérbio é tão verdadeiro na América como na Europa. Há, portanto, fogo nalguma parte. Dá-se, porém, uma circunstância: é que são tão planos os Pampas que nada estorva as correntes atmosféricas, e sente-se muitas vezes o cheiro de ervas que estão ardendo a distância de quase setenta e cinco milhas.

— Setenta e cinco milhas? — replicou o major em tom pouco convencido.

— Pouco mais ou menos — afirmou Paganel. — E devo acrescentar que esses incêndios se propagam em grande escala e atingem muitas vezes um desenvolvimento considerável.

— Quem deita fogo às campinas? — perguntou Roberto.

— Algumas vezes o raio, quando a erva está seca pelos calores; algumas vezes também os índios.

— E com que fim?

— Pretendem (e não sei até que ponto seja fundada esta pretensão) que depois de um incêndio dos Pampas as gramíneas crescem melhor. Seria, pois, um meio de vivificar o solo pela ação das cinzas. Quanto a mim, julgo antes que os incêndios são destinados a destruir milhares de ixodos, espécie de insetos parasitas, que incomodam particularmente os rebanhos.

— Mas esse meio enérgico — observou o major — deve custar a vida a alguns dos animais que vagueiam pela campina?

— Sim, queima alguns; mas que importa no meio de tamanha quantidade?

— Não me queixo por eles — replicou Mac-Nabs —, eles que se queixem, mas pelos viajantes que atravessam os Pampas. Não pode suceder serem surpreendidos e envolvidos pelas chamas?

— E então? — disse Paganel, com ar de satisfação bem visível. — Acontece isso algumas vezes, e pela minha parte não me desagradava de assistir a um espetáculo assim.

— Coisas mesmo do nosso sábio — interveio Glenarvan —; seria capaz de levar o amor da ciência até se deixar queimar em vida.

— Oh! Isso não, não, meu caro Glenarvan; mas li o meu bocado de Cooper, e Bas de Cuir ensina-nos o meio de deter as chamas arrancando a erva em volta de nós num raio de algumas toesas. Não há nada mais simples. Por isso, não receio a aproximação de um incêndio e faço votos para que ele rebente!

Não deviam, porém, realizar-se os desejos de Paganel, e se ficou meio assado foi unicamente pelos raios do sol, que derramavam um calor insuportável. Os cavalos iam ofegantes sob a ardência daquela temperatura tropical. Não havia sombra que esperar, salvo a que vinha de alguma nuvem rara, que velava o disco inflamado do sol; a sombra corria então sobre a planície, e os cavaleiros, esporeando os ginetes, procuravam conservar-se sob o fresco domo que o vento de oeste acoitava diante deles. Mas os cavalos, bem depressa distanciados da sombra, ficavam para trás e o astro do dia, já a descoberto, regava de nova chuva de fogo o terreno calcinado dos Pampas.

Quando Wilson dissera que a provisão de água não faltaria, não contara com a sede inextinguível que consumiu os seus companheiros durante aquele dia; quando acrescentara que haviam de encontrar algum rio pelo caminho, avançara muito. Com efeito, não só faltavam os rios, porque a horizontalidade do solo não lhes oferecia nenhum leito favorável, mas os lagos artificiais cavados pelas mãos dos índios estavam igualmente esgotados. Ao verem os sintomas de seca aumentarem de milha em milha, Paganel fez algumas observações a Thalcave, e perguntou-lhe se esperava encontrar água.

— No lago Salinas — respondeu o índio.

— E quando chegaremos lá?

— Amanhã à noite.

Ordinariamente, os Argentinos, quando viajam nos Pampas, abrem poços e encontram água a

algumas toesas de profundidade. Mas os nossos viajantes, privados dos instrumentos necessários, não tinham este recurso. Foi-lhes, portanto, preciso estabelecerem rações, e se não sofreram absolutamente a irritante necessidade de beber, ninguém, pelo menos, pôde inteiramente saciar a sede.

À noite, fizeram alto após uma jornada de trinta milhas. Contavam todos com uma boa noite para descansar das fadigas do dia, e a noite foi precisamente perturbada por uma nuvem importuna de mosquitos e de moscões. A presença dos insetos indicava uma mudança do vento, o qual, efetivamente, rodou uma quarta para o norte. Estes malditos animais costumam desaparecer com as brisas do sul ou do sudoeste.

Se o major conservava a habitual impassibilidade, até em meio das pequenas misérias da vida, Paganel, pelo contrário, indignava-se com as diabruras da sorte. Deu ao demónio toda a raça de mosquitos e lastimou bastante a privação da água acidulada, que lhe teria mitigado o ardor das picadas. Apesar de que o major procurou consolá-lo, dizendo-lhe que, entre as trezentas mil espécies de insetos que os naturalistas contam, deviam julgar-se felizes por só terem de lutar com duas espécies. Paganel concordou de muito mau humor.

Entretanto não se fez rogar para tornar a partir logo de alvorada, porque se tratava de chegar naquele mesmo dia ao lago Salinas. Os cavalos estavam muito fatigados; morriam de sede, e, apesar de os cavaleiros se terem privado por causa deles, a sua ração de água fora muito diminuída. A seca tornou-se ainda mais intensa, e o calor não menos intolerável sob a ação do vento poeirento do norte, esse simum dos Pampas.

Neste dia, a monotonia da jornada foi por um momento interrompida. Mulrady, que marchava à frente, voltou para trás anunciando a aproximação de um grupo de índios. Este encontro foi apreciado de diversos modos. Glenarvan pensou nas informações que os indígenas lhe podiam fornecer a respeito dos náufragos da «Britannia». Quanto a Thalcave, não se regozijou nada por encontrar no caminho índios nómadas da campina; tinha-os na conta de bandidos e ladrões, e tratava sempre de evitá-los. Conforme com as suas ordens, a pequena caravana pôs-se em coluna cerrada e preparou as armas. Era preciso estarem prontos para qualquer acontecimento.

Daí a pouco avistaram o acampamento índio. Compunha-se apenas de uns dez indígenas, o que tranquilizou o patagão. Os índios chegaram a cem passos de distância. Era fácil distingui-los. Pertenciam a essa raça pampesina, varrida em 1833 pelo general Rosas. A fronte elevada, arqueada e não esguia, a estatura bem desenvolvida, a cor azeitonada, davam-lhes todas as características do bom tipo dos Peles-Vermelhas. Estavam vestidos com peles de guanacos ou

de castores e traziam, além da lança, do comprimento de vinte pés, facas, fundas, bolas e laços. A destreza com que manejavam os cavalos mostrava que eram bons cavaleiros.

Passaram, pois, a cem passos e pareceram conferenciar, gritando e gesticulando. Glenarvan avançou para eles. Mas apenas andou duas toesas, o destacamento, virando o rosto, desapareceu com incrível velocidade. Os cavalos fatigados dos viajantes nunca poderiam alcançá-los.

— Cobardes! — exclamou Paganel.

— Fogem muito depressa para gente de bem — observou Mac-Nabs.

— Que índios são estes? — perguntou Paganel.

— Gaúchos — informou Thalcave.

— Gaúchos — volveu Paganel, virando-se para os companheiros —, gaúchos! Então não tínhamos necessidade de tomar tantas precauções. Não havia nada a temer.

— Porquê? — perguntou o major.

— Porque os gaúchos são gente inofensiva.

— Julga isso, Paganel?

— Decerto. Aqueles tomaram-nos por ladrões e fugiram.

— Julgo antes que não se atreveram a atacar-nos — replicou Glenarvan, muito sentido de não ter podido entrar em comunicação com os indígenas, fossem eles quem fossem.

— É a minha opinião também — apoiou o major —, porque, se não me engano, longe de serem inofensivos, os gaúchos são, pelo contrário, verdadeiros e temíveis bandidos.

— Ora essa! — exclamou Paganel.

E pôs-se a discutir com tanta vivacidade esta tese etnológica que logrou alterar o espírito do major, obrigando este a uma resposta pouco habitual nas suas discussões:

— Parece-me que está em erro, Paganel.

— Erro! — estranhou o sábio.

— Sim. O próprio Thalcave tomou aqueles índios por ladrões, e Thalcave sabe muito bem o que deve pensar a respeito deles.

— Pois bem, Thalcave enganou-se desta vez — replicou Paganel com aspereza. — Os gaúchos são agricultores, pastores, e nada mais, e eu mesmo escrevi uma brochura, que obteve alguma reputação, a respeito dos indígenas dos Pampas.

— Apesar disso, cometeu um erro, Sr. Paganel.

— Eu, um erro, Sr. Mac-Nabs!?

— Por distração, se assim quer — replicou o major, insistindo —, mas dará satisfação de si com uma simples errata na próxima edição.

Muito mortificado por ouvir discutir e mesmo motejar os seus conhecimentos geográficos, Paganel começou a sentir-se de mau humor.

— Saiba, senhor — disse —, que os meus livros não têm precisão de errata dessa espécie!

— Precisam, sim! Pelo menos desta vez — insistiu Mac-Nabs, que por seu turno teimava.

— Senhor, acho-o hoje teimoso — redarguiu Paganel.

— E eu acho-o desabrido! — replicou Mac-Nabs.

Como se vê, a discussão tomava proporções inesperadas, e Glenarvan achou prudente intervir.

— É verdade — observou ele — que há de um lado teimosia, e do outro azedume, o que me admira da parte de ambos.

Sem compreender o motivo da disputa, o patagão tinha percebido que os dois amigos questionavam. Pôs-se a sorrir, e disse tranquilamente:

— É o vento norte.

— O vento norte! — exclamou Paganel. — Que tem o vento norte com tudo isto?

— Exato! É o vento norte — atalhou Glenarvan — que é causa do mau humor de ambos! Tenho ouvido dizer que irrita principalmente o sistema nervoso na América do Sul.

— Por S. Patrício, Edward, tem razão! — concordou o major, e soltou uma gargalhada.

Mas Paganel, deveras irritado, não quis abandonar a questão, e voltou-se para Glenarvan, cuja intervenção lhe pareceu um tanto zombeteira.

— Ah! Na verdade, milord, eu tenho os nervos irritados?

— Sim, Paganel, é o vento norte, um vento que faz cometer bastantes crimes nos Pampas, como a tramontana na campina de Roma!

— Crimes! — replicou o sábio. — Pois eu tenho cara de quem vá cometer crimes?

— Não digo isso exatamente.

— Diga com toda a franqueza que o quero assassinar!

— Safa! — replicou Glenarvan, que não podia conter o riso. — Estou com medo. Felizmente que o vento norte só dura um dia!

A esta resposta todos fizeram coro com Glenarvan. Então Paganel meteu esporas ao cavalo e tomou a larga dianteira para lhe passar o mau humor. Um quarto de hora depois já não pensava naquilo.

Foi deste modo que o excelente caráter do sábio passou por momentânea alteração; mas, como Glenarvan muito bem afirmara, devia atribuir-se aquela fraqueza a uma causa inteiramente exterior.

Às oito da noite, Thalcave, tendo tomado um pouco a dianteira, avistava os barrancos do Salinas. Passado um quarto de hora, a pequena caravana descia as margens do tão desejado lago. Mas esperava-os uma grave decepção. O lago estava seco.

Capítulo 18 — À Procura de uma Aguada

O lago Salinas forma o extremo da enfiada de lagos que vão ligar-se com as serras Ventana e Guamini. Em outros tempos vinham de Buenos Aires numerosas expedições ali abastecer-se de sal, porque as suas águas contêm cloreto de sódio em notável quantidade. Naquela ocasião, porém, a água depositara todo o sal que tinha em suspensão, e o lago apenas formava um espelho resplandecente.

Quando Thalcave anunciou a presença de um líquido potável no lago Salinas, referia-se aos rios de água doce que nele se precipitam por diversos pontos. Mas, naquele momento, os afluentes estavam secos como o lago. O sol ardente tudo bebera. Por isso, quando a comitiva chegou às margens exaustas do Salinas, foi geral a consternação.

Era preciso tomar uma resolução qualquer. A água que vinha nos odres estava quase corrompida e não podia saciar a sede, que começava a fazer-se cruelmente sentir. Diante de tão imperiosa necessidade desapareceram a fome e a fadiga. Um «roukah», espécie de tenda de couro armada numa ondulação de terreno e abandonada dos indígenas, serviu de abrigo aos viajantes exaustos de forças, enquanto os cavalos, estendidos sobre as margens lodosas do lago, roíam com repugnância as plantas aquáticas e os caniços secos.

Depois que todos tomaram lugar no «roukah», Paganel interrogou Thalcave e pediu-lhe a sua opinião a respeito do que era conveniente fazer. Uma conversação rápida, da qual Glenarvan apanhou algumas palavras, estabeleceu-se entre o geógrafo e o índio. Thalcave falava com sossego. Paganel gesticulava por dois. O diálogo durou alguns minutos, e o patagão cruzou os braços.

— O que há de novo? — perguntou Glenarvan. — Parece-me que ele nos aconselhava que nos separássemos.

— Sim, em dois grupos — respondeu Paganel. — Aqueles de entre nós cujos cavalos, prostrados de sede e fadiga, mal podem pôr uma pata diante da outra, continuarão como lhes for possível o caminho do paralelo trinta e sete. Os que se acham mais bem montados, pelo contrário, precedendo-os nesse caminho, irão reconhecer o rio Guamini, que desagua no lago S. Lucas, a trinta e uma milhas daqui. Se lá houver água em suficiente quantidade, deverão esperar os companheiros nas margens do Guamini. Se não houver água, voltarão ao seu encontro, para lhes poupar uma viagem inútil.

— E nesse segundo caso? — perguntou Tom Austin

— Nesse segundo caso será preciso que nos resolvamos a descer setenta e cinco milhas para o sul, até às primeiras ramificações da serra Ventana, onde os rios são em grande abundância.

— O conselho é bom — concordou Glenarvan — e segui-lo-emos sem detença. O meu cavalo ainda não sofreu muito com a falta de água, e ofereço-me para acompanhar Thalcave.

— Oh! Milord, leve-me consigo — pediu Roberto, como se se tratasse de uma expedição de recreio.

— Mas poderás tu seguir-nos, meu filho?

— Posso! Tenho um animal excelente, que só quer caminhar na dianteira. Aceite... milord... suplico-lhe...

— Vem, pois, meu rapaz — anuiu Glenarvan, satisfeito por não se separar de Roberto. — Seremos muito faltos de tato se de entre três um não descobrir alguma aguada fresca e límpida.

— Ora bem, e eu? — interrogou Paganel.

— Oh! O senhor, meu caro Paganel — respondeu o major —, ficará com o destacamento da reserva. Conhece muito bem o paralelo trinta e sete, o rio Guamini e os Pampas para nos poder abandonar. Nem Mulrady, nem Wilson, nem eu somos capazes de nos acharmos no ponto de reunião designado por Thalcave, enquanto que debaixo da bandeira do bravo Jacques Paganel caminharemos cheios de confiança.

— Resigno-me — aceitou o geógrafo, muito lisonjeado por obter um comando superior.

— Mas nada de distrações! — recomendou o major. — Não nos conduza aonde nada tenhamos que fazer; não torne, por exemplo, a levar-nos para o oceano Pacífico!

— Merecia isso, major insuportável — redarguiu Paganel, rindo. — Entretanto, diga-me, querido Glenarvan, como compreenderá a língua de Thalcave?

— Suponho que não terei precisão de conversar com Thalcave. Demais, valendo-me de algumas palavras que sei, facilmente hei de conseguir em qualquer circunstância apertada manifestar-lhe o meu pensamento e compreender o seu.

— Então vá, meu bom amigo.

— Ceemos primeiro — aconselhou Glenarvan — e durmamos, se possível for, até à hora da partida.

Cearam sem beber, o que pareceu pouco confortativo, e, à falta de coisa melhor, dormiram. Paganel sonhou com torrentes, cascatas, rios, lagos, regatos e até com garrafas cheias, numa palavra, com tudo o que habitualmente contém água potável. Foi um verdadeiro pesadelo.

No dia seguinte, às seis horas, os cavalos de Thalcave, de Glenarvan e de Roberto Grant foram aparelhados; fizeram-lhes beber a última ração de água, a qual engoliram com mais ânsia do que satisfação, porque era muito nauseabunda. Em seguida, os três cavaleiros montaram.

— Até à vista — disseram o major, Austin, Wilson e Mulrady.

— E, sobretudo, façam diligências para não voltar! — acrescentou Paganel.

Dali a pouco, o patagão, Glenarvan e Roberto perderam de vista, não sem certo aperto no coração, o destacamento confiado à sagacidade do geógrafo.

O deserto das Salinas, que eles então atravessavam, é uma planície argilosa, coberta de enfezados arbustos de dez pés de altura, de pequenas mimosas, que os índios chamam «curramamel», e de «jumes», arbustos silvestres fecundos em soda. Em alguns pontos, grandes placas de sal reverberavam os raios do sol com admirável intensidade. A vista facilmente confundiria estes «barreros» com lençóis de neve produzidos por frio violento; mas o ardor do sol depressa desfazia a ilusão. Entretanto, o contraste de um solo árido e requeimado com os lençóis cintilantes dava àquele deserto um aspeto muito particular, que atraía e interessava.

Pelo contrário, oitenta milhas para o sul, a serra Ventana, cuja direção os viajantes talvez viessem a tomar, obrigados pela seca possível do Guamini, apresentava bem diferente aspeto. Esta região, cujo reconhecimento fora feito em 1835 pelo capitão Fitz-Roy, que então comandava a expedição do «Beagle», é de uma admirável fertilidade. Vegetam ali com pujança sem igual as melhores pastagens do território índio; a vertente sudoeste das «sierras» reveste-se de erva luxuriante e declina para a planície sob manto de florestas ricas de essências várias; crescem ali o «algarrobo», espécie de alfarrobeira, cujo fruto, seco e reduzido a pó, serve para confeccionar um pão bastante estimado dos índios; o «quebracho branco», de ramagem comprida e flexível, que pende à maneira do salgueiro da Europa; o «quebracho vermelho», cuja madeira é indestrutível; o «naudubay», a que o fogo se comunica com extrema facilidade e causa muitas vezes incêndios terríveis; o «viraro», cujas flores, de cor violeta, se sobrepõem em forma de pirâmide; e finalmente o «timbo», que eleva a oitenta pés acima do solo o seu imenso guarda-sol, debaixo do qual rebanhos inteiros se podem abrigar dos raios solares. Os Argentinos já por várias vezes procuraram colonizar esta rica região, mas não têm conseguido vencer a hostilidade dos índios.

Era com certeza para supor que dos cumes das serras deviam descer rios caudalosos, que fornecessem águas necessárias a tanta fertilidade, e efetivamente as maiores secas não têm chegado a vaporizar aqueles rios; mas, para os alcançar, tornava-se indispensável fazer um desvio de cento e trinta milhas para o sul. Thalcave tinha, portanto, razão em se dirigir ao

Guamini, que, sem o afastar do seu caminho, se achava a muito menos distância.

Os três cavalos galopavam com ardor. Conheciam decerto por instinto, os excelentes animais, a que lugar os donos se dirigiam. Principalmente «Thaouka» mostrava um vigor que nem as fadigas nem as privações podiam diminuir; transpunha como um pássaro as camadas secas e os matagais de «curra-mamel», soltando relinchos de bom agouro. Os cavalos de Glenarvan e de Roberto, com um passo mais pesado, mas arrastados pelo exemplo de «Thaouka», seguiam-no corajosamente. Firme sobre a sela, Thalcave dava aos companheiros o exemplo que «Thaouka» dava aos seus. O patagão virava por vezes a cabeça para contemplar Roberto Grant.

Ao ver o jovem, firme e bem sentado, flexíveis os rins, os ombros direitos, as pernas caídas naturalmente, os joelhos encostados à sela, manifestava a sua satisfação por um brado animador. Na verdade, Roberto Grant ia-se fazendo um excelente cavaleiro e merecia os cumprimentos do índio.

— Bravo, Roberto — dizia Glenarvan. — Thalcave está com ares de quem te felicita. Aplaudete, meu rapaz.

— E a que propósito, milord?

— A propósito do modo excelente com que montas a cavalo.

— Oh! Seguro-me perfeitamente, mais nada — redarguiu Roberto Grant, corando por ouvir que o cumprimentavam.

— É o principal, Roberto — tornou Glenarvan —, mas és modesto de mais, e não podes deixar de vir a ser um *sportsman* perfeito.

— Bem — exclamou Roberto, rindo — e meu pai, que quer fazer de mim um marinheiro, que dirá?

— Uma coisa não prejudica a outra. Se nem de todos os cavaleiros se podem fazer bons marinheiros, todos os marinheiros são capazes de ser bons cavaleiros. A cavalgar nas vergas aprende a gente a segurar-se bem. Quanto a saber manejar um cavalo, a executar movimentos oblíquos ou circulatorios, isso vem por si, porque não há nada mais natural.

— Pobre pai! — suspirou Roberto. — Ah! Que de agradecimentos não lhe dará, quando milord o salvar!

— Tu ama-lo muito, Roberto?

— Amo, milord. Era bom para mim e para minha irmã. Só pensava em nós! Cada viagem rendia-nos uma lembrança de todos os países que visitava, e, o que era ainda melhor, bons abafos e doces expressões. Ah! Milord há de também amá-lo, quando o conhecer! Mary parece-

se com ele. Têm ambos a mesma doçura na voz. Para marinheiro é coisa singular, não acha?

— Muito singular, Roberto — concordou Glenarvan.

— Parece-me que o estou a ver — insistiu o jovem, que parecia falar consigo mesmo. — Bom e excelente pai! Acalentava-me nos joelhos quando eu era pequenino, murmurando, cada vez que o fazia, um velho estribilho escocês em que se cantam os lagos do nosso país. Recordo-me às vezes do estribilho, mas confusamente. A Mary sucede o mesmo. Ah! milord, como o amávamos! Olhe, creio que é preciso ser pequeno para amar muito seu pai!

— E homem para o venerar — concluiu Glenarvan, comovido com as palavras que saíam espontâneas daquele tenro coração.

Durante esta conversa, os cavalos tinham afrouxado a andadura e iam a passo.

— Havemos de encontrá-lo, não é verdade, milord? — perguntou Roberto, após alguns momentos de silêncio.

— Sim, havemos de encontrá-lo — replicou Glenarvan. — Thalcave há de descobrir-nos o seu rasto, e tenho confiança no patagão.

— Um bom índio que é Thalcave — afirmou o jovem.

— Decerto.

— Sabe uma coisa, milord?

— Explica-te primeiro, que eu te responderei.

— É que não há connosco senão boa gente! Lady Helena, a quem tanto amo, o major, com o seu ar impassível, o capitão Mangles e Paganel, e os marinheiros do «Duncan», tão corajosos e dedicados!

— Sim, sei isso, meu rapaz — concordou Glenarvan.

— E sabe também que milord é o melhor de todos?

— Não, com a fortuna, não sei!

— Pois bem, milord, é preciso que o saiba — declarou Roberto, agarrando na mão do lord e levando-a aos lábios.

Glenarvan abanou brandamente a cabeça, e se a conversa não continuou, foi que um gesto de Thalcave chamou a atenção dos retardatários. Tinham-lhe deixado tomar grande dianteira. Era preciso não perder tempo e lembrarem-se dos que tinham ficado para trás.

Puseram-se outra vez rapidamente a caminho, mas conheceram bem depressa que, exceto «Thaouka», os cavalos não poderiam por muito tempo aguentar a carreira. Ao meio-dia foi preciso dar-lhes uma hora de descanso. Não podiam já consigo, e não queriam comer os montículos de alfafas, espécie de luzerna enfezada e torrada pelo sol.

Glenarvan começou a inquietar-se. Não diminuían os sintomas de esterilidade, e a falta de água podia trazer desastrosas consequências. Thalcave não dizia nada; pensava provavelmente que, se o Guamini estivesse seco, então seria ocasião de desesperar, admitindo que o coração de um índio possa alguma vez ouvir a voz do desespero.

Tornou, portanto, a pôr-se em marcha e, com vontade ou sem ela, com o auxílio do chicote e da espora, os cavalos tiveram de continuar o caminho, mas a passo, porque não podiam andar de outro modo.

Thalcave facilmente tomaria a dianteira, porque, nalgumas horas, «Thaouka» podia transportá-lo até às margens do rio. Decerto pensou nisso; mas decerto, também, que não quis deixar os seus dois companheiros sós no meio daquele deserto, e, para não passar adiante, obrigou «Thaouka» a moderar a andadura.

Não foi sem resistir, sem se encabritar, sem relinchar violentamente, que o cavalo de Thalcave se resignou a ir a passo; foi preciso para isso, não tanto o vigor do dono, como as suas palavras. Thalcave conversava verdadeiramente com o cavalo, e «Thaouka», se não lhe respondia, pelo menos compreendia-o. Deve supor-se que Thalcave lhe deu excelentes razões, porque, depois de por algum tempo «discutir», «Thaouka» cedeu aos argumentos e obedeceu, não sem morder o freio.

Mas se «Thaouka» compreendeu Thalcave, este não compreendeu menos «Thaouka». O inteligente animal, dotado de órgãos superiores, pressentia alguma humidade no ar; aspirava-o com frenesi, agitando e fazendo estalar a língua, como se a molhasse num líquido benéfico. O patagão não se podia enganar com aqueles indícios: a água não estava longe.

Tratou, portanto, de animar os companheiros, interpretando as mostras de impaciência de «Thaouka», que os outros dois cavalos não tardaram a compreender. Fizeram um último esforço, e galoparam atrás do índio.

Próximo das três horas, uma faixa branca apareceu numa ondulação do terreno. Tremia sob a ação dos raios do sol.

— Água! — gritou Glenarvan.

— Água! Sim, água! — exclamou Roberto.

Já não tinham precisão de esporear os cavalos; os pobres animais, sentindo reanimarem-se-lhes as forças, abalaram com irresistível violência. Em poucos minutos alcançaram o rio Guamini, e, arreados como estavam, precipitaram-se até ao peitoral nas suas águas benéficas.

Os donos imitaram-nos, um tanto contra vontade, e tomaram um banho involuntário, de que não tiveram a lembrança de se queixar.

— Ah! Como é bom! — exclamou Roberto, saciando a sede em pleno rio.

— Modera-te, meu rapaz — bradava-lhe Glenarvan, pregando, mas não dando o exemplo. Só se ouvia o ruído dos rápidos goles.

Da sua parte, Thalcave bebeu tranquilamente, sem se apressar, a pequenos goles, mas «compridos como um laço», segundo a expressão patagã. Não acabava e era para reçar que o rio lhe passasse todo pelas goelas.

— Enfim — disse Glenarvan —, os nossos amigos não ficarão iludidos na sua esperança; ao chegarem ao Guamini podem ter a certeza de achar uma água límpida e abundante, se Thalcave sempre deixar alguma!

— Mas não se poderia sair-lhes ao caminho? — perguntou Roberto. — Poupar-lhe-íamos algumas horas de inquietação e de sofrimento.

— Decerto, meu rapaz, mas como transportar esta água? Os odres ficaram em poder de Wilson. Não; vale mais esperar como foi combinado. Calculando o tempo necessário e contando com cavalos que só andam a passo, os nossos amigos estarão aqui à noite. Preparemos-lhes bom abrigo e boa refeição.

Thalcave não esperara pela resposta de Glenarvan para escolher um lugar onde acampassem. Por grande felicidade achara nas margens do rio uma «ramada», espécie de recinto destinado a encerrar gado e que era fechado pelos três lados. Tinha o local condições excelentes para ali se fazer uma paragem, toda a vez que não houvesse receio de dormir ao relento, que era o que menos cuidado dava aos companheiros de Thalcave. Por isso não procuraram coisa melhor, e estenderam-se ao sol para enxugar as roupas, encharcadas devido ao banho que haviam tomado.

— Agora bem — disse Glenarvan —, visto que temos abrigo, pensemos na ceia. É preciso que os nossos amigos fiquem satisfeitos com os correios que enviaram adiante, e, ou me engano muito, ou não terão razão de queixa. Parece-me que uma hora de caça não será tempo perdido. Estás pronto, Roberto?

— Sim, milord — respondeu o jovem, levantando-se, de espingarda na mão.

Se Glenarvan teve esta ideia foi porque as margens do Guamini lhe pareceram ponto de reunião de toda a caça das planícies circunvizinhas; viam-se levantar aos bandos os tinamus, espécie de perdizes vermelhas peculiares dos Pampas, galinholas pretas, uma espécie de tarambola, chamada teru-teru, francolins de cor amarela e gaivotas de um verde magnífico.

Quanto aos quadrúpedes, não se deixavam ver, mas Thalcave, apontando para as altas ervas e para o mato espesso, fez compreender que estavam ali ocultos. Os caçadores só tinham alguns

passos a dar para se acharem na região do mundo mais abundante em caça.

Prepararam-se pois para a caçada e, desprezando a princípio as aves pelos quadrúpedes, dirigiram os primeiros tiros à caça grossa. Dali a momentos levantavam-se diante deles, e aos centos, cabritos monteses e guanacos, semelhantes aos que os assaltaram tão violentamente nas cumeadas da Cordilheira; mas estes animais, muito tímidos, fugiram com tamanha velocidade que foi impossível apanhá-los ao alcance da espingarda. Os caçadores voltaram-se então para uma caça menos rápida, que, demais, não deixava nada a desejar sob o ponto de vista alimentício. Caiu uma dúzia de perdizes vermelhas e de francolins, e Glenarvan matou com muita destreza um pecari «taytetre», paquiderme de pelo fulvo muito bom para comer, e que valia bem um tiro de espingarda.

Em menos de meia hora os caçadores, sem se fatigarem, abateram toda a caça de que tinham precisão. Quanto a Roberto, apanhou um curioso animal pertencente à ordem dos desdentados, um armadilha, espécie de tatu coberto de uma casca formada de peças ósseas e móveis, que media pé e meio de comprimento. Estava muito gordo e devia arranjar-se com ele um prato excelente, segundo o dizer do patagão. Roberto ficou muito orgulhoso com o resultado da sua caçada.

Quanto a Thalcave, deu aos companheiros o espetáculo de uma caçada ao nandu, espécie de avestruz peculiar dos Pampas, cuja rapidez é maravilhosa.

O índio não procurou lutar em astúcia com um animal tão ligeiro; meteu «Thaouka» a galope, direito ao nandu, de modo que depressa o pudesse alcançar, porque, falhando o primeiro ataque, o nandu fatigaria facilmente o cavalo e o caçador com os inextricáveis rodeios da sua carreira. Achando-se a favorável distância, Thalcave atirou as bolas com pulso vigoroso, e com tanta habilidade que se enrolaram nas pernas do avestruz e lhe paralisaram os esforços. Dali a alguns segundos o animal jazia por terra.

O índio apoderou-se dele, não por um fútil prazer de caçador: a carne do nandu é muito estimada, e Thalcave desejava também fornecer um prato para a refeição comum.

Trouxeram, pois, para a ramada a enfiada de perdizes, o avestruz de Thalcave, o pecari de Glenarvan e o tatu de Roberto. O avestruz e o pecari foram logo preparados, isto é, despojados da sua pele coriácea, e cortados em lascas delgadas. Quanto ao tatu, é um animal precioso, que traz consigo a frigideira, e colocaram-no dentro da própria casca em cima das brasas.

Os três caçadores contentaram-se com as perdizes para a ceia e guardaram para os companheiros as peças mais sólidas. Foi acompanhada a refeição de uma água límpida, que acharam superior ao melhor vinho do Porto e até à famosa *usquebaugh*, tão gabada e estimada

nas regiões elevadas da Escócia.

Não ficaram no esquecimento os cavalos. Uma grande porção de forragem seca, acumulada na ramada, serviu-lhes ao mesmo tempo de cama e alimento.

Depois de tudo preparado, Glenarvan, Roberto e o índio embrulharam-se nos seus ponchos e estenderam-se numa cama de alfafas, cama habitual dos caçadores dos Pampas.

Capítulo 19 — Os Lobos Vermelhos

Sobreveio a noite, noite de lua nova, durante a qual o astro noturno devia conservar-se invisível para todos os habitantes da Terra. Só o indeciso fulgor das estrelas alumia a planície. No horizonte, as constelações zodiacais sumiam-se em meio de um nevoeiro. As águas do Guamini deslizavam sem murmurar, como grande lençol de azeite correndo sobre a mesa de mármore. Aves, quadrúpedes e répteis descansavam das fadigas do dia, e o silêncio do deserto reinava no imenso território dos Pampas.

Glenarvan, Roberto e Thalcave não tinham escapado à lei comum. Estendidos sobre a espessa camada de luzerna, dormiam profundo sono. Os cavalos, prostrados de fadiga, tinham-se deitado no chão; só «Thaouka», como verdadeiro cavalo de sangue, dormia em pé, com as pernas aprumadas, altivo no repouso como na ação, e pronto a partir ao primeiro sinal do dono. No interior da ramada reinava perfeita tranquilidade, e o brasido do lar noturno, apagando-se pouco a pouco, lançava os últimos clarões em meio do silêncio e da escuridão.

Contudo, por volta das dez horas, após um curto sono, o índio acordou. Os olhos tornaram-se-lhe fixos sob as pestanas meio cerradas, e pôs-se à escuta na direção da planície. Era evidente que procurava surpreender algum som impercetível. Dali a pouco manifestava-se-lhe uma vaga inquietação no rosto, apesar da sua habitual impassibilidade. Sentiria ele a aproximação dos índios salteadores, ou dos jaguares, dos tigres marinhos e de outros animais temíveis, que não são raros nas vizinhanças dos rios? A última hipótese pareceu-lhe decerto plausível, porque lançou um rápido olhar para as matérias combustíveis acumuladas no recinto, e a sua inquietação ainda mais aumentou. Efetivamente, toda a camada seca de alfafas devia consumir-se depressa, e não podia com ela conter por muito tempo animais audaciosos.

Nesta conjuntura, Thalcave só tinha a esperar os acontecimentos, e deixou-se ficar, meio deitado, com a cabeça entre as mãos, os cotovelos apoiados nos joelhos, lixo o olhar, na posição do homem a quem súbita ansiedade tira o sono.

Passou uma hora. Qualquer outro que não fosse Thalcave, tranquilizado pelo sossego interior, tornar-se-ia a deitar. Mas onde um estrangeiro nada suspeitaria, os sentidos sobre-excitados do índio pressentiam algum perigo iminente.

Enquanto ele espregueitava e escutava, «Thaouka» fez ouvir um relincho sufocado e estendeu o focinho para a entrada da ramada. O patagão ergueu-se de súbito.

— «Thaouka» sentiu algum inimigo — disse ele.

Pôs-se de pé e foi examinar atentamente a planície.

Reinava ainda o silêncio, mas não a tranquilidade. Thalcave entreviu umas sombras, que se moviam sem ruído através dos montículos de «curra-mamel». Em vários sítios cintilavam pontos luminosos, que se cruzavam em todos os sentidos, que se apagavam e tornavam a acender. Dir-se-ia dança de fogos-fátuos sobre espelho de charco imenso. Um estrangeiro tomaria decerto aquelas cintilações flutuantes por insetos fosforescentes, que brilham, de noite, em muitos lugares das regiões pampesinas; porém, Thalcave não se iludiu; compreendeu com que inimigos se tinha de haver; engatilhou a carabina e pôs-se de observação junto das primeiras estacas do recinto.

Não esperou muito tempo. Um bramido estranho, mistura de latidos e uivos, ressoou pelos Pampas. Respondeu-lhe a detonação da carabina, a qual foi seguida de cem bramidos espantosos.

Glenarvan e Roberto, acordando de súbito, levantaram-se.

— O que há de novo? — perguntou o jovem Grant.

— São índios? — acrescentou Glenarvan.

— Não — respondeu Thalcave —; «aguaras».

Roberto olhou para Glenarvan.

— Sim — explicou Glenarvan —, lobos vermelhos.

Ambos lançaram mão das armas e chegaram-se para o índio. Este apontou para a planície, donde se elevava um concerto de uivos.

Roberto recuou involuntariamente.

— Não tens medo dos lobos, meu rapaz? — disse Glenarvan.

— Não, milord — afirmou Roberto, com voz firme. — Demais, ao pé de milord não tenho medo de coisa alguma.

— Tanto melhor. Os «aguaras» são feras pouco temíveis e, se não fosse o seu número, nem me ocuparia delas.

— Que importa! — redarguiu Roberto. — Estamos bem armados; que venham!

— Serão bem recebidos!

Falando deste modo, o que Glenarvan queria era sossegar o jovem; mas não pensava sem terror secreto naquela legião de carnívoros desenfreados em meio das trevas da noite. Talvez fossem aos centos, e três homens, por muito bem armados que estivessem, não podiam lutar vantajosamente com tal número de animais.

Quando o patagão proferiu o nome «aguara», Glenarvan não reconheceu logo o nome dado ao lobo vermelho pelo índio dos Pampas. Aquele carnívoro, o *canes jubatus* dos naturalistas, tem o tamanho de um cão grande e a cabeça da raposa; o pelo é vermelho-canela, e sobre o dorso flutua-lhe uma juba negra, que corre ao longo da espinha. É muito ligeiro e vigoroso; costuma habitar nos lugares pantanosos e persegue a nado os animais aquáticos; a noite faz com que ele saia do covil, onde dorme durante o dia; é temido principalmente nas regiões onde se criam rebanhos, porque, por pouco que a fome o aperte, atira-se ao gado e faz estragos consideráveis. Isolado, o «aguara» não é para recear; mas já não sucede assim quando, em grande número, é perseguido pela fome, e mais vale ter de lutar com algum cuguardo ou jaguar, animais que se podem atacar frente a frente.

Ora, a avaliar pelos uivos que estrondeavam nos Pampas, pela multidão de vultos que pulavam na planície, Glenarvan não podia iludir-se com a quantidade de lobos vermelhos reunidos nas margens do Guamini; tinham pressentido uma presa certa, carne de cavalo ou carne humana, e nenhum voltaria para o covil sem ter apanhado o quinhão. A situação era, portanto, muito assustadora.

O círculo dos lobos ia estreitando. Os cavalos, acordando, deram sinais do maior terror. Só «Thaouka» batia com a pata, diligenciando quebrar a rédea, pronto a saltar para fora. O dono só conseguia sossegá-lo assobiando-lhe continuamente.

Glenarvan e Roberto tinham-se postado de maneira que defendiam a entrada da ramada. Com as carabinas engatilhadas, iam fazer fogo sobre a primeira fila dos lobos quando Thalcavelhes levantou com a mão a arma já metida à cara.

— Que quer Thalcave? — perguntou Roberto.

— Impede-nos que atiremos! — explicou Glenarvan.

— Porquê?

— Não julga talvez o momento oportuno!

Não era este o motivo do procedimento do índio, mas uma razão mais grave, e Glenarvan compreendeu-a quando Thalcave, puxando do polvorinho e voltando-o, mostrou que estava quase vazio.

— Então? — tornou Roberto.

— Então, é preciso pouparmos as munições. A caça hoje custou-nos cara e temos falta de pólvora e chumbo. Só podemos fazer vinte tiros.

O jovem nada respondeu.

— Tu não tens medo, Roberto?

— Não, milord.

— Bem, meu rapaz.

Naquele momento ouviu-se nova detonação. Thalcave derribara um inimigo muito audacioso; os lobos, que avançavam em coluna cerrada, recuaram e colocaram-se em massa a cem passos de distância.

No mesmo instante Glenarvan, obedecendo a um sinal do índio, tomou o lugar dele; Thalcave, ajuntando a cama, as ervas, numa palavra, todas as matérias combustíveis, pô-las em monte à entrada da ramada e lançou-lhes em cima uma brasa. Uma cortina de chamas elevou-se logo sobre o fundo escuro do céu, e através dos seus rasgões apareceu a colina intensamente alumada por imensos reflexos móveis. Glenarvan pôde avaliar a inumerável quantidade de animais a que era preciso resistir. Nunca se tinham visto tantos lobos juntos, nem tão ávidos. A barreira de fogo que Thalcave acabava de lhes opor redobrou-lhes a cólera, porque os fazia estacar. Contudo alguns, impelidos pelas fileiras mais afastadas, avançaram até ao próprio braseiro, e aí queimaram as patas.

De tempos a tempos, era preciso novo tiro de espingarda para deter aquele bando invasor, e no fim de uma hora uns quinze cadáveres juncavam já a campina.

Os sitiados achavam-se então numa situação relativamente menos perigosa; enquanto durassem as munições, enquanto a barreira de fogo se erguesse à entrada da ramada, não era de recear a invasão. Mas que fazer depois, quando todos os meios de repelir o bando dos lobos faltassem a um tempo?

Glenarvan olhou para Roberto, e o coração oprimiu-se-lhe. Esqueceu-se a si mesmo, para só se lembrar daquela pobre criança, que dava provas de coragem superior à sua idade. Roberto estava pálido, mas, sem largar a arma, esperava a pé firme o ataque dos lobos exasperados.

Glenarvan resolveu pôr termo à situação.

— Daqui a uma hora — ponderou ele — não teremos nem pólvora, nem chumbo, nem fogo. Ora, não devemos esperar o momento fatal para tomar uma resolução.

Voltou-se para Thalcave e, reunindo as poucas palavras que a memória lhe sugeriu, começou com o índio um diálogo várias vezes interrompido pelos tiros.

Não foi sem dificuldade que aqueles dois homens conseguiram fazer-se entender. Por grande fortuna, Glenarvan conhecia os costumes dos lobos vermelhos. Se não fosse esta circunstância, não teria podido interpretar as palavras e os gestos do patagão.

Contudo decorreu um quarto de hora primeiro que ele pudesse transmitir a Roberto a resposta de Thalcave. Glenarvan interrogara o índio a respeito da sua situação quase

desesperada.

— E o que respondeu ele? — perguntou Roberto Grant.

— Diz que, custe o que custar, será preciso sustentarmo-nos até ao romper do dia. O «aguara» só sai de noite, e quando a manhã rompe torna a recolher-se ao covil. É o lobo das trevas, uma fera covarde, que tem medo do dia claro, um mocho de quatro pés!

— Bem, pois defendamo-nos até ao romper do dia!

— Sim, meu rapaz, e às facadas, quando já não nos pudermos defender a tiro.

Thalcave já dera esse exemplo. Quando um lobo *se* aproximava da fogueira, o comprido braço do patagão atravessava as chamas e tirava-o vermelho de sangue.

Mas os meios de defesa iam faltar. Pelas duas horas da manhã, Thalcave deitava na fogueira o último braçado de combustível e só restavam aos sitiados cinco tiros. Glenarvan deitou em roda de si um olhar desesperado.

Pensou no jovem que ali estava, nos seus companheiros, em todos a quem amava. Roberto nada dizia. Talvez que à sua imaginação cheia de confiança o perigo não parecesse iminente. Mas Glenarvan pensava nisso em lugar dele, e imaginava a perspectiva horrível e inevitável de ser devorado em vida! Não pôde dominar a comoção, puxou o jovem para si, apertou-o contra o coração, chegou-lhe os lábios à frente, ao mesmo tempo que lágrimas involuntárias lhe deslizavam dos olhos.

Roberto olhou para ele sorrindo.

— Não tenho medo! — disse.

— Não, meu filho, não — volveu-lhe Glenarvan —, e tens razão. Daqui a duas horas romperá o dia e ficaremos salvos! Bem, Thalcave, bem, meu bravo patagão! — exclamou ele, no momento em que o índio matava às coronhadas duas enormes feras que tentavam transpor a barreira ardente.

Mas, naquele momento, o clarão expirante da fogueira mostrou-lhe o bando dos «aguaras», que marchava em coluna cerrada para o assalto da ramada.

O desenlace do sanguinolento drama aproximava-se; o fogo ia amortecendo, faltar de combustível; a chama diminuía; a planície, alumiada até ali, mergulhava outra vez nas trevas, e também nas trevas tornavam a aparecer os olhos fosforescentes dos lobos vermelhos. *Só* mais alguns minutos, e todo o bando se precipitaria no recinto.

Thalcave descarregou pela última vez a carabina, deitou mais um inimigo por terra, e, como se lhe acabassem as munições, cruzou os braços. Pareceu meditar profundamente. Procurava ele no espírito algum meio arrojado, impossível, insensato, de repelir aquela horda furiosa?

Glenarvan não se atrevia a interrogá-lo.

Naquele momento operou-se uma mudança no ataque dos lobos. Pareceram afastar-se, e os seus uivos, tão atroadores até então, calaram-se de repente.

— Retiram-se! — disse Roberto.

— Talvez — admitiu Glenarvan, que se pôs a escutar os ruídos exteriores.

Mas Thalcave, adivinhando-lhes o pensamento, sacudiu a cabeça. Sabia muito bem que as feras não abandonariam uma presa segura, enquanto a claridade do dia as não fizesse recolher aos escuros covis.

A tática do inimigo modificara-se evidentemente.

Não procurava forçar a entrada da ramada, mas as suas novas manobras iam ocasionar um perigo muito mais sério.

Desistindo de penetrar pela entrada, que estava defendida a ferro e a fogo, os «aguaras» tornearam a ramada, e, de comum acordo, procuraram assaltá-la pelo lado oposto.

Não tardou que se ouvisse cravarem as garras na madeira meio podre. Por entre as abaladas estacas passavam já as patas vigorosas, as goelas sangrentas dos lobos. Os cavalos, assustados, quebrando a rédea que os prendia, corriam em volta do recinto, tomados de louco terror.

Glenarvan agarrou o jovem, a fim de o defender até à última extremidade. Tentando uma fuga impossível, ia talvez saltar para fora da ramada quando os seus olhares se dirigiram para o índio.

Depois de ter girado em torno da ramada, como uma fera, Thalcave aproximara-se de repente do cavalo, que estremecia de impaciência, e começou a selá-lo com cuidado sem se esquecer de uma correia, de uma fivela sequer. Não parecia inquietar-se com os uivos, que redobravam». Glenarvan olhou para o que ele fazia com terror sinistro.

— Abandona-nos! — exclamou, vendo Thalcave juntar as rédeas, como um cavaleiro que vai montar.

— Ele! Nunca! — garantiu Roberto.

E efetivamente o índio ia tentar, não abandonar os amigos, mas salvá-los, sacrificando-se por eles.

«Thaouka» estava pronto; mordida o freio, saltava; os olhos, com muita animação, faiscavam; compreendera o dono.

No momento em que o índio agarrava na crina do cavalo, Glenarvan travou-lhe o braço com a mão convulsa.

— Partes? — disse-lhe, apontando para a planície então livre.

— Parto — exclamou o índio, compreendendo o gesto do companheiro.

Depois acrescentou algumas palavras espanholas que significavam:

— «Thaouka»! Bom cavalo. Rápido. Os lobos irão em seu seguimento.

— Ah! Thalcave! — exclamou Glenarvan.

— Depressa! Depressa!—recomendou o índio, ao tempo que Glenarvan dizia a Roberto com voz perturbada pela comoção:

— Roberto! Meu filho! Ouve-lo? Quer sacrificar-se por nós! Quer partir pelos Pampas fora, e desviar de nós a fúria dos lobos, atraindo-a sobre si!

— Amigo Thalcave — acudiu Roberto, lançando-se aos pés do patagão —, amigo Thalcave, não nos deixes!

— Não! — disse Glenarvan, não nos deixará.

E, voltando-se, acrescentou:

— Partamos juntos — e apontou para os cavalos aterrados e apertados contra as estacas.

— Não — exclamou o índio, que percebeu perfeitamente o sentido destas palavras. — São maus cavalos; assustados. «Thaouka» bom cavalo.

— Seja! — disse Glenarvan. — Thalcave não te deixará, Roberto! Ensina-me o que tenho a fazer! Eu é que devo partir. Ele é que deve ficar junto de ti.

E, lançando mão da rédea de «Thaouka», declarou:

— Eu é que partirei!

— Não — retorquiu serenamente o patagão.

— Serei eu, repito — exclamou Glenarvan, arrancando-lhe a rédea das mãos. — Salva esta criança! Confio-ta, Thalcave!

Na sua exaltação, Glenarvan misturava palavras inglesas com palavras espanholas. Mas que importa a linguagem? Em situações tão terríveis o gesto diz tudo, e os homens compreendem-se depressa.

Thalcave resistiu. A discussão prolongava-se e o perigo aumentava de segundo em segundo. As estacas, roídas, cediam ao esforço dos dentes e garras dos lobos.

Nem Glenarvan nem Thalcave pareciam dispostos a ceder. O índio arrastara Glenarvan para a entrada do recinto; mostrava-lhe a planície livre de lobos; na sua linguagem animada, fazia-lhe compreender que não devia perder um momento, que o perigo, se a manobra não dava bom resultado, seria mais para os que ficassem, finalmente que só ele conhecia muito bem «Thaouka» para poder utilizar na salvação comum as maravilhosas qualidades de ligeireza e velocidade que ele possuía. Glenarvan, cego, teimava e queria sacrificar-se, quando de repente

foi repellido com violência. «Thaouka» saltava; levantava-se nas patas traseiras e de um relance transpôs a barreira de fogo e a fileira de cadáveres, ao mesmo tempo que uma voz juvenil bradava:

— Deus o salve, milord!

Glenarvan e Thalcave quase nem tiveram tempo para ver Roberto, que, agarrado às crinas de «Thaouka», desaparecia na escuridão.

— Roberto! Desgraçado! — exclamou Glenarvan.

Mas estas palavras, nem mesmo o índio as pôde ouvir. Elevou-se um uivar espantoso. Arremetendo no rasto do cavalo, os lobos vermelhos corriam para o ocidente com fantástica rapidez.

Thalcave e Glenarvan precipitaram-se para fora da ramada. A planície já recaíra no silêncio, e apenas puderam perceber uma linha movediça, que ondulava ao longe em meio das trevas da noite.

Glenarvan caiu no chão, acabrunhado, desesperado, e pondo as mãos. Contemplou Thalcave. O índio sorriu com a sua costumada impassibilidade.

— «Thaouka». Bom cavalo! Jovem valente! há de salvar-se! — repetia ele, fazendo um sinal aprovativo com a cabeça.

— E se cair? — bradou Glenarvan.

— Não cairá!

Apesar da confiança de Thalcave, a noite acabou para o pobre lord em meio de terríveis agonias. Já não tinha consciência do perigo que desaparecera com os lobos. Queria correr após Roberto; mas o índio deteve-o; fez-lhe compreender que os cavalos não o podiam apanhar; que «Thaouka» havia de ter alcançado grande dianteira sobre os seus inimigos, que não seria possível encontrá-lo na escuridão, e era preciso esperar que o dia rompesse para seguir o rasto de Roberto.

Pelas quatro horas começou a alvorecer. Os nevoeiros condensados do horizonte tingiram-se então de pálidos clarões. Matizava a planície um límpido orvalho, e as ervas altas começaram a agitar-se sob o impulso das primeiras brisas do dia.

Chegara o momento de partir.

— A caminho — recomendou o índio.

Glenarvan não respondeu, mas saltou sobre o cavalo de Roberto. Dali a pouco os dois cavaleiros galopavam na direção do ocidente, seguindo em linha reta, da qual não se deviam afastar os seus companheiros.

Durante uma hora caminharam com rapidez prodigiosa, procurando Roberto com a vista, receando a cada passo encontrar o seu cadáver ensanguentado. Glenarvan rasgava com a espora os flancos do cavalo. Finalmente ouviram-se tiros de espingarda, detonações regularmente espaçadas, como sinal de reconhecimento.

— São eles — exclamou Glenarvan.

Glenarvan e Thalcave meteram os cavalos a passo ainda mais rápido, e instantes depois alcançavam o destacamento conduzido por Paganel. Glenarvan soltou um grito do fundo do peito. Roberto estava diante dele, vivo, bem vivo, montado no soberbo «Thaouka», que relinchou de prazer quando novamente viu o dono.

— Ah! Meu filho! Meu filho! — exclamou Glenarvan, com indizível expressão de ternura.

E apeando-se ambos, ele e Roberto, precipitaram-se nos braços um do outro. Em seguida, tocou a vez ao índio de apertar contra o peito o filho do capitão Grant.

— Vive! Vive! — repetiu Glenarvan.

— Sim — retorquiu Roberto — e graças a «Thaouka»!

O índio não esperava aquela palavra de reconhecimento para agradecer ao cavalo, e naquele momento já falava com ele, abraçava-o, como se nas veias do soberbo animal corresse sangue humano.

Depois, voltando-se para Paganel, mostrou-lhe o jovem Roberto.

— Um valente! — afirmou.

E empregando a metáfora índia que serve para exprimir a coragem, acrescentou:

— As suas esporas não tremeram!

Glenarvan perguntava a Roberto, cingindo-o com os braços:

— Porque foi, meu filho, porque foi que não nos deixaste a mim ou a Thalcave tentar a última probabilidade de te salvar?

— Milord — respondeu o jovem com o tom da mais profunda gratidão —, não era a mim que pertencia sacrificar-me? Thalcave já me salvou a vida! E milord vai salvar meu pai!

Capítulo 20 — As Planícies Argentinas

Após as primeiras expansões do regresso, Paganel, Wilson, Austin, Mulrady, todos os que tinham ficado para trás, exceto talvez o major Mac-Nabs, deram por uma coisa: que morriam de sede. Mas, por fortuna, o Guamini deslizava a pouca distância. Tornaram a pôr-se a caminho, e às sete horas da manhã a pequena caravana chegou junto do cerrado. Em vista da grande quantidade de cadáveres de lobos que juncavam as proximidades da ramada, era fácil compreender e avaliar a violência do ataque e o vigor da defesa. Bem depressa os viajantes, plenamente refrigerados, se entregaram ao prazer de um almoço fenomenal. Os filetes de nandu foram declarados excelentes e o tatu, assado na própria casca, qualificado de manjar delicioso.

— Nestas circunstâncias, comer razoavelmente seria ingratidão para com a Providência — opinou Paganel —; é preciso comer muito.

E comeu efetivamente muito, e não passou mal por isso, graças à água límpida do Guamini, que lhe pareceu possuir qualidades digestivas muito superiores.

Às dez horas da manhã, Glenarvan, não querendo cometer as faltas de Aníbal em Cúpua, deu o sinal de partida. Encheram os odres de água e puseram-se a caminho. Os cavalos, com as forças já restauradas, mostraram muito ardor, e quase toda a jornada se conservaram na andadura do pequeno galope de caça. O país ia-se tornando mais húmido e por isso mais fértil também; porém, continuava a mostrar-se deserto. Não houve nenhum incidente durante os dias 2 e 3 de novembro, e à noite os dias, quatrocentas e cinquenta milhas, isto é, quase dois terços do caminho, tinham sido percorridas.

No dia seguinte transpuseram a linha convencional que separa as planícies argentinas da região dos Pampas. Era ali que Thalcave esperava encontrar os caciques em cujo poder não duvidava estar o capitão Harry Grant e os seus dois companheiros de escravidão.

Das catorze províncias que compõem a República Argentina, a de Buenos Aires é ao mesmo tempo a mais vasta e a mais povoada. A sua fronteira confina com os territórios índios do sul, entre o sexagésimo quarto e o sexagésimo quinto graus. O seu território é de extraordinária fertilidade. Um clima essencialmente salubre favorece esta planície, coberta de gramíneas e de plantas arborescentes leguminosas, e que apresenta uma horizontalidade quase perfeita ao sopé das serras Tandil e Tapalquem.

Desde que tinham deixado o Guamini, notavam os viajantes, não sem grande satisfação, uma

melhoria notável na temperatura. A sua média não excedia dezassete graus centígrados, graças aos ventos frios e violentos da Patagónia, que incessantemente agitam as ondas atmosféricas. Os homens e os animais não tinham motivo de se queixarem, depois de tanto haverem sofrido da secura e do calor. Avançava-se com ardor e confiança. Mas, apesar de quanto dissera Thalcave, o país parecia inteiramente desabitado, ou, para melhor dizer, abandonado.

Muitas vezes a linha do oriente costeou ou cortou pequenas lagoas, umas de água doce, outras de água salobra. Nas suas proximidades, e abrangidos pelos montes, saltitavam leves picanços e cantavam alegres bandos de cotovias, na companhia de tangarás, rivais dos pica-flores nas cores cintilantes. Estas lindas aves batiam as asas alegremente, sem fazerem caso dos estorninhos militares, que se enfileiravam nas margens com as suas dragonas e os seus peitos vermelhos. Nos silvados balouçava-se, como a rede de uma crioula, o ninho oscilante dos «annubis», e, à beira das lagoas, magníficos íbis vermelhos, marchando em grupos regulares, abriam ao vento as asas cor de fogo. Os seus ninhos, agrupados aos milhares, em forma de cores truncadas de um pé de altura, formavam como que uma cidadela em ponto pequeno. Com a aproximação dos viajantes os íbis não se inquietavam muito. Era o que não fazia grande conta ao sapiente Paganel.

— Há bastante tempo — disse ele ao major — que tenho curiosidade de ver voar um íbis vermelho.

— Bem! — disse o major.

— Como agora se me oferece a ocasião, aproveite-a.

— Pois aproveite-a, Paganel.

— Venha comigo, major. Vem também, Roberto. Preciso de testemunhas.

E Paganel, deixando os companheiros continuar o seu caminho, dirigiu-se, seguido de Roberto Grant e do major, para o bando dos fenicópteros.

Chegando a distância conveniente, fez um tiro de pólvora seca, porque Paganel não era homem que inutilmente derramasse o sangue de um pássaro. De comum acordo, todos os íbis levantaram o voo, enquanto o sábio, de óculos postos, os observava atentamente.

— Ora bem — perguntou ele ao major, depois de o bando desaparecer —, viu-os voar?

— Se vi — respondeu o major —, e toda a vez que não fosse cego não podia deixar de ver.

— Acharam que os íbis, quando voavam, se pareciam com flechas empenadas?

— Nem por sombras — respondeu o major.

— Nem nada — acrescentou Roberto.

— Estava certo disso! — declarou o sábio com ar de satisfação. Não obstante, o meu ilustre

compatriota Chateaubriand fez a comparação inexata dos íbis e das flechas! Ah! Roberto, a comparação, como vês, é a mais perigosa figura de retórica que se conhece. Desconfia dela toda a vida e não a empregues senão no último limite.

— Está então satisfeito com a experiência? — disse o major.

— Encantado.

— Eu também, mas esporeemos os cavalos, porque o seu ilustre Chateaubriand causou-nos o atraso de uma milha.

Quando alcançou os companheiros, Paganel encontrou Glenarvan em animada conversação com o índio, a quem não parecia compreender. Thalcave parara muitas vezes para observar o horizonte, e em todas elas o rosto do patagão mostrava grande espanto.

Não vendo junto de si o intérprete ordinário, Glenarvan procurara, mas debalde, interrogar o índio. Por isso, assim que avistou o sábio, gritou-lhe:

— Aproxime-se, amigo Paganel, eu e Thalcave não conseguimos fazer-nos entender!

Paganel conversou alguns minutos com o patagão, e voltando-se para Glenarvan, comunicou-lhe:

— Thalcave admira-se de um facto que é deveras extraordinário.

— Que facto?

— O de não encontrar índios, nem vestígios dos mesmos, nestas planícies, que são ordinariamente frequentadas pelos seus bandos, quer vão levando diante de si o gado roubado nas plantações, quer vão até ao Andes vender tapetes de «zorillo» e chicotes de couro entrançado.

— E a que atribui Thalcave este abandono?

— Não sabe explicá-lo; admira-se, e mais nada.

— Mas que índios esperava ele encontrar nesta parte dos Pampas?

— Exatamente os que tiveram presos estrangeiros em seu poder; os indígenas governados pelos caciques Calfoucura, Catriel ou Yanchetruz.

— Que qualidade de gente é essa?

— Chefes de tribos que há trinta anos eram muito poderosos, antes de terem sido acoitados para além das serras. De então para cá, submeteram-se tanto quanto um índio se pode submeter, e exploram a planície da Pampásia e do mesmo modo a província de Buenos Aires. Por isso admiro-me também, como Thalcave, de não encontrar vestígios deles numa região onde geralmente exercem a profissão de salteadores.

— Mas então — perguntou Glenarvan — que resolução devemos tomar?

— Vou saber — respondeu Paganel.

E após alguns instantes de conversação com Thalcave, disse:

— Eis o conselho que ele dá e que me parece muito judicioso. É preciso continuar o nosso caminho para leste até ao forte Independência (que é o nosso rumo) e aí, se não obtivermos notícias do capitão Grant, saberemos ao menos o que foi feito dos índios da planície argentina.

— O forte Independência fica longe? —olveu Glenarvan.

— Não; está situado na serra Tandil, a sessenta milhas.

— E chegaremos lá?...

— Depois de amanhã à noite.

Glenarvan ficou bastante desanimado com este incidente. Não encontrar um índio nos Pampas era o menos que se devia esperar. Ordinariamente é o que há mais. Por força, alguma circunstância muito particular os devia ter afastado. Mas, o que era grave, se Harry Grant estava prisioneiro de uma das tribos, para onde fora levado: para o norte ou para o sul? Esta dúvida não deixou de inquietar Glenarvan. Importava, custasse o que custasse, não perder a pista do capitão. Finalmente, o melhor era seguir o conselho de Thalcave e encaminharem-se para a aldeia de Tandil. Aí, ao menos, encontrariam com quem falar.

Por volta das quatro horas da tarde avistaram no horizonte uma colina, que em país tão plano podia passar por montanha. Era a serra Tapalquem, no sopé da qual os viajantes acamparam aquela noite.

No dia seguinte atravessaram-na do modo mais fácil possível. Serra assim não podia ser tomada a sério por pessoas que tinham transposto a cordilheira dos Andes, e os cavalos mal afrouxaram a rápida andadura. Ao meio-dia passavam além do forte abandonado de Tapalquem, primeiro anel daquela cadeia de fortins levantados na fronteira do sul para defender o território civilizado dos indígenas salteadores. Mas, com surpresa crescente de Thalcave, nem sombra de índios se encontrava. Entretanto, por volta do meio-dia, três exploradores da planície, bem montados e bem armados, observaram um momento a pequena caravana mas evitaram a sua aproximação e fugiram com incrível rapidez. Glenarvan estava furioso.

— São gaúchos — disse o patagão, dando aos indígenas a denominação que tinha suscitado uma discussão entre o major e Paganel.

— Ah! Gaúchos! — exclamou Mac-Nabs. — Ora bem, Paganel, o vento norte não sopra hoje. O que pensa daqueles brutos?

— Penso que têm o aspeto de famosos bandidos — redarguiu Paganel.

— E da aparência à verdade, estimado sábio?

— Há um passo apenas, caro major!

A confissão de Paganel foi seguida de uma risada geral, que não o perturbou, e Paganel até fez a propósito dos índios uma observação muito curiosa.

— Li não sei onde — disse ele — que no árabe a boca tem uma expressão feroz, enquanto que a expressão humanitária se lhe acha no olhar. Pois no selvagem americano é exatamente o contrário. Nesta gente o olhar, principalmente, tem uma expressão má.

Um fisionomista de profissão não falaria melhor ao caracterizar a raça pele-vermelha.

Conforme as ordens de Thalcave, caminhavam em pelotão cerrado; apesar de aquela região se mostrar muito deserta, era preciso cautela contra alguma surpresa; mas foi inútil a precaução e naquela mesma noite acampavam numa vasta «tolderia» abandonada, onde o cacique Catriel reunia ordinariamente os seus bandos de indígenas. Pela inspeção que se passou ao terreno e pela falta de vestígios recentes o patagão reconheceu que a «tolderia» havia muito que não era habitada.

No dia seguinte achavam-se outra vez na planície Glenarvan e os seus companheiros; as primeiras estâncias²² próximas da serra Tandil foram avistadas; mas Thalcave resolveu não se deter ali e marchar direito ao forte Independência, onde particularmente se queria informar da situação singular daquele território abandonado.

As árvores, tão raras desde a Cordilheira, tornaram a aparecer, a maior parte das quais tinham sido plantadas depois da chegada dos Europeus ao território americano. Viam-se ali sicómoros bastardos, pessegueiros, álamos, salgueiros, acácias, que, sem tratamento, cresciam depressa e bem. Geralmente estas árvores rodeavam os «corrales», vastos cerrados para gado, formados na estacaria. Pastavam e engordavam ali, aos milhares, bois, vacas, carneiros e cavalos, marcados a ferro em brasa com o distintivo do dono, e grande número de cães vigilantes vagueavam nos arredores. O solo, um pouco salgadiço, que se estende junto das montanhas, convém admiravelmente ao gado e produz forragem excelente. Este terreno é preferido para o estabelecimento das estâncias, que são dirigidas por um mordomo e um contramestre, tendo às suas ordens quatro peões por cada mil cabeças de gado.

Leva aquela gente a vida dos grandes pastores da Bíblia; os seus rebanhos são bastante numerosos, talvez mais numerosos que os rebanhos que enchiam a planície de Mesopotâmia; mas ali a família falta ao pastor, e os grandes «estanceros» dos Pampas têm tudo do grosseiro contratador de bois e nada do patriarca dos tempos bíblicos.

Foi o que Paganel explicou muito bem aos companheiros e, aproveitando o ensejo, entregou-se a uma discussão antropológica cheia de interesse sobre a comparação das raças. Chegou até

a interessar o major, que não dissimulou o que sentia.

Paganel teve ocasião de fazer observar um curioso efeito de miragem, muito vulgar nas planícies horizontais: de longe, as estâncias pareciam grandes ilhas; os álamos e os salgueiros, que as orlavam, pareciam refletir-se numa água límpida, que ia fugindo diante dos viajantes; era, porém, tão perfeita a ilusão que a vista não podia costumar-se àquela perspectiva.

Durante a jornada do dia 6 de novembro encontraram os viajantes muitas estâncias e também um ou dois «saladeros». É no «saladero» que o gado, depois de ter sido engordado no meio de pastagens fertilíssimas, vem estender o pescoço ao cutelo do magarefe. Como o nome indica, o «saladero» é o lugar onde se salgam as carnes. No fim da primavera é que principiam estes trabalhos repugnantes. Os «saladeros» vão buscar os animais ao curral; apanham-nos com o laço, que habilmente manejam, e conduzem-nos ao «saladero»; ali, bois, touros, vacas, carneiros, são abatidos aos centos, esfolados e esquartejados. Mas muitas vezes os touros não se deixam apanhar sem resistência. O esfolador transforma-se então em toureiro, e este mester arriscado desempenha-o ele com habilidade e, deve dizer-se, com ferocidade pouco comuns. Numa palavra, a matança forma um espetáculo terrível. Não há nada tão repugnante como os arredores de um «saladero»: emanações fétidas, gritos ferozes dos esfoladores, latidos sinistros dos cães, bramidos prolongados dos animais moribundos, enquanto os urubus e os auras, abutres enormes da planície argentina, que ali afluem aos milhares, vindos de vinte léguas em roda, disputam aos magarefes os restos ainda palpitantes das vítimas.

Mas naquela ocasião os «saladeros» estavam silenciosos, sossegados e desabitados. A hora das imensas matanças não soara ainda.

Thalcave apressava o passo; queria naquela mesma noite chegar ao forte Independência; os cavalos, excitados pelos donos e seguindo o exemplo de «Thaouka», pareciam voar através das altas gramíneas do solo. Encontraram pelo caminho muitas herdades com ameias e defesa de fossos profundos, tendo a casa principal um terraço, do alto do qual os moradores, organizados militarmente, podem trocar tiros com os salteadores da campina. Glenarvan talvez ali pudesse obter as informações que desejava, mas o mais seguro era chegar à aldeia de Tandil. Não pararam. Atravessaram a vau do rio de Los Huesos e, algumas milhas mais além, o Chapaléofu. Bem depressa a serra Tandil ofereceu às patas dos cavalos o arrelvado declive dos seus primeiros acidentes, e uma hora depois apareceu a aldeia no fundo de um estreito desfiladeiro, dominada pelas muralhas ameadas do forte Independência.

Capítulo 21 — O Forte Independência

A serra Tandil está mil pés acima do nível do mar; é uma cordilheira primária, isto é, anterior a toda a criação orgânica e metamórfica, pois que a sua natureza e composição se têm gradual e vagorosamente modificado pela ação do calor interior. É formada de uma sucessão semicircular de colinas de gneisse cobertas de relva. O distrito de Tandil, a que deu o nome, compreende todo o sul da província de Buenos Aires, e é limitado por um declive que despeja para o norte os rios que nascem nas suas faldas.

Contém este distrito quatro mil habitantes, e a sua capital é a aldeia de Tandil, situada no sopé dos morros setentrionais da serra e protegida pelo forte Independência; a sua posição sobre a importante ribeira do Chapaléofu é assaz favorável. Particularidade singular que Paganel não podia ignorar, esta aldeia é principalmente povoada por vasconços franceses e colonos italianos. Foi efetivamente a França que fundou os primeiros estabelecimentos estrangeiros nesta parte inferior de La Plata. Em 1828, o forte Independência, destinado a proteger o país contra as invasões reiteradas dos índios, foi levantado graças aos esforços do francês Parchappe. Auxiliou-o na empresa um sábio de primeira plana, Alcide de Orbigny, que, melhor do que ninguém, conheceu, estudou e descreveu os países meridionais da América do Sul.

É um ponto assaz importante a aldeia de Tandil. Por meio das suas «galeras», grandes carros de bois, muito adequados ao trânsito dos caminhos que sulcam a planície, comunica em doze dias com Buenos Aires; esta circunstância promove um comércio bastante ativo; a aldeia manda à cidade o gado das estâncias, as carnes salgadas dos «saladeros», os artefactos muito curiosos da indústria índia, tais como estofos de algodão, tecidos de lã, as obras muito procuradas dos entrançadores de couro, etc. Por isso também, Tandil, sem falar de um certo número de casas bastante cómodas, tem escolas e igrejas para os habitantes se instruírem nas coisas deste mundo e do outro.

Depois de ministrar estes pormenores, Paganel acrescentou que na aldeia de Tandil não podiam deixar de se obter as informações precisas; demais, o forte está sempre ocupado por um destacamento de tropas nacionais. Glenarvan mandou meter os cavalos na cavaliçã de uma «fonda» de sofrível aparência; em seguida, acompanhado de Paganel, do major e de Roberto, e guiado por Thalcave, dirigiram-se para o forte Independência.

Depois de alguns minutos de ascensão por um dos morros da serra, chegaram a um postigo, guardado bastante negligentemente por uma sentinela argentina. Entraram sem dificuldade, o que denotava ou grande incúria ou extrema segurança.

Naquela ocasião faziam alguns soldados exercício sobre a esplanada do forte; porém, o mais velho tinha vinte anos, e o mais novo sete apenas. A falar verdade, era uma dúzia de crianças e de mancebos, que esgrimiam menos mal. Consistia o seu uniforme numa camisa de listas, atada na cintura por uma correia; quanto a calças, calções, ou *kilt* escocês, nem sombra; a amenidade do clima autorizava aquele fardamento ligeiro. Logo no começo Paganel fez excelente ideia de um governo que não se arruinava em galões. Cada rapazote estava armado com espingarda de percussão e sabre: o sabre muito comprido e a espingarda muito pesada para os pequenos. Tinham todos a cara amulatada e certo ar de família. O cabo instrutor, que os comandava, também se parecia com eles. Deviam ser, e eram efetivamente, doze irmãos, que manobravam sob as ordens de um décimo terceiro irmão.

Paganel não se admirou do que via; conhecia a estatística argentina e sabia que em cada casal a média dos filhos regula por nove; mas o que muito o surpreendeu foi ver aqueles pequenos soldados manobrar à francesa e executar com perfeita precisão os principais movimentos de uma carga em doze tempos. Muitas vezes até as palavras do comando eram na língua materna do ilustre geógrafo.

— É singular — disse ele.

Mas Glenarvan não viera ao forte Independência para ver meia dúzia de crianças fazerem exercícios, e muito menos para se ocupar da sua nacionalidade e origem. Não deixou, pois, Paganel admirar-se por mais tempo, e rogou-lhe que perguntasse pelo comandante da guarnição. Paganel acedeu, e um dos soldados argentinos dirigiu-se para uma casa de pequenas dimensões, que servia de quartel.

Instantes depois apareceu o comandante em pessoa. Era homem de cinquenta anos, vigoroso, de aspeto marcial, bigodes rudes, maçãs de rosto salientes, cabelos grisalhos, olhar imperioso, tanto quanto deixavam avaliar os novelos de fumo que saíam do seu cachimbo de pipo curto. O seu andar lembrou muito a Paganel o garbo *sui generis* dos velhos oficiais inferiores do seu país.

Dirigindo-se ao comandante, Thalcave apresentou-lhe Lord Glenarvan e os seus companheiros. Enquanto o índio falou não cessava o comandante de encarar Paganel com persistência bastante embaraçosa. O sábio não atinava com o que pretendia o tarimbeiro, e ia interrogá-lo quando o outro lhe pegou na mão sem cerimónia e lhe disse em tom alegre, no

idioma do geógrafo:

— Um francês?

— Sim, um francês! — confirmou Paganel.

— Ah! Encantado! Bem-vindo! Bem-vindo! Sou francês também — repetiu o comandante, sacudindo o braço do sábio com pujança inquietante.

— É algum amigo seu? — perguntou o major a Paganel.

— Porque não! — retorquiu este com certo orgulho —, uma pessoa tem amigos nas cinco partes do Mundo.

E depois de ter solto a mão, mas com alguma dificuldade, do estojo vivo que lha esmagava, entrou em conversação regular com o vigoroso comandante. Desejaria muito Glenarvan meter na conversa alguma palavra que tivesse relação com os seus negócios, mas o militar contava a sua história e não estava disposto a ficar no meio. Via-se que aquele excelente homem deixara a França havia muito tempo; a língua materna não lhe era já familiar, e esquecera se não as palavras, pelo menos a maneira de as juntar. Falava quase como um negro das colónias francesas.

Efetivamente, como os seus visitantes souberam dentro de pouco, o comandante do forte Independência era um sargento francês, antigo companheiro de Parchappe.

Desde a edificação do forte, em 1828, não saíra de lá, e atualmente comandava-o com o consentimento do Governo argentino. Era um homem de cinquenta anos, vasconço; chamava-se Manuel Ipharaguerre. Como se vê, se não era espanhol, pouco tinha faltado para isso. Um ano depois de chegar àquele país, o sargento Manuel naturalizou-se, entrou para o serviço do exército argentino e desposou uma boa índia, que amamentava dois gémeos de seis meses na ocasião de os viajantes aparecerem. Dois rapazes, bem entendido, porque a digna companheira do sargento nunca tomaria a liberdade de lhe dar filhas. Manuel não compreendia outra profissão senão a militar, e tinha boas esperanças de, com o tempo e se a ajuda de Deus o permitisse, oferecer à república uma companhia inteira de jovens soldados.

— Bem viu! — disse ele. — Encantadores! Bons soldados. José! João! Miguel! Pepe! Pepe, sete anos! Já morde o seu cartucho.

Ouvindo que lhe faziam cumprimentos, Pepe juntou os dois pezinhos e apresentou armas com uma imensa graça.

— há de ir bem! — acrescentou o sargento. — Um dia, tenente-coronel ou brigadeiro!

Mostrava-se tão encantado o sargento Manuel que não era possível contradizê-lo nem a respeito da superioridade do ofício das armas, nem a respeito do futuro reservado à sua

belicosa progenitura. Era um homem feliz, e como dizia Goethe: «Nada do que nos torna feliz é ilusão.»

Durou um bom quarto de hora toda a história, com bastante admiração de Thalcave. O índio não podia compreender que tantas palavras saíssem de uma só boca. Ninguém interrompeu o comandante. Mas, como é preciso que um sargento, mesmo um sargento francês, acabe por se calar, Manuel calou-se afinal, não sem ter obrigado os hóspedes a acompanhá-lo até casa. Estes resignaram-se a ser apresentados a Madame Ipharaguerre, que lhes pareceu «excelente pessoa», se esta expressão do velho mundo se pode empregar a propósito de uma índia.

Afinal, depois de lhe terem feito todas as vontades, o sargento perguntou aos hóspedes o que lhe proporcionava a honra da sua visita. Era a única ocasião que se oferecia para uma explicação.

Tomada a palavra em francês, Paganel contou-lhe toda a viagem através dos Pampas, e concluiu perguntando a razão por que os índios tinham abandonado aquela região.

— Ah!... Ninguém!... — respondeu o sargento, encolhendo os ombros. — Efetivamente!... Ninguém!... Nós, braços cruzados... nada que fazer!

— Mas porquê?

— Guerra.

— Guerra?

— Sim, guerra civil...

— Guerra civil?... — repetiu Paganel, que, sem dar por isso, metia-se a «falar preto».

— Sim, guerra entre o Paraguai e Buenos Aires — elucidou o sargento.

— E então?

— E, então, índios todos do norte, na retaguarda do general Flores. Índios ladrões, roubam tudo.

— Mas os caciques?

— Os caciques com eles.

— O quê! Catriel!

— Não há Catriel.

— E Calfoucura?

— Nem Calfoucura.

— E Yanchetruz?

— Nem Yanchetruz.

Foi transmitida esta resposta a Thalcave, que meneou a cabeça com ar de aprovação.

Efetivamente, Thalcave ignorava, ou esquecera pelo menos, que uma guerra civil, que devia mais tarde provocar a intervenção do Brasil, dizimava os dois partidos da república. Os índios têm tudo a ganhar nestas lutas intestinas, e não podiam perder tão belas ocasiões de pilhagem. Por isso o sargento não se enganava, dando como motivo de abandono dos Pampas a guerra civil ateadada no norte das províncias argentinas.

Mas este acontecimento transtornava os projetos de Glenarvan e fazia-lhe gorar os planos. Com efeito, se Harry Grant estava prisioneiro dos caciques, devia ter sido levado por eles até às fronteiras do norte. Em vista daquilo, como e onde encontrá-lo? Seria preciso tentar uma exploração perigosa e quase inútil, até aos limites setentrionais dos Pampas? Era esta uma gravíssima resolução, que devia ser muito seriamente debatida.

Entretanto, uma pergunta importante podia ainda ser dirigida ao sargento e foi o major que se lembrou dela enquanto os seus amigos olhavam uns para os outros em silêncio.

— Tinha o sargento ouvido dizer que os caciques dos Pampas retivessem em seu poder alguns prisioneiros europeus?

Manuel refletiu por um instante, como um homem que invoca as suas recordações.

— Sim — disse ele afinal.

— Ah! — exclamou Glenarvan, agarrando-se a uma nova esperança.

Paganel, Mac-Nabs, Roberto e o lord rodeavam o sargento.

— Fale! Fale! — pediam eles, contemplando-o com ansiedade.

— Há alguns anos — respondeu Manuel —, sim... é isso... prisioneiros europeus... mas nunca vistos...

— Há alguns anos — retorquiu Glenarvan —, engana-se, a data do naufrágio é precisa... A «Britannia» perdeu-se em junho de 1862... Foi, portanto, há menos de dois anos.

— Oh! Mais do que isso, milord.

— Impossível — exclamou Paganel.

— Sim, efetivamente, foi por ocasião do nascimento de Pepe. Tratava-se de dois homens.

— Não, três! — retificou Glenarvan.

— Dois — replicou o sargento em tom afirmativo.

— Dois! — disse Glenarvan, muito surpreendido. — Dois ingleses?

— Não — respondeu o sargento. — Quem fala de ingleses? Não; um francês e um italiano.

— Um italiano que foi assassinado pelos poiuchos? — perguntou Paganel.

— Sim, e soube depois... Francês salvo.

— Salvo! — exclamou o jovem Roberto, cuja vida estava suspensa dos lábios do sargento.

— Sim, salvo das mãos dos índios — explicou Manuel.

Todos olharam para o sábio, que batia na testa com desespero.

— Ah! Compreendo — disse ele —, afinal tudo está claro, tudo se explica!

— Mas de que se trata? — perguntou Glenarvan, tão inquieto como impaciente.

— Meus amigos — voltou Paganel, agarrando nas mãos de Roberto —, é preciso resignarmo-nos a uma grave desilusão! Temos seguido uma pista falsa! Não se trata do capitão, mas de um dos meus compatriotas, cujo companheiro, Marco Vazello, foi efetivamente assassinado pelos poiuchos, de um francês, que muitas vezes acompanhou esses índios cruéis até às margens do Colorado e que, depois de ter felizmente escapado das suas mãos, tornou a ver a França. Julgando seguir a pista de Harry Grant, seguimos a do jovem Guinnard .

Profundo silêncio acolheu esta declaração. Era palpável o erro. As informações fornecidas pelo sargento, a nacionalidade do prisioneiro, o assassinato do seu companheiro, a sua evasão do poder dos índios, tudo concordava de modo tal que tornava esse erro cada vez mais evidente. Glenarvan olhou para Thalcave com ar descoroçoado. O índio tomou então a palavra:

— Não ouviu nunca falar de três ingleses cativos? — perguntou ao sargento francês.

— Nunca — respondeu Manuel. — Saber-se-ia em Tandil... Sabê-lo-ia eu... Não sucedeu semelhante coisa...

Depois desta resposta formal, Glenarvan nada mais tinha que fazer no forte Independência. Retirou-se com os seus amigos, não sem primeiramente agradecer ao sargento e trocarem ambos alguns apertos de mão.

Glenarvan estava desesperado com esta destruição completa das suas esperanças. Roberto caminhava junto dele, sem dizer nada, com os olhos húmidos de lágrimas. Glenarvan não encontrava sequer uma palavra para o consolar. Paganel gesticulava, falando consigo mesmo. O major não descerrava os lábios. Quanto a Thalcave, parecia ofendido no seu amor-próprio de índio por se ter enganado com uma pista falsa. Contudo, ninguém tinha a mais pequena lembrança de lhe deitar em rosto um erro tão desculpável.

Tornaram a recolher-se à «fonda».

Foi triste a ceia. Com certeza que nenhum daqueles homens corajosos e dedicados lastimava tantas fadigas sofridas inutilmente, tantos perigos que debalde haviam corrido. Viam todos, porém, desfazer-se num momento toda a esperança de êxito. De facto, podia encontrar-se o capitão Grant entre a serra Tandil e o mar? Não. Se algum prisioneiro houvesse caído em poder dos índios nas costas do Atlântico, o sargento Manuel sabê-lo-ia por certo. Um acontecimento de tal natureza não podia escapar à atenção dos indígenas, que mantêm comércio constante entre

Tandil e Carmen, na foz do rio Negro. Entre estes comerciantes da planície argentina tudo se sabe, tudo se diz. Só havia uma resolução a tomar: chegar ao «Duncan» sem demora, ao lugar combinado da ponta Medano.

Entretanto, Paganel pedira a Glenarvan o documento sobre a fé do qual as suas pesquisas haviam tão infelizmente falhado.

Pôs-se a lê-lo outra vez com uma cólera pouco dissimulada. Procurava arrancar-lhe nova interpretação.

— O documento está contudo bem claro! — repetiu Glenarvan. — Explica-se do modo mais categórico a respeito do naufrágio do capitão e do lugar do seu cativoiro!

— Mas não! — exclamou o geógrafo, dando um murro na mesa —, cem vezes não! Logo que Harry Grant não está nos Pampas, não está na América. Ora, onde ele está deve dizê-lo este documento, e há de dizê-lo, meus amigos, ou eu deixo de ser Jacques Paganel!

Capítulo 22 — A Cheia

O forte Independência acha-se a quase sessenta léguas de distância das praias do Atlântico. Desde que não houvesse demoras imprevistas e com certeza improváveis, Glenarvan devia no prazo de quatro dias alcançar o «Duncan». Porém, voltar a bordo sem o capitão Grant, depois de as suas pesquisas terem sido tão infrutíferas, era uma ideia a que não se podia habituar. Por isso, no dia seguinte nem se lembrou de dar ordens para se porem a caminho. Foi o major que se encarregou de mandar aparelhar os cavalos, de renovar as provisões. Graças à sua atividade, a pequena caravana às oito horas da manhã descia os cabeços relvosos da serra Tandil.

Glenarvan, com Roberto ao lado, galopava sem dizer palavra; o seu génio audacioso e resoluto não lhe consentia resignar-se ao mau êxito das suas tentativas; o coração parecia saltar-lhe do peito, e tinha a cabeça como um vulcão. Paganel, estimulado pelas dificuldades, dava mil voltas às palavras do documento para lhes apanhar uma nova interpretação. Thalcave, silencioso, deixava ao «Thaouka» o cuidado de o conduzir. O major, sempre cheio de confiança, permanecia firme no seu posto, como homem de quem o desânimo não podia apoderar-se. Tom Austin e os seus dois companheiros partilhavam o enfado do amo. Em certo momento, em que um tímido coelho atravessou por diante deles os caminhos da serra, olharam uns para os outros os supersticiosos escoceses.

— Mau presságio — disse Wilson.

— Sim, nas montanhas da Escócia — retorquiu Mulrady.

— O que é mau nas montanhas da Escócia não é melhor aqui — replicou Wilson sentenciosamente.

Próximo do meio-dia já os viajantes tinham atravessado a serra Tandil e tornavam a achar-se nas planícies de largas ondulações, que se estendem até ao mar. Encontravam a cada passo límpidos rios, que regavam aquela fértil região e iam perder-se no meio de pastagens de esplêndido desenvolvimento. O solo readquiria a sua horizontalidade normal, como o oceano após a tempestade. Ficavam para trás as últimas montanhas da Pampásia argentina, e a planície monótona desenrolava sob o passo dos cavalos o seu extenso tapete de verdura.

Até ali o tempo tinha estado excelente. Mas naquele dia o céu tomou aspeto pouco tranquilizador. Os vapores produzidos pela temperatura elevada dos rios precedentes, e formando espessas nuvens, ameaçavam desfazer-se em chuvas torrenciais. Além disto, a

proximidade do Atlântico e o vento de oeste, que ali predomina, tornavam o clima daquele país essencialmente húmido. Indicavam-no claramente a fertilidade do terreno e a opulência das pastagens, de uma cor verde-escura. Contudo, pelo menos naquele dia, as nuvens não despejaram, e à noite, os cavalos, depois de terem alegremente feito uma boa jornada de quarenta milhas, pararam à beira de profundas «canadas», imensos fossos cheios de água formados pela natureza. Não havia espécie alguma de abrigo. Os ponchos serviam ao mesmo tempo de tendas e de coberturas, e todos adormeceram debaixo de um céu ameaçador que, por grande fortuna, não passou das ameaças.

No dia seguinte, à medida que a planície se ia deprimindo, a existência de águas subterrâneas manifestou-se de um modo mais sensível ainda: a humidade ressumava por todos os poros do solo. Dali a pouco, grandes charcos, uns já profundos, outros começando apenas a formar-se, cortaram o caminho para leste. Enquanto o obstáculo não passou de lagunas, charcos bastante circunscritos e desobstruídos de plantas aquáticas, os cavalos puderam facilmente vencê-los; mas com os lameiros movediços, chamados pântanos, tornou-se o caso mais sério. Obstruíam-nos grandes ervas, e, para reconhecer o perigo, era preciso cair nele.

Tinham já sido fatais a mais de uma criatura estes tremedais. Roberto, que se adiantara aos companheiros mais de meia milha, voltou a galope e exclamou:

— Sr. Paganel! Sr. Paganel! Uma floresta de chifres!

— O que estás a dizer? — estranhou o sábio —, encontraste uma floresta de tão singular natureza?

— Sim, sim, ou, pelo menos, uma mata de pouca altura.

— Estás a sonhar, rapaz — replicou Paganel, encolhendo os ombros.

— Não sonho — garantiu Roberto — e verá com os seus próprios olhos! Esquisito país este! Semeiam-se chifres e nascem como se fossem trigo. Desejava obter a semente.

— Mas ele fala muito a sério — observou o major.

— Sim, major, vai ver.

Não se enganara Roberto, e bem depressa os viajantes viram diante de si um imenso campo de chifres, plantados com toda a regularidade, que se estendia a perder de vista. Era uma verdadeira mata, baixa e cerrada, de estranha aparência.

— Então? — perguntou Roberto.

— É singular! — retorquiu Paganel, voltando-se para o índio e interrogando-o.

— Os chifres saem da terra — explicou Thalcave — mas os bois estão por baixo.

— O quê? — exclamou Paganel. — Pois está uma manada inteira enterrada naquele charco?

— Está — assegurou o patagão.

Efetivamente, uma imensa manada encontrara a morte naquele solo abalado pela sua carreira; centos e centos de bois haviam perecido, ao lado uns dos outros, afogados no imenso tremedal. Este facto, que algumas vezes se dá na planície argentina, não podia ser ignorado do índio, e era um aviso que ele devia tomar em atenção.

Tornearam a imensa hecatombe, que satisfaria os mais exigentes amadores da antiguidade, e dali a uma hora o campo de chifres ficava duas milhas para trás.

Thalcave observava com ansiedade este estado de coisas, que lhe não parecia normal. Parava de vez em quando e levantava-se nos estribos. A estatura elevada permitia-lhe abraçar com o olhar uma grande extensão; mas, nada descobrindo que o pudesse esclarecer, continuava a marcha interrompida. Uma milha mais adiante tornava a parar; depois, afastando-se da linha que a caravana seguia, desviava-se algumas milhas, ora para o norte, ora para o sul, e voltava a pôr-se à frente da caravana, sem dizer nem o que esperava nem o que temia. Esta manobra, repetida muitas vezes, fez cismar Paganel e inquietou Glenarvan. O sábio foi convidado a interrogar o índio. Paganel fê-lo imediatamente.

Thalcave respondeu que se admirava de ver a planície impregnada de água. Nunca, que ele soubesse, e desde que exercia o mester de guia, tinham os seus pés pisado um solo tão encharcado. Até na estação das chuvas a planície argentina oferecia sempre passagem aos viajantes.

— Mas a que se deve atribuir esta humidade crescente? — perguntou Paganel.

— Não sei, e quando o soubesse...

— Os rios que descem das serras, engrossados pelas cheias, nunca saem do leito?

— Às vezes.

— E agora, talvez?...

— Talvez! — disse Thalcave.

Paganel teve de se contentar com esta meia resposta e participou a Glenarvan o resultado da conversa.

— E que aconselha Thalcave? — inquiriu Glenarvan.

— O que se deve fazer? — perguntou Paganel ao patagão.

— Caminhar velozmente — respondeu o índio.

Conselho mais fácil de dar do que de seguir. Os cavalos depressa se fatigavam a pisar um solo que lhes fugia debaixo dos pés; a depressão tornava-se cada vez mais visível, e aquela porção da planície argentina podia ser comparada a imensa bacia onde as águas invasoras

rapidamente se deviam acumular. Importava, portanto, atravessar sem demora aqueles terrenos baixos, que uma inundação facilmente transformaria em lago imenso.

Apressaram o passo. Mas não bastou aquela água que se ia estendendo como um lençol debaixo das patas dos cavalos. Pelas duas horas abriram-se as cataratas do céu, e torrentes de chuva tropical desabaram na planície. Jamais tão bela ocasião se ofereceu a qualquer de se mostrar filósofo. Não havia meio de se subtraírem a este dilúvio, e mais valia suportá-lo heroicamente. Os ponchos escorriam; os chapéus encharcavam os viajantes como um telhado com as goteiras entupidas; e os cavaleiros, enlameados pelos cavalos, cujo casco a cada passo patinhava nas torrentes do solo, trotavam em meio de uma dupla b tega, que ao mesmo tempo vinha da terra e do céu.

Foi assim que, transidos, ensopados e prostrados de fadiga, chegaram à noite a um rancho muito miserável. S  gente fac lima de contentar l e poderia dar o nome de abrigo, s  viajantes em apertada situação se resignariam a recolher-se ali. Porém, Glenarvan e os seus companheiros não tinham por onde escolher. Meteram-se naquela choça abandonada, que até um  ndio dos Pampas desprezaria. Acenderam, não sem dificuldade, uma triste fogueira feita de ervas, que deitava mais fumo do que dava calor. Lá fora a chuva ca a com violência, e através do colmo meio podre da choça gotejava em grandes bagas. Se vinte vezes a fogueira não se apagou, foi porque outras tantas Mulrady e Wilson lutaram contra a invasão da  gua.

A ceia, muito medíocre e pouco reconfortante, foi trist ssima. Faltava o apetite. S  o major honrou o charque húmido e não desperdiçou uma dentada. O impassível Mac-Nabs mostrava-se superior aos acontecimentos. Quanto a Paganel, na qualidade de francês, procurou gracejar. Mas o gracejo não achou eco.

— Os meus gracejos estão molhados — disse ele —; não fazem fogo!

Mas, como o que havia de mais agradável nesta circunstância era dormir, cada qual procurou no sono o olvido momentâneo das suas fadigas. A noite correu m ; as traves da choça estalavam que pareciam despedaçar-se; inclinando-se sob a violência do vento, o rancho ameaçava ir pelos ares a cada rajada; os pobres cavalos, da banda de fora, expostos a toda a inclemência do céu, gemiam, e os seus donos não sofriam menos, encerrados na arruinada cabana. Afinal o sono acabou por levar a melhor. Roberto foi o primeiro a fechar os olhos, deixando cair a cabeça sobre o ombro de Lord Glenarvan, e dentro em pouco todos os hóspedes da cabana dormiam sob a vigilância de Deus.

E parece que Deus velou bem, porque a noite chegou ao seu termo sem incidente. Acordaram todos ao chamamento de «Thaouka», que, sempre valente, relinchava da banda de

fora e batia na parede da cabana com o casco vigoroso. Na falta de Thalcave, sabia em caso de necessidade dar o sinal da partida. Eram-lhe muito devedores para não lhe obedecerem, e puseram-se a caminho.

A chuva cessara, mas o terreno impermeável conservava toda a água derramada; sobre a sua impenetrável argila, as poças, os pântanos, os charcos, transbordavam e formavam imensos «banados», de uma profundidade pérfida. Paganel, consultando o major, pensou, não sem razão, que os rios Grande e Vivarota, donde derivam habitualmente as águas desta planície, deviam ter misturado as correntes num leito de muitas milhas de extensão.

Tornou-se necessária uma marcha extremamente rápida. Tratava-se da salvação comum. Se a inundação aumentava, onde achar asilo? O imenso círculo descrito pelo horizonte não oferecia um só ponto culminante, e sobre esta planície horizontal devia ser rápida a invasão das águas.

Os viajantes meteram os cavalos a toda a brida. «Thaouka» ia à frente, e, melhor do que alguns anfíbios de potentes barbatanas, merecia o nome de cavalo-marinho, porque saltava como se se achasse no seu elemento natural.

De repente, pelas dez horas da manhã, «Thaouka» deu sinais de extrema excitação. Voltava-se frequentemente para as planícies imensas do sul; os seus relinchos prolongavam-se; dilatando as ventas, aspirava com força o ar cortante. Encabritava-se com violência. Thalcave, a quem os saltos do corcel não podiam lançar fora da sela, sopeava-o com dificuldade. Sob a pressão do freio, puxado com violência, a espuma da boca do animal vinha misturada com sangue, e contudo o ardente «Thaouka» não sossegava. Thalcave conhecia perfeitamente que, se o deixasse em liberdade, fugiria com toda a rapidez para a banda do norte.

— O que terá «Thaouka»? — perguntou Paganel. — Mordê-lo-iam as sanguessugas tão vorazes das águas argentinas?

— Não — respondeu o índio.

— Então algum perigo o assusta?

— Sim, presente perigo...

— Que perigo?

— Não sei.

Se a vista ainda não descobria o perigo que «Thaouka» adivinhava, o ouvido, pelo menos, já podia percebê-lo. Um rumor abafado, parecido com o ruído da maré que sobe, ouvia-se para lá dos limites do horizonte. O vento soprava em rajadas húmidas e carregadas de uma poeira aquosa; os pássaros, fugindo de algum fenómeno desconhecido, atravessavam o espaço com a maior rapidez que o seu voo permitia; os cavalos, metidos na água até meio da perna, sentiam já

os primeiros impulsos da corrente. Um ruído formidável, composto de mugidos, relinchos, balidos, ressoou a meia milha ao sul, e apareceram imensos rebanhos, que, caindo, levantando-se, precipitando-se, disparatada confusão de animais assustados, fugiam com incrível rapidez. Com dificuldade se distinguiram no meio dos turbilhões líquidos que a sua carreira levantava. Cem baleias das mais avantajadas dimensões não revolveriam o oceano com maior violência.

— *Marcha! Marcha!* — gritou Thalcave, com voz trovejante.

— O que é? — perguntou Paganel.

— A cheia! A cheia! — retorquiu Thalcave, esporeando o cavalo, e lançando-o na direção do norte.

— Uma inundação! — exclamou Paganel; e os seus companheiros, com ele à frente, voaram no rasto de «Thaouka».

Era tempo. Uma montanha de água despenhava-se sobre a campina, que se transformava em oceano. As ervas altas desapareciam como ceifadas. As latadas de mimosas, arrancadas pela corrente, derivavam e formavam ilhas flutuantes. A massa líquida desfazia-se em lençóis de grande espessura e de uma força irresistível. Houvera evidentemente rutura nos barrancos do grande rio da Pampásia, e talvez que as águas do rio Colorado, ao norte, e do rio Negro, ao sul, se estivessem reunindo num leito comum.

O imenso vagalhão descoberto por Thalcave aproximava-se com a velocidade de um cavalo de corridas. Os viajantes fugiam diante dele como nuvem acoçada por um vendaval. Os seus olhos debalde procuravam um lugar de refúgio. No horizonte o céu e a água confundiam-se. Os cavalos, excitados pelo perigo, corriam em galope desenfreado, e os cavaleiros com dificuldade se aguentavam na sela. Glenarvan olhava muitas vezes para trás.

— A água alcança-nos — pensou ele.

— *Marcha! Marcha!* — gritava Thalcave.

E continuavam a esporear os pobres animais. Dos seus flancos espicaçados pelas esporas deslizava um sangue de cor muito viva que traçava na água grandes fios vermelhos. Tropeçavam nas fendas do solo. Esbarravam nas ervas ocultas. Caíam. Faziam-nos levantar. Tornavam a cair; tornavam a levantá-los. O nível das águas continuava a subir de um modo muito sensível. Extensas ondulações anunciavam o assalto daquele rolo de água, que a menos de duas milhas de distância agitava a testada escumante.

Prolongou-se durante um quarto de hora esta luta suprema contra o mais terrível dos elementos. Os fugitivos não podiam avaliar a distância que acabavam de percorrer, mas, a julgar pela rapidez da carreira, devia ser importante.

Entretanto os cavalos, metidos na água até ao peito, não avançavam sem grande dificuldade. Glenarvan, Paganel, Austin, todos se consideraram perdidos e votados à morte horrível e inevitável dos náufragos do mar. Os cavalos começavam a perder pé, e bastavam sessenta polegadas de água para os afogar.

Temos de renunciar à pintura das pungentes agonias daqueles oito homens alcançados por uma maré que subia. Sentiam eles a sua impotência contra os cataclismos da natureza, superiores às forças humanas, já não estava nas suas mãos a salvação.

Cinco minutos depois, os cavalos achavam-se a nado; só a corrente é que os arrastava com violência incomparável e velocidade igual à do seu galope mais rápido, velocidade que devia ser superior a vinte milhas por hora.

Parecia impossível qualquer meio de salvação quando a voz do major se fez ouvir.

— Uma árvore! — disse ele.

— Uma árvore? — exclamou Glenarvan.

— Acolá, acolá! — indicou Thalcave.

E com o dedo mostrou a oitocentas braças ao norte uma espécie de noqueira gigantesca, que se elevava solitária no meio das águas.

Os seus companheiros não tinham precisão de ser estimulados. Aquela árvore, que tão inopinadamente se lhes oferecia, era preciso alcançá-la a todo o custo. Os cavalos não chegariam a ela decerto, mas os homens, pelo menos, podiam ser salvos. A corrente arrastava-os.

Naquele momento o cavalo de Tom Austin fez ouvir um relincho prolongado e desapareceu. O dono, soltando os estribos, pôs-se a nadar vigorosamente.

— Agarra-te à sela do meu cavalo — gritou-lhe Lord Glenarvan.

— Obrigado, milord — retorquiu Tom Austin —, os braços são sólidos.

— O teu cavalo, Roberto?... — perguntou Glenarvan, voltando-se para o jovem Grant.

— Vai marchando, milord, vai marchando! Nada como um peixe!

— Atenção! — disse o major com voz forte.

Mal fora proferida esta palavra, estava sobre eles o enorme rolo de água. Uma monstruosa vaga, de quarenta pés de altura, desfez-se sobre os fugitivos com um ruído espantoso. Homens e animais, tudo desapareceu envolto num turbilhão de espuma. Uma massa líquida, pesando muitos milhares de toneladas, revolveu-os nas furiosas águas.

Depois de o rolo passar, os homens voltaram à superfície das águas e contaram-se rapidamente; só os cavalos, menos «Thaouka» transportando o dono, tinham para sempre

desaparecido.

— Ânimo! Ânimo! — repetia Glenarvan, que sustentava Paganel com um braço e nadava com o outro.

— Isto vai indo! Vai indo... — redarguiu Paganel —, e até não se me dá...

De que se não dava ele? Nunca se soube, porque o pobre homem foi obrigado a engolir o fim da frase com meio quartilho de água limosa. O major ia entretanto avançando serenamente, fazendo uns movimentos regulares, que um nadador de profissão não desdenharia. Os marinheiros moviam-se na água como dois golfinhos no seu elemento. Quanto a Roberto, agarrado às crinas de «Thaouka», deixava-se levar por ele. «Thaouka» fendia as águas com uma energia soberba e mantinha-se instintivamente na direção da árvore para onde a corrente derivava.

A árvore estava apenas a vinte braças de distância. Os náufragos alcançaram-na em poucos instantes. Foi uma fortuna, porque, faltando aquele refúgio, desvanecia-se toda a probabilidade de salvação e teriam de perecer nas ondas.

A água elevava-se ao ponto mais alto do tronco, ao lugar onde os ramos principais nasciam. Foi, portanto, fácil agarrarem-se à árvore. Thalcave, abandonando o cavalo e içando Roberto, foi o primeiro a trepar, e bem depressa os seus braços vigorosos puseram em lugar seguro os nadadores já sem forças.

«Thaouka», arrastado pela corrente, afastava-se rápido. Voltando para o dono a cabeça inteligente e sacudindo as compridas crinas, chamava-o relinchando.

— Abandona-lo?! — perguntou Paganel ao índio.

— Eu! — exclamou Thalcave.

E, atirando-se às águas torrentosas, reapareceu a dez braças da árvore. Instantes depois, o seu braço apoiava-se ao pescoço de «Thaouka», e cavalo e cavaleiro derivavam juntos na direção do enevoadado horizonte do norte.

Capítulo 23 — Em Que se Leva Vida de Pássaro

A árvore onde Glenarvan e os seus companheiros acabavam de encontrar abrigo parecia uma noqueira. Tinha, como a noqueira, a folhagem luzidia e a forma arredondada. Na realidade, era o ombu, árvore que se encontra isolada nas planícies argentinas. De tronco tortuoso e enorme, firma-se no solo não só pelas grossas raízes mas também por vigorosos rebentos, que a ele a prendem com extrema solidez. Fora por isso que o ombu resistira à violência da enorme vaga.

Media de altura uns cem pés, e podia com a sombra cobrir uma circunferência de sessenta toesas. Todo este edifício de verdura arquitetava-se sobre três grossas pernas em que na parte superior se dividia o tronco de seis pés de espessura. Duas destas pernas elevavam-se quase perpendicularmente e sustentavam o imenso guarda-sol de folhagem, cujos ramos cruzados, misturados, encanestrados como se fosse pela mão de um cesteiro, formavam um impenetrável abrigo. Pelo contrário, a terceira alongava-se quase horizontalmente por cima das bramidoras águas; as suas folhas mais baixas chegavam até a banhar-se no líquido elemento; parecia um cabo daquela ilha de verdura, rodeada de um oceano. No interior da árvore gigantesca não faltava espaço livre; a folhagem, que toda afluía para a circunferência, deixava livres grandes intervalos, verdadeiras clareiras, com ar em abundância e fresquidão por toda a parte. Quem via estes ramos elevar até às nuvens os seus rebentos sem número, ao mesmo tempo que cipós parasitas os ligavam uns aos outros, e que os raios do sol deslizavam através das aberturas da folhagem, dizia por certo que só o tronco do gigantesco ombu sustentava sobre si uma floresta inteira.

À chegada dos fugitivos um imenso bando alado fugiu para os ramos superiores, protestando com os seus gritos contra aquela tão flagrante usurpação de domicílio. Estas aves, que também da sua parte tinham procurado refúgio no ombu solitário, estavam ali aos centos: melros, estorninhos, isacas, «hilgueros», e principalmente pica-flores, espécie de papa-moscas de cores deslumbrantes; quando largaram o voo, pareceu que um pé de vento despojara a árvore de todas as flores.

Tal era o asilo oferecido à pequena comitiva de Glenarvan. O jovem Grant e o ágil Wilson, logo que se acharam empoleirados na árvore, apressaram-se a trepar aos ramos superiores. A cabeça dos fugitivos atravessava o domo de verdura. Deste ponto culminante a vista abraçava

um vasto horizonte. O oceano produzido pela inundação rodeava-os por todos os lados e os olhares, por mais que se alongassem, não puderam avistar-lhe os limites. Nenhuma árvore se elevava acima da planície líquida; só o ombu, no meio das águas extravasadas, estremecia ao embate das vagas. Ao longe, derivando do sul para o norte, passavam, impelidos pela tempestuosa corrente, troncos desarraigados, ramos torcidos, coberturas de colmo arrancadas a algum rancho derribado, traves de telheiros arrebatadas pelas águas dos tetos das estâncias ou prédios rústicos, e sobre uma árvore vacilante uma família inteira de jaguares que, rugindo, se aferravam com as garras à sua frágil jangada. Mais além ainda, um ponto negro, quase invisível já, despertou a atenção de Wilson. Era Thalcave e o seu fiel «Thaouka», que se sumiam ao longe.

— Thalcave, amigo Thalcave! — exclamou Roberto, estendendo a mão para o corajoso patagão.

— há de salvar-se, Sr. Roberto — asseverou Wilson —, mas vamos ter com Sua Honra.

Instantes depois, Roberto Grant e o marinheiro desciam os três andares de ramos e achavam-se no cume do tronco. Aí, Glenarvan, Paganel e o major, Austin e Mulrady estavam sentados, uns a cavalo, outros agarrados, segundo a sua aptidão. Wilson deu contas da visita ao cimo do ombu. Todos partilharam a sua opinião a respeito de Thalcave. Só houve dúvidas sobre se seria Thalcave quem salvaria «Thaouka», ou «Thaouka» quem salvaria Thalcave.

Sem contradição, a situação dos hóspedes do ombu era muito mais assustadora. A árvore não cederia decerto à força da corrente, mas a inundação, que ia em aumento, podia chegar aos ramos mais elevados, porque a depressão do solo fazia desta parte da planície um profundo reservatório. O primeiro cuidado de Glenarvan foi, portanto, estabelecer, por meio de golpes, pontos de referência que permitissem observar os diversos níveis da água. A cheia, então estacionária, parecia ter atingido a maior elevação. Era já tranquilizador.

— E agora que vamos fazer? — perguntou Glenarvan.

— Fazer o nosso ninho, ora essa! — redarguiu Paganel alegremente.

— Fazer o nosso ninho! — exclamou Roberto.

— Decerto, meu rapaz, e passar a vida de pássaro, já que não podemos passar a vida de peixes.

— Bem! — disse Glenarvan — mas quem nos encherá o comedouro?

— Eu — afirmou o major.

Todos os olhares convergiram sobre Mac-Nabs; o major estava comodamente sentado numa poltrona natural, formada de dois ramos elásticos, e com uma das mãos estendia os alforques

molhados, mas arredondados pelo farto conteúdo.

— Ah! Mac-Nabs — exclamou Glenarvan —, sempre o mesmo! Pensa em tudo, até nas circunstâncias em que é permitido tudo esquecer.

— Desde o momento que estávamos decididos a não nos afogarmos — replicou o major —, não era com tenções de morrermos de fome.

— Eu era muito capaz de pensar nisso — disse Paganel com ingenuidade —, mas sou tão distraído!

— E o que contêm os alforges? — perguntou Tom Austin.

— O sustento de sete homens em dois dias — retorquiu Mac-Nabs.

— Bem — disse Glenarvan —, espero que a inundação terá diminuído consideravelmente daqui a vinte e quatro horas.

— Ou que teremos achado um meio de alcançar a terra firme — acrescentou Paganel.

— O nosso primeiro dever é, portanto, almoçar — disse Glenarvan.

— Mas depois de nos enxugarmos — objetou o major.

— E o lume onde está? — perguntou Wilson.

— Ora! Será preciso obtê-lo.

— Onde?

— No cume do tronco, pois então!

— Com quê?

— Com lenha que vamos cortar da árvore!

— Mas como acendê-la? — inquiriu Glenarvan. — A isca que temos parece uma esponja molhada!

— Passaremos sem ela! — retorquiu Paganel. — Um pouco de musgo seco, um raio de sol, a lente do meu óculo de alcance, e verão com que lume me aqueço. Quem é que vai buscar lenha à floresta?

— Eu! — respondeu Roberto.

E, seguido do seu amigo Wilson, desapareceu como um gato nas profundezas da árvore. Durante a sua ausência, Paganel achou musgo seco em quantidade suficiente; procurou um raio de sol, o que lhe foi fácil encontrar, porque o astro do dia brilhava com o seu mais vivo fulgor; depois, com o auxílio da lente, inflamou sem dificuldade estas matérias combustíveis, que foram depostas em cima de uma camada de folhas húmidas, no lugar em que o tronco do ombu se dividia em três pernadas. Era um lar formado pela natureza, que não oferecia perigo algum de incêndio. Dali a pouco voltavam Wilson e Roberto com um braçado de lenha, que foi colocado

em cima do musgo. A fim de determinar a tiragem do ar, Paganel colocou-se por cima do fogo, com as compridas pernas abertas à maneira dos Árabes, depois, abaixando-se e levantando-se com rapidez, produziu com o movimento do poncho uma violenta corrente de ar. A lenha inflamou-se, e não tardou muito que uma bela chama se elevasse ruidosamente do braseiro improvisado. Cada qual enxugou-se à sua vontade, enquanto os ponchos pendurados da árvore se balouçavam ao sabor do vento; em seguida almoçaram, dividindo os comestíveis em rações, porque era preciso pensar no dia de amanhã; podia suceder que a imensa bacia se despejasse menos velozmente do que esperava Glenarvan, e as provisões eram muito limitadas. O ombu não produzia nenhum fruto; por fortuna, porém, podia oferecer um notável fornecimento de ovos frescos, graças ao grande número de ninhos que se penduravam dos ramos, não falando dos emplumados hóspedes que os habitavam. Eram recursos estes que não se deviam desprezar por forma alguma.

Na previsão de uma permanência prolongada no ombu, convinha proceder a cómoda instalação.

— Visto que a cozinha e a sala de jantar estão no rés do chão — disse Paganel — iremos dormir para o primeiro andar; a casa é vasta, o aluguer barato; não nos devemos pôr com cerimónias. Diviso lá em cima berços formados pela natureza, nos quais, depois de bem seguros, dormiremos como no melhor leito do mundo. Nada temos a recear; demais, poremos vigias, e somos em número suficiente para repelir quaisquer bandos de índios e de outros animais selvagens.

— Só o que nos falta são armas — lembrou Tom Austin.

— Tenho os meus revólveres — declarou Glenarvan.

— E eu, os meus — ajuntou Roberto.

— Para que servem — volveu Tom Austin —, se o Sr. Paganel não descobrir o meio de fabricar pólvora?

— Não é preciso — acudiu o major, mostrando um polvorinho em perfeito estado.

— E donde lhe veio, major? — perguntou Paganel.

— De Thalcave. Pensou o índio que nos podia servir, e deu-mo antes de se precipitar em socorro de «Thaouka».

— Índio valente e generoso! — exclamou Glenarvan.

— Sim — concordou Tom Austin —, se todos os patagões forem daquele feitio, faço cumprimentos a toda a Patagónia.

— Peço que não esqueçam o cavalo! — sugeriu Paganel. — Faz parte do patagão, e, ou eu

me engano muito, ou havemos de tornar a ver um conduzindo o outro.

— A que distância estamos do Atlântico? — perguntou o major.

— A quarenta milhas o muito — respondeu Paganel. — E agora, meus amigos, visto que todos são livres nas suas ações, peço-lhes licença para os deixar; vou lá em cima escolher um observatório, e, com a ajuda do meu óculo de alcance, tê-los-ei ao facto das coisas deste mundo.

Deixaram o sábio fazer o que entendia, e Paganel, com toda a agilidade, trepou de ramo em ramo e desapareceu por detrás do espesso cortinado de folhagem. Os seus companheiros trataram então de organizar o modo de passar a noite e de fazer a cama. Não foi nem difícil nem demorado. Não havia coberturas que pôr, nem móveis que arrumar, e dali a pouco cada qual veio retomar o seu lugar em roda do braseiro.

Conversou-se, mas não já da situação presente, que era preciso suportar com paciência. Voltaram ao tema inesgotável do capitão Grant. Se as águas se retirassem, dentro em três dias o «Duncan» tornaria a ver os viajantes a bordo. Mas Harry Grant e os seus dois companheiros, os infelizes naufragos, não estariam com eles. Parecia até, depois daquele insucesso, após aquela inútil travessia do oceano, que toda a esperança de os encontrar ficava irremediavelmente perdida. Que direcção dar a novas pesquisas? Qual não seria a mágoa de Lady Helena e de Mary Grant quando soubessem que o futuro não lhes reservava esperança alguma?

— Pobre irmã! — disse Roberto —, tudo acabou para nós!

Foi a primeira vez que Glenarvan não achou uma palavra consoladora para lhe dizer. Que esperança podia ele dar ao jovem? Não seguira com rigorosa exatidão as indicações do documento?

— E, contudo — disse ele —, o grau trinta e sete de latitude não é um algarismo sem significação! Quer se refira ao naufrágio ou ao cativo de Harry Grant, não foi calculado, interpretado, adivinhado! Não o lemos com os nossos próprios olhos?

— Tudo isso é verdade, Vossa Honra — replicou Tom Austin — e entretanto as nossas pesquisas não tiveram resultado, como infelizmente acabamos de ver.

— É para irritar e desesperar ao mesmo tempo — declarou Glenarvan.

— Para irritar, se assim quiser — observou Mac-Nabs em tom tranquilo —, mas não para desesperar. É precisamente por termos um algarismo que não oferece dúvida que se devem esgotar todas as suas indicações.

— O que quer dizer? — perguntou Glenarvan. — E na sua opinião o que resta a fazer?

— Uma coisa muito simples e muito lógica, meu querido Edward. Depois de nos acharmos a

bordo do «Duncan», naveguemos na direção do norte, e sigamos, se preciso for, até ao nosso ponto de partida, o paralelo trinta e sete.

— Julga, Mac-Nabs, que não pensei nisso? — redarguiu Glenarvan. — Sim, milhares de vezes! Mas que probabilidades temos de bom resultado? Afastarmo-nos do continente americano não é afastarmo-nos do lugar indicado pelo próprio Harry Grant, dessa Patagónia a que tão claramente se refere o documento?

— Quer então tornar a principiar as pesquisas nos Pampas — replicou o major — quando tem a certeza de que o naufrágio não sucedeu nem nas costas do Pacífico nem nas do Atlântico?

Glenarvan não respondeu.

— E por fraca que seja a possibilidade de achar Harry Grant ao tornar a percorrer o paralelo indicado por ele, não devemos experimentar segunda vez?

— Não digo que não — respondeu Glenarvan.

— E vocês — acrescentou o major, dirigindo-se aos marinheiros — não são da minha opinião?

— Inteiramente — respondeu Tom Austin, a quem Mulrady e Wilson fizeram um sinal afirmativo com a cabeça.

— Escutem-me, meus amigos —olveu Glenarvan após alguns instantes de reflexão —, e ouve tu bem, Roberto, porque isto é uma grave discussão. Farei tudo quanto for possível para encontrar o capitão Grant; tentei essa empresa, e dedicar-lhe-ei a vida inteira, se preciso for. Toda a Escócia se uniria comigo para salvar esse homem de coração, que se sacrificou por ela. Eu também penso que, por fraca que seja a probabilidade de o encontrar de semelhante modo, devemos fazer uma viagem em roda do mundo, seguindo o paralelo trinta e sete, e hei de fazê-la. Mas a questão a resolver não é essa. É muito mais importante. Ei-la: deveremos abandonar definitivamente, e a partir deste momento, as nossas pesquisas no continente americano?

Esta pergunta, feita categoricamente, não obteve resposta. Nenhum daqueles homens ousava dizer o que entendia.

— Então? — insistiu Glenarvan, dirigindo-se particularmente ao major.

— Meu caro Edward — respondeu Mac-Nabs —, é grave responsabilidade responder-lhe *hic et nunc*. O caso demanda reflexão. Em primeiro lugar, desejo saber que terras atravessa o trigésimo sétimo grau de latitude austral.

— Isso pertence ao nosso amigo Paganel — declarou Glenarvan.

— Interroguemo-lo então — propôs o major.

O sábio, occulto pela folhagem espessa do ombu, não se via. Foi preciso chamá-lo.

— Paganel! Paganel! — gritou Glenarvan.

— Onde é que está?

— Na minha torre.

— O que está aí a fazer?

— Examino o imenso horizonte.

— Pode descer um instante?

— Têm precisão de mim?

— Temos.

— Para quê?

— Para sabermos que países atravessa o paralelo trinta e sete.

— Nada mais fácil — replicou Paganel —; é até escusado incomodar-me para lhes responder.

— Bem, diga então.

— Aí vai. Ao sair da América, o paralelo trinta e sete do sul atravessa o oceano Atlântico.

— Bom.

— Encontra as ilhas de Tristão da Cunha.

— Bem.

— Passa dois graus abaixo do cabo da Boa Esperança.

— Depois?

— Corre através do mar das Índias.

— Em seguida?

— Passa muito próximo da ilha de S. Pedro, do grupo das ilhas Amsterdão.

— Continue.

— Corta a Austrália na província de Vitória.

— Prossiga.

— Saindo da Austrália...

Esta última frase não foi concluída. O geógrafo hesitava? O sábio não saberia mais? Não; um grito formidável, uma exclamação violenta se fez ouvir nas alturas do ombu. Glenarvan e os seus amigos empalideceram olhando uns para os outros. Acabaria de suceder alguma nova catástrofe? O infeliz Paganel ter-se-ia deixado cair? Já Wilson e Mulrady corriam em seu socorro, quando apareceu um comprido vulto. Paganel vinha aos tombos de ramo em ramo. As suas mãos não podiam agarrar-se a coisa alguma. Estaria vivo? Estaria morto? Não se sabia, e ia cair nas águas rugidoras quando o major, com vigoroso pulso, o deteve na queda.

— Muito obrigado, Mac-Nabs — exclamou Paganel.

— O que é? O que tem? — interrogou o major. — O que lhe sucedeu? Teremos mais alguma das suas eternas distrações?

— Sim! Sim! — respondeu Paganel com voz sufocada pela comoção. — Sim! Uma distração... desta vez fenomenal!

— Que foi?

— Enganámo-nos! Enganámo-nos agora! Temo-nos enganado sempre!

— Explique-se!

— Glenarvan, major, Roberto, meus amigos — exclamou Paganel —, todos que me ouvem, procurámos o capitão Grant onde ele não se acha.

— O que está dizendo? — gritou Glenarvan.

— Não somente onde ele não se acha — ajuntou Paganel —, mas onde nunca estive!

Capítulo 24 — Onde Continua a Vida de Pássaro

Sucedeu a estas palavras inesperadas uma profunda admiração. O que queria o geógrafo dizer? Teria perdido o juízo? Contudo, falava com tal convicção que todos os olhares convergiram para Glenarvan. A afirmação de Paganel era uma resposta direta à pergunta que ele acabava de formular. Mas Glenarvan limitou-se a fazer um gesto negativo, que não depunha a favor do sábio.

Paganel, já senhor de si, tornou a tomar a palavra.

— Sim! — declarou ele, com tom repassado de convicção —, sim! Errámos nas nossas pesquisas, e vemos no documento o que ele não contém!

— Explique-se, Paganel — pediu o major —, e com mais sossego.

— A coisa é simples, major. Como os senhores, estava em erro; tinha sido, como os senhores, levado a uma falsa interpretação, quando, há apenas um instante, do alto desta árvore, respondendo às suas perguntas, e detendo-me na palavra «Austrália», me passou pelo espírito uma intuição súbita, e a luz fez-se.

— O quê! — exclamou Glenarvan — pretende que Harry Grant?...

— Pretendo — replicou Paganel — que a palavra *austral* que se acha no documento não é uma palavra completa, como até aqui supusemos, mas sim o radical da palavra *Austrália*.

— Isso é que havia de ser esquisito! — observou o major.

— Esquisito! — reforçou Glenarvan, encolhendo os ombros. — Simplesmente impossível!

— Impossível! — tornou Paganel. — É palavra que não admitimos em França.

— Como! — prosseguiu Glenarvan no tom da mais profunda incredulidade — pois ousaria pretender, com o documento na mão, que o naufrágio da «Britannia» se deu nas costas da Austrália?

— Tenho a certeza disso! — sustentou Paganel.

— Palavra, Paganel — disse Glenarvan —, eis uma pretensão que bastante me admira, principalmente partindo ela do secretário de uma sociedade de geografia.

— Por que razão? — perguntou Paganel, ferido na corda sensível.

— Porque, se admite a palavra *Austrália*, admite ao mesmo tempo que ali se encontram *índios*, o que até hoje ainda ninguém viu.

Paganel não deu o menor indício de surpresa ao ouvir aquele argumento. Esperava-o

decerto, e pôs-se a sorrir.

— Meu caro Glenarvan — retorquiu —, não se ponha já a cantar vitória: vou batê-lo completamente, e nunca nenhum inglês terá sofrido maior derrota! Será a desforra de Crécy e de Azincourt!

— Não desejo outra coisa. Derrote-me, Paganel.

— Então escute. No texto não há nem a palavra «índios» nem a palavra «Patagónia»! A palavra incompleta *indi...* não significa *índios*, mas sim *indígenas*! Ora, admite que haja indígenas na Austrália?

Deve-se confessar que neste momento Glenarvan fitou Paganel.

— Bravo, Paganel! — bradou o major.

— Admite a minha interpretação, caro lord?

— Sim! — respondeu Glenarvan —, se me prova que o resto da palavra *gonia* não se aplica ao país dos patagões!

— Não se aplica, com certeza — exclamou Paganel —, não se trata de *Patagónia*! Leia tudo o que quiser, exceto isso.

— Então o que se há de ler?

— *Cosmogonia! Teogonia! Agonia!*...

— *Agonia!* — repetiu o major.

— É para mim indiferente — replicou Paganel —; a palavra não tem importância alguma. Nem procuro até o que ela possa significar. O ponto principal é que *austral* indica *Austrália*, e só tomando o espírito uma direção falsa é que não se dá logo com explicação tão evidente. Se fosse eu que tivesse achado o documento, se o meu juízo não tivesse sido falseado pela interpretação que os senhores lhe deram, nunca teria compreendido o documento de outro modo!

Desta vez hurras, felicitações, cumprimentos, acolheram as palavras de Paganel. Austin, os marinheiros, o major, e Roberto principalmente, tão felizes por sentirem renascer a esperança, aplaudiram o digno sábio. Glenarvan, cujos olhos se iam abrindo pouco a pouco, estava — disse ele — quase a dar-se por vencido.

— Uma última observação, meu querido Paganel, e só terei depois que me curvar perante a sua perspicácia.

— Fale, Glenarvan.

— Como ajunta as palavras novamente interpretadas e de que maneira lê o documento?

— Não há nada mais fácil. Eis o documento — disse Paganel, apresentando o precioso papel que ele estudava tão conscienciosamente havia alguns dias.

Estabeleceu-se profundo silêncio, enquanto o geógrafo, reunindo as suas ideias, tomava tempo para responder. Com o dedo seguia sobre o documento as linhas interrompidas, ao mesmo tempo que, em voz firme e sublinhando certas palavras, se exprimia nos seguintes termos:

— *Em 7 de junho de 1862 a galera «Britannia», de Glasgow, naufragou depois de... Metamos, se quiser, dois dias ou longa agonia, pouco importa, é inteiramente indiferente... nas costas da Austrália. Dirigindo-se para terra, dois marinheiros e o capitão Grant vão esforçar-se por abordar, ou abordaram, ao continente, onde ficarão, ou onde ficam, prisioneiros de indígenas cruéis. Lançaram este documento, etc., etc. Está claro?*

— Estaria — retorquiu Glenarvan — se o nome de «continente» pudesse aplicar-se à Austrália, que é uma ilha apenas!

— Sossegue, meu caro Glenarvan, os melhores geógrafos estão de acordo em dar a essa ilha o nome de «continente australiano».

— Então, só tenho uma coisa a acrescentar, meus queridos amigos — exclamou Glenarvan —: para a Austrália! E que Deus nos ajude!

— Para a Austrália! — repetiram os seus companheiros, com voz unânime.

— Sabe, Paganel, que a sua presença a bordo do «Duncan» é um facto providencial?

— Bem — replicou Paganel —, façamos de conta que sou um enviado da Providência, e não falemos mais nisso!

Assim terminou esta conversa que, no futuro, teve tão sérias consequências. Modificava completamente a situação moral dos viajantes. Acabavam de tornar a achar o fio do labirinto em que se julgavam para sempre perdidos. Sobre as ruínas dos seus derruídos projetos fundavam nova esperança. Podiam sem receio abandonar o continente americano, e todos os seus pensamentos voavam já para a terra australiana. Quando voltassem para bordo do «Duncan», não levariam ali o desespero, e Lady Helena e Mary Grant não chorariam a irremediável perda do capitão Grant! Por isso esqueceram logo os perigos que a sua situação oferecia para se entregarem à alegria, e só um pesar sentiram: o de não poderem partir imediatamente.

Eram quatro horas da tarde. Resolveram cear às seis. Paganel quis celebrar com um festim esplêndido aquele dia feliz. Como a lista dos manjares era muito limitada, propôs a Roberto uma caçada «na próxima floresta». Ao ouvir tão boa ideia, Roberto bateu as palmas. Pegaram no polvorinho de Thalcave, limparam os revólveres, carregaram-nos de grãos de chumbo e puseram-se a caminho.

— Não se afastem para muito longe — recomendou o major com extrema gravidade aos

dois caçadores.

Depois de partirem, Glenarvan e Mac-Nabs foram consultar os sinais gravados na árvore, enquanto Wilson e Mulrady espiavam o brasido.

Glenarvan, descendo à superfície do lago, não lhe achou sintoma de que as águas baixassem. Contudo pareciam ter atingido o maior grau de elevação, apesar de que a violência com que derivavam do sul para o norte mostrava que o equilíbrio ainda não se estabelecera entre os rios argentinos. Antes de baixar, era preciso que a massa líquida ficasse algum tempo tranquila, como o mar, no momento em que o fluxo acaba e o reflexo recomeça. Não se podia, portanto, contar com a declinação das águas enquanto elas corressem para o norte com tão vertiginosa rapidez.

Ao tempo que Glenarvan e o major faziam as suas observações, ouviram-se tiros na árvore, acompanhados de gritos de alegria igualmente ruidosos. O soprano de Roberto soltava trilos agudos de concerto com o baixo de Paganel. Andavam em competição para ver qual deles seria mais criança. A caçada principiava bem, e fazia prever maravilhas culinárias. Quando o major e Glenarvan voltaram para o pé do lume, tiveram de felicitar Wilson por uma excelente ideia. O bravo marinheiro, com o auxílio de um alfinete e de um pedaço de cordel, entregara-se a uma pesca milagrosa. Algumas dúzias de peixinhos, chamados *mojarras*, agitavam-se numa dobra do seu poncho, e prometiam fazer um prato delicioso.

Naquele momento desceram os caçadores do alto do ombu. Paganel trazia com toda a cautela alguns ovos de andorinha preta e uma enfiada de pardais, que mais tarde devia apresentar com o nome de tordos. Roberto matara habilmente alguns pares de *hilgueros*, passarinhos de cor verde e amarela, muito saborosos e muito procurados no mercado de Montevideu. Paganel, que conhecia cinquenta e uma maneiras de preparar os ovos, teve desta vez de se limitar a passá-los sobre cinzas quentes. Entretanto, a refeição foi tão variada como delicada. A carne seca, os ovos cozidos, os *mojarras* grelhados, os pardais e os *hilgueros* assados, compuseram um desses festins cuja memória nunca se apaga.

Foi alegre a conversa. Fizeram-se grandes cumprimentos a Paganel na sua qualidade de caçador e de cozinheiro. O sábio aceitou estas congratulações com a modéstia que fica tão bem ao verdadeiro mérito. Em seguida entregou-se a curiosas considerações a respeito do magnífico ombu que o abrigava, e cuja profundidade, na opinião do sábio, era imensa.

— Eu e Roberto — acrescentou ele, em tom jovial — julgávamo-nos em plena floresta durante a caçada. Houve momentos em que receei nos perdêssemos. Não podia achar o caminho! O sol declinava no horizonte! Debalde procurava o vestígio dos meus passos. A fome

fazia-se sentir cruelmente! Já nos matagais sombrios trovejava o rugido dos animais ferozes... Mas não! Não há aqui animais ferozes, e tenho disso bastante pena!

— Como! —olveu-lhe Glenarvan. — Pois tem pena de que não haja aqui animais ferozes?
— Decerto.

— Porém, há tudo a recear da sua ferocidade...

— A ferocidade não existe... cientificamente falando — replicou o sábio.

— Ah! Isso não, Paganel — disse o major —, não me fará nunca admitir a utilidade dos animais ferozes. Para que servem eles?

— Servem, meu caro major — retorquiu Paganel —, para se fazer com eles classificações, ordens, famílias, géneros, espécies...

— Bonita vantagem! — disse Mac-Nabs. — Passaria bem sem ela! Se eu tivesse sido companheiro de Noé por ocasião do dilúvio, haveria com certeza impedido que aquele patriarca imprudente metesse na arca leões, tigres, panteras, ursos e outros animais tão daninhos como inúteis!

— Faria isso? — perguntou Paganel.

— Com certeza.

— Pois fique sabendo que faria muito mal, pelo menos sob o ponto de vista zoológico.

— Mas não sob o ponto de vista humanitário — replicou o major.

— É revoltante! — tornou Paganel. — E eu, pelo contrário, teria precisamente conservado os megatérios, os pterodáctilos e todos os seres antediluvianos de que nos achamos tão infelizmente privados...

— Pois eu digo-lhe — replicou Mac-Nabs — que Noé fez bem em abandoná-los à sua sorte, admitindo que eles vivessem no seu tempo.

— E eu digo-lhe que Noé andou mal — sustentou Paganel — e que ficou merecendo até à consumação dos séculos a maldição dos sábios!

O auditório não podia deixar de rir ao ver os dois amigos morder na pele do velho Noé. Em oposição aos seus princípios, o major, que em toda a sua vida não tinha discutido com pessoa alguma, andava todos os dias em disputas com Paganel. Era para crer que o sábio lhe exacerbava o ânimo de modo muito particular.

Segundo o seu costume, Glenarvan interveio no debate e afirmou:

— Que seja para lastimar ou não, sob o ponto de vista científico como sob o ponto de vista humano, o estarmos privados de animais ferozes, é preciso resignarmo-nos à sua ausência. Paganel não podia esperar encontrá-los nesta floresta aérea.

— Porque não? — replicou o sábio.

— Feras em cima de uma árvore!? — estranhou Tom Austin.

— Pudera! O tigre da América, o jaguar, quando os caçadores o perseguem muito de perto, refugiam-se numa árvore. Um destes animais surpreendidos pela inundação poderia muito bem procurar asilo nos ramos do ombu.

— Em todo o caso, não os encontrou, suponho eu? — gracejou o major.

— Não — respondeu Paganel —, embora corrêssemos toda a floresta. Foi pena, porque teria sido uma caçada magnífica. Feroz carnívoro que é o jaguar! Com uma simples patada torce o pescoço a um cavalo! Depois de provar a carne humana, saboreia-a com grande sensualidade. Do que ele gosta mais é do índio, depois do negro, em seguida do mulato, e por fim do branco!

— Estou satisfeitíssimo por ficar em último lugar! — declarou Mac-Nabs.

— Ora! Prova isso muito simplesmente que o senhor tem um sabor insípido! — replicou Paganel com ar de desdém.

— Satisfeitíssimo por ser insípido! — insistiu o major.

— Mas é humilhante! — tornou o intransigente Paganel. — O branco proclama-se o primeiro dos homens! Parece que não é essa a opinião dos senhores jaguares!

— Seja como for, meu bom Paganel — interpôs Glenarvan —, visto que entre nós não há um índio, nem negros, nem mulatos, estimo muito a ausência dos seus queridos jaguares. Não é tão agradável a nossa situação...

— Como! Agradável! — exclamou Paganel, agarrando-se a esta palavra, que podia dar nova direção à conversa. — Queixa-se da sua sorte, milord?

— Decerto — respondeu Glenarvan. — Diga-me: está à sua vontade nestes ramos incómodos e pouco macios?

— Nunca estive melhor, nem mesmo no meu gabinete. Levamos uma vida de pássaro, cantamos, adejamos! Começo a crer que os homens foram destinados a viver nas árvores.

— Só lhes faltam asas! — observou o major.

— Algum dia as arranjarão!

— Entretanto — replicou Glenarvan —, permita-me, meu amigo, que prefira a esta habitação aérea as alamedas de um jardim, o sobrado de uma casa, ou a tolda de um navio!

— Glenarvan — ponderou Paganel —, é preciso aceitar as coisas como elas são! Se são boas, melhor; se más, não se lhes dá importância. Vejo que tem saudades das comodidades de Malcolm-Castle!

— Não, mas...

— Tenho a certeza de que Roberto se dá por muito feliz — apressou-se Paganel a dizer, para segurar ao menos um partidário das suas teorias.

— Sim, senhor! — confirmou Roberto em tom jovial.

— É da idade — observou Glenarvan.

— E da minha! — retorquiu o sábio. — Quanto menos comodidades a gente goza, menos necessidades tem. Quanto menos necessidades se sentem, mais feliz se é.

— Vamos — disse o major —, aí temos Paganel a declarar guerra às riquezas e ao luxo.

— Não, Mac-Nabs — redarguiu o sábio —, mas, se quiser, vou contar-lhe a este propósito uma pequena história árabe que me vem à memória.

— Sim, sim, conte, Sr. Paganel — pediu Roberto.

— E o que provará a suas história? — perguntou o major.

— O que provam todas as histórias, meu excelente companheiro.

— Então pouco é — replicou Mac-Nabs. — Mas dissei sempre, Sheherazade, e contai-nos um dos bonitos contos que tão bem narrais.

— Havia uma vez — começou Paganel — um filho do grande Haroun-al-Raschid que não era feliz. Foi consultar um velho dervixe. O sábio ancião respondeu-lhe que a felicidade era coisa muito difícil de encontrar neste mundo. Contudo, acrescentou ele, conheço um meio de alcançardes a ventura. «Qual é?», perguntou o jovem príncipe. «É», respondeu o dervixe, «vestirdes a camisa de um homem feliz!» Ouvindo isto, o príncipe abraçou o velho e foi procurar o talismã. Ei-lo que parte. Visita todas as capitais do mundo! Experimenta camisas de reis, camisas de imperadores, camisas de príncipes, camisas de grandes senhores. Trabalho baldado; não se sente mais feliz! Veste então camisas de artistas, camisas de guerreiros, camisas de mercadores. O mesmo resultado. Correu assim o mundo inteiro sem encontrar a felicidade. Enfim, desesperado de ter experimentado tantas camisas, voltava ele muito triste, um certo dia, para o palácio de seu pai, quando avistou no campo um bom lavrador, todo alegre e a cantar, guiando a sua charrua. «Aí está de certo um homem que possui a felicidade», disse ele consigo, «ou a felicidade não existe neste mundo.» Vai direito a ele. «Bom homem», disse-lhe, «és feliz?» «Sim!», respondeu o outro. «Não desejas nada?» «Não.» «Não trocarias a tua sorte pela sorte de um rei?» «Nunca!» «Bem, então vende-me a tua camisa!» «A minha camisa? Não tenho!»

Capítulo 25 — Entre o Fogo e a Água

Obteve grande acolhimento a história de Jacques Paganel. Foi muito aplaudido, mas cada qual guardou a sua opinião, e o sábio obteve o resultado ordinário de toda a discussão, o de não convencer ninguém. Entretanto ficaram de acordo sobre um ponto: que é preciso mostrar cara alegre na adversidade, e contentar-se com uma árvore quando se não tem nem palácio nem choupana.

Durante este e outros discursos sobreveio a noite. Só um bom sono podia rematar dignamente aquele dia fecundo em comoções. Os hóspedes do ombu não só se sentiam fatigados das peripécias da inundação, mas principalmente abatidos do calor do dia, que fora excessivo. Os seus alados companheiros davam o exemplo do descanso; os *hilgueros*, esses rouxinóis dos Pampas, calavam os trilos melodiosos, e todas as aves que habitavam na árvore tinham desaparecido, por entre a folhagem numerosa, na escuridão. O melhor era imitá-los.

Mas, antes de se «meterem no ninho», como disse Paganel, Glenarvan, Roberto e o sábio treparam ao observatório para examinar pela última vez a planície líquida. Eram quase nove horas. O sol acabava de desaparecer por entre as nuvens resplandecentes do horizonte ocidental. Toda esta metade da esfera celeste até ao zénite se afogava num vapor ardente. As constelações tão brilhantes do hemisfério austral pareciam veladas por gaze ligeira e só vagamente se divisavam. Contudo distinguiam-se o suficiente para poderem ser reconhecidas, e Paganel fez observar ao seu amigo Roberto, em proveito do seu amigo Glenarvan, aquela zona circumpolar onde a) estrelas são mais esplendentes. Entre outras mostrou-lhe a Cruz do Sul, grupo de quatro estrelas de primeira e segunda grandeza, dispostas em forma de rombo, quase à altura do pólo; o Centauro, onde brilha a estrela mais próxima da Terra, apenas a oito triliões de léguas; as nuvens de Magalhães, duas vastas nebulosas, das quais a mais extensa ocupa um espaço correspondente a duzentas vezes o tamanho da superfície da lua; e finalmente o «buraco negro», onde parece faltar absolutamente a matéria estelar.

Com pesar seu, Órion, que é visível de ambos os hemisférios, não aparecia ainda; mas Paganel informou os seus dois discípulos de uma particularidade curiosa da cosmografia patagónica. Aos olhos dos poéticos índios, Órion representa um laço imenso e três bolas arremessadas pela mão do caçador que percorre os prados celestes. Todas estas constelações, refletidas no espelho das águas, produziam um espetáculo surpreendente, pois formavam um

como duplo céu.

Enquanto o sábio Paganel assim discursava, todo o horizonte do oriente tomava aspeto tempestuoso. Uma nuvem espessa e sombria, nitidamente delineada, subia pouco a pouco, apagando o fulgor das estrelas. Esta nuvem, de aparência sinistra, bem depressa invadia metade da abóbada, cuja cavidade parecia encher. A força motriz devia residir na própria nuvem, pois não soprava a mais pequena aragem. As camadas atmosféricas conservavam absoluta tranquilidade. Nem uma folha se agitava nas árvores, nem uma ruga encrespava a superfície das águas. O próprio ar parecia faltar ali, como se alguma imensa máquina pneumática o tivesse rarefeito. Uma eletricidade de alta tensão saturava a atmosfera, e todos os seres vivos a sentiram correr ao longo do sistema nervoso.

Glenarvan, Paganel e Roberto impressionaram-se muito com aquelas ondas elétricas.

— Vamos ter tempestade — avisou Paganel.

— Tu não tens medo de trovões? — perguntou Glenarvan ao jovem.

— Oh! milord! — respondeu Roberto.

— Ora bem, tanto melhor, porque a tempestade não vem longe.

— E há de ser violenta a avaliar pelo estado do céu.

— Não é a tempestade que me inquieta — replicou Glenarvan —, mas sim as torrentes de chuva que a hão de acompanhar. Vamos ficar encharcados até aos ossos. Diga o que disser, Paganel, um ninho não basta para o homem, e bem depressa ficará sabendo isto à sua custa.

— Oh! com filosofia! — redarguiu o sábio.

— A filosofia não impede que uma pessoa fique molhada!

— Não, mas aquece alguma coisa.

— Em suma — disse Glenarvan —, vamos ter com os nossos amigos e convidemo-los a embuçarem-se o melhor que puderem na sua filosofia e nos seus ponchos, e principalmente a encherem-se de paciência, porque havemos de ter precisão dela!

Glenarvan elevou um último olhar para o céu ameaçador. Apenas para a banda do poente uma faixa indecisa se iluminava com os clarões crepusculares. As águas tomavam cor sombria e pareciam uma nuvem inferior prestes a confundir-se com os pesados vapores que desciam do céu. A própria sombra já não era visível. As sensações de luz e de ruído já não chegavam nem aos olhos nem aos ouvidos. O silêncio tornava-se tão profundo como a escuridão.

— Desçamos — aconselhou Glenarvan —, o trovão não tardará que ribombe!

Deixaram-se escorregar todos três pelos ramos lisos, e ficaram bastante admirados quando se viram em meio de uma semiclaridade de efeito muito surpreendente; era produzida por

milhares de pontos luminosos, que se cruzavam zumbindo, à superfície das águas.

— São fosforescências? — perguntou Glenarvan.

— Não — informou Paganel —, mas insetos fosforescentes, verdadeiros pirilampos, diamantes vivos e baratos, de que as damas de Buenos Aires fazem toucados magníficos!

— O quê! — disse Roberto. — São insetos que voam como faíscas?

— Sim, meu rapaz.

Roberto deitou a mão a um dos cintilantes animais. Paganel não se enganara. Era uma espécie de grande zângão, do tamanho de uma polegada, a que os índios deram o nome de tuco-tuco. Este curioso coleóptero lançava clarões por duas manchas situadas adiante do toracete, e à sua luz bastante viva podia ler-se. Paganel, aproximando o inseto do relógio, pôde ver que eram dez horas da noite.

Reunindo-se ao major e aos três marinheiros, Glenarvan fez-lhes as suas recomendações para aquela noite. Deviam esperar uma tempestade violenta. Depois dos primeiros ribombos do trovão, o vento desencadear-se-ia por certo e o ombu seria muito sacudido. Foram todos concordes em se amarrarem solidamente no leito de ramos que lhes coubera na distribuição. Se não podiam evitar as águas do céu, era pelo menos preciso acautelarem-se das da terra, e não cair na rápida corrente que se quebrava contra o tronco da árvore. Deram mutuamente a boa-noite, sem grande esperança de passá-la conforme ao desejo. Em seguida, cada qual, acomodando-se na sua cama aérea, embrulhou-se no poncho e esperou pelo sono.

Mas a aproximação dos grandes fenómenos da natureza lança no coração de todo o ente sensível uma vaga inquietação, a que até os mais corajosos não se podem subtrair. Os moradores do ombu, agitados e oprimidos, não puderam fechar as pálpebras, e o primeiro trovão achou-os todos acordados. Soou pouco antes das onze horas sob a forma de ribombo afastado. Glenarvan dirigiu-se para a extremidade do ramo horizontal e atreveu-se a deitar a cabeça fora da folhagem.

O fundo negro do céu estava já sulcado por incisões vivas e brilhantes, que as águas da cheia refletiam nitidamente. Em muitos lugares a camada das nuvens rasgava-se, mas como tecido mole e penugento, sem ruído estridente. Depois de observar o zénite e o horizonte, que se confundiam em igual escuridão, voltou para o centro da árvore.

— Que diz, Glenarvan? — perguntou Paganel.

— Digo que isto principia bem, meus amigos, e, se continua assim, a tempestade será terrível.

— Tanto melhor — retorquiu Paganel —, amo tanto mais um belo espetáculo quanto menos

o posso evitar.

— Eis uma das suas teorias que vai ter ocasião de brilhar — observou o major.

— É uma das melhores, Mac-Nabs. Sou da opinião de Glenarvan: a tempestade será sublime. Agora mesmo, quando diligenciava dormir, vieram-me à memória muitos factos que me autorizam a esperá-lo, porque estamos na região das grandes tempestades elétricas. Li efetivamente, não sei onde, que em 1793, precisamente na província de Buenos Aires, caíram trinta e sete raios durante uma só tempestade. O meu colega Mr. Martin de Moussy contou até cinquenta e cinco minutos de ribombar continuado.

— De relógio na mão? — perguntou o major.

— De relógio na mão. Só uma coisa me inquietaria — acrescentou Paganel —, se a inquietação servisse para evitar o perigo: é que o único ponto culminante desta planície é exatamente o ombu onde estamos. Um para-raios seria aqui muito útil, porque precisamente esta árvore, entre todas dos Pampas, é a que o raio prefere. E depois, meus amigos, não ignoram que os sábios recomendam que não se deve procurar refúgio debaixo das árvores durante a tempestade.

— Bem — disse o major —, é uma recomendação que vem muito a propósito!

— Deve-se confessar, amigo Paganel — observou Glenarvan —, que escolhe bem o momento para nos contar essas coisas tranquilizadoras.

— Ora! — replicou Paganel — todas as ocasiões são boas para a gente se instruir. Ah! Aí começa!

Trovões mais violentos interromperam esta conversa inoportuna; a sua intensidade aumentava, adquirindo tons mais elevados; aproximavam-se e passavam do grave ao agudo, para tirarmos da música uma comparação apropriada. Bem depressa se tornaram estridentes e fizeram vibrar as cordas atmosféricas com rápidas oscilações. O espaço estava em fogo, e neste geral abrasamento não se podia reconhecer a que fâisca elétrica pertenciam os prolongados ribombos, que se repercutiam de eco em eco até às profundezas do céu.

Os continuados relâmpagos tomavam formas variadas. Alguns, dardejando perpendicularmente sobre o solo, repetiam-se cinco ou seis vezes no mesmo lugar. Outros excitariam ao mais alto grau a curiosidade de um sábio, porque, se Arago, nas suas interessantes estatísticas, só apontou dois exemplos de relâmpagos bifurcados, aqui reproduziam-se aos centos. Alguns, divididos em mil ramos diversos, desenvolviam-se sob o aspeto de ziguezagues coraliformes e produziam, sob a escura abóbada, efeitos surpreendentes de luz arborescente.

Em pouco todo o céu, de leste a norte, ficou coberto por uma faixa fosfórica de

deslumbrante brilho. Este incêndio foi-se propagando por todo o horizonte, inflamando as nuvens como se fossem imenso montão de matérias combustíveis, e dentro de pouco, refletido pelas águas espelhadas, formou uma esfera colossal de fogo, de que o ombu era o ponto central.

Glenarvan e os seus companheiros olhavam silenciosamente para este espetáculo aterrador. Não poderiam fazer-se ouvir se falassem. Desdobravam-se no espaço como que faixas de luz branca, que chegavam até aos viajantes; nestes rápidos clarões apareciam e desapareciam subitamente, como que animados por vida espectral, ora o tipo sereno do major, a fisionomia curiosa de Paganel, ou as feições enérgicas de Glenarvan, ora o rosto assustado de Roberto, ou a fisionomia dos marinheiros, respirando a proverbial indiferença diante do perigo.

Entretanto, a chuva ainda não caía e o vento não soprava. Não tardou, porém, que as cataratas do céu se abrissem, e que numerosos filetes verticais, como os fios de um tear, se desdobrassem no fundo escuro do céu. As grandes bagas de água, batendo na superfície do lago, ressaltavam, em forma de milhares de faíscas, iluminadas pelo clarão dos relâmpagos.

Anunciaria o aguaceiro que a tempestade chegara ao seu termo? Ficariam quites Glenarvan e os seus companheiros a troco de alguns duches vigorosamente ministrados? Não. Na maior força desta luta de fogos aéreos, na extremidade da pernada principal que se estendia horizontalmente, apareceu de súbito um globo inflamado, do tamanho de um punho, e rodeado de fumo negro. Depois de girar sobre si mesmo durante alguns segundos, o globo rebentou como uma bomba, e com tal ruído que se tornou perceptível no meio do ruído geral. Um vapor sulfuroso encheu a atmosfera. Estabeleceu-se silêncio por alguns momentos, e pôde-se ouvir a voz de Tom Austin, que bradava:

— A árvore está a arder.

Tom Austin não se enganava. Num momento, a chama, como se tivesse pegado numa grande peça de fogo de artifício, propagou-se por todo o lado ocidental do ombu; os ramos ressequidos, os ninhos de erva seca, e finalmente toda a entrecasca da árvore, de natureza esponjosa, formaram favorável alimento à sua atividade devoradora.

Levantou-se então o vento e começou a soprar sobre este incêndio. Era preciso fugir. Glenarvan e os seus companheiros refugiaram-se a toda a pressa no lado do ombu não incendiado, mudos, perturbados, aterrados, trepando, escorregando, aventurando-se pelos ramos, que vergavam com o seu peso. Entretanto, as ramadas encarquilhavam, estalavam e torciam-se no fogo como serpentes queimadas em vida; os seus restos incandescentes caíam nas águas da cheia e eram levados pela corrente, lançando fulvos clarões. As chamas ora se elevavam a prodigiosa altura e desapareciam, confundindo-se com o abrasamento geral da

atmosfera, ora, abaixando-se sob a ação do vento furioso, envolviam o ombu como a túnica de Nesso. Glenarvan, Roberto, o major, Paganel e os marinheiros estavam aterrados; sufocava-os um espesso fumo; queimava-os intolerável ardor; o incêndio ia-se apoderando dos ramos inferiores da árvore; nada podia detê-lo nem apagá-lo, e viam-se irrevogavelmente condenados ao suplício das vítimas encerradas nos flancos de uma divindade hindu.

Afinal, deixou de ser tolerável a situação, e das duas mortes foi preciso escolher a menos cruel.

— À água! — bradou Glenarvan.

Wilson, a quem as chamas já alcançavam, acabava de se precipitar no lago quando o ouviram gritar com o acento do mais violento terror:

— Acudam! Acudam!

Austin correu para ele e ajudou-o a trepar para o tronco.

— O que há de novo?

— Os caimões! Os caimões! — respondeu Wilson.

E o pé da árvore apareceu rodeado dos mais temíveis inimigos da ordem dos lagartos. As suas escamas luziam na área que o incêndio iluminava; a cauda achatada em sentido vertical, a cabeça semelhante ao ferro de uma lança, os olhos salientes, as queixadas fendidas até atrás da orelha, todos estes sinais característicos não deixaram Paganel em dúvida. Reconheceu os ferozes crocodilos da América, chamados caimões nos países espanhóis. Eram em número de dez, batendo na água com a cauda formidável e atacando o ombu com os compridos dentes da queixada inferior.

À vista daqueles animais, os desgraçados sentiram-se perdidos. Esperava-os morte horrorosa, quer pervessem consumidos pelas chamas, quer devorados pelos dentes dos caimões. Até ouviram o próprio major dizer, com uma voz tranquila:

— Podia bem ser que fosse agora o final de todos os finais.

Há circunstâncias em que o homem se sente impotente para a luta e nas quais os elementos desencadeados só podem ser combatidos por outros elementos. Glenarvan, com o olhar alucinado, contemplava o fogo e a água, ligados contra ele, sem saber que auxílio pedisse ao céu.

A tempestade estava no seu período de declinação, mas desenvolvera na atmosfera uma quantidade de vapores aos quais os fenómenos elétricos iam comunicar extrema violência. Para a banda do sul formava-se pouco a pouco uma tromba enorme, um cone composto de nevoeiros, com o cume para baixo, a base para cima, que punha em comunicação as águas revoltas da cheia

com as nuvens da tempestade. Este meteoro avançou dali a pouco, girando sobre si mesmo com rapidez vertiginosa; atraindo para o seu centro uma coluna de água levantada do lago e com atração violenta, produzida pelo movimento giratório, fazia convergir precipitadamente sobre si as correntes de ar que o rodeavam.

Em poucos instantes, a tromba gigantesca arremessou-se sobre o ombu e enlaçou-o nas suas roscas. A árvore foi abalada até às raízes. Glenarvan chegou a crer que os caimões a atacavam com as possantes queixadas e a arrancavam do solo. Ele e os seus companheiros, segurando-se uns aos outros, sentiram que a árvore imensa cedia e se revirava; os seus ramos inflamados mergulharam nas águas revoltas e tumultuosas, assobiando de um modo formidável. Foi obra de um segundo. A tromba, que já passara, levava para mais longe a sua desastrosa violência, e, sugando as águas do lago, parecia esgotá-lo na sua passagem.

Então o ombu, deitado nas águas, derivou por efeito dos esforços combinados do vento e da corrente. Os caimões tinham fugido, exceto um, que se rojava sobre as raízes voltadas para cima e avançava com as queixadas escancaradas; mas Mulrady, agarrando num ramo meio consumido pelo fogo, despediu uma tão rude pancada sobre o animal que lhe quebrou os quartos traseiros. O caimão, caindo sobre o dorso, mergulhou no redemoinho da torrente, que a sua temível cauda ainda agitou alguns momentos com formidável violência.

Glenarvan e os seus companheiros, livres dos vorazes animais, alcançaram os ramos que ficaram ao lado donde soprava o vento, e o ombu, cujas chamas, atizadas pelo vendaval, formavam como velas incandescentes, derivou, qual brulote incendiado, através da escuridão da noite.

Capítulo 26 — O Atlântico

Durante duas horas, o ombu navegou sobre o lago imenso sem alcançar a terra firme. As chamas que o consumiam tinham-se apagado pouco a pouco. O principal perigo daquela terrível viagem desaparecera. O major limitou-se a dizer que não era para admirar que eles ainda se salvassem.

Conservando a primeira direção, a corrente deslizava de sudoeste para nordeste. A escuridão, apenas desfeita de quando em quando por algum tardio relâmpago, tornara-se outra vez profunda, e Paganel debalde procurava no horizonte pontos de referência. A tempestade chegava ao seu termo. Às grandes bagas de água sucediam-se pequenos pingos, e as nuvens mais espessas, com o volume já muito diminuído, retalhavam-se em faixas longitudinais na profundidade do céu.

A marcha do ombu era rápida sobre a impetuosa corrente; rolava com surpreendente velocidade e como se debaixo da casca contivesse algum poderoso engenho locomotor. Nada provava que ele não tivesse de continuar assim dias inteiros. Porém, pelas três horas da manhã, o major fez observar que as raízes tocavam de quando em quando no fundo. Valendo-se de um grande ramo que arrancara, Tom Austin sondou as águas cuidadosamente e reconheceu que o terreno ia subindo. Efetivamente, passados vinte minutos houve choque, e o ombu parou de repente.

— Terra! Terra! — exclamou Paganel com voz sonora.

A extremidade dos ramos calcinados tinha dado contra uma elevação do terreno. Nunca houve navegadores que mais satisfeitos ficassem de encalhar. Ali, o escolho era a sua salvação.

Já Roberto e Wilson, saltando sobre terreno sólido, soltavam um grito de alegria, quando se ouviu um silvo bem conhecido. Ecoou na planície o galope de um cavalo, e a estatura elevada do índio ergueu-se na sombra.

— Thalcave! — exclamou Roberto.

— Thalcave! — repetiram os companheiros com voz unânime.

— *Amigos!* — replicou o patagão, que esperara os viajantes no sítio aonde a corrente os devia conduzir, porque ele ali fora ter.

Levantando Roberto nos braços, apesar de ver que Paganel vinha agarrado a ele, apertou-o contra o peito. Dentro em pouco Glenarvan, o major e os marinheiros, satisfeitos por tornarem a

ver o seu guia fiel, apertavam-lhe as mãos com vigorosa cordialidade. Em seguida o patagão levou-os para o cerrado de uma plantação abandonada. Brilhava ali um bom lume, que os aqueceu, e onde se assavam suculentos nacos de caça, de que não deixaram migalha. E quando, já o espírito tranquilo, se puseram a refletir, nenhum deles se podia crer salvo daquela funesta aventura, composta de tantos perigos diversos, da água, do fogo e dos temíveis caimões dos rios argentinos.

Em poucas palavras Thalcave contou a sua história a Paganel, e declinou sobre o cavalo toda a honra de o ter salvo. Paganel procurou então explicar-lhe a nova interpretação do documento e que esperanças ela inspirava. Compreendeu o índio perfeitamente as engenhosas hipóteses do sábio? É permitido duvidar, mas via os seus amigos esperançados e alegres, e nada mais lhe era preciso.

Sem custo se deve crer que os intrépidos viajantes, depois de um dia de descanso passado no cerrado, não se fizeram rogar para novamente se meterem a caminho. Às oito horas da manhã estavam dispostos a partir. Achavam-se muito ao sul das plantações e dos «saladeros» para obterem meios de transporte. Portanto, não havia remédio senão irem a pé. Tratava-se apenas de uma extensão de quinze léguas, e «Thaouka» não recusaria decerto transportar de vez em quando um peão fatigado, e até dois se preciso fosse. Em trinta e seis horas podiam alcançar as margens do Atlântico.

Chegado que foi o momento de partirem, o guia e os seus companheiros deixaram para trás de si a imensa bacia ainda alagada e tomaram pelas planícies mais elevadas. O território argentino readquiriu o seu monótono aspeto; alguns grupos de árvores, plantadas pelas mãos dos europeus, elevavam-se, num ou noutro ponto, como que timidamente, acima das pastagens, aliás tão raras como nos arredores das serras Tandil e Tapalquem; as árvores indígenas só tomam a liberdade de crescer ao longo dos prados de extraordinária extensão e nas proximidades do cabo Corrientes.

Assim se passou a primeira jornada. No dia seguinte, a quinze milhas do oceano, pressentiram a proximidade dele. A *viração*, vento singular que sopra regularmente durante a segunda metade do dia e da noite, fazia vergar as ervas mais elevadas. Do solo árido erguiam-se rareados bosques, pequenas sensitivas arborescentes, matas de acácias e grupos de «curramabol». Alguns charcos de água salgada cintilavam como pedaços de vidro quebrado e tornavam penosa a marcha, porque foi preciso torneá-los. Apressaram o passo, a fim de naquele mesmo dia chegarem ao lago Salgado, nas margens do oceano, e, para tudo dizer, os viajantes sentiam-se sofrivelmente fatigados quando, às oito horas da noite, avistaram as marinhas de sal,

de vinte toesas de altura, que delimitam a orla escumante do Atlântico. Pouco depois o prolongado murmúrio do fluxo das águas chegou-lhes aos ouvidos.

— O oceano! — exclamou Paganel.

— Sim, o oceano! — repetiu Thalcave,

E os caminhantes, a quem as forças pareciam já prestes a faltar, escalavam dali a pouco as marinhas com grande agilidade.

Mas era grande a escuridão, e os olhos debalde percorreram a imensidade. Procuraram o «Duncan» e não o distinguiram.

— E contudo ele há de ali estar — exclamou Glenarvan —, à nossa espera e bordejando.

— Amanhã veremos — replicou Mac-Nabs.

Tom Austin bradou ao acaso pela gente do iate invisível, mas não obteve resposta. Demais, o vento soprava rijo, e o mar estava mau. As nuvens corriam acossadas do oeste, e a crista escumante das vagas, desfeita em poeira fina, chegava ao cimo das marinhas. Portanto, ainda que o «Duncan» se achasse no ponto designado, o homem de vigia não podia ouvir nem ser ouvido. A costa não oferecia abrigo algum, nem baía, nem enseada, nem porto, nem sequer uma calheta. Compunha-se de compridos bancos de areia, que iam perder-se no mar e cuja aproximação é mais perigosa do que a dos rochedos à flor da água. Os bancos efetivamente irritam a vaga; o mar ali é particularmente mau, e os navios perdem-se com certeza se vêm com tempo desfavorável dar no areal.

Era pois naturalíssimo que o «Duncan», julgando a costa detestável e sem porto de abrigo, se conservasse ao largo. Com a sua habitual prudência, John Mangles devia afastar-se da costa o mais possível. Foi esta a opinião de Tom Austin, o qual afirmou que o «Duncan» não podia aguentar o mar a menos de cinco boas milhas da terra.

O major aconselhou, portanto, o seu impaciente amigo a que se resignasse. Não havia meio de dissipar as densas trevas. Para que fatigar a vista em profundar o sombrio horizonte?

Dito isto, organizou uma espécie de acampamento ao abrigo das marinhas; as últimas provisões serviram para a última refeição da viagem. Em seguida, cada qual, imitando o exemplo do major, cavou um leito improvisado numa cova bastante cómoda, e puxando até ao queixo o imenso cobertor de areia adormeceu profundamente.

Só Glenarvan velou. O vento conservava-se agudo, e o oceano ressentia-se ainda da tempestade passada. As vagas, sempre tumultuosas, vinham quebrar-se nos bancos de areia com o ruído do trovão. Glenarvan não podia habituar-se à ideia de ter o «Duncan» tão perto de si. A suposição de que ele não chegara ali no prazo combinado era inadmissível. Glenarvan deixara a

baía de Thalcahuano a 14 de outubro e chegava a 12 de novembro às praias do Atlântico. Ora, no espaço de trinta dias gastos em atravessar o Chile, a Cordilheira, os Pampas, as planícies argentinas, tivera o «Duncan» tempo de dobrar o cabo Horn e chegar à costa oposta. Para um barco tão veloz, os atrasos não existiam; a tempestade fora decerto violenta e terrível a sua fúria no vasto campo de batalha do Atlântico, mas o iate era um bom navio e o capitão bom marinheiro. Logo que ele ali devia estar, é que estava.

Fosse como fosse, estas reflexões não conseguiram tranquilizar Glenarvan. Quando entre o coração e a razão se trava luta, não é a razão quem se mostra mais forte. O lord de Malcolm-Castle sentia em meio daquela escuridão todos a quem amava, a sua querida Helena, Mary Grant, a tripulação do seu «Duncan». Pôs-se a vaguear pela praia deserta, que as ondas cobriam com as suas palhetas fosforescentes. Olhava, escutava. Julgou até, em certos momentos, surpreender no mar largo um indeciso fulgor.

— Não me engano, vi os fogos de um navio, os fogos do «Duncan». Ah! Não poderem os meus olhares penetrar nas trevas!

Acudiu-lhe então uma ideia. Paganel dizia-se nictalope. Paganel via de noite. Foi acordá-lo.

O sábio dormia na sua toca o sono da toupeira, quando um braço vigoroso o arrancou da cama de areia.

— Que é lá? — exclamou ele.

— Sou eu, Paganel.

— O senhor, quem?

— Glenarvan. Venha, preciso dos seus olhos.

— Dos meus olhos? — replicou Paganel, que os esfregava com força.

— Sim, dos seus olhos para distinguir o «Duncan» nesta escuridão. Vamos, venha.

— O demónio leve a nictalopia! — disse Paganel consigo, encantado, aliás, em ser útil a Glenarvan.

E, levantando-se, sacudindo os membros entorpecidos, abrindo a boca ruidosamente, como as pessoas que despertam com dificuldade, seguiu o amigo à praia.

Glenarvan pediu-lhe que examinasse o horizonte sombrio do mar. Durante alguns minutos Paganel entregou-se conscienciosamente ao exame.

— Então, não distingue nada? — perguntou Glenarvan.

— Nada! Nem um gato veria a dois passos de distância.

— Procure uma luz vermelha ou uma luz verde, isto é, a luz de bombordo ou a luz de estibordo.

— Não vejo luz vermelha nem verde! Tudo está negro! — replicou Paganel, cujos olhos se fechavam involuntariamente.

Durante meia hora seguiu o seu impaciente amigo, maquinalmente, deixando pender a cabeça para o peito, e levantando-a depois de repente. Não respondia, não falava. Ia com um passo pouco firme e cambaleava como homem ébrio. Glenarvan olhou para Paganel. Este dormia a andar.

Glenarvan agarrou-o então por um braço e, sem o acordar, reconduziu-o para o buraco, onde o enterrou confortavelmente.

Ao romper do dia todos se levantaram ao ouvirem este grito:

— O «Duncan»! O «Duncan»!

— Hurra! Hurra! — responderam todos a Glenarvan, correndo para a praia.

Efetivamente, a cinco milhas ao largo, o iate, com os papa-figos ferrados cuidadosamente, bordejava com pouco vapor. O seu fumo confundia-se com as névoas matinais. O mar estava picado, e um barco daquela tonelagem não se podia aproximar dos bancos sem perigo.

Munido do óculo de Paganel, Glenarvan observava as evoluções do «Duncan». John Mangles não devia ter avistado os viajantes, porque não fazia nenhuma manobra, e continuava a bordejar, com amuras a bombordo e a gávea nos terceiros.

Mas Thalcave, depois de carregar bem a carabina, descarregou-a na direção do iate.

Puseram o ouvido à escuta. Apuraram a vista principalmente. Três vezes a carabina do índio atirou, despertando os ecos das marinhas.

Afinal, um fumo branco apareceu na borda do iate.

— Viram-nos! — exclamou Glenarvan. — É a peça do «Duncan»!

E, passados segundos, uma surda detonação expirava na praia. No mesmo momento o «Duncan», mudando a gávea e fazendo força de vapor, manobrou de modo que se aproximou da costa.

Dali a pouco, com o auxílio do óculo, viram uma embarcação largar de bordo.

— Lady Helena não poderá vir — disse Tom Austin —, está muito mar!

— John Mangles também não — ajuntou Mac-Nabs —, não pode deixar o navio.

— Minha irmã! Minha irmã! — suspirava Roberto, estendendo os braços para o iate, que jogava violentamente.

— Ah! Quanto me tarda achar-me a bordo! — exclamou Glenarvan.

— Paciência, Edward. Estará lá daqui a duas horas — ponderou o major.

— Duas horas!

Efetivamente a embarcação, munida de seis remos, não podia em menos tempo fazer o trajeto de ida e volta.

Então Glenarvan chegou-se a Thalcave, que de braços cruzados, com «Thaouka» junto de si, observava tranquilamente o movimento das águas.

Glenarvan travou-lhe da mão e, apontado para o iate, pediu-lhe:

— Vem.

O índio meneou a cabeça brandamente.

— Vem, amigo — repetiu Glenarvan.

— Não — respondeu Thalcave com doçura. — Está aqui «Thaouka», acolá estão os Pampas! — acrescentou ele, indicando com um gesto apaixonado a imensa extensão da planície.

Glenarvan compreendeu perfeitamente que o índio não quereria nunca abandonar a campina onde jaziam os ossos de seus pais. Conhecia a afeição religiosa dos filhos do deserto pela sua terra natal. Apertou a mão de Thalcave e não insistiu. Também não insistiu quando o índio, sorrindo a seu modo, recusou a paga dos seus serviços, dizendo:

— Por amizade.

Glenarvan não pôde responder-lhe. Quisera deixar ao menos ao valente índio uma lembrança que lhe recordasse os seus amigos da Europa. Que lhe restava, porém? As suas armas, os seus cavalos, tudo perdera no desastre da inundação. Os seus amigos eram tão ricos como ele.

Não sabia, pois, como premiar o desinteresse do valente guia, quando lhe acudiu de súbito uma ideia. Tirou da carteira um medalhão precioso em que havia um retrato admirável, primor artístico devido ao pincel de Lawrence, e ofereceu-o ao índio.

— Minha esposa! — declarou.

Thalcave contemplou o retrato com olhar comovido, e proferiu as seguintes palavras:

— Boa e formosa!

Em seguida Paganel, Roberto, o major, Tom Austin e os dois marinheiros vieram com palavras dizer adeus ao patagão. Aquela boa gente sentia-se deveras comovida ao deixar um amigo tão intrépido e dedicado. Thalcave estreitou-os a todos contra o largo e robusto peito. Paganel obrigou-o a aceitar uma carta da América meridional e dos dois oceanos que o índio muitas vezes olhara com mostras de interesse. Era o que o sábio tinha de mais precioso. Quanto a Roberto, só afagos tinha a dar, e ofereceu-os ao seu salvador, não esquecendo «Thaouka» na larga distribuição.

Naquele momento a embarcação do «Duncan» aproximava-se; enfiou por um estreito canal

aberto entre os bancos de areia e veio encalhar na praia.

— Minha mulher? — perguntou Glenarvan.

— Minha irmã? — exclamou Roberto.

— Lady Helena e miss Grant esperam-nos a bordo — respondeu o patrão do escaler. — Mas partamos, Vossa Honra; não temos um minuto a perder, porque a baixa-mar começa.

Foram prodigalizados os últimos abraços ao índio. Thalcave acompanhou os seus amigos até à embarcação, que foi posta a nado. No momento em que Roberto subia para bordo, o índio tomou-o nos braços e olhou para ele com ternura.

— Vai, vai — disse-lhe —, és um homem!

— Adeus! Amigo! Adeus! — repetiu mais uma vez Glenarvan.

— Não nos tornaremos nunca a ver? — perguntou Paganel.

— *Quien sabe?* — respondeu o patagão, erguendo o braço ao céu.

Foram as últimas palavras do índio, que se perderam levadas pelo vento.

Fizeram-se ao largo. O escaler afastou-se, levado pela baixa-mar. Por muito tempo o vulto imóvel de Thalcave se divisou através da espuma das vagas. Depois a sua grande estatura tornou-se mais pequena e desapareceu aos olhos dos seus amigos de um dia.

Dali a uma hora Roberto saltava para bordo do «Duncan» e lançava-se ao pescoço de Mary Grant, enquanto a tripulação do iate enchia os ares com os seus alegres hurras.

Assim se realizara a passagem através da América do Sul, seguindo uma linha rigorosamente reta. Nem montanhas nem rios fizeram desviar os viajantes da sua imperturbável direção, e, se não tiveram de lutar contra a má vontade dos homens, muitas vezes os elementos, desencadeados contra eles, puseram a rudes provas a sua generosa intrepidez.

SEGUNDA PARTE — AUSTRÁLIA MERIDIONAL

Capítulo 1 — Regresso a Bordo

Os primeiros instantes foram consagrados à felicidade de se tornarem a ver. Lord Glenarvan não tinha querido que o insucesso das suas indagações extinguisse a alegria no coração dos seus amigos. Por isso as suas primeiras palavras foram as seguintes:—Confiança, meus amigos, confiança! O capitão Grant não está connosco, mas temos a certeza de o encontrar.

Bastava tão segura afirmativa para fazer renascer a esperança nos passageiros do «Duncan».

Efetivamente, Lady Helena e Mary Grant, enquanto a embarcação se aproximava do iate, tinham passado pelas muitas angústias que uma ansiosa expectativa costuma causar. Do tombadilho procuravam contar os que voltavam para bordo. A jovem ora desesperava, ora imaginava, pelo contrário, ver Harry Grant. Palpitava-lhe o coração; não podia falar; a custo se sustinha de pé. Lady Helena cingia-a contra os braços. John Mangles, em observação junto dela, calava-se; os seus olhos de marinheiro, tão habituados a distinguir os objetos afastados, não viam o capitão.

— Vem, vem ali meu pai! — murmurava a jovem.

Mas, como o escaler se aproximasse pouco a pouco, tornou-se impossível a ilusão. Ainda os viajantes não estavam a cem braças de bordo já Lady Helena, John Mangles e a própria Mary Grant, com olhos banhados de lágrimas, tinham perdido toda a esperança. Era tempo que Lord Glenarvan chegasse e fizesse ouvir as suas palavras tranquilizadoras.

Depois dos primeiros abraços, Lady Helena, Mary Grant e John Mangles foram informados dos principais incidentes da expedição, e, primeiro que tudo, Glenarvan fez-lhes conhecer a nova interpretação do documento, devida à sagacidade de Jacques Paganel. Teceu também um elogio a Roberto, de quem Mary Grant se podia com razão mostrar orgulhosa. A sua coragem, a sua dedicação, os perigos que tinha corrido, tudo Glenarvan exaltou, a ponto que o jovem não saberia onde se ocultar se os braços da irmã não lhe oferecessem um refúgio.

— Não deves corar, Roberto — disse John Mangles. — Portaste-te como digno filho do capitão Grant!

Estendeu os braços para o irmão de Mary Grant e apoiou os lábios nas faces ainda húmidas das lágrimas que a donzela sobre elas derramara.

Só por memória se fala aqui do acolhimento que tiveram o major e o geógrafo e da lembrança com que foi honrado o generoso Thalcave. Lady Helena sentiu não poder dar um

aperto de mão ao bravo índio. Depois das primeiras expansões, Mac-Nabs dirigira-se para o seu camarote, onde se pusera a fazer a barba com mão sossegada e firme. Quanto a Paganel, voejava de um lado para o outro, colhendo o suco dos cumprimentos e dos sorrisos. Quis abraçar toda a tripulação do «Duncan» e, sustentando que Lady Helena fazia parte dela, como também Mary Grant, começou a distribuição por elas para acabar em Mister Olbinett.

O *steward* entendeu que não podia corresponder melhor a uma tal delicadeza do que anunciando o almoço.

— O almoço! — exclamou Paganel.

— Sim, Sr. Paganel — confirmou Mr. Olbinett.

— Um verdadeiro almoço, sobre uma verdadeira mesa, com talheres e guardanapos?

— Decerto, Sr. Paganel.

— Não se come nem carne seca, nem ovos cozidos, nem filetes de avestruz?

— Oh! Senhor — replicou o despenseiro, humilhado nos seus sentimentos de artista culinário.

— Não quis ofendê-lo, meu amigo — disse o sábio, sorrindo. — Mas durante um mês foi esse o nosso passadio, e comíamos, não sentados à mesa, mas estendidos no solo, quando não era escanchados nas árvores. O almoço que acaba de anunciar parece-me por isso um sonho, uma quimera, uma ficção!

— Ora bem, vamos certificar-nos da sua realidade, Sr. Paganel — acudiu Lady Helena, que não podia suster o riso.

— Eis o meu braço — disse o galante geógrafo.

— Vossa Honra não tem ordens que me dar para o «Duncan»? — perguntou John Mangles.

— Depois do almoço, meu amigo — respondeu Glenarvan —, discutiremos em família o programa da nossa nova expedição.

Os passageiros do iate e o jovem capitão desceram para a praça de armas. Deu-se ordem ao engenheiro de conservar o vapor em pressão, a fim de partirem ao primeiro sinal. O major, barbeado de fresco, e os viajantes, depois de uma rápida *toilette*, tomaram lugar à mesa.

Foi muito festejado o almoço de Mr. Olbinett. Declararam-no excelente e até superior aos festins esplêndidos do Pampa. Paganel repetiu todos os pratos, «por distração» — dizia ele.

Esta malfadada palavra fez com que Lady Glenarvan perguntasse se o amável francês caíra alguma vez no seu pecado habitual. O major e Lord Glenarvan olharam um para o outro sorrindo. Quanto a Paganel, desatou a rir com franqueza e prometeu, sob palavra de honra, não cometer uma só distração durante a viagem; em seguida fez com muita graça a narração do

percalço que lhe sucedera e dos seus profundos estudos sobre a obra de Camões.

— Afinal — concluiu — há males que vêm por bem, e não me pesa o erro em que caí.

— Porquê, meu digno amigo? — perguntou o major.

— Porque não só sei espanhol, mas também sei português. Em vez de uma, falo duas línguas!

— Palavra, que não tinha pensado nisso —olveu-lhe Mac-Nabs. — Os meus cumprimentos, Paganel, os meus sinceros cumprimentos.

Aplaudiram Paganel, que não perdia dentada. Comia e falava ao mesmo tempo. Não notou, porém, uma particularidade que não passou despercebida a Glenarvan: as atenções de John Mangles para com a sua vizinha, a jovem Grant. Um pequeno sinal de Lady Helena ao marido informou-o de que não se enganava. Glenarvan olhou para os dois jovens com afetuosa simpatia e interpelou John Mangles, mas sobre objeto muito diferente.

— E a sua viagem, John Mangles, como foi que se fez? — perguntou-lhe.

— Nas melhores condições — respondeu o capitão. — Só uma coisa direi a Vossa Honra: é que não tornámos a seguir pelo estreito de Magalhães.

— Bom! — exclamou Paganel. — Dobrou o cabo Horn e eu não estava presente!

— Enforque-se! — disse o major.

— Egoísta! É para se aproveitar da minha corda que me dá esse conselho! — replicou o geógrafo.

— Ora vamos, caro Paganel — atalhou Glenarvan —, sempre que uma pessoa não seja dotada do dom da ubiquidade, não pode estar em toda a parte. Logo, se corria a planície dos Pampas, não podia ao mesmo tempo dobrar o cabo Horn.

— Isso, porém, não obsta a que eu tenha pena — replicou o sábio.

Mas não puxaram mais por ele, e deixaram-no nesta resposta. John Mangles tornou a tomar a palavra e fez a descrição da sua viagem. Correndo ao longo da costa americana, observava todos os arquipélagos ocidentais sem encontrar vestígios da «Britannia». Chegando ao cabo Pilares, na entrada do estreito, e achando os ventos ponteiros, navegou para o sul; costeou as ilhas da Desolação, subiu até ao grau trinta e sete de latitude austral, dobrou o cabo Horn, passou próximo da Terra do Fogo, e, atravessando o estreito de Lg Maire, seguiu as costas da Patagónia. Aí, na altura do cabo Corrientes, aguentou grandes tufões, os mesmos que durante a tempestade assaltaram tão violentamente os viajantes. Mas o iate comportara-se bem, e havia três dias que John Mangles bordejava muito ao largo, quando as detonações de carabina lhe anunciaram a chegada dos viajantes tão impacientemente esperados. Quanto a Lady Helena e à

jovem Grant, o capitão do «Duncan» seria injusto se desconhecesse a sua intrepidez. A tempestade não a assustou, e, se alguns receios manifestaram, foi por se lembrarem dos seus amigos, que então vagueavam nas planícies da República argentina.

Assim terminou a narrativa de John Mangles; as felicitações de Lord Glenarvan acompanharam-no em toda ela. Depois o lord, dirigindo-se a Mary Grant, disse-lhe:

— Minha querida miss, vejo que o capitão faz justiça às suas notáveis qualidades e felicito-me ao pensar que à miss não desagrade encontrar-se a bordo do navio.

— Como podia deixar de ser assim? — redarguiu Mary Grant, olhando para Lady Helena e talvez também para o moço capitão.

— Oh! Minha irmã tem-vos muito afeto — exclamou Roberto — e eu também!

— E eu pago-te na mesma moeda — replicou John Mangles, um pouco perturbado pelas palavras de Roberto, que fizeram afluir algum rubor ao rosto da donzela.

Em seguida, puxando a conversa para terreno menos perigoso, John Mangles acrescentou:

— Já que acabei de contar a viagem do «Duncan», quererá Vossa Honra dar-nos alguns pormenores sobre a passagem da América do Sul e sobre as proezas do nosso jovem herói?

Nenhuma narrativa podia ser mais agradável a Lady Helena e a Miss Grant. Por isso Lord Glenarvan se apressou a satisfazer-lhes a curiosidade. Descreveu, incidente por incidente, toda a sua viagem de um ao outro oceano. A passagem da Cordilheira dos Andes, o tremor de terra, a desapareição de Roberto, a sua elevação aos ares nas garras do condor, o tiro de espingarda de Thalcave, o episódio dos lobos vermelhos, a dedicação do jovem, o sargento Manuel, a inundação, o refúgio no ombu, o raio, o incêndio, os caimões, a tempestade, a noite à beira do Atlântico, todos estes diversos pormenores vieram alternadamente provocar a alegria ou o terror dos ouvintes. Referiram-se a muitas circunstâncias que granjearam a Roberto as carícias da irmã e de Lady Helena. Nunca jovem algum se viu tão abraçado, e por amigos tão entusiastas.

Quando acabou a sua história, Lord Glenarvan acrescentou:

— Agora, meus amigos, pensemos no presente; o passado já lá vai, mas o futuro pertence-nos. Voltemos ao capitão Grant.

Acabara o almoço; os convivas tornaram a entrar no salão particular de Lady Helena; sentaram-se a uma mesa carregada de mapas e de planos, e a conversa travou-se novamente.

— Querida Helena — começou Lord Glenarvan —, quando voltei a bordo anunciei-lhe que, embora os naufragos da «Britannia» não viessem connosco, tínhamos mais esperanças que nunca de os encontrar. Do nosso trajeto através da América colhemos esta convicção, ou, melhor

dizendo, esta certeza; a catástrofe não se deu nas costas do Pacífico, nem nas do Atlântico. Daí resulta esta consequência natural: a interpretação tirada do documento era errônea quanto à Patagônia. Mas, felizmente, o nosso amigo Paganel, iluminado por súbita inspiração, descobriu o erro. Demonstrou que seguíamos uma via falsa e interpretou o documento de modo que não nos deixa dúvidas no espírito. Trata-se do documento escrito em francês e rogo ao meu amigo Paganel que no-lo explique desde já, a fim de que nenhum de nós conserve a menor dúvida a tal respeito.

Obrigado a falar, o sábio tratou logo de dar conta de si; dissertou sobre as palavras *gonie* e *indi* do modo mais convincente; deduziu com rigor lógico da palavra *austral* a palavra *Austrália*; demonstrou que o capitão Grant, largando da costa do Peru para regressar à Europa, poderia muito bem, num navio desarvorado, ser arrastado pelas correntes meridionais do Pacífico até às praias da Austrália; finalmente, as suas mais engenhosas hipóteses, as suas mais subtis deduções, obtiveram a completa aprovação do próprio John Mangles, juiz severo em semelhante matéria, e que não se deixava levar pelos desvarios da imaginação.

Quando Paganel acabou, Glenarvan anunciou que o «Duncan» ia navegar imediatamente em direção à Austrália.

Entretanto, o major, antes de se dar ordem de seguir o rumo de leste, pediu licença para fazer uma simples observação.

— Fale, Mac-Nabs — convidou Glenarvan.

— O que tenho em vista não é enfraquecer os argumentos do amigo Paganel e muito menos refutá-los; acho-os sérios, subtis, dignos de toda a atenção e devem com muita razão formar a base das nossas investigações futuras. Desejo, porém, que sejam submetidos a um último exame, a fim de que o seu valor se torne irrefutável e irrefutado.

Não se sabia aonde pretendia chegar o prudente Mac-Nabs, e os seus ouvintes escutavam-no com uma espécie de ansiedade.

— Continue, major — disse Paganel —, estou pronto a responder a todas as suas perguntas.

— A coisa é simples — volveu o major. — Quando, há cinco meses, no golfo de Clyde, estudámos os três documentos, pareceu-nos evidente a sua interpretação. Nenhuma costa senão a costa ocidental da Patagônia podia ter sido teatro do naufrágio. Não tínhamos a tal respeito sequer sombra de dúvida.

— Reflexão muito justa — ponderou Glenarvan.

— Mais tarde — prosseguiu o major —, quando Paganel, num momento de distração providencial, embarcou no «Duncan», foram-lhe apresentados os documentos, e ele aprovou

sem reserva a nossa projetada exploração da costa americana.

— De acordo — replicou o geógrafo.

— E, contudo, enganámo-nos — disse o major.

— Enganámo-nos, sim — repetiu Paganel —. Mas para qualquer se enganar, major, basta ser homem, enquanto é doido quem persiste no erro.

— Ouça, Paganel — redarguiu o major —, não se anime. Não quero dizer que as nossas pesquisas se devam prolongar na América.

— Então o que quer? — perguntou Glenarvan.

— Uma confissão, nada mais; a confissão de que a Austrália parece agora ter sido o teatro do naufrágio da «Britannia» com tanta evidência como há pouco parecia a América.

— Confessamos isso de boa vontade — retorquiu Paganel.

— Tomo nota da confissão — continuou o major — e aproveito-a para levar a sua imaginação a desconfiar das evidências sucessivas e contraditórias. Quem sabe se, depois da Austrália, um outro país não nos oferecerá o mesmo grau de certeza, e se, depois de concluída a nova exploração, não nos parecerá «evidente» que as pesquisas se devam dirigir para outro lado?

Glenarvan e Paganel olharam um para o outro. As observações do major, de justas que eram, tornavam-se-lhes dignas de reparo.

— Desejo, pois — prosseguiu Mac-Nabs —, que se faça novo exame antes de seguir o rumo da Austrália. Eis os documentos, eis os mapas. Examinemos os pontos pelos quais passa o paralelo trinta e sete, e vejamos se não se encontra algum outro país de que o documento nos dê a indicação precisa.

— Nada mais fácil e que menos tempo leve — replicou Paganel —, porque, felizmente, nesta latitude as terras não abundam.

— Vejamos — disse o major, estendendo um planisfério inglês, traçado segundo a projeção de Mercator, e que oferecia à vista toda a perspectiva do globo terrestre.

Foi colocada a carta diante de Lady Helena e todos se postaram de modo que pudessem seguir a demonstração de Paganel.

— Como já lhes disse — principiou o geógrafo —, depois de atravessar a América do Sul o trigésimo sétimo grau de latitude encontra as ilhas de Tristão da Cunha. Ora, sustento que nenhuma das palavras do documento se pode referir a estas ilhas.

Examinados escrupulosamente os documentos, foi preciso reconhecer que Paganel tinha razão. E as ilhas de Tristão da Cunha foram rejeitadas por unanimidade.

— Continuemos —olveu o geógrafo. — Saindo do Atlântico, passamos dois graus abaixo do cabo da Boa Esperança e penetramos no mar das Índias. Um só grupo de ilhas se encontra, o grupo das ilhas Amesterdão. Submetamo-las ao mesmo exame que Tristão da Cunha.

Depois de atento exame, as ilhas Amesterdão foram por seu turno rejeitadas. Nenhuma palavra, inteira ou não, francesa, inglesa ou alemã, se podia aplicar a este grupo do oceano Índico.

— Chegamos agora à Austrália — prosseguiu Paganel. — O paralelo trinta e sete encontra este continente no cabo Bernoulli; sai dele pela baía Twofold. hão de concordar comigo, e sem forçar a interpretação do texto, que a palavra inglesa *stra* e a palavra francesa *austral* se podem aplicar à Austrália. Isto é demasiado evidente para eu insistir.

Todos aprovaram a conclusão de Paganel. Este sistema reunia todas as probabilidades em seu favor.

— Passemos além — disse o major.

— Passemos — replicou o geógrafo. — É fácil a viagem. Largando a baía Twofold, atravessa-se o braço de mar que se estende a leste da Austrália e encontra-se a Nova Zelândia. Primeiramente lembrar-lhe-ei que a palavra *contin* do documento francês indica um «continente» por modo irrefutável. O capitão Grant não pode ter achado refúgio na Nova Zelândia, que é apenas uma ilha. Em todo o caso examinem, comparem, deem volta às palavras e vejam se têm aplicação possível a tal região.

— De modo algum — concordou John Mangles, que minuciosamente examinou os documentos e o planisfério.

— Não — disseram os ouvintes de Paganel e o próprio major —, não se pode tratar da Nova Zelândia.

— Agora — continuou o geógrafo —, sobre todo o imenso espaço que separa esta grande ilha da costa americana o paralelo trinta e sete só atravessa uma ilhota árida e deserta.

— Que se chama?... — perguntou o major.

— Veja o mapa. É Maria Teresa, nome de que não acho vestígio nos três documentos.

— Nenhum — acudiu Glenarvan.

— Deixo-lhes, pois, meus amigos, o decidirem se todas as probabilidades, para não dizer certezas, não são a favor do continente australiano?

— Evidentemente — exclamaram unânimes os passageiros e o capitão do «Duncan».

— John — inquiriu então Glenarvan —, tem víveres e carvão em quantidade suficiente?

— Sim, Vossa Honra; abasteci-me amplamente em Talcahuano, e depois, a Cidade do Cabo

permitir-nos-á renovar mais facilmente o combustível.

— Bem, então navegue...

— Ainda uma observação — tornou o major, interrompendo o seu amigo.

— Diga, Mac-Nabs.

— Quaisquer que sejam as probabilidades de êxito que nos ofereça a Austrália, não seria conveniente estacionar um ou dois dias nas ilhas de Tristão da Cunha e de Amesterdão? Estão situadas nas alturas que havemos de seguir e não se afastam muito do nosso caminho. Saberemos então se a «Britannia» deixou ou não vestígios do seu naufrágio.

— Incrédulo major — observou Paganel —, está bem aferrado à sua ideia.

— Estou aferrado à ideia de não voltarmos pelo mesmo caminho, se por acaso a Austrália não corresponder às esperanças que nos inspira.

— A precaução parece-me boa — afirmou Glenarvan.

— E não serei eu que o faça desistir dela — replicou Paganel —, pelo contrário.

— Então, John Mangles, tome o rumo de Tristão da Cunha.

— No mesmo instante, Vossa Honra — declarou o capitão.

Subiu para a tolda, enquanto Mary Grant e Roberto dirigiam as mais afetuosas expressões de gratidão a Lord Glenarvan.

Dali a pouco o «Duncan», afastando-se da costa americana e tomando o rumo de leste, fendia rapidamente com a roda de proa as ondas do Atlântico.

Capítulo 2 — Tristão da Cunha

Se o iate seguisse a linha do equador, os cento e oitenta e seis graus que separam a Austrália da América, ou, para melhor dizer, o cabo Bernoulli do cabo Corrientes, valeriam quatro mil e novecentas léguas. Mas no paralelo trinta e sete estes cento e oitenta graus, em razão da forma do Globo, apenas representam quatro mil léguas. Da costa americana até Tristão da Cunha contam-se oitocentas e setenta e cinco léguas, distância que John Mangles esperava atravessar em dez dias, se os ventos de leste não retardassem o andamento do iate. Teve, porém, motivos para ficar satisfeito, porque para a tarde a brisa abrandou sensivelmente, depois mudou, e o «Duncan» pôde desenvolver sobre um mar chão todas as suas incomparáveis qualidades.

Os viajantes readquiriram naquele mesmo dia os seus hábitos de bordo. Não parecia que tivessem estado ausentes do navio durante um mês. Depois das águas do Pacífico, as águas do Atlântico estendiam-se a perder de vista, e, com pequeníssimas gradações, todas as ondas se parecem. Depois de os haverem submetido a tão duras provações, os elementos pareciam unir os seus esforços para os favorecer. O oceano estava sossegado, o vento era de feição, e todo o pano do «Duncan», tendido pelas brisas de oeste, auxiliava o infatigável vapor encerrado na caldeira.

Esta rápida travessia foi levada a cabo sem o menor acidente ou incidente. Esperavam cheios de confiança pela costa da Austrália. Mudavam-se em certezas as probabilidades. Falavam do capitão Grant como se o iate o fosse buscar a um porto determinado. O seu camarote e os beliches dos seus dois companheiros foram preparados a bordo. Mary Grant comprazia-se em arrumá-lo com as suas próprias mãos, em enfeitá-lo. O camarote fora-lhe cedido por Mr. Olbinett, que atualmente partilhava o quarto de Mistress Olbinett. Era pegado com o famoso camarote número seis, retido a bordo do «Scotia» por Jacques Paganel.

O sábio estava sempre ali fechado. Trabalhava desde pela manhã até à noite numa obra intitulada: *Sublimes impressões de um geógrafo na Pampásia argentina*. Ouviam-no experimentar com voz comovida os arredondados períodos antes de os confiar às brancas páginas do seu livro de lembranças, e mais de uma vez, infiel a Clio, a musa da História, invocou nos seus transportes a divina Calíope, a musa que preside às grandes coisas épicas.

Demais, Paganel não fugia delas. As castas filhas de Apoio deixavam muitas vezes, por causa dele, os cumes do Parnaso ou do Hélicon. Lady Helena fazia-lhe a esse respeito os seus

sinceros cumprimentos. O major também o felicitava pelas visitas mitológicas.

— Mas, sobretudo — acrescentava ele —, nada de distrações, amigo Paganel, e se por acaso lhe der na fantasia aprender australiano, não o vá estudar nalguma gramática chinesa!

As coisas iam, pois, perfeitamente a bordo. Lord e Lady Glenarvan observaram com interesse John Mangles e Mary Grant. Nada achavam que dizer àquilo e, decididamente, visto que John Mangles não se declarava, era melhor não fazer caso.

— Que pensará a este respeito o capitão Grant? — perguntou um dia Glenarvan a Lady Helena.

— há de pensar que John Mangles é digno de Mary, meu querido Edward, e não se enganará.

Entretanto, o iate navegava rapidamente para o ponto a que se destinava. Cinco dias depois de se ter perdido de vista o cabo Corrientes, a 16 de novembro, começou a soprar vento fresco de oeste, o mesmo que tanto favorece os navios que dobram a ponta africana, em oposição aos ventos regulares do sueste. O «Duncan» largou todo o pano, e com o traquete, vela grande, velacho, joanete, varredouras, gafetope e velas de estai, correu de vento em popa com audaciosa rapidez. A sua hélice mal cortava as águas fugitivas que a roda de proa fendia, e naquela ocasião o «Duncan» mais parecia correr em regata com iates do Royal-Thames Club do que fazer uma simples viagem.

No dia seguinte o oceano apareceu coberto de imensa quantidade de bodelhas, semelhando um vasto lago coalhado de ervas. Dir-se-ia um desses mares de sargaço formados de toda a qualidade de restos de árvores e plantas arrancadas aos continentes vizinhos. O comandante Maury chamou para eles especialmente a atenção dos navegadores. O «Duncan» parecia deslizar sobre um extenso prado que Paganel comparou, com razão, aos Pampas, e o seu andamento foi um pouco retardado.

Vinte e quatro horas depois, ao romper do dia, ouviu-se a voz do vigia de proa.

— Terra! — exclamou ele.

— Em que direção? — perguntou Tom Austin, que estava de quarto.

— A sotavento — respondeu o marinheiro.

A este brado, que sempre comove, encheu-se subitamente a tolda do iate. Dali a nada saiu do tombadilho um óculo comprido, o qual foi imediatamente seguido da pessoa de Jacques Paganel.

O sábio apontou o instrumento para a direção indicada, mas nada viu que se parecesse com terra.

— Olhe para as nuvens — recomendou John Mangles.

— Efetivamente — replicou Paganel —, dir-se-ia uma espécie de pico ainda quase impercetível.

— É Tristão da Cunha —olveu John Mangles.

— Então, se a memória me não falha — tornou o sábio —, devemos estar a oitenta milhas, porque o pico de Tristão, de sete mil pés de altura, é visível a esta distância.

— Exatamente — confirmou John Mangles.

Algumas horas depois, o grupo das ilhas, muito altas e escarpadas, distinguia-se perfeitamente no horizonte. O morro cónico de Tristão delineava-se em negro sobre o fundo resplandecente do céu, todo matizado pelos raios do sol nascente. Dali a pouco a ilha principal destacou-se da massa dos rochedos, no vértice de um triângulo inclinado para o nordeste.

Tristão da Cunha fica a 37° 8' de latitude austral e 10° 44' de longitude a oeste do meridiano de Greenwich. Dezoito milhas a sudoeste a ilha Inacessível e a dez milhas a sueste a ilha do Rouxinol completam este grupo isolado nesta parte do Atlântico. Por volta do meio-dia, reconheceram-se as principais balizas, que servem aos marinheiros de pontos de referência, a saber: num ângulo da ilha Inacessível, uma rocha que figura exatamente um barco à vela; na extremidade norte da ilha do Rouxinol, dois ilhotes que têm a configuração de um fortim em ruínas. Às três horas, o «Duncan» entrava na baía Falmouth, de Tristão da Cunha, que a ponta de Help ou de Bom Socorro abriga dos ventos do ocidente.

Ali permaneciam ancoradas algumas baleeiras ocupadas na pesca das focas e de outros animais marinhos, de que aquelas costas oferecem numerosos tipos.

John Mangles tratou de procurar um bom ancoradouro, porque aquelas paragens são muito perigosas por causa dos ventos do norte e do nordeste, e exatamente naquele sítio, em 1829, se perdeu o brigue inglês «Julia». O «Duncan» aproximou-se meia milha das margens e deitou ferro num fundo de rocha, a vinte braças. Logo a seguir, passageiros e passageiras embarcaram na canoa grande e desembarcaram sobre uma areia fina e preta, restos impalpáveis dos rochedos calcinados da ilha.

A capital de todo o grupo de Tristão da Cunha consiste numa pequena aldeia situada ao fundo da baía, sobre uma grande ribeira de águas bastante sussurrantes. Constava de umas cinquenta casas muito limpas e dispostas com a regularidade geométrica que parece ser a última palavra da arquitetura inglesa. Por detrás desta cidade em miniatura estendiam-se uns mil e quinhentos hectares de planície limitada por um imenso montão de lava; por detrás dele, o morro cónico erguia-se a sete mil pés nos ares.

Lord Glenarvan foi recebido por um governador que depende da colónia inglesa do Cabo.

Pedi logo informações de Harry Grant e da «Britannia». Estes nomes eram-lhe inteiramente desconhecidos. As ilhas de Tristão da Cunha ficam fora do rumo seguido geralmente pelos navios, e, portanto, são pouco frequentadas. Depois do célebre naufrágio do «Blendon-Hall», que tocou em 1821 nos rochedos da ilha Inacessível, dois navios haviam dado à costa na ilha principal. O «Primauguet» em 1845 e a barca americana «Philadelphia» em 1857. Limitava-se a três catástrofes a estatística de Tristão da Cunha sobre os seus sinistros marítimos.

Glenarvan não esperava informações mais precisas, e só interrogava o governador por descargo de consciência. Mandou até as embarcações de bordo dar um giro em torno da ilha, cuja circunferência é, o muito, de dezassete milhas. Londres ou Paris não caberiam ali, três vezes maior que ela fosse.

Durante este reconhecimento, os passageiros do «Duncan» passearam pela aldeia e costas vizinhas. A população de Tristão da Cunha não se eleva a cento e cinquenta habitantes. Consta de ingleses ou americanos casados com pretas ou hotentotes do Cabo, as quais, sob o ponto de vista da fealdade, nada deixam a desejar. Os filhos destes casais heterogêneos apresentavam um misto muito desagradável do empertigamento saxão e da negrura africana.

Este passeio de viajantes, que se sentiam felizes por pisarem terra firme, prolongou-se pela praia, que confina com a extensa planície cultivada que existe naquele ponto e é a única em toda a ilha. Em todos os outros pontos a costa é formada por alcantis de lava, escarpados e áridos. Enormes albatrozes e estúpidos pinguins contavam-se ali por centenas de milhares.

Depois de terem visitado estes rochedos de origem ígnea, os viajantes tornaram a subir à planície; nascentes numerosas e abundantes, alimentadas pelas neves eternas do cone, murmuravam em diversos pontos; verdejantes moitas, onde a vista contava quase tantos pássaros como flores, ornavam o solo de um modo vistoso; sobre a verde pastagem alteava-se uma única árvore, espécie de filica, da altura de vinte pés, e o *tusseh*, planta arundinácea gigantesca, de tronco lenhoso; uma acénia sarmentosa de baga picante, fortes lomárias de filamentos entrançados, algumas plantas frutescentes muito vivazes, ançarinhas, cujos perfumes balsâmicos impregnavam a brisa de aromas penetrantes, musgos, aipos silvestres e vários fetos formavam uma flora pouco numerosa, mas opulenta. Conhecia-se que uma primavera eterna derramava a sua doce influência sobre esta ilha privilegiada. Paganel sustentou com o seu entusiasmo habitual que era aquela a famosa Ogígia cantada por Fénelon. Propôs a Lady Glenarvan que procurasse uma gruta, e sucedesse a Calipso, pedindo para si apenas o emprego de ser numa das ninfas que a serviam».

Conversando e admirando o que viam, os viajantes voltaram para o iate ao cair da noite; nas

proximidades da praia pastavam manadas de bois e rebanhos de carneiros; as searas de milho e trigo, e várias hortaliças, importadas havia quarenta anos, ostentavam as suas belezas naturais até nas ruas da capital.

No momento em que Lord Glenarvan se recolhia a bordo, as embarcações que haviam ido dar a volta da ilha chegavam ao iate. Tinham em algumas horas desempenhado a sua missão. Não haviam encontrado vestígio da «Britannia». Esta viagem de circum-navegação tivera por único resultado riscar definitivamente a ilha Tristão do programa das investigações.

Podia, portanto, o «Duncan» abandonar este grupo de ilhas africanas e continuar a sua navegação para leste. Se não partiu logo naquela noite foi porque Glenarvan autorizou a equipagem a fazer uma caçada às focas numerosas que, sob o nome de vitelos, leões, ursos e elefantes marinhos, pululam nas praias da baía Falmouth. Em outros tempos, as baleias frequentavam as águas da ilha, mas os pescadores tanto as tinham perseguido e arpoado que já raras havia. Os anfíbios, pelo contrário, encontravam-se ali aos bandos. A equipagem do iate resolveu empregar a noite para caçá-los e fazer no dia seguinte uma ampla provisão de azeite. A partida do «Duncan» foi, pois, adiada para 20 de novembro.

À ceia, Paganel deu algumas informações a respeito das ilhas Tristão da Cunha que interessaram os ouvintes. Ficaram sabendo que este grupo, descoberto em 1506 pelo português Tristão da Cunha, um dos companheiros de Afonso de Albuquerque, esteve por explorar mais de um século. Passavam estas ilhas, não sem razão, por focos de tempestades, e não gozavam de melhor reputação do que as Bermudas. Portanto, ninguém se aproximava delas e todo o navio que ali surgia, era porque fugia, acossado pelos tufões do Atlântico.

Em 1697, três navios holandeses da Companhia das Índias fundearam na ilha de Tristão e determinaram as suas coordenadas, deixando ao cuidado do astrónomo Halley o rever-lhes os cálculos no ano de 1700. De 1712 a 1767, alguns navegadores franceses tomaram conhecimento do grupo, e principalmente La Pérouse, a quem as suas instruções ali levaram em 1785.

Estas ilhas, tão pouco visitadas, tinham ficado desertas, até que em 1811, um americano, Jonathan Lambert, empreendeu a sua colonização. Com dois companheiros, abordou ali no mês de janeiro e meteram-se corajosamente a exercer o ofício de colonos. O governador inglês do cabo da Boa Esperança, sabendo que eles prosperavam, ofereceu-lhes o protetorado da Inglaterra. Jonathan aceitou, e içou sobre a sua cabana o pavilhão britânico. Parecia dever reinar pacificamente sobre «os seus povos», compostos de um velho italiano e de um mulato português, quando certo dia, indo fazer o reconhecimento das praias do seu império, afogou-se ou deixou que o afogassem, não se sabe bem como. Napoleão foi encarcerado na ilha de Santa

Helena, e, para melhor o guardar, a Inglaterra pôs uma guarnição na ilha da Ascensão e outra na de Tristão da Cunha. A guarnição de Tristão da Cunha consistia numa companhia de artilharia do Cabo e num destacamento de hotentotes. Ali esteve até 1821, e por ocasião da morte do prisioneiro de Santa Helena voltou para o Cabo.

— Um só europeu — acrescentou Paganel —, um cabo, um escocês...

— Ah! Um escocês! — repetiu o major, a quem os seus compatriotas interessavam mais especialmente.

— Chamava-se William Glass — prosseguiu Paganel — e continuou na ilha com sua mulher e dois hotentotes. Dali a pouco, dois ingleses, um marinheiro e um pescador do Tamisa, ex-dragão no exército argentino, reuniram-se ao escocês; e finalmente, em 1821, um dos náufragos do «Blendon-Hall», acompanhado da sua jovem mulher, achou refúgio na ilha. Deste modo, portanto, em 1821, contava a ilha seis homens e duas mulheres. Em 1829, já tinha sete homens, seis mulheres e catorze crianças. Em 1835, elevava-se o número a quarenta indivíduos, e agora está triplicado.

— É desse modo que as nações começam — ponderou Glenarvan.

— Acrescentarei — tornou Paganel —, para completar a história de Tristão da Cunha, que ela me parece merecer tanto como João Fernandes a fama da ilha dos Robinsos. Efetivamente, se dois marinheiros foram sucessivamente abandonados na João Fernandes, dois sábios estiveram quase a sê-lo em Tristão da Cunha. Em 1793, um meu compatriota, o naturalista Dupetit-Thouars, levado pelo ardor da herborização, perdeu-se, e só pôde recolher ao seu navio no momento em que o capitão levantava ferro. Em 1824, um seu compatriota, meu querido Glenarvan, hábil desenhador, Augusto Earle, esteve durante oito meses abandonado na ilha. O capitão, esquecendo-se de que ele estava em terra, fizera-se de vela para o Cabo.

— Eis o que se pode chamar um capitão bastante distraído — comentou o major. — Era decerto algum parente seu, Paganel?

— Se não era, major, merecia sê-lo!

A resposta do geógrafo pôs ponto na conversa.

Durante a noite, a tripulação do «Duncan» fez boa caçada, e umas cinquenta grandes focas passaram para outra vida. Depois de ter autorizado a caça, Glenarvan não podia impedir que se lhe tirasse o proveito. O dia seguinte foi, portanto, empregado em recolher o azeite e preparar as peles destes lucrativos animais. Os passageiros, como era natural, aproveitaram o segundo dia de demora para fazer nova excursão à ilha. Glenarvan e o major levaram a espingarda para experimentar a caça daquelas paragens. Durante este passeio, chegaram até ao sopé da

montanha, atravessando um solo juncado de restos decompostos, de escórias, de lavas porosas e negras, e de toda a qualidade de detritos vulcânicos. A base da montanha elevava-se de entre um caos de rochedos oscilantes. Era difícil enganarem-se a respeito da natureza do enorme cone, e o capitão Carmichael tivera razão quando o reconheceu por um vulcão extinto.

Os caçadores descobriram alguns javalis. Um deles caiu ferido por uma bala do major. Glenarvan contentou-se com abater muitos pares de perdizes pretas, das quais o cozinheiro de bordo devia fazer um excelente guisado. No cume dos planaltos elevados avistaram grande número de cabras. Quanto aos gatos bravos, feros, destemidos e robustos, terríveis até para os cães, pululavam e prometiam vir a ser algum dia feras muito distintas.

Às oito horas todos estavam de volta a bordo, e naquela noite o «Duncan» largava da ilha de Tristão da Cunha, a qual não devia tornar a ver.

Capítulo 3 — A Ilha Amesterdão

A tenção de John Mangles era ir ao cabo da Boa Esperança para meter carvão. Teve por isso de se afastar um pouco do paralelo trinta e sete e subir dois graus para o norte. O «Duncan» achava-se sob a zona dos ventos gerais e encontrou brisas frescas de oeste muito favoráveis ao seu andamento . Em cinco dias apenas transpôs as seiscentas léguas que separam Tristão da Cunha da ponta da África. No dia 25 de novembro, pelas três horas da tarde, avistaram a montanha da Table, e um pouco mais tarde John Mangles tomava por ponto de mira a montanha dos Sinais, que serve para indicar a entrada da baía. Pelas oito horas achou-se nas águas da baía e lançou ferro no porto da Cidade do Cabo.

Na qualidade de membro da Sociedade de Geografia, Paganel não podia ignorar que a extremidade da África foi descoberta em 1486 pelo navegador português Bartolomeu Dias, e só dobrada em 1497 pelo célebre Vasco da Gama. E como havia Paganel de ignorá-lo, se o grande Camões canta n' *Os Lusíadas* a glória do insigne navegador? Mas, a propósito disto, fez ele uma observação curiosa: é que se Bartolomeu Dias em 1486, seis anos antes da primeira viagem de Cristóvão Colombo, tivesse dobrado o cabo da Boa Esperança, a descoberta da América seria indefinidamente adiada. Com efeito, o caminho do cabo era o mais curto e mais direto para ir às Índias orientais. Ora, avançando para oeste, o que procurava o grande navegador genovês senão abreviar a viagem ao país das especiarias? Dobrado, pois, o cabo, tornava-se inútil a sua expedição, e provavelmente não a empreenderia.

A Cidade do Cabo, situada no fundo da baía do Cabo, foi fundada em 1652 pelo holandês Van-Riebeck. Era a capital de uma grande colónia, que depois dos tratados de 1815 se tornou decididamente inglesa. Os passageiros do «Duncan» aproveitaram-se da sua demora naquelas paragens para a visitar. Apenas tinham doze horas para passeio, porque ao capitão Mangles esse tempo bastava-lhe para renovar as suas provisões e ele queria tornar a partir no dia 26, logo pela manhã.

Demais, era o suficiente para percorrer as casas irregulares daquele tabuleiro de xadrez que se chama Cidade do Cabo, sobre o qual trinta mil habitantes, uns brancos e outros pretos, fazem o papel de reis, de cavaleiros, de peões, de bispos talvez. Foi assim, pelo menos, que se exprimiu Paganel. Depois de se ver o castelo, que se eleva a sueste da cidade, a casa e o jardim do Governo, a Bolsa, o museu, a cruz de pedra plantada por Bartolomeu Dias na ocasião da sua

descoberta, e depois de se beber um copo de Pontai, o primeiro dos vinhos de Constância, só resta partir. Foi o que fizeram os viajantes, no dia seguinte, ao romper do sol. O «Duncan» largou a bujarrona, a polaca, o traquete, o velacho, e passadas algumas horas dobrava o famoso cabo das Tormentas, a que o otimista rei de Portugal D. João II deu sem razão o nome de cabo da Boa Esperança.

Mil e duzentas léguas a atravessar entre o Cabo e a ilha Amesterdão, com mar chão e vento favorável, era uma questão de dez dias. Os navegadores, mais favorecidos que os viajantes dos Pampas, não tinham que se queixar dos elementos. Ar e água, ligados contra eles em terra firme, uniam-se agora para os impelir avante.

— Ah! O mar! O mar! — repetia Paganel. — É a arena por excelência onde se exercitam as forças humanas, e o navio é o verdadeiro veículo da civilização! Reflitam, meus amigos. Se o Globo fosse apenas um imenso continente, só se conheceria a sua milésima parte no século XIX! Vejam o que se passa no interior das grandes terras. Nas estepes da Sibéria, nas planícies da Ásia Central, nos desertos da África, nas campinas da América, nos vastos terrenos da Austrália, nas solidões geladas dos pólos, o homem mal se atreve a seguir avante; o mais destemido recua, o mais corajoso sucumbe. Não se pode passar. São insuficientes os meios de transporte. O calor, as doenças, a selvajaria dos indígenas, formam outros tantos obstáculos invencíveis. Vinte milhas de deserto distanciam mais os homens entre si do que quinhentas milhas de oceano! De uma costa a outra, somos vizinhos; uma simples floresta que nos separe torna-nos estrangeiros! A Inglaterra confina com a Austrália, ao passo que o Egito, por exemplo, parece estar a milhões de léguas do Senegal, e Pequim nos antípodas de S. Petersburgo! O mar atravessa-se hoje mais facilmente que o mais insignificante Saará, e é graças ao mar, como muito bem disse um sábio americano, o comandante Maury, que entre todos os pontos do Globo se estabeleceu um parentesco universal.

Paganel falava com calor, e o próprio major não achou uma só palavra para emendar neste hino ao oceano. Se, para encontrar Harry Grant, fosse preciso seguir através de um continente a linha do paralelo trinta e sete, não se poderia tentar a empresa; mas lá estava o mar para transportar os corajosos exploradores de uma a outra terra, e no dia 6 de dezembro, aos primeiros fulgores da manhã, deixou o oceano do seio das suas ondas emergir uma nova montanha.

Era a ilha Amesterdão, situada a 37° 47' de latitude e 77° 24' de longitude, cujo cone elevado se avista em tempo sereno a cinquenta milhas de distância. Às oito horas, a sua forma ainda indecisa reproduzia com suficiente exatidão o aspeto da ilha de Tenerife.

— Parece-se esta ilha com Tristão da Cunha — observou Glenarvan.

— Conclusão muito judiciosa — apoiou Paganel — em conformidade com o axioma geometrográfico, que duas ilhas semelhantes a uma terceira se parecem entre si. Acrescentarei que também, como Tristão da Cunha, a ilha Amesterdão é e foi abundante em focas e Robinsons.

— Há então Robinsons por toda a parte? — perguntou Lady Helena.

— Palavra, milady — respondeu Paganel —, poucas ilhas conheço que não tenham tido sua aventura neste género, e o acaso havia já realizado o romance do seu imortal Daniel Defoé muito antes de este autor o haver imaginado.

— Sr. Paganel — disse Mary Grant —, permite-me que lhe faça uma pergunta?

— Duas, minha querida miss, e comprometo-me a responder-lhe.

— Bem —olveu a jovem —, assustar-se-ia muito com a ideia de se ver abandonado numa ilha deserta?

— Eu! — exclamou Paganel.

— Vamos, meu amigo — disse o major —, não vá confessar que é o seu maior desejo!

— Não tenho essa pretensão — replicou o geógrafo —, mas, em suma, a aventura não me desagradaria muito. Fazia vida nova. Caçava, pescava, escolhia para domicílio no inverno uma gruta, no verão uma árvore; tinha armazéns para as minhas colheitas; em suma, colonizava a minha ilha.

— Sozinho?

— Sozinho, se preciso fosse. Demais, uma pessoa nunca está só no mundo? Não se pode escolher amigos na raça animal, domesticar um cabrito, um papagaio eloquente, um macaco amável? E se o acaso nos envia um companheiro como o fiel Vendredi, que mais é preciso para se ser feliz? Dois amigos sobre um rochedo, eis aí a felicidade! Suponham eu e o major...

— Obrigado — replicou o major —, não tenho gosto algum pelos papéis de Robinson, e havia com certeza de desempenhá-los muito mal.

— Caro Paganel — interpôs Lady Helena —, olhe a imaginação que o arrasta para os campos da fantasia. Parece-me, porém, que a realidade é bem diferente do sonho. Só pensa nesses Robinsons imaginários, lançados com toda a cautela numa ilha bem escolhida, espécie de crianças a quem a natureza enche de mimos! Só vê o lado bonito das coisas!

— O quê! Milady, julga que não se pode ser feliz numa ilha deserta?

— Julgo. O homem foi feito para a sociedade, não para o isolamento. A solidão só pode produzir o desespero. É uma questão de tempo. Que a princípio os cuidados da vida material, as necessidades da existência, distraiam o desgraçado apenas salvo das ondas, que as

necessidades do presente lhe façam esquecer o futuro ameaçador que o espera, é possível. Mas depois, quando ele se sente só, longe dos seus semelhantes, sem esperança de tornar a ver a pátria e as pessoas a quem ama, o que não deverá pensar, o que não deverá sofrer? A sua ilha representa para ele o mundo inteiro. Toda a humanidade se encerra nele, e quando a morte sobrevêm, morte terrível em tamanho abandono, ele é como o último homem no último dia do mundo. Creia-me, Sr. Paganel, antes não ser esse homem!

Paganel, não sem custo, deu-se por vencido diante dos argumentos de Lady Helena, e a conversa a respeito das vantagens e desconforto do isolamento prolongou-se até ao momento em que o «Duncan» fundeou a uma milha de distância da ilha Amesterdão.

Este grupo solitário do oceano Índico é formado de duas ilhas distintas, situadas a cerca de trinta e três milhas de distância uma da outra, e precisamente sob o meridiano da península indiana; ao norte, fica a ilha Amesterdão ou S. Pedro; ao sul, a ilha S. Paulo; deve-se, porém, dizer que elas têm sido muitas vezes confundidas pelos geógrafos e pelos navegadores.

Foram descobertas em dezembro de 1796 pelo holandês Vlaming, depois reconhecidas por d'Entrecasteaux, que levava então a «Espérance» e a «Recherche» à descoberta de La Pérouse. É desta viagem que data a confusão das duas ilhas. O marinheiro Barrow, Beautemps-Beaupré no atlas de d'Entrecasteaux, depois Horsburg, Pinkerton, e outros geógrafos, têm constantemente descrito a ilha de S. Pedro pela ilha de S. Paulo e vice-versa. Em 1859, os oficiais da fragata austríaca «Novara», na sua viagem de circum-navegação, evitaram este erro, que Paganel tomava a peito retificar.

A ilha de S. Paulo, situada ao sul da ilha Amesterdão, é apenas uma ilhota desabitada, formada por uma montanha cónica, que deve ser um antigo vulcão. Pelo contrário, a ilha Amesterdão, à qual a chalupa conduziu os passageiros do «Duncan», pode ter doze milhas de circunferência. É habitada por alguns exilados voluntários, que se habituaram a esta triste existência. São os guardas da pescaria, a qual pertence, como também a ilha, a um tal Mr. Otovan, negociante da Reunião. Este soberano, que ainda não está reconhecido pelas grandes potências europeias, arranja ali uma lista civil de setenta e cinco a oitenta mil francos, a pescar, salgar e exportar um *cheilodactylus*, conhecido menos cientificamente pelo nome de bacalhau.

Demais, esta ilha Amesterdão estava destinada a ser e a ficar francesa. Efetivamente, a princípio pertenceu, por direito de primeiro ocupador, a Mr. Camin, armador de S. Dinis, em Bourbon; depois foi cedida, em virtude de um contrato internacional, a alguém, a um polonês, que a fez cultivar por escravos malgaxes. Quem diz polonês diz francês, de modo que de polonesa a ilha tornou-se francesa nas mãos do Sr. Otovan.

Quando em 6 de dezembro o «Duncan» ali abordou, elevava-se a sua população a três habitantes, um francês e dois mulatos, todos três empregados do negociante proprietário. Paganel pôde, portanto, apertar a mão a um compatriota na pessoa do respeitável Mr. Viot, então de idade muito avançada. Este «sábio ancião» fez com muita delicadeza as honras da sua ilha; era para ele um dia feliz aquele em que recebia tão amáveis estrangeiros. S. Pedro só é frequentada por pescadores de focas e alguns, mas raros, baleeiros, gente usualmente grosseira, e que não se tem aproveitado da abundância de esqualos.

Mr. Viot apresentou os seus vassallos, os dois mulatos; constituíam toda a população da ilha, conjuntamente com alguns javalis metidos nos covis do interior e muitos milhares de simplórios pingüins. A casinha onde moravam os três insulares era situada a sudoeste, no fundo de um ancoradouro natural formado pelo desmoronamento de uma porção da montanha.

Foi muito antes do reinado de Otovan I que a ilha de S. Pedro serviu de refúgio a vários naufragos. Paganel despertou grande interesse aos ouvintes começando a sua narrativa por estas palavras: *História de dois escoceses abandonados na ilha Amesterdão.*

Era em 1827. O navio inglês «Palmira», passando à vista da ilha, notou um fumo que se elevava nos ares. O capitão aproximou-se da terra e viu dali a pouco dois homens que faziam sinais de socorro. Mandou à ilha a canoa, a qual recolheu Jacques Paine, rapaz de vinte e dois anos, e Roberto Proudfoot, de quarenta e oito.

Os dois infortunados estavam desfiguradíssimos. Quase sem alimento, quase sem água doce, alimentando-se de mariscos, pescando apenas com um prego recurvado, apanhando de tempos a tempos algum porquinho montês, estando muitas vezes sem comer durante três dias, velando como vestais junto de um lume aceso com o seu último pedaço de isca, sem nunca o deixarem apagar, e levando-o nas suas excursões como objeto do maior valor, passaram durante dezoito meses uma vida de miséria, de privações, de sofrimentos. Paine e Proudfoot tinham sido desembarcados na ilha por uma escuna que andava à pesca das focas. Segundo o costume dos pescadores, deviam durante um mês fazer fornecimento de peles e de azeite, enquanto a escuna não voltava. A escuna não apareceu. Cinco meses depois, o «Hope», que se dirigia a Van-Diemen, fundeou nas águas da ilha; mas o seu capitão, por um desses bárbaros caprichos que nada explicam, recusou receber os dois escoceses; tornou a partir sem lhes deixar nem um bocado de bolacha, nem um fuzil. Decerto, os dois desgraçados morreriam à fome em pouco tempo se a «Palmira», passando à vista da ilha Amesterdão, não os recolhesse a bordo.

A segunda aventura referida na história da ilha Amesterdão se semelhante rochedo pode ter uma história — é a do capitão Péron, que desta vez é um francês. Como a dos dois escoceses, a

aventura principia e acaba do mesmo modo: permanência voluntária na ilha, um navio que não volta, e um navio estrangeiro que o acaso conduz àqueles paragens, depois de quarenta meses de abandono.

O capitão Péron desembarcara com quatro marinheiros, dois ingleses e dois franceses: devia durante quinze meses entregar-se à caça dos leões-marinhos. Foi boa a caçada, mas quando, passados quinze meses, o navio não apareceu, quando os víveres começaram a faltar, tornaram-se difíceis as relações internacionais. Os dois ingleses revoltaram-se contra o capitão Péron, que morreria às mãos deles se não fosse o socorro dos seus compatriotas. A partir deste momento, os dois partidos, vigiando-se dia e noite, sempre em armas, ora vencidos, ora vencedores, passaram uma vida terrível de misérias e de angústias. E com certeza um acabaria por aniquilar o outro se um navio inglês não conduzisse à pátria aqueles desgraçados, que uma miserável questão de nacionalidade dividia sobre um rochedo do oceano Índico.

Tais foram estas aventuras. Duas vezes a ilha Amesterdão se tornou pátria de marinheiros abandonados, a quem a Providência duas vezes salvou da miséria e da morte. Mas, de então para cá, nenhum navio se perdeu nestas costas. Se um naufrágio houvesse arremessado os seus destroços àquela praia, os naufragos poderiam ter talvez chegado às pescarias de Mr. Viot. Ora, havia muitos anos que o velho habitava na ilha, e nunca se lhe oferecera ocasião de exercer a sua hospitalidade para com as vítimas do mar. Da «Britannia» e do capitão Grant nada sabia. Nem a ilha Amesterdão, nem a ilha de S. Paulo, que os baleeiros e pescadores habitam muitas vezes, tinham sido teatro dessa catástrofe.

Glenarvan não ficou nem triste nem surpreendido com a resposta. Nestas diversas estações onde tocavam, ele e os seus companheiros não procuravam saber onde o capitão estava, mas onde ele não estava. Queriam somente certificar-se da sua ausência nestes vários pontos do paralelo. A partida do «Duncan» foi, portanto, designada para o dia seguinte.

Até à noite os passageiros andaram a visitar a ilha, cujo aspeto é muito atraente. Porém, a sua fauna e a sua flora não encheriam um livro em oitavo do mais prolixo dos naturalistas. A ordem dos quadrúpedes, dos pássaros, dos peixes, dos cetáceos, só compreendia alguns javalis selvagens, albatrozes, percas e focas. As águas termais e as nascentes ferruginosas saíam em repuxo do meio de lava negra e espalhavam os espessos vapores por cima do solo vulcânico. Algumas das nascentes atingiam temperatura bastante elevada. John Mangles mergulhou nas águas um termómetro Fahrenheit, que marcou cento e setenta e seis graus, ou oitenta graus centígrados. Os peixes apanhados perto dali coziavam-se em cinco minutos no líquido quase a ferver, o que fez desistir Paganel de tomar banho.

À tarde, depois de um bom passeio, Glenarvan disse adeus ao excelente Mr. Viot. Todos lhe desejaram a maior felicidade possível naquela ilhota deserta. Em troca, o velho fez votos pelo bom êxito da expedição, e a embarcação do «Duncan» reconduziu os passageiros a bordo.

Capítulo 4 — As Apostas de Jacques Paganel e do Major Mac-Nabs

Às três horas da manhã do dia 7 de dezembro, as fornalhas do «Duncan» rugiam já. Deram ao cabrestante; a âncora desprende do fundo arenoso do portinho, veio a pique, subiu até aos turcos, a hélice pôs-se em movimento e o iate fez-se ao largo. Quando os passageiros subiram à tolda, pelas oito horas da manhã, desaparecia a ilha Amesterdão entre os nevoeiros do horizonte. Era a última estação no caminho do paralelo trinta e sete, e três mil milhas, ou mil e trezentas léguas, a separavam da costa da Austrália. Continuando o mar favorável e o vento de oeste durante doze dias, no fim deste tempo o «Duncan» chegaria ao seu destino.

Não era sem emoção que Mary Grant e Roberto contemplavam as ondas que a «Britannia» sulcara decerto alguns dias antes do naufrágio. Ali, talvez o capitão Grant, depois de ter abandonado o navio, com a tripulação reduzida, tivesse lutado com os terríveis tufões do mar das Índias e se sentisse arrastado para a costa com força irresistível. John Mangles mostrava à jovem as correntes indicadas nos mapas de bordo; explicava-lhe a sua direção constante. Uma delas, a que atravessa o oceano Índico, dirige-se para o continente australiano, e a sua ação faz-se sentir do ocidente para o oriente, tanto no Pacífico como no Atlântico. Por isso, a «Britannia» desmastreada, com o leme perdido, isto é, desarmada contra todas as violências do mar e do céu, devia ter ido dar à costa e despedaçar-se de encontro a ela.

Contudo, uma dificuldade se oferecia. As últimas notícias do capitão Grant eram de Callao, com a data de 30 de maio de 1862, tiradas da «Mercantil and Shipping Gazette». Como é que a 7 de junho, oito dias depois de ter largado da costa do Peru, se podia achar a «Britannia» no mar das Índias? Paganel, consultado a este respeito, deu resposta muito plausível e com a qual os mais difíceis se teriam mostrado satisfeitos.

Era ao cair da noite, a 12 de dezembro, seis dias depois de terem partido da ilha Amesterdão. Lord e Lady Glenarvan, Roberto e Mary Grant, o capitão Mangles, Mac-Nabs e Paganel conversavam no tombadilho. Segundo o costume, falava-se a respeito da «Britannia», porque era o único pensamento a bordo. Ora, precisamente, a dificuldade acima referida foi apresentada incidentalmente e teve por imediato efeito lançar uma sombra sobre as grandes esperanças que todos alimentavam.

Paganel, ao ouvir a observação apresentada por Glenarvan, levantou a cabeça com vivacidade. Depois, sem responder, foi buscar o documento. Quanto voltou, contentou-se com

encolher os ombros, como quem se envergonha de ter por um momento hesitado diante de *semelhante miséria*.

— Bem, meu amigo — observou Glenarvan —, mas dê-nos ao menos uma resposta.

— Não — volveu-lhe Paganel. — Farei apenas uma pergunta e dirigi-la-ei ao capitão Mangles.

— Fale, Sr. Paganel — disse John Mangles.

— Um navio bastante veleiro poderá num mês atravessar toda a extensão do Pacífico compreendida entre a América e a Austrália?

— Sim, fazendo duzentas milhas em cada vinte e quatro horas.

— E será um andamento extraordinário?

— Não tem nada de extraordinário. Os *clippers* de velas obtêm muitas vezes velocidade superior.

— Ora bem — respondeu Paganel —, em vez de ler «7 de junho» no documento, suponha que o mar apagou um algarismo desta data, e leia «17 de junho» ou «27 de junho», e tudo se explica.

— Efetivamente — ponderou Lady Helena —, de 31 de maio a 27 de junho...

— Podia o capitão Grant atravessar o Pacífico e achar-se no mar das Índias!

Um sentimento de viva satisfação acolheu esta conclusão de Paganel.

— Mais um ponto esclarecido! — disse Glenarvan —, e graças ao nosso amigo. Só nos resta chegar à Austrália e procurar os vestígios da «Britannia» na costa ocidental.

— Ou na costa oriental — lembrou John Mangles.

— Efetivamente, tem razão. Nada indica no documento que a catástrofe tivesse lugar nas costas do ocidente e não nas do oriente. As nossas investigações devem, portanto, exercer-se nos dois pontos em que a Austrália é cortada pelo paralelo trinta e sete.

— De modo que, milord — disse a jovem —, há dúvidas a este respeito?

— Oh! Não, miss — atalhou John Mangles, que queria dissipar aquela apreensão de Mary Grant. — Sua Honra terá a bondade de notar que, se o capitão Grant tivesse abordado às praias orientais da Austrália, acharia logo socorro e auxílio. Toda esta costa é inglesa, por assim dizer, e povoada de colonos ingleses. A tripulação da «Britannia» não teria de andar dez milhas para encontrar compatriotas.

— Bem, capitão — interveio Paganel —, coloco-me a seu lado. Na costa oriental, na baía Twofold, na cidade de Eden, Harry Grant não só encontraria asilo numa colónia inglesa, mas não lhe faltariam meios de transporte para regressar à Europa.

— Desse modo — observou Lady Helena —, os naufragos não puderam achar os mesmos recursos nessa parte da Austrália para onde nos dirigimos?

— Não, senhora, a costa é deserta. Nenhuma via de comunicação a liga com Melbourne ou Adelaide. Se a «Britannia» se perdeu contra os recifes que a orlam, faltou-lhe todo o socorro, como se se houvesse despedaçado contra as plagas inóspitas da África.

— Mas então — inquiriu Mary Grant —, que foi feito de meu pai durante os últimos dois anos?

— Minha querida — respondeu Paganel —, não é verdade que tem como certo que o capitão Grant alcançou a terra firme depois do seu naufrágio?

— Sim, senhor — declarou a jovem.

— Ora, uma vez no continente, o que foi feito do capitão Grant? A este respeito não são muitas as hipóteses. Reduzem-se a três. Ou Harry Grant e os seus companheiros alcançaram as colónias inglesas, ou caíram em poder dos indígenas; ou, finalmente, perderam-se nas imensas solidões da Austrália.

Paganel calou-se e procurou nos olhos dos ouvintes a aprovação do seu sistema.

— Continue, Paganel — convidou Lord Glenarvan.

— Continuo... Em primeiro lugar, rejeito a primeira das hipóteses. Harry Grant não pôde alcançar as colónias inglesas porque então seria certa a sua salvação, e já há muito que estaria ao pé dos seus filhos na sua boa cidade de Dundee.

— Pobre pai! — murmurou Mary Grant. — Há dois anos separado de nós!

— Deixa falar o Sr. Paganel, minha irmã — recomendou Roberto. — Ele acabará por nos informar...

— Ai! Não, meu rapaz! Tudo quanto posso afirmar é que o capitão Grant está prisioneiro dos australianos, ou...

— Mas esses indígenas — perguntou com ansiedade Lady Glenarvan — são...

— Sossegue, milady — respondeu Paganel, que compreendeu o pensamento de Lady Helena —, esses indígenas são selvagens, estão embrutecidos, no último grau da inteligência humana, mas são de costumes brandos e não sanguinários como os seus vizinhos da Nova Zelândia. Se aprisionaram os naufragos da «Britannia», nunca ameaçaram decerto a sua existência, pode acreditar-me. Todos os viajantes são unânimes em afirmar que os australianos têm horror ao derramamento de sangue e muitas vezes acharam neles aliados fiéis quando tiveram de repelir os ataques dos bandos de degredados, cuja crueldade é de um género muito pior.

— Entendeu o que disse o Sr. Paganel? — indagou Lady Helena, dirigindo-se a Mary Grant.

— Se seu pai está em poder dos indígenas, o que aliás o documento nos faz suspeitar, havemos de encontrá-lo...

— E se se perdeu nesse imenso país? — retorquiu a jovem cujos olhares interrogavam Paganel.

— Ora! — exclamou o geógrafo em tom repassado de confiança. — Achá-lo-emos também! Não é verdade, meus amigos?

— Decerto — apoiou Glenarvan, que quis dar à conversa uma direção menos triste. — Não admito que ninguém se perca...

— Nem eu tão-pouco — concluiu Paganel.

— É grande a Austrália? — perguntou Roberto.

— A Austrália, meu rapaz, terá uns setecentos e setenta e cinco milhões de hectares, o que equivale a quatro quintas partes da Europa.

— Tanto? — observou o major.

— Sim, Mac-Nabs, com diferença de alguma jarda. Não acha que um país assim tenha o direito de tomar a qualificação de «continente» que o documento lhe dá?

— Certamente, Paganel.

— Devo acrescentar — tornou o sábio — que se citam poucos viajantes que se tenham perdido neste vasto país. Creio até que Leichardt é o único cuja sorte se ignora, e ainda assim fui informado na Sociedade de Geografia, algum tempo antes da minha partida, que Mac Intyre julgava ter achado os seus vestígios.

— A Austrália não foi ainda toda percorrida? — perguntou Lady Glenarvan.

— Não, milady — elucidou Paganel —, longe disso! Este continente não é mais bem conhecido que o interior da África, e, contudo, não é por falta de viajantes empreendedores. De 1606 até 1862, mais de cinquenta, tanto no interior como nas costas, têm trabalhado para o reconhecimento da Austrália.

— Oh! Cinquenta — observou o major com ar de dúvida.

— Sim, major, tantos. Falando, bem entendido, dos marinheiros que têm determinado os limites das costas da Austrália no meio dos perigos de uma navegação incerta e dos viajantes que têm atravessado o vasto continente.

— Entretanto, cinquenta é muito — insistiu o major.

— Irei mais longe ainda, Mac-Nabs — replicou o sábio, estimulado, como de costume, pela contradição.

— Vá mais longe, Paganel.

— Se me desafia, citar-lhe-ei esses cinquenta nomes sem hesitar.

— Oh! Oh! — exclamou tranquilamente o major. — São assim os sábios! Não duvidam de nada.

— Major — tornou Paganel —, aposta a sua carabina de Purdey Moore e Dickson contra o meu óculo de Secretan?

— Porque não, Paganel, se faz gosto nisso? — replicou Mac-Nabs.

— Bem!, major — exclamou o sábio —, eis uma carabina com a qual não matará mais raposas nem mais cabras monteses, toda a vez que eu não lha empreste, o que farei sempre de boa vontade!

— Paganel — redarguiu o major, com muita seriedade —, quando tiver necessidade do meu óculo de ver ao longe, estará sempre ao seu dispor.

— Começemos pois — voltou-lhe Paganel. — Minhas senhoras e meus senhores, vós constituís o júri que nos julga. Tu, Roberto, marcarás os pontos.

Lord e Lady Glenarvan, Mary Grant e Roberto, o major e John Mangles, aos quais a discussão divertia, prepararam-se para escutar o geógrafo. Demais, tratava-se da Austrália, para a qual os conduzia o «Duncan», e a sua história não podia vir mais a propósito. Paganel foi, pois, convidado a principiar sem demora os seus exercícios de mnemotecnia.

— Mnemósine! — exclamou ele — deusa da memória, mãe das castas musas, inspira o teu fiel e férvido adorador! Há duzentos e cinquenta e oito anos, meus amigos, a Austrália era ainda desconhecida. Havia graves suspeitas da existência de um grande continente austral; dois mapas conservados na biblioteca do seu Museu Britânico, meu caro Glenarvan, e datados de 1550, mencionam uma terra ao sul da Ásia, a que chamam a Grande Java dos Portugueses. Mas esses mapas não têm suficiente autenticidade. Passo, pois, para o século XVII, para 1606. Neste ano, um navegador espanhol, Quiros, descobriu uma terra a que chamou Austrália do Espírito Santo. Alguns autores pretenderam que se tratava do grupo das Novas Hébrides, e não da Austrália. Não discuto a questão. Conta este Quiros, Roberto, e passamos a outro.

— Um — disse Roberto.

— No mesmo ano, Luís Vaz de Torres, que comandava como imediato a armada de Quiros, continuou mais para o sul o reconhecimento de novas terras. É, porém, ao holandês Teodorico Hertoge a quem cabe a honra da grande descoberta. Abordou à costa ocidental da Austrália por 25° de latitude e deu-lhe o nome de *Eendracht*, que era o nome do seu navio. Depois dele multiplicam-se os navegadores. Em 1618, Zeachen reconhece na costa setentrional as terras de Arnheim e de Diemen. Em 1619, Jan Edels costeia e batiza com o seu próprio nome uma parte

das margens de oeste. Em 1622, Leuwin desce até ao cabo que se tornou o seu homónimo. Em 1627, De Nultz e De Witt, um a oeste, outro ao sul, completam as descobertas dos seus predecessores e são seguidos pelo comandante Carpenter, que penetra com os seus navios na vasta chanfradura ainda hoje chamada golfo de Carpentária. Finalmente, em 1642, o célebre marinheiro Tasman contorna a ilha de Van-Diemen, que ele supõe ligada ao continente, e dá-lhe o nome do governador-geral da Batávia, nome que a posteridade, mais justa, mudou para Tasmânia. Estava contornado todo o continente australiano; sabia-se que o oceano Indico e o Pacífico o rodeavam com as suas águas, e em 1665, o nome de Nova Holanda, que ela não devia conservar, estava posto a esta grande ilha austral, precisamente na época em que os navegadores holandeses iam acabar de desempenhar o seu papel. Em que número estamos?

— Dez — respondeu Roberto.

— Bem — prosseguiu Paganel —, faço uma cruz e passo aos ingleses. Em 1686, um chefe de bucaneiros, um dos Irmãos da Costa, célebre flibusteiro dos mares do Sul, Williams Dampier, depois de numerosas aventuras cheias de prazeres e de misérias, chegou no navio «Cygnet» à costa noroeste da Nova Holanda por 16° 50' de latitude; teve relações com os naturais e fez dos seus costumes, da sua pobreza, da sua inteligência, uma descrição quase completa. Voltou em 1699 à mesma baía onde Hertoge desembarcara, não já como flibusteiro, mas como comandante do «Roebuck», navio da marinha real. Contudo, até aqui, a descoberta da Nova Holanda não despertou outro interesse além de o de um facto geográfico. Ninguém pensava em colonizá-la, e durante três quartos de século, de 1699 a 1770, nenhum navegador ali foi abordar. Mas então apareceu o mais ilustre marinheiro do mundo moderno, o capitão Cook, e o novo continente não tardou em abrir-se às emigrações europeias. Durante as suas três célebres viagens, James Cook abordou às terras da Nova Holanda, e pela primeira vez, em 31 de março de 1770, depois de ter felizmente observado em Otahiti a passagem do planeta Vénus sobre o sol, Cook lançou o seu pequeno navio, o «Endeavour», na direção oeste do oceano Pacífico. Depois de fazer o reconhecimento da Nova Zelândia, chegou a uma baía da costa oriental da Austrália, e achou-a tão rica em plantas novas que logo lhe deu a designação de Baía Botânica. As suas relações com os naturais meio embrutecidos foram pouco interessantes. Voltou para o norte, e por 16° de latitude, próximo do cabo Tribulação, o «Endeavour» tocou em um banco de coral a oito léguas da costa. O perigo de ir a pique era iminente. Lançaram-se ao mar a artilharia e os instrumentos; mas na noite seguinte a maré desenrascou o navio aliviado, e, se não foi a pique, deveu-se a um pedaço de coral metido no rombo, que vedou a água suficientemente. Cook pôde conduzir o navio a uma calheta, onde desaguava um rio, a que foi

posto o nome de Endeavour. Aí, durante os três meses que duraram as reparações, os ingleses procuraram estabelecer comunicações úteis com os indígenas; mas pouco conseguiram, e tornaram a fazer-se de vela. O «Endeavour» continuou na sua rota para o norte. Cook queria saber se existia um estreito entre a Nova Guiné e a Nova Holanda; depois de novos perigos, depois de vinte vezes ter sacrificado o seu navio, avistou o mar que se estendia amplamente para a banda de sudoeste. Existia o estreito. Foi transposto. Cook desembarcou numa pequena ilha e, tomando posse em nome da Inglaterra da vasta extensão de costas que ele reconhecera, deu-lhe o nome muito britânico de Nova Gales do Sul. Três anos depois, o atrevido marinheiro comandava a «Aventura» e a «Resolução»; o capitão Furneaux foi na «Aventura» fazer o reconhecimento das costas de Van-Diemen e voltou com a suposição de que aquela terra fazia parte da Nova Holanda. Foi em 1777, por ocasião da sua terceira viagem, que Cook fundeou com os seus navios, a «Resolução» e a «Descoberta», na baía da Aventura, sobre a terra de Van-Diemen, e foi dali que partiu para ir, alguns meses depois, morrer nas ilhas Sanduíche.

— Era um grande homem o capitão Cook! — exclamou Glenarvan.

— O mais ilustre marinheiro que sem dúvida existiu. Foi Banks, seu companheiro, quem sugeriu ao Governo inglês o pensamento de fundar uma colónia penitenciária em Botany-Bay. Após ele correram navegadores de todas nações. Na última carta recebida de La Pérouse, escrita de Botany-Bay e datada de 7 de fevereiro de 1787, o infeliz revela a sua intenção de visitar o golfo de Carpentária e toda a costa da Nova Holanda até à terra de Van-Diemen. Parte e não volta. Em 1788, o capitão Filipe funda em Port-Jackson a primeira colónia inglesa. Em 1791, Vancouver descreve um considerável périplo ao longo das costas meridionais do novo continente. Em 1792, Entrecasteaux, mandado em busca de La Pérouse, costeia a Nova Holanda, ao oeste e ao sul, descobrindo ilhas desconhecidas durante a navegação. De 1795 a 1797, Flinders e Bass, mancebos ainda, continuam corajosamente, numa barca de sete a oito pés de comprido, o reconhecimento das costas do sul, e, em 1797, Bass passa entre a terra de Van-Diemen e a Nova Holanda, pelo estreito que tem o seu nome. Neste mesmo ano, Vlaming, o descobridor da ilha Amesterdão, reconhecia sobre as costas orientais o rio Swan, onde folgavam cisnes pretos da mais formosa espécie. Quanto a Flinders, recomeçava em 1801 as suas curiosas explorações, e por 138° 58' de longitude e 35° 40' de latitude encontra-se na Encounter-Bay com o «Geógrafo» e o «Naturalista», navios franceses comandados pelos capitães Baudin e Hamelin.

— Ah! O capitão Baudin? — interrompeu o major.

— Sim! Porque é essa exclamação? — perguntou Paganel.

— Oh! Nada. Continue, meu caro Paganel.

— Continuo, pois, acrescentando aos nomes destes navegadores o do capitão King, que, de 1817 a 1822, completou o reconhecimento destas costas intertropicais da Nova Holanda.

— Com esse faz vinte e quatro nomes — declarou Roberto.

— Bem — redarguiu Paganel —, já tenho metade da carabina do major. E agora, que acabei com os marinheiros, passemos aos viajantes.

— Muito bem, Sr. Paganel — observou Lady Helena. — É preciso confessar que tem uma memória admirável.

— O que é bastante singular — ajuntou Glenarvan — num homem tão...

— Tão distraído — apressou-se Paganel a completar. — Oh! Eu só tenho a memória das datas e dos factos, mais nada.

— Vinte e quatro — repetiu Roberto.

— Bem, vinte e cinco com o tenente Daws. Era em 1789, um ano depois do estabelecimento da colónia de Port-Jackson. Tinha-se navegado em volta do novo continente, mas o que ele encerrava ninguém o poderia dizer. Uma extensa fileira de montanhas paralelas à costa parecia impedir todo o acesso para o interior. O tenente Daws, depois de nove dias de marcha, teve de virar e voltar para Port-Jackson. Durante o mesmo ano, o capitão Tench diligenciou transpor aquela alta cordilheira e não o conseguiu. Estes dois maus resultados desviaram durante três anos a atenção dos viajantes daquela tarefa difícil. Em 1792, o coronel Peterson, aliás arrojado explorador africano, foi mal sucedido na mesma tentativa. No ano seguinte, um simples cabo da marinha inglesa, o corajoso Hawkins, passou vinte milhas adiante da linha que os seus antecessores não tinham podido ultrapassar. Durante dezoito anos só tenho dois nomes a citar, os do célebre marinheiro Bass e de Mr. Bareiller, engenheiro da colónia, que não foram mais felizes do que os seus antecessores, e chego ao ano de 1813, em que, afinal, se descobriu uma passagem a oeste de Sydney. O governador Macquarie arriscou-se por ela em 1815, e a cidade de Bathurst foi fundada além das montanhas azuis. Dali em diante, Throsby, em 1819, Oxley, que atravessou trezentas milhas de território, Howel e Hune, cujo ponto de partida foi precisamente Twofold-Bay, por onde passa o paralelo trinta e sete, e o capitão Sturt, que, em 1829 e 1830, reconheceu as correntes do Darling e do Murray, enriqueceram a geografia com factos novos e contribuíram para o desenvolvimento das colónias.

— Trinta e seis — avisou Roberto.

— Muito bem! Levo dianteira — afirmou Paganel. — Cito por lembrança: Eyre e Leichardt, que percorreram uma porção do país em 1840 e 1841; Sturt em 1845; os irmãos Grégory e

Helpman, em 1846, na Austrália ocidental; Kennedy, em 1847, sobre o rio Vitória, e, em 1848, na Austrália do Norte; Grégory em 1852; Austin, em 1854; os Grégory, de 1855 a 1858, na parte noroeste do continente; Babbage, do lago Torrens ao lago Eyre, e chego a um navegador célebre nos fastos australianos, a Stuart, que três vezes seguiu os seus arrojados itinerários através do continente. A sua primeira expedição ao interior é de 1860. Mais tarde, se quiserem, contar-lhes-ei como a Austrália foi atravessada quatro vezes do sul ao norte. Hoje, limito-me a terminar esta extensa nomenclatura, e de 1860 a 1862, acrescentarei aos nomes de tantos destemidos pioneiros da ciência os dos irmãos Dempster, de Clarkson e Harper, os de Burke e Wills, os de Neilson, de Walker, de Landsborough, Mac Iinlay, Howit...

— Cinquenta e seis! — exclamou Roberto.

— Bom, major — continuou Paganel —, vou dar-lhe boa medida, porque não citei nem Duperrey, nem Bougainville, nem Fitz-Roy, nem De Wickam, nem Stokes...

— Basta — bradou o major, sufocado pelo número.

— Nem Pérou, nem Quoy — prosseguiu Paganel, lançado como um expresso —, nem Bennett, nem Cuningham, nem Nutchell, nem Tiers...

— Pelo amor de Deus!

— Nem Dixon, nem Strelesky, nem Reid, nem Wilkes, nem Mitchell...

— Suspenda, Paganel — pediu Glenarvan, que ria com muita vontade —, não esmague o infeliz Mac-Nabs. Seja generoso! Confessa-se vencido.

— E a sua carabina? — perguntou o geógrafo com ar triunfante.

— Pertence-lhe — respondeu o major — e tenho bastante pena dela. Mas o amigo tem uma memória capaz de ganhar um museu de artilharia.

— É deveras impossível — disse Lady Helena — conhecer melhor a Austrália. Nem o mais insignificante nome, nem o mais pequeno facto...

— Oh! O mais pequeno facto... — duvidou o major, abanando a cabeça.

— Que é lá! Que diz, Mac-Nabs? — voltou Paganel.

— Digo que os incidentes relativos à descoberta da Austrália não os conhece talvez todos.

— Como assim? — exclamou Paganel, fazendo gesto altivo.

— E se eu citar um que o senhor não saiba, restituindo-me a carabina? — perguntou Mac-Nabs.

— No mesmo instante, major.

— É negócio feito?

— Negócio feito.

— Bem. Sabe, Paganel, porque é que a Austrália não pertence à França?

— Mas, parece-me...

— Ou, pelo menos, qual seja a razão que os Ingleses dão disso?

— Não, major — respondeu Paganel, com ar vexado.

— Simplesmente porque o capitão Baudin, que aliás não era tímido, teve um tal medo, em 1802, do grasnar das rãs australianas, que levantou ferro o mais depressa que pôde e fugiu para nunca mais voltar.

— O quê! — exclamou o sábio. — Pois isso diz-se em Inglaterra? Mas é muito mau gracejo!!

— Muito mau, confesso — concordou o major —, mas é histórico no Reino Unido.

— É uma indignidade! — exclamou o geógrafo patriota. — E isso repete-se com muita seriedade?

— Não posso deixar de lhe dizer que sim — asseverou Glenarvan, no meio de uma gargalhada geral. — Como! Pois ignorava essa particularidade?

— Absolutamente. Mas protesto! Demais, os Ingleses chamam-nos «devoradores de rãs»! Ora, em geral, ninguém tem medo daquilo que come.

— Em todo o caso é o que se diz, Paganel — concluiu o major, sorrindo com modéstia.

E aqui está como a famosa carabina de Purdey Moore e Dickson continuou sendo propriedade do major Mac-Nabs.

Capítulo 5 — Os Ímpetos da Cólera do Oceano Índico

Dois dias depois desta conversação, John Mangles, fazendo o ponto ao meio-dia, anunciou que o «Duncan» se achava por 113° 37' de longitude. Os passageiros consultaram o mapa de bordo e viram, não sem grande satisfação, que apenas cinco graus os distanciavam do cabo Bernoulli. Entre este cabo e a ponta de Entrecasteaux, a costa da Austrália descreve um arco que subtende o paralelo trinta e sete. Se então o «Duncan» aproasse para o equador, pronto chegaria à vista do cabo Chatam, que lhe ficava cento e vinte milhas ao norte. Mas o «Duncan» navegava naquela porção do mar das Índias abrigada pelo continente australiano. Era, portanto, de esperar que, dentro de quatro dias, o cabo Bernoulli se avistasse no horizonte.

O vento de oeste tinha até ali favorecido o andamento do navio; havia, porém, alguns dias que mostrava tendência para amainar; foi acalmando pouco a pouco. Afinal, no dia 13 de dezembro, houve completa calmaria, e as velas penderam ao longo dos mastros. Se não fosse a hélice formidável, o «Duncan» ficaria estacionário no meio do oceano.

Este estado da atmosfera podia prolongar-se indefinidamente. À noite, Glenarvan conversou a este respeito com John Mangles. O jovem capitão, que via os paióis de carvão esgotarem-se, parecia muito contrariado com a calmaria. Largara todo o pano, içara as varredouras e as velas de estai para aproveitar a mais leve aragem, mas, segundo a expressão do vulgo, não havia ar que movesse uma palha.

— Em todo o caso — observou Lord Glenarvan —, não nos devemos queixar muito; mais vale falta de vento do que vento contrário.

— Vossa Honra tem razão — replicou John Mangles. — Mas precisamente estas calmas súbitas trazem consigo mudanças de tempo. Por isso receio-as; navegamos no limite das monções que, de outubro a abril, sopram do nordeste, e, por pouco que nos apanhem pela proa, o nosso andamento há de ser muito retardado.

— Que quer, John? Se uma tal contrariedade sobreviesse, era preciso conformarmo-nos com ela. Seria afinal um simples atraso.

— Decerto, se uma tempestade não se desencadeasse.

— Pois receia mau tempo? — perguntou Glenarvan, examinando o céu, que, entretanto, do horizonte ao zénite se mostrava limpo de nuvens.

— Receio — respondeu o capitão —, digo-o a Vossa Honra, mas não queria assustar Lady

Glenarvan nem Miss Grant.

— E faz bem. Que temos então?

— Ameaças infalíveis de mau tempo. Não se fie na aparência do céu, milord, não há nada mais enganador. Nestes últimos dois dias o barómetro desce de um modo muito inquietador; achava-se a vinte e sete polegadas. É um aviso que não posso desprezar. Ora eu arreceio-me particularmente da cólera do mar austral, porque já me achei em luta com ela. Os vapores que vão condensar-se nas imensas montanhas de gelo do pólo sul dão lugar a Uma aspiração de ar de violência extrema. Daí origina-se uma luta de ventos polares e equatoriais que produz os ciclones, os tufões e essas formas múltiplas das tempestades contra as quais um navio só luta com desvantagem.

— John Mangles — replicou Glenarvan —, o «Duncan» é um barco sólido e o seu capitão um hábil marinheiro. Pode vir a tempestade, que saberemos defender-nos!

Manifestando os seus receios, John Mangles obedecia ao seu instinto de homem do mar. Era um hábil *weather-wise*, expressão inglesa que se aplica aos observadores do tempo. A persistência do barómetro na graduação inferior fez-lhe tomar todas as medidas que a prudência aconselhava. Não indicava ainda o céu a tempestade que ele esperava, mas o infalível instrumento não podia enganá-lo; as correntes atmosféricas descem dos lugares onde é alta a coluna do mercúrio para aqueles onde é baixa; quanto mais próximos são esses lugares, tanto mais rapidamente o nível se estabelece nas camadas aéreas e tanto maior se torna a velocidade do vento.

John Mangles conservou-se no convés toda a noite. Por volta das onze horas o céu começou a escurecer para a banda do sul. O capitão fez subir toda a tripulação e amainar as velas pequenas; só conservou o traquete, a vela grande, a gávea, a bujarrona e a vela estai. A meia-noite, o vento refrescou ainda mais; soprava rijo, isto é, as moléculas do ar eram acoissadas por uma velocidade de seis toesas por segundo. O estalar dos mastros, o embate dos cabos de laborar, o bater do pano, o gemido das anteparas interiores, revelaram aos passageiros o que eles ainda ignoravam. Paganel, Glenarvan, o major e Roberto apareceram no convés, uns como curiosos, outros prontos a fazer alguma coisa. No céu, que eles tinham deixado límpido e estrelado, corriam nuvens espessas, separadas por listões mosqueados como a pele de um leopardo.

— A tempestade? — perguntou Glenarvan a John Mangles.

— Ainda não, mas não tarda — anunciou o capitão.

No mesmo instante deu ordem de pôr a gávea nos primeiros. Os marinheiros treparam aos

enflechates de barlavento, e não sem dificuldade diminuiram a superfície da vela, enrolando-a com as garcetas em roda da verga amainada. John tinha interesse em se conservar com a maior porção de pano possível, a fim de dar estabilidade ao iate e de lhe abrandar os movimentos da arfagem.

Tomadas estas precauções, deu ordem a Austin e ao mestre de se prepararem para o assalto do tufão, que não podia tardar. Reforçaram-se as talhas que ladeavam a peça. Tesaram-se os ovéns e os brandais. Fecharam-se as escotilhas. John, como um oficial sobre o alto da brecha, não se afastava da borda de barlavento, e do alto do tombadilho procurava arrancar os segredos àquele céu tempestuoso.

O barómetro baixara a vinte e seis polegadas, depressão que raras vezes se dá na coluna barométrica, e o *storm-glass* indicava a tempestade.

Era uma hora da manhã. Lady Helena e Miss Grant, violentamente sacudidas no seu camarote, atreveram-se a subir ao convés. O vento tinha então uma velocidade de catorze toesas por segundo. Assobiava nos cabos fixos com extrema violência. As cordas de metal, semelhantes às de um instrumento, soavam como se algum arco gigantesco lhes provocasse as rápidas oscilações; as roldanas batiam umas nas outras; os cabos faziam agudo ruído, deslizando nas ásperas caixas dos moitões; as velas produziam detonações como peças de artilharia; vagas já monstruosas corriam ao assalto do iate, que brincava como um alcião sobre a crista escumante das águas.

Quando o capitão John deu pelas passageiras, foi ter rapidamente com elas, e pediu-lhes que se recolhessem à câmara; entravam já algumas ondas e o convés podia ser varrido de um momento para o outro. O fragor dos elementos tinha então tamanha violência que Lady Helena mal ouvia o jovem capitão.

— Não há perigo? — pôde ela contudo dizer durante um momento de calma.

— Nenhum, senhora — replicou John Mangles —; mas não pode estar no convés, nem tão-pouco Miss Mary.

Lady Glenarvan e Miss Mary não resistiram a uma ordem que parecia uma súplica e dirigiram-se para o tombadilho no momento em que uma vaga, desfazendo-se sobre o painel da popa, fez estremecer nos seus compartimentos os vidros da escotilha.

A violência do vento aumentou; os mastros vergaram sob a pressão das velas e o iate pareceu erguer-se sobre as ondas.

— Carrega o traquete! — bradou John. — Arria a gávea e a bujarrona!

Os marinheiros correram todos para os seus postos; largaram-se as driças por mão, a

bujarrona foi arriada com um estrondo que dominava o fragor da tempestade, e o «Duncan», cuja chaminé vomitava torrentes de negro fumo, fendia irregularmente o mar com as pás da hélice, que por vezes saíam da água.

Glenarvan, o major, Paganel e Roberto contemplavam ao mesmo tempo com terror e admiração a luta do «Duncan» com as ondas, agarravam-se vigorosamente à trincheira, sem poderem trocar uma só palavra, e contemplavam os bandos de petréis, essas aves fúnebres das tempestades, que folgavam no meio do vento desencadeado.

De repente, acima do ruído do vendaval, ouviu-se um silvo ensurdecedor. O vapor saiu com violência, não do tubo adutor, mas das válvulas da caldeira; o apito de alarme soou com desacostumada força; o iate adornou de um modo terrível. Wilson, que estava ao leme, foi derrubado por uma guinada repentina.

O «Duncan» atravessara-se na vaga e já não governava.

— O que há? — gritou John Mangles, correndo para a ponte.

— O navio adorna! — respondeu Tom Austin.

— Perdemos o leme?

— À máquina! À máquina! — ordenou o engenheiro.

John correu para a máquina e precipitou-se pela escada. Uma nuvem de vapor enchia a câmara; os pistões estavam imóveis nos cilindros; as bielas não imprimiam movimento algum à árvore da máquina. O maquinista, vendo inutilizados os seus esforços e receando pelas caldeiras, fechou a comunicação e deixou sair o vapor pelo tubo de segurança.

— Que temos? — perguntou o capitão.

— A hélice está quebrada ou presa — respondeu o maquinista. — Já não funciona.

— O quê? É impossível soltá-la?

— Impossível.

Não era ocasião de procurar remédio para o acidente. Havia um facto incontestável: a hélice não podia girar, e o vapor, sofrendo forte resistência, saíra pelas válvulas. John devia recorrer às velas e procurar um auxiliar no mesmo vento que se tornara o seu maior inimigo.

Tornou a subir e expôs em duas palavras a situação a Lord Glenarvan; em seguida instou com ele para que se recolhesse como os outros passageiros. Glenarvan queria ficar em cima.

— Não, milord — volveu John Mangles em tom firme —, é preciso que eu esteja só aqui com a minha tripulação. Retire-se. O navio pode enrascar-se e as vagas varrê-lo-iam ao senhor sem consideração alguma.

— Mas podemos servir...

— Retire-se, retire-se, milord, assim é preciso! Há circunstâncias em que eu é que mando a bordo! Retire-se, que assim o quero!

Para que John Mangles se exprimisse com tamanha autoridade era preciso que a situação fosse extrema. Glenarvan compreendeu que era a ele que cumpria dar o exemplo. Deixou o convés, seguido dos seus três companheiros, e reuniu-se às duas passageiras, que esperavam com ansiedade o desenlace da luta com os elementos.

— Enérgico homem que é o meu valente John — disse Glenarvan, entrando na câmara.

— Sim — respondeu Paganel —, lembrou-me o mestre do seu grande Shakespeare, quando exclama no drama da «Tempestade», dirigindo-se ao rei que traz a bordo:

— Fora daqui! Silêncio! Para os vossos beliches! Se não podeis impor silêncio aos elementos, calai-vos! Fora do meu caminho, repito!

John Mangles não perdera um minuto para tirar o navio da situação perigosa em que o punha a hélice enrascada. Resolveu pôr-se de capa para se afastar o menos possível do seu rumo. Tratava-se, pois, de conservar pano e braceá-lo obliquamente, de modo que o navio se apresentasse de través à tempestade. Pôs-se a gávea nos primeiros, estabeleceu-se uma espécie de polaca no estai do mastro grande e pôs-se o leme a sotavento.

Dotado de altas qualidades náuticas, o iate manobrou como um cavalo rápido que sente a espora e ofereceu o flanco às ondas invasoras. O velame já tão reduzido aguentar-se-ia? Era feito do melhor pano de Dundee; mas qual é o tecido que pode resistir a tais violências? O navegar à capa tinha a vantagem de oferecer à vaga as proporções mais sólidas do iate e conservá-lo na sua primitiva direção. Não era contudo isento de perigos, porque o navio podia enrascar-se nos grandes intervalos que as ondas formava entre si, e não se tornar a erguer. Mas John Mangles não tinha manobras por onde escolher, e resolveu conservar-se de capa, enquanto a mastreação e as velas não viessem abaixo. A tripulação conservava-se à sua vista, pronta a dirigir-se aonde fosse necessária a sua presença. John, agarrado aos ovéns, observava o mar encolerizado.

Passou-se o resto da noite nesta situação. Esperava-se que a tempestade diminuísse com o romper do dia. Esperança baldada; pelas oito horas da manhã o vento aumentou mais ainda, e tomando uma velocidade de dezoito toesas por segundo, tornou-se tufão.

John não disse nada, mas tremeu pelo seu navio e por aqueles que vinham dentro. O «Duncan» adornava de um modo horrível; os seus prumos gemiam, e por vezes os laises do traquete vinham fustigar a crista das vagas. Houve um momento em que a tripulação julgou que o iate não se levantaria. Já os marinheiros, de machado em punho, corriam a cortar os ovéns do

mastro grande, quando as velas, arrancadas das relingas, voaram como gigantescos albatrozes.

O «Duncan» endireitou-se; mas, sem apoio nas vagas, sem direção, foi balouçado de um modo espantoso, a ponto de os mastros ameaçarem quebrar-se pela carlinga. Não podia por muito tempo aguentar um tal balanço e não tardaria que as bordas desconjuntadas, as costuras abertas, dessem passagem às ondas.

John Mangles só tinha um recurso: estabelecer uma polaca e fugir ao tempo. Conseguiu-o depois de muitas horas de um trabalho vinte vezes desfeito antes de concluído. Só pelas três horas é que a vela pôde ser içada no estai do traquete e exposta à ação do vento.

Então, com este pedaço de pano, o «Duncan» governou e pôs-se a fugir de vento em popa, com incalculável rapidez. Dirigia-se para o nordeste, para onde a tempestade o impelia. Era-lhe preciso conservar a maior velocidade possível, porque só dela dependia a sua segurança. Algumas vezes, passando adiante das ondas impelidas juntamente com ele, fendia-as com a aguda proa, mergulhava por entre elas como enorme cetáceo e deixava varrer a tolda da proa à popa. Noutros momentos a sua velocidade igualava a das ondas, o leme perdia toda a ação e dava enormes guinadas que ameaçavam lançá-lo de través. Acontecia também que as vagas corriam mais depressa do que ele, impelidas pela força do tufão; então, elas saltavam pela grinalda da popa e toda a tolda era varrida da popa à proa com violência irresistível.

Foi nesta situação assustadora, em meio das alternativas da esperança e do desespero, que se passaram o dia 15 de dezembro e a noite que se seguiu. John Mangles não abandonou um momento o seu posto; não tomou alimento algum; estava torturado por temores que o seu rosto impassível não queria denunciar e a sua vista procurava obstinadamente penetrar os nevoeiros acumulados no horizonte do norte.

Efetivamente, tudo podia recluir. O «Duncan», lançado fora do rumo, corria para a costa australiana com uma velocidade que nada podia diminuir. John Mangles conhecia também por instinto, e não por outro meio, que uma corrente rápida como o raio o arrastava. Receava a cada momento o choque de um escolho, contra o qual o iate se despedaçaria em mil fragmentos.

Avaliava que a distância a que a costa lhe ficava a sotavento seria pelo menos de doze milhas. Ora, a terra é o naufrágio, é a perda de um barco. Vale cem vezes mais o imenso oceano, dos furores do qual um navio se poder defender, embora cedendo a eles. Mas quando a tempestade o arremessa contra as costas, está perdido.

John Mangles foi ter com Lord Glenarvan e conversou com ele em particular; expôs-lhe a situação sem diminuir a sua gravidade; encarou-a com o sangue-frio de um marinheiro disposto a tudo e concluiu dizendo que talvez fosse obrigado a fazer dar o «Duncan» à costa.

— Para salvar os que vão dentro, se for possível, milord — explicou ele.

— Faça o que entender, John — respondeu Glenarvan.

— E Lady Helena? E Miss Grant?

— Só no último momento as prevenirei, isto é, quando estiver perdida toda a esperança de nos conservarmos no mar. Avisar-me-á.

— Avisá-lo-ei, milord.

Glenarvan voltou para o pé das passageiras, que, não conhecendo todo o perigo, o sentiam iminente. Mostravam grande coragem, igual pelo menos à dos companheiros. Paganel expunha as teorias mais inoportunas acerca das correntes atmosféricas; fazia diante de Roberto, que o escutava, interessantes comparações entre os tornados, os ciclones e as tempestades retilíneas. Quanto ao major, esperava o fim com o fatalismo de um muçulmano.

Por volta das onze horas o tufão pareceu abrandar um pouco; os húmidos nevoeiros dissiparam-se e, numa rápida aberta, John pôde ver uma terra baixa que lhe ficava seis milhas a sotavento. Corria para lá com toda a força. Monstruosas vagas rebentavam, alcançando prodigiosa altura, cinquenta pés e mais. John compreendeu que elas encontravam ali um ponto de apoio sólido, para atingirem tamanha elevação.

— Temos bancos de areia — disse ele a Tom Austin.

— É o que me parece — concordou o imediato.

— Estamos nas mãos de Deus — observou John. — Se não oferece um canal praticável ao «Duncan», e se ele mesmo o não guia, estamos perdidos.

— A maré enche; talvez possamos passar os bancos, capitão.

— Mas, repare no furor das vagas, Austin! Qual é o navio que lhes pode resistir? Roguemos a Deus que nos ajude, meu amigo!

Entretanto, o «Duncan», com a sua polaca, avançava para a costa com aterradora velocidade. Não tardou que se achasse a duas milhas dos rochedos do banco. A cada instante os nevoeiros escondiam a terra. Contudo, John julgou avistar para lá da orla escumante uma bacia mais serena. Dentro dela, o «Duncan» achar-se-ia em segurança relativa. Mas como passar?

John fez subir os passageiros para o convés; não queria que, chegada a hora do naufrágio, estivessem encerrados sob o tombadilho. Glenarvan e os seus companheiros olharam para o mar furioso e terrível. Mary Grant fez-se pálida.

— John — disse Glenarvan, baixinho, para o moço capitão —, procurarei salvar minha mulher ou morrer com ela. Encarrega-te de Miss Grant.

— Sim, milord — afirmou John Mangles, levando a mão do lord aos olhos húmidos.

O «Duncan» estava apenas algumas amarras distante dos bancos. A água, então na enchente, devia ser suficiente para que o navio passasse sem a quilha tocar nos perigosos baixios. Porém, as vagas enormes, levantando-o e abaixando-o alternadamente, deviam forçosamente fazê-lo dar culapadas. Haveria algum meio de abrandar o movimento das ondas, de facilitar o deslizamento das moléculas líquidas umas sobre as outras, numa palavra, de acalmar aquele mar furioso?

John Mangles teve uma última ideia.

— O azeite! — exclamou ele. — Rapazes, deixem correr azeite!

Estas palavras foram rapidamente compreendidas pela tripulação. Tratava-se de empregar um meio que algumas vezes dá bom resultado; pode-se abrandar a fúria das vagas, cobrindo-as com um lençol de azeite; o lençol sobrenada e destrói o choque das ondas, que ele lubrifica. O efeito é imediato, mas passa rápido. Depois de o navio atravessar aquele mar fictício redobram os furores, e desgraçado daquele que se aventurou atrás dele.

Os barris que tinham a provisão do azeite de foca foram içados para o castelo da proa pela tripulação, a quem o perigo centuplicava as forças. Arrombaram-nos a machado e suspenderam-nos sobre as trincheiras de bombordo e de estibordo.

— Aguenta! — gritou John Mangles, espiando o momento favorável.

Em vinte segundos o iate chegou à entrada do canal, encoberta por uma enorme vaga bramidora. Era o instante.

— Vira! — gritou o capitão.

Os barris foram virados, e do seu interior saíram grandes jorros de azeite. Instantaneamente o untuoso lençol nivelou, por assim dizer, a superfície espumante do mar. O «Duncan» voou sobre as águas tranquilas e achou-se bem depressa numa bacia serena, para lá dos temíveis bancos, enquanto o oceano, livre das suas peias, saltava por trás dele com furor indescritível.

Capítulo 6 — O Cabo Bernoulli

O primeiro cuidado de John Mangles foi amarrar o navio solidamente com duas âncoras. Fundeou em cinco braças de água. O fundo era bom; um saibro duro, que oferecia excelente pega. Não havia, portanto, perigo algum de agarrar ou encalhar na baixa-mar. Depois de tantas horas de perigo, o «Duncan» achava-se numa espécie de portim, abrigado dos ventos do mar largo por uma língua de terra em forma circular.

Lord Glenarvan apertara a mão do jovem capitão, dizendo-lhe:

— Obrigado, John Mangles.

E o capitão sentiu-se generosamente recompensado com estas simples palavras. Glenarvan guardou para si o segredo das suas angústias, e nem Lady Helena nem Mary Grant nem Roberto suspeitaram a gravidade dos perigos a que acabam de escapar.

Um ponto importante faltava esclarecer. A que lugar da costa tinha sido o «Duncan» arremessado pela formidável tempestade? Onde havia ele de tornar a principiar o paralelo designado? A que distância ficava no sudoeste o cabo Bernoulli? Tais foram as primeiras perguntas que dirigiram a John Mangles. Este fez logo as suas observações e marcou-as na carta de bordo.

Afinal, o «Duncan» não se havia desviado muito do seu caminho: apenas dois graus. Achava-se por 136° 12' de longitude e 35° 07' de latitude, no cabo Catástrofe, situado numa das extremidades da Austrália e a trezentas milhas do cabo Bernoulli.

O cabo Catástrofe, nome de funesto agouro, tem fronteiro o cabo Borda, formado por um promontório da ilha Canguru. Entre estes dois cabos abre-se o estreito do Investigador, que conduz a dois golfos bastante profundos, um situado ao norte, o golfo Spencer, outro ao sul, o golfo S. Vicente. Na costa oriental deste último abre-se o porto de Adelaide, capital da província chamada Austrália meridional. Esta cidade, fundada em 1836, conta quarenta mil habitantes e oferece recursos bastantes. Mas ocupa-se mais esta cidade em cultivar um solo fecundo, explorar as suas uvas e laranjas e todas as suas riquezas agrícolas, do que em formar grandes empresas industriais. Entre a sua população há mais agricultores do que engenheiros, e a índole geral tende pouco para as operações comerciais ou para as artes mecânicas.

O «Duncan» poderia reparar as avarias? Eis uma questão que precisava de ser resolvida. John Mangles quis saber por onde se havia de regular. Mandou mergulhar e examinar a popa do

navio; os mergulhadores disseram-lhe que uma das hastes da hélice estava torcida e esbarrava contra o cadaste; provinha dali a impossibilidade do movimento de rotação. Foi considerada grave a avaria, bastante grave para carecer do emprego de ferramenta que não se encontrava em Adelaide.

Após maduras reflexões, Glenarvan e o capitão tomaram a resolução seguinte: o «Duncan» seguiria à vela o contorno das costas australianas, procurando os vestígios da «Britannia»; deter-se-ia no cabo Bernoulli, onde seriam tomadas as últimas informações, e continuaria a navegar até Melbourne, onde poderiam ser facilmente reparadas as suas avarias. Consertada a hélice, o «Duncan» iria cruzar as costas orientais para acabar a série das suas pesquisas.

Foi aprovado este alvitre. John Mangles resolveu aproveitar o primeiro vento favorável para aparelhar. Não teve de esperar muito tempo. Próximo da noite, o tufão amainava completamente. Seguiu-se-lhe uma brisa de feição, a qual soprava do sudoeste. Tomaram-se disposições para a largada. Foram envergadas novas velas. Depois, às quatro horas da manhã, os marinheiros começaram a virar o cabrestante. Dali a nada a âncora largava o fundo, vinha a pique, e o «Duncan», com o traquete, velacho, joanete, bujarrona, vela grande e gafetopes, navegava costa a costa, amuras a estibordo, a barlavento das praias australianas.

Duas horas depois perdeu de vista o cabo Catástrofe e achou-se na altura do estreito Investigador. Naquela noite foi dobrado o cabo Borda, e a ilha Canguru costeada a distância de algumas amarras. É a maior das ilhotas australianas e serve de refúgio aos deportados fugitivos. O seu aspeto era encantador. Imensos tapetes de relva revestiam os rochedos estratificados das margens. Como no tempo da descoberta, em 1802, viam-se saltar imensos bandos de cangurus através dos bosques e das planícies. No dia seguinte, enquanto o «Duncan» bordejava, foram as suas embarcações mandadas a terra com a missão de visitar os bancos das margens. Achava-se então o «Duncan» no paralelo trinta e seis, e até ao paralelo trinta e oito Glenarvan não queria deixar nenhum ponto por explorar.

Durante o dia 18 de dezembro o iate, que bolinava, como verdadeiro *Clipper*, com todo o pano, passou muito próximo da baía Encounter. Foi ali que em 1828 o viajante Sturt aportou depois de ter descoberto Murray, o maior rio da Austrália meridional. Já não se viam as margens verdejantes da ilha Canguru, mas áridos cabeços, que a espaços quebravam a monótona uniformidade de uma costa baixa e recortada, e um ou outro penhasco sombrio, um ou outro promontório de areia, enfim, toda a aridez de um continente polar.

Durante esta navegação as embarcações fizeram um rude serviço. Os marinheiros não se queixaram. Quase sempre Glenarvan, o seu inseparável Paganel e o jovem Roberto os

acompanhavam. Queriam com os seus próprios olhos procurar alguns vestígios da «Britannia». Mas essa navegação nada descobriu do naufrágio. As praias australianas mostraram-se a este respeito tão mudas como as terras da Patagónia. Contudo, não se devia perder completamente a esperança enquanto não se chegasse ao ponto precisamente indicado pelo documento. Não se procedia deste modo senão por excesso de prudência, e para nada deixar entregue ao acaso. Quando anoitecia, o «Duncan» punha-se de capa, de maneira que se conservasse o mais possível no mesmo lugar, e de dia a costa era esquadrihada escrupulosamente.

Foi assim que a 20 de dezembro chegaram à altura do cabo Bernoulli, o qual termina a baía de Lacépède. Nada se encontrara que indicasse o naufrágio. Porém, tão mau resultado coisa alguma provava contra o capitão da «Britannia». Com efeito, no espaço de dois anos, que tantos eram os decorridos depois da catástrofe, o mar tinha podido, ou melhor, devia ter dispersado, consumindo os restos do barco e arrancá-los do escolho. Além disso, os indígenas, que pressentem os naufrágios como um abutre pressente o cadáver, haviam de ter recolhido os mais pequenos destroços. Depois, Harry Grant e os seus dois companheiros, aprisionados no momento em que as vagas os arremessavam à costa, tinham, sem dúvida, sido levados para o interior do continente.

Mas, neste caso, ficava destruída uma das mais engenhosas hipóteses de Jacques Paganel. Enquanto se tratava do território argentino, o geógrafo podia com muita razão pretender que os algarismos do documento se referiam, não ao teatro do naufrágio, mas ao lugar mesmo do cativo; os grandes rios dos Pampas, os seus numerosos afluentes, lá estavam para trazer ao mar o precioso documento. Aqui, pelo contrário, nesta parte da Austrália, escasseiam as correntes; demais o rio Colorado e o rio Negro vão lançar-se no mar através de plagas desertas, desabitadas e inabitáveis, enquanto os principais rios da Austrália, o Murray, o Yarra, o Torrens, o Darling, ou desaguam uns nos outros, ou se precipitam no oceano por embocaduras que se tornaram ancoradouros frequentados, portos onde a navegação é ativa. Em vista disto, que probabilidade havia de que a garrafa pudesse ter descido por correntes cortadas da navegação, e chegar daquele modo ao oceano Índico?

Esta impossibilidade não podia escapar a espíritos perspicazes. A hipótese de Paganel, plausível na Patagónia, no interior das províncias argentinas, era falha de lógica na Austrália. Paganel reconheceu isto numa discussão que a esse respeito o major Mac-Nabs levantou. Tornou-se evidente que os graus mencionados no documento só se referiam ao lugar do naufrágio, e que por conseguinte a garrafa tinha sido lançada ao mar no lugar onde a «Britannia» se despedaçara na costa ocidental da Austrália.

Entretanto, e como Glenarvan com muita razão fez observar, esta interpretação definitiva não excluía a hipótese do cativo do capitão Grant. Demais, o capitão l'azia pressentir isso mesmo no seu documento pelas palavras seguintes, que era preciso tomar em conta: *onde serão prisioneiros de cruéis indígenas*. Mas já não existia nenhuma razão para procurar os prisioneiros no paralelo trinta e sete, em vez de os procurar em qualquer outro.

Esta questão, discutida por muito tempo, chegou assim à sua resolução definitiva, e produziu as seguintes consequências: se não encontrassem no cabo Bernoulli vestígios da «Britannia», Lord Glenarvan nada mais tinha a fazer do que voltar à Europa. Teriam sido infrutíferas as suas pesquisas, mas cumpria o seu dever conscienciosa e corajosamente.

Estas conclusões não deixaram de entristecer os passageiros do iate e de desesperar Mary Grant e Roberto. Partindo para terra na companhia de Lord e Lady Glenarvan, de John Mangles, Mac-Nabs e Paganel, os dois filhos do capitão diziam um ao outro que a questão do salvamento de seu pai ia irrevogavelmente resolver-se. Irrevogavelmente, pode-se assim dizer, porque Paganel, numa discussão anterior, demonstrara judiciosamente que os náufragos teriam já há muito sido restituídos à pátria se o seu navio se tivesse despedaçado contra os escolhos da costa oriental.

— Esperança! Esperança! Sempre esperança! — repetia Lady Helena à jovem, sentada junto dela na embarcação que as conduzia a terra. — A mão de Deus não nos abandonará!

— Sim, Miss Mary — reforçou o capitão John Mangles —, é depois de os homens terem esgotado todos os seus recursos que o céu intervém, e por algum facto imprevisto lhes abre novos horizontes.

— Deus o ouça, Sr. John! — replicou Mary Grant.

A praia ficava apenas a uma amarra de distância; rematava por suaves declives a extremidade do cabo, que avançava duas milhas pelo mar dentro. A embarcação aportou a um pequeno porto aberto pela natureza entre bancos de coral em via de formação, os quais, com o tempo, hão de vir a constituir uma cinta de recifes na parte meridional da Austrália. Tais como já eram, bastavam para destruir o casco de um navio, e a «Britannia» podia ali ter-se esmigalhado completamente.

Os passageiros do «Duncan» desembarcaram sem dificuldade numa praia absolutamente deserta. Penedias estratificadas formavam uma encosta de sessenta a oitenta pés de altura. Era difícil escalar esta cortina sem escadas nem ganchorras. Felizmente John Mangles descobriu meia milha ao sul uma brecha produzida por um desabamento parcial da penedia. Provavelmente o mar, durante as suas grandes explosões de cólera no equinócio, batia aquela

barreira de tufo friável e causava deste modo a queda de pedaços superiores da penedia.

Glenarvan e os seus companheiros meteram-se pela vala e chegaram ao alto por um declive bastante íngreme. Como um gato, Roberto trepou por um talude muito aprumado, e foi o primeiro a chegar ao cimo da penedia, com desespero de Paganel, que se sentia humilhado por ver as suas grandes pernas de quarenta anos vencidas por umas fracas pernas de doze anos. Contudo, ganhou grande dianteira ao major, que não podia andar mais depressa.

O pequeno grupo, reunido não tardou muito, examinou a planície que se desenrolava à vista. Era um vasto terreno inculto, coberto todo de mato, uma região estéril, que Glenarvan comparou aos vales das baixas regiões da Escócia, e Paganel às áridas charnecas da Bretanha. Mas se este país parecia desabitado ao longo das costas, a presença do homem, não selvagem, porém laborioso, revelou-se ao longe por algumas construções de bom agouro.

— Um moinho! — exclamou Roberto.

Efetivamente, a três milhas de distância, giravam ao vento as velas de um moinho.

— E é um moinho — acudiu Paganel, que acabava de assestar o óculo sobre o objeto era questão. — Eis ali um pequeno monumento, tão modesto como útil, cuja vista tem o condão de encantar os meus olhos.

— Parece um campanário — disse Lady Helena.

— Sim, senhora, e se um mói o pão do corpo, o outro mói o pão da alma. Sob este ponto de vista ainda se parecem.

— Vamos ao moinho — decidiu Glenarvan.

Puseram-se a caminho. Depois de meia hora de marcha, o solo, revolvido pela mão do homem, tomou novo aspeto. A transição do terreno estéril para o campo cultivado foi repentina. Em vez do mato, sebes vivas cercavam um campo recentemente arroteado; alguns bois e meia dúzia de cavalos pastavam em prados rodeados de vigorosas acácias trazidas dos vastos viveiros da ilha Canguru. Pouco a pouco foram aparecendo campos cobertos de cereais, algumas jeiras de terreno povoado de louras espigas, grandes medas de feno postas de pé, parecendo altos cortiços, um belo jardim, digno de Horácio, em que o agradável se aliava ao útil, mais além vários telheiros e abrigos apropriadamente distribuídos; finalmente, uma casa de habitação simples e cómoda, que o moinho dominava com o seu teto alto e agudo e afagava com a sombra móvel das suas grandes velas.

Neste momento, um homem de uns cinquenta anos, de fisionomia simpática, saiu da casa principal, avisado pelo ladrar de quatro grandes cães, que anunciavam a chegada de estrangeiros. Cinco rapazes fortes e formosos, seus filhos, seguiram-no, acompanhados da mãe,

mulher alta e robusta. Aquele homem, rodeado da sua válida família, no meio daquelas construções ainda novas, naquele campo quase virgem, era o tipo perfeito dó colono irlandês que, cansado das misérias do seu país, se decidiu a ir procurar fortuna e felicidade além dos mares.

Ainda Glenarvan e os seus não se tinham apresentado, ainda não tinham tido tempo de declarar os seus nomes e qualidades, já estas cordiais palavras os acolhiam:

— Estrangeiros, sejam bem-vindos à casa de Paddy O'Moore.

— É irlandês? — perguntou Glenarvan, agarrando a mão que o colono lhe oferecia.

— Já fui — respondeu Paddy O'Moore. — Agora sou australiano. Entrem, senhores; sejam quem forem, esta casa é vossa.

Nada havia a fazer senão aceitar sem cerimónia um convite feito de tão boa vontade. Lady Helena e Mary Grant, conduzidas por Mistress O'Moore, entraram na casa, enquanto os filhos do colono desembaraçavam os visitantes das suas armas.

Uma vasta sala, fresca e clara, ocupava o rés do chão de uma casa construída de fortes pranchas dispostas horizontalmente. Alguns bancos de madeira, pegados às paredes pintadas de alegres cores, uma dezena de escabelos, dois aparadores de carvalho, onde estava exposta uma louça branca, alguns canjirões de estanho muito brilhante, uma larga e comprida mesa, à qual vinte convivas se poderiam sentar muito à vontade, formavam uma mobília digna daquela sólida casa e dos moradores que ela continha.

O jantar estava na mesa. A terrina da sopa fumegava entre o rosbife e a perna de carneiro assada, rodeado tudo isto de grandes pratos com azeitonas, laranjas e uvas; achava-se ali o necessário e o supérfluo não faltava. O dono e a dona da casa tinham um aspeto agradável, a mesa, de tentadora aparência, era tão vasta e abundantemente fornecida que seria descortesia não tomar lugar junto dela. Já os criados da herdade, os iguais do seu amo, vinham ali partilhar a refeição comum. Paddy O'Moore indicou com a mão o lugar reservado aos estrangeiros.

— Esperava-os — disse ele com modo singelo a Lord Glenarvan.

— O senhor? — redarguiu o lord com grande surpresa.

— Espero sempre os que vêm — replicou o irlandês.

Depois, com voz grave, enquanto os criados e a família se conservavam respeitosamente de pé, recitou o *benedicite*. Lady Helena sentiu-se comovida diante de tamanha simplicidade de costumes, e um olhar do marido fez-lhe compreender que ele também admirava aquela cena.

Fez-se honra ao jantar. Não tardou que a conversa se travasse em toda a linha. O Tweed, da largura de algumas toesas, cava mais profundo fosso entre a Escócia e a Inglaterra do que as

vinte léguas do canal da Irlanda que separam a velha Caledónia da verdejante Erin. Paddy O'Moore contou a sua história. Era a de todos os emigrantes a quem a miséria faz abandonar a pátria. Muitos deles vêm procurar fortuna longe dela e só encontram desgostos e infortúnios. Acusam a sorte, esquecendo-se de acusar a sua falta de inteligência, a preguiça e os vícios que os dominam. Todo aquele que é sóbrio, corajoso, económico e honrado tem fortuna.

Tal foi e tal era Paddy O'Moore. Deixou Dundalk, onde morria literalmente de fome, levou a família para os países australianos, desembarcou em Adelaide, desprezou o trabalho de mineiro pelas fadigas menos contingentes do agricultor, e dois meses depois começou a sua exploração, atualmente tão próspera.

Todo o território da Austrália do Sul é dividido em lotes de uma extensão de 32,32 hectares cada lote. Estas diversas porções de terreno são cedidas aos colonos pelo Governo, e cada lote proporciona os meios de subsistência ao agricultor laborioso, permitindo-lhe que ponha de parte uma quantia líquida de oitenta libras esterlinas. Paddy O'Moore sabia isso. Os seus conhecimentos agronómicos serviram-lhe de muito. Viveu, economizou, adquiriu novos lotes com os lucros do primeiro. A sua família prosperou e igualmente a sua exploração agrícola. O campónio irlandês tornou-se proprietário de terras, e, apesar de o seu estabelecimento não chegar a contar dois anos de existência, possuía já um solo fecundado pela sua atividade e quinhentas cabeças de gado. Era senhor de si, depois de ter sido escravo dos europeus, e independente como se pode ser no país mais livre do mundo.

Os seus hóspedes responderam a esta narrativa do emigrado irlandês com felicitações sinceras e cheias de franqueza. Concluindo, Paddy O'Moore esperava decerto confiança por confiança, mas sem a provocar. Era dessas pessoas discretas que dizem: «Eis o que eu sou, mas não vos pergunto o que sois.» Glenarvan tinha imediato interesse em falar do «Duncan», da sua presença no cabo Bernoulli e das pesquisas a que procedia com infatigável perseverança. Como homem, porém, que vai direito ao fim que se propõe, começou por interrogar Paddy O'Moore a respeito do naufrágio da «Britannia».

A resposta do irlandês não foi favorável. Nunca tinha ouvido falar daquele navio. Nos últimos dois anos nenhum barco viera dar à costa, nem aquém nem além do cabo. Ora, a catástrofe datava apenas de dois anos. Podia, portanto, afirmar com a maior certeza que os naufragos não haviam sido arremessados àquela porção das praias de oeste.

— Agora, milord, perguntar-lhe-ei que interesse tem em me dirigir essa pergunta.

Glenarvan contou então ao colono a história do documento, a viagem do iate, as tentativas para achar o capitão Grant; não ocultou que as suas mais queridas esperanças se desvaneciam

diante de tão decisivas afirmativas e que desesperava de encontrar os náufragos da «Britannia».

Tais palavras deviam produzir dolorosa impressão nos ouvintes. Roberto e Mary tinham os olhos humedecidos de lágrimas. Paganel não achava uma palavra de consolação e de esperança. John Mangles partilhava uma dor que ele não podia minorar. Já o desespero começava a apoderar-se da alma desses homens generosos que o «Duncan» acabava de transportar inutilmente àquelas plagas longínquas, quando soaram as seguintes palavras:

— Milord, dê graças ao Altíssimo! Se o capitão Grant ainda vive, é na Austrália que se encontra!

Capítulo 7 — Ayrton

É impossível descrever a surpresa que estas palavras produziram. Glenarvan levantara-se dum salto e, fazendo recuar com violência o banco em que estava sentado, exclamou:

— Quem fala desse modo?

— Eu — respondeu um dos servidores de Paddy O'Moore, sentado na extremidade da mesa.

— Tu, Ayrton! — disse o colono, não menos estupefacto do que Glenarvan.

— Eu — repetiu Ayrton com voz comovida, mas firme —, eu, um escocês como milord, eu, um dos náufragos da «Britannia».

Esta declaração produziu um efeito que não se pode descrever. Mary Grant, quase desmaiada pela comoção, meia morta de felicidade, caiu nos braços de Lady Helena. John Mangles, Roberto e Paganel, levantando-se, correram para aquele a quem Paddy O'Moore acabava de dar o nome de Ayrton.

Era homem de quarenta e cinco anos, fisionomia rude, cujo olhar brilhante se perdia numa arcada orbitária muito profunda. Devia ter força pouco comum, apesar da sua magreza. Era todo ossos e nervos, e, segundo o dizer escocês, não perdia tempo a criar gordura. A estatura mediana, os ombros largos, os movimentos desembaraçados, as feições respirando inteligência e energia, se bem que um pouco carregados, tornavam-no simpático. Além disso, os vestígios que se lhe viam no rosto de recentes angústias aumentavam essa simpatia. Via-se que sofrera muito, se bem que parecia homem capaz de suportar o sofrimento, arrostá-lo e vencê-lo.

Glenarvan e os seus amigos sentiram tudo isto à primeira vista. A personalidade de Ayrton sobressaía logo. Arvorando-se em intérprete de todos, Glenarvan apertou-o com perguntas a que ele respondeu. O encontro de Glenarvan e de Ayrton causara em ambos comoção recíproca.

Por isso as primeiras perguntas de Glenarvan sucederam-se precipitadamente, sem ordem e como que involuntariamente.

— É um dos náufragos da «Britannia», Ayrton? — perguntou ele.

— Sim, milord, cabo de marinheiros do capitão Grant.

— Salvo com ele depois do naufrágio?

— Não, milord, não. Nesse momento terrível, fui separado dele, arrebatado da tolda, arremessado para a costa.

— Não é então nenhum dos dois marinheiros de que fala o documento?

— Não. Não conhecia a existência desse documento. O capitão deitou-o ao mar quando eu já não estava a bordo.

— Mas o capitão? O capitão?

— Julgava que se tivesse afogado, que havia desaparecido ou que fora tragado pelo mar com toda a tripulação da «Britannia». Supunha até que só eu sobrevivera à catástrofe.

— Mas o senhor disse que o capitão vivia!

— Não. Disse apenas: «Se o capitão ainda vive...»

— Mas acrescentou: «Acha-se no continente australiano!...»

— Só aqui se pode encontrar, efetivamente.

— Então não sabe onde ele está?

— Não, milord; repito: julgava-o sepultado nas ondas, ou despedaçado contra os rochedos. É o senhor quem me informa que ele talvez ainda viva.

— Mas então o que sabe? — perguntou Glenarvan.

— Só isto. Se o capitão ainda vive, não pode estar senão na Austrália.

— Onde sucedeu então o naufrágio? — perguntou naquele momento Mac-Nabs.

Era a primeira pergunta a fazer, mas, no meio da perturbação causada por este incidente, Glenarvan, com a pressa de saber primeiro que tudo onde o capitão estava, não se informou do lugar onde a «Britannia» se perdera. Daquele momento em diante, a conversa, até ali vaga, ilógica, aos saltos, tocando levemente nos assuntos sem os aprofundar, confundindo os factos, alterando as datas, tomou um andamento mais razoável, e dali a pouco os pormenores daquela história obscura apareceram nítidos e precisos ao espírito dos ouvintes.

À pergunta feita por Mac-Nabs, Ayrton respondeu nestes termos:

— Quando fui arrebatado ao castelo da proa, onde estava arriando a bujarrona, a «Britannia» corria em direção à costa da Austrália. Não distava dela duas amarras. O naufrágio foi portanto ali mesmo.

— Por trinta e sete graus de latitude? — perguntou John Mangles.

— Por trinta e sete graus — respondeu o cabo de marinheiros.

— Sobre a costa ocidental?

— Não! Sobre a costa oriental — replicou Ayrton com vivacidade.

— E em que época?

— Na noite de 27 de junho de 1862.

— É isso! É isso mesmo! — exclamou Glenarvan.

— Bem vê, pois, milord — acrescentou Ayrton —, que pude dizer com muita razão: «Se o

capitão Grant ainda vive, é no continente australiano que se encontra, não noutra parte.»

— E havemos de procurá-lo, havemos de achá-lo e salvá-lo, meu amigo — exclamou Paganel. — Ah! Precioso documento — acrescentou ele com toda a ingenuidade —, é preciso confessar que vieste dar em mãos de gente bem perspicaz!

Decerto que ninguém ouviu estas palavras lisonjeiras. Glenarvan e Lady Helena, Mary e Roberto agrupavam-se ansiosos em volta de Ayrton. Apertavam-lhe as mãos. Parecia que aquele homem era uma garantia da salvação de Harry Grant. Visto que o marinheiro escapara aos perigos do naufrágio, porque é que o capitão não havia de sair são e salvo da mesma catástrofe? Ayrton repetia com afã que o capitão Grant devia estar vivo como ele. Onde, não o sabia dizer, mas com certeza no continente. Às inúmeras perguntas que lhe dirigiam respondia com um inteligência e uma precisão incríveis. Miss Mary, enquanto ele falava, segurava-lhe uma das mãos nas suas. Era um companheiro de seu pai aquele marinheiro, era um dos tripulantes da «Britannia»! Vivera junto de Harry Grant, correria com ele os mares, arrostarta os mesmos perigos! Mary não podia arredar a vista daquela rude fisionomia e chorava de felicidade.

Até então ninguém se lembrara de pôr em dúvida a verdade e a identidade do cabo de marinheiros. Só o major, e talvez John Mangles, menos fáceis de se convencerem, perguntaram a si mesmos se as palavras de Ayrton mereciam inteira confiança. O seu encontro imprevisto podia despertar algumas suspeitas. Era verdade que Ayrton citara factos e datas concordes, particularidades muito frisantes. Mas as minuciosidades, por muito exatas que sejam, não constituem uma certeza, e geralmente, como se tem notado, a mentira impõe-se pelo rigor das particularidades. O major Mac-Nabs guardou, portanto, a sua opinião para si, e absteve-se de emitir voto na questão.

Quanto a John Mangles, as suas dúvidas não resistiram muito tempo às palavras do marinheiro, e ficou-o considerando um verdadeiro companheiro do capitão Grant, quando o ouviu falar à jovem a respeito do pai. Ayrton conhecia perfeitamente Mary e Roberto. Vira-os em Glasgow por ocasião de partir a «Britannia». Referiu-se à sua presença no almoço de despedida dado a bordo aos amigos do capitão. O xerife Mac Intyre assistira a ele. Tinham confiado Roberto, que contava apenas dez anos, ao cuidado de Dick Turner, o mestre do navio, e Roberto fugiu-lhe para trepar aos vaus do joanete.

— É verdade, é verdade — confirmava Roberto Grant.

E Ayrton recordava assim mil factos insignificantes, sem parecer dar-lhes a importância que lhes dava John Mangles. E quando ele se calava, Mary dizia-lhe com a sua voz meiga:

— Continue, Sr. Ayrton, continue a falar-nos de nosso pai.

O cabo de marinheiros satisfez o melhor que pode os desejos da jovem. Glenarvan não queria interrompê-lo, e, entretanto, mais de vinte perguntas úteis lhe acudiam tumultuosamente ao espírito; porém, Lady Helena, mostrando-lhe a alegre comoção de Mary, fazia-o deter. Foi nesta conversação que Ayrton contou a história da «Britannia» e a sua viagem através dos mares do Pacífico. Mary Grant conhecia uma grande parte dessa história, porque as notícias que havia do navio alcançavam o mês de maio do ano de 1862. Durante este período de um ano, Harry Grant tocou nas principais terras da Oceânia. Aportou às Hébrides, à Nova Guiné, à Nova Zelândia, à Nova Caledónia, deparando-se-lhe atos de posse pouco justificados, sofrendo a má vontade das autoridades inglesas, porque o seu navio estava apontado nas colónias britânicas. Entretanto, achara um local importante na costa ocidental da Papuásia; ali, o estabelecimento de uma colónia escocesa pareceu-lhe fácil e certa a sua prosperidade. Efetivamente, um porto na derrota das Molucas e das Filipinas devia atrair os navios, principalmente quando a abertura do istmo do Suez suprimisse a via do cabo da Boa Esperança. Harry Grant era daqueles que preconizavam em Inglaterra a obra de Mr. de Lesseps e não opunham o estorvo das rivalidades políticas a um grande interesse nacional.

Depois do reconhecimento da Papuásia, a «Britannia» foi meter mantimentos em Callao, e largou deste porto no dia 30 de maio de 1862 para voltar à Europa pelo oceano Índico e cabo da Boa Esperança. Três semanas depois de partir, uma terrível tempestade fez desarvorar o navio. Enrascou-se, Foi preciso cortar os mastros. O barco declarou-se com água aberta no fundo, e não foi possível embaçar o rombo. A tripulação bem depressa se sentiu extenuada. Não se pôde esgotar o navio. Durante oito dias a «Britannia» andou ao sabor da tempestade. Tinha seis pés de água no porão. Ia-se afundando pouco a pouco. As embarcações tinham sido arrebatadas pela tempestade. Era preciso resignarem-se à morte quando, na noite de 22 de junho, como perfeitamente compreendera Paganel, avistaram a costa oriental da Austrália. Dali a pouco o navio deu à costa. Houve um choque terrível. Naquele momento Ayrton, arrebatado por uma vaga, foi arremessado sobre os escolhos e perdeu os sentidos. Quando voltou a si estava em poder dos indígenas, que o levaram para o interior do continente. Desde então nunca mais ouviu falar da «Britannia», e supôs, não sem razão, que se havia perdido completamente nos perigosos recifes de Twofold-Bay.

Terminava neste ponto a narração relativa ao capitão Grant. Mais de uma vez ela arrancou dolorosas exclamações. O major não podia, sem injustiça, duvidar da sua autenticidade. Mas, depois da história da «Britannia», a história particular de Ayrton devia despertar interesse ainda mais atual.

Graças ao documento, não havia dúvida de que o capitão Grant, como o próprio Ayrton, sobrevivera ao naufrágio, na companhia de dois marinheiros. Da sorte de um podia-se facilmente deduzir a sorte do outro. Convidaram Ayrton a fazer a narração das suas aventuras. Foi simples e breve essa narração.

O marinheiro, prisioneiro de uma tribo indígena, foi conduzido para as regiões interiores banhadas pelo Darling, isto é, para quatrocentas milhas ao norte do paralelo trinta e sete. Viveu aí muito miserável, porque a tribo também era miserável, mas não sofreu maus tratos. Foram dois longos anos de penosa escravidão. Entretanto, a esperança de recuperar a liberdade não lhe saía do coração. Espreitava a menor ocasião de se salvar, apesar de que a fuga havia de o lançar em inumeráveis perigos.

Numa noite de outubro de 1864 iludiu a vigilância dos naturais e desapareceu na profundidade de imensas florestas. Durante um mês, vivendo de raízes de fetos comestíveis, da goma das sensitivas, vagueou no meio destas vastas solidões, guiando-se de dia pelo sol, de noite pelas estrelas, muitas vezes abatido pelo desespero. Atravessou deste modo pântanos, rios, montanhas, toda a porção desabitada do continente, que raros viajantes têm pisado nos seus arrojados itinerários. Finalmente, exausto de forças, meio morto, chegou à habitação hospitaleira de Paddy O'Moore, onde conseguiu passar uma vida feliz a troco do seu trabalho.

— E se Ayrton me tece elogios — interpôs o colono irlandês — eu não tenho senão a tecer elogios a ele. E um homem inteligente, honesto, um bom trabalhador, e, se lhe aprover, a casa de Paddy O'Moore será por muito tempo a sua.

Ayrton agradeceu ao irlandês com um gesto e esperou que novas perguntas lhe fossem dirigidas. Entretanto, dizia consigo que a legítima curiosidade dos seus ouvintes devia estar satisfeita. A que mais teria ele de responder que não tivesse já dito? Glenarvan ia, portanto, abrir a discussão sobre o novo plano que se devia combinar, aproveitando o encontro de Ayrton e as suas informações, quando o major, dirigindo-se ao marinheiro, lhe disse:

— Era cabo de marinheiros a bordo da «Britannia»?

— Sim — respondeu Ayrton sem hesitar.

Mas, percebendo que uma leve desconfiança, uma dúvida, por pequena que fosse, tinha ditado aquelas palavras ao major, acrescentou:

— Demais, salvei a minha contrata de marinheiro a bordo da «Britannia».

E saiu no mesmo instante da sala comum para ir buscar aquele documento oficial. A ausência pouco durou. Paddy teve ainda assim tempo para dizer:

— Milord, garanto-lhe que Ayrton é um bom homem. Vai para dois meses que está ao meu

serviço e não tenho uma censura que lhe fazer. Conheci a história do seu naufrágio e cativo. É um homem leal, digno de toda a confiança.

Glenarvan ia responder que não duvidara nunca da boa fé de Ayrton quando este tornou a entrar e apresentou a sua contrata em regra. Era um papel assinado pelos armadores da «Britannia» e pelo capitão Grant, cuja assinatura Mary perfeitamente reconheceu. Certificava que «Tom Ayrton, marinheiro de primeira classe, estava contratado como cabo de marinheiros a bordo da galera «Britannia», de Glasgow». Já não havia, pois, dúvida a respeito da identidade de Ayrton, porque seria difícil admitir que aquele documento estivesse nas suas mãos e não lhe pertencesse.

— Agora — disse Glenarvan — apelo para os conselhos de todos e peço uma discussão imediata sobre o que convém fazer. Os seus esclarecimentos, Ayrton, ser-nos-ão particularmente preciosos, e ficar-lhe-ei muito agradecido se no-los der.

Ayrton refletiu alguns instantes, depois respondeu nos seguintes termos:

— Agradeço-lhe, milord, a confiança que têm em mim, e espero que me hei de mostrar digno dela. Conheço um pouco este país, os costumes dos indígenas, e se lhe posso ser útil...

— Decerto que pode — respondeu Glenarvan.

— Penso, como milord — continuou Ayrton —, que o capitão Grant e os seus dois marinheiros foram salvos do naufrágio, mas como não alcançaram as possessões inglesas, pois não tornaram a aparecer, não duvido de que a sua sorte tenha sido a minha, e estejam prisioneiros de alguma tribo de selvagens.

— Está a repetir, Ayrton — observou Paganel —, os argumentos que eu já fiz valer. Os naufragos estão por força em poder dos indígenas, como eles receavam. Mas devemos nós pensar que, como o senhor, foram levados para além do paralelo trinta e sete?

— É de supor — respondeu Ayrton. — As tribos inimigas fogem dos distritos submetidos aos ingleses.

— Eis o que vai complicar as nossas pesquisas — afirmou Glenarvan, bastante perturbado. — Como é que se podem encontrar os vestígios dos prisioneiros no interior de um tão vasto continente?

Um silêncio prolongado acolheu esta observação. Lady Helena interrogava muitas vezes com o olhar todos os seus companheiros sem obter resposta. O próprio Paganel, contra o costume, estava silencioso. O seu habitual engenho deixava-o ficar mal desta vez. John Mangles media a grandes passos a sala comum, como faria a bordo do navio que comandava, e mostrava-se deveras embaraçado.

— E o Sr. Ayrton o que faria? — perguntou Lady Helena, dirigindo-se ao marinheiro.

— Milady — respondeu Ayrton com vivacidade — se fosse comigo, tornaria a embarcar no «Duncan» e iria direito ao lugar do naufrágio. Aí, faria o que me aconselhassem as circunstâncias e os indícios que talvez o acaso me ministrasse.

— Bem — concordou Glenarvan —, com a diferença de que será preciso esperar que o «Duncan» seja reparado devidamente.

— Ah! Tiveram avarias? — perguntou Ayrton.

— Sim — respondeu John Mangles.

— Graves?

— Não, mas que tornam necessário o emprego de ferramenta que não temos a bordo. Está torcida uma das hastes da hélice, e só em Melbourne pode ser reparada.

— Não podem ir à vela? — perguntou o cabo.

— Sim, mas por pouco que os ventos lhe contrariem o andamento, o «Duncan» levará muito tempo a chegar a Twofold-Bay, e em todo o caso será preciso, sem dúvida, que volte para Melbourne.

— Pois bem, que vá, que vá a Melbourne! — exclamou Paganel —, e vamos nós à baía Twofold.

— Mas como? — perguntou John Mangles.

— Atravessando a Austrália como atravessámos a América, seguindo o paralelo trinta e sete.

— Mas o «Duncan»? — perguntou Ayrton, insistindo dum modo muito particular.

— O «Duncan» irá ter connosco, ou nós iremos ter com ele, conforme as circunstâncias. Se durante a nossa viagem encontrarmos o capitão Grant, voltaremos juntos a Melbourne. Se, pelo contrário, tivermos de continuar a viagem até à costa, o «Duncan» virá ter connosco. Quem tem objeções a fazer a este plano? É o major?

— Não — respondeu Mac-Nabs —, se for possível uma viagem através da Austrália.

— Tão possível — redarguiu Paganel — que proponho que Lady Helena e Miss Grant nos acompanhem.

— Fala sério, Paganel? — inquiriu Glenarvan.

— Muito sério, caro lord. É uma viagem de mil e duzentas léguas, nada mais! A doze milhas por dia, durará um mês apenas, isto é, o tempo necessário para as reparações do «Duncan». Ah! Se se tratasse de atravessar o continente australiano numa latitude inferior, se fosse preciso cortá-lo na sua maior largura, passar pelos imensos desertos onde a água falta, onde o calor é

tórrido, finalmente fazer o que nem sequer tentaram os mais arrojados viajantes, seria diferente! Mas o paralelo trinta e sete corta a província de Vitória, um país inglês, como os países ingleses são, com estradas, caminhos de ferro, e povoada na maior parte da sua extensão. É uma viagem que se faz de caleche, se se quiser, ou de carro, o que é preferível. É um passeio de Londres a Edimburgo, nada mais.

— Mas os animais ferozes? — observou Glenarvan, que queria levantar todas as objeções possíveis.

— Não há animais ferozes na Austrália.

— Mas os selvagens?

— Não há selvagens sob esta latitude e, em todo o caso, não têm a crueldade dos habitantes da Nova Zelândia.

— Mas os convictos?

— Não há convictos nas províncias meridionais da Austrália, mas somente nas colónias do Oriente. A província de Vitória não só os expulsou, como fez uma lei para afastar do seu território os condenados libertos das outras províncias. O Governo de Vitória chegou até, neste ano, a ameaçar a Companhia Peninsular de que lhe tirava o subsídio se os seus navios continuassem a tomar carvão nos portos da Austrália meridional, onde os convictos são admitidos. Como, pois não sabia isso, o senhor, um inglês?!

— Em primeiro lugar, eu não sou inglês — replicou Glenarvan.

— O que Mr. Paganel acaba de dizer é muito justo — disse então Paddy O'Moore. — Não é só a província de Vitória; também a Austrália meridional, o Queensland, a própria Tasmânia, estão de acordo em afastar os deportados do seu território. Desde que habito esta plantação, ainda não ouvi falar de um só convicto.

— E pela minha parte nunca os encontrei — acrescentou Ayrton.

— Bem veem, meus amigos — prosseguiu Jacques Paganel —, poucos selvagens, nenhum animal feroz, nenhum convicto; há poucos países na Europa de que se possa dizer outro tanto! Ora bem! Está combinado?

— Que lhe parece, Helena? — perguntou Glenarvan.

— O que parece a todos, querido Edward — respondeu Lady Helena. Depois, voltando-se para os seus companheiros, exclamou: — A caminho!

Capítulo 8 — A Partida

Glenarvan não tinha por costume perder tempo entre a adoção de uma ideia e a sua execução. Admitida que foi a proposta de Paganel, deu imediatamente as suas ordens para que os preparativos da viagem se fizessem no mais breve prazo. A partida foi fixada para dali a dois dias, 22 de dezembro.

Que resultados devia produzir a travessia da Austrália? Visto que a presença de Harry Grant se tornara um facto indiscutível, as consequências da expedição podiam ser grandes. Aumentava o número das probabilidades favoráveis. Ninguém afagava a esperança de encontrar o capitão Grant precisamente na linha do paralelo trinta e sete, que ia ser rigorosamente seguida, mas era muito possível que se encontrassem os seus vestígios, e em todo o caso esse paralelo conduzia diretamente ao lugar do naufrágio. Era este o ponto principal.

Demais, se Ayrton consentia em incorporar-se com os viajantes, em guiá-los através das florestas da província de Vitória, em conduzi-los até à costa oriental, oferecia-se nova probabilidade de êxito. Glenarvan bem o sentia; desejava muito obter o útil auxílio do companheiro de Harry Grant, e perguntou ao seu anfitrião se não lhe causaria desagrado que propusesse a Ayrton a sua entrada no pessoal da nova expedição.

Paddy O'Moore deu o seu *consentimento*, *não sem* lastimar a perda de tão excelente serviçal.

— Ora bem, Ayrton acompanha-nos nesta expedição em busca dos náufragos da «Britannia»?

Ayrton não respondeu logo a esta pergunta; pareceu até hesitar alguns instantes. Afinal, depois de refletir bem, disse:

— Sim, milord, segui-lo-ei, e se não o conduzir após os vestígios do capitão Grant, ao menos levá-lo-ei ao próprio lugar onde o navio se despedaçou.

— Obrigado, Ayrton — respondeu Glenarvan.

— Uma pergunta só, milord.

— Diga, meu amigo.

— Onde alcançará o «Duncan»?

— Em Melburne, se não atravessarmos a Austrália de uma costa a outra. Na costa oriental, se as nossas investigações se prolongarem até lá.

— Mas então o seu capitão?

— O meu capitão esperará as minhas instruções no porto de Melbourne.

— Bem, milord — disse Ayrton —, conte comigo.

— Conto, Ayrton — redarguiu Glenarvan.

O cabo de marinheiros da «Britannia» recebeu os calorosos agradecimentos dos passageiros do «Duncan». Os filhos do capitão Grant prodigalizaram-lhe as mais afetuosas carícias. Todos se felicitavam pela sua decisão, salvo o irlandês, que perdia nele um auxiliar inteligente e fiel. Mas Paddy compreendia a importância que Glenarvan devia ligar à presença do cabo de marinheiros, e resignou-se. Glenarvan encarregou-o de arranjar meios de transporte para a viagem através da Austrália, e, feita esta combinação, os passageiros voltaram para bordo, depois de haverem ajustado com Ayrton quando se tornariam a ver.

Foi alegre o regresso. Tudo estava mudado. Desaparecia a menor sombra de hesitação. Os corajosos exploradores já não seguiam às cegas a linha do paralelo trinta e sete. Não restava dúvida de que Harry Grant achara refúgio no continente, e todos sentiam a verdadeira satisfação que dá a certeza depois da dúvida.

Se as circunstâncias o favorecessem, dentro de dois meses o «Duncan» reconduziria o capitão Harry Grant às praias escocesas.

Quando John Mangles apoiou a proposta de se tentar com os passageiros a travessia da Austrália, supunha com fundamento que daquela vez acompanharia a expedição. Por isso teve a tal respeito uma conferência com Glenarvan. Fez valer em seu favor toda a espécie de argumentos, a sua dedicação para com Lady Helena, para com Sua Honra, a sua utilidade como organizador da caravana, e a sua inutilidade como capitão a bordo do «Duncan»; enfim milhares de excelentes razões, exceto a melhor, da qual Glenarvan não tinha necessidade para se convencer do que dizia o capitão.

— Uma pergunta só, John — disse Glenarvan. — Tem absoluta confiança no seu imediato?

— Absoluta — assegurou John Mangles. — Tom Austin é um bom marinheiro. Conduzirá o «Duncan» ao seu destino, repará-lo-á habilmente e torná-lo-á a trazer no dia aprazado. Tom Austin é homem escravo do dever e da disciplina. Nunca tomará a resolução de modificar ou adiar a execução de qualquer ordem. Vossa Honra pode contar com ele como se fosse comigo mesmo.

— Fica entendido, John — declarou Glenarvan — acompanhar-nos-á; porque será bom — acrescentou ele sorrindo — que esteja presente quando acharmos o pai de Mary Grant.

— Oh! Vossa Honra!... — murmurou John Mangles.

Foi só o que pôde dizer. Fez-se pálido por um momento e agarrou na mão que lhe estendia Lord Glenarvan.

No dia seguinte, John Mangles, acompanhado do carpinteiro e de marinheiros carregados de víveres, voltou ao estabelecimento de Paddy O'Moore. Devia organizar os meios de transporte, de combinação com o honrado irlandês.

Toda a família o esperava, prestes a trabalhar sob as suas ordens. Estava ali Ayrton, e não poupou os conselhos que a sua experiência lhe inspirava.

Glenarvan e Paddy concordaram sobre isto: que as senhoras deviam fazer a viagem em carro puxado a bois, e os viajantes a cavalo. Paddy estava no caso de arranjar os bois e o veículo.

Era o veículo um desses carros do comprimento de vinte pés, coberto de um toldo, sustentados por quatro rodas, mas rodas sem raios, sem pinas, numa palavra, simples discos de madeira. O jogo dianteiro, muito afastado do jogo traseiro, ligava-se com este por meio de um mecanismo muito rudimentar, que não permitia dar curvas apertadas. Ao carro estava fixada uma lança de trinta e cinco pés, ao longo da qual seis juntas de bois deviam tomar lugar. Assim dispostos, os animais puxavam com a cabeça e o cachaço, graças à dupla combinação de uma canga posta sobre a nuca e de uma coleira fixada na canga por meio de uma chaveta de ferro. Era preciso grande habilidade para conduzir esta máquina estreita, comprida, oscilante, sujeita a desvios, e para guiar o tiro com um agulhão. Mas Ayrton adquirira prática na herdade irlandesa, e Paddy respondia pela sua perícia. Foi, portanto, incumbido do mister de condutor.

Desprovido de molas, o veículo não oferecia comodidade alguma; mas, tal como era, assim era preciso aceitá-lo. John Mangles, nada podendo mudar na sua grosseira construção, tratou de o dispor por dentro da maneira mais conveniente. Começaram por dividi-lo em dois compartimentos por meio de um tabique de madeira. A traseira foi destinada a acomodar os víveres, a bagagem e a cozinha portátil de Mr. Olbinett. A dianteira foi reservada unicamente às viajantes. Sob a direção do carpinteiro, este primeiro compartimento transformou-se numa câmara cômoda, atapetada com espessa alcatifa, provida de um toucador e de duas pequenas camas reservadas para Lady Helena e Mary Grant. Espessas cortinas de couro fechavam-no, em caso de necessidade, completamente, abrigavam-no da frescura das noites. Em rigor, os homens poderiam ali refugiar-se durante as grandes chuvas; mas uma tenda devia habitualmente abrigá-los à hora do acampamento. John Mangles empregou todo o seu engenho em reunir neste limitado espaço todos os objetos necessários a duas mulheres, e conseguiu-o. Lady Helena e Mary Grant não deviam, nesta câmara que rodava, ter muitas saudades dos confortáveis

camarotes do «Duncan».

Quanto aos viajantes, tornou-se mais simples: sete cavalos vigorosos foram destinados a Lord Glenarvan, Paganel, Roberto Grant, Mac-Nabs, John Mangles e aos dois marinheiros Wilson e Mulrady, que acompanhavam o amo nesta nova expedição. Ayrton tinha o lugar que lhe era próprio no assento dianteiro do carro, e Mr. Olbinett, pessoa que não sentia queda para a equitação, arranjar-se-ia muito bem viajando no compartimento das bagagens.

Os cavalos e os bois pastavam pelos prados, e podiam facilmente ser reunidos no momento da partida.

Depois de tomar as suas disposições e de dar as suas ordens ao mestre carpinteiro, John Mangles voltou para bordo com a família irlandesa, que quis pagar a visita a Lord Glenarvan. Ayrton julgou conveniente incorporar-se com eles, e por volta das quatro horas, John e os seus companheiros franqueavam o portaló do «Duncan».

Foram recebidos de braços abertos. Glenarvan ofereceu-lhes de jantar a bordo. Não queria ficar atrás em política, e os seus hóspedes aceitaram de boa vontade a desforra da hospitalidade australiana na praça de armas do iate. Paddy O'Moore ficou maravilhado. A mobília dos camarotes, as tapeçarias, o forro de papel, os castelos de popa e proa de bordo e palissandro causaram-lhe grande admiração. Ayrton, pelo contrário, deu moderados sinais de aprovação a estas superfluidades de grande custo.

Mas, em compensação, o cabo de marinheiros da «Britannia» examinou o iate sob um ponto de vista mais marítimo; visitou-o até ao fundo do porão; desceu à câmara da hélice; observou a máquina; indagou qual era a sua força efetiva, o seu consumo; explorou os paióis do carvão, o paiol dos mantimentos, o fornecimento da pólvora; interessou-se particularmente pela praça de armas, pela peça montada do castelo de proa, pelo seu alcance. Glenarvan lidava com um homem entendedor; conheceu isso pelas perguntas particulares de Ayrton. Finalmente, o antigo marinheiro terminou a revista pela inspeção da mastreação e do massame.

— Tem um belo navio, milord — declarou ele.

— E principalmente um bom navio — redarguiu Glenarvan.

— E qual é o seu porte?

— Duzentas e dez toneladas.

— Não me hei de enganar muito — acrescentou Ayrton — se afirmar que o «Duncan» faz com muita facilidade os seus quinze nós a todo o vapor?

— Ponha dezassete — replicou John Mangles — e contará certo.

— Dezassete! — exclamou o cabo. — Então um navio de guerra, e refiro-me aos melhores,

não é capaz de lhe dar caça?

— Nenhum! — respondeu John Mangles. — O «Duncan» é um verdadeiro iate de regata, que não se deixaria bater de modo algum.

— Mesmo à vela? — perguntou Ayrton.

— Mesmo à vela.

— Bem, milord, e o senhor, capitão do barco, recebam os cumprimentos de um marinheiro que sabe o que vale um navio.

— Bem, Ayrton — retorquiu Glenarvan —; fique a bordo do nosso navio, e só dependerá de si que este barco venha a ser também seu.

— hei de pensar nisso, milord — respondeu Ayrton com simplicidade.

Neste momento veio Mr. Olbinett prevenir Sua Honra de que o jantar estava na mesa. Glenarvan e os seus hóspedes dirigiram-se para o tombadilho.

— É um homem inteligente este Ayrton — disse Paganel ao major.

— Inteligente de mais! — objetou o major, que não engraçava de modo algum com a fisionomia e as maneiras do cabo de marinheiros.

Ao jantar, Ayrton deu interessantes e minuciosas informações a respeito do continente australiano, que ele perfeitamente conhecia. Informou-se do número de marinheiros que Lorde Glenarvan levaria na sua expedição. Quando soube que só dois deles, Mulrady e Wilson, deviam acompanhá-lo, pareceu admirado. Incitou Glenarvan a que formasse o seu grupo dos melhores marinheiros do «Duncan». Insistiu mesmo a esse respeito, insistência que, seja dito de passagem, devia desvanecer toda a suspeita do major.

— Mas — observou Glenarvan — a nossa viagem através da Austrália meridional não oferece perigo algum.

— Decerto — concordou Ayrton.

— Bem, então deixemos a bordo o maior número de pessoas que for possível. É preciso gente para manobrar com o «Duncan» à vela e para o consertar. Importa, mais que tudo, que ele apareça no sítio e na data exata que se marcar ulteriormente. Não diminuamos, pois, a nossa tripulação.

Ayrton pareceu compreender a observação de Lord Glenarvan e não insistiu.

Caiu a noite. Escoceses e irlandeses separaram-se. Ayrton e a família de Paddy O'Moore voltaram para a sua habitação. Os cavalos e o carro deviam estar prontos para o dia seguinte. Foi fixada a partida para as oito horas da manhã.

Lady Helena e Mary Grant fizeram os seus últimos preparativos. Foram rápidos, e

principalmente menos minuciosos que os de Jacques Paganel. O sábio passou a noite a desparafusar, limpar e tornar a parafusar, os vidros do seu óculo de alcance. Por isso dormia ainda quando no dia seguinte, ao romper da aurora, o major o acordou com voz retumbante.

Graças ao cuidado de John Mangles, as bagagens já tinham sido transportadas para a fazenda. Uma embarcação esperava os viajantes, que não tardaram. O jovem capitão deu as suas últimas ordens a Tom Austin. Sobretudo recomendou-lhe que esperasse as ordens de Glenarvan em Melbourne, e as executasse escrupulosamente, fossem quais fossem.

O velho marinheiro respondeu a John Mangles que podia contar com ele. Em nome da tripulação fez perante Sua Honra votos pelo êxito da expedição. O escaler largou e uma trovoadade hurras estalou nos ares.

Em dez minutos a embarcação chegou a terra. Um quarto de hora depois, os viajantes davam entrada na plantação irlandesa.

Tudo estava pronto. Lady Helena ficou encantada com a sua instalação. O imenso carro, com as suas rodas primitivas e sólidos tabuões, agradou-lhe particularmente. Os seis bois, atrelados aos pares, tinham uns ares patriarcais que quadravam perfeitamente com o carro. Ayrton, de aguilhão em punho, esperava as ordens do seu novo amo.

— Bravo! — exclamou Paganel. — Eis um admirável veículo, que vale quantos carros de mala-posta há no mundo. Não conheço melhor maneira de correr mundo, à moda dos saltimbancos. Uma casa que se desloca, que anda, que para onde nos convém. Que melhor se pode desejar? Eis o que os antigos Sármatas tinham compreendido, e eles não viajavam de outro modo.

— Sr. Paganel — declarou Lady Helena —, espero ter o prazer de o receber nos meus salões.

— Mas, senhora, será grande honra para mim! — replicou o sábio. — Já destinou o dia em que recebe?

— Para os meus amigos recebo todos os dias — respondeu Lady Helena, rindo —, e o senhor é...

— O mais dedicado de todos, senhora — replicou o sábio com toda a galantaria.

Esta troca de frases corteses foi interrompida pela chegada de sete cavalos, todos arreados, que um dos filhos de Paddy conduzia. Lord Glenarvan combinou com o irlandês o custo destas diversas aquisições, acrescentando-lhe muitos agradecimentos, aos quais o colono dava pelo menos tanto apreço como aos guinéus.

Soou o sinal de partir. Lady Helena e Miss Grant tomaram lugar no seu compartimento,

Ayrton no assento que lhe foi destinado, Olbinett na traseira do carro, Glenarvan, o major, Paganel, Roberto, John Mangles e os dois marinheiros, todos armados de carabinas e de revólveres, montaram nos cavalos. Um «Deus os ajude» foi proferido por Paddy O'Moore e repetido em coro pela família. Ayrton fez ouvir um grito particular, e aguilhoou o extenso tiro. O carro pôs-se em movimento, as tábuas de que era formado generam, os eixos chiaram no cubo das rodas, e dentro em pouco, numa volta da estrada, a plantação hospitaleira do honrado irlandês desapareceu.

Capítulo 9 — A Província de Vitória

Estavam no dia 23 de dezembro de 1864. O dezembro, tão triste, tão enfadonho, tão húmido no hemisfério boreal, deveria chamar-se junho neste continente. Astronomicamente, o estio já contava dois meses de existência, porque, no dia 21, o sol acabava de chegar a Capricórnio, e a sua presença acima do horizonte diminuía alguns minutos. Portanto, era na estação mais quente do ano e sob os raios de um sol quase tropical que devia fazer-se a nova jornada de Glenarvan.

O conjunto das possessões inglesas, nesta parte do oceano Pacífico, chama-se Australásia. Compreende a Nova Zelândia, a Nova Holanda, a Tasmânia e algumas ilhas circunvizinhas. Quanto ao continente australiano, é dividido em vastas colónias de grandeza e riqueza muito desiguais. Quem quer que deite os olhos para as cartas modernas feitas por MM. Petermann ou Preschoel sente-se logo impressionado pelo retilíneo das suas divisões. Os Ingleses tiraram a cordão as linhas convencionais que separam estas grandes províncias. Não olharam nem às vertentes orográficas, nem às correntes dos rios, nem às variedades dos climas e das diferentes raças. Estas colónias confinam rectangularmente entre si e encasam-se como as peças de um embutido. Nesta disposição de linhas direitas, de ângulos retos, conhece-se o trabalho do geómetra, não o do geógrafo. Apenas as costas, com as suas sinuosidades variadas, com os seus fiordes, baías, cabos e estuários, protestam em nome da natureza, com a sua encantadora irregularidade.

Este aspeto de xadrez estimulava sempre, e com razão, a veia de Jacques Paganel. Se a Austrália fosse francesa, com certeza que os geógrafos franceses não teriam levado até aquele ponto a paixão do esquadro e do tira-linhas.

As colónias da grande ilha oceânica são em número de seis atualmente: a Nova Gales do Sul, capital Sydney; o Queensland, capital Brisbane; a província de Vitória, capital Melbourne; a Austrália Meridional, capital Adelaide; a Austrália Ocidental, capital Perth, e finalmente a Austrália Setentrional, que ainda não tem capital. Só as costas são povoadas de colonos. É rara a cidade importante que tivesse o arrojo de se estabelecer a duzentas milhas no interior. Quanto à parte mais central do continente, isto é, uma superfície equivalente a dois terços da Europa, é quase desconhecida.

Felizmente, porém, o paralelo trinta e sete não atravessa estas imensas solidões, estas regiões inacessíveis que têm já custado numerosas vítimas à ciência. Glenarvan não poderia

arrostar as dificuldades que elas oferecem. Só tinha que ver com a parte meridional da Austrália, que se decompunha do modo seguinte: uma estreita porção da província de Adelaide, a província de Vitória em toda a extensão, e finalmente o vértice do triângulo formado pela Nova Gales do Sul.

Ora, do cabo Bernoulli à fronteira de Vitória contam-se apenas vinte e quatro léguas. Eram, o muito, dois dias de marcha, e Ayrton esperava dormir no dia seguinte em Aspley, a cidade mais ocidental de Vitória.

O começo das viagens é sempre assinalado pelo ímpeto dos cavaleiros e dos cavalos. Quanto à animação dos primeiros, nada havia a dizer, mas pareceu conveniente moderar a marcha dos segundos. Quem quer ir longe deve poupar o cavalo. Resolveu-se por isso que em cada dia só se fizessem vinte e cinco a trinta milhas em média.

Demais, o passo dos cavalos devia regular-se pelo passo mais vagaroso dos bois, verdadeiros engenhos que perdem em tempo o que ganham em força. O carro, com os passageiros, com os fornecimentos, era o núcleo da caravana, a fortaleza ambulante. Os cavaleiros podiam bater a estrada nos flancos da fortaleza, mas nunca deviam afastar-se dela.

Como na marcha não se adotou nenhuma disposição especial, cada qual ficou livre de fazer o que entendesse, dentro de certo limite; os caçadores podiam explorar a planície, os que tinham índole amável conversar com as habitantes do carro, os filósofos filosofar uns com os outros. Paganel, que era dotado em alto grau de todas estas qualidades, devia encontrar-se, e encontrava-se efetivamente, em toda a parte ao mesmo tempo.

A travessia da Austrália nada ofereceu de interessante. Uma série de colinas pouco elevadas, mas abundantes em poeira, uma grande extensão de terrenos incultos, cujo conjunto forma o que no país se chama o *bush*, algumas campinas cobertas por montículos de uma qualidade de arbusto salgado, de folha angulosa, a que os indivíduos de raça dão grande apreço, sucederam-se por espaço de muitas milhas. De longe em longe via-se algum *pigs-face*, carneiro com cabeça de porco, de uma espécie particular na Nova Holanda, os quais pastavam entre os postes da linha telegráfica recentemente estabelecida de Adelaide à costa.

Até ali as planícies lembravam extraordinariamente a monótona superfície dos Pampas argentinos. O mesmo solo coberto de erva e igual; o mesmo horizonte nitidamente delineado sobre o fundo do céu. Mac-Nabs sustentava que não tinham mudado de país, mas Paganel afirmou que o território por onde viajavam mudaria bem depressa de aspeto. Fiados na sua afirmativa, ficaram os viajantes esperando coisas maravilhosas.

Por volta das três horas o carro atravessou um grande espaço desprovido de árvores,

conhecido pelo nome de *mosquitos plains*. O sábio teve a satisfação geográfica de verificar que o nome era bem posto. Os viajantes e o gado padeceram muito com as mordeduras reiteradas daqueles importunos dípteros; evitá-los era impossível; calmá-las foi mais fácil, graças aos frascos de amoníaco da farmácia portátil. Paganel não pôde ter-se que não mandasse a todos os demónios aqueles mosquitos danados que lhe crivaram a comprida pessoa de irritantes picadas.

Para a noite começou a planície a tomar mais alegre aspeto: sebes vivas formadas de acácias, grupos de gomeiras brancas, um sulco recentemente aberto, muitas árvores de origem europeia, tais como oliveiras, limoeiros e carvalhos, e até umas paliçadas em bom estado de conservação, tudo isto contribuía para operar tão risonha mudança. Às oito horas os bois, apertando o passo, aguilhoados por Ayrton, chegaram à estação de Red-Gum.

A palavra «estação» (*station*) aplica-se aos estabelecimentos do interior onde se faz a criação do gado, riqueza principal da Austrália. Os criadores são os *squatters*, isto é, indivíduos que se sentam no chão. Efetivamente, é a primeira posição que toma todo o colono fatigado das longas peregrinações através daqueles imensos territórios.

Red-Gum-Station era um estabelecimento de pouca importância. Mas Glenarvan achou a mais franca hospitalidade. Sob o teto daquelas habitações solitárias o viajante encontra sempre a mesa servida e num colono australiano um anfitrião sempre obsequioso.

No dia seguinte, Ayrton atrelou os bois logo ao romper do sol. Queria ainda naquela noite chegar à fronteira de Vitória. O solo principiou a mostrar-se acidentado. Uma série de pequenas colinas, todas cobertas de areia vermelha, ondulava a perder de vista. Dir-se-ia imensa bandeira vermelha lançada sobre a planície, e cujas pregas o vento enfunava. Alguns *malleys*, espécie de pinheiros com manchas brancas, de tronco direito e liso, estendiam os ramos cobertos de folhagem verde-escura sobre férteis pastagens, onde pululavam alegres bandos de gerbos. Mais além apareceram vastos campos cobertos de silvedos e de gomeiras ainda novas; afinal, os grupos começaram a afastar-se, os arbustos isolados tornaram-se árvores e apresentaram o primeiro espécime das florestas da Austrália.

Entretanto, nas proximidades da fronteira de Vitória, o aspeto do país modificou-se de modo bastante sensível. Os viajantes sentiam que pisavam terra nova. A sua direção imperturbável era sempre em linha reta, sem que nenhum obstáculo, lago ou montanha, os obrigasse a mudá-la em linha curva ou quebrada. Punham invariavelmente em prática o primeiro teorema de geometria: seguiam, sem se desviarem, o caminho mais curto de um ponto a outro. Fadigas e dificuldades, nem sequer as sentiam. A sua marcha conformava-se com a vagarosa andadura dos bois, e se estes animais não iam depressa, pelo menos nunca paravam.

Foi assim que, depois de ter andado sessenta milhas em dois dias, a caravana chegou na noite de 23 à paróquia de Aspley, a primeira cidade da província de Vitória, situada por cento e quarenta e um graus de longitude, no distrito de Wimerra.

Ayrton teve o cuidado de pôr o carro na cocheira de Crown's Inn, estalagem que, à falta de melhor, se chamava pomposamente Hotel da Coroa. A ceia, composta unicamente de carneiro preparado de todos os modos, fumegava em cima da mesa.

Comeu-se muito, mas conversou-se mais ainda. Desejosos todos de se informarem das singularidades do continente australiano, interrogaram Paganel. O geógrafo não se fez rogar e começou a discursar sobre a província de Vitória, que se chamou já a Austrália Feliz.

— Falsa qualificação! — observou ele. — Seria melhor tê-la chamado a Austrália Rica, porque sucede com os países o mesmo que sucede com os indivíduos: a riqueza não faz a felicidade. Graças às suas minas de ouro, a Austrália viu-se entregue ao bando devastador e feroz dos aventureiros. verão isso quando atravessarmos os terrenos auríferos.

— A colónia de Vitória não tem origem recente? — perguntou Lady Glenarvan.

— Sim, milady; só conta trinta anos de existência. Foi a 6 de junho de 1835, uma terça-feira...

— Às sete e um quarto da noite — acrescentou o major, que gostava de gracejar com Paganel a respeito da precisão das suas datas.

— Não; às sete e dez minutos —olveu o geógrafo com muita seriedade — foi que Batman e Falckner fundaram um estabelecimento em Porto-Filipe, sobre a baía onde hoje se estende a grande cidade de Melburne. Durante quinze anos, a colónia fez parte da Nova Gales do Sul e esteve dependente de Sydney, sua capital. Mas em 1851 declarou-se independente, tomando então o nome de Vitória.

— E depois disso tem prosperado muito? — interrogou Glenarvan.

— Avalie, meu amigo — replicou Paganel. — Eis os algarismos ministrados pela última estatística, e pense o que pensar, Mac-Nabs, não conheço nada mais eloquente do que os algarismos.

— Adiante — disse o major.

— Aí vai. Em 1836, a colónia de Porto-Filipe contava duzentos e quarenta e quatro habitantes. Hoje, a província de Vitória conta quinhentos e cinquenta mil. Sete milhões de videiras produzem-lhe anualmente cento e vinte e um mil galões de vinho. Galopam nas suas campinas cento e três mil cavalos e nas suas imensas pastagens sustentam-se seiscentos e quinze mil duzentos e setenta e dois ruminantes.

— Não tem também esta província um certo número de porcos? — perguntou Mac-Nabs.

— Sim, major, setenta e nove mil seiscentos e vinte cinco, se me faz favor.

— E quantos carneiros?

— Sete milhões cento e quinze mil novecentos e quarenta e três, Mac-Nabs.

— Compreendendo o que estamos comendo neste momento, Paganel?

— Não; sem contar com ele, porque três quartas partes já estão devoradas.

— Bravo, Sr. Paganel —, exclamou Lady Helena, rindo a bom rir. — É preciso admitir que é forte nestas questões de geografia, e o meu primo Mac-Nabs, por mais que faça, não o apanhará em omissão.

— Se é meu ofício, senhora, saber estas coisas e ensiná-las a Vossa Honra quando for preciso. Por isso, quando lhes digo que este país nos reserva maravilhas, podem acreditar-me.

— Que até aqui... — replicou Mac-Nabs, que gostava de provocar o geógrafo para lhe estimular a veia.

— Mas, espere, impaciente major! — exclamou Paganel. — Tem apenas um pé na fronteira e já se queixa! Pois bem! Digo-lhe, repito, sustento que este país é o mais curioso que se conhece. A sua formação e natureza, o seu clima e produtos, e inclusive a sua desapareição futura, têm admirado, admiram e hão de admirar todos os sábios do mundo. Imaginem, meus amigos, um continente cujas bordas, e não o centro, se elevaram primitivamente acima das águas como um anel gigantesco; que contém na sua parte central um mar interior meio evaporado; cujos rios se secam de dia para dia; onde a humidade não existe nem no ar, nem no solo; onde as árvores perdem anualmente a casca em vez de perderem as folhas; onde as folhas apresentam o perfil ao sol, e não a face, e não dão sombra; onde as florestas são baixas e as ervas gigantesas; onde os animais são extraordinários; onde os quadrúpedes têm bico como a equidna e o ornitorrinco, e obrigaram os naturalistas a criar de propósito para eles o novo género dos monotrématos; onde o canguru salta sobre as patas desiguais; onde os carneiros têm cabeça de porco; onde as raposas volteiam de árvore em árvore; onde os cisnes são pretos; onde os ratos fazem ninhos; onde o *bower-bird* abre os seus salões às visitas dos seus amigos alados; onde os pássaros espantam a imaginação pela diversidade dos seus cantos e aptidões; onde um serve de relógio, outro faz estalar um chicote de postilhão, um imita o amolador, outro bate os segundos, como o balancim de um relógio, onde um ri pela manhã quando o sol nasce, e o outro chora quando ele desaparece! Oh! Região extraordinária, ilógica como as que o são, terra paradoxal e formada contra a natureza! Foi com muita razão que o botânico Grimard pôde dizer de ti: «Eis pois a Austrália, espécie de paródia das leis universais, ou, antes, de desafio

lançado à face do resto do mundo!»

A tirada de Paganel, despedida com toda a velocidade, parecia não poder parar. O eloquente secretário da Sociedade de Geografia já não tinha mão em si. Ia por diante, por diante, gesticulando com desespero incrível e brandindo o garfo, com sério perigo para os seus vizinhos. Mas afinal a sua voz foi coberta por uma trovoada de bravos entusiásticos e chegou a calar-se.

Era de crer, após esta enumeração das singularidades australianas, que não houvesse ideia de lhe pedir mais. Contudo, o major, com a sua voz tranquila, não pôde conter-se que não dissesse:

— É tudo, Paganel?

— Pois bem! Não é tudo! — replicou o sábio com nova veemência.

— O quê? — perguntou Lady Helena, cismando no caso. — Há alguma coisa ainda mais admirável na Austrália?

— Sim, milady, o seu clima! Excede em raridade as próprias produções.

— Ora essa! — exclamaram todos.

— Já não falo das qualidades higiénicas do continente australiano, tão rico em oxigénio e tão pobre em azoto; não há ventos húmidos, porque os gerais sopram paralelamente às costas, e a maior parte das doenças são aqui completamente desconhecidas, desde o tifo até ao sarampo e às afeções crónicas.

— Já não é pequena essa vantagem, ainda assim — comentou Glenarvan.

— Decerto, mas não falo dela — retorquiu Paganel. — Aqui o clima tem uma qualidade... inverosímil.

— Qual é? — perguntou John Mangles.

— Se lha disser, não me acreditará.

— Acreditamos — exclamaram todos, cuja curiosidade subira de ponto.

— Bem, é...

— O quê?

— É moralizador!

— Moralizador?

— Sim — respondeu o sábio com convicção. — Sim, moralizador! Aqui os metais não se oxidam com o contacto do ar, e os homens também não. A atmosfera, pura e seca, tudo branqueia rapidamente, a roupa e as almas! Por isso, em Inglaterra não passaram despercebidas essas virtudes e resolveram mandar para aqui a gente que precisava de se moralizar.

— O quê! Pois essa influência faz-se realmente sentir? — perguntou Lady Glenarvan.

— Sim, milady, sobre os homens e sobre os animais.

— Não grageja, Sr. Paganel?

— Não gragejo. Os cavalos e toda a espécie de gado são aqui de uma docilidade espantosa. verão.

— Pois é possível?

— Se é! Os malfeitores, transportados para este ar vivificante e salubre, regeneram-se em poucos anos. É um efeito reconhecido pelos filantropos. Na Austrália todas as índoles melhoram.

— Então, Sr. Paganel, o senhor que é já tão bom — gragejou Lady Helena —, o que irá tornar-se nesta terra privilegiada?

— Excelente, milady — respondeu Paganel —, simplesmente excelente!

Capítulo 10 — Wimerra-River

No dia seguinte, 24 de dezembro, puseram-se a caminho logo ao romper do dia. Era já grande o calor, mas suportável, e a estrada quase plana e favorável ao passo dos cavalos. A pequena caravana meteu-se por uma floresta baixa e pouco espessa. À noite, depois de um bom dia de jornada, acampou nas margens do lago Branco, cujas águas são salobras e nada potáveis.

Aqui Paganel foi obrigado a admitir que o lago tinha tanto de branco como o mar Negro tem de negro, o mar Vermelho de vermelho, o rio Amarelo de amarelo, e as montanhas Azuis de cor azulada. Contudo, por amor-próprio de geógrafo, discutiu muito, mas os seus argumentos não prevaleceram.

Mr. Olbinett preparou a refeição da noite com a habitual pontualidade; depois os viajantes, uns no carro, outros debaixo da barraca, não tardaram a adormecer, apesar dos uivos dos lastimosos «dingos», que são os chacais da Austrália.

Além do lago Branco estendia-se uma planície toda matizada de crisântemos. No dia seguinte, Glenarvan e os seus companheiros, ao acordar, tiveram grandes desejos de aplaudir a magnífica decoração que se lhes apresentava à vista. Partiram. Algumas elevações distantes eram as únicas que denunciavam o relevo do solo. Até ao horizonte tudo era campina e vergel, onde as flores vicejavam como em plena primavera. Os reflexos azuis do linho, de folhas miúdas, casavam-se com o escarlata de um acanto particular daquela região. Numerosas variedades de flores alegravam imenso a verdura, e os terrenos impregnados de sal desapareciam sob o tapete das anserinas, das armoles, das acelgas, estas verde-claro, aquelas avermelhadas, todas da família invasora das salsoláceas, plantas úteis à indústria, porque, pela incineração e lavagem das cinzas, dão uma soda excelente. Paganel, que se ia tornando botânico em meio das flores, dava os respetivos nomes a todas estas produções variadas, e, com a mania de tudo pôr em algarismos, dizia que se contavam até hoje, na flora australiana, quatro mil e duzentas espécies de plantas.

Mais tarde, depois de uma dezena de milhas rapidamente percorridas, o carro começou a andar entre grupos de acácias muito altas, de mimosas e de gomeiras brancas, cuja florescência é tão variada. Nesta região das *springs plains* o solo não se mostrava ingrato para o astro do dia, e restituía em cores e perfumes o que o sol lhe dava em raios.

Quanto ao reino animal, era mais avaro dos seus produtos. Alguns casuares saltavam na

planície, sem que fosse possível vê-los mais de perto. Ainda assim, o major teve a destreza de ferir com uma bala um animal muito raro e que vai desaparecendo. Era um jabiru, espécie de cegonha gigante dos colonos ingleses. Esta ave tem cinco pés de altura, e o bico, negro, comprido, cônico, muito aguçado na extremidade, media 18 polegadas de comprimento. Os reflexos violeta e púrpura da cabeça faziam grande contraste com o verde-lustroso do pescoço, a deslumbrante alvura da garganta e o vermelho-vivo das compridas pernas. A natureza parecia ter esgotado em seu favor toda a palheta das cores primitivas.

Foi muito admirada esta ave, e o major ficaria com as honras do dia se o jovem Roberto não encontrasse, algumas milhas mais além, e não desancasse com arrojo um animal informe, meio ouriço, meio tamanduá, um ente meio esboçado como os animais dos primeiros tempos da criação. Uma língua extensível, comprida e viscosa, pendia-lhe da boca fechada, e pescava com ela formigas, as quais formavam o seu principal sustento.

— É uma equidna! — exclamou Paganel, dando a este monotrémato o seu verdadeiro nome.

— É horrível — observou Glenarvan.

— Horrível, mas curioso — replicou Paganel —; e, além disso, particular da Austrália, e de balde o procurariam em qualquer outra parte do mundo.

Como era natural, Paganel quis levar consigo a horrenda equidna e metê-la no compartimento das bagagens. Mas Mr. Olbinett protestou com tal indignação que o sábio renunciou à conservação daquele exemplar dos monotrématos.

Naquele dia, os viajantes passaram trinta minutos além do 141° de longitude. Até ali, poucos colonos, poucos *squatters* haviam aparecido. O país tinha o aspeto de um deserto. Não se via sombra dos aborígenes, porque as tribos selvagens vagueiam mais ao norte, através das imensas solidões, regadas pelos confluente do Darling e do Murray.

Um curioso espetáculo interessou, porém, a caravana de Glenarvan. Ofereceu-se-lhe ocasião de ver um dos imensos rebanhos que arrojados especuladores conduzem das montanhas de leste às províncias de Vitória e da Austrália meridional.

Pelas quatro horas da tarde, John Mangles avistou, a três milhas em frente, uma enorme coluna de poeira, que se elevava no horizonte. Qual era a origem do fenómeno? Dificilmente se podia dizer. Paganel inclinava-se para um meteoro qualquer, e do qual a sua viva imaginação já procurava a causa natural. Mas Ayrton deteve-o no campo das conjeturas por onde ele se aventurava, afirmando que aquele levantamento de poeira provinha de um rebanho em marcha.

Não se enganava o cabo de marinheiros. A densa nuvem aproximava-se. Saía dela um completo concerto de balidos, de relinchos e de mugidos. A voz humana, sob a forma de gritos,

de silvos, de vociferações, também se misturava com aquela sinfonia pastoril.

De entre a ruidosa nuvem saiu um homem. Era o condutor-chefe daquele exército de quatro pés. Glenarvan dirigiu-se para ele, e as relações estabeleceram-se sem mais cerimónia. O condutor, ou, para lhe dar o verdadeiro nome, o *stockeeper*, era proprietário de uma parte do rebanho. Chamava-se Sam Machell; vinha, efetivamente, das províncias de leste, e dirigia-se para a baía de Portland.

Constava o seu rebanho de dezassete mil e setenta e cinco cabeças, isto é, de seis mil bois, onze mil carneiros e setenta e cinco cavalos. Todos estes animais, comprados ainda magros nas montanhas Azuis, iam engordar nas pastagens salutares da Austrália meridional, onde são vendidos outra vez com grande lucro. Sam Machell, ganhando duas libras em cada boi e meia libra em cada carneiro, devia realizar um ganho de cento e cinquenta mil francos. Era um bom negócio. Mas que paciência, que energia não eram precisas, que fadigas não era necessário suportar, para conduzir ao seu destino aquele bando recalcitrante! O lucro, que tão árduo mister produz, é penosamente alcançado!

Sam Machell contou em poucas palavras a sua história, enquanto o imenso rebanho continuava a marcha por entre os bosquezinhos de mimosas. Lady Helena, Mary Grant, Glenarvan e mais cavaleiros tinham-se apeado, e, sentados à sombra de uma grande gomeira, escutavam a narração do *stockeeper*.

Sam Machell partira havia seis meses. Fazia cerca de dez milhas por dia, e a sua interminável viagem devia durar mais três meses. Tinha consigo, para o ajudar na árdua tarefa, vinte cães e trinta homens. De entre os homens, cinco eram negros, muito hábeis em encontrar os vestígios de animais perdidos. Seis carros seguiam o exército. Os condutores, armados de *stockwipps*, chicotes cujo cabo tem dezoito polegadas de comprimento e a correia nove pés, circulavam por entre as fileiras, restabelecendo a ordem num ou noutro ponto, enquanto a cavalaria ligeira dos cães volteava sobre os flancos.

Os viajantes admiraram a disciplina estabelecida no rebanho. Às diversas raças marchavam separadas, porque os bois e os carneiros bravos não se entendem muito bem; os primeiros não querem nunca pastar nos sítios por onde já passaram os segundos. Daqui provém a necessidade de colocar os bois à frente, e estes, divididos em dois batalhões, iam adiante. Seguiam-se cinco regimentos de carneiros, comandados por vinte condutores, e o pelotão dos cavalos marchava na retaguarda.

Sam Machell fez notar aos seus ouvintes que os guias da manada não eram nem cães, nem homens, mas bois, *leaders* inteligentes, cuja superioridade os seus congéneres reconheciam.

Marchavam na primeira fileira, com perfeita gravidade, escolhendo bom caminho, por instinto, e como que compenetrados do direito que lhes assistia de serem tratados com consideração. Por isso cuidavam deles com mimo, porque o rebanho obedecia-lhes sem dificuldade. Se lhes convinha parar, era preciso ceder àquele capricho, e debalde procuravam os homens pôr o rebanho a caminho depois de uma paragem, se os *leaders* não davam por si mesmos sinal de partir.

Algumas particularidades mais que o *stockeeper* ajuntou completaram a história da expedição, digna de ser escrita, se não comandada, por Xenofonte em pessoa. Enquanto o exército quadrúpede marchava pela planície, ia tudo bem; poucos embaraços, poucas fadigas havia. Os animais pastavam pelo caminho, saciavam a sede nos numerosos veios de água das pastagens, dormiam de noite, viajavam de dia, e reuniam-se docilmente à voz dos cães. Mas nas grandes florestas do continente, através das matas de eucaliptos e de mimosas, cresciam as dificuldades. Pelotões, batalhões e regimentos confundiam-se ou separavam-se, e era preciso um tempo considerável para os reunir. Quando por desgraça um *leader* se perdia, deviam encontrá-lo sob pena de debandada geral, e muitas vezes os negros empregavam dias e dias nestas difíceis pesquisas. Se sucedia caírem grandes chuvas, os animais preguiçosos recusavam avançar, e durante as tempestades violentas um pânico desordenado apoderava-se dos animais loucos de terror.

Entretanto, à força de energia e de atividade, o *stockeeper* triunfava de tais dificuldades, que sem cessar renasciam. Caminhava; as milhas sucediam-se às milhas; as planícies, os bosques, as montanhas, ficavam para trás. Mas onde era preciso reunir, a tantas qualidades, a qualidade superior que se chama paciência — uma paciência a toda a prova, uma paciência que não só horas, e dias, mas até semanas não deviam cansar —, era na passagem dos rios. Aí o *stockeeper* via-se retido por uma corrente, sobre margens não impossíveis de se transporem, mas que não se tinham ainda transposto. O obstáculo provinha unicamente da teima do gado, que recusava passar. Os bois, depois de aspirar a água, voltavam para trás. Os carneiros mais depressa fugiam em todas as direções do que afrontavam o líquido elemento. Esperava-se pela noite para conduzir o gado para a corrente, e não se conseguia nada. Lançavam-se os carneiros à força na água, as ovelhas não se resolviam a segui-los. Procurava-se fazer render o rebanho pela sede, privando-o de água durante muitos dias; o gado passava sem beber e não se metia mais depressa a caminho. Levavam os cordeiros para a outra margem, na esperança de que as mães acudiriam aos seus gritos; os cordeiros balavam, e as mães não se moviam da margem oposta. Durava isto algumas vezes um mês, e o *stockeeper* já não sabia o que fazer do seu

exército, que balava, mugia e relinchava. Depois, um belo dia, sem razão, por capricho, sem se saber como nem porquê, um destacamento transpunha o rio, e então a dificuldade era outra: a de impedir que o rebanho se arremessasse desordenadamente à água. Introduzia-se a confusão nas fileiras, e muitos animais afogavam-se na torrente.

Tais foram as informações ministradas por Sam Machell. Durante a sua narração, grande parte do rebanho desfilara em boa ordem. Era tempo de ir reunir-se à dianteira do bando, e escolher as melhores pastagens. Despediu-se, pois, de Lord Glenarvan, montou num excelente cavalo indígena, que um dos seus homens segurava pela rédea, e correspondeu ao adeus de cada viajante com apertos de mão muito cordiais. Instantes depois, havia desaparecido em meio de um turbilhão de poeira.

O carro tornou a seguir em sentido inverso a carreira um momento interrompida, e só parou à noite junto do monte Talbot.

Paganel fez judiciosamente notar que estavam a 25 de dezembro, dia de Natal, que tão celebrado é nas famílias inglesas. Mas o *steward* não se esquecera disso, e uma ceia succulenta, servida debaixo da barraca, granjeou-lhe os cumprimentos sinceros dos convivas. É preciso dizê-lo, Mr. Olbinett excedera-se. A sua reserva fornecia-lhe um contingente de manjares europeus que raramente se encontram nos desertos da Austrália. Uma perna de rangífero, fatias de vaca salgada, salmão de fumeiro, um pastel de cevada e aveia, chá à discrição, *whisky* em abundância, algumas garrafas de vinho do Porto, compuseram o espantoso banquete. Era caso para se suporem na sala de jantar de Malcolm-Castle, em meio dos *highlands*, em plena Escócia.

Nada, em verdade, faltava ao festim, desde a sopa de gengibre até aos pastelinhos da sobremesa. Demais, julgou Paganel que devia acrescentar-lhe os frutos de uma laranjeira silvestre, que crescia junto das colinas. Era o *moccaly* dos indígenas; as laranjas que ela produz têm um gosto bastante insípido, mas as suas pevides esmagadas faziam ir pelos ares a boca como se fosse pimenta de Caiena. Por simples amor da ciência teimou o geógrafo tão conscienciosamente em comê-las que pôs o céu da boca a arder e não pôde dar satisfação às perguntas com que o major o apertou a respeito das particularidades dos desertos da Austrália.

O dia seguinte, 26 de dezembro, nada ofereceu de notável. Encontraram as nascentes de Norton-creek e mais tarde o rio de Mackensie meio seco. O tempo conservava-se bom, mas com insuportável calor; o vento soprava do sul e refrescava a atmosfera como faria o vento norte no hemisfério boreal. Paganel fez observar esta particularidade ao seu amigo Roberto Grant.

— Circunstância feliz — acrescentou ele —, porque a média do calor é mais intensa no

hemisfério austral do que no hemisfério boreal.

— E porquê? — perguntou o jovem.

— Porquê, Roberto? — redarguiu Paganel. — Nunca ouviste dizer que a Terra está mais próxima do sol durante o inverno?

— Sim, Sr. Paganel.

— E que o frio do inverno é apenas devido à obliquidade dos raios do sol?

— Muito bem.

— Pois, meu rapaz, é mesmo por essa razão que faz menos calor no hemisfério austral.

— Não compreendo —olveu Roberto, que abria muito os olhos.

— Ora reflete — tornou Paganel —; quando estamos na Europa durante o inverno, qual é a estação que reina aqui, na Austrália, nos antípodas?

— É o verão — respondeu Roberto.

— Pois bem, como precisamente nesta época a Terra se encontra mais próxima do sol... compreendes?

— Compreendo...

— ...É o verão das regiões austrais muito mais quente, em razão dessa proximidade, do que o verão das regiões boreais.

— Efetivamente, Sr. Paganel.

— Portanto, quando se diz que o sol está mais próximo da Terra, «no inverno», isso só é exato para nós, que habitamos a porção boreal do Globo.

— Nunca tinha pensado nisso — replicou Roberto.

— E daqui em diante, meu rapaz, que não te esqueça.

Roberto recebeu com agrado a pequena lição de cosmografia, e acabou por aprender que a temperatura média da província de Vitória chegava a setenta graus de Fahrenheit (23,33° centígrados).

Naquela noite a caravana acampou a cinco milhas além do lago Lonsdale, entre o monte Drummond, que se erguia ao norte, e o monte Dryden, cujo cume medíocre mal chanfrava o horizonte do sul.

No dia seguinte, às onze horas, o carro alcançou as margens do Wimerra, no meridiano cento e quarenta e três.

O rio, de meia milha de largura, derivava límpido por entre dois altos renques de gomeiras e de acácias. Algumas magníficas mirtáceas, a *metrosideros speciosa* entre outras, bracejavam a uns quinze pés de altura os ramos compridos e pendentes, enfeitados de flores vermelhas.

Milhares de pássaros, tentilhões, verdelhões, pombos de douradas asas, sem falar dos papagaios palradores, vojavam por entre a verde ramada. Por baixo, à superfície das águas, descrevia os seus giros um casal de cisnes negros, tímidos, e que não deixavam aproximar ninguém. Esta *rara avis* dos rios da Austrália desapareceu bem depressa nos meandros do Wimerra, que sinuosamente banhava aquela risonha campina.

O carro parara entretanto sobre um tapete de relva cujas franjas pendiam sobre as águas rápidas. Não havia ali nem jangada, nem ponte. Contudo era preciso passar. Ayrton tratou de procurar um vau praticável. O rio, um quarto de milha acima, pareceu-lhe menos profundo, e foi neste lugar que ele resolveu passar à outra margem. Diversas sondagens deram apenas três pés de água. O carro podia, portanto, tentar a passagem por aquele baixo sem correr grande risco.

— Não existe outro meio de transpor este rio? — perguntou Glenarvan ao cabo de marinheiros.

— Não, milord — respondeu Ayrton —, mas esta passagem não me parece perigosa. Havemos de nos sair bem.

— Lady Glenarvan e Miss Grant deverão abandonar o carro?

— De modo nenhum. Os meus bois têm grande firmeza, e por isso encarrego-me de os conservar sempre em bom caminho.

— Vá, Ayrton — disse Glenarvan —, fio-me no senhor.

Os cavaleiros rodearam o pesado veículo, e todos se meteram à água. Ordinariamente, os carros, quando tentam estas passagens a vau, são rodeados de uma enfiada de tonéis vazios, que os sustentam à superfície das águas. Mas, nesta ocasião, faltava o cinto natatório; era preciso, portanto, entregarem-se à sagacidade dos bois guiados pelo prudente Ayrton. Sentado no seu lugar, dirigia ele o tiro; o major e os dois marinheiros fendiam a rápida corrente algumas toesas mais adiante. Glenarvan e John Mangles, ladeando o carro, estavam prontos a socorrer as viajantes. Paganel e Roberto fechavam o séquito.

Tudo correu bem até ao meio do Wimerra. Mas ali a profundidade tornou-se maior, e a água subiu para cima das cambas das rodas. Os bois, lançados fora do vau, podiam perder pé e arrastar consigo a oscilante máquina. Ayrton arriscou-se corajosamente; deitou-se à água, e, agarrando-se aos chifres dos bois, conseguiu pô-los a bom caminho.

Naquele momento deu-se um choque impossível de prever; o carro inclinou-se, formando um ângulo assustador; a água chegou aos pés das viajantes; todo o aparelho começou a derivar, apesar de John Mangles e Lord Glenarvan se agarrarem às xalmas. Foi um momento cheio de ansiedade.

Por fortuna, porém, um violento puxão na coleira aproximou o veículo da margem oposta. O rio ofereceu às patas dos bois e dos cavalos uma subida, e bem depressa homens e animais se acharam em segurança do outro lado, tão satisfeitos como encharcados.

Só o jogo dianteiro do carro tinha sido despedaçado pelo choque, e o cavalo em que montava Glenarvan estava desferrado das patas dianteiras.

Este acidente exigia pronta reparação. Olhavam todos uns para os outros com ar embaraçado, quando Ayrton propôs que iria à estação de Black-Point, situada vinte milhas ao norte, e traria um ferrador.

— Vá, vá, meu bom Ayrton — recomendou-lhe Glenarvan. — Que tempo precisa para ir e vir?

— Talvez quinze horas — respondeu Ayrton —; mais não.

— Então vá; enquanto não volta, acampamos nós à beira do Wimerra.

Minutos depois o cabo de marinheiros, montado no cavalo de Wilson, desapareceu por detrás de um espesso renque de mimosas.

Capítulo 11 — Burke e Stuart

O resto do dia foi empregado em conversas e passeios. Os viajantes, discursando e admirando o que viam, percorreram as margens do Wimerra. As cegonhas cinzentas e os íbis, soltando pios roucos, fugiam quando eles se aproximavam. O pássaro-cetim ocultava-se nos ramos mais altos da figueira brava, os verdelhões, os epímacos esvoaçavam por entre os magníficos ramos das liliáceas, os tordos marinhos abandonavam a pesca habitual, enquanto que toda a família mais civilizada dos papagaios, o *blue-mountain*, ornado com as sete cores do prisma, o pequeno *roschill*, de cabeça escarlata e garganta amarela, e o *louro*, espécie de papagaio de penas verdes e azuis, continuavam com a sua palrice de ensurdecer nos cimos das gomeiras em flor.

Deitados umas vezes sobre a erva à beira das águas sussurrantes, outras divagando por entre os grupos das mimosas, os viajantes entregaram-se à contemplação daquela formosa natureza até que se pôs o sol. A noite, precedida de um rápido crepúsculo, surpreendeu-os a meia milha do acampamento. Voltaram guiando-se, não pela Estrela Polar, invisível no hemisfério austral, mas pela Cruz do Sul, que brilhava a meio caminho do horizonte e do zénite.

Mr. Olbinett pusera a mesa da ceia dentro da barraca. Sentaram-se todos. O bocado mais gabado da refeição foi certo guisado de papagaios destramente mortos por Wilson e habilmente preparados pelo *steward*.

Acabada a ceia, todos eles procuraram achar um pretexto para não dar ao repouso as primeiras horas daquela noite tão bela. Lady Helena pôs todos de acordo, pedindo a Paganel que contasse a história dos grandes viajantes australianos, história prometida havia muito tempo.

Paganel não desejava outra coisa. Os seus ouvintes estenderam-se ao pé de uma «banksia» magnífica; dali a pouco o fumo dos charutos subia até à folhagem perdida nas sombras da noite, e o geógrafo, fiando-se na sua memória inesgotável, tomou logo a palavra.

— hão de estar lembrados, meus amigos, e o major não se deve ter esquecido decerto, da enumeração dos viajantes que lhes fiz a bordo do «Duncan». De todos os que procuraram penetrar no interior do continente, só quatro conseguiram atravessá-lo de sul a norte ou de norte a sul. Foram, em 1860 e 1861, Burke; Mac Kinlay, em 1861 e 1862; Landsborough, em 1862, e Stuart, no mesmo ano. De Mac Kinlay e de Landsborough pouco lhes direi. O primeiro foi desde

Adelaide até ao golfo de Carpentária, o segundo desde Carpentária até Melbourne, ambos mandados pelas comissões australianas em busca de Burke, que não aparecia nem devia tornar a aparecer. Burke e Stuart, eis os dois arrojados exploradores de que lhes vou falar, e começo sem mais preâmbulo. No dia 20 de agosto de 1860, sob os auspícios da Sociedade Real de Melbourne, partia em viagem de exploração um ex-oficial irlandês, antigo inspetor de polícia em Castlemaine, chamado Roberto O'Hara Burke. Acompanhavam-no onze homens: William John Wills, jovem astrónomo muito distinto; o Dr. Beckler, botânico; Gray, King, jovem militar do exército das Índias; Landells, Brahe e vários sipaios. Vinte e cinco cavalos e vinte e cinco camelos transportavam os viajantes, as suas bagagens e as provisões para dezoito meses. A expedição devia dirigir-se ao golfo de Carpentária, que fica na costa setentrional, seguindo a princípio o rio Cooper. Transpôs sem dificuldade as linhas do Murray e do Darling, e chegou à estação de Menindié, que fica no limite das colónias. Reconheceu-se ali que as numerosas bagagens estorvavam muito. Este embaraço, e uma certa dureza de carácter de Burke, semearam a desinteligência na expedição. Landells, diretor dos camelos, seguido de alguns servidores índios, separou-se dela e voltou para as margens do Darling. Burke seguiu avante. Umhas vezes através de pastagens abundantemente regadas, outras vezes por caminhos pedregosos e faltos de água, desceu a Cooper's-creek. Em 20 de novembro, três meses depois da partida, estabelecia ele um depósito de provisões à borda do rio. Aqui, os viajantes tiveram de se demorar algum tempo, por não acharem caminho praticável para o norte, caminho onde houvesse segurança de não faltar a água. Após grandes dificuldades, chegaram a um acampamento a que puseram o nome de forte Wills. Transformaram o acampamento num posto rodeado de paliçadas. A sua situação era a meio da distância que separa Melbourne do golfo de Carpentária. Aí, Burke dividiu a sua caravana em duas partes. Uma, às ordens de Brahe, devia ficar no forte Wills durante três meses ou mais, se as provisões não faltassem, e esperar que a outra voltasse. A que devia partir compunha-se só de Burke, King, Gray e Wills. Levavam seis camelos e provisões para três meses, isto é, três quintais de farinha, cinquenta libras de arroz, outras cinquenta de farinha de aveia, um quintal de carne seca de cavalo, cem libras de carne de porco salgada e de toucinho, e trinta libras de bolacha, tudo isto para fazer uma viagem de seiscentas léguas, ida e volta. Partiram. Depois da custosa passagem de um deserto pedregoso, chegaram às margens do rio de Eyre, ao ponto mais extremo a que chegara Stuart em 1845, e tornando a subir o meridiano cento e quarenta, tão exatamente quanto era possível, tomaram a direção do norte. No dia 7 de janeiro passaram o trópico debaixo de um sol de fogo, iludidos por enganadoras miragens, privados muitas vezes de água, refrescados algumas vezes por grandes tempestades,

encontrando de espaço a espaço alguns indígenas vagabundos de quem não tiveram razão de queixa; em suma, pouco embaraçados pelas dificuldades de um caminho que não era cortado de lagos ou montanhas. A 12 de janeiro, algumas colinas de pedra-lioz apareceram ao norte, entre outras o monte Forbes, e uma sucessão de cordilheiras graníticas, chamadas *ranges*. Aí, foram grandes as fadigas. Pouco se avançava. Os animais recusavam caminhar. «Sempre nas cordilheiras! Os camelos suam de medo!», escreveu Burke no seu livrinho de apontamentos. Contudo, à força de energia, os exploradores chegam às margens do rio Turner, em seguida à corrente superior do rio Flinders, visto por Stokes em 1841, o qual vai desaguar no golfo de Carpentária, entre renques de eucaliptos e palmeiras. A proximidade do oceano manifestou-se por uma série de terrenos pantanosos. Um dos camelos pereceu num pântano. Os outros recusaram passar além. King e Gray tiveram de ficar com eles. Burke e Wills continuaram a marchar na direção do norte, e depois de muitas dificuldades, relatadas de um modo obscuro nas suas notas, chegaram a um ponto onde o fluxo do mar cobria os pântanos. Mas não viram o oceano. Era em 11 de fevereiro de 1861.

— Visto isso — interrompeu Lady Helena —, não puderam esses homens passar além?

— Não, milady — respondeu Paganel. — O solo dos pântanos fugia-lhes debaixo dos pés, e não tiveram remédio senão cuidar de se reunirem aos seus companheiros do forte Wills. Triste regresso, decerto! Fracos, exaustos de força, foi de rastos que se reuniram a Gray e King. Em seguida a expedição, descendo para o sul, pelo caminho por onde viera, dirigiu-se para Cooper's-creek. Os perigos, as peripécias, os padecimentos daquela viagem, não os conhecemos exatamente, porque faltam as notas no livro dos exploradores. O trajeto deveu, porém, ser terrível. Com efeito, no mês de abril, quando chegaram ao vale de Cooper, eram em número de três. Gray acabava de sucumbir. Tinham morrido quatro camelos. Entretanto, se Burke consegue chegar ao forte Wills, onde Brahe o espera com o depósito de provisões, ele e os seus companheiros serão salvos. Redobram de energia; arrastam-se mais alguns dias; a 21 de abril avistam as paliçadas do forte, chegam!... Naquele mesmo dia, depois de esperar debalde cinco meses, Brahe partira.

— Partira! — exclamou o jovem Roberto.

— Sim, partira! Naquele mesmo dia, por uma deplorável fatalidade! A nota deixada por Brahe não tinha sete horas de datai Burke não podia pensar em alcançá-lo. Os desgraçados restabeleceram um pouco as forças com as provisões do depósito. Mas os meios de transporte faltavam-lhes, e cento e cinquenta léguas ainda os separavam do Darling. Foi então que Burke, contrário à opinião de Wills, fez plano de se encaminhar para os estabelecimentos australianos,

que ficam junto do monte Hopeless, a sessenta léguas do forte Wills. Põem-se a caminho. Dos dois camelos que restam, um perece num afluente lodoso do Cooper's-creek, outro não pode dar mais um passo; é preciso matá-lo e sustentarem-se da sua carne. Dentro em pouco os víveres estão todos devorados. Os três infelizes ficam reduzidos a alimentar-se do nardo, planta aquática, cujos espórios são comestíveis. Sem água, sem meios de transporte, não podem afastar-se das margens do Cooper. Um incêndio queima-lhes a cabana e os objetos de acampamento! Estão perdidos! Só lhes resta morrer! Burke chamou King e disse-lhe: «Tenho apenas algumas horas de vida; eis o meu relógio e as minhas notas. Depois de eu morrer, desejo que me ponhas uma pistola na mão direita, e me deixes na posição em que estiver, sem me enterrares!» Dito isto não tornou a falar, e expirou no dia seguinte às oito horas. King, aterrado, de cabeça perdida, partiu logo em busca de uma tribo australiana. Quando voltou, Wills também acabava de sucumbir. Quanto a King, foi recolhido pelos indígenas, e no mês de setembro encontrou-o a expedição de Mr. Howit, mandada em busca de Burke, e ao mesmo tempo de Mac Kinlay e Landsborough. Portanto, dos quatro exploradores só um sobreviveu a esta passagem do continente australiano.

A narração de Paganel deixou dolorosa impressão no espírito dos ouvintes. Todos pensavam no capitão Grant, que vagueava, talvez como Burke e os seus, por aquele continente funesto. Quem sabia se os náufragos teriam escapado aos padecimentos que haviam dizimado aqueles arrojados viajantes? Era tão natural este paralelo, que as lágrimas borbulharam nos olhos de Mary Grant.

— Meu pai! Meu pobre pai! — murmurou ela.

— Miss Mary! Miss Mary! — exclamou John Mangles. — Para passar por tamanhas inclemências é preciso aventurar-se pelo interior! O capitão Grant, se está, como sucedeu a King, em poder dos indígenas, há de ser salvo como ele. Grant não se achou nunca em tão más condições como Burke.

— Nunca — acrescentou Paganel — e repito-lhe, querida miss, os habitantes da Austrália são hospitaleiros.

— Deus o ouça! — replicou a jovem.

— E Stuart? — perguntou Glenarvan, que queria desviar o curso daqueles tristes pensamentos.

— Stuart? — respondeu Paganel. — Oh! Stuart foi mais feliz, e o seu nome ficou célebre nos anais da Austrália. Desde o ano de 1848, John Mac Doual Stuart, vosso compatriota, meus amigos, preludiava as suas viagens, acompanhando Stuart nos desertos que ficam situados ao

norte de Adelaide. Em 1860, seguido apenas de dois homens, tentou, mas debalde, penetrar no interior da Austrália. Não era homem que desanimasse. Em 1861, no dia 1 de janeiro, saiu de Chambers-creek, à testa de onze companheiros resolutos, e só se deteve a sessenta léguas do golfo de Carpentária; mas, como lhe faltassem as provisões, teve de voltar para Adelaide sem haver atravessado o terrível continente. Contudo, mais uma vez tentou fortuna, e organizou uma terceira expedição, que devia agora conseguir o objetivo tão ardentemente desejado. O parlamento da Austrália meridional patrocinou com boa vontade a nova exploração, e votou para ela um subsídio de duas mil libras esterlinas. Stuart tomou todas as precauções que a sua experiência lhe sugeria. Os seus amigos, Waterhouse, o naturalista Thring, Kekwick, seus antigos companheiros, Woodforde, Auld, dez ao todo, reuniram-se-lhe. Importou da América vinte odres de couro, cada um dos quais podia conter sete galões, e no dia 5 de abril de 1862 a expedição achava-se reunida na bacia de New-Castle Water, para lá de 18° de latitude, no ponto mesmo que Burke não pudera transpor. A linha do seu itinerário seguia quase o meridiano cento e trinta e um, e, por conseguinte, fazia um desvio de sete graus para oeste em relação ao de Burke. New-Castle Water devia ser a base das novas explorações. Stuart, rodeado de densos bosques, debalde procurou seguir para o norte e para o nordeste. Na sua tentativa de passar para oeste do rio Vitória teve o mesmo resultado negativo: impenetráveis matagais fechavam-lhe completamente a saída. Stuart resolveu então mudar de acampamento, e conseguiu transportá-lo um pouco mais para o norte, para os pântanos de Hower. Então, inclinando-se para leste, encontrou em meio de planícies cobertas de erva a ribeira Daily, e subiu-a na extensão de trinta milhas. O país ia-se tornando magnífico; as suas pastagens fariam a alegria e a fortuna de um *squatter*; os eucaliptos cresciam a prodigiosa altura. Stuart, maravilhado, continuou a marchar em frente; chegou às margens da ribeira Strangway e do Roper's-creek, descoberto por Leichardt; as águas da ribeira derivavam em meio de palmeiras dignas daquela região tropical; viviam ali tribos indígenas que acolheram bem os exploradores. A partir deste ponto inclinou-se a expedição para o nor-nordeste, procurando através de um terreno coberto de pedra-lioiz e de rochas ferruginosas as nascentes do rio Adelaide, que se lança no golfo de Van-Diemen. O rio atravessava então a terra de Arnhem, em meio de palmeiras, de bambus, de pinheiros e de pendanos. O Adelaide ia alargando; as suas margens tornavam-se pantanosas; o mar estava próximo. Na terça-feira, 22 de junho, Stuart acampou nos pauis de Fresh-Water, muito embaraçado com os numerosos regatos que lhe impediam o caminho. Mandou três dos companheiros procurar caminhos praticáveis; no dia seguinte, ora contornando charcos impossíveis de transpor, ora atolando-se em terrenos pantanosos, chegou a uns plainos elevados

e cobertos de relva, onde cresciam grupos de gomeiras e de árvores de casca fibrosa, e onde voavam bandos de gansos, de íbis, de aves aquáticas de uma selvajaria extrema. Indígenas havia poucos ou nenhuns. Apenas se avistaram algumas espirais de fumo de longínquos acampamentos. No dia 24 de julho, nove meses depois de haver partido de Adelaide, Stuart põe-se a caminho na direção do norte; quer chegar ao oceano naquele mesmo dia; o país é um pouco acidentado e coberto de mineral de ferro e de rochas vulcânicas, as árvores tornam-se pequenas e tomam um aspeto marinho; aparece um extenso vale de aluvião, orlado na parte oposta aos caminhantes por uma espessura de arbustos. Stuart ouve distintamente o ruído das vagas desfazendo-se de encontro à praia, mas não diz nada aos companheiros. Penetram numa mata obstruída de sarmento de vinha brava. Stuart dá alguns passos. Está nas margens do oceano Índico. O continente acabava de ser atravessado pela quarta vez! Em cumprimento da promessa feita ao governador Sir Richard Macdonnell, Stuart banhou os pés e lavou o rosto e as mãos nas águas do mar. Em seguida voltou ao vale, e inscreveu numa árvore as suas iniciais, J. M. D. S. Junto de um veio de água corrente organizou-se o acampamento. No dia seguinte, Thring foi ver se por sudoeste se podia alcançar a embocadura do rio Adelaide, mas o solo era muito pantanoso para os cavalos. Tiveram de desistir da empresa. Stuart escolheu então numa clareira uma árvore elevada. Cortou-lhe os ramos mais baixos, e ao cimo arvorou a bandeira australiana. Na casca da árvore escreveu as seguintes palavras: «É a um pé ao sul que deves revolver o solo.» E se, um dia, algum viajante cavar no sítio indicado, achará uma caixa de folha, e dentro da caixa o seguinte documento, cujas palavras estão gravadas na minha memória:

GRANDE EXPLORAÇÃO E PASSAGEM DE SUL A NORTE DA AUSTRÁLIA

Os exploradores às ordens de John Mac Doual Stuart chegaram aqui no dia 15 de julho de 1862, depois de terem atravessado toda a Austrália, desde o mar do sul até às margens do oceano Índico, passando pelo centro do continente. Partiram de Adelaide no dia 26 de outubro de 1861 e saíram no dia 21 de janeiro de 1862 da última estação da colónia na direção do norte. Em memória deste feliz acontecimento desenrolaram a bandeira australiana com o nome do chefe da expedição. Tudo corre bem. Deus proteja a rainha.

Seguem-se as assinaturas de Stuart e dos seus companheiros. Assim se passou ata deste

grande acontecimento, que tamanho ruído produziu em todo o mundo.

— E esses homens corajosos não tornaram a ver os seus amigos do sul? — perguntou Lady Helena.

— Sim, milady — respondeu Paganel —; todos, mas não sem cruéis fadigas. Stuart foi quem mais padeceu: tinha a saúde bastante deteriorada pelo escorbuto, quando tornou a seguir o seu itinerário em direção a Adelaide. No princípio de setembro, havia feito tais progressos a sua doença, que ele já não esperava tornar a ver os distritos habitados. Não se podia conservar montado; fazia a jornada deitado num palanquim suspenso entre dois cavalos. No fim de outubro os escarros de sangue puseram-no em perigo de vida. Mataram um cavalo para lhe fazerem caldo; no dia 28 daquele mês pensava já que morria, quando uma crise salutar o salvou, e no dia 10 de dezembro a pequena caravana chegou completa aos primeiros estabelecimentos. Foi no dia 17 de dezembro que Stuart entrou em Adelaide no meio de uma população entusiasmada. Mas, como continuasse o seu mau estado de saúde, dali a pouco, depois de ter obtido a grande medalha de ouro da Sociedade de Geografia, partiu no «Indus» em direção à sua querida Escócia, à sua pátria, onde o veremos quando lá voltarmos—.

— Era um homem dotado do mais alto grau de energia moral — afirmou Glenarvan —, a qual, mais depressa do que a força física, nos leva à realização dos grandes cometimentos. A Escócia tem bem fundado orgulho em o contar no número dos seus filhos.

— E depois de Stuart — perguntou Lady Helena — ainda nenhum viajante tentou novas descobertas?

— Sim, milady — respondeu Paganel. — Falei de Leichardt. Este viajante já tinha feito em 1844 uma notável exploração na Austrália setentrional. Em 1848 empreendeu segunda expedição para nordeste. No espaço de dezassete anos não tornou a aparecer. No ano passado, o célebre botânico Dr. Muller, de Melbourne, abriu uma subscrição pública destinada às despesas de uma expedição. Esta subscrição foi rapidamente coberta, e um grupo de corajosos *squatters*, comandado pelo inteligente e audacioso Mac Intyre, saiu em 21 de junho de 1864 das pastagens do rio Paroo. Neste momento em que lhes falo, deve-se ter ele internado muito pelo continente em busca de Leichardt. Que seja bem sucedido, e que nós também, como ele, possamos achar os amigos que nos são tão caros!

Assim concluiu a narrativa do geógrafo. A hora ia adiantada. Deram os agradecimentos a Paganel, e todos, instantes depois, dormiam sossegadamente, enquanto o pássaro-relógio, oculto na folhagem das gomeiras brancas, batia regularmente os segundos daquela noite tranquila.

Capítulo 12 — O Caminho de Ferro de Melbourne a Sandhurst

Não vira o major sem certa apreensão deixar Ayrton o acampamento de Wimerra para ir procurar um ferrador à estação de Black-Point. Mas nada revelou das suas desconfianças e contentou-se com vigiar as proximidades do rio. A tranquilidade destas sossegadas campinas não sofreu a mais pequena alteração, e, após algumas horas de noite, o sol tornou a aparecer acima do horizonte.

Quanto a Glenarvan, só o assaltava um receio, o de ver aparecer Ayrton só. Faltando os operários, não podia o carro pôr-se outra vez a caminho. A viagem seria talvez interrompida durante muitos dias, e Glenarvan, impaciente por alcançar o fim que desejava, não admitia demora de qualidade alguma.

Porém, felizmente, Ayrton não perdera nem o tempo nem as passadas. Reapareceu no dia seguinte ao romper do sol. Acompanhava-o um indivíduo que se dizia ferrador da estação de Black-Point. Era homem vigoroso, alto, mas de fisionomia vulgar e bestial, que não inspirava confiança. Afinal, pouco importava isso, se sabia do ofício. Quase que não falava, e não gastava a língua em palavras inúteis.

— É operário sabedor? — perguntou John Mangles ao cabo de marinheiros.

— Conheço-o tanto como o senhor o conhece, capitão — respondeu Ayrton. — Veremos.

O ferrador meteu mãos à obra. Pela maneira como consertou o jogo dianteiro do carro, via-se que sabia do seu ofício. Trabalhava destramente, com um vigor pouco comum. O major observou que a carne dos seus pulsos, muito corroída, apresentava um círculo negro de sangue extravasado. Era indício de ferida recente, que as mangas de uma camisa de lã muito grosseira mal ocultavam. Mac-Nabs interrogou o ferrador a respeito daquelas erosões, que deviam ter sido dolorosas. Mas o ferrador não respondeu, e continuou a trabalhar. Passadas duas horas, as avarias do carro estavam reparadas. Quanto ao cavalo de Glenarvan, foi negócio rápido. O ferrador tivera o cuidado de trazer ferraduras já preparadas. Estas ferraduras apresentavam uma particularidade que não passou despercebida ao major. Era uma folha de trevo grosseiramente recortada na parte anterior do ferro. Mac-Nabs chamou a atenção de Ayrton para esta circunstância.

— É a marca de Black-Point — explicou o antigo marinheiro. — Permite seguir o rasto dos cavalos que se afastam da estação, e não os confundir com os outros.

Dali a pouco as ferraduras estavam postas. Em seguida o ferrador pediu o seu salário, e retirou-se sem ter pronunciado quatro palavras.

Meia hora depois, os viajantes estavam a caminho. Além da álea espessa de mimosas estendia-se um espaço muito descoberto, que merecia bem o nome de *open plain*. Alguns pedaços de quartzo e de rochas ferruginosas jaziam entre as sebes, as ervas altas e as paliçadas, onde se encerravam numerosos rebanhos. Algumas milhas adiante, as rodas do carro sulcaram muito profundamente vários terrenos palustres, onde murmuravam *creeks* irregulares, meio ocultos por caniços gigantescos. Depois, os viajantes costearam grandes lagoas salgadas, que estavam em plena evaporação. A viagem fazia-se sem custo, e, deve-se mesmo ajuntar, sem aborrecimento.

Lady Helena convidava os cavaleiros a visitá-la, porém, alternadamente, porque a sala era muito acanhada. Deste modo iam todos descansando da fadiga de andar a cavalo e deleitavam-se com a conversa daquela amável dama. Auxiliada por Miss Mary, Lady Helena fazia as honras da sua casa ambulante com perfeita graça. Nestes convites quotidianos, John Mangles não ficava esquecido, e a sua conversa, um pouco séria, não desagradava; pelo contrário.

Foi desta maneira que os viajantes cortaram diagonalmente a estrada da mala-posta, que vai de Crowland a Horsham, estrada muito farta de poeira e por onde os peões quase não transitam. Ao passarem pelo extremo do condado de Talbot, costearam alguns grupos de colinas pouco elevadas, e à noite acampou a caravana a três milhas acima de Maryborough. Caía uma chuva miúda, que noutra qualquer país encharcaria o solo; mas aqui o ar absorvia a humidade de um modo tão maravilhoso que o acampamento nada padeceu.

No dia seguinte, 29 de dezembro, a marcha foi um pouco retardada em consequência de uma série de montículos, que formavam como que uma Suíça em miniatura. Eram continuadas subidas e descidas, e grande número de tropeções pouco agradáveis. Os viajantes andaram parte do caminho a pé e não se queixaram.

Às onze horas chegaram a Carlsbrook, municipalidade muito importante. Ayrton era de opinião que se torneasse a cidade e não se penetrasse nela, a fim — dizia ele — de se ganhar tempo. Glenarvan seguiu aquele parecer, mas Paganel, sempre ávido de curiosidades, mostrou desejos de visitar Carlsbrook. Deixaram-no fazer o que ele queria, e o carro continuou vagarosamente a viagem.

Segundo o seu costume, Paganel levou Roberto consigo. Foi rápida a visita que fez à municipalidade, mas suficiente para lhe dar ideia exata das cidades australianas. Carlsbrook tinha um banco, um tribunal de justiça, um mercado, uma escola, uma igreja e umas cem casas de

tijolo perfeitamente uniformes. A disposição da cidade era de um quadrilátero regular, cortado de ruas paralelas, conforme o método inglês. Nada mais simples, mas nada de menos recreativo. Quando a cidade aumenta, acrescentam-se as ruas como as calças de um rapaz que está a crescer, e a simetria primitiva não sofre o mais pequeno transtorno.

Reinava em Carlsbrook grande atividade, sintoma muito para se notar nestas cidades nascidas de ontem. Parece que na Austrália as cidades crescem como as árvores, ao calor do sol. Gente afadigada corria as ruas; nas casas de despacho, os exportadores de ouro faziam apertão; o precioso metal, escoltado pela polícia indígena, vinha das oficinas de Bendigo e do monte Alexandre. Toda esta multidão, aguilhoada pelo interesse, não pensava noutra coisa senão nos seus negócios, e os estrangeiros passaram despercebidos por meio daquela população laboriosa.

Depois de percorrerem Carlsbrook por espaço de uma hora, os dois visitantes tornaram a alcançar os seus companheiros quando atravessavam um campo cuidadosamente cultivado. Sucediam-se a este campo extensos prados, conhecidos pelo nome de *Low-level-plains*, nos quais se elevavam muitas choças de pastores e vagueavam numerosíssimos rebanhos de carneiros. Em seguida apareceu o deserto, sem transição, com a precipitação particular das regiões australianas. As colinas Simpson e o monte Tarrangower elevavam-se na ponta que o distrito de Loddoo faz ao sul, sob o grau cento e quarenta e um de longitude.

Até ali não tinham encontrado ainda nenhuma das tribos aborígenes que vivem em estado selvagem. Glenarvan perguntava a si mesmo se na Austrália faltariam australianos, como na Pampásia argentina faltavam índios. Mas Paganel ensinou-lhe que, sob aquela latitude, os selvagens frequentavam principalmente as planícies de Murray, situadas cem milhas a leste.

— Vamo-nos aproximando do país do ouro — advertiu ele. — Dentro de dois dias havemos de atravessar á opulenta região do monte Alexandre. Foi aí que em 1852 baixou a nuvem dos mineiros. Os naturais tiveram de fugir para os desertos do interior. Sem que o pareça, estamos em país civilizado, e ainda antes de findar o dia havemos, na direção que levamos, de atravessar o caminho de ferro que põe o Murray em comunicação com o mar. Em verdade, devo confessar, um caminho de ferro na Austrália parece-me coisa surpreendente!

— Mas porquê, Paganel? — perguntou Glenarvan.

— Porquê? Porque acho esquisito! Oh! Bem sei que vós, os Ingleses, habituados a colonizar possessões longínquas, vós, que tendes telégrafos elétricos e exposições universais na Nova Zelândia, haveis de achar tudo muito simples. Mas isso confunde o espírito de um francês como eu, e baralha-lhe todas as suas ideias sobre a Austrália.

— Porque o senhor olha para o passado e não para o presente — redarguiu John Mangles.

— De acordo — tornou Paganel —, mas imaginar locomotivas a silvarem através dos desertos, volutas de vapor a enroscarem-se por entre os ramos das mimosas e dos eucaliptos, imaginar equidnas, ornitorrincos e casuares a fugirem diante de comboios a grande velocidade, e selvagens que tomam o expresso das três e meia para irem de Melbourne a Kyneton, a Castlemaine, a Sandhurst ou a Echuca, eis o que espanta qualquer que não for inglês ou americano. Com os seus caminhos de ferro vai-se toda a poesia do deserto.

— O que importa, se o progresso penetra nele! — replicou o major.

Um agudíssimo silvo interrompeu a discussão. Os viajantes não estavam a meia milha do caminho de ferro. Uma locomotiva, que vinha do sul a pequena velocidade, parou precisamente no ponto de interseção da via férrea e do caminho seguido pelo carro.

Como dissera Paganel, este caminho de ferro ligava a capital da Vitória ao Murray, o maior rio da Austrália. Esta imensa corrente, descoberta em 1828 por Stuart, que nasce nos Alpes australianos e é engrossada pelo Lachlan e o Darling, prolonga-se por toda a fronteira setentrional da província de Vitória e vai lançar-se na baía Encounter, junto de Adelaide. Atravessa países ricos e férteis, e no seu curso multiplicam-se as estações de *squatters*, graças às comunicações fáceis que o caminho de ferro estabelece com Melbourne.

Esta via era então explorada numa extensão de cento e cinco milhas entre Melbourne e Sandhurst, passando no seu trajeto por Kyneton e Castlemaine. A sua construção prolongava-se por espaço de setenta milhas até Echuca, capital da colónia Riverine, fundada naquele mesmo ano por Murray.

O paralelo trinta e sete cortava a via férrea algumas milhas acima de Castlemaine, e precisamente em Camden-Bridge, ponte lançada sobre o Lutton, um dos numerosos afluentes do Murray.

Foi para este ponto que Ayrton dirigiu o carro, precedido dos cavaleiros, que permitiram a si mesmos uma galopada até Camden-Bridge. Demais, um vivo sentimento de curiosidade para ali os impelia.

Com efeito, considerável multidão se dirigia para a ponte do caminho de ferro. Os habitantes das estações vizinhas abandonando as suas casas, os pastores os seus gados, atulhavam as proximidades da via. Podiam-se ouvir estes gritos muitas vezes repetidos:

«Ao caminho de ferro! Ao caminho de ferro!»

Devia-se ter dado algum grave acontecimento, que ocasionava toda esta agitação. Talvez houvesse sucedido alguma grande catástrofe.

Glenarvan, seguido dos seus companheiros, fez apressar a andadura do cavallo. Em poucos minutos chegou a Camden-Bridge. Ali compreendeu a causa do ajuntamento.

Sucedera uma terrível catástrofe, não um choque de comboios, mas um descarrilamento e uma queda, que lembravam os mais graves desastres das linhas americanas. O rio, que a via férrea atravessava, estava atulhado de vagões e da locomotiva. Fosse porque a ponte abatesse sob o peso do trem, fosse porque o comboio saltasse para fora dos carris, de seis carruagens cinco tinham caído no leito do Lutton, arrastadas pela locomotiva. Só o último vagão, salvo milagrosamente pela rutura da cadeia, permanecia sobre a via, a meia toesa do abismo. Em baixo, só se via um sinistro montão de eixos enegrecidos e quebrados, caixas arrombadas, carris torcidos, travessas calcinadas. A caldeira, que rebentara com o choque, arremessara pedaços das suas chapas a grandes distâncias. De toda esta aglomeração de objetos informes saíam ainda algumas chamas e espirais de vapor misturados com fumo negro. Depois da horrível queda, incêndio ainda mais horrível! Extensos rastos de sangue, membros espalhados, pedaços de cadáveres carbonizados apareciam em diversos pontos, e ninguém ousava calcular o número de vítimas acumuladas debaixo destes destroços.

Glenarvan, Paganel, o major, Mangles, misturados com a multidão, escutavam o que se dizia. Enquanto trabalhavam no salvamento dos destroços, procurava cada qual explicar a catástrofe.

— A ponte abateu — dizia um.

— Abateu! — tornavam outros. — Tanto abateu que está ainda intacta. Esqueceram-se de a fechar na passagem do comboio. Eis tudo.

Era efetivamente uma ponte levadiça, que se abria para o serviço da navegação dos pequenos barcos. Por uma negligência imperdoável, o guarda da ponte ter-se-ia esquecido de a descer, e o comboio lançado a toda a velocidade, faltando-lhe repentinamente a via, precipitar-se-ia no leito do Lutton? Parecia muito admissível esta hipótese, porque se uma parte da ponte jazia debaixo dos destroços dos vagões, a outra metade, dobrada sobre a margem oposta, pendia ainda das suas cadeias intactas. Não restava dúvida: uma incúria do guarda acabava de causar a catástrofe.

O acidente sucedera de noite, ao expresso n.º 37, que partira de Melbourne às onze horas e quarenta e cinco minutos. Deviam ser três horas e quinze minutos da manhã quando o comboio, vinte e cinco minutos depois de ter saído da estação de Castlemaine, chegou à passagem de Camden-Bridge e aí se despedaçou. Os viajantes e os empregados do último vagão trataram logo de pedir socorro; mas o telégrafo, cujos postes jaziam por terra, já não funcionava. Eram

precisas às autoridades de Castlemaine três horas para chegarem ao lugar do sinistro. Por isso davam seis horas da manhã quando os trabalhos de salvamento foram organizados sob a direção de Mr. Mitchell, inspetor-geral da colônia, e de uma esquadra de polícias, comandados por um oficial. Os *squatters* e a sua gente tinham vindo em auxílio, e principiaram por trabalhar na extinção do incêndio, que devorava aquele montão de destroços com invencível atividade. Alguns cadáveres desfigurados estavam deitados sobre o declive do entulho. Mas tinha-se de renunciar à esperança de tirar qualquer ente ainda vivo daquela fornalha. O fogo acabara rapidamente a obra de destruição. Dos viajantes do comboio, cujo nome se ignorava, só dez sobreviveram, os do último vagão. A administração do caminho de ferro acabava de enviar uma locomotiva de socorro para os reconduzir a Castlemaine.

Entretanto, Lord Glenarvan, tendo-se dado a conhecer ao inspetor-geral, conversava com ele e com o oficial de polícia. Este último era um homem alto e magro, de um sangue-frio imperturbável, e que, se tinha alguma sensibilidade no coração, não a dava a conhecer nas feições impassíveis. Perante todo aquele desastre, era como um matemático diante de um problema: procurava resolvê-lo e achar-lhe a incógnita. Por isso, a esta frase de Glenarvan: «Eis uma grande desgraça!» replicou ele tranquilamente:

— Melhor do que isso, milord.

— Melhor do que isso! — exclamou Glenarvan, scandalizado com aquela frase. — O que há então de melhor do que uma desgraça?

— Um crime! —olveu calmamente o oficial de polícia.

Glenarvan, sem manifestar nenhum reparo diante da impropriedade daquela expressão, voltou-se para Mr. Mitchell, e interrogou-o com o olhar.

— Sim, milord — tornou o inspetor-geral — o nosso inquérito levou-nos à certeza de que a catástrofe é resultado de um crime. O último vagão das bagagens foi saqueado. Os viajantes que sobreviveram foram atacados por um bando de cinco ou seis malfeitores. A ponte ficou aberta intencionalmente, não por descuido, e se aproximarmos esta circunstância do facto de ter desaparecido o guarda, concluiremos que o miserável se tornou cúmplice dos criminosos.

O oficial de polícia, ao ouvir esta dedução do inspetor, abanou vagarosamente a cabeça.

— Não é da minha opinião? — perguntou-lhe Mr. Mitchell.

— Não, quanto à cumplicidade do guarda.

— Entretanto, essa cumplicidade — prosseguiu o inspetor — permite-nos atribuir o crime aos selvagens que vagueiam nas campinhas do Murray. Se não fosse o guarda, os indígenas não teriam podido abrir a ponte girante, cujo mecanismo lhes é desconhecido.

— Exato — replicou o oficial de polícia.

— Ora — acrescentou Mr. Mitchell —, consta pela declaração de um barqueiro, cujo barco atravessou Camden-Bridge às dez e quarenta e cinco minutos, que a ponte foi fechada depois de ele passar, conforme manda o regulamento.

— Portanto, em vista disso, a cumplicidade do guarda parece-me provada de um modo perentório.

O oficial de polícia continuava a abanar a cabeça.

— Mas, então, o senhor não atribui o crime aos selvagens? — perguntou-lhe Glenarvan.

— Longe disso.

— A quem o atribui, pois?

Naquele momento, à distância de meia milha rio acima, elevou-se grande rumor. Formara-se um ajuntamento de povo, que rapidamente engrossou. O ajuntamento chegou dali a pouco à estação. No centro, dois homens traziam um cadáver. Era o cadáver do guarda, já frio. Vinha ferido com uma punhalada no coração. Os assassinos, levando o corpo para longe de Camden-Bridge, tinham querido decerto desfazer as suspeitas e desorientar a polícia nas suas primeiras pesquisas.

Esta descoberta justificava plenamente as dúvidas do oficial. Os selvagens não tinham tomado parte alguma no monstruoso crime.

— Os que praticaram a proeza — disse ele — são indivíduos já familiarizados com o uso deste pequeno instrumento.

E, falando assim, mostrou um par de algemas compostas de um duplo anel munido de uma fechadura.

— Dentro de pouco — acrescentou ele — hei de ter o prazer de lhes oferecer este bracelete como presente de boas-festas.

— Então suspeita?...

— De certos indivíduos que «têm viajado de graça nos navios de Sua Majestade».

— O quê? Convictos! — exclamou Paganel, que conhecia aquela metáfora, empregada nas colónias australianas.

— Eu julgava — observou Glenarvan — que os degredados não tinham direito de residir na província de Vitória?

— Ora essa! — replicou o oficial de polícia —, se não tem esse direito, tomam-no! Os convictos fogem algumas vezes, e ou eu me engano muito, ou estes vêm em linha reta de Perth. Pois bem, para lá hão de voltar, creia-me.

Mr. Mitchell aprovou com um gesto as palavras do oficial de polícia. Neste momento o carro chegou ao nível da via. Glenarvan quis subtrair as viajantes ao horrível espetáculo de Camden-Bridge. Cumprimentou o inspetor-geral, despediu-se dele, e fez sinal aos seus amigos para que o seguissem.

— Não é razão — disse ele — para interromper a viagem.

Chegando ao carro, Glenarvan falou a Lady Helena de um acidente de caminho de ferro, sem dizer que parte tivera o crime nesta catástrofe; também não mencionou a presença, no país, de um bando de convictos, reservando-se para em particular falar nisso a Ayrton. Em seguida a pequena caravana atravessou o caminho de ferro alguns centenas de toesas acima da ponte, e retomou na direção de leste o caminho costumado.

Capítulo 13 — Um Primeiro Prémio de Geografia

Algumas colinas traçavam no horizonte o seu contorno alongado e limitavam a planície a duas milhas do caminho de ferro. O carro não tardou muito a meter-se por desfiladeiros estreitos e caprichosamente sinuosos. Esses desfiladeiros iam dar a uma região encantadora, onde formosas árvores, não reunidas em florestas, mas em grupos isolados, cresciam com exuberância inteiramente tropical. Entre as mais admiráveis distinguíam-se as casuarinas, que parecem ter pedido ao carvalho a estrutura robusta do tronco, à acácia as vagens odoríferas e ao pinheiro a rudeza das folhas um pouco esverdeadas. Com os seus ramos misturavam-se os cones tão curiosos da *banksia latifolia*, cuja aparência esguia é de extrema elegância. Grandes arbustos de raminhos pendentes produziam na espessura o efeito de uma água esverdeada, transbordando de vasos muito cheios. O olhar hesitava entre todas estas maravilhas naturais e não sabia onde fixar a sua admiração.

A pequena caravana parara por um instante. Em cumprimento de uma ordem de Lady Helena, Ayrton fizera deter os bois. Os espessos discos do carro tinham cessado de chiar sobre a areia quartzosa. Por baixo das árvores desenrolavam-se extensos tapetes de verdura; apenas algumas intumescências do solo, algumas elevações regulares, os dividiam em casas ainda muito perceptíveis, e que lhes davam a aparência de um grande tabuleiro de xadrez.

Paganel não se enganou à vista destas verdejantes solidões, tão poeticamente dispostas para o repouso eterno. Reconheceu aquelas lousas funerárias, cujos últimos vestígios a erva está apagando, e que o viajante tão raras vezes encontra sobre a terra australiana.

— Os bosques da morte — disse ele.

Efetivamente, tinha diante de si um cemitério indígena, mas tão fresco, tão umbroso, tão alegre, graças aos bandos de pássaros que por ele voavam, tão atrativo que não despertam nenhuma ideia triste. Facilmente o podiam tomar por um dos jardins do Éden, quando a morte não pairava sobre a face da Terra. Parecia feito para os vivos. Mas aqueles túmulos, que o selvagem conservava com piedoso desvelo, começavam já a desaparecer sob um fluxo de verdura. A conquista afugentara o australiano para longe da terra onde dormiam os seus maiores, e a colonização não tardaria em entregar aqueles campos da morte à voracidade dos rebanhos. Por isso se têm tornado raros tais bosques, e já são trilhados pelo pé do viajante muitos que ocultam uma geração inteira e recente.

Entretanto Paganel e Roberto, tomando a dianteira aos seus companheiros, seguiam por entre os túmulos ao longo de pequenas alamedas umbrosas. Conversavam e instruíam-se mutuamente, porque o geógrafo sustentava que lucrava muito com a conversa do jovem Grant. Mas não tinham andado um quarto de milha quando Lord Glenarvan os viu parar, depois apearem-se e finalmente inclinarem-se para terra. Pareciam examinar algum objeto muito curioso, a avaliar pelos seus gestos expressivos.

Ayrton picou os bois, e o carro não tardou a alcançar os dois amigos. A causa da sua paragem e da sua admiração foi logo conhecida. Um rapazinho indígena, de uns oito anos de idade, vestido à europeia, dormia tranquilamente à sombra de uma magnífica *banksia*. Em vista dos traços característicos da sua raça, era difícil errar: os cabelos crespos, a cor quase negra, o nariz achatado, os lábios grossos, o comprimento pouco comum dos braços, tudo o classificava imediatamente entre os naturais do interior. Distinguia-o contudo uma fisionomia inteligente, e decerto que a educação já tinha elevado aquele jovem selvagem acima da sua baixa origem.

Lady Helena, tomando logo grande interesse por ele, desceu do carro, e dali a nada todos rodeavam o pequeno indígena, que dormia profundamente.

— Pobre criança! — disse Mary Grant. — Perder-se-ia neste deserto?

— Suponho —olveu Lady Helena — que veio de bem longe visitar os bosques da morte! Repousam aqui decerto as pessoas a quem ama!

— Mas não o devemos abandonar! — afirmou Roberto Grant. — Está só, e...

A caritativa frase de Roberto foi interrompida por um movimento do jovem indígena, que se voltou sem acordar; mas então tornou-se extrema e geral a surpresa ao verem-lhe nas costas o seguinte letreiro:

TOLINÉ,
TO BE CONDUCTED TO ECHUCA,
CARE OF JEFFRIES SMITH, RAILWAY.
PORTER PREPAID

— Coisas mesmo de ingleses! — exclamou Paganel. — Expedem uma criança como uma caixa de fazendas! Registam-na como um fardo! Bem mo tinham dito, mas não queria crer.

— Pobre pequeno! — exclamou Lady Helena. — Estava no comboio que descarrilou em Camden-Bridge? Talvez os pais morressem, e acha-se agora só no mundo!

— Não creio, milady — declarou John Mangles. — O letreiro indica, pelo contrário, que

ele viaja só.

— Acorda — disse Mary Grant.

Efetivamente, a criança acordava. Os olhos abriram-se-lhe vagarosamente e tornaram-se logo a fechar, feridos pelo brilho do dia. Lady Helena pegou-lhe na mão; a criança levantou-se e deitou um olhar admirado para o grupo dos viajantes. Uma expressão de terror alterou-lhe a princípio as feições, mas a presença de Lady Glenarvan tranquilizou-o.

— Compreendes inglês, meu amigo? — perguntou-lhe a jovem.

— Compreendo e falo — respondeu o rapazinho na língua dos viajantes, mas com acento muito carregado.

A sua pronúncia lembrava a dos franceses que se exprimem na língua do Reino Unido.

— Como te chamas? — perguntou Lady Helena.

— Toliné — respondeu o pequeno indígena.

— Ah! Toliné! — exclamou Paganel. — Se não me engano, essa palavra quer dizer «casca de árvore» em australiano?

Toliné fez um sinal afirmativo e tornou a olhar para os viajantes.

— Onde vens, meu amigo? — tornou Lady Helena.

— De Melburne, pelo caminho de Sandhurst.

— Vinhas no comboio que descarrilou na ponte de Camden? — perguntou Glenarvan.

— Sim, senhor — respondeu Toliné — mas o Deus da Bíblia protegeu-me.

— Viajavas só?

— Só. O reverendo Paxton confiara-me ao cuidado de Jeffries Smith. Infelizmente o pobre condutor morreu!

— E nesse comboio não conhecias mais ninguém?

— Mais ninguém, senhor. Deus, porém, vela sobre as crianças e jamais as abandona!

Toliné dizia estas coisas com uma voz meiga, que ia direita ao coração. Quando falava de Deus, tornava-se mais grave o seu tom, iluminavam-se-lhe os olhos, e adivinhava-se todo o fervor contido naquela alma tão tenra.

Um tal entusiasmo religioso em tão verde idade facilmente se explica. O rapazinho era um desses pequenos indígenas batizados pelos missionários ingleses e educados nas práticas austeras da religião metodista. As respostas serenas, o seu asseio, o sombrio do trajo, davam-lhe já o aspeto de um reverendo pequenino.

Mas aonde ia ele assim, através daquelas regiões desertas, e porque abandonava Camden-Bridge?

Lady Helena interrogou-o a este respeito.

— Voltava para a minha tribo, no Lachlan — explicou ele. — Quero tornar a ver a minha família.

— Australianos? — perguntou John Mangles.

— Australianos do Lachlan — respondeu Toliné.

— E tens pai, mãe? — inquiriu Roberto Grant.

— Sim, meu irmão — volveu Toliné, estendendo a mão para o jovem Grant, a quem este nome de irmão muito comoveu. Abraçou o pequeno indígena, e não era preciso mais nada para fazer deles dois amigos.

Entretanto os viajantes, extremamente interessados com as respostas do jovem selvagem, tinham-se pouco a pouco sentado em volta dele e escutavam-no. O sol já se ocultava detrás das grandes árvores. Visto que o lugar parecia propício para uma paragem, e pouco importava fazer ou deixar de fazer algumas milhas mais antes de cair a noite, Glenarvan deu ordem de preparar tudo para o acampamento. Ayrton tirou os bois do carro, ajudado por Mulrady e Wilson, pôs-lhe as peias e deixou-os pastar à vontade. Armou-se a barraca. Olbinett preparou a refeição da noite. Toliné aceitou o convite para tomar parte nela, mas fazendo sempre alguma cerimónia, apesar de ter fome. Puseram-se, pois, à mesa, e os dois pequenos ao pé um do outro. Roberto escolhia os melhores bocados para o seu novo camarada, e Toliné aceitava-os com amabilidade tímida e encantadora.

Mas a conversa não perdia a animação. Todos se interessavam pela criança e interrogaram-na. Queriam conhecer a sua história. Era ela bem simples. O seu passado foi o de todos os pobres indígenas confiados desde tenra idade ao cuidado das associações de caridade pelas tribos vizinhas da colónia. Os Australianos têm costumes pacíficos. Não nutrem pelos invasores o ódio feroz que caracteriza os habitantes da Nova Zelândia, e talvez algumas tribos da Austrália do norte. Veem-nos frequentar as cidades principais, Adelaide, Sydney, Melbourne, e passear por elas num trajo bastante primitivo. Comerciam aí em miudezas da sua indústria, em instrumentos de caça ou de pesca, e alguns chefes de tribo, decerto por economia, deixam sem repugnância os seus filhos aproveitar o benefício da educação inglesa.

Foi o que fizeram os pais de Toliné, verdadeiros selvagens do Lachlan, vasta região situada além do Murray. Durante cinco anos que estivera em Melbourne, a criança não vira nenhum dos seus. E, contudo, o imorredouro sentimento de família conservava-se sempre no seu coração, e era para tornar a ver a sua tribo, talvez dispersa, a sua família, com certeza dizimada, que Toliné tomara o dificultoso caminho do deserto.

— E depois de abraçares teus pais voltas para Melbourne, meu filho? — perguntou-lhe Lady Helena.

— Sim, senhora — respondeu Toliné, olhando para a jovem com sincera expressão de ternura.

— E o que queres um dia fazer?

— Arrancar meus irmãos à miséria e à ignorância! Quero instruí-los, levá-los ao conhecimento e amor de Deus! Desejo ser missionário!

Estas palavras, proferidas com animação por uma criança de oito anos, podiam promover o riso a quem fosse de génio leviano e zombeteiro; mas aqueles graves escoceses compreenderam-nas e respeitaram-nas; admiraram o religioso valor daquele jovem discípulo já pronto para o combate. Paganel sentiu-se profundamente comovido e tomou verdadeira simpatia pelo pequeno indígena.

Será preciso dizê-lo? Até então aquele selvagem vestido à europeia não lhe agradava. Não vinha à Austrália para ver australianos de casaca. Queria-os simplesmente vestidos com as suas pinturas de cores exóticas. Aquele traje «conveniente» transtornava-lhe todas as ideias. Mas assim que ouviu Toliné falar com tanto ardor, reconsiderou e declarou-se seu admirador.

Demais, o remate da conversação devia fazer do bravo geógrafo o melhor amigo do pequeno australiano.

A certa pergunta de Lady Helena, Toliné respondeu que estudava na Escola Normal de Melbourne, dirigida pelo reverendo Paxton.

— E que aprendes nessa escola? — perguntou Lady Glenarvan.

— Aprendo a Bíblia, as matemáticas, a geografia...

— Ah! Geografia! — exclamou Paganel, a quem haviam tocado na corda sensível.

— Sim, senhor — volveu Toliné. — Ganhei até um dos primeiros prémios de geografia antes das férias de janeiro.

— Tiveste um prémio de geografia, meu rapaz?

— Ei-lo, senhor — disse Toliné, tirando um livro da algibeira.

Era uma Bíblia em oitavo pequeno, bem encadernada. No verso da primeira página lia-se: «Escola Normal de Melbourne, primeiro prémio de geografia, Toliné de Lachlan.»

Paganel não teve já mão em si! Um australiano forte em geografia era coisa que o maravilhava, e beijou Toliné em ambas as faces, como se fosse nada menos que o reverendo Paxton, em dia de distribuição de prémios. Contudo, Paganel devia saber que semelhante facto não é raro nas escolas australianas. Os jovens selvagens têm muita aptidão para as ciências

geográficas, aplicam-se a elas sem custo, e mostram, pelo contrário, um espírito rebelde aos cálculos.

Quanto a Toliné, não percebeu a razão dos repentinos afagos do sábio. Lady Helena teve de lhe explicar que Paganel era um célebre geógrafo, e em caso de precisão um professor distinto.

— Um professor de geografia! — replicou Toliné. — Oh! Meu senhor, interrogue-me!

— Interrogar-te, meu rapaz! — disse Paganel — mas se eu não quero outra coisa! Ia até fazê-lo sem tua licença. Não desgosto de ver como se ensina geografia na Escola Normal de Melbourne!

— E se Toliné o apanhasse em erro, Paganel! — observou o major.

— Ora essa! — exclamou o geógrafo. — Apanhar em erro o secretário da Sociedade de Geografia de França!

Depois, firmando melhor os óculos no nariz, endireitando a elevada estatura, e tomando um tom grave, como convém a um professor, começou o seu interrogatório.

— Estudante Toliné, levante-se — ordenou ele.

Toliné, que já estava de pé, não podia levantar-se mais. Aguardou, pois, em atitude modesta, as perguntas do geógrafo.

— Estudante Toliné — tornou Paganel — quais são as cinco partes do mundo?

— A Oceânia, a Ásia, a África, a América e a Europa — respondeu Toliné.

— Muito bem. Faamos primeiramente da Oceânia, pois que pela nos achamos neste momento. Quais são as suas principais divisões?

— Divide-se em Polinésia, em Malásia, em Micronésia e em Melanésia. As suas ilhas principais são a Austrália, que pertence aos Ingleses, a Tasmânia, que pertence aos Ingleses, as ilhas Chatham, Auckland, Macquarie, Kermadec, Makin, Maraki, etc., que pertencem aos Ingleses.

— Bem — volveu Paganel —, mas a Nova Caledónia, as Sanduíches, as Mendanha, as Pomotu?

— São ilhas que estão sob o protetorado da Grã-Bretanha.

— Como! Sob o protetorado da Grã-Bretanha! — exclamou Paganel —, mas parece-me, pelo contrário, que a França...

— A França! — exclamou o pequeno muito admirado.

— Aí está! Aí está! — disse Paganel. — Eis o que lhes ensinam na Escola Normal de Melbourne!

— Sim, Sr. professor, pois não digo bem?

— Sim! Sim! Muito bem — redarguiu Paganel. — Toda a Oceânia pertence aos Ingleses! Isso é negócio entendido! Continuemos.

Paganel tinha um ar meio vexado, meio surpreendido, que muito divertia o major.

O interrogatório continuou.

— Passemos à Ásia — declarou o geógrafo.

— A Ásia é um país imenso — respondeu Toliné. — Capital: Calcutá. Cidades principais: Bombaim, Madrasta, Calicut, Adém, Malaca, Singapura, Pegu, Colombo; ilhas Laquedivas, ilhas Maldivas, ilhas Chagos, etc., etc. Pertence aos ‘Ingleses.

— Bem! Bem, discípulo Toliné! E a África?

— A África encerra duas colónias principais: ao sul, a do Cabo, com Cape-Town por capital; e ao ocidente, os estabelecimentos ingleses; cidade principal: Serra Leoa.

— Bem respondido! — disse Paganel, que principiava a resignar-se àquela geografia anglo-fantasia, perfeitamente ensinada! — Quanto à Argélia, a Marrocos, ao Egito... riscados dos atlas britânicos! Não desgostava agora de falar um pouco da América!

— Divide-se — prosseguiu Toliné — em América setentrional e em América meridional. A primeira pertence aos Ingleses pelo Canadá, Novo Brunswick, Nova Escócia, e Estados Unidos, debaixo da administração do governador Johnson!

— O governador Johnson! — exclamou Paganel —, o sucessor do grande e bom Lincoln, assassinado por um doido fanático da escravatura! Muito bem! Melhor não é possível. E quanto à América do Sul, com a sua Guiana, as suas Maloínas, o seu arquipélago de Shetland, com a sua Jórgia, Jamaica, Trinidad, etc., pertence ainda aos Ingleses! Não serei eu que discuta a tal respeito. Mas, por exemplo, Toliné, desejava saber a tua opinião sobre a Europa, ou antes a opinião dos teus professores?

— A Europa? — replicou Toliné, que não compreendia a animação do geógrafo.

— Sim! A Europa! A quem pertence a Europa?

— Mas a Europa pertence aos Ingleses — respondeu o pequeno com tom de convicção.

— Também me quer parecer isso — retorquiu Paganel. — Mas como? Eis o que eu desejava saber.

— Pela Inglaterra, Escócia, Irlanda, Malta, ilhas Jersey e Guernesey, ilhas Jónias, Hébrides, Shetland, Órcades...

— Bem, bem, Toliné, mas há outros estados que te esqueces de nomear, meu rapaz!

— Quais, senhor? — perguntou-lhe Toliné, que não se atrapalhava.

— A Espanha, a Rússia, a Áustria, a Prússia, a França!

— São províncias e não estados — afirmou Toliné.

— Ora essa! — bradou Paganel, tirando com violência os óculos do nariz.

— Com certeza; a Espanha, capital Gibraltar.

— Admirável! Perfeito, sublime! E a França, meu rapaz, porque sou francês, e não desgostava de saber a quem pertença!

— A França — respondeu Toliné tranquilamente — é uma província inglesa; capital: Calais.

— Calais! — exclamou Paganel. — Como! Pois julgas que Calais ainda pertence à Inglaterra?

— Decerto.

— E é a capital da França?

— Sim, senhor, e é aí que reside o governador, Lord Napoleão.

A estas últimas palavras Paganel fez explosão. Toliné não sabia o que devia pensar. Tinham-no interrogado, respondera melhor que pudera. Mas a singularidade das suas respostas não lhe podia ser imputada; nem sequer a suspeitava. Entretanto não parecia perturbado, e esperava gravemente o fim destes incompreensíveis debates.

— Bem vê, Paganel — observou o major, rindo. — Não tinha eu razão quando sustentava que o aluno Toliné é que lhe havia de dar uma lição?

— É verdade, amigo major — replicou o geógrafo. — Ah! Aí está como se ensina geografia em Melbourne! Vão bem os professores da Escola Normal! A Europa, a Ásia, a África, a América, a Oceânia, tudo pertence aos Ingleses! Ora bem, com essa educação engenhosa, compreendo que os indígenas se submetam? Mas bem! Toliné, e a lua, meu rapaz, também é inglesa?

— há de vir a sê-lo — respondeu gravemente o jovem selvagem.

A isto, Paganel levantou-se. Não podia parar. Tinha precisão de rir à vontade, e foi esperar que lhe passasse o ataque de riso a um quarto de milha do acampamento.

Entretanto Glenarvan tinha ido buscar um livro à sua pequena biblioteca de viagem. Era o *Resumo de Geografia* de Samuel Richardson, obra muito estimada em Inglaterra e mais em dia com a ciência do que todos os professores de Melbourne.

— Toma, meu filho — disse ele a Toliné —, guarda este livro. Tens ideias falsas a respeito de geografia, que é muito conveniente modificar. Dou-to como lembrança do nosso encontro.

Toliné pegou no livro sem responder; olhou para ele atentamente, meneando a cabeça com ar de incredulidade, sem se resolver a metê-lo na algibeira.

Entretanto a noite cerrara de todo. Eram dez horas. Convinha tratar de dormir a fim de se

levantarem de madrugada. Roberto ofereceu ao seu amigo Toliné metade da pequena cama que lhe pertencia. O pequeno indígena aceitou.

Instantes depois, Lady Helena e Mary Grant voltaram para o carro e os viajantes estenderam-se debaixo da tenda enquanto as gargalhadas de Paganel se confundiam com o cantar meigo e baixo das pegas bravas.

Mas no dia seguinte, quando, às seis horas, um raio de sol despertou os que dormiam, debalde procuraram o pequeno australiano. Toliné desaparecera. Queria ele chegar quanto antes ao país de Lachlan? Ofendê-lo-iam as risadas de Paganel? Não se sabia.

Mas quando Lady Helena acordou, achou em cima do peito um fresco ramalhete de sensitivas de folha singela, e Paganel achou na algibeira do casaco a *Geografia* de Samuel Richardson.

Capítulo 14 — As Minas do Monte Alexandre

Em 1814, Sir Roderick Impey Murchison, atualmente presidente da Sociedade Real Geográfica de Londres, achou, pelo estudo da sua conformação, notáveis relações de identidade entre a cordilheira dos Urales e a cordilheira que se estende de norte a sul, não longe da costa meridional da Austrália.

Ora, se os Urales são uma cordilheira aurífera, o sábio geógrafo perguntou a si mesmo se o precioso metal não se encontrava também na cordilheira da Austrália. Não se enganava.

Efetivamente, dois anos depois, algumas amostras de ouro foram-lhe enviadas da Nova Gales do Sul, e resolveu promover a emigração de um grande número de operários de Cornualha para as regiões auríferas da Nova Holanda.

Fora Mr. Francis Dutton quem achara os primeiros pedaços de ouro nativo da Austrália do sul. Foram Mrs. Forbes e Smyth quem tinham descoberto os primeiros jazigos da Nova Gales.

Dado o primeiro impulso, os mineiros afluíram de todos os pontos do Globo — ingleses, americanos, italianos, franceses, alemães, chineses. Contudo, foi só a 3 de abril de 1851 que Mr. Hargraves verificou a existência de jazigos de ouro muito ricos, e propôs ao governador da colônia de Sydney, Sir Ch. Fitz-Roy, que lhe concedesse a exploração mediante a módica soma de quinhentas libras esterlinas.

Não foi aceite a sua proposta, mas a nova da descoberta espalhou-se. Os exploradores dirigiram-se para o Summerhill e o Leni's Pond. Foi fundada a cidade de Ofir, e pela riqueza das explorações mostrou-se bem depressa digna deste nome bíblico.

Até então não se fizera menção da província de Vitória, que aliás devia vencê-la pela opulência dos seus jazigos.

Efetivamente, alguns meses depois, em agosto de 1851, os primeiros pedaços de ouro nativo da província foram desenterrados e bem depressa quatro distritos se viram largamente explorados. Eram os distritos de Ballarat, de Ovens, de Bendigo e do monte Alexandre, todos eles muito ricos; mas no rio de Ovens a abundância das águas tornava o trabalho muito penoso; em Ballart, uma divisão desigual do ouro fazia muitas vezes falhar os cálculos dos exploradores; em Bendigo, o solo não se prestava às exigências do trabalhador. No monte Alexandre, todas as condições de êxito se achavam reunidas num solo regular, e este precioso metal, chegando a valer mil quatrocentos e um francos a libra, alcançou o preço mais elevado

de todos os mercados do mundo.

Era precisamente a esse lugar tão fecundo em ruínas funestas e fortunas inesperadas, que o caminho do paralelo trinta e sete conduzia os que procuravam o capitão Grant.

Depois de terem marchado todo o dia de 31 de dezembro sobre um terreno muito acidentado, que fatigou os cavalos e os bois, avistaram os cabeços arredondados do monte Alexandre.

O acampamento estabeleceu-se num estreito desfiladeiro desta pequena cordilheira, e os animais, com as peias nas pernas, foram procurar alimento entre os pedaços de quartzo que juncavam o solo. Não era ainda a região dos jazigos explorados. Foi só no dia seguinte, primeiro dia do ano de 1866, que o carro cavou o sulco das suas rodas nas estradas daquela opulenta região.

Jacques Paganel e os seus companheiros tiveram o prazer de ver de passagem este monte célebre, chamado Geboor na língua da Austrália. Ali se precipitou toda a horda de aventureiros, os ladrões e os homens de bem, os que fazem enforcar e os que fazem com que os enforcem. Aos primeiros boatos da grande descoberta, naquele áureo ano de 1851, as cidades, os campos, os navios foram abandonados pelos habitantes, pelos *squatters* e gente do mar. Tornou-se epidémica a febre do ouro, contagiosa como a peste, e quantos não morreram dela que já julgavam ter alcançado a fortuna! A natureza pródiga, dizia-se, tinha semeado milhões em mais de vinte e cinco graus de latitude na maravilhosa Austrália. Era a hora da colheita, e os novos ceifadores corriam à ceifa. O mister de *digger*, do cavador, sobrelevava a todos os outros e se é verdade que muitos sucumbiram na tarefa, prostrados pelas fadigas, alguns, contudo, enriqueceram com um só golpe de alvião. Calavam-se as ruínas, apregoavam-se as fortunas. Estes caprichos da sorte acharam eco nas cinco partes do mundo. Não tardou que bandos de ambiciosos de toda a casta afluíssem às praias da Austrália, e durante os últimos quatro meses do ano de 1852 só Melbourne recebeu cinquenta e quatro mil imigrantes, um exército, mas exército sem disciplina, exército no dia seguinte ao de uma vitória que ainda não tinha sido ganha, numa palavra, muitos milhares de ratoneiros da espécie mais daninha.

Durante os primeiros anos da mais louca embriaguez, reinou uma desordem de que é impossível dar ideia. Entretanto, os Ingleses, com a sua energia costumada, conseguiram dominar a situação. Os polícias e gendarmes indígenas largaram as fileiras do partido dos ladrões para se incorporarem no dos homens de bem. Houve completa mudança. Por essa razão Glenarvan não devia encontrar sombra das desordens de outro tempo, das cenas violentas de 1852. Treze anos haviam decorrido depois daquela época, e agora a exploração dos terrenos

auríferos fazia-se com método e segundo as regras de uma severa organização.

Demais, os jazigos começavam a esgotar-se. À força de os esquadrihar, encontrava-se-lhes o fundo. E como não se haviam de exaurir estes tesouros acumulados pela natureza, se os mineiros tinham, desde 1852 a 1858, arrancado ao solo de Vitória setenta e três milhões cento e sete mil quatrocentas e setenta e oito libras esterlinas? Os imigrados começaram portanto a diminuir em notável proporção, e lançaram-se às terras ainda virgens.

É por isso que os *golden fields*, os campos de ouro, recentemente descobertos em Otago e em Marlborough, na Nova Zelândia, são atualmente abertos por milhares de térmites de dois pés e sem penas.

Por volta das onze horas chegaram ao centro das explorações. Naquele ponto levantava-se uma verdadeira cidade com oficinas, casa de banho, caserna, *cottages* e administrações de jornais. Os hotéis, as fazendas e as casas de campo não faltavam. Havia até um teatro, a dez xelins cada lugar, e muito frequentado. Representava-se nele, por aquela ocasião, uma peça a propósito, intitulada *Francis Obadiah, ou o feliz mineiro*. No desenlace, o herói dava a última enxadada do desespero, e achava um pedaço de ouro nativo de peso inverosímil.

Com curiosidade de visitar aquela vasta exploração do monte Alexandre, Glenarvan deixou o carro continuar o caminho debaixo da direção de Ayrton e de Mulrady. Devia alcançá-lo algumas horas depois. Paganel ficou contentíssimo com aquela determinação, e, segundo o seu costume, fez-se guarda e cicerone da pequena caravana.

Por conselho dele encaminharam-se para o Banco. As ruas eram largas, macadamizadas e regadas cuidadosamente. Enormes tabuletas das *Golden Company Limited*, das *Digger's General Office*, das *Nugget's Union*, atraíam a atenção. A associação dos braços e do capital substituíra ali a ação isolada dos mineiros. Por todos os lados se ouviam funcionar as máquinas que lavavam as areias e pulverizavam o quartzo precioso.

Para lá das habitações estendiam-se os *placers*, isto é, vastas porções de terreno entregues à exploração. Aí cavavam mineiros contratados por conta das companhias e bem retribuídos por elas. O olhar não poderia contar os buracos que crivavam o solo. O ferro das pás cintilava ao sol e lançava uma continuada irradiação de relâmpagos. Entre os trabalhadores havia tipos de todas as nações. Não tinham contendas uns com os outros, e desempenhavam em silêncio a sua tarefa, como gente salariada que era.

— Não se deve contudo supor — advertiu Paganel — que já não haja no solo australiano nenhum desses aventureiros atacados pela febre do ouro, que vêm tentar fortuna no jogo das minas. Sei muito bem que a maior parte aluga os braços às companhias, e assim é preciso,

porque os terrenos auríferos são todos vendidos ou arrendados pelo Governo. Mas àquele que não tem nada, que não pode nem alugar nem comprar, ainda resta uma probabilidade de se enriquecer.

— Qual é? — perguntou Lady Helena.

— A probabilidade de exercer o *jumping* — respondeu Paganel. — Assim, nós que não temos direito algum a estes terrenos em exploração, nós poderíamos ainda assim (se fôssemos felizes, entende-se) fazer fortuna.

— Mas como? — interrogou o major.

— Pelo *jumping*, como já tive a honra de lhe dizer.

— Mas o que é o *jumping*? — insistiu o major.

— É uma combinação feita entre os mineiros, que origina muitas vezes desordens e violências, mas que as autoridades nunca puderam abolir.

— Continue, Paganel — pediu Mac-Nabs —; faz-me crescer a água na boca.

— Pois bem, admite-se que toda a terra do centro da exploração em que não se tenha trabalhado durante vinte e quatro horas, excetuando os dias solenes, cai no domínio público. Todo aquele que se apodera dela pode cavar e enriquecer, se o céu o ajuda. Portanto, Roberto, meu rapaz, trata de descobrir um desses buracos abandonados, que te ficará pertencendo.

— Sr. Paganel — interveio Mary Grant —, não dê a meu irmão semelhantes conselhos.

— Estou gracejando, minha querida miss — replicou Paganel —, e Roberto bem o sabe. Ele, mineiro! Nunca! Cavar a terra, revolvê-la, cultivá-la, depois lançar-lhe sementes e pedir-lhe uma colheita em troco de tanta fadiga, muito bem. Mas esquadrihá-la à maneira das toupeiras, cegamente como estas, para lhe arrancar um pouco de ouro, é triste e doloroso mister, e é preciso estar abandonado de Deus e dos homens para o fazer!

Depois de terem visitado o local principal das minas e trilhado um terreno removido, composto em grande parte de quartzo, de xisto argiloso e de areias provenientes da desagregação das rochas, os viajantes chegaram ao Banco.

Era um vasto edifício, que no alto da fachada tinha o pavilhão nacional. Lord Glenarvan foi recebido pelo inspetor-geral, que lhe fez as honras do estabelecimento.

É ali que as companhias depositam, em troca de um recibo, o ouro arrancado às entranhas da terra. Ia longe o tempo em que o mineiro dos primeiros dias era explorado pelos comerciantes da colónia. Pagando ao mineiro cinquenta e três xelins cada onça de ouro, vendiam-na por sessenta e cinco xelins em Melbourne! É verdade que o comerciante corria os riscos de transporte, e como os especuladores de estrada pululavam, o comboio não chegava muitas vezes

ao ponto do seu destino.

Foram apresentadas aos viajantes curiosas amostras de ouro, e o inspetor deu-lhes interessantes informações a respeito dos diversos modos de exploração daquele metal.

Encontra-se geralmente sob duas formas, ouro em rolo e ouro desagregado. Em estado de mineral, acha-se misturado com terras de aluvião, ou encerrado na sua ganga de quartzo. Portanto, na extração procede-se, segundo a natureza do terreno, ou por escavações à superfície, ou por escavações na profundidade.

Quando é em rolo, o ouro jaz na profundidade das torrentes, dos vales e dos desfiladeiros, sobreposto, conforme o tamanho, primeiro os grãos, depois as laminzinhas, e por último as palhetas.

Se, pelo contrário, é ouro desagregado, cuja ganga foi decomposta pela ação do ar, acha-se concentrado num lugar, reunido em montão, e forma o que os mineiros chamam *pochettes*. Há algumas que encerram uma fortuna.

No monte Alexandre, o ouro é apanhado mais especialmente nas camadas argilosas e nos interstícios das rochas de ardósia. É o ninho do ouro virgem; muitas vezes o mineiro põe ali a mão nas grandes pechinchas do mineral.

Depois de examinarem os diversos espécimes de ouro, os visitantes percorreram o museu mineralógico do Banco. Viram ali, classificados e com rótulos, todos os produtos de que é formado o solo australiano. O ouro não constitui a sua única riqueza, e pode, com razão, passar por um vasto estojo onde a natureza mete as suas joias mais preciosas. Nas vidraças cintilavam o topázio branco, a granada almadina, o epídoto, espécie de silicato de um belo verde, o rubi palhete, representado por espinelas escarlates e por uma variedade cor-de-rosa da maior beleza, safiras azul-claro e azul-escuro, tais como o corindo e tão procuradas como as do Malabar ou do Tibete, rútilas brancas, e finalmente um pequeno cristal de diamante, que se achou nas margens do Turon. Nada faltava a esta resplandecente coleção de pedras finas, e não era preciso ir buscar longe o ouro para as engastar.

Glenarvan despediu-se do inspetor do Banco, depois de lhe agradecer a sua benévola complacência, de que ele tão largamente se aproveitara. Em seguida, recomeçara a visita das minas.

Apesar do seu grande desapego das coisas deste mundo, Paganel não dava um passo sem esquadriñar com o olhar aquele solo opulento. Não estava mais na sua mão, e os gracejos dos companheiros nada conseguiam. A cada passo, Paganel abaixava-se, apanhava uma pedra, um pedaço de ganga, restos de quartzo; examinava-os com atenção e depois lançava-os fora com ar

de desprezo. Este manejo durou o passeio todo.

— Olá, Paganel — perguntou-lhe o major —, perdeu alguma coisa?

— Decerto — respondeu Paganel —, a gente sempre perde o que não acha no país do ouro e das pedras preciosas. Não sei a razão por que não desgostaria de levar daqui um pedaço de ouro do peso de algumas onças, ou até do peso de vinte libras, o muito.

— E o que lhe faria, meu estimado amigo? — inquiriu Glenarvan.

— Oh! Não me veria muito embaraçado — respondeu Paganel. — Oferecia-o ao meu país! Depositava-o no Banco de França...

— Que aceitaria.

— Decerto, sob a forma de obrigações de caminhos de ferro!

Deram os parabéns a Paganel pela maneira por que tencionava oferecer o seu «ouro virgem» à pátria, e Lady Helena fez votos para que ele achasse o maior pedaço do mundo.

Assim gracejando, os viajantes percorreram a maior parte dos terrenos explorados. O trabalho fazia-se por toda a parte regularmente, de um modo mecânico, mas sem animação.

Ao fim de duas horas de passeio, Paganel descobriu uma estalagem muito decente, onde resolveu descansar enquanto não eram horas de se dirigirem para o carro. Lady Helena deu o seu consentimento e, como não há estalagem sem refrescos, Paganel pediu ao estalajadeiro que servisse alguma bebida própria da terra.

Veio um *nobler* para cada pessoa. Ora, o *nobler* é simplesmente o grogue, mas o grogue às avessas. Em vez de se deitar um copinho de aguardente num grande copo de água, deita-se um copinho de água num grande copo de aguardente, adoça-se e bebe-se. Era um tanto australiano de mais, e, com grande admiração do estalajadeiro, o *nobler*, refrescado com uma garrafa de água, tornou-se o grogue britânico.

Depois conversou-se de minas e mineiros. Era a ocasião própria. Muito satisfeito com o que acabava de ver, Paganel confessou que devia ser mais curioso em outros tempos, durante os primeiros anos da exploração do monte Alexandre.

— A terra — explicou ele — estava então crivada de buracos e era invadida por legiões de formigas trabalhadoras, e que formigas! Todos os imigrantes tinham o ardor desses animais, mas não a previdência! O ouro ia-se em loucuras. Bebiam-no, jogavam-no, e a estalagem onde estamos era um «inferno», como então se dizia. Aos jogos de dados sucediam cenas de facadas. A polícia nada podia fazer, e muitas vezes o governador da colónia se viu obrigado a marchar com tropas regulares contra os mineiros revoltados. Afinal conseguiu metê-los na ordem: impôs um direito de registo a cada explorador, fê-lo moderar-se, não sem dificuldade; mas em todo o

caso as desordens foram aqui menores que na Califórnia.

— Então o officio de mineiro todo o indivíduo o pode exercer? — perguntou Lady Helena.

— Sim, senhora. Não é necessário ser bacharel para isso. Bastam bons braços. Os aventureiros, acoitados pela miséria, chegavam às minas sem dinheiro, na maior parte: os ricos com uma enxada, os pobres com uma faca, e todos se entregavam ao trabalho com um furor que não teriam tido se se empregassem em algum mister de homem de bem. Era um singular aspeto o daqueles terrenos auríferos! O solo estava coberto de tendas, de choças, de barracas de terra, de madeira, de folhas. No meio elevava-se a tenda do Governo, ornada com o pavilhão britânico, rodeada das barracas de riscadilho azul dos seus agentes, e dos estabelecimentos dos cambistas, dos comerciantes de ouro, dos traficantes, que especulavam com aquele conjunto de riqueza e de pobreza. Aqueles enriqueceram-se com certeza. Era para ver os cavadores de barba crescida e camisa de lã vermelha a viverem na água e na lama. O ar tremia com o ruído das enxadas, e corrompiam-no as emanações fétidas provenientes dos cadáveres de animais que apodreciam sobre o solo. Uma poeira sufocante envolvia, como numa nuvem, aqueles desgraçados, que forneciam à mortalidade uma média excessiva, e com certeza num país menos salubre uma tal população seria dizimada pelo tifo. E depois, se todos os aventureiros fossem bem sucedidos! Mas tanta miséria não era compensada e, se bem se contasse, ver-se-ia que, por cada mineiro que enriqueceu, cem, duzentos, mil talvez, morreram pobres e desesperados.

— Poderá dizer-nos, Paganel — perguntou Glenarvan —, como se efetuava a extração do ouro?

— Nada mais simples — declarou Paganel. — Os primeiros mineiros gandaiavam as palhetas do mesmo modo que se pratica em alguns pontos das Cévennes, em França. Hoje as companhias procedem de outro modo: procuram a própria origem, o filão que produz as laminazinhas, as palhetas e as areias. Mas os primeiros exploradores contentavam-se com lavar simplesmente as areias. Escavavam o solo, recolhiam as camadas que lhes pareciam produtivas, e tratavam-nas com a água para lhes tirarem o precioso mineral. A lavagem fazia-se por meio de um instrumento de origem americana, chamado *craddle*, que quer dizer berço. O *craddle* era uma caixa do comprimento de cinco a seis pés, uma espécie de caixão aberto e dividido em dois compartimentos. O primeiro era munido de um crivo grosseiro, sobreposto a outros crivos de malhas mais apertadas; o segundo compartimento estreitava para a parte inferior. Vazava-se a areia numa extremidade do crivo, deitava-se-lhe água, e com a mão agitava-se, ou antes, embalava-se o instrumento. As pedras ficavam no primeiro crivo, o mineral e o saibro fino nos outros, conforme a sua grossura, e a terra desfeita na água passava pela extremidade inferior.

Eis a máquina geralmente usada.

— Mas era ainda preciso possuí-la — observou John Mangles.

— Compravam-na aos mineiros enriquecidos ou arruinados, conforme o caso — informou Paganel —, ou passavam sem ela.

— Como a substituíam? — interrogou Mary Grant.

— Por um prato, querida Mary, um simples prato de ferro; joeirava-se a terra como se joeirava o trigo, com a simples diferença que, em vez de grãos de trigo, obtinham-se algumas vezes grãos de ouro. Durante o primeiro ano, mais de um mineiro fez fortuna sem outras despesas. Como veem, meus amigos, era bom tempo, embora as botas valessem cento e cinquenta francos o par, e se pagasse por dez xelins cada copo de limonada! Os primeiros que chegam levam sempre o melhor. Por toda a parte havia ouro em abundância à superfície do solo; os regatos deslizavam em leito de metal; achava-se ouro até nas ruas de Melbourne; calçavam-nas com ouro em pó. Também, desde 26 de janeiro até 24 de fevereiro de 1852, o precioso metal transportado do monte Alexandre para Melbourne e escoltado por tropa do Governo elevou-se à enorme soma de oito milhões duzentos e trinta e oito mil setecentos e cinquenta francos.

— Quase a lista civil do imperador da Rússia — comentou Glenarvan.

— Pobre homem! — afirmou o major.

— Citam-se algumas fortunas adquiridas de súbito? — perguntou Lady Helena.

— Algumas, senhora.

— E conhece quais são? — indagou Glenarvan.

— Pudera! — respondeu Paganel. — Em 1852, no distrito de Ballarat, achou-se um pedaço de ouro nativo que pesava quinhentas e setenta e três onças; um outro no Gippsland, de setecentas e oitenta e duas onças; e em 1861, uma barra de oitocentas e trinta e quatro onças. Finalmente, e sempre em Ballarat, um mineiro descobriu um pedaço de mineral que pesava setenta e cinco quilogramas, o que, a mil setecentos e vinte e dois francos a libra, faz duzentos e vinte e três mil oitocentos e sessenta francos. Uma enxadada que produz onze mil francos de renda é uma boa enxadada!

— E em que proporção tem aumentado a produção do ouro desde a descoberta das minas? — perguntou John Mangles.

— Numa proporção imensa, caro John. Esta proporção era apenas de quarenta e sete milhões por ano no começo do século, e atualmente, compreendendo o produto das minas da Europa, Ásia e da América, está avaliada em novecentos milhões, o que vale quase o mesmo

que dizer um bilhão.

— Deste modo, Sr. Paganel — disse o jovem Roberto — no mesmo lugar em que nós estamos, debaixo dos nossos pés, há talvez muito ouro?

— Sim, meu rapaz, há milhões! Mas se caminhamos por cima deles é porque os desprezamos!

— É pois um país privilegiado a Austrália?

— Não, Roberto — respondeu o geógrafo. — Os países auríferos não são privilegiados. Só criam populações ociosas e nunca raças fortes e trabalhadoras. Veja-se o Brasil, o México, a Califórnia, a Austrália! Onde estão eles no século XIX? O país por excelência, meu rapaz, não é o país do ouro, é o país do ferro!

Capítulo 15 — «Gazeta da Austrália e Nova Zelândia»

No dia 2 de janeiro, ao romper do sol, transpunham os viajantes o limite das regiões auríferas e as fronteiras do condado de Talbot. Os cavalos começaram então a trilhar os poeirentos caminhos do condado de Dalhousie. Horas depois, passavam a vau o Colban e os Campaspe-Rivers, por 144° 35' e 144° 45' de longitude. Metade da viagem estava feita. Mais quinze dias de uma travessia tão feliz e a pequena caravana alcançaria as margens da baía Twofold.

Demais, todos passavam bem. As promessas de Paganel, relativamente àquele clima higiênico, realizavam-se. Pouca ou nenhuma humidade havia e o calor era muito suportável. Os cavalos e os bois não mostravam sofrer; os homens também não.

Uma só modificação se introduzira na ordem de marcha de Camden-Bridge em diante. Quando a criminosa catástrofe chegou ao conhecimento de Ayrton, entendeu ele que devia tomar algumas precauções, até então inúteis. Os viajantes foram obrigados a não perder o carro de vista. Durante as horas do acampamento, um deles tinha de estar sempre de guarda. Pela manhã e à noite renovavam-se as escorvas. Não restava dúvida de que um bando de malfeitores batia o campo e, apesar de que não havia motivo para imediato receio, era preciso estar-se pronto para qualquer eventualidade.

É inútil acrescentar que estas precauções foram tomadas a ocultas de Lady Helena e Mary, a quem Glenarvan não queria assustar.

Pensando bem, havia razão de proceder assim. Qualquer imprudência, qualquer simples negligência podia custar caro. Demais, Glenarvan não era o único que se preocupava com este estado de coisas. Nos lugarejos isolados, nas estações, os habitantes e os *squatters* acautelavam-se contra qualquer ataque ou surpresa. As casas fechavam-se ao cair da noite. Os cães, à solta nos cerrados, latiam quando sentiam o menor sinal de que alguém se aproximava. Não havia pastor que não levasse uma carabina suspensa do arção da sela, quando à hora do recolher reunia a cavalo os numerosos rebanhos. A notícia do crime cometido na ponte de Camden motivava este excesso de precauções, e muito colono se aferrolhava cuidadosamente à hora do crepúsculo, quando até então dormira de janelas e portas abertas.

A própria administração da província deu provas de zelo e de prudência. Destacamentos de gendarmes indígenas tiveram ordem de correr os campos. Deu-se especialmente mais segurança

ao serviço do correio. Até então a mala-posta corria as estradas sem escolta. Mas, precisamente naquele dia, no momento em que Glenarvan atravessava com a sua gente a estrada de Kilmore a Heatcote, passou a mala-posta a toda a velocidade, levantando uma nuvem de poeira. Por muito depressa que ela desaparecesse, o lord teve ainda tempo de ver reluzir as carabinas dos *policemen*, que galopavam às portinholas. Era caso para se julgar que voltava o tempo funesto das primeiras descobertas do ouro, em que a Europa lançava no continente americano a escória das suas populações.

Uma milha além do ponto em que havia atravessado a estrada de Kilmore, o carro embrenhou-se numa espessura de árvores gigantescas, e pela primeira vez, depois de partirem do cabo Bernoulli, os viajantes penetraram numa dessas florestas que cobrem uma superfície muito extensa.

Soou um grito de admiração à vista dos eucaliptos de duzentos pés de altura, cuja casca fungosa chegava a medir cinco polegadas de espessura. Os troncos de vinte pés de circunferência, sulcados pelas secreções de uma resina odorífera, elevavam-se a cento e cinquenta pés acima do solo. Nem um ramo, pequeno ou grande, nem um rebento caprichoso, nem um nó sequer lhes alterava o perfil. Das mãos de um torneiro não sairiam mais lisos. Eram outras tantas colunas de igual espessura, que se contavam aos centos. A uma altura excessiva expandiam-se em capitéis de ramos contornados e guarnecidos nas extremidades de folhas alternas; da axila destas folhas pendiam flores solitárias, cujo cálix figurava uma urna às avessas.

Sob este dossel sempre verde o ar circulava livremente; uma ventilação incessante aspirava a humidade do solo; os cavalos, as manadas de bois, os carros podiam passar à vontade entre estas árvores espacejadas e decotadas como as balizas de uma floresta na época do corte. Não eram nem o bosque de arvoredo muito junto e obstruído de silvados, nem a floresta virgem defendida por troncos caídos e inextricável rede de cipós, onde só o ferro e o fogo podem abrir caminho aos peões. Uma alcatifa de erva ao pé do tronco das árvores, um toldo de verdura na parte superior, extensas perspectivas de pilares de arrojada elevação, pouca sombra, pouca frescura em suma, uma claridade especial e semelhante aos raios de luz que se filtram através de um tecido ralo, nítidos reflexos sobre o solo, todo este conjunto constituía um espetáculo singular e rico em efeitos novos. A floresta do continente australiano não dá a mais pequena ideia das florestas do novo mundo, e o eucalipto, o «Tara» dos aborígenes, classificado na família dos mirtos, cujas diferentes espécies com dificuldade se podem enumerar, é a árvore por excelência da flora australiana.

Se a sombra não é densa, nem a solidão profunda debaixo daqueles domos de verdura, provém isso de que as árvores apresentam uma anomalia curiosa na disposição das folhas. Nenhuma oferece a face ao sol, mas o corte acerado. Nesta singular folhagem, o olhar só avista perfis. Por isso os raios do sol deslizam até ao solo, como se passassem através das tabuinhas abertas de uma gelosia.

Fizeram todos esta observação e pareceram ficar surpreendidos. Porque se dava aquela disposição particular? Esta pergunta dirigia-se naturalmente ao geógrafo Paganel. Este respondeu como homem a quem nada embaraça.

— O que me admira nisto não é o capricho da natureza — disse ele —; a natureza sabe o que faz, mas os botânicos nem sempre sabem o que dizem. A natureza não se enganou dando a estas árvores a folhagem especial, mas os homens erraram chamando-lhes eucaliptos.

— O que quer dizer essa palavra? — perguntou Mary Grant.

— Deriva da palavra grega *εὐ χαλυπτῶ*, que significa *cubro bem*. Houve cuidado em cometer o erro em grego, a fim de que fosse menos sensível, mas é evidente que o eucalipto cobre mal.

— Concordo, amigo Paganel — declarou Glenarvan —; e agora diga-nos porque é que as folhas crescem assim?

— Por uma razão puramente física, meus amigos — respondeu Paganel —, e que sem custo hão de compreender. Neste país, onde o ar é seco, onde são raras as chuvas, onde é falta de água o solo, as árvores não têm necessidade de sol nem de vento. Faltando a humidade falta também a erva. Daí a razão dessas folhas estreitas, que por si mesmas procuram defender-se do dia e preservar-se de uma evaporação demasiada. Eis porque elas se apresentam de perfil e não de face à ação dos raios do sol. Nada há mais inteligente do que uma folha.

— Nem mais egoísta — observou o major. — Estas só pensaram em si e esqueceram-se completamente dos viajantes.

Todos se mostravam inclinados à opinião de Mac-Nabs, menos Paganel, que, ao mesmo tempo que enxugava as gotas de suor, se felicitava por caminhar debaixo de árvores sem sombra. Contudo, era para lastimar aquela disposição das folhas; a passagem através de florestas assim é muito demorada, e penosa por consequência, porque nada protege o viajante dos ardores do sol.

Durante o dia todo, o carro rodou pelas intermináveis alamedas de eucaliptos. Não encontraram nem um quadrúpede nem um indígena. Algumas catatuas habitavam os cimos das árvores; mas, a tamanha altura, apenas se distinguiam, e a sua palrice transformava-se em

murmúrio impercetível. De vez em quando um bando de periquitos atravessava uma alameda distante e animava-se com um rápido raio multicolor. Em todo o caso reinava profundo silêncio naquele vasto templo de verdura, e o passo dos cavalos, algumas palavras trocadas numa conversa interrompida a cada instante, o chiar das rodas, e de tempos a tempos um grito de Ayrton excitando o seu tiro indolente, eram os únicos ruídos que perturbavam as imensas solidões.

À noite acamparam junto de uns eucaliptos em que se viam vestígios de lume muito recente.

Cavadas interiormente em toda a sua altura, aquelas árvores formavam uma espécie de chaminés altas como as das fábricas.

Com o simples revestimento de cortiça que lhes restava, nem por isso faziam pior serviço. Contudo, este mau costume dos *squatters* ou dos indígenas há de acabar com tão magníficas árvores, e os eucaliptos da Austrália hão de desaparecer como os cedros do Líbano, de quatro séculos de velhice, os quais o fogo pernicioso dos acampamentos vai pouco a pouco destruindo.

Seguindo o conselho de Paganel, Olbinett acendeu o lume para a ceia num dos troncos tubulares; obteve deste modo uma importante corrente de ar, e o fumo foi sumir-se na sombria espessura da folhagem. Tomaram-se as precauções requeridas para a noite; Ayrton, Mulrady, Wilson e John Mangles, rendendo-se alternadamente, velavam até ao romper do sol.

Durante toda a jornada de 3 de janeiro, a interminável floresta multiplicou as suas avenidas simétricas. Parecia que não acabava. Contudo, para a tarde, as fileiras das árvores rarearam, e algumas milhas adiante, numa pequena planície, apareceu um ajuntamento de casas regulares.

— Seymour! — exclamou Paganel. — Eis a última cidade que devemos encontrar antes de deixar a província de Vitória.

— E é importante? — perguntou Lady Helena.

— Senhora — respondeu Paganel —, é uma simples paróquia em caminho de se tornar numa municipalidade.

— E acharemos hospedagem conveniente? — perguntou Glenarvan.

— Assim o espero — volveu o geógrafo.

— Bem, então entremos na cidade, porque as nossas valorosas viajantes, como imagino, não hão de desgostar de descansar uma noite.

— Querido Edward — redarguiu Lady Helena —, eu e Mary aceitamos, mas com a condição de que isso não causará desarranjo nem atraso.

— Nem uma coisa nem outra — replicou Glenarvan —, demais, amanhã logo ao romper do dia tornaremos a pôr-nos a caminho.

Eram então nove horas. A lua aproximava-se do horizonte e só lançava raios oblíquos, meio apagados pelo nevoeiro. A escuridão ia-se espalhando pouco a pouco. Toda a caravana penetrou nas largas ruas de Seymour, debaixo da direção de Paganel, que parecia conhecer sempre perfeitamente o que nunca tinha visto. Guiava-o, porém, o instinto, e chegou direito ao hotel Cambell's North British.

Foras levados para a cavaliariça os cavalos e os bois, o carro para a cocheira, e os viajantes conduzidos para aposentos sofrivelmente confortáveis. Às dez horas sentaram-se os convivas a uma mesa sobre a qual Olbinett lançara o olhar de entendedor. Paganel, que chegava naquele momento e vinha de correr a cidade em companhia de Roberto, descreveu as suas impressões noturnas de um modo muito lacónico.

Não vira nada absolutamente.

Contudo, qualquer menos distraído notaria alguma agitação nas ruas de Seymour; tinham-se formado grupos em diversos pontos, grupos que engrossavam de instante para instante; conversava-se às portas das casas; interrogavam-se todos mutuamente com verdadeira inquietação; alguns jornais do dia eram lidos em voz alta, comentados e discutidos. Estes sintomas não podiam passar despercebidos ao observador menos atento. Entretanto, Paganel nada suspeitara.

O major, esse, sem ir tão longe, não saindo sequer do hotel, conseguiu saber quais os receios que preocupavam com razão a pequena cidade. Dez minutos de conversa com o falador Dickson, o dono da hospedagem, puseram-no ao facto de tudo. Mas não proferiu palavra a tal respeito.

Só quando a ceia terminou, e que Lady Glenarvan, Mary e Roberto Grant se recolheram aos quartos, é que o major deteve os companheiros e lhes declarou:

— Já se conhecem os autores do crime cometido no caminho de ferro de Sandhurst.

— Estão presos? — perguntou Ayrton com vivacidade.

— Não — respondeu Mac-Nabs, sem parecer notar o interesse do cabo de marinheiros, interesse aliás muito justificado naquelas circunstâncias.

— Tanto pior — acrescentou Ayrton.

— Mas bem — perguntou Glenarvan —, a quem se atribui esse crime?

— Leia — respondeu o major, que apresentou a Glenarvan um número da «Australian and New-Zealand Gazette» —, e verá que o oficial de polícia não se enganava.

Glenarvan leu em voz alta a seguinte passagem:

Sydney, 2 de janeiro de 1866. — Deve o público estar lembrado de que, na noite de 29 para 30 de dezembro próximo passado, se deu um incidente em Camden-Bridge, a cinco milhas além da estação de Castlemaine, no caminho de ferro de Melbourne a Sandhurst. O expresso da noite, das 11 horas e 45 minutos, que vinha a toda a velocidade, precipitou-se em Lutton-river.

A ponte Camden estava aberta quando o comboio passou.

Numerosos roubos cometidos depois da catástrofe, e o achado do cadáver do guarda a meia milha de Camden-Bridge, provaram que o sucesso foi resultado de um crime.

Com efeito, do inquérito a que o *coroner* procedeu, concluiu-se que o crime deve ser atribuído ao bando de convictos que há seis meses fugiram da penitenciária de Perth, na Austrália ocidental, no momento em que iam ser transferidos para a ilha Norfolk.

Consta o bando de vinte e nove convictos; são comandados por um tal Ben Joyce, malfeitor da mais perigosa espécie, chegado há meses da Austrália, não se sabe em que navio, e do qual a justiça humana não pôde ainda lançar mão.

Os habitantes das cidades, os colonos, e os *squatters* das estações são avisados para que se acautelem e façam chegar ao conhecimento do inspetor-geral todas as informações que possam auxiliar as suas pesquisas.

J. P. Mitchell, S.-G.

Depois de Glenarvan concluir a leitura do artigo, Mac-Nabs voltou-se para o geógrafo e disse-lhe:

— Bem vê, Paganel, que pode haver convictos na Austrália.

— Fugidos, é claro que sim! — replicou Paganel —, mas regularmente admitidos, não. Essa classe de gente não tem o direito de estar aqui.

— Em todo o caso, cá estão — replicou Glenarvan —, mas não me parece que a sua presença possa modificar os nossos projetos e suspender a nossa viagem. Qual é a tua opinião a este respeito, John?

John Mangles não respondeu logo; hesitava entre o pesar que havia de causar nos dois jovens o abandonarem as pesquisas começadas e o receio de comprometer a expedição.

— Se Lady Glenarvan e Miss Grant não estivessem connosco, pouco cuidado me dava esse bando de miseráveis.

Glenarvan compreendeu-o e acrescentou:

— Escusado é dizer que não se trata de desistir do cumprimento da nossa tarefa, mas talvez fosse prudente, por causa das nossas companheiras, alcançar o «Duncan» em Melbourne, e ir retomar a leste os vestígios de Harry Grant. O que pensa a este respeito, Mac-Nabs?

— Antes de me decidir, desejava conhecer a opinião de Ayrton — respondeu o major.

O contramestre, diretamente interpelado, olhou para Glenarvan.

— Penso — disse ele — que estamos a duzentas milhas de Melbourne, e que o perigo, se existe, é tão grande no caminho do sul como no do leste. Ambos são pouco frequentados, ambos valem um pelo outro. Demais, não julgo que uns trinta malfeitores sejam coisa para assustar oito homens resolutos e bem armados. Portanto, salvo opinião melhor, seguiria avante.

— Bem falado, Ayrton — apoiou Paganel. — Continuando para a frente, podemos encontrar os vestígios do capitão Grant. Voltando para o sul, fugimos-lhe, pelo contrário. Penso como o senhor, e tenho em bem pouco esses prófugos de Perth, de quem um homem valente não deve ter grande receio!

Dito isto, a proposta de nada se alterar no programa da viagem foi posta a votos e passou com unanimidade.

— Uma observação só, milord — disse Ayrton no momento em que se iam separar.

— Fale, Ayrton.

— Não seria oportuno enviar ao «Duncan» ordem de se aproximar da costa?

— Para quê? — voltou John Mangles. — Quando chegarmos à baía Twofold, será tempo de expedir essa ordem. Se algum acontecimento imprevisto nos obrigasse a dirigir-nos para Melbourne, poderíamos ter motivo para lastimar a ausência do «Duncan» nesse ponto. Demais, as suas avarias não devem estar ainda reparadas. Entendo, portanto, em vista de todos estes motivos, que vale mais esperar.

— Bem! — proferiu Ayrton, que não insistiu.

No dia seguinte, a pequena caravana, armada e pronta para o que sucedesse, largou de Seymour. Meia hora depois tornava a meter-se na floresta de eucaliptos, que novamente aparecia a leste. Glenarvan preferiria viajar em campo descoberto. Uma planície é menos sujeita a emboscadas e ciladas do que um bosque espesso. Mas a escolha não era possível, e o carro rodou todo o dia em meio da monotonia das grandes árvores. À tarde, depois de ter costeado a fronteira setentrional do condado de Anglesey, transpôs o meridiano cento e quarenta e seis, e os viajantes acamparam no limite do distrito de Murray.

Capítulo 16 — Onde o Major Sustenta Que São Macacos o Que Vê

No dia seguinte pela manhã, 5 de janeiro, os viajantes pisaram o vasto território de Murray. Este distrito, vago e desabitado, estende-se até à alta barreira dos Alpes australianos. A civilização ainda não o retalhou em condados distintos. É a porção menos conhecida e frequentada da província. As florestas que a cobrem hão de cair um dia sob o machado do *bushman*, os seus prados hão de ser entregues aos rebanhos do *squatter*; mas até agora o solo conserva-se virgem, tal qual emergiu do oceano Índico: é o deserto.

O conjunto destes terrenos tem um nome significativo nas cartas inglesas: «Reserve for the blacks», reserva para os negros. Foi para ali que os colonos repeliram brutalmente os indígenas. Deixaram-lhes nas planícies distantes, debaixo dos bosques inacessíveis, alguns lugares determinados, onde a raça aborígene há de acabar por se extinguir. Todo o homem branco, colono, imigrante, *squatter*, *bushman* pode transpor os limites das reservas. O negro nunca deve de lá sair.

Paganel, ao mesmo tempo que cavalgava, tratava da grave questão das raças indígenas. Manifestou-se uma opinião unânime a tal respeito, e foi que o sistema britânico levava ao aniquilamento das tribos conquistadas, ao seu desaparecimento das regiões onde viviam os seus antepassados. Esta funesta tendência revelou-se por toda a parte, e na Austrália mais do que em qualquer outra. Nos primeiros tempos da colónia, os deportados, os próprios colonos, consideravam os negros como animais selvagens. Acossavam-nos e matavam-nos a tiro. Procediam deste modo cruel e invocavam a autoridade dos jurisconsultos para provar que o australiano estava fora da lei natural, e que por conseguinte a matança daqueles miseráveis não constituía um crime. Os jornais de Sydney chegaram a propor um meio eficaz de se desembaraçarem das tribos do lago Hunter: envenená-las em massa.

Como se vê, os Ingleses, no começo da conquista, chamaram o assassínio em auxílio da colonização. Foram atrozes as suas crueldades. Procederam na Austrália como nas Índias, onde cinco milhões de indianos desapareceram; como no Cabo, onde uma população de um milhão de hotentotes ficou reduzida a cem mil. Por isso, também, a população aborígene, dizimada pelos maus tratos e pelo vício da embriaguez, tende a desaparecer do continente diante de uma civilização homicida. É verdade que certos governadores tinham publicado decretos contra os sanguinários *bushman*! Puniam com algumas chicotadas o branco que cortava o nariz ou as

orelhas a um negro, ou lhe decepava o dedo mínimo para fazer um instrumento de calcar o cachimbo para seu uso. Baldadas ameaças! Os assassínios organizaram-se em vasta escala, tribos inteiras desapareceram. Para não citar senão um exemplo: a ilha de Van Diemen, que no princípio deste século contava cinco mil indígenas, em 1863 tinha os seus habitantes reduzidos a sete! E nos últimos tempos o «Mercúrio» pôde dar a notícia de que a Hobart-Town chegara o último habitante da Tasmânia.

Nem Glenarvan, nem o major, nem John Mangles contradisseram Paganel. Ingleses que eles fossem, não defenderiam os seus compatriotas. Os factos eram evidentes, incontestáveis.

— Há cinquenta anos — acrescentou Paganel — teríamos já encontrado pelo caminho algumas tribos de selvagens, e até agora ainda nenhum indígena nos apareceu. Dentro de um século estará completamente despovoado este continente.

Efetivamente, a reserva parecia completamente abandonada. Não se via vestígio nem de acampamento nem de cabanas. As planícies e as extensas florestas sucediam-se, e pouco a pouco o país foi tomando um aspeto selvagem. Parecia até que nenhum ser vivo, homem ou animal, frequentava aquelas regiões remotas, quando Roberto, parando diante de uns eucaliptos, exclamou:

— Um macaco! Um macaco!

E indicava um grande corpo negro que, passando de ramo em ramo com surpreendente agilidade, se transpunha de uma árvore para outra, como se algum aparelho membranoso o sustentasse no ar. Naquele estranho país voariam os macacos como certas raposas a que a natureza deu asas de morcego?

O carro parara, e cada qual seguiu com a vista o animal, que pouco a pouco se sumiu no alto do eucalipto. Dali a pouco viram-no descer com a rapidez do relâmpago, correr sobre o solo, fazendo milhares de contorções e dando saltos, e depois agarrar-se com os compridos braços ao tronco liso de uma enorme gomeira. Perguntavam todos a si mesmos como é que ele havia de subir por aquela árvore direita e escorregadia, que não podia abraçar. Mas o macaco, batendo alternadamente no tronco com uma espécie de acha, fez pequenos talhos, e por estes pontos de apoio, regularmente espacejados, chegou ao ponto em que a gomeira se dividia em ramos. Dentro de poucos segundos desapareceu entre a folhagem.

— Olá! Que macaco é aquele? — perguntou o major.

— Aquele macaco — volveu-lhe Paganel — é um australiano de raça pura!

Não tinham ainda tido tempo os companheiros do geógrafo de encolher os ombros, quando alguns gritos, que ortograficamente se podiam representar da seguinte forma: «coo-eeh! coo-

eeh!» se ouviram a pouca distância. Ayrton picou os bois e, cem passos mais adiante, os viajantes achavam-se inopinadamente perante um acampamento indígena.

Que triste espetáculo! Sobre o solo árido e nu elevavam-se umas dez barracas. Estes *gunyos*, feitos de pedaços de cortiça sobrepostos como telhas, só protegiam de um lado os seus miseráveis habitantes. Os habitantes, aviltados pela miséria, tinham aparência repugnante. Eram em número de trinta, homens, mulheres e crianças, vestidos de peles de cangurus esburacadas como andrajos. Quando o carro se aproximou, o primeiro movimento daquela gente foi tomar a fuga. Mas algumas palavras de Ayrton, proferidas numa algaravia ininteligível, pareceram tranquilizá-los. Voltaram então, meio confiados, meio receosos, como animais a quem tentam com alguma gulodice.

Estes indígenas, de uma altura de cinco pés e quatro polegadas, tinham cor fuliginosa, não negra, mas com o tom de velha ferrugem, cabelos em flocos, brancos, compridos, abdómen proeminente e corpo cabeludo e cheio de cicatrizes causadas pelas pinturas próprias dos selvagens ou pelas incisões das cerimónias fúnebres. Nada tão horrível como aquelas criaturas de figura monstruosa, boca enorme, o nariz chato e dilatado sobre as faces, a queixada inferior proeminente, armada de dentes brancos e salientes. Nunca seres humanos tinham apresentado tão completamente o tipo de animalidade.

— Roberto não se enganava — disse o major —, são macacos; de raça pura, se quiserem, mas são macacos!

— Mac-Nabs — replicou Lady Helena brandamente —, daria razão aos que os monteiam como animais ferozes? Aqueles pobres entes são homens!

— Homens! — exclamou Mac-Nabs. — O muito, criaturas intermediárias. Entre o homem e o orangotango. E até se eu lhe medisse o ângulo facial, achá-lo-ia tão fechado como o do macaco!

Visto sob este aspeto, Mac-Nabs tinha razão: o ângulo facial do indígena australiano é muito agudo e igual ao do orangotango, isto é, tem sessenta a sessenta e dois graus. Por isso, não foi sem razão que Mr. de Rienzi propôs que classificassem aqueles desgraçados numa raça à parte, a que chamava os «pitecomorfos», isto é, homem com forma de macaco.

Mas Lady Helena tinha mais razão ainda que Mac-Nabs, considerando como entes dotados de alma aqueles indígenas colocados no último grau da escala humana. Entre o bruto e o australiano existe o abismo, que não se pode transpor e que separa os géneros. Com muita razão disse Pascal que o homem em parte alguma é bruto. É verdade que ajunta, não menos judiciosamente: «nem anjo tão-pouco».

Ora, precisamente, Lady Helena e Mary Grant desmentiam a última parte da proposição do grande pensador. As duas caridosas jovens tinham-se apeado do carro, estendiam mão caridosa para aquelas míseras criaturas; ofereciam-lhes alimentos, que os selvagens devoravam com repugnante glotonaria. Os indígenas deviam tanto mais facilmente tomar Lady Helena por uma divindade, porquanto, segundo a sua religião, os brancos são antigos negros, que depois da morte embranqueceram.

Mas foram principalmente as mulheres que provocaram a piedade das viajantes. Não há nada comparável à sorte da mulher da Austrália; a natureza madrasta recusou-lhe o menor encanto; é uma escrava, raptada pela força brutal, que não teve outro presente de noivado senão pancadas de *waddie*, espécie de bordão preso ao pulso do seu senhor. A partir daquele momento, fulminada por uma velhice precoce, é sobrecarregada com todos os penosos trabalhos da vida errante, trazendo juntamente com os filhos, embrulhados numa esteira de junco, os instrumentos de pesca e de caça, as provisões de *phormium tenax*, com que fabrica redes. Tem obrigação de obter víveres para a família; caça os lagartos, opossuns e serpentes, e só come do seu senhor os restos repugnantes que ele deixa.

Naquele momento, algumas das desgraçadas, privadas de alimento havia talvez muito tempo, procuravam atrair os pássaros oferecendo-lhes grãos.

Estavam estendidas sobre o solo ardente, imóveis, como mortas, e esperavam assim horas inteiras que algum pássaro ingénuo lhes chegasse ao alcance! A sua indústria em armadilhas de caça não passava dali, e era preciso ser volátil australiano para se deixar apanhar.

Entretanto os indígenas, domesticados pelas concessões dos viajantes, rodeavam-nos e tornou-se então precisa toda a cautela contra os seus instintos extremamente rapinantes. Falavam um idioma sibilante, produzido por estalos de língua. Parecia-se com os gritos dos animais. Contudo, a sua voz tinha inflexões carinhosas, de extrema doçura; a palavra «noki, noki», era muitas vezes repetida, e os gestos tornavam-se suficientemente compreensíveis, Era o «dai-me! dai-me!», que se referia aos mais pequenos objetos dos viajantes. Mr. Olbinett teve grande trabalho para defender o compartimento das bagagens e principalmente os víveres da expedição. Os pobres famintos deitavam para o carro um olhar assustador e mostravam os agudos dentes, que talvez já se houvessem exercitado em pedaços de carne humana. A maior parte das tribos australianas não são antropófagas em tempo de paz; mas há poucos selvagens que ponham dúvida em devorar a carne de um inimigo vencido.

Entretanto, cedendo ao pedido de Helena, Glenarvan deu ordem para se distribuírem alguns alimentos. Os naturais compreenderam a sua intenção e entregaram-se a demonstrações capazes

de comover o coração mais insensível. Soltaram também rugidos semelhantes aos dos animais ferozes, quando o guarda lhes traz a refeição quotidiana. Ainda que não se devesse dar razão ao major, não se podia contudo negar que aquela raça tinha grande afinidade com a dos brutos.

Mr. Olbinett, como homem galanteador, entendeu que devia servir as damas em primeiro lugar. Mas as desgraçadas não se atreviam a comer primeiro que os seus temíveis senhores. Estes lançaram-se à bolacha e à carne seca como a uma presa.

Mary Grant, lembrando-se de que seu pai podia estar prisioneiro de tão rudes indígenas, sentiu acudir-lhe as lágrimas aos olhos. Representava na ideia tudo quanto devia sofrer um homem como Harry Grant, escravo daquelas tribos errantes, sujeito à fome, à miséria, aos maus tratamentos. John Mangles, que a observava com a atenção mais inquieta, adivinhou-lhe os sentimentos, que mal lhe cabiam no coração, e satisfez-lhe os desejos sem esperar que ela os manifestasse, interrogando o cabo de marinheiros da «Britannia».

— Ayrton — perguntou ele —, foi do poder de selvagens assim que conseguiu escapar?

— Foi, capitão — respondeu Ayrton. — Todos os povos do interior se parecem. Com a diferença de que está vendo aqui apenas um punhado desses pobres diabos, enquanto que nas margens do Darling existem tribos numerosas, governadas por chefes cuja autoridade é temível.

— Mas — interrompeu John Mangles — o que pode fazer um europeu no meio desses naturais?

— O que eu fazia — elucidou Ayrton —: caçar, pescar com eles, tomar parte nos seus combates; como já lhes disse, é tratado conforme os serviços que presta, e, por pouco inteligente e bravo que seja, adquire na tribo uma posição importante.

— Mas está preso? — inquiriu Mary Grant.

— É vigiado — acrescentou Ayrton — de modo que não pode dar um passo, nem de dia nem de noite!

— Contudo, o senhor conseguiu escapar, Ayrton — observou o major, que veio intrometer-se na conversa.

— Sim, Sr. Mac-Nabs, graças a um combate entre a minha tribo e uma tribo vizinha. Saí-me bem. Não tenho pena de que assim sucedesse. Mas se tivesse de tentar segunda vez esse meio, preferiria, parece-me, eterna escravidão aos tormentos que passei quando atravessava os desertos do interior. Deus livre o capitão Grant de tentar semelhante meio de salvação.

— Sim, decerto — replicou John Mangles —, devemos desejar, Miss Mary, que seu pai esteja preso entre uma tribo indígena. Achar-lhe-emos os vestígios mais fácil mente do que se vagueasse nas florestas do continente.

— Continua a ter esperanças? — perguntou a jovem.

— Sim, e espero vê-la um dia feliz, com a ajuda de Deus.

Mary Grant só pôde agradecer ao jovem capitão com os olhos húmidos de lágrimas.

Durante esta conversa produzira-se entre os selvagens um extraordinário movimento; soltavam estrondosos gritos; corriam em diversas direções; lançavam mão das armas e pareciam tomados de um furor violento.

Glenarvan não sabia qual era a ideia dos selvagens, quando o major interpelou Ayrton, dizendo:

— Visto que viveu durante muito tempo entre os australianos, deve decerto compreender a linguagem deles?

— Quase — respondeu o cabo de marinheiros —, porque tantas são as tribos, tantos os idiomas. Mas, quer-me parecer que, em sinal de reconhecimento, aqueles selvagens pretendem mostrar a Sua Honra o simulacro de um combate.

Era efetivamente essa a causa da agitação. Sem mais preâmbulos, os indígenas atacaram-se com um furor perfeitamente simulado, tão perfeitamente que, se Glenarvan e os seus não estivessem prevenidos, teriam tomado a sério aquela pequena guerra. Mas, no dizer dos viajantes, os Australianos são excelentes mímicos, e naquela ocasião ostentaram um notável talento.

Os seus instrumentos de ataque e defesa consistiam num cassetete, espécie de maça de madeira, que dá cabo dos crânios mais espessos, e numa espécie de *tomahawk*, pedra aguçada muito dura, firmada entre dois paus por meio de uma goma aderente. Este machado tem um cabo do comprimento de dez pés. É um instrumento temível de guerra e um útil instrumento de paz, que serve para cortar cabeças ou ramos, para golpear corpos ou árvores, conforme o caso pede.

Todas estas armas se agitavam movidas por mãos frenéticas, em meio do estrondo das vociferações; os combatentes lançavam-se uns aos outros; uns caíam como mortos, outros soltavam o grito de vencedor. As mulheres, as velhas principalmente, possesas do demónio da guerra, excitavam-nos ao combate, precipitavam-se sobre os falsos cadáveres, e fingiam que os mutilavam com um furor que, real, não seria mais horrível. Lady Helena receava a cada momento que o simulacro não degenerasse em batalha séria. Além disso, as crianças que tinham tomado parte no combate não se prendiam com considerações. Os rapazes e as raparigas, estas, porém, mais raivosas, ministravam uns aos outros valentes pescoções com feroz denodo.

Durava havia já dez minutos este combate simulado quando, de repente, os combatentes pararam. As armas caíram-lhe das mãos. Ao ruidoso tumulto sucedeu profundo silêncio. Os

indígenas permaneceram fixos na sua última atitude, como personagens de quadros vivos. Dir-se-ia que estavam petrificados.

Qual era a causa da mudança, e porque se estabelecia de repente aquela imobilidade de mármore? Não tardou que se soubesse.

À altura das gomeiras desdobrava-se naquele momento um bando de catatuas. Enchiam os ares com a sua palrice, e as cores vigorosas das penas lembravam um arco-íris movediço. Era a aparição daquela brilhante nuvem de pássaros que interrompera o combate. A caça, mais útil que a guerra, ia seguir-se.

Um dos indígenas, lançando mão de um instrumento pintado de vermelho, de feitio particular, saiu de entre os seus companheiros, sempre imóveis, e dirigiu-se por entre as árvores para o lado das catatuas. Ia de rastos, não fazia nenhum ruído, não pisava uma folha, não deslocava uma pedra. Era uma sombra que deslizava.

Chegando a conveniente distância, o selvagem arremessou o instrumento em linha horizontal, dois pés acima do solo. A arma percorreu assim um espaço de quase quarenta pés; depois, subitamente, sem tocar no solo, elevou-se, descrevendo um ângulo reto, subiu à altura de cem pés, feriu mortalmente uma dúzia de pássaros, e, descrevendo uma parábola, tornou a cair aos pés do caçador.

Glenarvan e os seus companheiros estavam estupefactos; custava-lhes a crer no que viam.

— É o *boomerang*! — informou Ayrton.

— O *boomerang*! — exclamou Paganel. — O *boomerang* australiano.

E, como uma criança, foi apanhar o maravilhoso instrumento, «para ver o que tinha dentro».

Efetivamente havia razão para pensar que um mecanismo interior, qualquer mola, que subitamente desse de si, lhe modificasse a carreira. Não era nada disso.

O *boomerang* consistia simplesmente num pedaço de madeira duro e recurvo, do comprimento de trinta a quarenta polegadas. No meio a sua espessura era quase de três polegadas, e as extremidades terminavam em aguda ponta. A parte côncava era cavada numa profundidade de seis linhas, e na parte convexa apresentava dois bordos muito afilados. Era tão simples como incompreensível.

— É então este o famoso *boomerang*! — disse Paganel, depois de atentamente examinar o precioso instrumento. — Um pedaço de madeira, e mais nada. Porque é que, a um certo momento da sua carreira horizontal, sobe aos ares para voltar depois à mão que o arremessa? Os sábios e os viajantes nunca puderam dar a explicação deste fenómeno.

— Não será um efeito semelhante ao de um arco que, lançado de certa maneira, volta para o

ponto de partida? — sugeriu John Mangles.

— Ou antes — acrescentou Glenarvan — um efeito semelhante ao de uma bola de bilhar que levou uma pancada em certo ponto?

— Não pode ser — contestou Paganel —; nesses dois casos, há um ponto de apoio que determina a reação; para o arco é o solo, para a bola a mesa do bilhar. Mas aqui o ponto de apoio falta, o instrumento não toca na terra e, contudo, torna a subir a altura considerável!

— Então como explica o facto, Sr. Paganel? — perguntou Lady Helena.

— Não o explico, senhora, mais uma vez o verifico; o efeito depende evidentemente da maneira como o *boomerang* é lançado e da sua conformação particular. Mas, quanto à maneira de o lançar, é segredo ainda dos Australianos!

— Em todo o caso é bem engenhoso... para macacos — acrescentou Lady Helena, olhando para o major, que abanou a cabeça com um modo de quem estava pouco convencido.

Entretanto, o tempo ia passando, e Glenarvan entendeu que não devia demorar mais a sua marcha para leste; tratou pois de pedir aos viajantes que subissem outra vez para o carro, quando apareceu um selvagem, correndo com toda a velocidade, e proferiu algumas palavras com extraordinária animação.

— Ah! — exclamou Ayrton. — Avistaram casuares.

— O quê? Temos alguma coisa? — perguntou Glenarvan.

— É preciso vermos isso — exclamou Paganel. — Deve ser curioso! Talvez que o *boomerang* ainda torne a funcionar.

— Que lhe parece, Ayrton?

— Não tarda que o não vejamos, milord — replicou o cabo de marinheiros.

Os indígenas não tinham perdido um momento. É para eles uma fortuna apanharem casuares. A tribo tem víveres certos para alguns dias. Por isso os caçadores empregam toda a sua habilidade em se apoderar de semelhante presa. Mas como é que sem espingardas conseguem matar e sem cães apanhar um animal tão ágil? Eis o ponto mais interessante do espetáculo pedido por Paganel.

O casuar sem capacete, chamado *moureuk* pelos naturais, é um animal que principia a tornar-se raro nas planícies da Austrália. Esta grande ave, de altura de dois pés e meio, tem uma carne branca, que faz lembrar muito a do peru; na cabeça tem uma chapa córnea, os olhos são castanho-claros, o bico negro e curvo de cima para baixo; tem as patas armadas de grandes unhas; as asas, verdadeiros cotos, não podem servir-lhe para voar, e as penas, para não dizer pelo, são mais carregadas no pescoço do que no peito. Mas, se não voa, corre, e seria capaz de

competir na carreira com o cavalo mais ligeiro. Só pode ser apanhada por astúcia, e, ainda assim, é preciso que o caçador seja muito astucioso.

Foi por isso que, ao chamamento do indígena, uns dez australianos se estenderam em linha de atiradores. Era numa admirável planície onde o anil crescia sem cultura e azulava o solo com as suas flores. Os viajantes pararam na entrada de um bosque de mimosas.

Quando os indígenas chegaram, uma meia dúzia de casuares fugiram e foram pousar a meia milha de distância. O caçador da tribo, depois de lhes reconhecer a posição, fez sinal aos companheiros para pararem. Estes estenderam-se então no solo, enquanto ele, tirando da rede duas peles de casuar cosidas muito habilmente, as vestiu no mesmo instante. O braço direito passava-lhe por cima da cabeça, e andando e mexendo com ele pôs-se a imitar o casuar que procura o alimento.

O indígena dirigiu-se para o rebanho; ora parava, fingindo apanhar alguns grãos, ora escavava o solo com os pés e se envolvia numa nuvem de poeira. Era perfeita toda esta manobra. Nada mais fiel do que a reprodução dos movimentos do casuar. O caçador soltava surdos grunhidos com os quais o próprio pássaro se podia enganar. Foi o que sucedeu. O selvagem achou-se no meio do parido descuidado. De repente, o seu braço brandiu a maça, e, de seis casuares, cinco caíram-lhe ao lado.

O caçador fora bem sucedido, estava acabada a caçada.

Então Glenarvan, os viajantes, toda a pequena caravana se despediu dos indígenas. Os selvagens pouca pena mostraram pela sua separação. Talvez que o êxito da caçada dos casuares lhes fizesse esquecer a fome satisfeita. Não sentiam sequer a gratidão do estômago, mais viva que a do coração, nos naturais incultos e nos brutos.

Fosse o que fosse, não se podia deixar, em certos caso, de admirar a sua inteligência e habilidade.

— Agora, querido Mac-Nabs — observou Lady Helena —, há de admitir de bom grado que os Australianos não são macacos.

— Por eles imitarem fielmente os movimentos de um animal? — replicou o major. — Pelo contrário, isso justificava a minha doutrina.

— Gracejar não é responder — retorquiu Lady Helena. — Quero, major, que retifique a sua opinião.

— Bem, minha prima, sim, ou, antes, não. Os Australianos não são macacos, os macacos é que são australianos.

— Que está dizendo?

— Ora! Lembre-se do que os negros pretendem a propósito da interessante raça dos orangotangos.

— O que pretendem eles? — perguntou Lady Helena.

— Pretendem que os macacos são negros como eles, porém, mais espertos: *Êli não falar, para êli não trabaiar*, dizia um negro com inveja de um orangotango domesticado, a quem o dono sustentava para não fazer nada.

Capítulo 17 — Os Criadores Milionários

Depois de uma noite tranquilamente passada em 146° 15' de longitude, os viajantes, no dia 6 de janeiro, às sete horas da manhã, continuaram a atravessar o vasto distrito. Marchavam sempre na direção do nascente, e os vestígios dos seus passos traçavam na planície uma linha rigorosamente reta. Por duas vezes cortaram o rasto de *squatters*, que se dirigiam para o norte, e os diversos vestígios ter-se-iam confundido se o cavalo de Glenarvan não deixasse na terra a marca de Black-Point, que se podia reconhecer pelo desenho das duas folhas de trevo.

A planície era sulcada em vários pontos de regatos caprichosos, rodeados de buxo, e cujas águas eram mais temporárias do que permanentes. Nasceram nas vertentes dos Buffalos-Ranges, cordilheira formada de medíocres montanhas cuja linha pitoresca ondulava no horizonte.

Resolveram ali acampar naquela noite. Ayrton aguilhoou o gado, e, após uma jornada de trinta e cinco milhas, os bois chegaram ao seu destino um pouco fatigados. Armou-se a barraca debaixo de grandes árvores; sobreviera a noite, a ceia foi rapidamente feita e devorada. Depois de uma marcha daquelas cuidavam mais de dormir do que de comer.

Paganel, a quem tocava o primeiro quarto de sentinela, não se deitou e, com a carabina ao ombro, vigiou o acampamento, passeando a passo largo para melhor resistir ao sono.

Apesar da ausência da lua, a noite estava quase luminosa, graças ao brilho das constelações austrais. O sábio entretinha-se a ler no grande livro do firmamento, sempre aberto e tão interessante para quem o sabe compreender. O profundo silêncio da natureza adormecida só era interrompido pelo ruído das travas, que soavam nos pés dos cavalos.

Paganel deixava-se arrastar pelas suas meditações astronómicas e ocupava-se mais das coisas do céu do que das coisas da terra, quando um som distante o fez sair da sua meditação.

Pôs o ouvido à escuta, e, com grande estupefação, pareceu-lhe reconhecer os sons de um piano; alguns acordes, largamente arpejados, enviavam-lhe a trémula sonoridade. Não se podia iludir.

— Um piano no deserto! — exclamou Paganel. — Eis o que eu nunca admitirei!

Era com efeito muito surpreendente, e Paganel quis antes crer que algum pássaro imitava os sons de um Pleyel ou de um Erard, como outros imitam um relógio ou um amolador.

Mas, naquele momento, uma voz com timbre muito puro elevou-se nos ares. O pianista era reforçado por um cantor. Paganel escutou sem querer dar-se por vencido. Contudo, instantes

depois, foi obrigado a reconhecer a ária sublime que lhe feria os ouvidos.

Era o *Il mio tesoro tanto*, do D. João.

«Ora esta! — pensou o geógrafo. — Por esquisitos que sejam os pássaros australianos, e mesmo quando aqui houvesse os papagaios mais musicais do mundo, não poderiam cantar música de Mozart.»

E pôs-se a escutar até ao fim a sublime inspiração do mestre. O efeito daquela suave melodia, numa noite tão límpida, era indescritível. Paganel esteve muito tempo entregue àquele inexprimível encanto. Afinal a voz calou-se, e tudo recaiu em silêncio.

Quando Wilson foi render Paganel, achou-o mergulhado em profunda meditação. Paganel nada disse ao marinheiro; guardou-se para no dia seguinte informar Glenarvan daquela particularidade e foi agachar-se na barraca.

No outro dia toda a caravana despertava ao som de inesperados latidos. Glenarvan levantou-se no mesmo momento. Dois *pointers* magníficos, admiráveis espécimes de cães de raça inglesa, pulavam à entrada de um pequeno bosque. Quando os viajantes se aproximaram, meteram-se por entre as árvores, latindo com mais força.

— Haverá algum estabelecimento neste deserto — observou Glenarvan —, e teremos caçadores por aqui, visto que vemos cães de caça?

Paganel ia abrir a boca para referir as suas impressões da noite anterior, quando apareceram dois mancebos, montados em cavalos de raça de grande beleza. Os recém-vindos tinham aparência de verdadeiros caçadores.

Os dois *gentlemen*, vestidos com um elegante traje de caça, pararam à vista do pequeno bando acampado como os ciganos. Pareciam perguntar a si mesmos o que significava a presença de gente armada naquele sítio, quando avistaram as viajantes que desciam do carro. Então apearam-se e avançaram para elas de chapéu na mão.

Lord Glenarvan dirigiu-se ao encontro dos desconhecidos, e na qualidade de estrangeiro declarou o seu nome e posição. Os jovens inclinaram-se, e um deles, o mais velho, convidou:

— Milord, quer fazer-nos a honra de descansar na nossa habitação, juntamente com essas senhoras e com os que o acompanham?

— Senhores?... — disse Lord Glenarvan.

— Miguel e Sandy Patterson, proprietários de Hottam-station. Já estão nas terras do estabelecimento, e não têm de andar um quarto de milha.

— Senhores — replicou Glenarvan —, não quereria abusar de uma hospitalidade tão delicadamente oferecida...

— Milord — tornou Miguel Patterson —, aceitando o nosso oferecimento, obsequieia uns pobres exilados, que por muito felizes se darão em fazer as honras do deserto.

Glenarvan inclinou-se em sinal de afirmativa.

— Senhor — disse então Paganel, dirigindo-se a Miguel Patterson —, serei indiscreto perguntando-lhe se era o senhor quem cantava ontem à noite a ária do divino Mozart?

— Era eu, senhor — respondeu o *gentleman* —, e o meu irmão Sandy acompanhava-me.

— Pois bem, senhor — replicou Paganel —, receba os sinceros cumprimentos de um francês, apaixonado admirador dessa música.

Paganel estendeu a mão para o mancebo, que lha apertou com muita amabilidade. Em seguida, Miguel Patterson apontou para a direita, indicando o caminho que havia a seguir. Os cavalos ficaram entregues ao cuidado de Ayrton e dos marinheiros. Foi, portanto, a pé, conversando e admirando o que viam, que os viajantes, guiados pelos dois mancebos, se dirigiram à habitação de Hottam-station.

Era na verdade um estabelecimento magnífico, disposto com a rigorosa severidade dos parques ingleses. Campinas imensas, fechadas por escuras barreiras, estendiam-se a perder de vista. Pastavam ali bois aos milhares e carneiros aos milhões. Numerosos pastores, e cães ainda mais numerosos, guardavam o tumultuoso rebanho. Com os balidos e mugidos misturavam-se o latir dos cães e o estridente estalar dos curtos chicotes.

Para leste, o olhar detinha-se na orla de um bosque de mágros e de gomeiras, que o cume imponente do monte Hottam dominava do alto de sete mil e quinhentos pés. Extensas alamedas de árvores verdejantes de folha perene radiavam em todas as direções. Em diversos pontos avistava-se a cerrada espessura de florestas formadas de *grass-trees*, arbustos de dez pés de altura, semelhantes à palmeira anã, semiocultos na sua cabeleira de folhas estreitas e compridas. O ar estava embalsamado com o perfume dos loureiros, cujos ramos de flores brancas, então em plena florescência, rescendiam os mais finos aromas.

Com os grupos destas árvores indígenas casavam-se as produções transplantadas dos climas europeus. O pessegueiro, a pereira, a macieira, a figueira, a laranjeira, o próprio carvalho, foram saudados com hurras entusiásticos, e os viajantes, se não se admiraram muito de caminhar à sombra das árvores do seu país, maravilharam-se pelo menos da vista dos pássaros que vojavam por entre os ramos, do pássaro-cetim, de penas sedosas, e dos serículos, com a sua veste metade ouro, metade veludo negro.

Entre outros, e pela primeira vez, tiveram ocasião de admirar a «menura». É o pássaro-lira, cuja cauda representa o gracioso instrumento de Orfeu. Fugiu por entre os fetos arborescentes, e

quando com a cauda batia nos ramos, quase se admiravam de não lhe ouvir os harmoniosos acordes com que Anfion se inspirava para reedificar os muros de Tebas. Paganel tinha seus desejos de o imitar.

Entretanto, Glenarvan não se fartava de admirar as mágicas maravilhas daquele oásis improvisado no deserto australiano. Escutava a narração dos jovens *gentlemen*. Em Inglaterra, no meio das campinas civilizadas, o recém-vindo teria logo dado a conhecer ao hospedeiro donde vinha e para onde ia. Mas aqui, por um ato de delicadeza, praticado com toda a finura, Miguel e Sandy Patterson julgaram do seu dever darem-se a conhecer aos viajantes a quem ofereciam hospitalidade. Contaram por isso a sua história.

Era a de todos os jovens ingleses, industriosos e inteligentes, que só creem na riqueza que é fruto do trabalho. Miguel e Sandy Patterson eram filhos de um banqueiro de Londres. Quando chegaram aos vinte anos, disse-lhes o chefe de família: «Mancebos, aqui têm uns poucos de milhões. Vão para alguma colónia distante; fundem lá um estabelecimento útil; procurem no trabalho o conhecimento da vida. Se bem se saírem, tanto melhor. Se nada conseguirem, pouco importa. Não lastimaremos a perda dos milhões que serviram para os fazer homens.» Os dois mancebos obedeceram. Escolheram na Austrália a colónia de Vitória para espalhar as notas de banco paternais, e não tiveram razão para se arrepender. No fim de três anos, o estabelecimento prosperava.

Contam-se nas províncias de Vitória, da Nova Gales do Sul e da Austrália meridional mais de três mil estações, umas dirigidas pelos *squatters*, que criam gado, outras pelos *setters*, cuja indústria principal é a cultura do solo. Enquanto os dois moços ingleses não chegaram, o estabelecimento mais considerável daquele género era o de Mr. Jamieson, que ocupava uma superfície de cem quilómetros, com uma orla de vinte e cinco quilómetros no rio Paroo, um dos confluente do rio Darling.

Por aquela época, a estação de Hottam estava-lhe superior em extensão e em movimento. Os dois mancebos eram ao mesmo tempo *squatters* e *setters*. Administravam com rara habilidade, e, o que é mais difícil ainda, com energia pouco comum a sua imensa propriedade.

Como se vê, a estação achava-se situada a grande distância das cidades principais, no meio dos desertos pouco frequentados do Murray. Ocupava o espaço compreendido entre 146° 48' e 147°, isto é, um terreno de cinco léguas de extensão, situado entre os Buffalos-Ranges e o monte Hottam. Nos dois ângulos setentrionais deste vasto quadrilátero elevavam-se à esquerda o monte Aberdeen, à direita os cumes de High-Barven. Não lhe faltavam as correntes belas e sinuosas, graças aos *creeks* e confluente do Oven's-river, que desagua ao norte, no leito do

Murray. Por isso, a criação do gado e a cultura do solo eram aí igualmente bem sucedidas. Dez mil jeiras de terra, admiravelmente afolhadas e arroteadas, produziam conjuntamente colheitas indígenas e frutos exóticos, ao mesmo tempo que muitos milhões de animais engordavam nas pastagens verdejantes. Por isso os produtos de Hottam-station obtinham alta cotação nos mercados de Castlemaine e de Melbourne.

Miguel e Sandy Patterson acabavam de dar estas informações a respeito da sua industriosa existência quando, na extremidade de uma alameda de casuarinas, apareceu a habitação.

Era uma linda casa feita de madeira e tijolo, metida numa espessura de emerofilas. Tinha a forma elegante do chalé, e uma varanda, guarnecida de lanternas chinesas, rodeava as paredes mestras do edifício como um implúvio antigo. Em frente das janelas flutuavam toldos multicores. Nada se podia imaginar de mais garrido, de mais delicioso para a vista, e ao mesmo tempo de mais confortável. Nos tabuleiros de relva e entre os arbustos que rodeavam a casa elevavam-se candelabros de bronze, sustentando elegantes lanternas; ao cair da noite todo este jardim se iluminava com as brancas luzes de gás, que era fornecido por um pequeno gasómetro, oculto por míagros e fetos arborescentes.

Demais, não se viam nem cerrados, nem cavaliças, nem telheiros, nada em suma do que indica uma exploração rural. Todas estas dependências — verdadeira aldeia composta de vinte choupanas e casas — estavam situadas a um quarto de milha, no fundo de um pequeno vale. Alguns fios elétricos punham a aldeia e a casa dos colonos em instantânea comunicação. Longe de todo o ruído, os dois *gentlemen* pareciam perdidos numa floresta de árvores exóticas.

Os viajantes passaram depressa a alameda das casuarinas; uma pequena ponte de ferro, de construção extremamente elegante, lançada sobre uma corrente murmuradora, dava acesso ao jardim reservado. Os viajantes atravessaram a ponte. Um mordomo, de majestoso aspeto, veio ao encontro dos viajantes; as portas abriram-se, e os hóspedes de Hottam-station penetraram em sumptuosos aposentos contidos naquele invólucro de tijolos e flores.

Todo o luxo da vida artística e elegante se ofereceu a seus olhos. Da antecâmara, ornada de objetos de decoração pertencentes à classe dos utensílios da caça e das corridas de cavalos, passava-se para uma grande sala com cinco janelas. Aí, um piano coberto de partituras antigas e modernas, cavaletes ostentando telas esboçadas, e pedestais ornados de estátuas de mármore, quadros da escola flamenga pendurados pelas paredes, ricas alcatifas macias como relva espessa, peças de tapeçaria ornadas de graciosos episódios mitológicos, um lustre antigo suspenso do teto, louças preciosas, mil nadas caros e delicados, que admirava verem-se numa habitação australiana, revelavam grande gosto pelas artes e pelas comodidades da elegância.

Tudo o que podia agradar, tudo o que podia suavizar o enfado de um exílio voluntário, tudo o que podia recordar ao espírito os costumes europeus, mobilava aquele salão de fadas. Qualquer se julgaria numa vivenda principesca de França ou de Inglaterra.

As janelas deixavam passar através de finos tecidos a luz do sol coada e já enfraquecida pela penumbra da varanda. Quando Lady Helena se aproximou da habitação ficou maravilhada. Daquele lado o edifício dominava um grande vale, que se estendia até ao sopé das montanhas de leste. A série sucessiva de campinas e bosques, as clareiras que se abriam em alguns pontos, o conjunto das colinas graciosamente arredondadas, o relevo do solo acidentado, formavam um espetáculo superior a toda a descrição. Nenhum outro país do mundo lhe podia ser comparado, nem mesmo o tão falado Vale do Paraíso das fronteiras norueguesas do Telemarck. Aquele vasto panorama, em que se alternavam grandes plainos de luz e de sombra, mudava a cada instante segundo os caprichos do sol. A imaginação não podia conceber coisa superior, e aquele encantador aspeto satisfazia todas as exigências da vida humana.

Entretanto, por ordem de Sandy Patterson, acabava de ser improvisado um almoço pelo mordomo do estabelecimento, e, ainda não tinha decorrido um quarto de hora depois da chegada dos viajantes, já estes estavam sentados a uma mesa sumptuosamente servida.

A excelência dos manjares e dos vinhos era indiscutível; mas, o que sobretudo agradava no meio daquele requinte de opulência era a alegria dos jovens *squatters*, felizes por oferecerem debaixo do seu teto tão esplêndida hospitalidade.

Demais, não tardou que conhecessem qual o fim da expedição e tomassem grande interesse pelas pesquisas de Glenarvan. Deram também boas esperanças aos filhos do capitão Grant.

— Harry Grant — expôs Miguel — caiu decerto em poder dos indígenas, porque não apareceu nos estabelecimentos da costa. Conhecia com rigor a posição em que se achava, como o documento prova, e deve ter caído em poder dos selvagens quando chegou a terra, visto que não pôde alcançar nenhuma colónia inglesa.

— Foi precisamente o que sucedeu ao seu cabo de marinheiros Ayrton — replicou John Mangles.

— Mas os senhores — perguntou Lady Helena — nunca ouviram falar da catástrofe da «Britannia»?

— Nunca, senhora — respondeu Miguel,

— E, na sua opinião, de que modo seria tratado o capitão Grant se efetivamente caísse em poder dos indígenas?

— Os aborígenes australianos não são cruéis, senhora — respondeu o jovem *squatter* —, e

Miss Grant pode ficar sossegada a tal respeito. Há exemplos frequentes que atestam a brandura do seu caráter, e alguns europeus viveram entre eles por muito tempo e nunca tiveram razão de se queixar de atos de brutalidade.

— King, entre outros — disse Paganel —, o único que sobreviveu da expedição de Burke.

— E não só esse destemido explorador — tornou Sandy — mas também um soldado inglês, chamado Buckley, que, tendo em 1803 fugido para a costa de Port-Filipe, foi recolhido pelos indígenas e viveu trinta e três anos com eles.

— E já depois dessa época — acrescentou Miguel Patterson — um dos últimos números do «Australasian» informou-nos de que um tal Morrill acabava de ser restituído aos seus compatriotas após dezasseis anos de escravidão. A história do capitão deve ser a mesma, porque foi também depois do naufrágio da «Péruvienne», em 1846, que Morrill caiu prisioneiro dos naturais e foi conduzido para o interior do continente. Portanto, parece-me que se deve ter toda a esperança.

Estas palavras causaram imensa alegria aos ouvintes do jovem *squatter*. Corroboravam as informações que já tinham sido dadas por Paganel e Ayrton.

Em seguida, depois de os viajantes se levantarem da mesa, falou-se a respeito dos convictos. Os *squatters* conheciam a catástrofe de Camden-Bridge, mas a presença de um bando de prófugos não lhes causava receio algum. Não era um estabelecimento cujo pessoal se elevava a mais de cem homens que aqueles malfeitores se atreveriam a atacar. Demais, não seria de supor que eles se aventurassem por aqueles desertos do Murray, onde nada tinham que fazer, nem do lado das colónias da Nova Gales, cujas estradas são muito vigiadas. Tal era também a opinião de Ayrton.

Lord Glenarvan não pôde recusar aos seus amáveis anfitriões o pedido que eles lhe fizeram de passar um dia inteiro na estação de Hottam. Eram doze horas de atraso, que se tornavam em doze horas de descanso; nas excelentes cavalariações do estabelecimento podiam cavalos e bois restaurar amplamente as forças.

Ficou pois combinado, e os dois mancebos submeteram à aprovação dos seus hóspedes um programa do dia, que foi adotado com entusiasmo.

Ao meio-dia, sete vigorosos cavalos de raça faziam piafé às portas da vivenda. Um elegante *break* destinado às damas e conduzido por quatro cavalos permitia ao cocheiro mostrar a sua perícia no difícil manejo de guiar a quatro soltas. Os cavaleiros, precedidos de picadores e armados de excelentes espingardas de caça, saltaram para os cavalos e puseram-se a galopar às portinholas, enquanto que a matilha dos *pointers* ladrava alegremente através do mato.

Durante quatro horas, a cavalgada percorreu as alamedas daquela coutada extensa como qualquer pequeno estado alemão. O Reuss-Schleitz ou o Saxe-Coburgo-Gota caberiam inteiros dentro dela. Se tinham menos habitantes, em compensação os carneiros abundavam. Quanto à veação, um exército de batedores de mato não seria capaz de levantar mais numerosa caça. Por isso, não tardou que se ouvisse uma série de detonações inquietadoras para os pacíficos hóspedes dos bosques e das planícies. O jovem Roberto fez maravilhas ao lado do major Mac-Nabs. O destemido moço, apesar das recomendações da irmã, achava-se sempre na dianteira e era o primeiro no fogo. John Mangles encarregou-se, porém, de o vigiar, e Mary Grant tranquilizou-se.

Durante esta batida mataram-se certos animais particulares daquele país, e de que até então Paganel só conhecera o nome. Tais eram, entre muitos outros, o *wombat* e o *bandicoot*.

O *wombat* é um herbívoro que abre tocas à maneira dos texugos; tem o tamanho de um carneiro e a sua carne é excelente. O *bandicoot* é uma espécie de marsupial, que levaria de vencida a raposa da Europa e seria capaz de lhe dar lições de pilhagem nos pátios onde houvesse criação de aves. Este animal, de aspeto assaz repugnante, do comprimento de um pé e meio, caiu ferido por Paganel, que, por amor-próprio de caçador, o declarou admirável. «Lindo bicho!» — dizia ele.

Entre outras peças importantes, Roberto matou um *dasyure viverrin*, espécie de raposa pequena, cujo pelo negro, matizado de branco, vale tanto como o da marta, e um par de opossums ocultos na folhagem densa das grandes árvores.

Mas, de todas estas façanhas, a mais interessante foi sem contradição uma caçada ao canguru. Por volta das quatro horas os cães fizeram levantar um bando daqueles curiosos marsupiais. Os pequenos recolheram-se precipitadamente ao ninho materno, e todos deitaram a fugir em fileira. Nada mais admirável do que os enormes saltos do canguru, cujas pernas traseiras, duas vezes maiores que as de diante, se estendem como qualquer mola.

Em frente do bando fugitivo corria um macho, da altura de cinco pés, magnífico espécime do *macropus giganteus*, um velhote, como dizem os *bushmen*.

Na extensão de quatro milhas prosseguiu-se na caçada com atividade. Os cangurus não cansam, e os cães, que receiam, não sem razão, as suas patas vigorosas armadas de uma unha aguda, não procuravam aproximar-se deles. Mas, afinal, com as forças exaustas pela carreira, o bando parou e o «velhote» encostou-se a um tronco de árvore, pronto para se defender. Um dos cães, arrastado pelo ímpeto, foi rolar junto dele. Instantes depois, o infeliz animal saltava aos ares e caía estripado.

Era fora de dúvida que a matilha toda não faria nada com aqueles potentes marsupiais. Tornava-se preciso dar cabo deles, a tiro, e só as balas podiam abater o gigantesco animal.

Naquele momento Roberto ia sendo vítima da sua imprudência. A fim de dar mais certeza ao tiro, aproximou-se tanto do canguru que este deu um salto para ele. Roberto caiu: soou um grito. Mary Grant, do alto do *break*, aterrada, sem fala, alucinado o olhar, estendia as mãos para o irmão. Nenhum caçador se atrevia a atirar sobre o animal, porque podia também ferir o jovem.

Mas, de súbito, John Mangles, com a sua faca de mato em punho, precipitou-se sobre o canguru, com risco de ser estripado, e feriu-o no coração. Abatido o animal, Roberto levantou-se ileso. Um momento depois estava nos braços da irmã.

— Obrigada, Sr. John! Obrigada! — exclamou Mary Grant, que estendeu a mão para o jovem capitão.

— Respondia por ele — disse John Mangles, agarrando na mão trémula da jovem.

Este incidente terminou a caçada. O bando dos marsupiais dispersara depois da morte do seu chefe, cujos despojos foram trazidos para casa. Eram seis horas. Um jantar magnífico esperava os caçadores. Entre outros manjares, um caldo de cauda de canguru, preparado à moda dos indígenas, foi o grande prato do jantar.

Depois dos gelados e sorvetes da sobremesa, os convivas passaram ao salão. A noite foi consagrada à música. Lady Helena, que era muito boa pianista, pôs o seu talento à disposição dos *squatters*. Miguel e Sandy Patterson cantaram com perfeita graça algumas passagens tiradas das últimas partituras de Gounod, Victor Massé, Felicien David, e também desse génio não compreendido, Richard Wagner.

Às onze horas foi servido chá; era feito com a perfeição inglesa, que nenhum outro povo pode igualar. Mas como Paganel pedisse para provar o chá australiano, foi-lhe servido um licor negro como tinta, um litro de água em que meia libra de chá fervera durante quatro horas. Apesar de muitas caretas, Paganel foi declarando aquela bebida excelente.

À meia-noite os hóspedes do estabelecimento, conduzidos a aposentos frescos e cheios de comodidades, prolongaram em sonhos os prazeres do dia.

No dia seguinte, logo de madrugada, despediram-se dos dois jovens *squatters*. Trocaram-se muitos agradecimentos e muitas promessas formais de se tornarem a ver no castelo de Malcolm. Em seguida o carro pôs-se a caminho, deu volta pela base do monte Hottam, e bem depressa o estabelecimento desapareceu, como visão rápida, aos olhos dos viajantes. Durante mais cinco milhas pisaram com as patas dos cavalos o solo da estação. Só às nove horas passaram além da última pousada, e a caravana embrenhou-se através das regiões quase desconhecidas, da

província de Vitória.

Capítulo 18 — Os Alpes Australianos

Imensa barreira cortava ao sudoeste o caminho que a caravana havia de seguir. Era a cordilheira dos Alpes australianos, vasta fortificação, cujas muralhas irregulares se estendem por espaço de mil e quinhentas milhas e detêm as nuvens a quatro mil pés de altura.

O céu encoberto só deixava chegar ao solo um calor coado pelo tecido espesso dos vapores. A temperatura estava, portanto, suportável, mas a marcha era difícil sobre o terreno já muito acidentado. As intumescências da planície cada vez se tornavam mais pronunciadas.

Alguns cabeços, cobertos de gomeiras ainda novas e verdejantes, alteavam-se num e noutro ponto. Mais além, estas gibas, tornando-se mais sensíveis, formavam os primeiros degraus dos grandes Alpes. Era preciso subir de um modo contínuo, o que bem se percebia em vista do esforço empregado pelos bois, cuja canga estalava com a tração do pesado carro; os animais resfolegavam ruidosamente, e os músculos dos jarretes dilatavam-se-lhes de modo que pareciam prestes a rasgar-se. O madeiramento do veículo gemia a cada inesperado choque, que Ayrton, apesar de toda a sua habilidade, não conseguia evitar. As viajantes iam-se resignando alegremente àqueles solavancos.

John Mangles e os seus dois marinheiros exploravam a estrada numa dianteira de cem passos; escolhiam as passagens praticáveis, para não dizer os canais, porque todas as desigualdades do terreno figuravam outros tantos escolhos entre os quais o carro percorria o melhor canal. Era uma verdadeira navegação através de um terreno picado como o mar revolto.

Difícil e muitas vezes perigosa era a tarefa. Amiúde o machado de Wilson tinha de abrir passagem pelo meio de espessas matas de arbustos. O solo, húmido e argiloso, fugia debaixo dos pés. Umas vezes, grandes pedaços de granito, outras, profundos desfiladeiros ou lagoas suspeitas, em suma, grande número de obstáculos invisíveis obrigavam os viajantes a grandes rodeios, que tornavam o caminho mais extenso. Por isso, ao cair da noite, teriam percorrido, o muito, meio grau. Acamparam junto à base dos Alpes, na margem do *creek* de Cobongra, sobre a orla de uma pequena planície coberta de arbustos, de quatro pés de altura, cujas folhas, de um vermelho-claro, alegravam a vista.

— Havemos de ter alguns incómodos a passar — afirmou Glenarvan, olhando para a cordilheira, cujo contorno já se fundia na escuridão da noite. — Alpes! É um nome que faz refletir!

— É preciso dar algum desconto, caro Glenarvan — replicou-lhe Paganel. — Não julgue que tem uma Suíça a atravessar. Há na Austrália Grampianos, Pirenéus, Alpes, montanhas Azuis, como na Europa e na América, mas em miniatura. O que prova muito simplesmente que a imaginação dos geógrafos não é infinita e que a língua dos nomes próprios é bem pobre.

— Então, os Alpes australianos?... — perguntou Lady Helena.

— São montanhas de algibeira — explicou Paganel. — Atravessá-los-emos sem dar por isso.

— Fala por si! — disse o major. — Só um homem distraído é que pode atravessar uma cordilheira sem perceber.

— Distraído! — protestou Paganel. — Mas eu já não sou distraído. Invoco o testemunho destas damas. Depois que pus pé no continente, não terei cumprido a minha promessa? Cometi já alguma distração? Têm algum erro que me deitar em rosto?

— Nenhum, Sr. Paganel — confirmou Mary Grant. — O senhor é agora o mais perfeito dos homens.

— Perfeito de mais! — acrescentou Lady Helena, rindo. — As suas distrações ficavam-lhe tão bem!

— Não é verdade, milady — replicou Paganel —, que se já não tiver nenhum defeito, me tornarei um homem como outro qualquer? Espero, pois, que dentro em pouco cometerei alguma boa distração de que muito se riam. Vejam: quando não me engano parece que falto à minha vocação.

No dia seguinte, 9 de janeiro, apesar das afirmativas do confiado geógrafo, não foi sem grandes dificuldades que a pequena caravana se embrenhou na passagem dos Alpes. Tiveram de caminhar ao acaso, de se internar por desfiladeiros estreitos e profundos, que podiam não ter saída.

Ayrton ter-se-ia visto decerto muito embaraçado se, depois de uma hora de marcha, uma estalagem, uma miserável venda, não aparecesse sem ser esperada numa das sendas das montanhas.

— Com a fortuna! — exclamou Paganel. — O dono desta taberna não deve fazer grande fortuna num lugar assim! Para que pode ela servir?

— Para nos dar a respeito do nosso caminho as informações de que temos necessidade — respondeu Lord Glenarvan. — Entremos.

Glenarvan, seguido de Ayrton, transpôs o limiar da estalagem. O dono de *Bus-Inn* — como dizia a tabuleta — era homem grosseiro, de fisionomia desagradável, e que se devia considerar

o principal freguês de genebra, de aguardente e *whisky* da sua taberna. Usualmente, só via algum *squatter* que viajava, ou alguns condutores de gado.

Às perguntas que lhe foram feitas respondeu com ar de mau humor. Mas as suas respostas foram suficientes para dar certeza a Ayrton do caminho que devia tomar. Glenarvan gratificou com algumas moedas o trabalho que o estalajadeiro tivera em lhe dar tais informações, e ia deixar a taberna quando um cartaz colocado na parede lhe atraiu a atenção.

Era uma indicação da polícia colonial. Anunciava a evasão dos convictos de Perth e punha a prémio a cabeça de Ben-Joyce. Davam-se cem libras esterlinas a quem o entregasse.

— Decididamente — disse Glenarvan ao cabo de marinheiros —, é um miserável bom para se enforcar.

— E principalmente para se apanhar! — replicou Ayrton. — Cem libras! É uma boa soma! Não vale.

— Quanto ao taberneiro — acrescentou Glenarvan —, não me inspira confiança, apesar do seu cartaz.

— Nem a mim — afirmou Ayrton.

Glenarvan e o cabo de marinheiros dirigiram-se para o carro. A caravana encaminhou-se para o ponto onde finda a estrada de Lucknow. Começava ali a serpentear uma estreita passagem, que cortava a montanha obliquamente. Principiaram a subir.

Foi uma ascensão penosa. Por mais de uma vez as viajantes e os seus companheiros se apearam. Era preciso auxiliar a tração do pesado veículo, sopeá-lo muitas vezes em declives perigosos, tirar os bois nas voltas pequenas, ou meter travão nas rodas para que o carro não desandasse para trás, e mais de uma vez teve Ayrton de recorrer aos cavalos já fatigados de se transportarem a si mesmos.

Fosse pela fadiga prolongada, ou por qualquer outra causa, um dos cavalos sucumbiu naquele dia. Caiu de chofre, sem que nenhum sintoma fizesse pressentir um tal acidente. Era o cavalo de Mulrady, e quando este o quis levantar, achou-o morto.

Ayrton veio examinar o animal estendido por terra, e pareceu não compreender aquela morte instantânea.

— A este animal — declarou Glenarvan — deve ter rebentado alguma veia.

— Sem dúvida — concordou Ayrton.

— Serve-te do meu cavalo, Mulrady — acrescentou Glenarvan —; vou fazer companhia no carro a Lady Helena. Mulrady obedeceu e a pequena caravana continuou a fatigante ascensão, depois de ter abandonado aos corvos o cadáver do animal.

A cordilheira dos Alpes australianos é pouco espessa, e a sua base não tem mais de oito milhas de largura. Portanto, se a passagem escolhida por Ayrton ia dar à vertente oriental, podiam em quarenta e oito horas transpor aquela elevada barreira. Então, dali até ao mar não haveria nem obstáculos invencíveis nem caminho difícil.

No dia 11 os viajantes chegaram ao ponto mais elevado da passagem, que ficaria a uns dez mil pés de altura. Achavam-se então numa chapada, donde a vista se estendia livremente ao longe. Para a banda do norte cintilavam as águas serenas do lago Oméo, todo coberto de aves aquáticas, e para além do lago as vastas planícies verdejantes do Gippsland, os seus terrenos abundantes em ouro, as suas altas florestas com a aparência de um país primitivo. Ali, ainda a natureza estava senhora das suas produções, da corrente das suas águas, das suas grandes árvores virgens ainda dos golpes de machado, e os *squatters*, até então, não tinham ousado lutar com ela. Parecia que a cordilheira dos Alpes separava dois países diferentes, um dos quais conservava a selvajaria primitiva. O sol punha-se naquele momento, e alguns raios, atravessando as nuvens avermelhadas, avivavam as cores naturais do distrito do Murray. O Gippsland, pelo contrário, abrigado por detrás do anteparo das montanhas, sumia-se numa vaga escuridão, e dir-se-ia que a sombra mergulhava em noite precoce toda a região transalpina. Colocados entre duas regiões tão perfeitamente divididas, os espectadores sentiram vivamente o contraste, e certa comoção se apossou deles ao contemplarem aquele país quase desconhecido, que iam atravessar até às fronteiras de Vitória.

Acamparam mesmo na chapada, e no dia seguinte começou a descida. Foi rápida. Um granizo de extrema violência surpreendeu os viajantes e obrigou-os a procurar abrigo debaixo dos rochedos. Já não eram bagas congeladas, mas pesadas lâminas de gelo, do tamanho de qualquer mão, que se precipitavam das carregadas nuvens. Uma funda não as lançaria com mais violência, e algumas boas contusões provaram a Paganel e a Roberto que era preciso esquivarem-se aos seus golpes. O carro ficou crivado em muitos lugares, e poucos telhados resistiram ao choque daqueles pedaços de gelo aguçados, alguns dos quais se cravavam nos troncos das árvores. Era necessário esperar o fim do chuveiro prodigioso, sob pena de se ser apedrejado. Foi negócio de quase uma hora, e a caravana meteu-se novamente pelos íngremes rochedos, escorregadios ainda da enxurrada produzida pela neve. À noite o carro, muito sacudido, com as juntas abertas em diferentes lados, mas sólido ainda com os seus discos de madeira, descia as últimas escarpas dos Alpes, em meio de grandes pinheiros isolados. O caminho ia dar às planícies do Gippsland. A cordilheira alpina acabava de ser transposta com grande felicidade, e tomaram-se as costumadas disposições para o acampamento da tarde.

No dia 12, logo de madrugada, continuou-se a viagem com um ardor que não se desmentia. Todos tinham pressa de chegar ao fim, isto é, ao oceano Pacífico, ao ponto exato onde a «Britannia» se despedaçara. Só ali podiam ser eficazmente seguidos os vestígios dos náufragos, e não nas planícies desertas do Gippsland. Por isso, Ayrton apertava com Glenarvan para que expedisse ao «Duncan» ordem de se aproximar da costa, a fim de ter à sua disposição todos os meios de proceder às necessárias pesquisas. Segundo a opinião do cabo de marinheiros, era preciso aproveitar a estrada de Lucknow a Melbourne. Mais tarde seria difícil, porque as comunicações diretas com a capital faltariam absolutamente.

Estas recomendações do cabo de marinheiros pareciam boas. Paganel dava conselho de se tomarem em consideração. Era também de opinião que a presença do iate havia de ser muito útil em semelhante circunstância, e acrescentava que para além do Lucknow deixaria de ser possível a comunicação com Melbourne.

Glenarvan estava indeciso, e talvez se decidisse a expedir as ordens que Ayrton muito particularmente pedia, se o major não combatesse essa resolução com grande vigor. Demonstrou que a presença de Ayrton era necessária à expedição, que na vizinhança da costa o país seria conhecido dele, que, se o acaso deparasse à caravana os vestígios de Harry Grant, o cabo de marinheiros seria capaz, como nenhum outro, de os seguir, finalmente que só ele estava no caso de indicar o lugar onde a «Britannia» se perdera.

Mac-Nabs foi, portanto, de opinião que se continuasse a viagem sem nada mudar no programa primitivo. Achou um auxiliar em John Mangles, que se pôs do seu lado. O jovem capitão fez até notar que: as ordens de Sua Honra chegariam mais facilmente ao «Duncan» se fossem expedidas de Twofold-Bay do que por intermédio de um passageiro obrigado a percorrer duzentas milhas de um país de selvagens.

Prevaleceu esta opinião. Ficou assente que só quando chegassem a Twofold-Bay se tomaria uma resolução. O major observara Ayrton, que lhe pareceu muito descoroçado. Nada disse, porém, e guardou as suas observações para uso próprio.

As planícies que se estendem ao pé dos Alpes australianos eram muito iguais, tendo uma ligeira inclinação para leste. Grandes agrupamentos de eucaliptos e de mimosas, de gomeiras de essências diversas, alteravam-lhe num ou noutro ponto a monótona uniformidade. O *gastrolobium grandiflorum* eriçava o solo com os seus arbustos de cintilantes flores. Alguns *creeks* sem importância, simples regatos atulhados de juncos e invadidos por orquídeas, cortavam muitas vezes o caminho. Passaram-nos a vau. Quando se aproximavam os viajantes, bandos de abetardas e de casuares levantavam o voo. Por baixo dos pequenos arbustos saltavam

e ressaltavam os cangurus como um bando de bonecos elásticos. Mas os caçadores da expedição não pensavam em caçar, e os cavalos dispensavam bem aquele aumento de fadiga.

Demais, reinava um calor sufocante. A atmosfera estava extremamente carregada de eletricidade. Homens e animais sofriam-lhe a influência. O silêncio só era interrompido pelos gritos de Ayrton, que excitava as suas parselhas meio prostradas de fadiga.

Do meio-dia para as duas horas, atravessou a caravana uma curiosa floresta de fetos, que provocaria a admiração de pessoas menos moídas pela fadiga. Estas plantas arborescentes, em plena florescência, mediam quase trinta pés de altura. Cavalos e cavaleiros passavam à vontade por debaixo da ramada pendente, e por vezes a espora de um cavaleiro tiniu de encontro ao seu tronco lenhoso. Debaixo destes guarda-sóis imóveis reinava uma frescura de que ninguém se lembrava de se queixar. Jacques Paganel, sempre demonstrativo, soltou alguns suspiros de satisfação, que fizeram levantar bandos de periquitos e catatuas. Foi uma gargalhada de ensurdecer.

Continuava Jacques Paganel com todo o furor dos seus gritos e expansões de alegria quando os companheiros o viram vacilar de repente no cavalo e cair como pesada massa. Seria alguma tontura, ou, pior ainda, uma sufocação causada pela temperatura elevada?

Correram para ele.

— Paganel! Paganel! Que tem? — exclamou Glenarvan.

— O que tenho, caro amigo, é que estou sem cavalo — respondeu Paganel, desembaraçando-se dos estribos.

— O quê! O seu cavalo?...

— Morto, fulminado como o de Mulrady!

Glenarvan, John Mangles e Wilson examinaram o animal. Paganel não se enganava. O cavalo acabava de ser fulminado de súbito.

— É singular! — comentou John Mangles.

— Muito singular, efetivamente — murmurou o major.

O novo acidente não deixou de preocupar Glenarvan. Naquele deserto não podia fornecer-se de cavalos. Ora, se uma epidemia feria os da expedição, ver-se-ia muito embaraçado para continuar a viagem.

Antes de findar o dia, pareceu a palavra «epidemia» justificar-se. Um terceiro cavalo, o de Wilson, caiu morto, e, circunstância talvez mais grave ainda, um dos bois ficou igualmente fulminado. Os meios de transporte e de tração estavam reduzidos a três bois e quatro cavalos.

A situação tornou-se grave. Os cavaleiros desmontados podiam, em suma, resignar-se a ir a

pé. Já muitos *squatters* o haviam feito através daquelas regiões desertas. Mas, se fosse preciso abandonar o carro, que seria das viajantes? Poderiam elas andar as cento e vinte milhas que as separavam ainda de Twofold-Bay?

John Mangles e Glenarvan, muito inquietos, examinaram os cavalos que sobreviviam. Talvez se pudessem evitar novos acidentes. Feito o exame, nenhum sintoma de doença, de fraqueza sequer, se observou. Os animais estavam de perfeita saúde e suportavam valentemente as fadigas da viagem. Por isso Glenarvan ficou esperançado em que a singular epidemia não faria novas vítimas.

Foi esta também a opinião de Ayrton, que confessava nada compreender a respeito daquelas mortes fulminantes.

Puseram-se a caminho. O carro servia de veículo aos peões, que aí descansavam alternadamente. À noite, depois de uma marcha de dez milhas apenas, deu-se o sinal de parar, organizou-se o acampamento, e passou-se a noite sem novidade, debaixo de uma vasta espessura de fetos arborescentes, por entre os quais voavam grandes morcegos, chamados muito propriamente raposas voadoras.

A jornada do dia seguinte, 13, correu bem. Não se renovaram os acidentes da véspera. O estado sanitário da expedição continuou satisfatório. Cavalos e bois fizeram briosamente o seu serviço. O salão de Lady Helena esteve muito animado, graças ao número de visitas que ali acorreram. Mr. Olbinett tratou com toda a atividade de fazer circular os refrescos, que um calor de trinta graus tornava necessários. Gastou-se nada menos que meio barril de *stock-ale*. Qualificou-se Barclay e Co. como o maior homem da Grã-Bretanha, mesmo superior a Wellington, que não seria capaz de fabricar tão boa cerveja. Tudo isto era amor-próprio de escoceses. James Paganel bebeu muito e discorreu mais *de omni re scibili*.

Um dia tão bem começado parecia dever acabar bem. Tinham andado umas boas quinze milhas e atravessado com muita fortuna um território bastante montuoso e cujo solo era avermelhado. Tudo fazia esperar que naquela mesma noite acampariam nas margens do Snowy, rio importante, que vai desaguar ao sul de Vitória, no Pacífico. Não tardou que o carro começasse a abrir o sulco das suas rodas em extensas planícies formadas de um negro terreno de aluvião, através de abundantes ervaçais e de novos campos de *gastrolobium*. Veio a noite, e um nevoeiro nitidamente delineado no horizonte indicou o curso do Snowy. Graças a um violento esforço dos bois fizeram-se mais algumas milhas. Num cotovelo da estrada, por detrás de uma pequena elevação do terreno, surgiam as árvores de alta floresta. Ayrton dirigiu as juntas, já um pouco estafadas, através dos troncos perdidos na sombra, e transpunha a beira da

floresta, a meia milha de distância do rio, quando o carro se enterrou repentinamente até ao eixo das rodas.

— Atenção! — gritou ele aos cavaleiros que o seguiam.

— Que temos? — perguntou Glenarvan.

— Estamos atolados — respondeu Ayrton.

E com a voz e com o gesto excitou os bois, que, metidos no lodo até meio da perna, não se puderam mover.

— Acampemos aqui — ordenou John Mangles.

— Alto! — exclamou Glenarvan.

A noite cerrara completamente depois de um curto crepúsculo, mas o calor não desaparecera com a luz do dia. Sufocantes vapores pairavam na atmosfera. Alguns relâmpagos, deslumbrantes reverberações de longínqua tempestade, iluminavam o horizonte.

Organizou-se a noitada. Remediarão-se, conforme puderam, com o carro atolado. A sombria coma das grandes árvores abrigou a barraca dos viajantes. Se não chovesse, estavam resolvidos a não se queixar.

Ayrton conseguiu, com algum custo, tirar os bois do terreno movediço. Os corajosos animais tinham lodo até aos flancos. O cabo de marinheiros meteu-os num cerrado, juntamente com os quatro cavalos, e não deixou a ninguém o cuidado de escolher a forragem. Era um serviço que ele fazia sempre com inteligência, e naquela noite observou Glenarvan que os seus cuidados aumentaram; agradeceu-lho, porque a conservação do gado era de grande interesse.

Entretanto os viajantes partilhavam uma ceia um tanto sumária. Como a fadiga e o calor tiravam o apetite, tornava-se-lhes mais necessário o repouso do que o alimento. Lady Helena e Miss Grant, depois de darem as boas-noites aos seus companheiros, recolheram-se ao aposento do costume. Quanto aos homens, uns meteram-se na barraca, outros, por gosto, estenderam-se sobre a erva espessa junto das árvores, o que não tem nenhum inconveniente nos países salubres.

Pouco a pouco foram todos adormecendo profundamente. Um grande negrume de grossas nuvens, que ia invadindo o céu, tornava mais densa a escuridão. Não soprava uma aragem. O silêncio da noite só era interrompido pelo canto do *morepork*, que dava a terça menor com admirável perfeição, como os cucos melancólicos da Europa.

Por volta das onze horas, após um sono inquieto, doloroso e fatigante, o major acordou. Os seus olhos, mal abertos, foram feridos por uma luz vaga, que se agitava por debaixo das árvores. Dir-se-ia um lençol esbranquiçado, cintilando como a água de um lago, e Mac-Nabs

julgou a princípio que os primeiros clarões de algum incêndio se propagavam sobre o solo.

Levantou-se e caminhou para o bosque. Foi grande a sua surpresa quando se viu em presença de um fenómeno puramente natural. Diante dele estendia-se um imenso plaino formado de cogumelos, que emitiam fosforescência. Os esporios luminosos daqueles criptógamos radiavam na sombra com certa intensidade.

O major, que não era egoísta, ia acordar Paganel, para que o sábio observasse o fenómeno com os seus próprios olhos, quando um incidente o deteve.

A claridade fosforescente iluminava o bosque em meia milha de extensão, e Mac-Nabs pareceu-lhe ver passar rapidamente vários vultos pelo extremo da floresta. Enganá-lo-iam os olhos? Seria ludíbrio de uma alucinação?

Mac-Nabs deitou-se no solo, e, depois de rigorosa observação, distinguiu perfeitamente muitos homens, que, abaixando-se e levantando-se alternadamente, pareciam procurar na terra vestígios ainda recentes.

Era preciso saber o que eles queriam.

O major não hesitou, e, sem prevenir os companheiros, arrastando-se pelo solo como um selvagem das planícies, desapareceu por entre as altas ervas.

Capítulo 19 — Um Lance Teatral

Foi terrível a noite. Pelas duas horas começou a desabar a chuva, verdadeiras torrentes de água, que as nuvens descarregaram sobre a terra até ao romper do dia. A barraca tornou-se abrigo insuficiente. Glenarvan e os seus companheiros refugiaram-se no carro. Ninguém dormiu. Conversou-se em assuntos diversos. O major, cuja curta ausência ninguém notara, escutou sem proferir palavra. O dilúvio não parava. Era para rechar uma cheia do Snowy, o que seria mau para o carro metido no solo lodoso. Por este motivo, Mulrady, Ayrton e John Mangles foram examinar por diversas vezes o nível da corrente, voltando desta diligência sempre encharcados.

Rompeu afinal o dia. Parou a chuva, mas os raios do sol não puderam atravessar o negrume das nuvens. Grandes poças de líquido amarelado, verdadeiros tanques de água turva e lamacenta, cobriam o solo. Do terreno encharcado elevava-se um vapor quente, que saturava a atmosfera de pernicioso humidade.

Glenarvan lembrou-se logo do carro. Era o essencial na sua opinião. Examinaram o pesado veículo. Estava atolado numa grande depressão do solo, em meio de um barro extremamente pegajoso. O jogo dianteiro desaparecia quase todo, e o jogo de trás até ao eixo. Havia de custar a desenterrar a pesada viatura, e para o conseguir não seriam de mais todas as forças reunidas dos homens, dos bois e dos cavalos.

— Em todo o caso é preciso apressarmo-nos — observou John Mangles. — Depois de o barro secar tornar-se-á mais difícil a operação.

— Apressemo-nos — disse Ayrton.

Glenarvan, os dois marinheiros, John Mangles e Ayrton penetraram no bosque onde os animais tinham passado a noite.

Era uma floresta de altas gomeiras de sinistro aspeto. Só tinha árvores secas, a grande distância umas das outras, descavadas havia muitos séculos, ou, para melhor dizer, escorchadas como os sobreiros na época em que se lhes tira a cortiça. Elevavam a duzentos pés a pobríssima rede dos seus ramos despojados de folhas. Naqueles esqueletos aéreos nenhum pássaro se aninhava; não tremia uma só folha naquela ramagem seca e sonora como o revolver de ossadas. A que cataclismo se devia atribuir o fenómeno, muito frequente na Austrália, de florestas inteiras fulminadas por morte epidémica? Não se sabe. Nem os mais velhos indígenas, nem os seus antepassados, há muito sepultados nos bosques da morte, as viram jamais verdejantes.

Glenarvan ia andando e olhando para o ar pardacento, em cujo fundo se desenhavam os mais pequenos ramúsculos das gomeiras, como finíssimos recortes. Ayrton estava admirado de já não ver os cavalos e os bois no lugar onde os tinha deixado. Peados como tinham ficado, não podiam ter ido para longe.

Procuraram-nos no bosque; de balde. Ayrton, surpreendido, dirigiu-se para o lado do Snowy, ornado de magníficas mimosas. Fazia ouvir o grito bem conhecido das juntas, que não respondiam. O cabo de marinheiros parecia muito inquieto, e os seus companheiros olhavam desanimados uns para os outros.

Gastaram uma hora em infrutuosas pesquisas, e Glenarvan ia voltar para o carro, que ficava a uma boa milha de distância, quando lhe chegou aos ouvidos um relincho. Em seguida ouviu-se também um mugido.

— Estão acolá! — exclamou John Mangles, metendo-se por entre os arbustos do *gastrolobium*, que tinham altura suficiente para ocultar um rebanho.

Glenarvan, Mulrady e Ayrton seguiram-no e não tardou que ficassem, como ele, estupefactos.

No solo jaziam dois bois e três cavalos, fulminados como os outros. Os cadáveres estavam já frios, e um bando de mirrados corvos, grasnando entre as mimosas, espreitava a inesperada presa.

Glenarvan e os seus companheiros olharam uns para os outros, e Wilson não pôde conter uma praga que lhe veio à boca.

— Que queres, Wilson! — exclamou Glenarvan, reprimindo com dificuldade uma explosão de raiva —, nada podemos fazer. Ayrton, leve o boi e o cavalo que restam. Eles é que nos hão de valer neste apuro.

— Se o carro não estivesse atolado — sugeriu John Mangles — os dois animais, fazendo pequenas jornadas, bastariam para nos transportar até à costa. É preciso, portanto, custe o que custar, desenterrar o maldito veículo.

— Havemos de fazer a diligência, John — replicou Glenarvan. — Voltemos para o acampamento; a nossa ausência tão prolongada deve ter causado inquietação.

Ayrton tirou as travas ao boi, Mulrady ao cavalo, e voltaram para o carro pelas margens sinuosas do rio.

Meia hora depois, Paganel e Mac-Nabs, Lady Helena e Miss Grant sabiam o que se passara.

— Palavra! — não pôde o major deixar de dizer. — É pena, Ayrton, que não tivesse precisão de ferrar todos os animais na passagem do Wimerra.

— Porquê, Sr. major? — perguntou Ayrton.

— Porque, de todos os cavalos, só o que esteve nas mãos do seu ferrador escapou à sorte comum.

— É verdade — disse John Mangles —, estranho acaso.

— Acaso e mais nada — replicou o cabo de marinheiros, olhando friamente para o major.

Mac-Nabs fincou os lábios, como se quisesse conter quaisquer palavras prestes a escaparem-lhe. Glenarvan, Mangles e Lady Helena pareciam esperar que ele completasse o pensamento, mas o major calou-se e dirigiu-se para o carro que Ayrton examinava.

— O que quis ele dizer? — perguntou Glenarvan a John Mangles.

— Não sei — respondeu o jovem capitão — todavia, o major não é homem para falar sem motivo.

— Não, John — disse Lady Helena. — Mac-Nabs deve ter suspeitas de Ayrton.

— Porquê? — retorquiu Glenarvan. — Supô-lo-á capaz de ter morto os cavalos e os bois? Mas com que fim? O interesse de Ayrton não é idêntico ao nosso?

— Tem razão, meu caro Edward — concordou Lady Helena —, e acrescentarei que desde o começo da viagem o cabo de marinheiros nos tem dado incontestáveis provas de dedicação.

— Exato — acudiu John Mangles. — Mas que significará a observação de Mac-Nabs? Quero tirar-me de dúvidas a tal respeito.

— Julga-o ele de acordo com os convictos? — proferiu Paganel imprudentemente.

— Quais convictos? — perguntou Miss Grant.

— O Sr. Paganel engana-se — redarguiu John Mangles com vivacidade. — Bem sabe que na província de Vitória não há convictos.

— Ora! É verdade! — exclamou Paganel, que bem desejaria retirar o que havia dito. — Onde demónio tinha eu a cabeça? Convictos? Quem é que jamais ouviu falar em convictos na Austrália? Demais, assim que desembarcam, tornam-se boas pessoas! O clima! Miss Mary, bem o sabe! O clima moralizador...

O pobre sábio, querendo emendar a sua falta de atenção, fazia como o carro: atolava-se. Lady Helena olhava para ele, o que lhe tirava todo o sangue-frio. Não querendo embaraçá-lo mais, retirou-se com Miss Mary para o lado da barraca onde Mr. Olbinett tratava de fazer o almoço, segundo todas as regras da arte.

— Eu é que merecia ser degredado — disse Paganel em tom lastimoso.

— Também me parece — afirmou Glenarvan.

E dada esta resposta com uma seriedade que aniquilou o pobre geógrafo, Glenarvan e John

Mangles encaminharam-se para o carro.

Ayrton e os dois marinheiros trabalhavam para o tirar da profunda cova onde se enterrara. O boi e o cavalo, postos a par, puxavam com toda a força dos seus músculos; os tirantes estavam em risco de se despedaçar com a tensão, as coleiras faziam reçar que cedessem ao esforço. Wilson e Mulrady empurravam as rodas, ao mesmo tempo que o cabo de marinheiros, com a voz e o aguilhão, excitava o desemparelhado tiro. O pesado veículo não se movia. O barro, já seco, prendia-o como se fosse cimento hidráulico.

John Mangles mandou molhar o barro para o tornar menos resistente. Foi debalde. O carro permaneceu imóvel. Depois de novos esforços, homens e animais pararam. Os viajantes tinham de desistir de tirar a pesada viatura do tremedal, dado que não a desmontassem peça por peça. Não era possível tentar semelhante trabalho porque faltava a ferramenta.

Ayrton, que queria vencer o obstáculo a todo o custo, ia tentar novos esforços. Glenarvan deteve-o:

— Basta, basta, Ayrton. É preciso poupar o cavalo e o boi que nos restam. Se tivermos de continuar a pé o caminho, um levará as duas viajantes, o outro as provisões. Podem ainda servir-nos de muito.

— Bem, milord — obedeceu o contramestre, tirando do carro os cansados animais.

— Agora, meus amigos — acrescentou Glenarvan —, voltemos para o acampamento, deliberemos, examinemos a situação, vejamos de que lado estão as boas e as más probabilidades, e tomemos uma resolução.

Instantes depois os viajantes, com um sofrível almoço, refaziam as forças prostradas pela má noite que tinham passado, e abriam a discussão. Foram todos convidados a dar o seu parecer.

Tratou-se em primeiro lugar de determinar a posição do acampamento de modo rigoroso. Paganel, incumbido da tarefa, desempenhou-a com a precisa exatidão. Segundo o parecer do sábio geógrafo, achava-se a expedição no paralelo trinta e sete, por 147° 53' de longitude, na margem do Snowy.

— Qual é a distância exata da costa a Twofold-Bay? — perguntou Glenarvan.

— Dois graus e sete minutos — elucidou Paganel.

— E os dois graus e sete minutos valem?...

— Setenta e cinco milhas.

— E Melbourne fica?...

— A duzentas milhas pelo menos.

— Bem. Determinada assim a nossa posição — disse Glenarvan —, o que convém fazer?

Foi unânime a resposta: partir logo em direção ao mar. Lady Helena e Mary Grant comprometiam-se a fazer cinco milhas por dia. As corajosas mulheres não tinham receio de atravessar a pé, se preciso fosse, a distância que separava Snowy-river de Twofold-Bay.

— És a valente companheira de viajante, querida Helena — declarou Lord Glenarvan. — Mas temos nós a certeza de encontrar na baía os recursos de que havemos de precisar quando lá chegarmos?

— Sem dúvida alguma — respondeu Paganel. — Eden é uma municipalidade que já tem bastantes anos de existência. O seu porto deve ter relações frequentes com Melbourne. Suponho até que a trinta e cinco milhas daqui, na paróquia de Delegete, na fronteira vitoriana, poderemos refazer a expedição de mantimentos e encontrar meios de transporte.

— E o «Duncan»? — interveio Ayrton. — Não julga oportuno mandá-lo aproximar da costa?

— Que lhe parece, John? — perguntou Glenarvan.

— Não me parece que Vossa Honra deva ter pressa a tal respeito — respondeu o jovem capitão depois de refletir. — A todo o tempo poderá mandar ordens a Tom Austin e chamá-lo à costa.

— Decerto. Isso não oferece dúvida alguma — apoiou Paganel.

— Note —olveu John Mangles — que dentro de quatro ou cinco dias estaremos em Eden.

— Quatro ou cinco dias! — replicou o cabo de marinheiros, abanando a cabeça. — Ponha quinze ou vinte, capitão, se não quiser achar-se em erro!

— Quinze ou vinte dias para andar setenta e cinco milhas! — exclamou Glenarvan.

— Pelo menos, milord. Vai atravessar a porção mais difícil de Vitória, um deserto onde tudo falta, segundo dizem os *squatters*, extensos matagais sem caminhos abertos, nos quais não se tem podido estabelecer estação alguma. Será preciso caminhar de machado ou archote na mão, e, acredite-me, não irá depressa.

Ayrton falara em tom firme. Paganel, para quem se dirigiram olhares interrogadores, aprovou com um sinal de cabeça as palavras do cabo de marinheiros.

— Admito essas dificuldades — afirmou John Mangles. — Pois bem! Daqui a quinze dias mandará Vossa Honra as suas ordens ao «Duncan».

— Acrescentarei — prosseguiu Ayrton — que os principais obstáculos não serão originados pelas dificuldades do caminho. Será preciso atravessar o Snowy, e muito provavelmente esperar que as águas baixem.

— Esperar! — exclamou o capitão. — Não se poderá achar um vau?

— Não creio — respondeu Ayrton. — Esta manhã debalde procurei uma passagem. É raro encontrar rio tão torrencioso nesta época, e é uma fatalidade contra a qual nada posso.

— É então muito largo o Snowy? — perguntou Lady Helena.

— Largo e profundo, senhora — informou Ayrton —; da largura de uma milha, com uma corrente impetuosa. Um bom nadador não o atravessaria sem perigo.

— Então, construamos uma canoa — propôs Roberto, que não punha dúvida em coisa alguma. — Deita-se abaixo uma árvore, escava-se, embarcamos, e está tudo dito.

— Vai bem, o filho do capitão Grant! — comentou Paganel.

— E tem razão — acudiu John Mangles. — Havemos de ser obrigados a recorrer a esse meio. Parece-me, portanto, escusado perdermos tempo em discussões estéreis.

— Que pensa, Ayrton? — perguntou Glenarvan.

— Penso, milord, que daqui a um mês, se não nos chegar algum socorro, ainda estaremos retidos nas margens do Snowy.

— Em suma, tem algum plano melhor? — inquiriu John Mangles, com impaciência.

— Sim, se o «Duncan» largar de Melburne e se aproximar da costa de leste!

— Ah! Sempre o «Duncan»! E porque é que a sua presença na baía nos fornece meios de lá chegarmos?

Antes de responder, o cabo de marinheiros, disse de um modo evasivo:

— Não quero impor as minhas opiniões. O que faço é no interesse de todos, e estou pronto a partir logo que Sua Honra der o sinal para o fazermos.

Em seguida cruzou os braços.

— Isso não é responder, Ayrton — observou Glenarvan. — Dê-nos a conhecer o seu plano, que o discutiremos. Que alvitre propõe?

Com voz serena e firme, Ayrton respondeu nos seguintes termos:

— Proponho que não nos aventuremos para além do Snowy no estado deplorável em que nos achamos. É aqui mesmo que se devem esperar socorros, e esses socorros só do «Duncan» podem vir. Acampemos neste lugar, onde os víveres não nos faltam, e que um de nós leve a Tom Austin a ordem de se aproximar da baía Twofold.

Foi recebida com certa admiração aquela resposta inesperada e contra a qual John Mangles não dissimulou a sua antipatia.

— Durante este tempo — prosseguiu Ayrton — ou as águas do Snowy baixam, o que permitirá encontrar um vau, ou será necessário recorrer à canoa, e teremos tempo de a construir.

Eis, milord, o plano que submeto à sua aprovação.

— Bem, Ayrton — replicou Glenarvan. — A sua ideia merece ser tomada em consideração. O maior inconveniente que lhe acho é causar um atraso, mas em compensação evita sérias fadigas e talvez até verdadeiros perigos. Que lhes parece este plano, meus amigos?

— Fale, meu caro Mac-Nabs — disse então Lady Helena. — Desde que a discussão começou, contenta-se com escutar, e é muito avaro das suas palavras.

— Visto que me pede a minha opinião, dar-lha-ei com muita franqueza — replicou o major. — Ayrton parece-me que falou como homem razoável e prudente, e declaro-me a favor da sua proposta.

Estavam todos longe de esperar esta resposta, porque até ali Mac-Nabs sempre combatera as ideias de Ayrton. O cabo de marinheiros, também surpreendido, relanceou um olhar para o major. Paganel, Lady Helena e os marinheiros estavam muito dispostos a apoiar o projeto do cabo de marinheiros. Depois de ouvirem as palavras de Mac-Nabs puseram de parte toda a hesitação.

Glenarvan declarou o plano de Ayrton adotado em princípio.

— E agora, John — acrescentou —, não lhe parece que a prudência aconselha que procedamos deste modo, e acamparemos nas margens do rio, enquanto não chegam os meios de transporte?

— Sim — respondeu John Mangles —, supondo que o nosso mensageiro consiga, o que não nos é possível a nós, passar o Snowy.

Olharam todos para o cabo de marinheiros, que sorriu como homem que muito confia em si.

— O mensageiro — disse ele — não passará o rio.

— Ah! — exclamou John Mangles.

— Irá simplesmente meter-se na estrada de Luknow, que o levará direito a Melburne.

— Duzentas e cinquenta milhas que terá de andar a pé! — exclamou o jovem capitão.

— A cavalo! — replicou Ayrton. — Resta um cavalo em bom estado. Será obra de quatro dias. Acrescente dois dias para a viagem do «Duncan» à baía, vinte e quatro horas para voltar ao acampamento, e dentro de uma semana o mensageiro estará de volta com os homens da tripulação.

O major aprovava com a cabeça as palavras do cabo de marinheiros, o que causava admiração a John Mangles. A proposta de Ayrton obtivera todos os votos, e só restava executar aquele plano, realmente bem concebido.

— Agora, meus amigos — concluiu Glenarvan — faltados escolher o nosso mensageiro.

Terá missão difícil e perigosa, não quero dissimulá-lo. Quem se sacrificará pelos seus companheiros e irá levar as nossas instruções a Melbourne?

Wilson, Mulrady, John Mangles, Paganel, o próprio Roberto imediatamente se ofereceram. John insistia muito particularmente em que a missão lhe fosse confiada. Mas o cabo de marinheiros, que ainda não emitira o seu voto, tomou a palavra e disse:

— Se aprover a Vossa Honra, serei eu quem parta, milord. Estou acostumado a este país. Tenho percorrido muitas regiões mais difíceis. Posso sair-me bem de dificuldades em que outro ficaria vencido. Reclamo, portanto, no interesse comum, o direito de me dirigir a Melbourne. Uma palavra de Vossa Honra bastará para me acreditar junto do imediato do «Duncan», e dentro de seis dias obrigo-me a apresentar o navio na baía Twofold.

— Bem falado — concordou Glenarvan. — É um homem inteligente e corajoso, Ayrton, e estou certo de que há de sair-se bem da empresa.

O cabo de marinheiros estava mais apto do que qualquer outro para desempenhar tão difícil missão. Todos assim o entenderam e retiraram-se. John Mangles apresentou uma última objeção, lembrando que a presença de Ayrton era necessária para se encontrarem os vestígios da «Britannia» ou de Harry Grant. O major fez, porém, observar que a expedição ficaria acampada nas margens do Snowy até ao regresso de Ayrton, que não se prosseguiriam sem ele tão importantes pesquisas, e por conseguinte a sua ausência de modo nenhum prejudicaria os interesses do capitão.

— Pois parta, Ayrton — disse Glenarvan. — Vá depressa, e volte por Eden ao nosso acampamento do Snowy.

Nos olhos do marinheiro brilhou, com a rapidez do relâmpago, uma expressão de contentamento. Voltou o rosto, mas não tão depressa que John Mangles não lhe surpreendesse o olhar. Por simples instinto, não por outro motivo, John desconfiava cada vez mais de Ayrton.

O cabo de marinheiros tratou de fazer os preparativos da partida, ajudado pelos dois marujos, um dos quais se ocupou do cavalo e outro das provisões. Durante este tempo Glenarvan escrevia a carta destinada a Tom Austin.

Ordenava ao imediato do «Duncan» que, sem demora, se dirigisse à baía de Twofold. Recomendava-lhe o cabo de marinheiros como homem em quem podia depositar toda a confiança. Logo que chegasse à costa, Tom Austin devia pôr um destacamento às ordens de Ayrton...

Estava Glenarvan neste ponto da carta quando Mac-Nabs, que o seguia com o olhar, lhe perguntou, num tom estranho, como é que ele escrevia o nome de Ayrton.

— Como se pronuncia, ora essa! — respondeu Glenarvan.

— É um erro — replicou o major tranquilamente. — Pronuncia-se Ayrton, mas escreve-se Ben-Joyce.

Capítulo 20 — Aland Zealand

A revelação do nome de Ben-Joyce produziu o efeito de um raio. Ayrton levantou-se com violência. Tinha um revólver em punho. Soou uma detonação. Glenarvan caiu ferido por uma bala. Da banda de fora ouviram-se tiros de espingarda.

John Mangles e os marinheiros, surpreendidos a princípio, quiseram lançar-se sobre Ben-Joyce; mas o atrevido convicto tinha já desaparecido, reunindo-se ao bando espalhado pela beira da floresta de gomeiras.

A barraca não oferecia suficiente abrigo contra as balas. Era preciso bater em retirada. Glenarvan, ligeiramente ferido, levantara-se.

— Para o carro! Para o carro! — bradou John Mangles, e arrastou consigo Lady Helena e Mary Grant, que bem depressa se acharam em segurança por detrás das espessas xelmas.

John, o major, Paganel e os marinheiros lançaram mãos das carabinas e prepararam-se para responder aos convictos. Glenarvan e Roberto haviam-se reunido às viajantes, enquanto que Olbinett acudia à defesa comum.

Tudo isto se passara com a rapidez do relâmpago. John Mangles observava atentamente a extremidade do bosque. As detonações haviam-se calado subitamente com a chegada de Ben-Joyce. À ruidosa fuzilaria sucedera profundo silêncio. Algumas volutas de vapor esbranquiçado elevavam-se por entre os ramos das gomeiras. As altas moitas de *gastrolobium* permaneciam imóveis. Não se notava o mais pequeno indício de ataque.

O major e John Mangles fizeram um reconhecimento até às grandes árvores. A praça fora abandonada. Viam-se muitos sinais de passos de homem, e no chão fumegavam ainda algumas buchas. Como homem prudente, o major apagou-as, porque bastava uma faísca para atear um formidável incêndio na floresta de árvores secas.

— Os convictos desapareceram — declarou John Mangles.

— Sim — disse o major —, e inquieta-me a desapareição. Preferia vê-los face a face. Mais vale um tigre na planície que uma serpente debaixo da relva. Batamos o mato em volta do carro.

O major e John esquadriharam os arredores. Desde a borda do bosque até às margens do Snowy não encontraram um só convicto. A gente de Ben-Joyce parecia ter fugido como bando de aves daninhas. A desapareição era demasiado singular para inspirar perfeita confiança. Por este motivo resolveram ficar alerta. O carro, verdadeira fortaleza atolada, tornou-se o centro do

acampamento, e dois homens, rendendo-se de hora em hora, exerceram rigorosa vigilância.

O primeiro cuidado de Lady Helena e de Mary Grant foi curar a ferida de Glenarvan. No momento em que o marido caiu ferido pela bala de Ben-Joyce, Lady Helena, aterrada, correrá para ele. Depois, sobrepondo-se à sua angústia, aquela corajosa mulher conduziu Glenarvan para o carro. Puseram a descoberto o ombro ferido, e o major reconheceu que a bala, rasgando apenas as carnes, não produzira nenhuma lesão interna. Nem o osso, nem os músculos lhe pareceram atacados. A ferida deitava muito sangue, mas Glenarvan, mexendo os dedos da mão e o antebraço, tranquilizou os amigos quanto ao efeito do tiro. Depois do curativo, não quis que se ocupassem mais dele e vieram às explicações.

Os viajantes, menos Mulrady e Wilson, que vigiavam da banda de fora, tinham-se acomodado conforme puderam no carro. O major foi convidado a falar.

Antes de começar a narração, pôs Lady Helena ao facto de coisas que ela ignorava, isto é, da evasão de um bando de condenados de Perth, da sua aparição nas terras de Vitória, da sua cumplicidade na catástrofe do caminho de ferro. Mostrou-lhe o número da «Australian and New Zealand Gazette» comprado em Seymour, e acrescentou que a polícia tinha posto a prémio a cabeça de Ben-Joyce, temível bandido, a quem dezoito meses de crimes haviam granjeado funesta celebridade.

Mas como é que Mac-Nabs reconheceu Ben-Joyce no marinheiro Ayrton? Eis o mistério que todos queriam aclarar e o major explicou.

Desde o primeiro dia em que o vira, Mac-Nabs desconfiara, por instinto, de Ayrton. Dois ou três factos quase insignificantes, um olhar trocado entre ele e o ferrador no Wimerra-river, a hesitação de Ayrton em atravessar cidades e aldeias, a sua insistência em que se mandasse aproximar o «Duncan» da costa, a morte inexplicável dos animais confiados ao seu cuidado, finalmente uma certa falta de franqueza no seu modo de proceder, todas estas particularidades agrupadas tinham pouco a pouco despertado as suspeitas do major.

Ainda assim, se não fossem os acontecimentos que se haviam passado na noite antecedente, não poderiam formular uma acusação direta.

Deslizando por entre a espessura dos arbustos, Mac-Nabs chegara ao pé de vultos suspeitos, que acabavam de lhe despertar a atenção a meia milha do acampamento.

Três homens examinavam certos vestígios sobre o solo, sinais de passos recentes, e entre eles Mac-Nabs reconheceu o ferrador de Black-Point. — São eles, dizia um dos homens. — Sim, respondeu o outro, eis o sinal das ferraduras. — Desde o Wimerra que é assim. — O veneno não está longe. — Há aqui com que desmontar um regimento de cavalaria inteiro. —

Útil planta que é o *gastrolobium*!

— Depois calaram-se — acrescentou Mac-Nabs — e afastaram-se. Não sabia ainda bastante. Seguiu-os. Dali a pouco a conversação recomeçou. — Um homem hábil que é o tal Ben-Joyce — disse o ferreiro. — Um famoso cabo de marinheiros com a sua invenção do naufrágio! Se o seu projeto dá bom resultado, é uma fortuna! — Chama-se Ben-Joyce, porque soube ganhar o nome que tem! — Os bandidos saíram do bosque das gomeiras. Sabia o que queria e voltei para o acampamento com a certeza de que nem todos os convictos se moralizam na Austrália, mau grado a opinião de Paganel.

O major calou-se. Os seus companheiros, silenciosos, refletiam.

— Portanto — insistiu Lord Glenarvan, cuja cólera o fazia empalidecer — Ayrton trouxe-nos até aqui para nos roubar e assassinar?

— Sim — afirmou o major.

— E desde o Wimerra que o seu bando nos espia e segue, espreitando uma ocasião favorável?

— Sim.

— Mas esse miserável não é então um marinheiro da «Britannia»? Roubou o nome de Ayrton e o contrato de bordo?

Todos os olhares se dirigiram para Mac-Nabs, que devia ter feito a si mesmo estas perguntas.

O major disse com a voz serena do costume:

— Eis os pontos certos que se podem deduzir desta obscura situação. Na minha opinião, o homem chama-se realmente Ayrton. Ben-Joyce é o seu nome de guerra. É incontestável que conhece Harry Grant e que foi cabo de marinheiros a bordo da «Britannia». Estes factos, já provados pelas informações precisas que nos deu Ayrton, são além disso corroborados pelas palavras dos convictos que lhes referi. Não nos percamos em vãs hipóteses, e tomemos como certo que Ben-Joyce é Ayrton, como Ayrton é Ben-Joyce, isto é, um marinheiro da «Britannia», que se tornou chefe de um bando de degredados.

As explicações de Mac-Nabs foram aceites sem discussão.

— Agora — volveu Glenarvan — poderá dizer-me como e porque é que o cabo de marinheiros de Harry Grant se acha na Austrália?

— Como? Ignoro — respondeu Mac-Nabs — e a polícia declara que não sabe a esse respeito mais do que eu. Porquê? Não posso dizê-lo. Há nisto um mistério que o futuro explicará.

— A polícia nem sequer conhece a identidade de Ayrton e de Ben-Joyce — observou John Mangles.

— Tem razão, John — concordou o major —, e uma tal particularidade poderia muito bem esclarecê-la nas suas pesquisas.

— Portanto — disse Lady Helena —, o desgraçado introduziu-se no estabelecimento da Paddy O'Moore com alguma intenção criminosa?

— Isso é fora de dúvida — respondeu Mac-Nabs. — Preparava algum atentado criminoso contra o irlandês quando se lhe ofereceu melhor negócio. O acaso fez-nos encontrar com ele. Ouvia a narração de Glenarvan, a história do naufrágio, e, como homem audaz, prontamente se decidiu a tirar partido do que ouvia. A expedição foi resolvida. No Wimerra falou com um dos seus, o ferreiro de Black-Point, e deixou vestígios da nossa passagem fáceis de reconhecer. O seu bando seguiu-nos. Com uma planta venenosa pôde matar pouco a pouco os bois e os cavalos. Depois, na ocasião própria, atolou-nos nos tremedais do Snowy e entregou-nos aos convictos comandados por ele.

Estava dito tudo quanto havia a dizer de Ben-Joyce. O seu passado acabava de ser reconstituído pelo major, e o miserável aparecia tal qual era, um criminoso atrevido e temível. As suas intenções, claramente demonstradas, exigiam da parte de Glenarvan vigilância extrema. Felizmente havia menos que recear do bandido desmascarado do que do traidor.

Desta situação perfeitamente aclarada deduzira-se uma consequência grave. Ninguém ainda pensara nisso. Só Mary Grant, deixando discutir todo o passado, olhava para o futuro.

John Mangles foi o primeiro que notou a sua palidez e desespero. Compreendeu o que se passava no seu espírito.

— Miss Mary! Miss Mary! — exclamou. — Está a chorar!

— Choras, minha filha? — disse Lady Helena.

— Meu pai! Senhora, meu pai! — soluçou Mary Grant.

Não pôde continuar. Mas no espírito de cada um deu-se uma súbita revelação. Compreenderam a dor de Miss Mary, porque lhe deslizavam as lágrimas dos olhos, porque o nome do pai lhe acudia do coração aos lábios.

A descoberta da traição de Ayrton aniquilava toda a esperança. O convicto, para levar Glenarvan consigo, imaginara um naufrágio. Na conversação surpreendida por Mac-Nabs, os bandidos claramente o haviam dito. A «Britannia» nunca viera despedaçar-se contra os escolhos de Twofold-Bay! Harry Grant nunca pusera pé no continente australiano!

A interpretação errónea do documento lançara pela segunda vez numa pista falsa os que

procuravam a «Britannia»!

Perante esta situação, perante a dor daquelas duas crianças, todos guardavam triste silêncio. Quem poderia achar palavras de esperança? Roberto chorava nos braços da irmã. Paganel murmurava com voz irritada:

— Ah! Maldito documento! Podes gabar-te de ter submetido a dura prova o cérebro de meia dúzia de excelentes pessoas!

E o digno geógrafo, deveras furioso contra si, batia na testa, em risco de a quebrar.

Glenarvan foi ter com Mulrady e Wilson, ocupados na guarda exterior. Profundo silêncio reinava naquela planície, entre a borda da floresta e o rio. No céu acumulavam-se densas nuvens. No meio da atmosfera, adormecida em profundo torpor, o mais pequeno ruído se transmitia distintamente, e contudo nada se ouvia. Ben-Joyce devia ter-se retirado com a sua gente para considerável distância, pois que vários bandos de aves, que esvoaçavam por entre os ramos mais baixos das árvores, um par de euríceros, cuja cabeça passava confiadamente por entre a espessura dos arbustos, alguns cangurus ocupados muito sossegadamente em comer os rebentos, provavam que a presença do homem não perturbava aquela tranquila solidão.

— Durante a última hora — perguntou Glenarvan aos dois marinheiros — nada viram nem ouviram?

— Nada, Vossa Honra — declarou Wilson. — Os convictos devem estar a muitas milhas daqui.

— É que decerto não eram bastante numerosos para nos atacar — deduziu Mulrady. — Ben-Joyce quis talvez recrutar alguns bandidos da sua espécie entre os *bushrangers* que vagueiam junto dos Alpes.

— É provável, Mulrady — admitiu Glenarvan. — São maus e cobardes. Sabem que estamos armados e bem armados. Talvez esperem que anoiteça para nos atacarem. Será bom redobrar de vigilância para a noite. Ah! Se pudéssemos sair desta planície pantanosa e continuarmos para a costa! Mas as águas torrentosas do rio impedem-nos a passagem. Compraria a peso de ouro uma jangada que nos transportasse para a outra margem!

— Porque não nos dá Vossa Honra ordem de construir a jangada? — sugeriu Wilson. — A madeira não nos falta.

— Não, Wilson — replicou Glenarvan — o Snowy não é um rio, é uma torrente que não se pode atravessar.

John Mangles, o major e Paganel chegaram ao pé de Glenarvan. Acabavam naquele mesmo momento de examinar o Snowy. Engrossadas pelas últimas chuvas, as águas tinham-se elevado

um pé acima da estiagem. Formavam correntes impetuosas, semelhante às torrentes da América. Era impossível meterem-se àquelas águas bramidoras e revoltas, onde em cada remoinho se cavava um abismo.

John Mangles declarou impraticável a passagem.

— Mas — acrescentou ele — não devemos ficar aqui sem tentar coisa alguma. O que se queria fazer antes da traição de Ayrton é agora mais necessária.

— Que dizes, John? — perguntou Glenarvan.

— Digo que os socorros são urgentes, e, visto que não se pode ir a Twofold-Bay, é preciso ir a Melbourne. Resta-nos um cavalo. Dê-mo, Vossa Honra, e eu irei a Melbourne.

— Mas é uma perigosa tentativa, John — afirmou Glenarvan. — Não falando nos perigos de uma viagem de duzentas milhas através de um país desconhecido, a estrada e os atalhos devem estar guardados pelos cúmplices de Ben-Joyce.

— Bem sei isso, milord, como sei também que a situação não se pode prolongar. Ayrton pedia oito dias para aqui trazer os homens do «Duncan». Eu quero voltar em seis dias às margens do Snowy. Que ordena, pois, Vossa Honra?

— Antes de Glenarvan falar — interpôs Paganel — devo fazer uma observação. Que se vá a Melbourne, admito, mas que tais perigos só estejam reservados para John Mangles, isso é que não. É o capitão do «Duncan» e como tal não se pode arriscar. Eu irei em seu lugar.

— Falou bem, Paganel — observou o major. — E porque havia de ser o senhor?

— Não estamos nós aqui? — exclamaram ao mesmo tempo Mulrady e Wilson.

— E julgam — perguntou Mac-Nabs — que uma corrida de duzentas milhas a cavalo seja coisa para me assustar?

— Meus amigos — disse Glenarvan — se um de nós deve ir a Melbourne, que a sorte o designe. Paganel escreverá os nossos nomes...

— Menos o seu, milord — acudiu John Mangles.

— Porquê? — perguntou Glenarvan.

— Separar-se de Lady Helena, o senhor, cuja ferida nem sequer está fechada!

— Glenarvan — afirmou Paganel — não pode abandonar a expedição.

— Não — reforçou o major —, o seu lugar é aqui; Edward não deve partir.

— Há decerto perigos a correr — replicou Glenarvan — e não quero que a parte que deles me pertence fique para outrem. Escreva, Paganel. Que o meu nome seja misturado com o dos meus companheiros, e permita Deus que seja ele o primeiro a sair.

Todos se inclinaram perante esta vontade. O nome de Glenarvan foi junto aos outros nomes.

Passou-se ao sorteio, e a sorte caiu em Mulrady. O bravo marinheiro soltou um grito de satisfação.

— Milord, estou pronto a partir — declarou.

Glenarvan apertou a mão de Mulrady. Depois voltou para o carro, deixando ao major e a John Mangles a guarda do acampamento.

Lady Helena foi logo informada da resolução que se tomara de enviar um mensageiro a Melbourne e do resultado do sorteio. Soube dizer a Mulrady palavras que foram direitas ao coração do valente marinheiro. Era tido na conta de bravo, inteligente, robusto, capaz de resistir às maiores fadigas, e na verdade a sorte não podia ter escolhido melhor.

A partida de Mulrady foi fixada para as oito horas, depois do pequeno crepúsculo da tarde. Wilson encarregou-se de preparar o cavalo. Lembrou-se de mudar a ferradura acusadora que o animal tinha na pata esquerda, e de a substituir pela ferradura de um dos cavalos que haviam morrido naquela noite. Os convictos não poderiam reconhecer o rasto de Mulrady, nem segui-lo se não estivessem montados.

Enquanto Wilson se ocupava destas particularidades, Glenarvan tratou de preparar a carta destinada para Tom Austin; porém, a ferida do braço embaraçava-lhe os movimentos, e encarregou Paganel de escrever em seu lugar. O sábio, absorto numa ideia fixa, parecia estranho ao que se passava em torno dele. É preciso dizê-lo: Paganel, no meio de toda esta espécie de desagradáveis desventuras, só pensava no documento erradamente interpretado. Revolvia-lhe as palavras para encontrar um novo sentido, e permanecia mergulhado em fundas lucubrações.

Por isso não ouviu o pedido de Glenarvan, e este foi obrigado a repeti-lo.

— Ah! Muito bem, estou pronto! — replicou Paganel. E, falando assim, Paganel preparava maquinalmente o seu livro de apontamentos. Rasgou uma página em branco; depois, empunhando o lápis, dispôs-se a escrever. Glenarvan começou a ditar as seguintes instruções:

Ordem a Tom Austin de se fazer ao mar sem demora e de conduzir o
«Duncan»...

Paganel acabava esta última palavra, quando os seus olhos se dirigiram, por acaso, para o número da «Australian and New Zealand Gazette», que estava caído a seus pés. O jornal, dobrado, só deixava ver as duas últimas sílabas do título. O lápis de Paganel parou, e o sábio pareceu completamente esquecer Glenarvan, a carta e o ditado.

— Então, Paganel? — disse Glenarvan.

— Ah! — exclamou o geógrafo, dando um grito.

— Que tem? — perguntou o major.

— Nada! Nada! — respondeu Paganel.

— Depois, em voz mais baixa, repetiu consigo mesmo: «aland, aland, aland»!

Levantara-se. Estava com o jornal na mão. Sacudia-o, procurando reter aquelas palavras que lhe escapavam quase dos lábios.

Lady Helena, Mary, Roberto, Glenarvan, olhavam para ele sem compreender coisa alguma daquela inexplicável agitação.

Paganel parecia um homem que acabava de ter um ataque de loucura. Mas este estado de sobre-excitação não durou muito tempo. Foi pouco a pouco sossegando; a alegria que lhe brilhava nos olhos apagou-se; tornou a tomar o seu lugar e disse com voz serena:

— Quando quiser, milord, estou às suas ordens.

Glenarvan tornou a ditar a carta, que ficou afinal concebida nestes termos:

Ordem a Tom Austin de se fazer ao mar sem demora e de conduzir o «Duncan» por trinta e sete graus de latitude à costa oriental da Austrália...

— Da Austrália? — repetiu Paganel. — Ah! Sim! Tem razão! Da Austrália.

Depois concluiu a carta e deu-a a Glenarvan para assinar. O lord, embaraçado ainda com o seu ferimento recente, desempenhou conforme pôde aquela formalidade. A carta foi fechada e lacrada. Paganel, com a mão trémula ainda de comoção, fez o seguinte sobrescrito:

Tom Austin,
Imediato a bordo do iate «Duncan»,
Melburne.

Depois, saiu do carro, gesticulando e repetindo estas palavras incompreensíveis:

— Aland! Aland! Zealand!

Capítulo 21 — Quatro Dias de Angústias

Passou-se o resto do dia sem outro incidente. Acabou-se de preparar tudo para a partida de Mulrady. O valente marinheiro sentia-se feliz e alegre por dar a Sua Honra esta prova de dedicação.

Paganel tinha readquirido o seu sangue-frio e os modos do costume. No olhar indicava ainda uma viva preocupação, mas parecia resolvido a conservá-la oculta. Tinha decerto fortes razões para assim proceder, porque o major ouviu-lhe repetir as seguintes palavras, como de homem que lutava consigo mesmo:

— Não! Não! Não me acreditariam! E, demais, para quê? Já é tarde.

Tomada esta resolução, tratou de dar a Mulrady as informações necessárias para chegar a Melbourne e, com o mapa à vista, traçou-lhe o itinerário. Todos os *tracks*, isto é, todos os caminhos da campina iam dar a Lucknow. Esta estrada, depois de pelo sul descer diretamente até à costa, fazia de repente um cotovelo, e seguia para Melbourne. Era preciso tomar por essa estrada e não tentar cortar caminho através de um país pouco conhecido. Nada havia de mais simples, e Mulrady não podia perder-se.

Quanto aos perigos, deixavam de existir a algumas milhas de distância do acampamento, onde Ben-Joyce e o seu bando se deviam ter emboscado. Logo que atravessasse o acampamento, Mulrady empenhar-se-ia em ganhar grande dianteira aos convictos e em realizar com bom êxito a sua importante missão.

Às seis horas tomou-se a refeição em comum. Caía uma chuva torrencial. A barraca já não oferecia suficiente abrigo, e cada qual procurou refúgio no carro. Demais, este abrigo era seguro. O barro tinha-o cravado no solo, ao qual aderira como uma fortaleza aos seus alicerces. O arsenal compunha-se de sete carabinas e de sete revólveres, e permitia-lhe sustentar um longo cerco, porque nem víveres nem munições faltavam. Em menos de seis dias o «Duncan» lançaria ferro na baía de Twofold. Vinte e quatro horas depois, a tripulação chegaria à margem direita do Snowy, e, se a passagem ainda não fosse possível, os convictos seriam ao menos obrigados a retirar-se diante de forças superiores. Mas para isso era preciso, primeiro que tudo, que Mulrady se saísse bem da sua perigosa empresa.

Às oito horas tornou-se muito escura a noite. Era o momento oportuno de partir. Foram buscar o cavalo destinado a Mulrady. Por excesso de precaução, as patas do animal,

embrulhadas em panos, não faziam nenhum ruído. O cavalo parecia fatigado e, contudo, da firmeza e vigor das suas pernas dependia a salvação de todos. O major aconselhou a Mulrady que o poupasse, logo que se visse fora do alcance dos bandidos. Mais valia um atraso de meio dia do que não chegar ao destino.

John Mangles deu ao marinheiro um revólver, que ele acabava de carregar com o maior cuidado. Era uma arma temível na mão de um homem que não treme, porque seis tiros, disparados em alguns segundos, facilmente varriam um caminho ocupado por malfeitores.

Mulrady montou a cavalo.

— Eis a carta que há de entregar a Tom Austin — disse-lhe Glenarvan. — Que não perca uma hora. Que parta imediatamente para a baía Twofold, e se lá não nos encontrar, se não tivermos podido atravessar o Snowy, que venha ter connosco sem demorai Agora, vai, meu valente marinheiro, que Deus te guie.

Glenarvan, Lady Helena, Mary Grant, todos apertaram a mão de Mulrady. Partir assim, numa noite escura e chuvosa, por uma estrada cheia de perigos, através da imensidade de um deserto desconhecido, era para impressionar um coração menos firme do que o do marinheiro.

— Adeus, milord — disse ele com voz serena, e desapareceu rapidamente por um caminho que corria exteriormente ao longo da floresta.

A fúria do vendaval aumentava. Os altos ramos dos eucaliptos batiam uns nos outros com um ruído áspero. Ouvia-se cair a ramagem ressequida no solo encharcado. Mais de uma árvore gigantesca, a que faltava a seiva, mas que até ali se conservava de pé, caiu durante a tempestuosa borrasca. O vento uivava de concerto com o estalar da ramaria e misturava os sinistros gemidos com o bramir do Snowy. As densas nuvens, acossadas para leste, quase lambiam a terra com os seus farrapos de vapores. Uma densidade lúgubre aumentava o horror da noite.

Depois de Mulrady partir, os viajantes meteram-se no carro. Lady Helena, Mary Grant, Glenarvan e Paganel ocupavam o primeiro compartimento, que tinha sido hermeticamente fechado. No segundo, Olbinett, Wilson e Roberto tinham arranjado um abrigo suficiente. Fora, estavam de vigia John Mangles e o major. Era um ato de prudência necessário, porque um ataque dos bandidos tornava-se fácil, e por conseguinte possível.

Os dois fiéis guardas faziam, pois, o seu quarto de sentinela, e suportavam filosoficamente as lufadas que a noite lhes cuspiam para a cara. Procuravam atravessar com o olhar aquelas trevas propícias às emboscadas, porque o ouvido nada podia perceber no meio dos rugidos da tempestade, dos uivos do vento, do estalar dos ramos, do desabar das árvores, do temeroso

fragor das águas que se despenhavam.

Entretanto, alguns pequenos intervalos de sossego intercalavam-se de quando em quando no desencadear da tempestade. O vento calava-se como para tomar fôlego. Nesses momentos só o Snowy soltava os seus gemidos agudos através dos imóveis caniçados e do negro renque das gomeiras. Enquanto durava aquela tranquilidade instantânea, parecia mais profundo o silêncio. O major e John Mangles punham-se então à escuta.

Foi num destes momentos de calma que ouviram um forte assobio.

John Mangles aproximou-se rapidamente do major.

— Ouviu? — perguntou ele.

— Ouvi. Foi um homem ou um animal?

— Foi um homem — respondeu John Mangles.

Em seguida puseram-se ambos outra vez à escuta. O inexplicável assobio repetiu-se, e uma coisa parecida com uma detonação lhe respondeu, porém quase impercetível, porque a tempestade bramia com mais violência. Mac-Nabs e John Mangles não se podiam ouvir um ao outro. Foram colocar-se a sotavento do carro.

As cortinas do veículo levantaram-se de mansinho e Glenarvan veio reunir-se aos seus companheiros. Ouvira, como eles, o sinistro silvo e a detonação, que fizera eco debaixo do toldo do carro.

— Em que direção foi? — perguntou ele.

— Naquela — informou John, indicando o sombrio atalho, o que Mulrady tomara.

— A que distância?

— A avaliar pela direção do vento — respondeu John Mangles — deve ter sido a três milhas pelo menos.

— Então vamos! — disse Lord Glenarvan, pondo a carabina ao ombro.

— Não! — observou o major. — É um laço para nos afastarem do carro.

— E se Mulrady foi vítima desses miseráveis! — volveu Glenarvan, que agarrou na mão de Mac-Nabs.

— Amanhã o saberemos — retorquiu friamente o major, firmemente resolvido a impedir que Glenarvan cometesse alguma inútil imprudência.

— Não pode abandonar o acampamento, milord — afirmou John —; eu irei só.

— Também não! — replicou Mac-Nabs com energia. — Quer que nos matem por miúdo, que diminuamos as nossas forças, e nos ponhamos à mercê dos malfeitores? Se Mulrady foi vítima deles, é uma desgraça que não se deve agravar com uma segunda. Mulrady partiu

designado pela sorte. Se o acaso me designasse a mim, partiria como ele, mas não pediria nem esperaria socorro.

Detendo Glenarvan e John Mangles, o major tinha razão ao objetar deste modo. Tentarem aproximar-se do marinheiro, correrem por uma noite tão tenebrosa ao encontro de bandidos emboscados em alguma moita, era insensato e, demais, inútil. O pequeno grupo de Glenarvan não contava tanta gente que pudesse sacrificar mais alguém.

Glenarvan não parecia disposto a conformar-se com estas razões. Pôs-se a girar em volta do carro. Perscrutava atento o menor ruído. Procurava atravessar com o olhar aquela sinistra escuridão. A ideia de que um dos seus estava talvez mortalmente ferido, privado de socorro, a chamar em vão por aqueles a quem se dedicara, atormentava-o. Mac-Nabs não sabia se conseguiria detê-lo, se Glenarvan, arrastado pelos impulsos do seu coração, não se iria expor aos golpes de Ben-Joyce.

— Edward — pediu-lhe ele —, sossegue. Escute um amigo. Pense em Lady Helena, em Mary Grant, em todos os que restam! Demais, aonde quer ir? Onde tornar a encontrar Mulrady? É a duas milhas daqui que foi atacado! Em que ponto? Que direção tomar?...

Neste momento, e como resposta ao major, ouviu-se um grito de aflição.

— Escute — ordenou Glenarvan.

Este grito partia do lado onde soara a detonação, a menos de um quarto de milha.

Glenarvan, repelindo Mac-Nabs, avançava já pelo caminho, quando, a trezentos passos do carro, se ouviram distintamente estas palavras:

— Acudam-me! Acudam-me!

Era uma voz queixosa e desesperada. John Mangles e o major correram na sua direção.

Instantes depois, avistaram ao longo do matagal uma forma humana, que se arrastava e soltava lúgubres gemidos.

Era Mulrady, ferido, moribundo, e quando os companheiros o levantaram sentiram as mãos molhadas de sangue.

A chuva caía com mais força, e o vento desencadeava-se violento por entre os ramos da *dead trees*, das *árvores mortas*. Foi no meio destas rajadas que Glenarvan, o major e John Mangles transportaram o corpo de Mulrady.

Quando ele chegou, todos se levantaram. Paganel, Roberto, Wilson e Olbinett saíram do carro, e Lady Helena cedeu o seu compartimento a Mulrady. O major tirou a veste do marinheiro escorrendo sangue e chuva. Era uma punhalada que o desgraçado recebera no lado direito.

Mac-Nabs não poderia dizer se a ferida interessara alguns órgãos essenciais. Saía dela aos

borbotões um sangue vermelho; a palidez, o desfalecimento do ferido provavam que o acidente era grave. Sobre os lábios da ferida, que primeiramente teve o cuidado de lavar com água fresca, o major pôs um espesso chumaço de fios seguros por uma ligadura. Conseguiu suspender a hemorragia. Mulrady foi deitado sobre o lado correspondente à ferida, com a cabeça e o peito levantados, e Lady Helena fez-lhe beber alguns goles de água.

No fim de um quarto de hora o ferido, imóvel até ali, fez um movimento. Os olhos entreabriram-se-lhe. Os lábios murmuraram algumas palavras sem nexos, e o major, aproximando o ouvido, percebeu que ele repetia:

— Milord... a carta... Ben-Joyce...

O major repetiu estas palavras e olhou para os companheiros. O que queria dizer Mulrady? Ben-Joyce atacara o marinheiro, mas porquê? Não seria somente com o fim de lhe impedir que chegasse ao «Duncan»? Aquela carta...

Glenarvan revistou as algibeiras de Mulrady. Já ali não se achava a carta dirigida a Tom Austin!

Passaram a noite em meio de inquietações e de angústias. A cada instante receavam que o ferido morresse. Consumia-o febre ardente. Lady Helena e Mary Grant, verdadeiras irmãs de caridade, não mais o abandonaram. Nunca doente foi tão bem tratado, nem por mãos tão compadecidas.

Surgiu o dia. Cessara a chuva. Na profundidade do céu ainda corriam grossas nuvens. O solo estava juncado de pedaços de ramos. O barro, encharcado pela chuva, cedera mais ainda. As proximidades do carro tornavam-se mais difíceis, mas ele não se podia atolar mais do que estava.

John Mangles, Paganel e Glenarvan foram logo ao romper do dia operar um reconhecimento em volta do acampamento. Tomaram pelo caminho ainda manchado de sangue. Não viram nenhum vestígio de Ben-Joyce, nem do seu bando. Chegaram até ao lugar da emboscada! Ali jaziam dois cadáveres, feridos pelas balas de Mulrady. Um era o do ferrador de Black-Point. O rosto, decomposto pela morte, causava horror.

Glenarvan não levou mais longe as suas investigações. A prudência não lhe permitia que se afastasse. Voltou, pois, para o carro, muito absorto pela gravidade da situação.

— Não se pode pensar em enviar outro mensageiro a Melbourne — disse ele.

— Mas assim é preciso, milord — retorquiu John Mangles — e eu tentarei passar por onde o meu marinheiro não pôde.

— Não, John. Tu nem tens sequer um cavalo para te transportar durante as duzentas milhas!

Efetivamente, o cavalo de Mulrady, o único que restava, não tornara a aparecer. Teria sido ferido pelos assassinos? Ou correria, perdido, através dos desertos? Teriam os convictos lançado mão dele?

— Suceda o que suceder — declarou Glenarvan —, não nos separamos mais. Esperemos oito dias, quinze dias, que as águas do Snowy readquiram o seu nível normal. Então, com pequenas jornadas, chegaremos à baía Twofold, e de lá mandaremos por via mais segura uma ordem ao «Duncan» para se aproximar da costa.

— Efetivamente, é a única resolução que se pode tomar — afirmou Paganel.

— Portanto, meus amigos — prosseguiu Glenarvan —, não mais nos separemos. Um homem corre grande perigo em se aventurar só neste deserto infestado de temíveis bandidos. E, agora, que Deus salve o nosso pobre marinheiro e nos proteja a nós mesmos!

Glenarvan tinha duplamente razão em impedir qualquer tentativa isolada e esperar pacientemente, sobre as margens do Snowy, uma passagem praticável. Trinta e cinco milhas o separavam de Delegete, a primeira cidade da fronteira da Nova Gales do Sul, onde acharia os meios de transporte para chegar a Twofold-Bay. Daí mandaria para Melbourne, pelo telégrafo, as ordens relativas ao «Duncan».

Eram bem pensadas estas resoluções, mas tardias. Se Glenarvan não tivesse enviado Mulrady pela estrada de Lucknow, que de desgraças se teriam evitado, sem falar do assassinio do marinheiro!

Voltando para o acampamento, achou os seus companheiros menos preocupados. Pareciam ter criado esperanças.

— Vai melhor! Vai melhor — anunciou Roberto, correndo ao encontro de Glenarvan.

— Mulrady?...

— Sim, Edward — respondeu Lady Helena. — Operou-se uma reação. O major está mais sossegado. O nosso marinheiro há de viver.

— Onde está Mac-Nabs? — perguntou Glenarvan.

— Ao pé dele. Mulrady quis falar-lhe. Não devemos interrompê-los.

Efetivamente, havia uma hora, o ferido saíra do seu letargo, e a febre diminuía. Mas o primeiro cuidado de Mulrady, ao recobrar a memória e a palavra, foi perguntar por Lord Glenarvan, ou, na falta dele, pelo major. Mac-Nabs, vendo-o tão fraco, queria proibir-lhe que falasse, mas o marinheiro insistiu com tal energia que o major teve de ceder.

Havia já alguns minutos que aquela conversa durava, quando Glenarvan voltou. Só restava esperar pelo relatório de Mac-Nabs.

Dali a pouco as cortinas agitaram-se e o major apareceu. Veio ter com os seus amigos ao pé das gomeiras onde a barraca estava armada. O seu rosto, de ordinário tão sereno, denunciava grave preocupação. Quando os seus olhares encontraram Lady Helena e a jovem Grant, exprimiram dolorosa tristeza.

Glenarvan interrogou-o, e eis em resumo o que o major acabava de saber:

Saindo do acampamento, Mulrady seguiu um dos caminhos indicados por Paganel. Apressava o passo tanto quanto lhe permitia a escuridão da noite. Segundo o seu cálculo, havia percorrido uma distância de quase duas milhas, quando alguns homens — cinco, julga ele — se arremessaram sobre a cabeça do cavalo. O animal empinou-se. Mulrady lançou mão do revólver e fez fogo. Pareceu-lhe que dois idos que o atacavam caíam. Ao clarão do tiro, reconheceu perfeitamente Ben-Joyce. Mas nada mais pôde fazer. Não teve tempo de descarregar todos os tiros. Deram-lhe do lado direito um golpe violento que o derribou.

Não perdera, porém, os sentidos. Os assassinos julgavam-no morto. Sentiu que o revistavam, depois ouviu estas palavras:

— Tenho a carta, disse um dos convictos. Dá-ma, replicou Ben-Joyce, e agora o «Duncan» pertence-nos!

Neste ponto da narrativa do major, Glenarvan não pôde conter um grito.

Mac-Nabs prosseguiu:

— Agora vocês, tornou Ben-Joyce, lancem mão do cavalo. Dentro de dois dias estarei a bordo do «Duncan»; dentro de seis na baía Twofold. Ali é que é o ponto de reunião. A esse tempo estará ainda a gente de Glenarvan presa no pântano de Snowy. Passem o rio na ponte de Kemple-pier, dirijam-se à costa e esperem-me. hei de achar meio de os introduzir a bordo. Uma vez a tripulação no mar, com um navio como o «Duncan», ficaremos senhores do oceano Índico! Viva Ben-Joyce, exclamaram os bandidos. Trouxeram o cavalo de Mulrady, e Ben-Joyce desapareceu a galope pela estrada de Lucknow, enquanto o bando alcançava a sueste o Snowy-river. Apesar de gravemente ferido, Mulrady teve forças para se aproximar até à distância de trezentos passos do acampamento e de chegar ao ponto de onde o levantámos quase morto. Eis — concluiu Mac-Nabs — a história de Mulrady. Devem ter compreendido agora a razão por que o corajoso marinheiro tinta tanto interesse em falar.

Estas revelações encheram de terror Glenarvan e os seus companheiros.

— Piratas! Piratas! — exclamou Glenarvan. — A minha tripulação sacrificada! O meu navio, o meu «Duncan», nas mãos desses bandidos!

— Sim! Porque Ben-Joyce surpreenderá o navio — observou o major — e então...

— Bem! É preciso que cheguemos à costa primeiro do que esses miseráveis! — afirmou Paganel.

— Mas de que modo se há de atravessar o Snowy? — perguntou Wilson.

— Como eles — respondeu Glenarvan. — Vão passá-lo pela ponte de Kemple-pier; também nós por ali passaremos.

— Mas que vai ser do pobre Mulrady? — objetou Lady Helena.

— Transportá-lo-emos nós! Revezar-nos-emos. Posso eu acaso entregar a minha tripulação sem defesa ao bando de Ben-Joyce?

A ideia de passar o Snowy na ponte de Kemple-pier era praticável mas arriscada. Os convictos podiam estabelecer-se naquele ponto e defendê-lo. Seriam pelo menos trinta contra sete! Mas há momentos em que não se olha ao número, em que é preciso avançar a todo o transe.

— Milord — lembrou então John Mangles —, antes de arriscarmos a nossa última probabilidade de êxito, antes de nos aventurarmos em direção a esse ponto, é prudente ir reconhecê-lo. Eu me encarrego disso.

— Eu o acompanharei, John — ofereceu-se Paganel. — Iremos ambos.

Aceite esta proposta, John Mangles e Paganel prepararam-se no mesmo instante. Deviam descer o Snowy, seguir à beira dele até ao lugar onde encontrassem o local indicado por Ben-Joyce, e ocultar-se principalmente dos convictos, que haviam de andar batendo as margens.

Fornecidos de víveres e bem armados, os dois corajosos companheiros partiram e desapareceram bem depressa, metendo-se por entre os grandes canaviais do rio.

Esperou-se todo o dia o seu regresso. Ao cair da noite, ainda não tinham voltado. Foram grandes os receios.

Finalmente, perto das onze horas, Wilson deu sinal da sua chegada. John Mangles e Paganel vinham fadadíssimos, com uma marcha de dez milhas.

— A ponte! A ponte existe? — perguntou Glenarvan, correndo para eles.

— Sim! Uma ponte de cipós — explicou John Mangles. — Os convictos atravessaram-na efetivamente. Mas...

— Mas... — repetiu Glenarvan, pressentindo nova desgraça.

— Queimaram-na depois de a atravessar! — acrescentou Paganel.

Capítulo 22 — Eden

Não era ocasião para se entregarem ao desespero, mas para tomarem uma resolução. Destruída a ponte de Kemple-pier, urgia passar o Snowy, custasse o que custasse, e tomar a dianteira ao bando de Ben-Joyce no caminho de Twofold-Bay. Por isso não perderam tempo em palavras inúteis, e no dia seguinte, 16 de janeiro, John Mangles e Glenarvan foram observar o rio, a fim de organizarem a passagem.

As águas tumultuosas e engrossadas pelas chuvas não baixavam. Revolviam-se em torvelinho com furor indescritível. Correrem o perigo de as atravessar, era votarem-se à morte. Glenarvan, com os braços cruzados, a cabeça baixa, permanecia imóvel.

— Quer que diligencie chegar à outra margem a nado? — perguntou John Mangles.

— Não! John — respondeu Glenarvan, segurando na mão do ousado mancebo. — Esperemos!

E voltaram ambos ao acampamento. Passou-se o dia nas mais vivas angústias. Dez vezes Glenarvan voltou ao Snowy. Precisava de imaginar algum meio arriscado para o atravessar. Foram inúteis todas as suas lucubrações. Uma torrente de lava, que deslizesse no leito do rio, não o tornaria mais invadeável.

Durante estas longas horas perdidas, Lady Helena, aconselhada pelo major, dava a Mulrady o mais inteligente tratamento. O marinheiro sentia voltar-lhe a vida. Mac-Nabs chegava a afirmar que nenhum órgão essencial tinha sido ofendido. A perda do sangue explicava suficientemente a fraqueza do doente. Por isso, fechada a ferida, suspensa a hemorragia, só dependia do tempo e do descanso a cura radical. Lady Helena exigira que ele ocupasse o primeiro compartimento do carro. Mulrady estava muito envergonhado. A sua maior preocupação era pensar que o seu estado podia demorar Glenarvan, e foi preciso prometerem-lhe que o deixariam no acampamento sob a vigilância de Wilson, se a passagem do Snowy se tornasse possível.

Infelizmente a passagem não se tornou praticável nem naquele dia, nem no dia seguinte, 17 de janeiro. Ver-se assim detido desesperava Lord Glenarvan. Debalde Lady Helena e o major procuravam sossegá-lo e exortá-lo a que tivesse paciência. Ter paciência, quando naquele momento talvez Ben-Joyce chegava a bordo do iate! Quando o «Duncan», picando as amarras, fazia força de vapor para chegar o mais depressa possível àquela costa funesta, e quando cada

hora que corria mais o aproximava dela!

John Mangles sentia no coração todas as angústias de Glenarvan. Por isso, querendo vencer a todo o custo o obstáculo, construiu uma canoa à maneira australiana, com grandes pedaços de casca das gomeiras. Estas chapas, muito leves, eram seguras por barrotes de madeira e formavam uma embarcação bem frágil.

No dia 18, o capitão e o marinheiro experimentaram a canoa. Tudo quanto podiam a habilidade, a força, a destreza, a coragem, fizeram-no eles. Mas apenas se acharam em meio da corrente, virou-se-lhes o barquinho, e por pouco que não pagaram com a vida a temerária experiência. A embarcação, levada pelo redemoinho, desapareceu. John Mangles e Wilson não fizeram dez braças no rio, que tinha engrossado com as chuvas e com o degelo, e media então uma milha de largura.

Os dias 19 e 20 de janeiro perderam-se ainda nesta situação. O major e Lord Glenarvan subiram o Snowy por espaço de cinco milhas sem acharem sequer uma passagem vadeável. Por toda a parte havia a mesma impetuosidade das águas, a mesma rapidez torrentosa. Toda a vertente meridional dos Alpes australianos derramava naquele único leito as suas massas líquidas.

Era preciso perder a esperança de salvar o «Duncan». Cinco dias tinham decorrido depois que Ben-Joyce partira. O iate devia achar-se na costa, em poder dos convictos!

Era impossível, contudo, prolongar-se aquele estado de coisas. As cheias temporárias duram pouco, em razão mesmo da sua violência. Efetivamente, Paganel, na manhã de 21, observou que a elevação das águas começava a diminuir. Participou a Glenarvan o resultado das suas observações.

— Agora, o que importa? — exclamou Glenarvan. — Já é tarde!

— Isso não é razão para prolongar a nossa estada no acampamento — replicou o major.

— Decerto — reforçou John Mangles. — Amanhã talvez já a passagem seja praticável.

— E isso salvaria a minha infeliz tripulação? — bradou Glenarvan.

— Escute-me Vossa Honra — objetou John Mangles. — Conheço Tom Austin. Deve ter executado as suas ordens, milord, e partido logo que foi possível. Mas quem nos diz que as avarias estavam já reparadas quando Ben-Joyce chegou? E se o iate não se pôde fazer ao mar, se teve um dia ou dois de atraso?

— Tem razão, John, é preciso chegarmos à baía Twofold. Estamos apenas a trinta e cinco milhas de Delegete!

— Sim — confirmou Paganel —, e nessa cidade acharemos meios mais rápidos de

transporte! Quem sabe se chegaremos a tempo de evitar uma desgraça?

— Partamos! — exclamou Glenarvan.

John Mangles e Wilson trataram logo de construir uma embarcação de grandes dimensões. Provava a experiência que pedaços de cortiça não podiam resistir à violência da torrente. John derribou alguns troncos de gomeiras, com que fez uma jangada grosseira mas sólida. O trabalho foi demorado, o dia passou-se e a embarcação ficou por concluir. Só no dia seguinte se acabou.

As águas do Snowy tinham descido de um modo sensível. A torrente voltava a ser um rio, se bem que de rápido curso. Contudo, cortando-o obliquamente, domando-o até certo ponto, John esperava alcançar a margem oposta.

Meia hora depois do meio-dia, os viajantes embarcaram o que cada qual podia levar de víveres para um trajeto de dois dias. O resto foi abandonado, com o carro e a barraca. Mulrady já sentia as melhoras suficientes para poder ser transportado sem perigo; a sua convalescença caminhava rapidamente.

À uma hora tomaram todos lugar na jangada, presa à margem pela amarra. John Mangles pusera a estibordo, e confiou a Wilson, uma espécie de remo para sustentar a embarcação contra a corrente e impedir que descaísse. Quanto a ele, em pé, à popa, contava dirigi-la por meio de uma espécie de leme de forma bastante rude. Lady Helena e Mary Grant ocupavam o centro da jangada, junto de Mulrady; Glenarvan, o major, Paganel e Roberto rodeavam-nos, dispostos a prestar-lhes socorro.

— Estamos prontos, Wilson? — perguntou John Mangles ao seu marinheiro.

— Sim, capitão — respondeu Wilson, agarrando no remo.

— Atenção, e aguentemo-nos contra a corrente.

John Mangles desamarrou a jangada, e com um só impulso lançou-a através das águas do Snowy. Tudo correu bem durante quinze toesas. Wilson obstava a que o barco descaísse. Mas dali a pouco o aparelho achou-se envolvido num redemoinho, e girou sobre si mesmo, sem que o leme nem o remo o pudessem conservar em linha reta. Apesar dos seus esforços, Wilson e John Mangles bem depressa se acharam numa posição inversa, que tornou impossível a ação dos remos.

Tiveram de se resignar. Não havia meio de impedir aquele movimento giratório. Redemoinhava com vertiginosa rapidez, e descaía cada vez mais. John, em pé, pálido, os dentes cerrados, olhava com raiva para a água temerosamente revolta.

A jangada chegou ao meio do Snowy. Estava meia milha abaixo do ponto de partida. Aí, a corrente era forte e, como destruíra o redemoinho, a jangada adquiriu alguma estabilidade.

John e Wilson muniram-se outra vez dos remos e conseguiram impelir a jangada em direção oblíqua. A manobra deu em resultado aproximá-los da margem esquerda. Não estavam ainda a cinquenta toesas quando o remo de Wilson se partiu. Com a falta deste auxílio, a jangada foi levada pela corrente. John quis resistir, em perigo de quebrar o leme. Wilson, com as mãos ensanguentadas, juntou os seus esforços aos dele.

Afinal conseguiram o que pretendiam, e a jangada, depois de uma travessia que durou mais de meia hora, veio bater no talude a pique da margem. O choque foi violento; os troncos desligaram-se, as cordas quebraram, a água entrou em cachão no aparelho. Os viajantes só tiveram tempo de se agarrar às moitas, que se debruçavam para a água. Puxaram para si Mulrady e as duas senhoras meio ensopadas. Todos conseguiram salvar-se, mas a maior parte das provisões embarcadas e as armas, exceto a carabina do major, foram levadas pela água com os restos da embarcação.

Fora atravessado o rio. A pequena caravana estava, quase sem recursos, a trinta e cinco milhas de Delegete, no meio dos desertos desconhecidos da fronteira vitoriana. Não se encontravam naquele ponto nem colonos nem *squatters*, porque a região é habitada pelos *bushrangers* ferozes e salteadores.

Resolveram partir sem demora. Mulrady viu bem que só serviria de embaraço; pediu que o deixassem ficar, e ficar até só, à espera de que viessem socorros de Delegete.

Glenarvan recusou. Não podia chegar a Delegete em menos de três dias, à costa em menos de cinco, isto é, no dia 26 de janeiro. Desde o dia 16 que o «Duncan» saíra de Melbourne. Que lhe importavam agora algumas horas de demora?

— Não, meu amigo — disse ele ao corajoso marinheiro —, não quero abandonar ninguém. Faremos uma padiola e levar-te-emos alternadamente.

A padiola foi construída de troncos de eucalipto cobertos de ramos, e, com vontade ou sem ela, Mulrady teve de tomar lugar na padiola. Glenarvan quis ser o primeiro a conduzir o seu marinheiro. Pegou numa extremidade da padiola, Wilson na outra, e puseram-se a caminho.

Que triste espetáculo, e como acabava mal aquela viagem, tão bem começada! Já não iam em busca de Harry Grant; aquele continente onde ele não estava, onde ele nunca esteve, ameaçava ser fatal para os que procuravam os seus vestígios. E quando os seus ousados compatriotas chegassem à costa australiana, nem já o «Duncan» encontrariam para os reconduzir à pátria!

Foi silenciosa e penosamente que se passou aquele dia. De dez em dez minutos revezavam-se na condução da padiola. Todos os companheiros se impunham, sem se queixar, aquela fadiga,

agravada ainda por um calor intensíssimo.

À noite, depois de só terem andado cinco milhas, acamparam debaixo de um grupo de gomeiras. O resto das provisões, que escapara ao naufrágio, constituiu a refeição noturna. Mas já não podiam contar senão com a carabina do major.

Passaram uma noite má. A chuva concorreu para isso. O dia parecia custar a aparecer. Tornaram a pôr-se a caminho. O major não pôde fazer um só tiro. Aquela funesta região era pior que um deserto, porque nem os animais a frequentavam.

Por fortuna, o jovem Roberto descobriu um ninho de abetardas com uma dúzia de ovos grandes, que Olbinett cozeu em cinzas quentes. Com algumas beldroegas, que vegetavam no fundo de um desfiladeiro, os ovos formaram o almoço do dia 22.

O trajeto tornou-se então extremamente difícil. As planícies arenosas eram eriçadas de *spinifex*, erva espinhosa que tem em Melbourne o nome de porco-espinho. Rasgava o fato e punha as pernas em sangue. As animosas mulheres não se queixavam; caminhavam corajosamente, davam o exemplo, animavam uns e outros com o exemplo e o olhar.

À noite pararam ao pé do monte Bulla-Bulla, sobre as margens do *creek* de Jungalla. Teria sido deplorável a ceia se Mac-Nabs não matasse finalmente um grande rato, o *mus conditor*, que goza de excelente reputação no que respeita a alimento. Olbinett assou-o, e houvera parecido muito acima da sua fama se fosse do tamanho de um carneiro. Contudo, foi preciso contentarem-se com o que havia. Roeram-no até aos ossos.

No dia 23 os viajantes, fatigados, mas sempre enérgicos, puseram-se a caminho. Depois de contornarem a base da montanha, atravessaram extensas campinas, cuja erva parecia feita de barbas de baleia. Era um entrançado de dardos, um silvado de baionetas aguçadas, onde se tinha de abrir caminho, ora a machado, ora a fogo.

Naquela manhã nem se tratou do almoço. Nada tão árido como aquela região semeada de pedaços de quartzo. Não foi só a fome que atormentou os viajantes, também a sede se fez cruelmente sentir. Uma atmosfera ardente redobrava-lhes as ânsias dolorosas. Glenarvan e os seus não chegavam a fazer meia milha por hora. Se aquela privação de água e de alimentos se prolongasse até à noite, cairiam no caminho para não mais se levantarem.

Mas quando tudo falta ao homem, quando ele se vê sem recursos, no momento em que pensa chegada a hora de sucumbir de dor, manifesta-se então a intervenção da Providência.

A água oferece-a ela nos *cefalotos*, espécie de taças cheias de um líquido salutar, que pendiam dos ramos de arbustos coraliformes. Todos saciaram a sede com eles, e sentiram a vida reanimar-se.

Para alimento, foi o que sustenta os indígenas quando a caça, os insetos, as serpentes lhes faltam. Paganel descobriu no leito de um *creek*, já seco, uma planta cujas propriedades excelentes lhe tinham sido descritas muitas vezes por um dos seus colegas da Sociedade de Geografia.

Era o nardo, criptógamo da família das marsileáceas, aquele mesmo que prolongou a vida a Burke e a King nos desertos do interior. Debaixo das suas folhas, semelhantes às do trevo, cresciam uns espóculos secos. Estes espóculos, do tamanho de uma lentilha, foram esmagados entre duas pedras e produziram uma espécie de farinha, com que fizeram um pão ordinário, que lhes acalmou a fome. Encontrava-se por ali abundantemente aquela planta. Olbinett pôde por isso apanhar grande quantidade dela, e o alimento ficou assegurado para muitos dias.

No dia seguinte, 24, Mulrady fez uma parte do caminho a pé. Tinha a ferida quase cicatrizada. A cidade de Delegete estava só a dez milhas, e à noite acamparam por 149° de longitude, mesmo na fronteira da Nova Gales do Sul.

Uma chuva fina e penetrante caía havia algumas horas. Não teriam abrigo nenhum se, por acaso, John Mangles não houvesse descoberto uma choça de serradores, abandonada e em ruínas. Tiveram de se contentar com aquele miserável abrigo de ramos e de colmo. Wilson quis acender lume, a fim de preparar o pão de nardo, e foi apanhar os ramos que juncavam o solo. Mas quando tratou de inflamar aquela lenha, não o conseguiu. A grande quantidade de matéria aluminífera que ela encerrava obstava a toda a combustão. Era a lenha incombustível de que Paganel falara na sua estranha nomenclatura dos produtos da Austrália.

Tiveram de passar sem fogo, e por conseguinte sem pão, e dormir com os fatos húmidos, enquanto as aves que riem, ocultas nos ramos mais altos, pareciam zombar dos infelizes viajantes.

Glenarvan chegava ao termo dos seus sofrimentos. Era tempo. As duas jovens faziam heroicos esforços, mas as forças iam-nas abandonando. Já não andavam; arrastavam-se.

No dia seguinte pôs-se a caravana a caminho logo ao romper da alva. Às onze horas apareceu Delegete, no condado de Wellesley, a cinquenta milhas da baía Twofold.

Ali, os meios de transporte foram rapidamente organizados. Ao sentir-se tão perto da costa, Glenarvan recuperou a esperança. Talvez que tivesse havido alguma demora e ele chegasse primeiro que o «Duncan»! Em vinte e quatro horas podia alcançar a baía!

Ao meio-dia, depois duma substancial refeição, todos os viajantes, instalados numa diligência, deixaram Delegete ao galope de cinco vigorosos cavalos.

Os postilhões, estimulados pela promessa de uma gorjeta principesca, faziam voar a

carruagem sobre uma estrada bem conservada. Nas mudas, que se sucediam de dez em dez milhas, não perdiam dois minutos. Parecia que Glenarvan lhes tinha comunicado o ardor que o devorava.

Durante todo o dia e toda a noite correram assim, na razão de seis milhas por hora.

No dia seguinte, ao nascer do sol, um murmúrio abafado anunciou a proximidade do oceano Índico. Foi preciso correr a baía toda em volta para chegarem ao paralelo trinta e sete, precisamente ao ponto onde Tom Austin devia esperar a chegada dos viajantes.

Quando o mar apareceu, todos os olhares se dirigiram para o largo, esquadrinhando o espaço. Por um milagre da Providência estaria ali o «Duncan», bordejando como um mês antes, na altura do cabo Corrientes, próximo das costas argentinas?

Não se via nada. Céu e mar confundiam-se num mesmo horizonte. Nem uma vela sequer animava aquela vasta extensão.

Restava ainda uma esperança. Talvez Tom Austin julgasse dever deitar ferro na baía Twofold, porque o mar estava bravo, e um navio não podia aguentar-se em tais ancoradouros.

— Para Eden! — ordenou Glenarvan.

No mesmo instante, o *mail-coach* tomou à direita a estrada circular que rodeava a baía, e dirigiu-se para a pequena cidade de Eden, a distância de cinco milhas.

Os postilhões pararam perto do farol fixo que indica a entrada do porto. No ancoradouro estavam alguns navios, mas nenhum ostentava no penol da carangueja o pavilhão de Malcolm.

Glenarvan, John Mangles e Paganel apearam-se, correram à alfândega, interrogaram os empregados e consultaram o registo dos navios chegados nos últimos dias.

Havia uma semana que nenhum navio entrava na baía.

— Não partiria ele ainda? — exclamou Lord Glenarvan, que, por uma dessas mudanças, tão fáceis no coração, não queria perder de todo a esperança. — Talvez chegássemos antes dele!

John Mangles abanou a cabeça. Conhecia Tom Austin. O seu imediato não era homem que demorasse dez dias o cumprimento de qualquer ordem.

— Quero saber por onde me hei de regular — disse Glenarvan. — Mais vale a certeza do que a dúvida!

Dali a um quarto de hora mandava um telegrama ao síndico dos *shipbrokers* de Melbourne.

Em seguida, os viajantes fizeram-se conduzir ao hotel Vitória.

Às duas horas foi entregue um despacho telegráfico a Lord Glenarvan. Era concebido nos seguintes termos:

Lord Glenarvan, Eden,
Twofold-Bay.

«Duncan» partiu a 18 do corrente para destino desconhecido.

J. Andrew. S. B.

O despacho caiu das mãos de Glenarvan.

Não restava dúvida alguma! O honrado iate escocês tornara-se, nas mãos de Ben-Joyce, um navio de piratas!

Assim acabava aquela travessia da Austrália, começada debaixo de tão favoráveis auspícios. Os vestígios do capitão Grant e dos naufragos pareciam irrevogavelmente perdidos; este mau êxito custava a vida de uma tripulação inteira; Lord Glenarvan sucumbia na luta, e o corajoso pesquisador, cuja marcha os elementos conjurados contra ele não tinham podido suspender nos Pampas, acabava a perversidade dos homens de o vencer no continente australiano.

TERCEIRA PARTE — OCEANO PACÍFICO

Capítulo 1 — O «Macquarie»

Se alguma vez os que procuravam o capitão Grant tinham de perder a esperança de o tornarem a ver, não seria neste momento em que tudo a um tempo lhes falhava? A que ponto do mundo haviam de ir tentar nova expedição? Como explorar novos países? Já não existia o «Duncan», e o imediato regresso à pátria era por assim dizer impossível. Tinha, pois, sido mal sucedida a empresa dos generosos escoceses. Mal sucedida! Conjunto de palavras que não encontra eco nas almas corajosas, e, contudo, sob o peso da fatalidade, era forçoso que Glenarvan reconhecesse a impossibilidade de prosseguir naquela dedicada empresa.

Mary Grant, em tão triste situação, teve coragem para não proferir o nome do pai. A lembrança da desventurada tripulação, que acabava de perecer, deu-lhe forças para reprimir a explosão dos seus pesares. A filha desapareceu diante da amiga, e foi ela quem consolou Lady Glenarvan, depois de haver dela recebido tantas consolações! Foi a primeira a falar do regresso à Escócia. Ao vê-la tão corajosa, tão resignada, John Mangles admirou-a. Quis falar em favor do capitão, mas Mary conteve-o com um olhar, e mais tarde disse-lhe:

— Não, Sr. John, pensemos nos que se sacrificaram. É preciso que Lord Glenarvan volte para a Europa!

— Tem razão, Miss Mary—respondeu John Mangles. —.Assim é preciso. É preciso também que as autoridades inglesas sejam informadas da sorte do «Duncan». Mas não perca de todo a esperança. As começadas pesquisas não serão abandonadas, porque eu as recomeçarei sozinho! hei de encontrar o capitão Grant ou sucumbirei na empresa!

Era um sério compromisso a que se obrigava John Mangles. Mary aceitou-o e estendeu a mão para o mancebo, como quem ratificava o tratado. Da parte de John Mangles, aquele ato significava dedicação para toda a vida; da parte de Mary, eterna gratidão.

Naquele dia foi definitivamente resolvida a partida para a Europa. Decidiram dirigir-se imediatamente a Melbourne. No dia seguinte, John foi indagar que navios estavam para levantar ferro. Esperava que existissem frequentes comunicações entre Eden e a capital de Vitória.

Enganara-se. Eram raros os navios. Três ou quatro, fundeados na baía Twofold, compunham toda a marinha mercante do porto. Não havia nenhum com destino a Melbourne, para Sydney ou para a ponta de Gales, e só nestes três portos da Austrália Glenarvan poderia encontrar navios com destino a Inglaterra. A Peninsular Oriental Steam Navigation Company tem uma linha

regular de paquetes entre estes portos e a metrópole.

Em semelhante conjuntura, que fazer? Esperar um navio? Poderia haver grande demora, porque a baía Twofold é pouco frequentada. Quantos barcos passam ao largo e nunca vêm fundear ali!

Depois de muitas reflexões e discussões, Glenarvan estava quase resolvido a dirigir-se a Sydney, tomando pelas estradas da costa, quando Paganel fez uma proposta que ninguém esperava.

O geógrafo tinha ido fazer uma visita à baía Twofold. Sabia que os meios de transporte entre Sydney e Melbourne faltavam. Mas, dos três navios fundeados no porto, estava um a partir para Auckland, capital de Ika-Na-Maoui, ilha ao norte da Nova Zelândia. A proposta de Paganel foi que fretassem o referido navio e embarcassem para Auckland, donde seria fácil voltarem à Europa nos barcos da Companhia Peninsular.

Foi tomada em séria consideração a proposta. Demais, Paganel, desta vez, não se desmandou na série de argumentos em que habitualmente era pródigo. Limitou-se a enunciar o facto, acrescentando que a passagem levaria, o muito, cinco ou seis dias. A distância entre a Austrália e a Nova Zelândia é efetivamente de um milhar de milhas!

Por uma singular coincidência, Auckland achava-se situada precisamente naquela linha do paralelo trinta e sete que os viajantes obstinadamente seguiam desde a costa da Araucanía. Sem que o pudessem acusar de parcialidade, o geógrafo podia muito bem tirar desta circunstância argumento favorável à sua proposta. Era efetivamente um ensejo muito natural de visitarem as costas da Nova Zelândia.

Contudo, Paganel não fez valer tal circunstância. Após dois desastres sucessivos, não queria decerto aventurar-se a uma terceira interpretação do documento. Depois, que mais poderia deduzir? Dizia-se nele que um «continente» servira de refúgio ao capitão Grant, e não uma ilha. Ora a Nova Zelândia era apenas uma ilha. Parecia inquestionável. Fosse como fosse, por esta razão ou por outra qualquer, Paganel não ligou nenhuma ideia de nova exploração à proposta de se dirigirem a Auckland. Apenas fez observar que entre este ponto e a Grã-Bretanha existiam comunicações regulares, as quais facilmente se poderiam aproveitar.

John Mangles aprovou a proposta de Paganel. Aconselhou que fosse adotada, porque não se podia esperar a vinda problemática de um navio à baía Twofold. Mas primeiro julgou conveniente que se visse o barco indicado pelo geógrafo. Glenarvan, o major, Paganel, Roberto e o próprio Mangles tomaram uma embarcação, e em poucas remadas chegaram ao navio, fundeado à distância de duas amarras do cais.

Era um brigue de duzentas e cinquenta toneladas, chamado «Macquarie». Fazia cabotagem entre os diferentes portos da Austrália e da Nova Zelândia. O capitão ou, para melhor dizer, o *master* recebeu os viajantes com bastante grosseria. Viram logo que tratavam com um homem sem educação e cujas maneiras o não diferenciavam muito dos cinco marinheiros do seu navio. Cara larga e avermelhada, grandes mãos, nariz achatado, cego de um olho, lábios enegrecidos pelo cachimbo, e junto a tudo isto um aspeto brutal, eis as características que faziam de Will Halley uma triste personagem. Mas não havia por onde escolher e por causa de uma viagem de poucos dias não valia a pena grande escrúpulo.

— Que querem vocês? — perguntou Will Halley aos desconhecidos que punham pé na tolda do navio.

— O capitão? — respondeu John Mangles.

— Sou eu — disse Halley. — Depois?

— O «Macquarie» está metendo carga para Auckland?

— Está. Depois?

— Que carga?

— Tudo o que se vende e tudo o que se compra. Depois?

— Quando parte?

— Amanhã, na maré do meio-dia. Depois?

— Poderia receber passageiros?

— Conforme eles forem, e se se contentarem com o que dá a gamela de bordo.

— Trariam as suas provisões.

— Depois?

— Depois?

— Sim, quantos são?

— Nove, sendo duas senhoras.

— Não tenho camarotes.

— Remediar-se-ão com o beliche da popa, que será posto à sua disposição.

— Que mais?

— Aceita? — perguntou John Mangles, a quem as maneiras do capitão não embaraçavam.

— Veremos — respondeu o mestre do «Macquarie».

Will Halley deu uma volta ou duas, batendo na tolda com as enormes botas ferradas. Depois virou-se repentinamente para John Mangles.

— Quanto pagam? — perguntou.

— Quanto pedem? — retorquiu John Mangles.

— Cinquenta libras.

Glenarvan fez um sinal de aprovação.

— Bem! Cinquenta libras — repetiu John Mangles.

— Mas a passagem só — ajuntou Will Halley.

— Só.

— Sustento à parte.

— À parte.

— Está combinado. Depois? — disse Will, estendendo a mão.

— Hem?

— O sinal.

— Eis metade do preço, vinte e cinco libras — voltou John Mangles, contando na mão do mestre esta quantia.

Will Halley meteu-a na algibeira sem dizer obrigado.

— Amanhã a bordo — recomendou ele. — Antes do meio-dia. Estejam ou não estejam, levanto ferro.

— Cá estaremos.

Dada esta resposta, Glenarvan, o major, Roberto, Paganel e John Mangles largaram do navio sem que Will Halley levasse sequer a mão ao chapéu de encerado encaixado sobre as guedelhas ruivas que lhe circundavam a grande cabeça.

— Que estúpido! — comentou John Mangles.

— Gosto dele — retorquiu Paganel. — É um verdadeiro lobo-do-mar.

— Um verdadeiro urso! — ponderou o major.

— E parece-me — acrescentou John Mangles — que o tal urso deve ter feito em tempos tráfico de carne humana.

— Que importa! — replicou Glenarvan — desde o momento que ele comanda o «Macquarie» e que o «Macquarie» navega para a Nova Zelândia. De Twofold-Bay a Auckland pouco o veremos; para lá de Auckland não o veremos mais.

Lady Helena e Mary Grant receberam com satisfação a notícia de que a partida estava fixada para o dia seguinte. Glenarvan fez-lhes observar que o «Macquarie» não valia o «Duncan» quanto às comodidades. Mas, depois de tantas provações, não eram pessoas que se embaraçassem com tão pouco. Mr. Olbinett foi encarregado das provisões. Depois da perda do «Duncan», o pobre homem chorara muitas vezes a desditosa Mistress Olbinett, que ficara a

bordo, e por conseguinte fora vítima, juntamente com a tripulação, da ferocidade dos convictos. Entretanto, continuou a desempenhar as funções de *steward* com o costumado zelo, e o «sustento à parte» consistiu em víveres escolhidos, que nunca figuravam no ordinário do brigue. Poucas horas lhe bastaram para fazer aquisição das provisões necessárias.

A este tempo, o major descontava numa casa de câmbio várias letras que Glenarvan tinha sobre o Union Bank de Melbourne. Não queria estar sem dinheiro e tão-pouco sem armas e munições; por isso renovou o seu arsenal. Quanto a Paganel, comprou um excelente mapa da Nova Zelândia, publicado em Edimburgo por Johnston.

Mulrady ia bem. Pouco se ressentia do ferimento que o pusera em perigo de vida. Algumas horas passadas no mar deviam completar-lhe o curativo. Tencionava tratar-se com as brisas do Pacífico.

Wilson foi incumbido de preparar a bordo do «Macquarie» o alojamento dos passageiros. Com algumas vassouradas e escovadelas, o beliche mudou de aspeto. Will Halley, encolhendo os ombros, deixou o marinheiro fazer o que lhe aprouve. Não lhe dava o mais pequeno cuidado a pessoa de Glenarvan, nem a dos seus companheiros e companheiras. Não lhes sabia sequer os nomes, nem com isso se inquietou. Aquele excesso de carga produzia-lhe cinquenta libras, eis tudo, e tinha-o em menos conta que as duzentas toneladas de couros que lhe abarrotavam o porão. Era um negociante. Quanto às suas qualidades de marinheiro, passava Will Halley por sofrível prático daqueles mares, que os recifes de corais tornam muito perigosos.

Ao declinar do dia, Glenarvan quis voltar ao ponto da praia que era cortado pelo paralelo trinta e sete. Dois motivos a isso o impeliam.

Desejava visitar mais uma vez o suposto lugar do naufrágio. Não havia dúvida de que Ayrton fora cabo de marinheiros da «Britannia», a qual se podia ter realmente perdido naquele ponto da costa australiana, isto é, na costa oriental, quando não fosse na costa ocidental. Não se devia abandonar irrefletidamente um sítio que não se tornaria a ver.

Depois, à falta da «Britannia», o «Duncan» caíra nas mãos dos convictos. Quem sabe se teria havido combate? Porque não se haviam de achar na costa vestígios de uma luta, de uma suprema resistência? Se a tripulação tivesse perecido sobre as ondas, não haviam elas de ter arremessado cadáveres à praia?

Glenarvan, acompanhado do seu fiel John, operou o reconhecimento. O dono do hotel Vitória pôs dois cavalos à sua disposição, e os viajantes tomaram a estrada norte, que rodeia a baía Twofold.

Foi uma triste exploração. Glenarvan e o capitão John cavalgaram sem dizer palavra.

Compreendiam-se mutuamente. Os mesmos pensamentos lhes ocupavam o espírito, e portanto as mesmas angústias os atormentavam. Contemplavam os rochedos escavados pelo mar. Não tinham necessidade de trocar perguntas e respostas.

Basta considerarmos o zelo e a inteligência de John para podermos afirmar que todos os pontos da costa foram explorados, as menores calhetas examinadas com cuidado e do mesmo modo as praias em declive e os plainos arenosos para onde as marés do Pacífico, aliás medíocres, podiam ter lançado qualquer destroço do naufrágio. Não colheram, porém, nenhum indício cuja natureza os levasse a fazer naquelas paragens novas pesquisas. Mais uma vez se perdia o rasto do naufrágio.

A respeito do «Duncan», também nada se colhia. Toda aquela porção da Austrália, banhada pelo oceano, estava deserta.

Contudo, John Mangles ainda descobriu na praia evidentes vestígios de um acampamento, restos de fogueiras recentes debaixo de árvores isoladas. Teria por ali passado havia dias alguma tribo nómada de naturais? Não, porque um indício se deparara a Glenarvan e lhe demonstrou de modo incontestável que os convictos tinham frequentado aquele ponto da costa.

O indício era uma camisola amarelo-escuro, usada, remendada, sinistro farrapo abandonado junto de uma árvore. Já aí não estava o forçado, mas as suas vestes denunciavam-no. A libré do crime, depois de ter vestido algum miserável, acabava de apodrecer naquela praia deserta.

— Vês, John? — indicou Glenarvan. — Os convictos estiveram aqui! E os nossos pobres camaradas do «Duncan»?

— Sim! — respondeu John com voz abafada. — É verdade que não desembarcaram, que pereceram...

— Miseráveis! — exclamou Glenarvan. — Se alguma vez me caem nas mãos, vingarei a minha tripulação!

A dor carregara o aspeto de Glenarvan. Durante alguns minutos, o lord contemplou a imensidade das ondas, procurando talvez com um último olhar algum navio perdido no espaço. Depois os seus olhos perderam o fogo que os incendiara por momentos, recuperou a habitual serenidade, e sem acrescentar uma palavra, sem fazer um gesto, retomou, a cavalo, o caminho de Eden.

Uma só formalidade faltava preencher: a declaração ao oficial de justiça da terra respetiva aos acontecimentos que se haviam dado. Foi feita mesmo naquela noite perante Tomás Banks. Este magistrado mal pôde dissimular a sua satisfação ao formar o processo verbal. Estava o que se pode dizer encantado com o afastamento de Ben-Joyce e do seu bando. Toda a cidade tomou

parte na satisfação da justiça. Os convictos acabavam de deixar a Austrália, graças, é verdade, a novo crime, mas haviam finalmente abalado. Tão importante notícia foi imediatamente telegrafada às autoridades de Melbourne e de Sydney.

Acabada a declaração, Glenarvan voltou para o hotel Vitória. Os viajantes passaram tristemente a última tarde. Os seus pensamentos divagavam sobre aquela terra fecunda em desgraças. Lembravam-se de tantas esperanças legitimamente concebidas no cabo Bernoulli, tão cruelmente desfeitas na baía Twofold!

Quanto a Paganel, apossara-se dele uma agitação febril. John Mangles, que o observava desde o incidente de Snowy-river, conhecia que o geógrafo queria e não queria falar. Muitas vezes o apertara com perguntas a que o outro não respondeu.

Contudo, naquela noite, John, acompanhando-o ao quarto, perguntou-lhe porque estava tão nervoso.

— Amigo John — respondeu Paganel de um modo evasivo —, não estou mais nervoso do que costume.

— Sr. Paganel, o senhor tem decerto algum segredo que o sufoca.

— Então o que quer? — exclamou o geógrafo, gesticulando. — É mais forte do que eu!

— O que é mais forte do que o senhor?

— A minha alegria, por um lado, e o meu desespero, pelo outro.

— O senhor está ao mesmo tempo alegre e desesperado?

— Sim, estou alegre e desesperado por ir visitar a Nova Zelândia.

— Terá o senhor algum indício? — perguntou John Mangles com vivacidade. — Acaso achou os vestígios que se haviam perdido?

— Não, amigo John! *Não se volta da Nova Zelândia!* Mas, em suma... o senhor conhece a natureza humana! A esperança conserva-se até à última! E a minha divisa é «*spiro, spero*», que vale todas as divisas do mundo!

Capítulo 2 — O Passado do País Para Onde Vão

No dia seguinte, 27 de janeiro, estavam instalados os passageiros a bordo no acanhado beliche do brigue. Will Halley não oferecera o seu camarote às viajantes. Pouco sentiram aquela falta de delicadeza, porque o antro era digno do urso.

Meia hora depois do meio-dia, levantaram ferro na preia-mar. A âncora veio a pique e com custo largou o fundo. Soprava do oeste uma brisa regular. Largaram pano pouco a pouco. Os cinco homens manobravam lentamente. Wilson quis ajudar a tripulação; mas Halley rogou-lhe que se conservasse quieto e não se metesse com o que não lhe dizia respeito. Tinha por costume fazer as coisas sozinho e sem pedir ajuda ou conselho.

Entendia-se isto com John Mangles, a quem a imperfeição de certas manobras fazia sorrir. John não quis ouvir mais, guardando-se para intervir, se não de direito, pelo menos de facto, quando visse que a imperícia da marinhagem comprometia a segurança do navio.

Entretanto, os braços dos cinco tripulantes, estimulados pelas pragas do mestre, conseguiram afinal largar o pano.. O «Macquarie» fez-se muito ao largo, amurado a bombordo, com papa-figos, gáveas, joanetes, bujarrona e giba. Mais tarde foram içados cutelos e varredouras. Mas, apesar de todo este reforço de pano, o brigue pouco avançava. Muito bojudo na proa, muito achatado no fundo, pesado de popa, todas estas qualidades lhe prejudicavam o andamento e faziam dele o tipo perfeito do «ronceiro».

Era preciso conformarem-se. Felizmente, por muito mal que o «Macquarie» navegasse, em cinco dias, seis o muito, deviam chegar a Auckland.

Pelas sete horas da noite, perderam-se de vista as costas da Austrália e o farol fixo do porto de Eden. O mar, muito picado, fatigava o navio, o qual caía pesadamente no seio da vaga. Os passageiros sofreram violentos balanços, que tornaram penosa a permanência no sítio que lhes fora destinado. Contudo, não podiam estar na tolda, porque a chuva era violenta. Viram-se condenados a prisão rigorosa.

Deixaram-se todos levar pela corrente dos seus pensamentos. Conversou-se pouco. Lady Helena e Mary Grant raras palavras trocaram. Glenarvan não sossegava. Andava de um lado para o outro, enquanto o major se conservava imóvel. John Mangles, seguido de Roberto, subia de quando em quando à tolda para observar o mar. Quanto a Paganel, metido no seu canto, murmurava palavras ininteligíveis e incoerentes.

Em que pensaria o digno geógrafo? Na Nova Zelândia, para a qual a fatalidade o conduzia. Reproduzia no espírito toda a história daquele país, cujo passado sinistro lhe surgia aos olhos da imaginação.

Mas haveria nessa história algum facto, algum incidente que autorizasse os descobridores daquelas ilhas a considerá-las como um continente? Um geógrafo moderno, um marinheiro, poderia dar-lhe uma tal denominação? Como se vê, Paganel não perdia de lembrança a interpretação do documento. Era uma obsessão, uma ideia fixa. Depois da Patagónia, depois da Austrália, a sua imaginação, atraída pela palavra, concentrava-se na Nova Zelândia. Mas um ponto, um só, o embaraçava.

— *Contin... contin...* — repetia ele — quer dizer por força continente!

E pôs-se a passar pela memória a resenha dos navegadores que reconheceram as duas grandes ilhas dos mares austrais.

Foi a 13 de dezembro de 1642 que o holandês Tasman, depois de descobrir a terra de Van Diemen, foi fundear nas praias da Nova Zelândia. Navegou ao longo da costa durante alguns dias, e a 17 os seus navios entraram numa grande baía, na extremidade de um estreito canal que corria entre duas ilhas.

A do norte era Ika-Na-Maoui, palavras zelandesas que significam o «peixe de Mauwi». A ilha do sul era Tawai-Pouna-Mou, quer dizer «a baleia que produz jaspe verde».

Abel Tasman mandou a terra as canoas, as quais voltaram acompanhadas de duas pirogas, que traziam uma ruidosa tripulação composta de naturais. Os selvagens tinham estatura mediana, pele trigueira e ossos salientes, voz rude, cabelo preto, atado no alto da cabeça, à moda japonesa, e enfeitado com uma grande pluma branca.

A primeira entrevista dos europeus e dos indígenas fizera esperar que se restabelessem relações amigáveis e de grande duração. Porém, no dia seguinte, no momento em que uma das canoas de Tasman ia fazer o reconhecimento de um ancoradouro mais próximo da terra, sete pirogas tripuladas por grande número de indígenas atacaram-na violentamente. A canoa adornou e encheu-se de água. O patrão que a comandava foi logo ferido na garganta por uma lança de feitio muito grosseiro. Caiu ao mar. Dos seus seis companheiros, quatro ficaram mortos; ele e os dois restantes, nadando em direcção ao navio, puderam ser recolhidos e salvos.

Depois deste funesto acontecimento, Tasman levantou ferro, limitando a sua vingança a fustigar os naturais com alguns tiros de mosquete, que provavelmente os não alcançaram. Largou da baía, a que ficou o nome de baía da Matança, navegou ao longo da costa ocidental, e a 5 de janeiro largou ferro junto da extremidade norte. Neste lugar, impediram-no de fazer aguada, não

só a violência da ressaca como também as más disposições dos selvagens, e deixou de todo estas terras, a que pôs o nome de Staten-Land, isto é, Terras dos Estados em honra dos Estados Gerais.

Efetivamente, o navegador holandês imaginava que elas confinavam com as ilhas do mesmo nome descobertas ao oriente da Terra do Fogo, na extremidade meridional da América. Julgava ter achado «o grande continente do sul».

«Mas — dizia Paganel consigo — aquilo a que um marinheiro do século XVII pôde chamar continente, um marinheiro do século XIX não poderia dar também o mesmo nome! Um erro destes não é admissível! Não! Há alguma coisa que me escapa!»

Por espaço de mais de um século ficou esquecida a descoberta de Tasman, e a Nova Zelândia parecia já não existir quando um navegador francês, Surville, a avistou por 35° 37' de latitude. A princípio não teve razão de se queixar dos indígenas; porém, os ventos assaltaram-no com violência extrema, e desencadeou-se uma tempestade durante a qual a lancha que transportava os doentes da expedição foi arremessada à praia da baía do Refúgio. Aí, um chefe chamado Nagui-Noui recebeu perfeitamente os franceses e hospedou-os na sua própria cabana. Tudo caminhou satisfatoriamente até ao momento em que uma canoa de Surville foi roubada. As reclamações do capitão foram baldadas, e julgou dever punir por aquele roubo uma aldeia inteira, que incendiou. Vingança injusta e terrível, que não foi estranha às sanguinolentas represálias de que a Nova Zelândia ia ser teatro.

A 6 de outubro de 1769 apareceu naquelas costas o ilustre Cook. Ancorou na baía de Taoué-Roa com o seu navio, o «Endeavour», e procurou atrair os naturais pelo seu bom tratamento. Mas, para tratar bem as pessoas, é preciso começar agarrando-as. Cook não hesitou em fazer dois ou três prisioneiros e impor-lhes à força os seus benefícios. Depois de bem mimoseados de presentes e de afagos, foram reenviados para terra. Dali a pouco, muitos naturais, seduzidos pela narração dos primeiros, vieram voluntariamente a bordo e fizeram transações com os europeus. Dias depois, Cook dirigiu-se para a baía Hawkes, vasto chanfre aberto na costa de leste da ilha setentrional. Estava em presença de indígenas belicosos, ruidosos, provocadores. As suas demonstrações foram mesmo tão longe que foi necessário apaziguá-las com um tiro de metralha.

A 20 de outubro, o «Endeavour» fundeu na baía de Toko-Malou, onde vivia uma população pacífica de duzentas almas. Os botânicos de bordo fizeram frutíferas explorações no país, e os naturais transportaram-nas para o navio nas próprias pirogas. Cook visitou duas aldeias defendidas por paliçadas, parapeitos e duplos fossos, que revelavam certos conhecimentos em

castrametação. O mais importante dos fortes estava situado num rochedo, que as marés transformavam em verdadeira ilha, ou em coisa melhor do que ilha, porque não só as águas a rodeavam, como também rugiam através de um arco formado pela natureza, de sessenta pés de altura, sobre o qual repousava o *pah* inacessível.

A 31 de março, Cook, depois de fazer durante cinco meses ampla colheita de objetos curiosos, de plantas indígenas, de documentos etnográficos e etnológicos, pôs o seu nome ao estreito que separa as duas ilhas, e deixou a Nova Zelândia. Nas suas viagens ulteriores devia tornar a vê-la.

Efetivamente, em 1773, o grande marinheiro tornou a aparecer na baía Hawkes e foi testemunha de cenas de canibalismo. A culpa disso deve atribuir-se aos companheiros do capitão. Os oficiais, tendo achado em terra os membros mutilados de um selvagem ainda novo, trouxeram-nos para bordo, «fizeram-nos cozer», e ofereceram-nos aos naturais, que se lançaram a eles com voracidade. Triste fantasia a de se fazerem cozinheiros de uma refeição de antropófagos!

Na sua terceira viagem, Cook tornou a visitar estas terras, pelas quais tinha particular predileção e cuja planta hidrográfica desejava completar. Deixou-as pela última vez em 25 de fevereiro de 1777.

Em 1791, Vancouver fez uma estação de vinte dias na baía Sombre, sem proveito algum para as ciências naturais ou geográficas. Em 1793, d'Entrecasteaux percorreu vinte e cinco milhas de costa, na parte setentrional de Ika-Na-Maoui. Os capitães da marinha mercante, Hausen e Dalrympe primeiramente, e depois Baden, Richardson e Moody surgiram naquelas paragens, demorando-se pouco tempo, e o Dr. Savage, durante uma estada de cinco semanas, colheu interessantes informações a respeito dos costumes dos zelandeses.

Foi naquele mesmo ano, em 1805, que o sobrinho do chefe de Rangui-Hou, o inteligente Doua-Tara, embarcou a bordo do «Argo», ancorado na baía das Ilhas e comandado pelo capitão Baden.

Talvez que as aventuras de Doua-Tara venham a fornecer o assunto de uma epopeia a algum Homero maori. Foram fecundas em desastres, em injustiças, em maus tratos. Falta de fé, sequestro, pancadas e ferimentos, eis o que o pobre selvagem recebeu a troco dos seus excelentes serviços. Que ideia não faria ele da gente que se dizia civilizada! Trouxeram-no para Londres. Fizeram dele um marinheiro de última classe, o malhadiço da tripulação. Se não fosse o reverendo Marsden, teria morrido dos maus tratos. Este missionário interessou-se pelo moço selvagem, em quem reconheceu juízo sólido, caráter bravo, doçura e afabilidade em grau

admirável. Marsden alcançou para o seu protegido alguns sacos de trigo e instrumentos de cultura destinados ao seu país. O pequeno fardo foi-lhe roubado. As desgraças, os sofrimentos tornaram a oprimir o pobre Doua-Tara até 1814, quando afinal o tornaram a ver no país dos seus antepassados. Ia colher o fruto de tantas vicissitudes, quando a morte o levou na idade de vinte e oito anos, no momento em que se dispunha a regenerar a sanguinária Zelândia. Com esta irreparável desgraça ficou com certeza a civilização atrasada muitos anos. Nada preenche a perda de um homem inteligente e bom, que encerra no coração o amor do bem e o amor da pátria!

A Nova Zelândia esteve abandonada até 1816. Neste ano Thompson, em 1817 Lidiard Nicholas, em 1819 Marsden, percorreram diversas porções das duas ilhas, e em 1820 Richard Cruise, capitão do 84.º Regimento de Infantaria, esteve ali durante dez meses, circunstância com a qual a ciência ganhou sérios estudos sobre os costumes indígenas.

Em 1824, Duperrey, comandante da «Coquille», fez uma estadia de quinze dias na baía das Ilhas, e sé teve motivo para elogiar os naturais.

Depois dele, em 1827, o baleeiro inglês «Mercury» teve de se defender de tentativas de roubo e de assassinios. No mesmo ano, o capitão Dillon, em duas estações que fez, recebeu o mais hospitaleiro acolhimento.

Em março de 1827, o comandante do «Astrolabe», o ilustre Dumont d'Urville, pôde impunemente e sem armas passar algumas noites em terra no meio dos indígenas, trocar presentes e entoar canções, dormir nas cabanas e realizar sem estorvo os seus interessantes trabalhos náuticos, que produziram os belos mapas existentes no Museu da Marinha.

Pelo contrário, no ano seguinte, o brigue inglês «Hawes», comandado por John James, depois de tocar na baía das Ilhas, dirigiu-se para o cabo de Leste, e sofreu bastante por causa da perfídia de um chefe chamado Enararo. Muitos dos seus companheiros padeceram morte horrível.

Destes acontecimentos contraditórios, destas alternativas de brandura e barbárie, deve concluir-se que muitas vezes as crueldades dos zelandeses foram simples represálias. O bom ou mau tratamento provinha muitas vezes de bons ou maus capitães. Houve com certeza alguns ataques sem justificação da parte dos naturais; porém, foram em maior número as vinganças a que os europeus deram motivo, e infelizmente o castigo caiu muitas vezes sobre os que o não mereciam.

Depois de Urville, a etnografia da Nova Zelândia foi completada por um atrevido explorador que muitas e muitas vezes percorreu o mundo inteiro, um nómada, um boémio da

ciência, um inglês chamado Earle. Visitou os pontos desconhecidos das duas ilhas, sem pessoalmente ler que se queixar dos indígenas, mas foi muitas vezes testemunha de cenas de antropofagia. Os habitantes da Nova Zelândia devoravam-se uns aos outros com repugnante sensualidade.

Foi o que também o capitão Laplace verificou em 1831 durante a estação que fez na baía das Ilhas. Por este tempo já os combates eram muito mais temíveis, porque os selvagens manejavam as armas de fogo com admirável precisão. Os países outrora florescentes e povoados de Ika-Na-Maoui transformaram-se em profundas solidões. Haviam desaparecido povoações inteiras, como desaparecem rebanhos de carneiros, assadas e devoradas.

Debalde têm os missionários lutado contra estes instintos sanguinários. Desde 1808 que a Church Missionary Society enviava os seus mais hábeis agentes — é o nome mais próprio — às primeiras estações da ilha setentrional. Porém, a selvajaria dos habitantes obrigou-a a suspender o estabelecimento das missões. Só em 1814 é que Mrs. Marsden, o protetor de Doua-Tara, Hall e King desembarcaram na baía das Ilhas e compraram aos chefes um terreno de duzentas jeiras por doze machados. Foi aí que se estabeleceu a sociedade anglicana.

Encontraram dificuldades ao princípio. Mas, em suma, os indígenas respeitaram a vida dos missionários. Aceitaram-lhes os desvelos e doutrinas. Alguns indígenas ferozes domesticaram-se. Naqueles corações desumanos despertou o sentimento da gratidão. Em 1824, os zelandeses chegaram até a proteger os seus *arikis*, isto é, os reverendos, da selvajaria de alguns marinheiros que os insultavam e ameaçavam com maus tratos.

Com o tempo, pois, as missões prosperaram, apesar da presença dos convictos evadidos de Port-Jackson, que desmoralizavam a população indígena. Em 1831, o «Jornal das Missões Evangélicas» dava notícia de dois estabelecimentos consideráveis, situados, um em Kidi-Kidi, nas margens de um canal que corre para o mar na baía das Ilhas, o outro em Pai-Hia, à beira do rio de Kawa-Kawa. Os indígenas convertidos ao Cristianismo tinham, sob a direção dos *arikis*, aberto comunicações através de florestas imensas, feito estradas, lançado pontes sobre as torrentes. Cada missionário ia por seu turno pregar a religião civilizadora nas tribos distantes, construindo capelas de junco ou de cortiça, escolas para crianças indígenas, e sobre o teto destas modestas construções desenrolava-se a bandeira da missão, com a cruz de Cristo e as seguintes palavras: «Rongo-Pai», isto é, o Evangelho, em língua zelandesa.

Infelizmente, a influência dos missionários não passou além dos seus estabelecimentos. Toda a porção nómada das povoações escapou à sua ação. O canibalismo só acabou entre os cristãos, e ainda assim será bom não expor os conversos a tentações muito fortes. O instinto do sangue

não emudeceu de todo.

Depois, a guerra ainda existe em estado crônico naqueles países selvagens. Os habitantes da Zelândia não são australianos embrutecidos que fogem diante da invasão europeia; resistem, defendem-se, odeiam os invasores, e um ódio inextinguível incita-os neste momento contra os imigrantes ingleses. O futuro destas grandes ilhas depende de um lance de dados. Espera-as uma civilização imediata ou uma barbárie profunda durante muitos séculos, conforme o acaso das armas decidir.

Foi deste modo que Paganel, com o espírito agitado pela impaciência, refez a história da Nova Zelândia. Nenhum incidente desta história autorizava a dar o qualificativo de «continente» àquele país composto de duas ilhas, e se algumas palavras do documento lhe tinham despertado a imaginação, as duas sílabas *contin* obstinadamente o detinham na senda de uma nova interpretação.

Capítulo 3 — As Carnificinas da Nova Zelândia

A 31 de janeiro, quatro dias depois de haver partido, o «Macquarie» não atravessara ainda dois terços do oceano compreendido entre a Austrália e a Nova Zelândia. Will Halley pouco curava das manobras do navio. Deixava correr as coisas. Raras vezes o viam, facto de que ninguém se queixava. Não diriam nada por ele passar o tempo no seu camarote, se não se embebedasse todos os dias com genebra ou aguardente. A marinhagem não punha dúvida em imitá-lo, e nunca houve navio que mais navegasse ao acaso do que o «Macquarie» de Twofold-Bay.

Tão imperdoável desleixo obrigava John Mangles a contínua vigilância. Mais de uma vez Mulrady e Wilson viraram o leme no momento em que alguma guinada ia fazer adornar o barco. Halley intervinha muitas vezes, e maltratava com pragas os dois marinheiros. Mulrady e Wilson, pouco pacientes, só pediam que os deixassem socar o bêbedo e metê-lo no fundo do porão para o resto da viagem. John Mangles continha-os e reprimia, não sem custo, a sua justa indignação.

A situação do navio preocupava-o; mas para não inquietar Glenarvan, só falou nela ao major e a Paganel. Mac-Nabs deu-lhe, em outros termos, o mesmo conselho que lhe deram Mulrady e Wilson.

— Se lhe parece útil esta medida, John — disse Mac-Nabs —, não deve hesitar em tomar o comando, ou, se quiser, a direcção do navio. Depois de nos desembarcar em Auckland, esse beberrão ficará outra vez senhor do barco, e pode metê-lo no fundo se lhe apetecer.

— Tem razão, Sr. Mac-Nabs, e se for absolutamente preciso, seguirei o seu conselho. Enquanto estivermos no mar largo, bastará alguma vigilância; eu e os meus marinheiros não saímos da tolda. Mas quando nos aproximarmos da costa, se Will Halley não tiver recuperado a razão, confesso que me hei de ver muito embaraçado.

— Não podia o senhor dar o rumo? — perguntou Paganel.

— Será difícil — respondeu John Mangles. — Acredita que não há um mapa a bordo?

— É possível?

— É. O «Macquarie» só faz a cabotagem entre Eden e Auckland, e Will Halley está tão costumado a estas paragens que não faz nenhuma observação náutica.

— Então imagina decerto — retorquiu Paganel — que o navio conhece o caminho e se dirige por si.

— Oh! Oh! — prosseguiu John Mangles. — Não acredito nos navios que se dirigem sozinhos, e se Will Halley estiver bêbedo nas proximidades dos ancoradouros, pôr-nos-á em grandes embaraços.

— Alimentemos a esperança — acrescentou Paganel — de que próximo da terra recupere a razão.

— Portanto — perguntou Mac-Nabs —, em caso de precisão o senhor poderia conduzir o «Macquarie» a Auckland?

— Sem um mapa desta porção da costa, será impossível. As suas proximidades são muito perigosas. É uma série de pequenos recifes, irregulares e caprichosos como os recifes da Noruega. Além disso são numerosos e é preciso muita prática para os evitar. Um navio, por muito sólido que fosse, perder-se-ia se a quilha batesse num dos rochedos submergidos a poucos pés da superfície das águas.

— E se assim sucedesse —olveu o major — a tripulação não teria outro recurso senão refugiar-se na costa?

— Nenhum outro, Sr. Mac-Nabs, e esse mesmo se o tempo o permitisse.

— Dura extremidade! — objetou Paganel. — Porque não são hospitaleiras as praias da Nova Zelândia, e corre-se tanto perigo à beira-mar como no interior.

— Fala dos maoris, Sr. Paganel? — perguntou Mangles.

— Sim, meu amigo, a sua reputação está feita no oceano Índico. Não australianos tímidos ou embrutecidos, mas uma raça inteligente e sanguinária, canibais gulosos de carne humana, antropófagos de quem não se pode esperar misericórdia.

— Então — observou o major — se o capitão Grant houvesse naufragado nas costas da Nova Zelândia, não nos aconselharia que lhe procurássemos o rasto?

— Nas costas, sim — respondeu o geógrafo —, porque se poderiam encontrar os vestígios da «Britannia», mas no interior não, porque seria inútil. Todo o europeu que se mete por estes países cai nas mãos dos maoris, e todo o prisioneiro dos maoris está perdido. Instiguei-os, meus amigos, a passarem os Pampas, a atravessarem a Austrália, mas nunca os arrastarei para o interior da Nova Zelândia. Que a mão de Deus nos guie e que Ele não permita que alguma vez caiamos em poder de tão ferozes indígenas!

Os receios de Paganel eram demasiadamente justificados. A Nova Zelândia tem uma fama terrível, e a todos os incidentes que assinalaram a sua descoberta se pode ligar uma data sanguinolenta.

É longa a lista das vítimas inscritas no martirológio dos navegadores. Foi Abel Tasman

quem deu começo com os seus quatro marinheiros, mortos e devorados, aos sangrentos anais do canibalismo. Depois dele, o capitão Tukney e toda a tripulação da sua lancha tiveram a mesma sorte. Para a banda oriental do estreito de Foveaux, cinco pescadores do «Sydney-Cove» encontraram igualmente a morte nos dentes dos indígenas. Devem-se também citar quatro homens da goleta «Brothers», assassinados no porto Molineux, muitos soldados do general Gates e três desertores da «Mathilda», para falarmos por último do nome tão tristemente célebre do capitão Marion Du Frène.

Em 11 de maio de 1772, depois da primeira viagem de Cook, o capitão francês Marion foi ancorar na baía das Ilhas com o seu navio «Mascarin», e o «Castries», comandado pelo capitão Crozet. Os hipócritas da Nova Zelândia dispensaram excelente acolhimento aos recém-chegados. Mostraram-se até tímidos, e foram precisos presentes, favores, uma fraternização quotidiana, demonstrações amigáveis de parte a parte e por muito tempo para os aclimatar a bordo.

O seu chefe, o inteligente Takouri, pertencia, admitindo o que diz Dumont d'Urville, à tribo dos Wangaroa, e era parente do natural traiçoeiramente raptado por Surville, dois anos antes da chegada do capitão Marion.

Num país em que a honra prescreve a todo o maori o dever de alcançar à custa de sangue a satisfação dos ultrajes, Takouri não podia esquecer a injúria feita à sua tribo. Esperou pacientemente a chegada de um navio europeu, cogitou o modo de se vingar e realizou-o com atroz sangue-frio.

Depois de fingir que se arreceava dos franceses, Takouri não se esqueceu de os adormecer em enganadora confiança. Takouri passou muitas vezes a noite com os seus companheiros a bordo dos navios. Traziam peixe escolhido. Acompanhavam-nos também as mulheres e as filhas. Depressa aprenderam os nomes dos oficiais e convidaram-nos a visitar as suas aldeias. Marion e Crozet, seduzidos por tais franquezas, percorreram toda a costa povoada de quatro mil habitantes. Os naturais vinham sair-lhes ao caminho e procuravam inspirar-lhes absoluta confiança.

O capitão Marion, dando fundo na baía das Ilhas, fizera-o na intenção de mudar a mastreação do «Castries», muito danificado pelas últimas tempestades. Explorou o interior das terras, e, a 23 de maio, encontrou uma floresta de cedros magníficos a duas léguas da praia e não longe de uma baía distante uma légua dos navios.

Formou-se ali um estabelecimento, onde dois terços das tripulações, munidas de machados e de outros utensílios, trataram de derribar árvores e de reparar os caminhos que conduziam à

baía. Escolheram-se outros dois postos, um na ilha de Motou-Aro, em meio do porto, para onde se transportaram os doentes da expedição, os ferreiros e os tanoeiros dos navios; o outro sobre o grande território à borda do oceano, a légua e meia dos navios; este último comunicava com o acampamento dos carpinteiros. Em todos estes postos, selvagens vigorosos e serviçais auxiliavam os marinheiros nos diversos trabalhos.

Contudo, o capitão Marion não se abstivera até então de certas medidas que a prudência aconselhava. Os selvagens nunca subiam armados a bordo do navio, e as lanchas só iam a terra com os tripulantes bem fornecidos de armamento. Afinal Marion e os mais desconfiados dos oficiais iludiram-se completamente com os modos dos indígenas, e o comandante ordenou que se desarmassem as embarcações. Contudo, o capitão Crozet quis levar Marion a revogar semelhante ordem. Não o conseguiu.

Então as atenções e a dedicação dos zelandeses redobram.

Chefes e oficiais viviam em perfeita intimidade. Takouri levou muitas vezes o filho a bordo, e deixou-o dormir nos camarotes. A 8 de junho, Marion, por ocasião de uma visita solene que fez a terra, foi reconhecido por grande chefe de todo o país, e quatro penas brancas lhe enfeitaram o cabelo como sinal honorífico.

Trinta e três dias se passaram deste modo depois da chegada dos navios à baía das Ilhas. Os trabalhos da mastreação avançavam; os paióis da água enchiam-se na aguada de Motou-Aro. O capitão Crozet dirigia pessoalmente o posto dos carpinteiros, e nunca se conceberam mais fundadas esperanças de realizar uma empresa com feliz êxito.

No dia 12 de junho, às duas horas, aprontou-se o escaler do comandante para uma projetada pesca junto da aldeia de Takouri. Marion embarcou com os dois jovens oficiais, Vaudricourt e Lehoux, um voluntário, o capitão de infantaria e doze marinheiros. Acompanhavam-no Takouri e mais cinco chefes. Nada fazia prever a espantosa catástrofe que esperava dezasseis europeus dos dezassete que iam.

O escaler largou de bordo, navegou para terra, e dos dois navios bem depressa o perderam de vista.

À noite o capitão não veio dormir a bordo. Ninguém se inquietou com a sua ausência. Supuseram que tinha ido visitar o estaleiro da mastreação e passara lá a noite.

No dia seguinte, segundo o costume, a lancha do «Castries» foi fazer aguada à ilha de Motou-Aro. Voltou a bordo sem incidente.

Às nove horas o marinheiro que fazia sentinela no «Mascarin» avistou um homem quase extenuado, nadando em direção aos navios. Foi em seu socorro um escaler e trouxe-o para

bordo.

Era Turner, um dos homens da lancha do capitão Marion. Estava ferido num lado com duas lançadas, e era o único que voltava dos dezassete homens que na véspera tinham deixado o navio.

Interrogaram-no, e ficaram-se sabendo todas as particularidades do horrível drama.

O escaler do infeliz Marion chegara à aldeia às sete horas da manhã. Os selvagens vieram ter ao encontro dos visitantes com ares festivos. Conduziram às costas os oficiais e marinheiros que não queriam molhar-se ao desembarcar. Em seguida os franceses separaram-se uns dos outros.

Os selvagens, armados de lanças, de maças e de paus, lançaram-se então sobre eles e trucidaram-nos. O marinheiro Turner, ferido com duas lançadas, pôde escapar aos inimigos e ocultar-se no mato. Ali foi testemunha de cenas abomináveis. Os selvagens despiram os mortos, abriram-lhes o ventre, fizeram-nos em pedaços...

Sem ser visto, Turner lançou-se ao mar e foi recolhido, moribundo, pelo escaler do «Mascarin».

Este acontecimento consternou ambas as tripulações. Levantou-se um brado de vingança. Antes, porém, de vingar os mortos, era preciso salvar os vivos. Havia três postos em terra, e rodeavam-nos milhares de selvagens sequiosos de sangue, milhares de canibais com o apetite estimulado.

Na ausência do capitão Crozet, que passara a noite no estaleiro da mastreação, Duclesmeur, primeiro oficial de bordo, tomou as medidas que o caso tornava urgentes. A lancha do «Mascarin» foi mandada a terra com um oficial e um destacamento de soldados. Primeiro que tudo, este oficial devia socorrer os carpinteiros. Partiu, navegou ao longo da costa, viu o escaler do comandante Marion encalhado em terra, e desembarcou.

Ausente de bordo, como já se disse, o capitão Crozet nada sabia da matança, quando, por volta das duas horas, viu aparecer o destacamento. Pressentiu uma desgraça. Saiu-lhe ao caminho e soube a verdade. Proibiu que se dissesse alguma coisa aos seus companheiros, a quem não queria desmoralizar.

Reunidos em bandos, os selvagens ocupavam as alturas. O capitão Crozet mandou remover as principais ferramentas, enterrou as outras, incendiou os telheiros e começou a retirada com sessenta homens.

Os naturais seguiam-nos gritando: «*Takouri mate Marion!*» Esperavam assustar a marinhagem revelando-lhe a morte dos chefes. Os marinheiros, furiosos, quiseram precipitar-se

sobre os miseráveis. O capitão Crozet conteve-os com dificuldade.

Andaram duas léguas. O destacamento chegou à praia e embarcou nas lanchas com os homens do segundo posto. Durante todo este tempo mais de mil selvagens, sentados no chão, não se moveram. Mas quando as lanchas se acharam ao largo, começaram a cair nuvens de pedras sobre a guarnição. Então quatro marinheiros, bons atiradores, mataram sucessivamente todos os chefes, com grande estupefação dos naturais, que não conheciam o efeito das armas de fogo.

O capitão Crozet abordou ao «Mascarin», e expediu logo a lancha à ilha de Motou-Aro. Um destacamento de soldados estabeleceu-se na ilha para aí passar a noite, e os doentes foram transportados para bordo.

No dia seguinte, um segundo destacamento foi reforçar o posto. Era preciso limpar a ilha dos selvagens e continuar a encher os paióis de água. A aldeia de Motou-Aro contava trezentos habitantes. Os franceses atacaram-na. Foram mortos seis chefes, o resto dos naturais foi passado à baioneta, a aldeia incendiada.

Contudo, o «Castries» não podia fazer-se ao mar sem mastros, e Crozet, obrigado a renunciar à floresta de cedros, teve de fazer mastros de samblagem. Os trabalhos de aguada continuaram.

Decorreu um mês. Os selvagens fizeram algumas tentativas para se apoderarem outra vez da ilha Motou-Aro, mas não o conseguiram. Quando as suas pirogas passavam ao alcance da artilharia, despedaçavam-lhas a tiro.

Concluíram-se afinal os trabalhos. Faltava saber se alguma das dezasseis vítimas havia sobrevivido à matança e era preciso vingar as outras. A lancha, conduzindo um numeroso destacamento de soldados e de oficiais, dirigiu-se à aldeia de Takouri. Ao aproximar-se a embarcação, este chefe, pérfido e covarde, fugiu, levando aos ombros o capote do comandante Marion. As cabanas da aldeia foram escrupulosamente revistadas. Na cabana do chefe achou-se o crânio de um homem recentemente cozido. Ainda se viam nele os sinais dos dentes do canibal. Encontrou-se uma coxa humana espetada numa varinha de madeira. Reconheceu-se uma camisa, com o colarinho ensanguentado, que pertencera a Marion, como também se reconheceram as pistolas do jovem Vaudricourt, as armas do escaler e algum fato esfarrapado. Mais adiante, noutra aldeia, acharam-se entranhas humanas limpas e cozidas.

Estas provas irrecusáveis de assassínio e antropofagia foram recolhidas e respeitosamente enterrados os restos humanos; em seguida, as aldeias de Takouri e de Piki-Ore, seu cúmplice, foram incendiadas. No dia 14 de julho de 1772, os dois navios deixaram tão funestas paragens.

Tais foram os pormenores desta catástrofe, cuja lembrança deve estar presente no espírito

de todo o viajante que desembarca nas praias da Nova Zelândia. É imprudente o capitão que não aproveita estes ensinamentos. Os habitantes da Nova Zelândia continuam a ser pérfidos e antropófagos. Cook teve também ocasião de o reconhecer, durante a sua segunda viagem, em 1773.

Efetivamente, a lancha de um dos seus navios, a «Aventura», comandada pelo capitão Furneaux, dirigia a terra a 17 de dezembro, a fim de fazer provisão de ervas silvestres, não tornou a aparecer. Ia tripulada por nove homens e um guarda-marinha. O capitão Furneaux, inquieto, mandou o tenente Burney em procura da embarcação. Chegado ao lugar do desembarque, achou, disse ele, «um quadro de carnificina e de barbaria de que é impossível falar sem horror; as cabeças, as entranhas, os pulmões de muitos dos nossos homens, jaziam espalhados na areia e, não muito longe dali, alguns cães devoravam outros restos do mesmo género».

Para terminar esta lista de sangue, deve-se acrescentar o «Brothers», atacado em 1815 pelos zelandeses, e toda a tripulação do «Boyd», capitão Thompson, morta em 1820. Finalmente, no 1.º de março de 1829, em Walkitaa, o chefe Enararo saqueou o brigue inglês «Hawes», de Sydney; a horda de canibais daquele chefe matou muitos marinheiros, fez cozer os cadáveres e devorou-os.

Tal era o país da Nova Zelândia para o qual corria o «Macquarie», tripulado por uma marinhagem estúpida, sob o comando de um bêbedo.

Capítulo 4 — Os Escolhos

Entretanto, prolongava-se a penosa viagem. A 2 de fevereiro, com seis dias de navegação, o «Macquarie» não avistava ainda as costas de Auckland. E, contudo, o vento era de feição e conservava-se de sudoeste; mas as correntes contrariavam-no e o brigue pouco andava. O mar grosso e cavado fatigava-o; o cavername gemia, e com dificuldade o barco se levantava sobre a vaga. Os ovéns, estais e brandais, pouco tesos, deixavam jogar os mastros, abalados a cada movimento que dava o navio.

Felizmente, Will Halley, como homem com pouca pressa, não fazia força de vela; aliás, toda a mastreação viria abaixo inevitavelmente. John Mangles esperava, pois, que a triste carcaça chegasse ao seu destino sem mais percalço, mas custava-lhe ver os seus companheiros tão mal acomodados a bordo do brigue.

Nem Lady Helena nem Mary Grant se queixavam, apesar de a chuva incessante as obrigar a permanecer debaixo da tolda. Aí, a falta de ar e o balanço do navio incomodavam-nas muito. Por isso, muitas vezes subiam à tolda e arrostavam a inclemência do céu até ao momento em que lufadas insuportáveis as obrigavam a tornar a descer. Recolhiam-se outra vez àquele estreito recinto, mais próprio para acomodar mercadorias do que passageiros, e principalmente senhoras.

Os seus companheiros diligenciavam distraí-las. Paganel procurava matar o tempo contando as suas histórias, mas pouco conseguia. Desnorteados por aquele regresso, os espíritos tinham-se como que desmoralizado. As dissertações do geógrafo sobre os Pampas ou sobre a Austrália tanto interessavam outrora quanto agora eram ouvidas fria e indiferentemente as suas informações e reflexões a respeito da Nova Zelândia. Depois, para estoutro país, de sinistra memória, iam todos sem gosto, sem convicção, não voluntariamente, mas sob a pressão da fatalidade.

De todos os passageiros do «Macquarie» quem mais se devia deplorar era Lord Glenarvan. Poucas vezes o viam na cobertura. Não podia sossegar. A sua natureza nervosa, então excitada, não se resignava a uma prisão entre quatro estreitas anteparas. De dia, até de noite, sem se inquietar com as torrentes de chuva e com as vagas que entravam no navio, permanecia sobre a tolda, ora encostado ao corrimão da borda, ora passeando com agitação febril. Não despregava os olhos do espaço. Nos pequenos intervalos em que o tempo abonçava, percorria-o

obstinadamente com o óculo. Parecia interrogar as mudas ondas. Desejaria rasgar com um gesto o nevoeiro que ocultava o horizonte, os vapores que nele se acumulavam. Não podia resignar-se à sorte, e a sua fisionomia revelava impaciente sofrimento. Era o homem enérgico, até então feliz e poderoso, a quem, por um capricho inesperado do acaso, faltavam de repente poder e felicidade.

John Mangles não o deixava e sofria a seu lado as intempéries do céu. Naquele dia, Glenarvan, quando havia algumas abertas nas nuvens, perscrutava o horizonte cada vez com maior obstinação. John aproximou-se dele e perguntou-lhe:

— Vossa Honra procura a terra?

Glenarvan fez um sinal negativo com a cabeça.

O capitão prosseguiu:

— Já deve achar demorada a viagem. Há trinta e seis horas que devíamos ter avistado os faróis de Auckland.

Glenarvan não respondeu. Continuava a olhar, e durante um minuto conservou o óculo assestado para o horizonte.

— A terra não fica deste lado — advertiu John Mangles. — Vossa Honra deve olhar antes para estibordo.

— Porquê, John? Não é a terra que eu procuro!

— O que procura, milord?

— O meu iate! O meu «Duncan»! — respondeu Glenarvan, encolerizado. — Deve andar aqui, nestas paragens, sulcando estes mares, fazendo o sinistro officio de pirata! Anda aqui, digo-te eu, John, nesta carreira, entre a Austrália e a Nova Zelândia! Tenho o pressentimento de que o encontraremos!

— Deus nos livre de semelhante encontro, milord!

— Porquê, John?

— Vossa Honra esquece a nossa situação! O que havíamos de fazer neste brigue se o «Duncan» lhe desse caça? Nem poderíamos fugir!

— Fugir, John?

— Sim, milord! Debalde o tentaríamos! Seríamos apanhados, entregues à mercê desses miseráveis, e Ben-Joyce mostrou que não recuaria diante de um crime. Pouco me importaria a vida! Defender-nos-íamos até à morte! Bem! Mas depois? Pense em Lady Glenarvan, milord, pense em Mary Grant!

— Pobres senhoras! — murmurou Glenarvan. — John, tenho o coração despedaçado e sinto

por vezes o desespero apossar-se de mim. Parece-me que me esperam novas catástrofes e que o céu se declarou contra nós! Tenho medo!

— Milord, tem medo?

— Não por mim, John, mas por aqueles a quem amo, por aqueles a quem tu amas também!

— Sossegue, milord — retorquiu o jovem capitão. — O «Macquarie» caminha mal, mas sempre caminha. Will Halley é uma criatura embrutecida, mas eu estou aqui, e, se me parecerem perigosas as proximidades da terra, reconduzirei o navio para o largo. Por este lado não há, pois, perigo nenhum. Quanto, porém, a vermo-nos próximos do «Duncan», Deus nos livre de tal, e se Vossa Honra procura avistá-lo, que seja com o fim de o evitar, que seja para fugir dele!

John Mangles tinha razão. O encontro do «Duncan» seria funesto ao «Macquarie». Ora, semelhante encontro era muito de recear naqueles mares, pouco vastos, que os piratas podiam infestar a seu salvo. Contudo, pelo menos naquele dia, o iate não apareceu, e chegou a sexta noite, depois de partirem de Twofold-Bay, sem se realizarem os receios de John Mangles.

Aquela noite, porém, tinha de ser terrível. Por volta «las sete horas a escuridão invadiu o mar quase subitamente. O céu estava muito ameaçador. O instinto do marinheiro, superior ao embrutecimento do bêbedo, operou em Will Halley. Saiu do camarote esfregando os olhos, abanando o carão avermelhado. Depois, aspirou uma grande porção de ar, como qualquer poderia beber um copázio de água para tornar a si, e examinou a mastreação.

Refrescava o vento e, rodando uma quarta para o norte, impelia o barco na direção da costa zelandesa.

Will Halley chamou a sua gente com grande número de pragas, fez carregar os joanetes e largar o pano destinado para a navegação da noite. John Mangles aprovou o que ele fazia sem dizer nada. Desistira de conversar com aquele grosseiro marujo. Mas nem ele nem Glenarvan deixaram a tolda. Duas horas depois levantou-se vento rijo. Will Halley mandou pôr as gáveas nos terceiros. A manobra seria pesada para cinco homens, se o «Macquarie» não tivesse uma verga de sobresselente do sistema americano. Bastava amainar a verga superior para a gávea ficar reduzida às suas menores dimensões.

Passaram-se duas horas. A vaga engrossava. O «Macquarie» experimentava no fundo sacudiduras capazes de fazerem crer que tocava com a quilha nas rochas. Não sucedia assim, mas o pesado casco elevava-se com dificuldade sobre a vaga. Daí provinha entrar-lhe muita água. A canoa, suspensa dos turcos de bombordo, foi levada por um golpe de mar.

John Mangles não deixou de se sentir inquieto. Qualquer outro barco zombaria de vagas tão pouco temíveis, mas, com um navio tão pesado, era de recear o ir a pique, porque a tolda

enchia-se de água a cada balanço, e o mar, não achando rápida vazão nos embornais, podia submergir o navio. Por medida de precaução, seria prudente quebrar os pavese a machado, a fim de facilitar a saída das águas, mas Will Halley recusou tomar essa cautela.

Demais, um perigo maior ameaçava o «Macquarie», e decerto já não era tempo de o evitar.

Pelas onze horas e meia, John Mangles e Wilson, que estavam à borda do navio, a sotavento, ouviram um ruído insólito. O seu instinto de homens do mar despertou. John agarrou na mão do marinheiro e disse:

— A ressaca!

— Sim, a ressaca — confirmou Wilson. — A vaga quebra-se de encontro aos escolhos.

— A duas braças o muito?

— O muito! A terra está próxima!

John debruçou-se sobre as trincheiras, observou as sombrias ondas e exclamou:

— A sonda! Wilson, a sonda!

O mestre do navio, postado à proa, não parecia suspeitar qual fosse a sua triste posição. Wilson lançou mão da sonda metida na funda, e correu para as mesas do traquete. Lançou a sonda; a corda deslizou-lhe por entre os dedos. Ao terceiro nó, o chumbo parou.

— Três braças! — bradou Wilson.

— Capitão — avisou John, correndo para Halley — estamos sobre os escolhos.

Se viu ou não Halley encolher os ombros, pouco importa. Precipitou-se sobre o leme, virou-o, enquanto Wilson, largando a sonda, alou braços da gávea grande para fazer orçar o navio. O homem que estava ao leme, vigorosamente repellido, não compreendera aquele súbito ataque.

— Braccia a barlavento! Larga! Larga! — gritava o jovem capitão, manobrando de modo que se afastasse dos recifes.

Durante meio minuto, o costado de estibordo do brigue correu ao longo dos recifes, e, apesar da escuridão da noite, John percebeu uma linha mugidora, que alvejava na superfície das águas, a quatro braças de distância do navio.

Will Halley, conhecendo então o iminente perigo, perdeu a cabeça. Os marinheiros, a quem a embriaguez mal começava a passar, não podiam compreender as suas ordens. Demais, a incoerência das palavras, a contradição das vozes de comando, mostravam que o sangue-frio faltava àquele estúpido beberrão. Apanhava-o de surpresa a proximidade da terra, que lhe ficava a oito milhas a sotavento, quando a supunha à distância de trinta ou quarenta. As correntes tinham-no afastado do seu rumo habitual e apanhado desprevenido o miserável rotineiro.

Entretanto, a rápida manobra de John Mangles acabava de arredar o «Macquarie» dos escolhos. John ignorava, porém, a sua posição. Podia muito bem suceder que se achasse em meio de um cinto de recifes. O vento soprava na direção de leste, e a cada movimento da arfagem o navio podia tocar nos escolhos.

Dali a nada aumentava o ruído da ressaca pela proa, a estibordo. Foi preciso orçar novamente. Os recifes multiplicavam-se debaixo da roda de proa do brigue, e foi necessário tornar a bracear para o barco se fazer outra vez ao largo. Esta manobra seria bem sucedida com um barco mal equilibrado e com um velame reduzido? Era incerto, mas convinha tentar.

— Vira o leme todo a sotavento, Wilson! — gritou John Mangles.

O «Macquarie» começou a aproximar-se de nova linha de recifes. Não tardou que o mar espumasse por efeito do choque dos rochedos submergidos.

Foi um inexprimível momento de angústia. A espuma tornava as ondas luminosas. Dir-se-ia que um fenómeno de fosforescência as iluminava subitamente. O mar uivava, com se possuísse a voz dos escolhos antigos animados pela mitologia pagã. Wilson e Mulrady, curvados sobre a roda do leme, carregavam nele com todo o seu peso. O leme tocava num lado do navio.

De repente, deu-se um choque. O «Macquarie» batera numa rocha. Os patarrases do gurupés quebraram e comprometeram a estabilidade do mastro de traquete. Acabar-se-ia de virar de bordo sem outra avaria?

Não, porque houve de repente um momento de calma e o navio voltou a sotavento. A sua manobra foi suspensa de súbito. Uma grande vaga apanhou-o em cheio, impeliu-o mais para os recifes e o navio caiu sobre eles com violência extrema. O traquete veio abaixo com todo o massame. O brigue deu duas culapadas e ficou imóvel, adernando a estibordo com uma inclinação de trinta graus.

Os vidros da escotilha voaram em pedaços. Os passageiros subiram precipitadamente para a tolda. Mas as vagas varriam-na de uma extremidade à outra, e eles não podiam ali permanecer sem perigo. John Mangles, conhecendo que o navio estava solidamente enterrado na areia, pediu-lhes que se tornassem a recolher.

— A verdade, John? — perguntou friamente Glenarvan.

— A verdade, milord — respondeu John Mangles —, é que não iremos a pique. Quanto a ser o navio demolido pelas vagas, é outra questão, mas temos tempo para ver o que se há de fazer.

— É meia-noite?

— Sim, milord, e convém esperar que amanheça.

— Não se pode deitar o escaler ao mar?

— Com o mar assim e com esta escuridão, torna-se impossível! E, depois, em que ponto da terra deveríamos ir desembarcar?

— Bem, John, nesse caso fiquemos aqui até ao romper do dia.

Will Halley corria como doido pela tolda. Os marinheiros, tornando a si da sua estupefação, arrombaram um barril de aguardente e puseram-se a beber. John previu que a sua embriaguez ia bem depressa ocasionar terríveis cenas.

Não podiam contar com o capitão para os reprimir. O miserável arrancava os cabelos e torcia os braços. Só pensava na carregação, que não estava segura.

— Eis-me arruinado! Perdido! — gritava ele, correndo de uma a outra borda.

John Mangles não se lembrava sequer de o consolar. Fez armar os seus companheiros, e todos se dispuseram a repelir os marinheiros, que se fartavam de aguardente, proferindo espantosas blasfêmias.

— O primeiro destes miseráveis que se aproximar — declarou tranquilamente o major — mato-o como a um cão.

Os marinheiros viram decerto que os companheiros estavam resolvidos a contê-los em respeito, porque, depois de algumas tentativas de pilhagem, desapareceram.

John Mangles não se ocupou mais dos bêbedos e esperou impacientemente o dia.

O navio estava então absolutamente imóvel. O mar sossegava pouco a pouco. Amainava o vento. O casco podia portanto resistir algumas horas. Ao romper do dia, John examinaria a terra. Se apresentasse um ancoradouro fácil, o «youyou», agora a única embarcação de bordo, serviria para o transporte da tripulação e dos passageiros. Seriam precisas três viagens pelo menos, porque só havia lugar para quatro pessoas. Quanto ao escaler, viram que tinha sido levado por um golpe de mar.

Apoiado na claraboia da escotilha, John Mangles, ao mesmo tempo que escutava o ruído da ressaca, refletia nos perigos da situação atual. Diligenciava ver na profunda escuridão. Perguntava a si mesmo a que distância se achava a terra ao mesmo tempo desejada e temida. Os recifes estendem-se muitas vezes a milhas e milhas da costa. A frágil embarcação poderia resistir a uma viagem um pouco longa?

Enquanto John assim pensava, pedindo uma pouca de luz ao céu tenebroso, as passageiras, confiadas na sua palavra, dormiam nos seus catres. A imobilidade do brigue assegurava-lhes, pelo menos, algumas horas de tranquilidade. Glenarvan, John e os seus companheiros, não ouvindo já os brados da tripulação no auge da embriaguez, recuperavam as forças com um breve

repouso, e pela uma hora da noite profundo silêncio reinava a bordo daquele brigue, também adormecido no seu leito de areias.

Próximo das quatro horas apareceram os primeiros alvares do dia no horizonte oriental. As nuvens começaram a tingir-se levemente com os pálidos cambiantes da alvorada. O mar estava ainda um pouco picado, e as ondas do largo perdiam-se em meio de nuvens espessas e imóveis.

John esperou. A luz foi aumentando em intensidade e o horizonte listrou-se de tons avermelhados. Sobre a vasta decoração do fundo foi-se erguendo lentamente a cortina do cenário. Os negros recifes principiaram a deitar os picos fora da água. Em seguida, sobre um listrão de espuma, desenhou-se uma linha e um ponto luminoso acendeu-se como um farol no cume de agudo morro projetado sobre o disco ainda invisível do sol nascente. Estava além a terra, a menos de nove milhas.

— A terra! — exclamou John Mangles.

Os seus companheiros, despertando à voz do capitão, subiram à tolda e contemplaram em silêncio a costa que se delineava no horizonte. Funesta ou hospitaleira, devia ser o seu lugar de refúgio.

— Onde está Will Halley? — perguntou Glenarvan.

— Não sei, milord — respondeu John Mangles.

— E os seus marinheiros?

— Desapareceram também como ele.

— E, como ele, estavam também a cair de bêbedos — acrescentou Mac-Nabs.

— Procurem-nos — recomendou Glenarvan —, não os podemos deixar abandonados neste navio.

Mulrady e Wilson desceram ao alojamento do castelo de proa e passados dois minutos voltaram. O alojamento estava vazio. Visitaram todo o brigue até ao fundo do porão. Não acharam nem Will Halley nem os seus marinheiros.

— O quê? Ninguém? — estranhou Glenarvan.

— Cairiam ao mar? — perguntou Paganel.

— Tudo é possível — observou John Mangles, muito preocupado com aquela desapareição.

Em seguida, dirigindo-se à popa, ordenou:

— Para a embarcação!

Wilson e Mulrady seguiram-no para deitar o «youyou» ao mar.

O «youyou» desaparecera.

Capítulo 5 — Os Marinheiros Improvisados

Will Halley e a sua tripulação, aproveitando a noite e o sono dos passageiros, tinham fugido na única embarcação do brigue. Não podia haver a menor dúvida a tal respeito. O capitão, a quem o dever obrigava a estar a bordo até ao desenlace da catástrofe, fora o primeiro a abandonar o navio.

— Os velhacos fugiram — disse John Mangles. — Pois tanto melhor, milord, poupam-nos algumas cenas desagradáveis!

— Também me parece — redarguiu Glenarvan —; demais, há, em todo o caso, um capitão a bordo, John, e marinheiros corajosos, embora não sejam hábeis, isto é, os teus companheiros. Comanda, estamos prontos a obedecer-te.

O major, Paganel, Roberto, Wilson, Mulrady e o próprio Olbinett aplaudiram as palavras de Glenarvan, e, enfileirados sobre a tolda, puseram-se à disposição de John Mangles.

— O que é preciso fazer? — perguntou Glenarvan.

O moço capitão percorreu o mar com a vista, observou a mastreação incompleta do brigue e disse após alguns instantes de reflexão:

— Temos dois meios de nos tirarmos desta situação: desenrascar o barco e fazermo-nos ao mar, ou alcançar a costa numa jangada que será fácil de construir.

— Se podemos desenrascar o navio, desenrasquemo-lo — disse Glenarvan. — É a melhor resolução que se pode tomar, não é verdade?

— Evitemos a costa — recomendou Paganel. — Devemos temer-nos da Nova Zelândia.

— Tanto mais que descaímos muito — explicou John. — A incúria de Halley arremessou-nos para o sul, não há dúvida. Ao meio-dia farei o ponto, e se, como desconfio, estivermos para cá de Auckland, subiremos ao longo da costa.

— Mas as avarias do brigue? — perguntou Lady Helena.

— Não as julgo muito graves, milady — respondeu John Mangles. — Mandarei armar à proa uma guindola para substituir o traquete, e havemos de caminhar (lentamente, é verdade), mas iremos aonde queremos ir. Se, por desgraça, o casco está arrombado, ou não pode ser posto a nado, teremos de nos resignar a alcançar a costa e seguir por terra o caminho de Auckland.

— Vejamos, pois, o estado do navio; é o que importa mais — disse o major.

Glenarvan, John e Mulrady abriram a escotilha grande e desceram ao porão. Cerca de

duzentas toneladas de peles curtidas aí se achavam mal arrumadas. Puderam sem grande custo tirá-las do seu lugar por meio de talhas engatadas no estai da balança sobre a escotilha grande. John fez deitar ao mar uma parte dos fardos para aliviar o navio.

Depois de três horas de um trabalho rude, pôde-se examinar o fundo do brigue. A bombordo, na altura das precintas, havia duas costuras abertas. Ora, como o «Macquarie» adornava a estibordo, o lado oposto saía fora de água, e as costuras danificadas estavam à vista. A água não podia entrar. Wilson tratou logo de consertar as costuras com estopa e uma folha de cobre cuidadosamente pregada.

Feita a sondagem, não se acharam dois pés de água no porão. As bombas deviam facilmente esgotar a água e alijar o navio na proporção do líquido tirado.

Examinado o casco, John reconheceu que pouco sofrera com o sinistro. Era provável que parte da quilha falsa ficaria enrascada na areia, mas podia-se passar sem isso.

Depois de visitar o interior do navio, Wilson mergulhou a fim de determinar a sua posição sobre o baixo.

O «Macquarie», com a proa para nor-noroeste, dera num banco de areia lodosa, em volta do qual o mar tinha muito fundo. A extremidade inferior da roda de proa e cerca de dois terços da quilha estavam profundamente metidos na areia. A outra parte, até ao cadaste, flutuava numa água cuja altura atingia cinco braças. O leme não se enrascara, pois, e funcionava livremente. John julgou inútil aliviá-lo. Vantagem real, porque poderiam servir-se dele no primeiro momento de necessidade.

As marés não são muito vivas no Pacífico. Contudo, John Mangles contava com a chegada da preia-mar para safar o «Macquarie». O brigue tocara no banco quase uma hora antes da preia-mar. Desde que a vazante se fizera sentir, a sua inclinação para estibordo tornara-se cada vez mais sensível. Às seis horas, na baixa-mar, chegava ao seu máximo de inclinação, e pareceu desnecessário especar o navio. Deste modo puderam-se conservar a bordo as vergas e os outros destroços causados pelo sinistro, com os quais John tencionava arranjar um mastro para a proa.

Faltava tomar disposições para pôr o navio a nado. Longo e penoso trabalho havia de ser. Era evidentemente impossível estar tudo preparado para isso na preia-mar do meio-dia e um quarto. Ver-se-ia apenas como o brigue se comportava, em parte descarregado, sob a ação da enchente, e na maré seguinte far-se-ia o esforço final.

— Mãos à obra! — ordenou John Mangles.

Os improvisados marinheiros estavam às suas ordens.

Em primeiro lugar, John fez ferrar as velas que tinham ficado nas carregadeiras. O major,

Roberto e Paganel, dirigidos por Wilson, subiram à gávea grande. A vela, tendida pelo vento, estorvaria os esforços para desenrascar o navio. Era preciso ferrá-la, o que se fez conforme foi possível. Depois de um trabalho constante e árduo para mãos que não estavam a ele habituadas, o mastaréu de joanete grande foi arriado. O jovem Roberto, ágil como um gato, arrojado como um grumete, foi quem prestou maiores serviços durante tão difícil operação.

Tratava-se agora de espiar um ferro, talvez dois, à popa do navio e na direção da quilha. O esforço de tração devia exceder-se sobre as âncoras para erguer o «Macquarie» na enchente. É operação que não apresenta dificuldade alguma, quando se dispõe de uma embarcação; pega-se num ancorote e lança-se num ponto conveniente, que de antemão se reconheceu. Mas aqui faltava a embarcação e era preciso substituí-la de algum modo.

Glenarvan tinha suficiente prática do mar para compreender a necessidade de tais operações. Havia que lançar uma âncora para desenrascar o navio na vazante.

— Mas sem uma canoa, que fazer? — perguntou a John Mangles.

— Servir-nos-emos dos restos do mastro do traquete e de barricas vazias — respondeu o capitão. — A operação será difícil, mas não impossível, porque as âncoras do «Macquarie» são de pequenas dimensões. Uma vez no fundo, se não garrarem, espero ser bem sucedido.

— Bem, não percamos tempo, John.

Todos, marinheiros e passageiros, foram chamados acima. Tomaram todos parte na tarefa. Quebrou-se a machado o massame que ainda segurava o mastro de traquete. O mastro-real, na queda, partira-se pelo calcês, de modo que o mastaréu da gávea facilmente pôde ser tirado. John Mangles destinava esta plataforma para uma jangada. Sustentou-a por meio de barricas vazias, e tornou-a capaz de transportar as suas âncoras. Arranjou-lhe uma espécie de leme, que permitia governar o aparelho. Demais, a vazante devia-o fazer abater precisamente para a popa do brigue; depois, quando as âncoras estivessem no fundo, seria fácil voltar para bordo, fazendo força com o cabo que amarrasse a jangada ao navio.

Quando o sol se aproximou do meridiano, estava quase concluído este trabalho. John Mangles deixou Glenarvan continuar as operações começadas e ocupou-se em determinar a sua posição. Esta determinação era muito importante. Por fortuna, John achara na câmara de Will Halley, junto com um anuário do Observatório de Greenwich, um sextante muito enxovalhado, mas suficiente para obter o ponto. Limpou-o e trouxe-o para a tolda.

Este instrumento, por meio de uma série de espelhos móveis, traz o sol para o horizonte no momento em que é meio-dia, isto é, quando o sol atinge o ponto mais elevado da sua carreira. Compreende-se, pois, que para operar é preciso pôr a mira num horizonte verdadeiro, no que é

formado pelo mar e pelo céu no ponto em que se confundem. Ora, precisamente, a terra alongava-se num vasto promontório ao norte e, interpondo-se entre o espectador e o horizonte verdadeiro, tornava a observação impossível.

Nos casos em que o horizonte falta, é este substituído por um horizonte artificial. Serve ordinariamente para o caso uma vasilha de fundo chato, cheia de mercúrio, por cima da qual se opera. Deste modo o mercúrio apresenta por si mesmo um espelho perfeitamente horizontal.

John não tinha mercúrio a bordo, mas remediou em parte a dificuldade, servindo-se de uma selha cheia de alcatrão líquido, cuja superfície refletia muito sofrivelmente a imagem do sol.

Como estava na costa ocidental da Nova Zelândia, conhecia já a longitude, o que era uma fortuna, pois que sem cronómetro não poderia calculá-la. Só a latitude lhe faltava, e tratou de a obter.

Por meio do sextante tomou a altura meridiana do sol acima do horizonte. Achou 68° e $50'$. A distância do sol ao zénite era pois de 21° e $30'$, pois estes dois números somados dão 90 graus. Ora, como pelo anuário, naquele dia, 3 de fevereiro, a declinação era de 16° e $30'$, juntando-a à distância zenital de 21° e $30'$, obtinha-se uma latitude de 38 graus.

A situação do «Macquarie» determinou-se, portanto, do seguinte modo: longitude 171° e $13'$, latitude 38 graus, salvo alguns erros insignificantes, produzidos pela imperfeição dos instrumentos e que não se podiam tomar em conta.

Consultando a carta de Johnston, comprada por Paganel em Eden, John Mangles viu que o naufrágio sucedera na altura da baía de Aotea, acima da ponta Cahua, junto às margens da província de Auckland. Estando a cidade de Auckland situada no paralelo trinta e sete, o «Macquarie» derivara um grau para o sul. Tinha, pois, de subir um grau para alcançar a capital da Nova Zelândia.

— Portanto — observou Glenarvan —, um trajeto de vinte milhas o muito. Não é nada.

— O que não é nada no mar será demorado e penoso em terra — advertiu Paganel.

— Por isso — ponderou John Mangles — faremos tudo quanto é humanamente possível para pôr o «Macquarie» a navegar.

Feito o ponto, continuaram as operações. Um quarto de hora depois do meio-dia era maré cheia. John não a pôde aproveitar porque ainda não lançara as âncoras ao mar. Mas nem por isso deixou de observar o «Macquarie» com alguma ansiedade. Sob a ação da maré, flutuaria o brigue? Em cinco minutos se decidiria a questão.

Esperavam. Ouviram-se alguns estalos; eram produzidos, se não por um deslocamento, ao menos por um estremeção da carena. John concebeu boas esperanças para a maré seguinte, mas

em todo o caso o barco não se moveu.

Continuaram os trabalhos. Às duas horas estava pronta a jangada. Embarcaram nela o ancorote. John e Wilson acompanharam-no, depois de haverem amarrado uma espia na popa do navio. A vazante fê-los descair, e deitaram ferro à distância de uma amarra com dez braças de água. O fundo ofereceu boa pega, e a jangada voltou a bordo.

Faltava a âncora principal. Arriaram-na não sem dificuldades. A jangada recomeçou a operação, e daí a nada a segunda âncora era lançada atrás da outra, num fundo de quinze braças. Depois, John Mangles e Wilson voltaram para o «Macquarie».

A espia e o cabo foram gornidos no bolinete, e esperou-se pela próxima enchente, que devia começar às seis horas da tarde.

John Mangles cumprimentou os marinheiros e disse a Paganel que, se a coragem e o bom comportamento o ajudassem, poderia um dia vir a ser cabo de marinheiros.

Mr. Olbinett, depois de auxiliar as diversas manobras, voltara para a cozinha. Preparara uma refeição reconfortante, que vinha a propósito. Um valente apetite apertava a tripulação. Depois de completamente o satisfazerem, todos sentiram restauradas as forças para trabalhos ulteriores.

Depois do jantar, John Mangles tomou as últimas precauções que deviam assegurar o êxito da operação. Quando se trata de pôr um navio a nado, não se deve desprezar coisa alguma. Às vezes malogra-se a empresa por falha de algumas linhas no alijamento, e a quilha enrascada não se safa do seu leito de areia.

John Mangles fizera deitar ao mar uma grande parte das mercadorias, a fim de aliviar o navio, mas o resto dos fardos, os pesados destroços, as vergas sobresselentes, algumas toneladas de ferro que serviam de lastro, tudo foi transportado para a popa, para com o seu peso fazer com que a roda de proa mais facilmente se safasse. Wilson e Mulrady para ali transportaram também algumas barricas cheias de água, a fim de levantarem a frente do navio.

Dava meia-noite quando se concluíram os últimos trabalhos. A tripulação estava extenuada, circunstância muito lamentável no momento em que não seriam de mais todas as suas forças para virar o bolinete, o que fez com que John Mangles tomasse nova resolução.

A brisa amainava. O vento mal encrespava a superfície das ondas. John Mangles, observando então o horizonte, notou que o vento tendia a rondar do sudoeste para o noroeste. Um marinheiro não se podia enganar com a disposição particular e a cor das nuvens. Wilson e Mulrady eram da mesma opinião do seu superior. John Mangles fez saber a Glenarvan o resultado das suas observações e propôs-lhe que adiasse para o dia seguinte a operação de pôr

o navio a nado.

— E as minhas razões são estas — expôs ele. — Em primeiro lugar estamos muito fatigados, e todas as nossas forças são precisas para safarmos o navio. Depois, desenrascado o barco, como o havemos de conduzir por entre os perigosos escolhos e no meio de uma profunda escuridão? Mais vale trabalhar com dia claro. Depois, uma outra razão me leva ao adiamento. O vento promete ajudar-nos, e eu desejo aproveitá-lo; quero que o vento faça deslizar este xaveco quando o mar o puser a nado. Amanhã, se não me engano, soprará brisa de noroeste. Poremos todo o pano do mastro grande, e esse pano há de concorrer para levantar o brigue.

Eram concludentes tais razões. Glenarvan e Paganel, os impacientes de bordo, deram-se por convencidos, e a operação foi adiada para o dia seguinte.

A noite correu bem. Um quarto fora destinado para se vigiarem principalmente as âncoras.

Amanheceu. Realizavam-se as previsões de John Mangles. Soprava uma brisa de nor-noroeste, que prometia refrescar. Era um aumento de força muito vantajoso. Foi pedido o auxílio da tripulação. Roberto, Wilson e Mulrady no alto do mastro grande, e o major, Glenarvan e Paganel sobre a tolda dispuseram as manobras de maneira que se largassem as velas no momento preciso. A verga da gávea grande foi içada, a vela grande e o velacho ficaram nas suas carregadeiras.

Eram nove horas da manhã. Até à preia-mar iam ainda quatro horas. Não foram perdidas. John empregou-as em armar a sua guindola à proa do brigue, a fim de substituir o mastro de traquete. Poderia assim afastar-se daquelas perigosas paragens, desde que o navio fosse posto a nado. Os marinheiros empregaram novos esforços, e antes do meio-dia a verga do traquete estava solidamente colocada à maneira de mastro. Lady Helena e Mary Grant tornaram-se muito úteis, e carregaram uma vela de sobresselente na verga do joanete de proa. Para elas era uma alegria empregarem-se na salvação comum. Terminado este aparelho, se o «Macquarie» deixava a desejar sob o ponto de vista da elegância, podia ao menos navegar, com a condição de não se afastar muito da costa.

A maré enchia. O mar estava picado. As cristas dos escolhos iam pouco a pouco desaparecendo, como animais marinhos que se recolhem no seu líquido elemento. Aproximava-se a hora de tentar a grande operação. Uma impaciência febril conservava os espíritos num estado de sobre-excitação. Ninguém falava. Olhavam todos para John, esperando uma ordem sua.

John Mangles, debruçado do corrimão do castelo da popa, observava a maré. Deitava um olhar inquieto para os cabos muito esticados.

À uma hora o mar atingira a maior força da enchente. Chegara o momento em que a maré já não sobe e ainda não principia a baixar. Era preciso operar sem demora. Largaram a vela grande e o velacho, que, impelidos pelo vento, panejaram.

— Ao bolinete! — bradou John Mangles.

Era um bolinete munido de braços como as bombas de incêndio. Glenarvan, Mulrady e Roberto de um lado, Paganel, o major e Olbinett do outro, carregaram sobre as balanças, que comunicavam movimento ao aparelho.

— Força! Força! — gritou o moço capitão. — E tudo à uma!

O cabo e a espia esticaram sob a potente ação do bolinete. As âncoras ficaram firmes e não garraram.

Era preciso conseguir prontamente o que se queria. A preia-mar só dura alguns instantes. O nível da água não devia tardar a baixar.

Redobraram os esforços. O vento soprava com violência e fazia bater fortemente o pano de encontro ao mastro. Sentiram-se alguns estremecimentos no casco. O brigue pareceu que se ia levantar. Talvez bastasse mais um braço para o arrancar ao banco de areia.

— Helena! Mary! — gritou Glenarvan.

As duas jovens vieram juntar os seus esforços aos dos companheiros. Ouviu-se um último estalido do linguete.

Mas foi tudo. O brigue não se moveu. A operação falhara. A vazante começava, e tornou-se evidente que, mesmo com a ajuda do vento e da maré, aquela tão limitada tripulação não poderia pôr o navio a nado.

Capítulo 6 — Em Que o Canibalismo é Tratado Teoricamente

Falhou o primeiro meio de salvação tentado por John Mangles. Era preciso recorrer ao segundo sem demora. Tornava-se evidente que não se podia desencalhar o «Macquarie» e não menos evidente que o único recurso que restava era não abandonar o navio. Esperar a bordo socorros problemáticos seria imprudência e loucura. Antes da chegada providencial de um navio ao teatro do naufrágio, o «Macquarie» ficaria feito em pedaços! A primeira tempestade que sobreviesse, ou apenas algumas lufadas que soprassem do largo e picassem um pouco o mar, arremessariam o navio sobre as areias, despedaçá-lo-iam, espalhando-lhe os destroços. Antes da inevitável destruição, John queria alcançar a terra.

Propôs por isso a construção de uma jangada com solidez capaz de transportar os passageiros e suficiente quantidade de víveres para a costa zelandesa.

Não se devia perder tempo em discussões, mas pôr mãos à obra. Deu-se início aos trabalhos. Quando a noite veio interrompê-los já muito estava feito.

Pelas oito horas da noite, depois da ceia, enquanto Lady Helena e Mary Grant repousavam, Paganel e os seus amigos, passeando pela tolda, trataram de graves questões. Roberto não quisera sair do pé deles. O bom do moço, pronto para qualquer serviço, para qualquer empresa arriscada, era todo ouvidos.

Paganel perguntara a John Mangles se a jangada não poderia seguir pela costa até Auckland, em vez de desembarcar os passageiros em terra.

John respondeu que era impossível essa navegação com tão defeituoso aparelho.

— E o que não podemos empreender com uma jangada — inquiriu Paganel — poder-se-ia fazer com a canoa do brigue?

— Em rigor podia-se — respondeu John Mangles —, mas com a condição de navegar de dia e fundear de noite.

— Portanto, esses miseráveis que nos abandonaram..

— Oh! Esses — retorquiu John Mangles — estavam embriagados; com uma escuridão destas, receio bem que pagassem com a vida tão cobarde abandono.

— Tanto pior para eles, e para nós também, pois a canoa ser-nos-ia bastante útil.

— O que quer, Paganel — disse Glenarvan. — A jangada nos levará para terra.

— É isso mesmo o que eu queria evitar — replicou o geógrafo.

— O quê! Pois uma viagem de vinte milhas, o muito, depois do que fizemos nos Pampas e através da Austrália, pode acaso assustar quem está acostumado às fadigas?

— Meus amigos — replicou Paganel —, não ponho em dúvida nem a nossa coragem nem o valor dos nossos companheiros. Vinte milhas! Em qualquer outro país, que não seja a Zelândia, não é nada. Não me têm na conta de pusilânime. Fui eu o primeiro a arrastá-los através da América e da Austrália. Mas, aqui, nada é tão mau como arriscarmo-nos a atravessar este pérfido país.

— Pois eu digo que o pior de tudo será arriscarmo-nos a perda certa sobre um navio encalhado — redarguiu John Mangles.

— O que temos tanto a recear na Nova Zelândia? — perguntou Glenarvan.

— Os selvagens — respondeu Paganel.

— Os selvagens! — replicou Glenarvan. — Não podemos evitá-los navegando costa à costa? Depois, o ataque de alguns miseráveis não pode preocupar dez europeus bem armados e resolvidos a defenderem-se.

— Não se trata de miseráveis — retorquiu Paganel, abanando a cabeça. — Os zelandeses formam tribos terríveis que lutam contra o domínio inglês, que se batem contra os invasores, que os vencem muitas vezes, que os comem sempre!

— Canibais! — exclamou Roberto. — Canibais!

Em seguida ouviram-no murmurar com terror as seguintes palavras:

— Minha irmã! Milady!

— Não tenhas medo, meu filho — disse-lhe Glenarvan para o tranquilizar. — O nosso amigo Paganel exagera!

— Não exagero — declarou Paganel. — Roberto mostrou que era um homem, e como homem o trato, não lhe ocultando a verdade. Os zelandeses são os mais gulosos dos antropófagos. Devoram tudo o que apanham ao alcance do dente. Para eles a guerra é apenas uma caçada à saborosa veação chamada homem e, devemos confessá-lo, é a única com lógica. Os europeus matam os inimigos e enterram-nos. Os selvagens matam os inimigos e comem-nos, e, como muito bem disse o meu compatriota Toussenet, o mal não está tanto em assar o inimigo depois de morto como em matá-lo quando ele não quer morrer.

— Paganel — observou o major —, temos assunto para discussão, mas não é ocasião oportuna para discutir. Que seja ou não lógico comer gente, nós, em todo o caso, não queremos ser comidos. Mas como é que o Cristianismo não pôde ainda destruir os costumes da antropofagia?

— Julga que todos os zelandeses são cristãos? —olveu Paganel. — Só a minoria segue a religião de Cristo, e os missionários são ainda muitas vezes vítimas destes brutos. No ano passado, o reverendo Walkner foi martirizado com horrível crueldade. Os maoris enforcaram-no. As mulheres arrancaram-lhe os olhos. Beberam-lhe o sangue, comeram-lhe os miolos. E o assassinio verificou-se em 1864, em Opotiki, algumas léguas distante de Auckland, à vista, por assim dizer, das autoridades inglesas. Meus amigos, são precisos séculos para mudar a índole de uma raça. Os maoris hão de ser por muito tempo o que têm sido até aqui. Toda a sua história é de sangue. Quantas tripulações não têm eles trucidado e devorado, desde os marinheiros de Abel até aos tripulantes do «Hawes»! E não foi a carne dos europeus que lhes despertou o apetite. Muito antes da chegada dos europeus, os zelandeses pediam ao assassinio a saciedade da sua glotonaria. Muitos viajantes que entre eles têm vivido assistiram a banquetes de canibais, a que os convivas só eram levados pelo desejo de comerem um manjar delicado, como a carne de uma mulher ou de uma criança!

— Ora! — exclamou o major. — Não serão todas essas narrações devidas na maior parte à imaginação dos viajantes? Todos gostam de dizer que vêm de países perigosos e do estômago dos antropófagos.

— Já dou desconto ao exagero — replicou Paganel. — Refiro-me, porém, às narrações de homens dignos de fé, tais como os missionários Kendall e Mardsen, os capitães Dillon, d'Urville e Laplace, e muitos outros; creio nessas narrações, devo crer nelas. Os habitantes da Nova Zelândia são cruéis por natureza. Por ocasião da morte dos seus chefes imolam vítimas humanas. Pretendem com estes sacrificios aplacar a cólera do defunto, que poderia ferir os vivos, e ao mesmo tempo oferecem-lhes servidores para o outro mundo! Mas como eles comem os criados póstumos depois de os terem trucidado, há razões para cremos que o estômago os impele mais a isso do que a própria superstição.

— Contudo — objetou John Mangles —, imagino que a superstição desempenha o seu papel nas cenas do canibalismo. Por isso, se a religião mudar, também hão de mudar os costumes.

— Bem, amigo John — retorquiu Paganel. — Está levantando a grave questão da origem da antropofagia. É a religião ou a fome que leva os homens a devorarem-se uns aos outros? Tal discussão seria pelo menos ociosa neste momento. Ainda não se sabe porque existe o canibalismo; mas existe, e tão grave facto deve-nos preocupar por muitos motivos.

Paganel falava a verdade. A antropofagia chegou a um estado crónico na Nova Zelândia, como também nas ilhas Fidji e no estreito de Torrès. Não há dúvida de que a superstição intervém em tão odiosos costumes, mas há canibais, porque há momentos em que falta a caça e a

fome é grande. Os selvagens começaram por comer carne humana a fim de satisfazer as exigências de um apetite raramente saciado; depois, os seus padres santificaram estes monstruosos costumes. Numa palavra, o banquete tornou-se cerimónia.

Demais, aos olhos dos maoris, nada mais natural do que devorarem-se uns aos outros. Os missionários muitas vezes os têm interrogado a respeito do canibalismo. Têm-lhes perguntando porque devoram os seus irmãos. Ao que os chefes respondem que os peixes devoram os peixes, que os cães devoram os homens, que os homens comem os cães, e que os cães se devoram uns aos outros. Até na sua teogonia, a lenda diz que um deus comeu outro deus. Com tais precedentes, como resistir ao prazer de comer o seu semelhante?

Além disso, os zelandeses pretendem que, devorando um inimigo morto, se lhe destrói a parte espiritual. Herdam-lhe assim a alma, a força, o valor, que se encerram principalmente no cérebro. É por isso que esta porção do indivíduo figura nos festins como prato de honra e de primeira ordem.

Contudo, Paganel sustentou, e com razão, que é a sensualidade, principalmente, que excita os zelandeses à antropofagia, e não só os selvagens da Oceânia, mas os selvagens da Europa.

— Sim — acrescentou ele —, o canibalismo reinou por muito tempo entre os antepassados dos povos mais civilizados, e não tomem isto como referência pessoal, entre os escoceses principalmente.

— É verdade? — perguntou Mac-Nabs.

— Sim, major — respondeu Paganel. — Quando ler certos trechos de S. Jerónimo a respeito dos atticoli da Escócia, verá que opinião deve fazer de seus maiores. E, sem remontar além dos tempos históricos, mesmo no reinado de Isabel, na época em que Shakespeare ideava o seu Shylock, Sawney Bean, bandido escocês, foi executado por crime de canibalismo. E que sentimento o levara a comer carne humana? A religião? Não, a fome.

— A fome? — estranhou John Mangles.

— A fome — replicou Paganel — e principalmente a necessidade que experimenta o carnívoro de refazer a sua carne e o seu sangue pelo azoto contido nas matérias animais. Deve-se promover a atividade dos pulmões por meio de plantas tuberosas e feculentas. Mas quem quer ser forte e enérgico tem de absorver os alimentos plásticos que reparam os músculos. Enquanto os maoris não se filiarem na Sociedade dos Legumistas, hão de comer carne, e carne por carne, antes seja humana.

— Porque não há de ser carne de animal? — observou Glenarvan.

— Porque não têm animais — respondeu Paganel —, e é preciso sabermos isso, não para

desculpar, mas para explicar os seus costumes de canibais. Neste país inóspito, os quadrúpedes e até os pássaros são raros. Por esta razão, em todos os tempos se têm os maoris sustentado de carne humana. Há até estações próprias para devorar homens, como nos países civilizados estações para a caça. Começam então as grandes batidas, isto é, as grandes guerras, e populações inteiras são servidas sobre a mesa dos vencedores.

— Visto isso — disse Glenarvan —, na sua opinião a antropofagia só desaparecerá no dia em que pulularem carneiros, bois e porcos nas campinas da Nova Zelândia.

— Decerto, meu caro lord, e ainda serão precisos muitos anos para os maoris se desabituaem da carne zelandesa, que eles preferem a qualquer outra, porque os filhos não de apreciar por muito tempo aquilo que os pais apreciaram. A crer o que eles dizem, a carne humana tem o gosto da carne de porco, mas com mais fragrância. Quanto à carne do branco, não lhes provoca tanto a gulodice, porque os brancos deitam sal nos alimentos, o que lhes dá um sabor particular e pouco apaixonado dos gulosos.

— São esquisitos! — comentou o major. — Mas a carne, tanto a do branco como a do preto, comem-na crua ou cozida?

— Ora, que diferença lhe faz isso, Sr. Mac-Nabs? — exclamou Roberto.

— Pois não, meu rapaz — respondeu o major com muita seriedade —, se tenho de acabar nos dentes de um antropófago, quero antes ir cozido!

— Para quê?

— Para não ser devorado em vida!

— Bem, major — replicou Paganel —, mas se é cozido em vida!

— Verdade, verdade, não dava um real pela escolha — concluiu o major.

— Em todo o caso, Mac-Nabs, fique sabendo, se isto lhe pode ser agradável — informou Paganel —, que os zelandeses só comem a carne cozida ou curada ao fumeiro. São pessoas bem educadas e que entendem de cozinha. Mas, pela parte que me toca, a ideia de ser comido é que particularmente me desagrada. Acabar a existência no estômago de um selvagem, fora!

— Em suma, de tudo isto — observou John Mangles — há a concluir que não se lhes deve cair nas mãos. Esperemos que um dia o Cristianismo consiga abolir tão monstruosos costumes.

— Sim, devemos ter essa esperança — concordou Paganel —; mas, acreditem-me, um selvagem que uma vez provou carne humana, dificilmente renunciará a ela. Avaliem pelos dois factos que vou contar.

— Vejamos, Paganel — disse Glenarvan.

— O primeiro vem referido nas crónicas da Sociedade dos Jesuítas do Brasil. Um

missionário português encontrou um dia uma velha brasileira muito doente. Poucos dias lhe restavam de vida. O jesuíta instruiu-a nas verdades do Cristianismo, que a moribunda admitiu sem discussão. Depois do sustento da alma, pensou no sustento do corpo, e ofereceu à penitente algumas gulodices europeias. «Ai!», exclamou a velha, «o meu estômago não pode suportar espécie alguma de alimento. Só uma coisa me apetecia, mas por desgraça ninguém aqui me pode alcançar.» «O que é?», perguntou o jesuíta. «Ah! Meu filho! Era a mãozinha de uma criança! Parece-me que lhe chucharia os ossinhos com prazer!»

— Ora essa! Então é bom? — perguntou Roberto.

— A minha segunda história vai responder-te — redarguiu Paganel. — Um dia, um missionário censurava a um canibal o costume horrível e contrário às leis divinas de comer carne humana. «E depois deve ser mau», acrescentou ele. «Ah! Meu pai», retorquiu o selvagem, lançando para o missionário um olhar de cobiça, «dizei que Deus o proíbe, mas não que seja mau. Se provásseis!...»

Capítulo 7 — Em Que Por Fim Abordam a Terra de Que Deveriam Fugir

Eram indiscutíveis os factos referidos por Paganel. Não podia ser posta em dúvida a crueldade dos zelandeses. Havia perigo em ir a terra. Mas, cem vezes maior que esse perigo fosse, era preciso afrontá-lo. John Mangles reconhecia a necessidade de deixar sem demora um navio votado a próxima destruição. Entre dois perigos, um certo, outro provável, não havia hesitação possível.

Quanto à probabilidade de serem recolhidos por qualquer navio, não era razoável contar com ela. O «Macquarie» não se achava no rumo seguido pelos navios que procuram os ancoradouros da Nova Zelândia. Dirigem-se, ou mais acima, a Auckland, ou mais abaixo, a Nova Plymouth. Ora, o sinistro dera-se precisamente entre estes dois pontos: na parte deserta das praias de Ika-Na-Maoui. Costa má, perigosa, frequentada por indivíduos terríveis. Os navios só procuram evitá-la, e, se o vento alguma vez para ali os impele, afastam-se o mais depressa que podem.

— Quando partiremos? — perguntou Glenarvan.

— Amanhã às dez horas — respondeu John Mangles. — A maré começará a subir e levar-nos-á para terra.

No dia seguinte, 5 de fevereiro, às oito horas, a construção da jangada estava concluída. John tinha empregado todo o seu cuidado e atenção na fabricação do aparelho. A gávea de traquete, que servira para lançar a âncora, não bastava para o transporte das pessoas e dos víveres. Tornava-se indispensável um veículo sólido, suscetível de ser dirigido e capaz de resistir ao mar durante uma navegação de nove milhas. Só a mastreação poderia fornecer os materiais necessários para a sua construção.

Wilson e Mulrady haviam posto mãos á obra. A cordoalha foi cortada pela altura das encapeladuras, e, a golpes de machado, o mastro grande, atacado pelo pé, galgou as trincheiras de estibordo, que generam quando ele caiu. O «Macquarie» ficou raso como um pontão.

O mastro-real, os mastaréis de gávea e de joanete foram serrados e separados. As principais peças da jangada flutuavam já. Juntaram-nas aos pedaços do mastro de traquete, e todos estes madeiros foram ligados com bastante solidez. John Mangles colocou por precaução nos interstícios meia dúzia de barricas vazias, que deviam elevar a jangada acima da água.

Sobre esta base fortemente construída, Wilson estabeleceu uma espécie de sobrado em

forma de grade. As vagas podiam por isso desfazer-se sobre o aparelho sem que a água ficasse represada, e os passageiros deviam estar livres de humidade. Demais, uma espécie de pavês circular defendia a tolda das vagas mais grossas.

Naquela manhã, John, notando o vento favorável, fez instalar no centro do aparelho a verga do joanete pequeno, em guisa de mastro. Espiou-a com ovéns e içou um redondo. Um grande remo de pá muito larga, colocado à popa, permitia governar o aparelho, se o vento lhe imprimisse suficiente velocidade.

Tal como era, a jangada podia resistir ao embate da vaga. Mas seria possível dar-lhe direção, chegaria a terra se o vento mudasse? Estas eram as dúvidas.

Às nove horas começou o carregamento.

Primeiramente embarcaram-se víveres em suficiente quantidade para chegarem até Auckland, porque não se podia contar com as produções daquela terra ingrata.

A despensa particular de Olbinett forneceu algumas carnes de conserva, o que restava das provisões compradas para a viagem do «Macquarie». Pouco era. Foi preciso lançarem mão dos víveres grosseiros de bordo, da bolacha de medíocre qualidade e de duas barricas de peixe salgado. O *steward* estava envergonhado.

Todas estas provisões foram encerradas em caixas hermeticamente fechadas, impenetráveis à água do mar. Estas caixas foram colocadas na jangada e amarradas por meio de sólidas talhas ao pé do mastro. Puseram-se em lugar seco e seguro as armas e as munições. Por fortuna, os viajantes estavam bem armados de carabinas e de revólveres.

Igualmente meteram a bordo da jangada um ancorote para o caso em que John, não podendo alcançar a terra no espaço de uma maré, fosse obrigado a ancorar no mar largo.

Às dez horas começou a preia-mar a sentir-se. A brisa soprava de noroeste com pouca força. O mar estava pouco cavado.

— Estamos prontos? — perguntou John Mangles.

— Está tudo em ordem, capitão — respondeu Wilson.

— Embarca! — gritou John.

Lady Helena e Mary Grant desceram por uma grosseira escada de corda e sentaram-se ao pé do mastro nas caixas dos víveres, e junto delas os seus companheiros. John lançou mão das escotas e Mulrady picou a amarra que prendia a jangada ao brigue.

Largaram a vela, e a jangada começou a dirigir-se para terra, ajudada pela maré e pelo vento.

A costa ficava a nove milhas, distância medíocre, que uma lancha armada de bons remos

podia percorrer em três horas. Mas com a jangada era preciso dar desconto. Conservando-se o vento favorável, podiam chegar a terra no espaço de uma maré; mas amainando o vento, a jusante levá-los-ia consigo e seria necessário lançarem ferro para esperar a maré seguinte. Caso grave era este, que não deixava de preocupar John Mangles.

No entanto, esperava sair-se bem. O vento refrescou. A preia-mar começara às dez horas, e às três deviam tocar em terra, sob pena de serem arrastados para o largo pela baixa-mar.

A viagem foi bem começada. Pouco a pouco as cabeças negras dos recifes e o tapete amarelado, que revestia os bancos, foram desaparecendo por efeito das ondulações da preia-mar e do cavado da vaga. Tornaram-se necessárias profunda atenção e habilidade para evitar os escolhos submergidos e dirigir um aparelho pouco sensível ao leme e fácil nos desvios.

Ao meio-dia estava ainda a jangada a cinco milhas da costa. A atmosfera, bastante límpida, permitia distinguir os principais acidentes do terreno. Ao norte erguia-se um monte de dois mil e quinhentos pés de altura. Recortava-se no horizonte com estranho aspeto, e o seu contorno reproduzia o grotesco perfil de uma cabeça de macaco deitada para trás. Era o monte Pirongia, situado exatamente, segundo a carta, no paralelo trinta e oito.

Meia hora depois do meio-dia, Paganel fez observar que todos os escolhos haviam desaparecido com a preia-mar.

— Menos um — replicou Lady Helena.

— Qual, senhora? — perguntou Paganel.

— Aquele — respondeu Lady Helena, indicando um ponto negro a meia milha em frente.

— É verdade — concordou Paganel. — Procuremos determinar a sua posição a fim de não irmos bater nele, porque não tardará que a maré o cubra.

— Fica justamente na direitura da aresta norte da montanha — elucidou John Mangles. — Wilson, toma cuidado para que passemos ao largo.

— Sim, capitão — respondeu o marinheiro, carregando com todo o seu peso no grande remo da popa.

Em meia hora fizeram meia milha. Mas, coisa singular, o ponto negro continuava a emergir das ondas.

John olhava para ele atentamente, e para melhor o observar pediu o óculo a Paganel.

— Não é um recife — disse depois de um momento de exame —, é um objeto que sobe e desce com a vaga.

— Não será um pedaço da mastreação do «Macquarie»? — sugeriu Lady Helena.

— Não — respondeu Glenarvan —, nenhum madeiro podia ter derivado para tão longe do

navio.

— Esperem! — exclamou John Mangles. — Reconheço-o agora: é a canoa.

— A canoa do brigue? — perguntou Lord Glenarvan.

— Sim, milord. A canoa do brigue, com a quilha voltada para cima!

— Desgraçados! — exclamou Lady Helena. — Pereceram!

— Sim, senhora — voltou John Mangles —; não podiam deixar de perecer, porque por entre estes escolhos, sobre um mar cavado, em noite tão escura, corriam infalivelmente para uma morte certa.

— Que o céu tenha piedade deles! — murmurou Mary Grant.

Por instantes os passageiros ficaram silenciosos. Contemplavam a frágil embarcação de que se iam aproximando. Não havia dúvida de que se virara a quatro milhas da terra e, entre todos os que a tripulavam, nenhum por certo se salvara.

— Mas este barquinho pode servir-nos — lembrou Glenarvan.

— Efetivamente — apoiou John Mangles. — Aproa para ele, Wilson.

A direção da jangada mudou, mas, como o vento amainasse, só no fim de duas horas chegaram junto da embarcação.

Mulrady, colocado à proa, aparou o choque, e o «youyou» virado veio encostar-se à borda da jangada.

— Está vazio? — perguntou John Mangles.

— Sim, capitão — disse o marinheiro —; a canoa está vazia e tem as costuras desconjuntadas. Não nos pode servir.

— Pois não pode prestar para alguma coisa? — perguntou Mac-Nabs.

— Para nada — replicou John Mangles. — É boa para queimar.

— Tenho pena — disse Paganel — porque nos poderia conduzir a Auckland.

— Devemos resignar-nos, Sr. Paganel — retorquiu John Mangles. — Demais, sobre um mar tão picado, prefiro a jangada a esta frágil embarcação. Bastou um choque para fazê-la em pedaços! Milord, não temos pois mais nada a fazer aqui.

— Quando quiseres, John — disse Glenarvan.

— A caminho, Wilson — ordenou o jovem capitão — e direito à costa.

A maré devia continuar a subir durante uma hora. Puderam percorrer uma distância de duas milhas. Mas então o vento amainou de todo e pareceu querer rondar para terra. A jangada ficou imóvel. Não tardou até que principiasse a descair para o largo, impelida pela baixa-mar.

John não podia hesitar um momento.

— Larga ferro — disse ele.

Mulrady, preparado para a execução desta ordem, deixou cair a âncora por cinco braças de fundo. A jangada recuou duas toesas, puxada pela amarra muito esticada. Caçada a vela, tomaram-se todas as disposições para demorada estação.

A maré não devia vazar antes das nove horas da noite, e, como John Mangles não tinha desejo de navegar durante a noite, estaria fundeado até às cinco horas da manhã. A terra avistava-se a menos de três milhas.

Estava grosso o mar, e as ondas, com um movimento contínuo, pareciam correr na direção da terra. Quando Glenarvan soube que toda a noite se havia de passar a bordo, perguntou ao capitão porque não aproveitava aquelas ondulações da vaga para se aproximar da costa.

— Vossa Honra — explicou John Mangles — é vítima de uma ilusão de ótica. Apesar de parecer que anda, a vaga está parada. É apenas um balanço de moléculas líquidas, nada mais. Atire um pedaço de madeira à água e verá que fica estacionário enquanto a baixa-mar não se fizer sentir. Só resta enchermo-nos de paciência.

— E tratarmos de jantar — acrescentou o major.

Olbinett tirou de uma caixa de víveres alguns pedaços de carne seca e uma dúzia de bolachas. O *steward* estava envergonhado de oferecer aos amos tão parca refeição. Assim mesmo foi aceite com boa vontade até pelas viajantes, a quem aliás os movimentos sacudidos do mar não despertavam o apetite.

Com efeito, os choques da jangada, a qual fazia cabeça à vaga, dando esticões no cabo, eram de fatigante brutalidade. O aparelho, incessantemente balouçado por ondas pequenas e caprichosas, não sofria embate mais violento contra as arestas vivas de rocha submarina. Às vezes parecia que batia num baixo. A amarra trabalhava bastante, e de meia em meia hora John mandava largar uma braça para a refrescar. Se não fosse esta precaução, ter-se-ia inevitavelmente partido, e a jangada, entregue a si mesma, iria perder-se no largo.

Facilmente se compreenderão os receios de John Mangles. Ou a amarra podia quebrar, ou o ferro garrar, e, em qualquer dos casos, via-se em perigo.

Aproximava-se a noite. Ampliado pela refração e cor de sangue, o disco do sol ia desaparecer no horizonte. As últimas linhas de água resplandeciam no ocidente e cintilavam como lençóis de prata líquida. Deste lado tudo era céu e água, salvo um ponto nitidamente delineado: o casco do «Macquarie», imóvel no recife.

O rápido crepúsculo demorou de alguns minutos apenas a formação de trevas, e, dentro em pouco, a terra, que limitava o horizonte a leste e ao norte, desapareceu na escuridão da noite.

Angustiosa situação a destes náufragos, numa estreita jangada, imersos nas trevas! Uns caíram em modorra inquieta e propícia a sonhos maus, outros não puderam dormir uma hora. Ao romper do dia estavam prostrados pelas fadigas da noite.

Com a preia-mar rondou o vento para o largo. Eram seis horas da manhã. O tempo urgia. John tomou as suas disposições para se dirigir para terra. Mandou levantar ferro. Porém, as patas da âncora, por efeito dos puxões da amarra, tinham-se profundamente cravado na areia. Sem bolinete e só com as talhas que Wilson colocara, tornou-se impossível arrancá-la.

Passou-se meia hora em baldadas tentativas; John, impaciente por se fazer de vela, mandou picar a amarra, abandonando a âncora e perdendo assim toda a possibilidade de largar ferro num caso urgente, se a maré não permitisse alcançar a costa. Não quis demorar-se, e um golpe de machado entregou a jangada aos caprichos do vento, o qual era auxiliado por uma corrente de dois nós por hora.

Largaram a vela. Derivaram lentamente para terra, que se esfumava em massas pardacentas sobre o fundo do céu iluminado pelo sol nascente. John Mangles evitou com toda a habilidade os recifes. Mas, sob a ação do vento, que soprava irregularmente no largo, o aparelho não parecia aproximar-se de terra. Quantas dificuldades para abordar àquela Nova Zelândia, que tão perigosa era!

Entretanto, às nove horas a terra estava a menos de uma milha. Era eriçada de escolhos e muito escarpada. Tinham de procurar um ancoradouro praticável. O vento foi abatendo pouco a pouco até que amainou de todo. A vela, inerte, batia no mastro e fatigava-o. John mandou-a ferrar. Só as vagas levavam a jangada para a costa, e tiveram de renunciar a governá-la; além disso, grande quantidade de bodelhas demoravam-lhe o andamento.

Pelas três horas, John viu-se quase estacionário, na distância de três amarras da terra. Não tinha ferro que largasse. Seria pois mais uma vez arrastado para o mar largo pela baixa-mar? O jovem capitão, com as mãos crispadas, o coração dilacerado pela inquietação, deitava olhar feroz para aquela terra impossível de abordar.

Felizmente — felizmente daquela vez — sentiu-se um choque. A jangada parou. Acabara de encalhar no mar alto, num banco de areia, a vinte e cinco braças da costa.

Glenarvan, Wilson, Roberto e Mulrady lançaram-se à água. Seguraram solidamente a jangada aos escolhos por meio de amarras. As viajantes, transportadas ao colo dos passageiros, chegaram a terra sem molhar uma só prega dos vestidos, e dali a pouco todos os náufragos, com armas e mantimentos, punham definitivamente pé naquelas temíveis costas da Nova Zelândia.

Capítulo 8 — O Presente do País em Que se Encontram

Os desejos de Glenarvan seriam, sem perda de uma hora, seguir a costa em direção a Auckland. Mas logo pela manhã se carregara o céu de nuvens, e às onze horas, depois do desembarque, os vapores desfizeram-se em copiosa chuva. Daí provinha a impossibilidade de se porem a caminho e a necessidade de procurarem um abrigo.

Wilson descobriu muito a propósito uma gruta cavada pelo mar nas rochas basálticas da praia. Os viajantes refugiaram-se ali com armas e provisões. Na gruta havia uma grande porção de bodelhas secas, arremessadas outrora pelas ondas para aquele local. Era uma cama formada pela natureza com a qual se remediaram. À entrada da gruta os viajantes empilharam pedaços de lenha, deitaram-lhe fogo e enxugaram-se o melhor que puderam.

John esperava que a duração daquela chuva diluviana fosse em razão inversa da sua violência. Não sucedeu assim. Decorreram horas sem se operar modificação alguma na aparência do céu. O vento refrescou para o meio-dia, o que ainda aumentou a tempestade. Um tal contratempo era para impacientar o mais paciente dos homens. Seria loucura arrostar sem veículo tão formidável aguaceiro. Depois, bastavam alguns dias para chegarem a Auckland e, se os indígenas não aparecessem, não era um atraso de onze horas que podia prejudicar a expedição.

Durante esta paragem forçada, a conversação recaiu sobre os incidentes da guerra de que a Nova Zelândia era então teatro. Mas, para compreender e avaliar a gravidade das circunstâncias no meio das quais se acham os naufragos do «Macquarie» é preciso conhecer a história da luta que ensanguentava a ilha de Ika-Na-Maoui.

Desde a chegada de Abel Tasman ao estreito de Cook, em 16 de dezembro de 1642, os zelandeses, visitados muitas vezes por navios europeus, tinham-se conservado livres nas suas ilhas independentes. Nenhuma potência europeia pensava em apoderar-se daquele arquipélago que domina os mares do Pacífico. Só os missionários estabelecidos em diversos pontos levavam àquelas regiões os benefícios da civilização cristã. De entre eles, alguns, principalmente os anglicanos, preparavam os chefes zelandeses para se curvarem ao jugo da Inglaterra. Habilmente iludidos, os chefes assinaram uma carta dirigida à rainha Vitória, pedindo-lhe a sua proteção. Mas os mais previdentes conheciam a loucura de uma tal resolução, e um deles, depois de ter aplicado na carta a imagem da pintura que lhe sarapintava o corpo, fez

ouvir estas proféticas palavras: «Perdemos o nosso país; de hoje em diante, já deixa de nos pertencer; não tardará que o estrangeiro venha apoderar-se dele e ficaremos seus escravos.»

Efetivamente, no dia 29 de janeiro de 1840, a corveta «Herald» chegava à baía das Ilhas, que ficava ao norte de Ika-Na-Maoui. O capitão do navio, Hobson, foi desembarcar na aldeia de Korora-Reka. Os habitantes foram convidados para se reunir em assembleia geral na igreja protestante. Fez-se ali a leitura dos poderes que o capitão Hobson levava da rainha de Inglaterra.

No dia 5 de fevereiro, os principais chefes da Nova Zelândia foram chamados à residência do representante inglês na aldeia de Paia. O capitão Hobson procurou alcançar a sua submissão, dizendo que a rainha enviara tropas e navios para os proteger; que os seus direitos ficavam garantidos, que a sua liberdade seria mantida. Contudo, as suas propriedades deviam ficar pertencendo à rainha Vitória, a quem eram obrigados a vendê-las.

Achando a proteção muito cara, a maioria dos chefes recusou-a. Mas os presentes e as promessas tiveram mais império sobre aquelas índoles selvagens do que as palavras pomposas do capitão Hobson, e o ato de posse foi confirmado.

Daquele ano de 1840 até ao dia em que o «Duncan» deixou o golfo de Clyde, que se passou? Nada que Paganel não soubesse e de que não estivesse pronto a informar os companheiros.

— Senhora — respondeu ele às perguntas de Lady Helena —, repetir-lhe-ei o que já tive ocasião de dizer: que os zelandeses constituem uma população corajosa, que, depois de ter cedido um momento, resiste palmo a palmo às invasões de Inglaterra. As tribos dos maoris são organizadas *como* os antigos clãs da Escócia. São outras tantas famílias que reconhecem um chefe muito cioso de completa deferência para com ele. Os homens desta raça são altivos e valentes, uns altos, de cabelos corredios, semelhantes aos malteses ou aos judeus de Bagdade, de raça superior, outros mais baixos, membrudos, parecidos aos mulatos, mas todos robustos, altivos e guerreiros. Tiveram um chefe célebre, chamado Hihi, um verdadeiro Vercingétorix. Não se admirem, pois, se a guerra com os ingleses se eternizar no território de Ika-Na-Maoui, porque se encontra aí a famosa tribo dos Waikatos, que William Thompson comanda e dirige na defesa do solo.

— Mas — perguntou John Mangles — não estão os ingleses senhores dos principais pontos da Nova Zelândia?

— Decerto, meu caro John — respondeu Paganel. — Depois do ato de posse por parte do capitão Hobson, que passou a ser o governador da ilha, fundaram-se nove colónias desde 1840 até 1862, nas mais antigas posições. Estas nove colónias transformaram-se em nove províncias,

quatro na ilha do norte, as províncias de Auckland, de Taranaki, de Wellington e de Hawkes-Bay; cinco na ilha do sul, as províncias de Nelson, de Marlborough, de Canterbury, de Otago e de Southland, que no dia 30 de junho de 1864 contavam uma população de cento e oitenta mil trezentos e quarenta e seis habitantes. Por toda a parte se levantaram cidades importantes e comerciais. Quando chegarmos a Auckland terão de admirar sem reserva a situação da nova Corinto do Sul, dominando o seu estreito istmo lançado como uma ponte sobre o oceano Pacífico, e que já conta doze mil habitantes. Ao ocidente, Nova Plymouth, ao oriente, Ahuhiri, ao sul, Wellington, são já hoje cidades florescentes e frequentadas. Na ilha Tawai-Punamu ver-se-iam embaraçados para escolher entre Nelson, a Montpellier dos antípodas, o jardim da Nova Zelândia, Picton, no estreito de Cook, Christchurch, Invercargill e Dunedin, na opulenta província de Otago, onde afluem de todo o mundo os exploradores de ouro. E notem que não são um simples agrupamento de cabanas, um aglomerado de famílias selvagens, mas autênticas cidades, com portos, docas, catedrais, bancos, jardins botânicos, museus de história natural, sociedades de aclimação, jornais, hospitais, estabelecimentos de beneficência, institutos filosóficos, lojas de franco-mações, clubes, sociedades corais, teatros e palácios de exposição universal, nem mais nem menos que em Londres ou em Paris! E, se a memória não me falha, é em 1865, neste ano em que estamos, e talvez no mesmo momento em que lhes falo, que os produtos industriais de todo o Globo são expostos num país de antropófagos!

— O quê! Apesar da guerra com os indígenas? — interrogou Lady Helena.

— Os ingleses, senhora, que se preocupam muito com uma guerra — explicou Paganel —, batem-se e fazem exposições ao mesmo tempo. Não é coisa que os incomode. Sob a pontaria das espingardas zelandesas vão construindo caminhos de ferro. Na província de Auckland, a linha de Drury e a de Mere-Mere cortam os principais pontos ocupados pelos revoltosos. Estou em apostar que os trabalhadores fazem fogo do alto das locomotivas.

— Mas em que altura está essa interminável guerra? — perguntou John Mangles.

— Há bons seis meses que deixámos a Europa — respondeu Paganel —; não posso, pois, saber o que se tem passado depois da nossa partida, salvo apenas alguns factos que li nos jornais de Maryborough e de Seymour por ocasião da nossa passagem através da Austrália. Nesse tempo batiam-se encarniçadamente na ilha de Ika-Na-Maoui.

— E em que época começou a guerra? — perguntou Mary.

— Quer dizer em que época «recomeçou», minha querida miss — voltou Paganel —, porque foi em 1845 a primeira insurreição. Em fins de 1863 começou a segunda; mas havia já muito tempo que os maoris se preparavam para sacudir o jugo do domínio inglês. O partido

nacional dos indígenas fazia uma propaganda ativa para promover a eleição de um chefe maori. Queria fazer do velho Potató um rei, e da sua aldeia, situada entre os rios Waikato e Waipa, capital do novo reino. Potató não passava de um velho mais astucioso que valente, mas tinha um primeiro-ministro inteligente e enérgico, um descendente da tribo dos Ngatihahuas, que habitavam o istmo de Auckland antes da ocupação estrangeira. Este ministro, chamado William Thompson, tornou-se a alma da guerra da independência. Organizou habilmente as tropas maoris. Sob a sua inspiração, um chefe de Taranaki reuniu num mesmo pensamento as tribos desunidas; outro chefe do Waikato formou a associação da *land league*, verdadeira liga do bem público, destinada a impedir que os indígenas vendessem as terras ao Governo inglês; como nos países civilizados, houve banquetes que preludiavam uma revolução. Os jornais britânicos começaram a apontar estes sintomas assustadores e o Governo inquietou-se seriamente com os manejos da *land league*. Numa palavra, os espíritos estavam sobre-excitados e a mina quase a rebentar. Só faltava a fâisca, ou, antes, o choque de dois interesses para a produzir.

— E o choque?... — perguntou Glenarvan.

— Deu-se em 1860 — respondeu Paganel —, na província de Taranaki, na costa sudoeste de Ika-Na-Maoui. Um indígena possuía na vizinhança de Nova Plymouth seiscentas jeiras de terra. Vendeu-as ao Governo inglês. Mas quando os medidores se apresentaram para medir o terreno vendido, o chefe Kingi protestou, e no mês de março construiu sobre as seiscentas jeiras em litígio um campo defendido por altas paliçadas. Alguns meses depois, o coronel Gold tomou o campo de assalto à testa das suas tropas; foi naquele dia que se deu o primeiro tiro da guerra nacional.

— Os maoris são numerosos? — perguntou John Mangles.

— A população maori tem sido muito reduzida de há um século para cá — informou o geógrafo. — Em 1769, Cook avaliava-a em quatrocentos mil habitantes. Em 1845, o recenseamento do protetorado indígena baixava-a a cento e nove mil. As carnificinas civilizadoras, as doenças e a aguardente têm-na dizimado; nas duas ilhas ainda restam noventa mil naturais, dos quais trinta mil são guerreiros que, por muito tempo, hão de fazer frente às tropas europeias.

— A revolta tem sido até hoje bem sucedida? — perguntou Lady Helena.

— Sim, senhora, e os próprios ingleses muitas vezes se têm admirado da coragem dos zelandeses. Os indígenas fazem guerra de guerrilhas, sustentam escaramuças, caem sobre os pequenos destacamentos, roubam as propriedades dos colonos. O general Cameron não se sentia muito bem nestas campanhas, em que era preciso bater todas as moitas. Após uma luta

prolongada e mortífera, os maoris ocupavam uma grande posição fortificada no alto Waikato, no extremo de uma cordilheira formada de colinas escarpadas e coberta por três linhas de defesa. Apareceram profetas chamando toda a população maori à defesa do solo pátrio e prometendo o extermínio dos *pakehas*, quer dizer, dos brancos. Três mil homens se preparavam para a luta debaixo das ordens do general Cameron e não davam quartel aos maoris desde o assassinio do capitão Sprent. Houve sanguinolentas batalhas. Algumas duraram doze horas, sem que os maoris cedessem diante da artilharia europeia. Era a tribo feroz dos Waikatos, debaixo das ordens de William Thompson, que constituía o núcleo do exército independente. Este general indígena teve a princípio dois mil e quinhentos guerreiros sob as suas ordens e depois oito mil. Os vassalos de Shongi e de Heki, temíveis chefes, auxiliaram-no. Nesta guerra santa, as mulheres tomaram parte nas mais rudes fadigas. Mas nem sempre o direito tem por auxílio eficaz as armas. Após terríveis combates, o general Cameron conseguiu submeter o distrito de Waikato, distrito vazio e despovoado, porque os maoris iram-lhe por todos os lados. Houve admiráveis feitos armas. Quatrocentos maoris, encerrados na fortaleza de Orakan, cercados por mil ingleses às ordens do brigadeiro-general Carey, sem víveres, sem água, recusaram render-se. Afinal, em pleno dia, abriram caminho através do 40.º Regimento dizimado, e salvaram-se nos pântanos.

— Mas a submissão do distrito de Waikato — perguntou John Mangles — pôs termo a tão sangrenta guerra?

— Não, meu amigo — respondeu Paganel. — Os ingleses resolveram marchar sobre a província de Taranaki e cercar Mataitawa, a fortaleza de William Thompson. Mas não puderam apossar-se dela sem perdas importantes. Quando saí de Paris, soube que o governador e o general acabavam de aceitar a submissão das tribos Taranga, e que lhes deixavam as três quartas partes das terras. Dizia-se também que o chefe principal da rebelião, William Thompson, tencionava render-se, mas os jornais australianos não confirmaram a notícia e deram informações bem diversas. É provável que neste momento a resistência se organize com maior vigor.

— E julga, Paganel — continuou Glenarvan — que a luta de que nos fala tem por teatro as províncias de Taranaki e de Auckland?

— Suponho que sim.

— Esta província a que nos arremessou o naufrágio do «Macquarie»?

— Precisamente. Desembarcámos algumas milhas acima do porto Kawhia, onde ainda deve flutuar o pavilhão nacional dos maoris.

— Nesse caso será prudente subirmos para o norte — sugeriu Glenarvan.

— Efetivamente — concordou Paganel. — Os zelandeses estão desesperados contra os europeus, e principalmente contra os ingleses. Evitemos, portanto, cair-lhes nas mãos.

— Talvez encontremos algum destacamento de tropas europeias — lembrou Lady Helena. — Seria grande fortuna.

— Talvez, senhora — replicou o geógrafo —, mas não o espero. Não é fácil que destacamentos isolados batam o campo, quando a mais pequena moita, o mais frágil silvado oculta um atirador hábil. Não conto, pois, com uma escolta de soldados do 40.º Regimento. Mas, na costa ocidental, que vamos percorrer, acham-se estabelecidas algumas missões, e podemos muito bem fazer escala por elas até Auckland. Lembro-me até de tomar o caminho percorrido por Mr. de Hochstetter, seguindo a corrente do Waikato.

— Hochstetter era um viajante, Sr. Paganel? — perguntou Roberto.

— Sim, meu rapaz, membro da comissão científica embarcada na fragata austríaca a «Novara» por ocasião da viagem de circum-navegação empreendida por este navio em 1858.

— Sr. Paganel — tornou a perguntar Roberto, cujo olhar se animava ao falar das grandes expedições geográficas —, a nova Zelândia tem sido visitada por viajantes célebres como Burke e Stuart, que visitaram a Austrália?

— Por alguns, meu filho, tais como o Dr. Hooker, o professor Brizard, os naturalistas Dieffenbach e Julius Haast; mas, embora muitos deles tenham pago com a vida a sua paixão aventureira, são menos célebres que os viajantes australianos ou africanos...

— E conhece a sua história? — insistiu o jovem Grant.

— Pudera, rapaz, e como vejo que ardes em desejos de saber tanto como eu, vou contar-ta.

— Obrigado, Sr. Paganel; estou escutando.

— E nós também o escutamos — disse Lady Helena. — Não é a primeira vez que o mau tempo nos obriga a instruir-nos. Fale por todos, Sr. Paganel.

— Às suas ordens, senhora — aquiesceu o geógrafo —, mas não será longa a narração. Não se trata daqueles ousados descobridores que lutavam corpo a corpo com o minotauro australiano. A Nova Zelândia é país pouco extenso para que se possa defender das investigações do homem. Por isso, os meus heróis não são viajantes, mas simples turistas, vítimas dos mais prosaicos acidentes.

— E chamam-se?... — perguntou Mary Grant.

— O geómetra Witcombe e Charlton Howitt, o mesmo que encontrou o cadáver de Burke, na memorável expedição que lhes descrevi nas margens do Wimerra. Witcombe e Howitt comandavam cada um duas explorações na ilha de Tawai-Punamu. Partiram os dois de

Christchurch nos primeiros meses de 1863, a fim de descobrirem passagens diferentes através das montanhas do Norte da província de Canterbury. Howitt, transpondo a cordilheira na fronteira setentrional da província, foi estabelecer o quartel-general no lago Brunner. Witcombe, pelo contrário, achou no vale do Rakaia uma passagem que ia sair a leste do monte Tyndall. Witcombe levava um companheiro de viagem, Jacob Louper, que publicou depois no «Lyttleton-Times» a descrição da viagem e a catástrofe que lhe sobreveio. Se bem me lembra o que nessa narração se diz, a 22 de abril de 1863 achavam-se os dois exploradores no sopé de uma geleira onde nasce o Rakaia. Subiram até ao seu cume e procuraram novas passagens. No dia seguinte, Witcombe e Louper, prostrados de fadiga e de frio, acampavam sobre espessa camada de neve, quatro mil pés acima do nível do mar. Durante sete dias vaguearam pelas montanhas, pelo fundo de vales, cujas paredes a prumo não tinham saída, umas vezes sem lume, outras sem sustento, com o açúcar transformado em xarope, a bolacha reduzida a massa húmida, com os fatos e as coberturas escorrendo água, devorados pelos insetos, fazendo grandes jornadas de três milhas, ou pequenas jornadas em que apenas andavam duzentas jardas. Afinal, a 29 de abril, encontraram uma cabana de maoris, e, num prado, algumas batatas. Foi a última refeição que os dois amigos tomaram juntos. À noite chegaram à beira-mar, próximo da foz do Taramakó. Trataram de passar para a margem direita, a fim de tomarem o caminho do norte pelo rio Grey. O Taramakó era profundo e largo. Depois de gastar uma hora em pesquisas, Louper achou duas canoas muito danificadas, que reparou o melhor que pôde, e amarrou uma à outra. À tarde os viajantes embarcaram. Porém, assim que se acharam no meio da corrente, encheram-se de água as canoas. Witcombe lançou-se a nado e voltou para a margem esquerda. Jacob Louper, que não sabia nadar, agarrou-se à canoa. Esta circunstância salvou-o, mas não sem peripécias. O desgraçado foi impelido para os escolhos. A primeira vaga fê-lo mergulhar até ao fundo. A segunda trouxe-o à superfície. As ondas lançaram-no de encontro às rochas. Sobreviera a mais sombria das noites. Caía uma chuva torrencial. Louper, com o corpo ensanguentado e inchado pela água do mar, andou muitas horas entregue ao rude capricho das vagas. Afinal a canoa bateu na terra firme e o naufrago foi arremessado à praia com os sentidos perdidos. No dia seguinte, ao romper do dia, arrastou-se para uma nascente e reconheceu que a força da água o tinha levado uma milha acima do lugar onde tentara a passagem. Levantou-se, seguiu ao longo da costa e encontrou dali a pouco o infeliz Witcombe, com o tronco enterrado no lodo. Estava morto. Louper, com as suas próprias mãos, abriu uma cova na areia e sepultou o cadáver do companheiro. Dois dias depois, morto de fome, foi recolhido por uns maoris hospitaleiros (há alguns) e no dia 4 de maio chegou ao lago Brunner, ao acampamento de Charlton Howitt, que

dali a seis semanas havia de perecer também como o desgraçado Witcombe.

— Na verdade — exclamou John Mangles — parece que essas catástrofes se encadeiam, que um laço fatal une os viajantes e todos perecem quando esse laço se quebra.

— Tem razão, amigo John — confirmou Paganel —, e muitas vezes tenho feito essa mesma observação. Por que lei de solidariedade sucumbiu Howitt quase nas mesmas circunstâncias em que Witcombe sucumbira? Não se pode dizer. Charlton Howitt tinha sido convidado por Mr. Wyde, chefe dos trabalhos do Governo, para traçar um caminho de cavalos desde as planícies de Hurunui até à foz do Taramakó. Partiu no dia 1 de janeiro de 1863, acompanhado de cinco homens. Desempenhou a sua missão com inteligência notável e abriu-se uma estrada de quarenta milhas de extensão, que ia terminar num ponto em que o Taramakó era invadeável. Howitt voltou para Christchurch e, apesar de o inverno se aproximar, pediu que o deixassem continuar os seus trabalhos. Mr. Wyde consentiu. Howitt tornou a partir com o fim de abastecer o seu acampamento e aí passar a estação. Foi por esta ocasião que recolheu Jacob Louper. No dia 27 de junho, Howitt e os seus dois companheiros, Robert Little e Henri Mullis, deixaram o acampamento. Atravessaram o lago Brunner. Depois nunca mais foram vistos. A sua canoa, muito frágil e muito baixa acima da linha de água, encontrou-se encalhada na praia. Procuraram-nos durante nove semanas, mas foi debalde; era evidente que aqueles desgraçados, não sabendo nadar, tinham perecido nas águas do lago.

— Mas porque é que não haviam de estar sãos e salvos em poder de alguma tribo zelandesa? — perguntou Lady Helena. — Ao menos pode haver dúvidas acerca da sua morte.

— Ah! Não, senhora — respondeu Paganel —, porque, no mês de agosto de 1865, um ano depois da catástrofe, não tinham ainda tornado a aparecer... e quando na Nova Zelândia alguém está um ano sem aparecer — murmurou ele em voz baixa — é porque se encontra irremediavelmente perdido!

Capítulo 9 — Trinta Milhas ao Norte

No dia 7 de fevereiro, às seis horas da manhã, Glenarvan deu o sinal de partir. Durante a noite cessara a chuva. O céu, coberto de nuvenzinhas pardacentas, ocultava os raios do sol a três milhas do solo. A temperatura moderada permitia que se afrontassem as fadigas de uma viagem diurna.

Paganel medira no mapa uma distância de oitenta milhas entre a ponta de Cahua e Auckland; era uma viagem de oito dias, a dez milhas cada vinte e quatro horas. Mas, em vez de seguir as margens sinuosas do mar, pareceu-lhe conveniente alcançar, trinta milhas acima, a confluência do Waikato e do Waipa, na aldeia de Ngarnavahia. Passa ali o *overland mail track*, estrada, para não dizer atalho, praticável para as carruagens e que atravessa grande porção da ilha desde Napier, na baía Hawkes, até Auckland. Seria fácil então encaminhar-se para Drury e aí repousar num excelente hotel, que o naturalista Hochstetter muito particularmente recomenda.

Os viajantes, munidos cada qual da sua porção de víveres, começaram a tornear as margens da baía Aotea. Por prudência, não se afastavam uns dos outros, e por instinto, com as carabinas carregadas, não perdiam de vista as planícies acidentadas de leste. Paganel, com o seu excelente mapa na mão, gozava um prazer de artista em verificar a exatidão das suas mais pequenas indicações.

Parte do dia, a pequena caravana caminhou sobre uma areia composta de fragmentos de conchas bivalves, de ossos de *seich* e misturada com grande porção de peróxido e de protóxido de ferro. Um íman que se aproximasse do solo cobrir-se-ia logo de brilhantes cristais.

Na praia banhada pela preia-mar brincavam alguns animais marinhos, que não se deram ao incómodo de fugir. As focas, com a cabeça arredondada, a fronte espaçosa e recurva, os olhos expressivos, apresentavam uma fisionomia meiga e até afetuosa. Compreendia-se por que razão a fábula, poetizando a seu modo estes curiosos habitantes das águas, os transformara em sereias encantadoras, embora a sua voz não passasse de um desarmonioso grunhido. As focas, que abundam bastante nas costas da Nova Zelândia, são objeto de comércio muito ativo. Pescam-nas por causa do azeite e da pele.

Entre elas notavam-se três ou quatro elefantes-do-mar, de cor pardo-azulada e do comprimento de vinte e cinco a trinta pés. Os enormes anfíbios, preguiçosamente estendidos sobre espessas camas de laminárias gigantescas, levantavam a tromba eréctil e agitavam com

modo picaresco as ásperas sedas dos bigodes compridos e retorcidos, verdadeiros saca-rolhas frisados como a barba de um dândi. Roberto divertia-se a contemplar aqueles interessantes grupos, quando exclamou, cheio de surpresa:

— Olhem! As focas comem calhaus!

Efetivamente, muitos daqueles animais engoliam seixos da praia com gulosa avidez.

— Ora essa! O facto é averiguado! — disse Paganel. — Não se pode negar que esses animais pastem pedras do mar.

— Esquisito alimento — comentou Roberto — e de uma digestão difícil!

— Não é para se alimentarem que esses animais engolem pedras, meu rapaz, mas para meterem lastro. É um meio de aumentarem o seu peso específico e de irem facilmente ao fundo do mar. Quando voltam para terra deitam fora as pedras sem mais cerimónia. Vais vê-las mergulhar.

Com efeito, não tardou que meia dúzia de focas, com lastro suficiente, se arrastassem pesadamente pela praia e desaparecessem no líquido elemento. Glenarvan não podia, porém, perder um tempo precioso e esperar que voltassem para observar a operação de deitarem fora o lastro, e, com muita pena de Paganel, recomeçou-se a interrompida marcha.

Às dez horas fizeram alto junto das grandes rochas basálticas dispostas como dólmenes célticos à beira-mar. Tratava-se do almoço. Um banco de ostras forneceu grande quantidade de moluscos. Eram pequenas e de gosto pouco agradável. Mas, por conselho de Paganel, Olbinett assou-as sobre brasas, e, assim preparadas, as dúzias sucederam-se às dúzias durante toda a refeição.

Acabado o descanso, continuaram a seguir as margens da baía. Sobre os rochedos, dentados como ameias, no alto das escarpas, refugiara-se imenso bando de aves marinhas, fragatas, andorinhas, goelandos e grandes albatrozes imóveis na ponta de agudos picos. Pelas quatro horas tinham sido percorridas dez milhas sem custo nem fadiga. As viajantes propuseram que se continuasse a marcha até à noite. Tiveram então de modificar a direcção que levavam; era necessário, torneando a base de algumas montanhas que se avistavam ao norte, meterem-se pelo vale do Waipa.

Ao longe o solo tinha o aspeto de imensos campos, que se estendiam a perder de vista e prometiam agradável passeio. Mas, chegando à borda das verdejantes campinas, os viajantes sofreram uma desilusão. A pastagem era substituída por um matagal coberto de florinhas brancas e entremeado pelos altos e numerosos fetos que abundam nos terrenos da Nova Zelândia. Era preciso abrir caminho através dos troncos espinhosos, o que deu imenso trabalho.

Contudo, às oito horas da noite, foram torneados os primeiros morros de Hakarihoata-Ranges e organizou-se o acampamento sem demora.

Depois de uma jornada de catorze milhas era natural pensar no descanso. Como não havia nem carros nem barracas, foi junto de magníficos pinheiros de Norfolk que todos se prepararam para dormir. Não faltavam coberturas, que serviram para improvisar as camas.

Glenarvan tomou rigorosas precauções para a noite. Ele e os seus companheiros, bem armados, velaram por turnos de dois até ao romper do dia. Não acenderam nenhuma fogueira. Estas barreiras incandescentes são úteis contra as feras, mas a Nova Zelândia não tem tigres, nem leões, nem ursos, nem nenhum animal feroz, salvo os zelandeses, que os substituem perfeitamente. A vista de uma fogueira só serviria para atrair aqueles jaguares de dois pés.

A noite correu bem, a não ser o incómodo causado por algumas moscas de areia, chamadas «ngamu» em língua indígena, cuja picada é muito desagradável, e um rancho atrevido de ratos, que se fartaram de roer os sacos das provisões.

No dia seguinte, 8 de fevereiro, Paganel acordou mais cheio de confiança e quase reconciliado com o país. Os maoris, que ele principalmente receava, não tinham aparecido, e os ferozes canibais nem sequer em sonhos o ameaçaram. Manifestou a Glenarvan a sua satisfação por semelhante facto.

— Quer parecer-me, em vista disto — disse ele —, que o nosso pequeno passeio acabará sem dificuldade. Esta tarde chegaremos à confluência do Waipa e do Waikato, e para lá deste ponto é pouco de recear um encontro com os indígenas na estrada de Auckland.

— A que distância fica ainda a confluência do Waipa e do Waikato? — perguntou Glenarvan.

— A quinze milhas, quase o caminho que ontem fizemos.

— Mas se esta interminável mata continuar a dificultar-nos a passagem, temos de sofrer grande atraso.

— Não — replicou Paganel —; nas margens do Waipa, por onde seguiremos, esses obstáculos desaparecem e o caminho é suave.

— Partamos então — decidiu Glenarvan, vendo os viajantes prontos a retomarem o caminho.

Durante as primeiras horas do dia, ainda o cerrado matagal retardou a marcha. Por onde os viajantes passavam, nem carro nem cavalos poderiam passar. Poucas saudades tiveram do seu veículo australiano. Enquanto através daquelas florestas de plantas se não abrirem caminhos de carros, a Nova Zelândia só será transitável para os peões. Os fetos, cujas espécies são

inumeráveis, concorreram com a mesma obstinação que os maoris para a defesa do solo nacional.

Teve, pois, a pequena caravana inúmeras dificuldades para atravessar as planícies onde se alteiam as colinas de Hakarihoata. Contudo, chegou antes do meio-dia às margens do Waipa e subiu sem custo para o norte, pela beira do rio.

Era um formoso vale, sulcado de pequenos regatos, cujas águas frescas e límpidas deslizavam com festivo aspeto sob os arbustos que os orlavam. Segundo o botânico Hooker, a Nova Zelândia tem até hoje representadas duas mil espécies de vegetais, das quais quinhentas lhe pertencem exclusivamente. São raras ali as flores, pobres de colorido, e há falta quase absoluta de plantas anuais, abundando, porém, as filíceas, as gramíneas e as umbelíferas.

Em vários pontos e acima dos primeiros planos da verdura sombria, erguiam-se algumas árvores, metrossideros de flores escarlates, pinheiros de Norfolk, tuias com os ramos compridos caindo verticalmente, e uma espécie de cipreste, o «rimu», de aspeto não menos triste que os seus congéneres europeus; todos estes troncos eram invadidos por numerosas variedades de fetos.

Entre os ramos das grandes árvores, sobre a folhagem dos arbustos, adejavam e palravam algumas cacatuas, o «kakariki» verde, com uma lista vermelha na garganta, o «taupo», ornado com um belo par de suíças pretas, e um papagaio do tamanho do pato, de penas arruivadas, com uma lindíssima penugem sobre as asas, e a quem os naturalistas chamam o «Nestor meridional».

Sem se afastarem dos companheiros, Roberto e o major puderam matar algumas narcejas e perdizes, agachadas no baixo arvoredado da planície. Para aproveitar tempo, Olbinett foi-as depenando pelo caminho.

Da sua parte, Paganel, menos sensível às qualidades nutritivas da caça, desejava apanhar alguma ave peculiar da Nova Zelândia. A curiosidade do naturalista calava-lhe o apetite de viajante. Acudiam-lhe à ideia, se a memória o não enganava, os singulares costumes do «tui» dos indígenas, ora chamado o «zombador», em razão da sua incessante galhofa, ora o «cura», porque tem uma volta branca sobre as penas negras como a sotaina de um padre.

— O «tui» — disse Paganel ao seu amigo major — engorda de tal modo no inverno, que até adoece. Não pode voar. Rasga então o peito às bicadas, a fim de se desembaraçar da gordura e tornar-se mais leve. Não lhe parece isto esquisito, Mac-Nabs?

— Tão esquisito — replicou o major — que não acredito palavra!

E Paganel, com muita mágoa, não pôde apoderar-se de uma só destas aves, para mostrar ao major as sangrentas sacrifícios que lhes sulcavam o peito.

Foi, porém, mais feliz com um pássaro bastante singular, que, perseguido pelo homem, pelo gato e pelo cão, fugiu para os países desabitados e tende a desaparecer da fauna zelandesa. Roberto, esquadrinhando o terreno como um verdadeiro furão, descobriu num ninho formado de raízes entrelaçadas um par de galinhas sem asas e sem cauda, quatro artelhos nos pés, comprido bico de galinhola e cabeleira de penas brancas sobre todo o corpo. Estes raros animais pareciam servir de ponto de transição entre os ovíparos e os mamíferos.

Era o «kiwi» zelandês, o *apterix australis* dos naturalistas, que indiferentemente se alimenta de larvas, de insetos, de vermes ou de sementes. É privativo do país. Com muita dificuldade o têm introduzido nos jardins zoológicos da Europa. As suas formas meio esboçadas, os seus movimentos grotescos, têm despertado a atenção dos viajantes e, por ocasião da grande exploração à Oceânia do «Astrolabe» e da «Zelée», estava Dumont d'Urville principalmente encarregado pela Academia das Ciências de alcançar um espécime daqueles raros animais. Mas, apesar das recompensas prometidas aos indígenas, não pôde alcançar vivo um só «kiwi».

Contentíssimo com tão boa fortuna, Paganel amarrou as duas galinhas e levou-as corajosamente consigo, na intenção de fazer presente delas ao Jardim das Plantas de Paris. «Oferecido por Mr. Jacques Paganel», eis a sedutora inscrição que o confiadíssimo geógrafo já lia na mais bela gaiola do estabelecimento!

O pequeno grupo dos viajantes ia descendo sem fadiga as margens do Waipa. O país era deserto; nenhum vestígio de indígenas, nenhum caminho que indicasse a presença do homem naquelas planícies. As águas do rio corriam entre elevadas moitas ou deslizavam sobre praias extensas. O olhar podia então alongar-se até às pequenas montanhas que fechavam o vale para a banda de leste. Com as estranhas formas, os perfis mergulhados em enganador nevoeiro, semelhavam animais gigantesco, dignos dos tempos antediluvianos. Dir-se-ia um bando de enormes cetáceos imobilizados por súbita petrificação. Todas estas massas, agitadas pelas convulsões do solo, tinham aspeto puramente vulcânico. Com efeito, a Nova Zelândia é apenas o produto recente de um trabalho plutónico. Por isso, talvez, a sua superfície aumenta constantemente. Alguns pontos têm subido uma toesa no espaço de vinte anos. O fogo corre ainda através das suas entranhas, sacode-a, abala-a e sai em muitos pontos pela boca dos géiseres e pela cratera dos vulcões.

Pelas quatro horas tinham sido valentemente percorridas nove milhas. Segundo o mapa que Paganel incessantemente consultava, a confluência do Waipa e do Waikato devia achar-se a menos de cinco milhas. Por àquele ponto passava a estrada de Auckland. Estabelecer-se-ia ali o acampamento naquela noite. Quanto às cinquenta milhas que o separavam da capital, bastariam

dois ou três dias para as transpor, e oito horas, o muito, se Glenarvan encontrasse a mala-posta que faz serviço duas vezes por mês entre Auckland e a baía Hawkes.

— Portanto — disse Glenarvan — seremos ainda obrigados a acampar na noite seguinte.

— Sim — confirmou Paganel —, mas espero que será pela última vez.

— Tanto melhor, porque estas provações são demasiado severas para Lady Helena e Mary Grant.

— Que as suportam sem se queixarem — observou John Mangles. — Mas, se não me engano, o Sr. Paganel falou-nos de uma aldeia situada na confluência dos dois rios.

— Sim — respondeu o geógrafo —, ei-la indicada no mapa de Johnston. É a Ngarnavahia, quase duas milhas acima da confluência.

— Mas não poderíamos aí pernoitar? Lady Helena e Miss Grant não poriam dúvida em fazer mais duas milhas para terem um hotel um pouco conveniente.

— Um hotel! — bradou Paganel. — Um hotel numa aldeia maori! Nem uma estalagem ou uma taberna! A povoação de que estamos falando não é mais do que uma reunião de choupanas indígenas, e, longe de lá procurarmos abrigo, o meu parecer é que prudentemente a evitemos.

— Sempre os seus receios, Paganel! — exclamou Glenarvan.

— Meu caro lord, com os maoris mais vale a desconfiança do que a confiança. Não sei em que termos eles estão com os ingleses, se a insurreição foi reprimida ou está vitoriosa, se não vamos cair no meio da própria guerra. Ora, à parte a modéstia, pessoas da nossa qualidade seriam presa excelente, e não gostaria de experimentar a hospitalidade zelandesa. Julgo, pois, prudente evitar a aldeia de Ngarnavahia, torneá-la, fugir de qualquer encontro com os indígenas. Quando chegarmos a Drury será o caso diferente, e aí as nossas valentes companheiras poderão, à sua vontade, descansar das fadigas da viagem.

Prevaleceu a opinião do geógrafo. Lady Helena preferiu passar mais uma noite ao ar livre a expor os seus companheiros a um grande perigo. Nem ela nem Mary Grant pediram que se fizesse alto e continuaram a caminhar ao longo das margens.

Dali a duas horas começavam as primeiras sombras da noite a baixar das montanhas. Antes de desaparecer no ocidente e aproveitando um súbito rasgão nas nuvens, o sol dardejou sobre a terra alguns raios tardios. As longínquas cumeadas de leste iluminaram-se com os últimos fulgores do dia. Foi como uma rápida saudação dirigida aos viajantes.

Glenarvan e os seus companheiros apressaram o passo. Conheciam a rapidez do crepúsculo naquela latitude já elevada, e quão depressa nela se processa a invasão da noite. Era preciso chegar à confluência dos dois rios antes que a escuridão fosse profunda. Mas da banda de terra

levantou-se um denso nevoeiro, que tornou difícil reconhecer o caminho.

Felizmente, o ouvido substituiu a vista que as trevas tornavam inútil. Dali a pouco um murmúrio mais distinto das águas denunciou a reunião dos dois rios num mesmo leito. Às oito horas chegava a caravana ao ponto em que o Waipa desaparece de envolta com o Waikato, facto que não se realiza sem o rugido das ondas opostas que se encontram.

— Eis aí o Waikato — exclamou Paganel — e a estrada de Auckland sobe ao longo da margem direita.

— Amanhã veremos isso — retorquiu o major. — Acampemos aqui. Parece-me que estas sombras mais carregadas são provenientes de uma pequena espessura de árvores que crescem aqui de propósito para nos abrigar. Agora é cear, e dormir depois.

— Ceemos — concordou Paganel —, mas biscoitos e carne seca, sem acender lume. Chegámos até aqui incógnitos, procuremos retirar-nos do mesmo modo! Por fortuna, o nevoeiro torna-nos invisíveis.

Chegaram ao grupo das árvores e todos se conformaram com as rigorosas prescrições do geógrafo. Comeram sem ruído a ceia fria, e dali a pouco um sono profundo apoderou-se dos viajantes, fatigados de uma marcha de quinze milhas.

Capítulo 10 — O Rio Nacional

Ao romper do dia seguinte ainda um denso nevoeiro se arrastava pesadamente sobre as águas do rio. Uma parte dos vapores, que saturavam os ares, condensara-se pelo resfriamento e cobria como espessa nuvem a superfície das águas. Os raios do sol não tardaram, porém, a atravessar estas massas vesiculares, que se desfizeram sob a ação do astro radiante. As margens limpam-se do nevoeiro e a corrente do Waikato apareceu em toda a sua beleza matutina.

Uma língua de terra, extensa e fina, eriçada de arbustos, vinha morrer em ponta no sítio onde as duas correntes se juntam. As águas do Waipa, mais impetuosas, repeliam diante de si as do Waikato durante um quarto de milha, primeiro que se confundissem com elas; porém, o rio, sereno e caudaloso, não tardava a dominar o seu impetuoso companheiro, e tranquilamente o arrastava na sua corrente até ao reservatório do Pacífico.

Depois de se levantarem os vapores apareceu uma embarcação que subia o Waikato. Era uma canoa do comprimento de setenta pés, da largura de cinco e da profundidade de três, com a proa levantada como uma gôndola veneziana e cavada inteiriça no tronco de um pinheiro *kahikatea*. Cobria-lhe o fundo uma cama de fetos. Faziam-na voar sobre as ondas oito remos colocados à proa, e um homem em pé, na popa, dirigia-a por meio de um leme móvel.

Este homem era um indígena muito alto, que parecia ter quarenta e cinco anos de idade, de peito amplo, membros musculosos, pés e mãos vigorosos. A fronte arqueada e saliente, sulcada de grandes rugas, o olhar violento, a fisionomia sinistra, denotavam achar-se ali uma personagem temível.

Era um chefe maori e dos de primeira ordem. Conhecia-se isso pelos traços finos e muito juntos que lhe sulcavam o rosto e o corpo. Das alas do nariz, de forma aquilina, partiam duas espirais negras que, rodeando-lhe os olhos amarelos, se reuniam na fronte e desapareciam por entre a imensa cabeleira. A boca, guarnecida de brilhantes dentes, e o queixo desapareciam sob pinturas regulares, cujas elegantes volutas se contornavam até ao peito robusto do indígena.

A pintura, o *moko* dos zelandeses, é um elevado distintivo. Só se torna digno destes sinais honoríficos aquele que tem figurado em alguns combates com valentia. Os escravos, os indivíduos de baixa condição, não podem aspirar a eles. Conhecem-se os chefes célebres pela finura, precisão e qualidade do desenho, que reproduz muitas vezes nos seus corpos imagens de animais. Alguns chegam a suportar cinco vezes a dolorosa operação do *moko*. Naquela terra da

Nova Zelândia, quanto mais ilustre, mais *ilustrado* se é.

Sobre este costume, deu Dumont d'Urville curiosas informações. Observou, com muita razão, que o *moko* fazia as vezes dos brasões com que tanto se ufanavam certas famílias na Europa. Nota, porém, uma diferença entre estes dois distintivos, isto é, que os brasões dos europeus só indicam muitas vezes o merecimento individual daquele que primeiro os ganhou e nada provam quanto ao mérito dos descendentes que os herdaram, enquanto os brasões individuais dos zelandeses atestam evidentemente que, para eles terem direito de os trazer, devem dar provas de notável coragem pessoal.

Fora da consideração que a rodeia, a pintura no corpo dos maoris possui incontestável utilidade. Dá ao sistema cutâneo um aumento de espessura, que permite à pele resistir às intempéries das estações e às contínuas picadas dos mosquitos.

Quanto ao chefe que dirigia a embarcação, não podia haver dúvida a respeito da sua ilustração. O osso arqueado do albatroz cinco vezes lhe havia sulcado o rosto em linhas cerradas e profundas. Estava na sua quinta edição, o que se lhe conhecia pelo soberbo aspeto.

Uma tanga ensanguentada nos últimos combates cingia-lhe o corpo envolto em grande esteira de fórmio. Do lóbulo alongado das orelhas pendiam-lhe brincos verdes, feitos de uma espécie de esmeralda, e em roda do pescoço agitavam-se-lhe vários colares de *punamus*, espécie de pedras sagradas, às quais os zelandeses ligam alguma ideia supersticiosa. Tinha estendida ao lado uma espingarda de fabrico inglês, junto de um *patu-patu*, espécie de acha de dois gumes, cor de esmeralda e do comprimento de dezoito polegadas.

Junto dele, nove guerreiros de qualidade inferior, mas armados, de ar feroz, alguns com feridas recentes, permaneciam em imobilidade perfeita, envoltos nos seus mantos de fórmio. Aos pés dos maoris estavam estendidos três cães de feroz aspeto. Os oito remadores à proa pareciam servos ou escravos do chefe. Remavam vigorosamente. Por isso a embarcação subia a corrente do Waikato, aliás pouco torrentosa, com velocidade admirável.

No centro da canoa, com os pés amarrados e as mãos livres, estavam dez prisioneiros, apertados uns contra os outros.

Eram Glenarvan e Lady Helena, Mary Grant, Roberto, Paganel, o major, John Mangles, o *steward* e os dois marinheiros.

Na véspera à noite, toda a pequena caravana, enganada pelo espesso nevoeiro, acampara no meio de um numeroso bando de indígenas. Pela meia-noite, os viajantes, surpreendidos no sono, foram feitos prisioneiros e depois transportados para a embarcação. Até àquele momento não haviam ainda sido maltratados, mas inútil teria sido a sua resistência. Estavam em poder dos

selvagens as suas armas e munições, e as suas próprias balas os lançariam por terra.

Não tardou muito que se soubesse, graças a algumas palavras inglesas de que os indígenas se serviam, que estes, repelidos pelas tropas britânicas, batidos e dizimados, se refugiavam nos distritos do alto Waikato. Depois de tenaz resistência e de lhe terem sido assassinados os principais guerreiros pelos soldados do 42.º Regimento, o chefe maori vinha fazer novo apelo às tribos do rio, a fim de se reunirem ao invencível William Thompson, que lutava ainda contra os conquistadores. Este chefe chamava-se Kai-Kumu, nome sinistro em língua zelandesa, pois significa «aquele que come os membros do inimigo». Era valente e arrojado, mas nele a crueldade igualava o valor. Não havia que esperar piedade de Kai-Kumu. O seu nome era muito conhecido dos soldados ingleses e a sua cabeça acabava de ser posta a preço pelo governador da Nova Zelândia.

Tão terrível golpe ferira Glenarvan no momento em que se achava próximo do tão almejado porto de Auckland e prestes a regressar à Europa. Contudo, pelo rosto sereno e impassível, ninguém poderia adivinhar a intensidade das angústias que o punham. Era que Glenarvan, nas circunstâncias graves, mostrava-se sempre à altura do infortúnio. Conhecia que ele, o chefe, o esposo, devia ser a força, o exemplo de sua mulher e dos seus companheiros. Estava pronto, quando as circunstâncias o exigissem, a ser o primeiro que se sacrificasse pela salvação comum. Profundamente religioso, não queria desesperar da justiça de Deus em face da santidade da empresa em que se empenhara, e, no meio dos inúmeros perigos que lhe surgiam no caminho, nunca um momento se arrependeu do generoso impulso que o arrastara àqueles países selvagens.

Os seus companheiros eram dignos dele, partilhavam os seus nobres pensamentos, e, ao ver-lhes a fisionomia serena e ativa, ninguém julgaria que tinham iminente uma suprema catástrofe. Por comum acordo e por conselho de Glenarvan, resolveram afetar sublime indiferença perante os indígenas. Era o único meio de dominar aquelas índoles ferozes. Os selvagens em geral, e em particular os maoris, têm um certo sentimento de dignidade que nunca perdem. Estimam quem se faz estimar pelo sangue-frio e pela coragem. Glenarvan sabia que, procedendo assim, poupava a si e aos companheiros tratamentos maus e inúteis.

Depois de partirem do acampamento, os indígenas, pouco faladores como todos os selvagens, raras vezes tinham conversado uns com os outros. Entretanto, por algumas palavras, Glenarvan reconheceu que a língua inglesa lhes era familiar. Resolveu interrogar o chefe zelandês sobre a sorte que os esperava. Dirigindo-se a Kai-Kumu, disse-lhe em tom completamente isento de receio:

— Aonde nos conduzes, chefe?

Kai-Kumu olhou para ele friamente e não lhe respondeu.

— Que tencionas fazer de nós? — repetiu Glenarvan.

Pelos olhos de Kai-Kumu passou como que um relâmpago e com voz grave respondeu:

— Trocar-te, se os teus te quiserem; matar-te, se eles te recusarem.

Glenarvan não perguntou mais, mas a esperança renasceu-lhe no coração. Alguns chefes maoris tinham decerto caído em poder dos ingleses, e os selvagens queriam a sua restituição por meio de troca. Havia, pois, uma probabilidade de salvação e a situação não era desesperada.

A canoa ia subindo rapidamente o rio. Paganel, cuja mobilidade de caráter facilmente o levava de um extremo a outro, readquirira completamente a esperança. Dizia consigo que os maoris lhes poupavam o trabalho de se dirigirem aos postos ingleses, e que tudo era ganho. Completamente resignado à sua sorte, seguia no mapa o curso do Waikato através das planícies e dos vales da província. Lady Helena e Mary Grant, dissimulando o terror que lhes ia na alma, conversavam em voz baixa com Glenarvan, e o mais hábil fisionomista não seria capaz de lhes surpreender no rosto as angústias que lhes dilaceravam o coração.

O Waikato é o rio nacional da Nova Zelândia. Os maoris têm dele ciúme e orgulho, como os alemães do Reno e os eslavos do Danúbio. No seu curso de duzentas milhas rega as mais belas regiões da ilha setentrional, desde a província de Wellington até à de Auckland. Deu o seu nome a todas as tribos que lhe povoam as margens, tribos que, por domar e indomáveis, se levantaram em massa contra os invasores.

As águas deste rio estão ainda virgens do sulco dos navios estrangeiros. Só se fendem diante da proa das pirogas insulares. Apenas algum raro e audacioso viajante se terá aventurado por entre as suas margens sagradas. O acesso do Alto Waikato parece estar interdito aos europeus profanos.

Paganel conhecia a veneração dos indígenas pela grande artéria zelandesa. Sabia que os naturalistas ingleses e alemães não o tinham ainda percorrido além do ponto em que se liga com o Waipa. Até onde arrastava o capricho de Kai-Kumu os seus cativos? Não seria capaz de adivinhar se a palavra «Taupo», frequentemente repetida pelo chefe e pelos guerreiros, não lhe despertasse a atenção.

Consultou o mapa e viu que o nome «Taupo» se applicava a um lago célebre nos anais geográficos, existente na parte mais montanhosa da ilha, na extremidade meridional da província de Auckland. O Waikato sai deste lago, depois de o atravessar em toda a sua largura. Ora, da confluência até ao lago, o rio percorre uma extensão de quase cento e vinte milhas.

Paganel, dirigindo-se em francês a John Mangles, para não ser compreendido, pediu-lhe que

calculasse a velocidade da canoa. John avaliou-a em quase três milhas por hora.

— Então — calculou o geógrafo —, se fizermos alguma paragem de noite durará a viagem quatro dias.

— Mas onde ficam situados os postos ingleses? — perguntou Glenarvan.

— É difícil sabê-lo! — respondeu Paganel. — Entretanto, o teatro da guerra deve ter sido mudado para a província de Taranaki, e, segundo todas as probabilidades, as tropas estão acampadas do lado do lago, na banda de lá das montanhas, na área onde o foco da insurreição se concentrou.

— Deus o queira! — exclamou Lady Helena.

Glenarvan voltou um olhar repassado de tristeza para a sua jovem esposa e para Mary Grant, expostas ao capricho de tão ferozes indígenas num país selvagem, longe de toda a intervenção humana civilizada. Vendo, porém, que Kai-Kumu o observava, não quis, por prudência, dar-lhe a conhecer que uma das cativas era a sua mulher, e, recalcando os seus pensamentos para o fundo do coração, pôs-se a contemplar as margens do rio com perfeita indiferença.

Meia milha acima da confluência, a embarcação passara pela antiga residência do rei Potató. Nenhuma outra canoa sulcava as águas do rio. Algumas cabanas, levantadas a grandes intervalos umas das outras, mostravam no seu estado de ruína todos os horrores de uma recente guerra. As campinas marginais pareciam abandonadas, as praias estavam desertas. Só alguns representantes da família das aves aquáticas animavam aquela triste soledade. Uma vez era o *taparunga*, ave pernalta de asas pretas, ventre branco, bico vermelho, que fugia valendo-se das compridas patas. Outras vezes, garças de duas espécies, o *matuku* cinzento, espécie de alcaravão de expressão estúpida, e o magnífico *kotuku*, de penas brancas, bico amarelo, patas pretas, que sossegadamente contemplavam a embarcação que passava. Nos pontos onde o declive da praia denunciava certa profundidade, o tordo marinho, o *kotaré* dos maoris, espiava as pequenas enguias que se agitam aos milhões nos rios zelandeses. Nos sítios em que as moitas se debruçavam sobre as águas do rio, as poupas, muito altivas, e as galinhas-sultanas faziam o seu toucado matutino aos primeiros raios do sol. Todo este bando alado gozava em paz os momentos de descanso que lhes deixava a ausência dos homens, afugentados ou dizimados pela guerra.

Durante a primeira parte do seu curso, o Waikato deslizava em leito amplo através de vastas planícies. Mas, nas proximidades da nascente, primeiro as colinas, depois as montanhas, apertavam o vale por onde corria. Dez milhas acima da confluência, o mapa de Paganel

indicava na margem esquerda o rio de Kirikiriroa, o qual efetivamente ali se achava. Kai-Kumu não parou. Mandou distribuir aos prisioneiros os próprios alimentos, que lhes tinham sido roubados por ocasião do saque do acampamento. O chefe, os seus guerreiros e escravos contentaram-se com os alimentos indígenas, fetos comestíveis, o *pteris esculenta* dos botânicos, raízes cozidas no forno e *kapanas*, batatas abundantemente cultivadas nas duas ilhas. Nenhum produto animal figurava na sua refeição, e a carne seca dos cativos não pareceu despertar-lhes desejos.

Pelas três horas apareceram na margem direita algumas montanhas, os Pokaroa-Ranges, que pareciam uma muralha desmantelada. Em algumas arestas a prumo viam-se *pahs* em ruínas, antigos entrincheiramentos levantados pelos engenheiros maoris em posições inexpugnáveis. Semelhavam grandes ninhos de águias.

Ia o sol desaparecer no horizonte quando a canoa bateu numa praia coberta de pedra-pomes, que o Waikato, saindo de montanhas vulcânicas, arrasta na corrente. Cresciam ali algumas árvores, que pareciam próprias para abrigar um acampamento. Kai-Kumu fez desembarcar os prisioneiros, mandando amarrar as mãos aos homens e ficando as mulheres soltas; foram todos colocados depois no meio do acampamento, em volta do qual grandes fogueiras formaram uma barreira de chamas impossível de transpor.

Antes de Kai-Kumu dizer aos seus cativos que tencionava trocá-los, já Glenarvan e Mangles tinham discutido os meios de recuperarem a liberdade. O que não podiam tentar na embarcação esperavam experimentá-lo em terra, por ocasião de acamparem, protegidos por quaisquer eventualidades da noite.

Mas, depois da conversa que tivera com o chefe zelandês, Glenarvan julgou prudente abster-se de qualquer tentativa. Convinha ter paciência. Era a resolução mais prudente. A troca de prisioneiros oferecia probabilidades de salvação que um ataque à mão armada ou a fuga através daquele país desconhecido não proporcionava. Era certo que podiam surgir bastantes acontecimentos que retardariam ou até impediriam uma tal negociação; mas o melhor, ainda assim, era esperar com tranquilidade. De facto, que poderiam uns poucos de homens sem armas contra trinta selvagens bem armados? Além disto, Glenarvan supunha que a tribo de Kai-Kumu perdera algum chefe de importância e que muito interesse tinha em resgatar. Não se enganava.

No dia seguinte, a embarcação tornou a subir o rio com mais rapidez. Às dez horas parou um momento na confluência do Pohaiwhenna, pequeno rio que deslizava sinuosamente pelas planícies da margem direita.

Aí, uma canoa tripulada por dez indígenas juntou-se à embarcação de Kai-Kumu. Os

guerreiros apenas trocaram a saudação do encontro, o «airé mai ra», que quer dizer «vinde de boa saúde», e as duas canoas marcharam de conserva. Os recém-chegados vinham de combater com os ingleses. Conhecia-se pelos trajés esfarrapados, pelas armas ensanguentadas, pelas feridas que ainda vertiam sangue sob os andrajos. Estavam sombrios e taciturnos. Com a indiferença habitual a todos os povos selvagens, não deram atenção aos europeus.

Por volta do meio-dia contornaram-se no ocidente as cumeadas do Maungatotari. O vale do Waikato começava a estreitar; apertado num leito profundo, o rio começava a despenhar-se com a violência de uma torrente. Porém, o vigor dos indígenas, aumentado e regulado por um canto que soava de concerto com o bater dos remos, fez correr a embarcação sobre as águas espumantes. Transpôs-se a torrente, e o Waikato tornou suavemente a seguir o seu curso, quebrado de milha em milha pelos ângulos das margens.

Ao anoitecer, Kai-Kumu deu fundo junto das montanhas, cujas primeiras escarpas se erguiam a prumo sobre estreita praia. Saltaram em terra uns vinte indígenas e tomaram disposições para ali pernoitar. Acenderam fogueiras debaixo das árvores. Um chefe, igual de Kai-Kumu, adiantou-se a passos contados, e roçando o nariz no desta personagem, dirigiu-lhe a saudação do «chongui». Os prisioneiros foram colocados no centro do acampamento e guardados com extrema vigilância.

No dia seguinte recomeçou-se a demorada subida do Waikato. Dos pequenos confluente do rio desembocavam outras embarcações. Uns sessenta guerreiros, que eram evidentemente os fugitivos da última insurreição, achavam-se então reunidos, e, mais ou menos maltratados pelas balas inglesas, dirigiam-se para os distritos das montanhas. Por vezes, das canoas, que vogavam em linha, elevava-se um canto. Um indígena entoava a ode patriótica do misterioso «Pihé»: *Papa ra te wati tidi I dounga nei...*, hino nacional, que arrasta os maoris à guerra da independência. A voz do cantor, cheia e sonora, acordava os ecos das montanhas, e, após cada estrofe, os indígenas, batendo no peito, que soava como um tambor, repetiam em coro a canção belicosa. Em seguida, com um novo esforço dos remos, as canoas faziam cabeça à corrente e voavam na superfície das águas.

Naquele dia, um fenómeno curioso assinalou a navegação do rio. Pelas quatro horas a embarcação, sem hesitar, sem demorar a carreira, guiada pela mão firme do chefe, lançou-se através de um estreito vale. De encontro a numerosos ilhéus, propícios a acidentes perigosos, quebravam-se vertiginosos redemoinhos. Mais que em qualquer outra parte, na perigosa passagem de Waikato era forçoso evitar um naufrágio, pois as suas margens nenhum refúgio ofereciam, e quem quer que pusesse pé no ardente lodo da praia perder-se-ia inevitavelmente.

Efetivamente, o rio corria entre nascentes de água quente, que em todos os tempos têm chamado a atenção dos viajantes. O óxido de ferro coloria de vermelho muito vivo o limo da praia, onde o pé não encontraria uma toesa de terreno sólido. A atmosfera estava saturada de um cheiro sulfuroso muito penetrante. Os indígenas não se sentiram muito incomodados, mas os cativos padeceram bastante com os miasmas exalados das fendas do solo e das bolhas que rebentavam por efeito da força expansiva dos gases interiores. Se, porém, o olfato dificilmente se habituava àquelas emanações, a vista não podia deixar de admirar tão grandioso espetáculo.

As embarcações meteram-se pela espessura de uma nuvem de vapores esbranquiçados, cujas deslumbrantes volutas formavam uma espécie de domo sobre o rio. Nas margens, grande número de géiseres, uns lançando nuvens de vapores, outros expelindo colunas líquidas, produziam variados e sucessivos efeitos, que lembravam os jatos e as cascatas de jogo de águas organizados pela mão do homem. Parecia que maquinista oculto dirigia a seu sabor as intermitências das nascentes. As águas e os vapores, confundidos no ar, radiavam várias cores, feridos pelos raios do sol.

Naquele ponto, o Waikato corre sobre um leito movediço, que ferve continuamente por efeito dos fogos subterrâneos. Perto, a leste, da banda do lago Rotorua, bramiam as nascentes termais e as cascatas fumegantes do Rotomahana e do Tatarata, avistadas por alguns arrojados viajantes. Esta região é crivada de géiseres, de crateras, de solfataras. Por ali se escapa o excesso de gases que não puderam achar saída pelas válvulas insuficientes do Tongariro e do Wakari, os únicos vulcões em atividade na Nova Zelândia.

Por espaço de duas milhas, as canoas indígenas navegaram debaixo desta abóbada de vapores, conglobados pelas quentes volutas que lambiam a superfície das águas; depois dissipou-se o fumo sulfuroso, e um ar puro, produzido pela rapidez da corrente, veio refrescar os peitos ofegantes. Estava passada a região das nascentes.

Ainda naquele dia foram vencidas mais duas torrentes pelo vigoroso remo dos selvagens: a torrente de Hipapatua e a de Tamatea. À noite, Kai-Kumu acampou a cem milhas do Waipa e do Waikato. O rio, alargando para leste, despenhava-se ao sul no lago Taupo, como imenso jato de água num tanque.

Ao meio-dia, toda a comitiva das embarcações desembocava no lago Taupo por um ponto em que o rio alargava, e os indígenas saudavam com gestos apaixonados um pedaço de estofa que o vento fazia ondular no alto de uma cabana. Era a bandeira nacional.

Capítulo 11 — O Lago Taupo

Um dia, muito antes dos tempos históricos, por efeito de um desabamento de cavernas em meio das lavas traquíticas do centro da ilha, formou-se insondável abismo do comprimento de vinte e cinco milhas e da largura de vinte. Precipitando-se dos cumes circunvizinhos, as águas invadiram a enorme cavidade. Tornou-se lago o imenso pélagos; continuou, porém, sendo abismo, e até hoje ainda as sondas não conseguiram medir-lhe a profundidade.

Tal é o extraordinário lago Taupo, situado a mil e duzentos pés acima do nível do mar e dominado por um círculo de montanhas de quatrocentas toesas de altura. Ao ocidente, formidáveis rochedos a prumo; ao norte, alguns cumes longínquos coroados de pequenas florestas; a leste, uma grande praia sulcada por uma estrada e decorada de pedra-pomes, que resplandecia sob o enramado das moitas; ao sul, cones vulcânicos surgindo por detrás de um primeiro plano de florestas, eis a majestosa moldura que circunda aquela vasta extensão de água, cujas bramidoras tempestades valem pelos ciclones do oceano.

Toda esta região ferve como imensa caldeira suspensa sobre chamas subterrâneas. Minada pelo fogo central, a terra treme. Em muitos lugares filtram quentes enxurradas. A crosta de terra fende-se e desmorona-se em partes como um bolo que afofou de mais, e com certeza que todo o plaino desabaria na incandescente fornalha se, dez milhas mais longe, os vapores comprimidos não achassem saída pelas crateras do Tongariro.

Da margem norte avistava-se o vulcão coroado de fumo e chamas, por sobre montículos ignívomos. O Tongariro parecia pertencer a um sistema orográfico bastante complicado. Detrás dele, o monte Ruapahu, isolado na planície, erguia-se a nove mil pés, ocultando a fronte nas nuvens. Sobre o seu cone inacessível ainda nenhum mortal pôs os pés; a vista humana nunca sondou as profundidades da sua cratera, enquanto Mrs. Bidwill e Dyson, no espaço de vinte anos, e recentemente Mr. de Hochstetter, mediram os cumes mais altos do Tongariro.

Têm as suas lendas estes vulcões, e em qualquer outra circunstância Paganel não deixaria de as contar aos companheiros. Ter-lhes-ia referido a disputa que houve um dia entre o Tongariro e o Taranaki, então seu vizinho e amigo, disputa motivada por uma questão de mulher. O Tongariro, que tem a cabeça esquentada como todos os vulcões, enraiveceu-se a ponto de agredir o Taranaki. Ofendido e humilhado, o Taranaki fugiu pelo vale do Whanganni, deixou cair pelo caminho dois pedaços de montanha, e chegou à beira-mar, onde se ergue solitário sob o

nome de Mont-Egmont.

Mas Paganel não estava em disposição de contar, nem os seus amigos com humor de ouvir. Contemplava silenciosamente a margem nordeste do Taupo, aonde a mais terrível fatalidade acabava de os conduzir. A missão fundada pelo reverendo Grace em Pukawa, nas margens ocidentais do lago, já não existia. A guerra fizera fugir o ministro para longe do foco principal da insurreição. Os prisioneiros achavam-se sós, entregues à mercê de maoris ávidos de represálias, e exatamente na parte selvagem da ilha onde o Cristianismo nunca penetrou.

Saindo das águas do Waikato, Kai-Kumu atravessou o pequeno canal que serve de vazadouro ao rio, dobrou um agudo promontório e chegou à margem oriental do lago, junto das primeiras ondulações do monte Manga, grande intumescência da altura de trezentas toesas. Estendiam-se ali campos de fórmio, o linho precioso da Nova Zelândia. É o *harakeké* dos indígenas. Nesta útil planta não há nada a desprezar. A flor fornece uma espécie de mel excelente; o tronco produz uma substância gomosa, que substitui perfeitamente a cera ou o amido; a folha, mais complacente ainda, presta-se a numerosas transformações; fresca, serve de papel; seca, forma uma isca excelente; cortada, transforma-se em cordas, cabos e cordéis; dividida em filamentos e tecida, torna-se em cobertura ou manto, esteira ou tanga, e, colorida de vermelho ou preto, veste os mais elegantes maoris.

O precioso fórmio acha-se em todos os pontos das duas ilhas, tanto nas margens do mar como ao longo dos rios e nas bordas dos lagos. As suas moitas cobriam campos inteiros; as flores, vermelho-escuro, e semelhantes à agave, desabrochavam por toda a parte, adornando exteriormente a inextricável rede das suas compridas folhas, as quais formavam um como troféu de lâminas cortantes. Os nectarianos, formosos pássaros que frequentam os campos de fórmio, voavam em grupos numerosos e libavam o melífero suco das flores.

Nas águas do lago patinhavam bandos de patos com penas pretas, listradas de verde e cinzento, e que facilmente se domesticavam.

A um quarto de milha, numa escarpa da montanha, avistava-se um *pah*, entrincheiramento maori colocado em posição inexpugnável. Os prisioneiros, com os pés e as mãos livres, desembarcando um a um, foram conduzidos pelos guerreiros para o *pah*. O caminho que aí conduzia atravessava campos de fórmio e um bosquezinho de formosas árvores, entre as quais se viam *kaikateas* de folhas perenes e bagas vermelhas, *dracenas australis*, o *ti* dos indígenas, cujo talo substitui perfeitamente a couve-palmeira, e *huious*, que servem para tingir estofos de preto. Grandes pombas de reflexos metálicos, glaucopes cinzentos e uma coleção completa de estorninhos com carúnculas vermelhas, largaram voo ao aproximarem-se os indígenas.

Depois de longo caminhar, Glenarvan, Lady Helena, Mary Grant e os seus companheiros chegaram ao interior do *pah*.

Era defendida esta fortaleza por um primeiro recinto de sólidas paliçadas, da altura de quinze pés; uma segunda linha de estacas, e afinal um tapume de vimes crivado de seteiras fechavam o segundo recinto, isto é, a chapada do *pah*, sobre a qual se elevavam construções maoris e umas quarenta cabanas dispostas simetricamente.

Chegando ali, os cativos ficaram horrivelmente impressionados com a vista das cabeças que ornavam as estacas do segundo recinto. Lady Helena e Mary Grant desviaram os olhos ainda com mais desgosto do que terror. As cabeças pertenciam a chefes inimigos mortos em combate, e cujos corpos serviram de alimento aos vencedores. O geógrafo reconheceu-os como tais, ao ver-lhes as órbitas privadas de olhos.

Efetivamente, os olhos dos chefes são devorados; a cabeça, arranjada à moda dos indígenas, vazia dos miolos e limpa de toda a epiderme, o nariz seguro por meio de pedacinhos de pau, as ventas atulhadas de fómio, a boca e as pálpebras cosidas, é metida no forno e exposta a uma fumigação de trinta horas. Assim preparada, conserva-se indefinidamente sem alteração nem ruga, e forma troféus de vitória.

Muitas vezes os maoris conservam a cabeça dos próprios chefes, mas, neste caso, o olho fica na órbita e olha. Os zelandeses mostram com orgulho estes restos; expõem-nos à admiração dos jovens guerreiros e rendem-lhes um tributo de veneração em solenes cerimónias.

No *pah* de Kai-Kumu só cabeças de inimigos constituíam o horrível museu, e decerto mais de um inglês, com a órbita vazia, se encontrava na coleção do chefe maori.

Entre muitas de menos importância, a cabana de Kai-Kumu elevava-se ao fundo do *pah*, diante de um grande campo descoberto, a que os europeus chamariam «campo da batalha». Era formada de estacas e de ramos entrelaçados e revestida interiormente por esteiras de fómio. Tinha vinte pés de comprimento, quinze de largo e dez de alto, isto é, três mil pés cúbicos de capacidade. Não precisa de mais a morada de um chefe zelandês.

Uma só abertura dava acesso à cabana; um batente, formado de espesso tecido vegetal e que se movia pendurado da parte superior, servia de porta. O teto tinha a forma de um implúvio. Algumas figuras esculpidas no alto das traves ornavam a cabana, e o *wharepuni*, ou portal, expunha à admiração dos visitantes folhagens, figuras simbólicas, monstros, plantas, enfim, uma espécie de selva curiosa, devida ao cinzel dos ornamentadores indígenas.

No interior da cabana, o sobrado, feito de terra batida, elevava-se meio pé acima do solo. Uma espécie de grades formadas de caniços e uma espécie de colchões de fetos secos, cobertos

de esteira tecida com as folhas compridas e flexíveis da *tifa*, serviam de leitos. No meio, um buraco de pedra fazia de lar, e, no teto, segundo buraco servia de chaminé. O fumo, quando já era bastante denso, decidia-se a aproveitar aquela saída, mas só depois de haver depositado nas paredes da habitação um verniz preto de tom admirável.

Ao lado da cabana elevavam-se os armazéns que encerravam as provisões do chefe, a sua colheita de fómio, de batatas, de taros, e os fornos onde, com o contacto de pedras quentes, se opera o cozimento destes diversos alimentos. Mais longe, em pequenos cerrados, havia porcos e cabras, raros descendentes dos úteis animais aclimados pelo capitão Cook. Pelos arredores vagueavam alguns cães à procura do seu mesquinho sustento. Para animais que diariamente cooperam na alimentação dos maoris, tinham bem mau tratamento.

Glenarvan e os seus companheiros abraçaram com um simples golpe de vista todo este panorama. Expostos às injúrias de um bando de velhas, esperavam junto de uma cabana abandonada a resolução que a seu respeito o chefe houvesse de tomar. O bando das harpias rodeava-os, ameaçando-os com o punho, uivando e vociferando. Algumas palavras inglesas que lhes escapavam dos grossos lábios davam claramente a perceber que exigiam imediata vingança.

No meio das vociferações e das ameaças, Lady Helena, aparentemente sossegada, fingia uma tranquilidade que não podia ter no coração. Mulher corajosa, para deixar todo o sangue-frio a Lord Glenarvan, continha-se fazendo heroicos esforços. Quanto à pobre Mary Grant, sentia que as forças lhe faltavam, e John Mangles incutia-lhe ânimo, pronto a morrer em sua defesa. Os seus companheiros suportavam cada qual de modo diverso o chuveiro de invetivas, ou indiferentes como o major, ou entregues a progressiva irritação como Paganel.

Querendo evitar a Lady Helena os ataques das velhas megeras, Glenarvan caminhou direito a Kai-Kumu e disse, apontando para o grupo horrível:

— Expulsa-as daqui.

O chefe maori olhou fito para o prisioneiro sem lhe responder; depois, com um gesto, fez calar o bando uivador. Glenarvan inclinou-se em sinal de agradecimento, e veio lentamente retomar lugar em meio dos seus.

Naquele momento achavam-se reunidos no *pah* uns cem zelandeses, velhos, rapazes, adultos, uns impassíveis, mas sombrios, esperando as ordens de Kai-Kumu, outros entregues a todos os arrebatamentos de uma dor violenta; os últimos choravam os parentes ou amigos mortos nos recentes combates.

De todos os chefes que se levantaram à voz de William Thompson, só Kai-Kumu voltara aos

distritos do lago e era o primeiro que informava a sua tribo da derrota da insurreição nacional, batida nas planícies do baixo Waikato. Dos duzentos guerreiros que, sob as suas ordens, haviam corrido em defesa do solo, faltavam cento e cinquenta. Se alguns estavam prisioneiros dos invasores, quantos, estendidos no campo da batalha, nunca mais voltariam ao país dos seus avós!

Assim se explicava a profunda consternação que a chegada de Kai-Kumu lançara na tribo. Nada ainda transpirara da última derrota, e a funesta notícia acabava de se propagar.

Nos selvagens a dor moral manifesta-se sempre por demonstrações físicas. Por isso os parentes e amigos dos guerreiros mortos, as mulheres principalmente, rasgavam o rosto e os ombros com cortantes conchas. O sangue escorria e misturava-se com as suas lágrimas. As profundas incisões atestavam grande desespero. Loucas de dor e ensanguentadas, as zelandesas estavam horríveis.

Um outro motivo, muito grave aos olhos dos indígenas, aumentava o seu desespero. Não só deixara de existir o amigo, o parente que pranteavam, como também os seus ossos não podiam figurar no túmulo da família. Na religião maori a posse de tais restos é julgada indispensável aos destinos da vida futura; não a carne perecível, mas os ossos que, recolhidos com cuidado, limpos, raspados, polidos, envernizados até, são definitivamente depositados no *udupa*, isto é, na «casa da glória». Estes túmulos são ornados de estátuas de madeira, que reproduzem com perfeita fidelidade as pinturas que cobriam o corpo do defunto. Mas agora os túmulos ficariam vazios, as cerimónias religiosas não se efetuariam e os ossos que os dentes dos cães selvagens não devorassem ficariam insepultos no campo da batalha.

As manifestações de dor aumentaram de intensidade. Às ameaças das mulheres seguiram-se as imprecações dos homens contra os europeus. Soavam as injúrias, os gestos tornavam-se mais violentos. Iam seguir-se aos gritos os atos de brutalidade.

Kai-Kumu, receando que os fanáticos da sua tribo o dominassem, mandou conduzir os cativos a um lugar sagrado, sito na outra ponta do *pah*, em plano elevado e de difícil acesso. Estoutra cabana estava encostada a um morro que lhe ficava superior uns cem pés, e que deste lado do acampamento terminava em talude bastante íngreme. Neste «Waré-Atuá», casa consagrada, os padres ou *arikis* ensinavam aos zelandeses a religião de um deus em três pessoas, o pai, o filho e o pássaro ou o espírito. A cabana, vasta, bem fechada, encerrava o alimento santo e escolhido que Maoui-Ranga-Rangui come pela boca dos seus padres.

Aí os cativos, momentaneamente abrigados do furor dos indígenas, estenderam-se em esteiras de fórmio. Lady Helena, exaustas as forças, abatida a energia moral, deixou-se cair nos

braços do marido.

Glenarvan, apertando-a contra o peito, repetia:

— Coragem, minha querida Helena, Deus não nos abandonará!

Assim que se viu encerrado, Roberto subiu aos ombros de Wilson e conseguiu meter a cabeça por um interstício que havia entre o teto e a parede, da qual pendiam enfiadas de amuletos. Daquela altura o seu olhar abraçava toda a extensão do *pah* até à cabana de Kai-Kumu.

— Estão reunidos em volta do chefe —, informou ele em voz baixa. — Agitam os braços... Soltam uivos... Kai-Kumu quer falar...

O jovem calou-se por alguns instantes, depois prosseguiu:

— Kai-Kumu fala... Os selvagens sossegam... Escutam...

— Não há dúvida — observou o major — que o chefe tem interesse pessoal em nos proteger. Quer trocar os prisioneiros por chefes da sua tribo! Mas consentirão nisso os seus guerreiros?

— Sim!... Escutam... — continuou Roberto. — Dispersam-se... Uns recolhem-se às suas cabanas... Outros deixam o acampamento...

— Falas verdade? — interrogou o major.

— Sim, Sr. Mac-Nabs — respondeu Roberto. — Kai-Kumu ficou só com os guerreiros da sua embarcação... Ah! Um deles dirige-se para aqui...

— Desce, Roberto — ordenou Glenarvan.

Lady Helena, que se levantara, agarrou no braço do marido.

— Edward — disse ela com voz firme —, nem eu nem Mary Grant devemos cair vivas nas mãos desses selvagens!

E dizendo estas palavras estendeu para Glenarvan um revólver carregado.

— Uma arma! — exclamou Glenarvan, por cujos olhos passou um rápido fulgor.

— Sim! Os maoris não revistam as prisioneiras! Mas esta arma é para nós, Edward, não para eles!...

— Glenarvan — disse rapidamente Mac-Nabs —, esconda o revólver! Não é tempo ainda...

O revólver desapareceu entre as vestes do lord. A esteira que fechava a entrada da cabana levantou-se. Apareceu um indígena.

Fez sinal aos presos para que o seguissem. Glenarvan e os seus companheiros, em grupo cerrado, atravessaram o *pah* e pararam diante de Kai-Kumu.

Em roda deste chefe estavam reunidos os principais guerreiros da tribo. Entre eles via-se o

maori cuja embarcação se reunira à de Kai-Kumu na confluência do Pohainhenna e do Waikato. Era um homem de quarenta anos, vigoroso, de rosto feroz e cruel. Chamava-se Kara-Tété, isto é, o «irascível», em língua zelandesa. Kai-Kumu tratava-o com certas atenções, e, em vista da delicadeza da pintura que lhe ornava o corpo, reconhecia-se que Kara-Tété ocupava posição elevada na tribo. Entretanto, qualquer observador reconheceria que entre os dois chefes havia rivalidade. O major adivinhou que a influência de Kara-Tété fazia sombra a Kai-Kumu. Governavam ambos os importantes povos do Waikato e com igual poder. Por isso durante este diálogo, se a boca de Kai-Kumu sorria, os seus olhos denotavam profunda inimizade.

Kai-Kumu interrogou Glenarvan:

— És inglês?

— Sim — respondeu o lord sem hesitar, porque esta nacionalidade devia tornar a troca mais fácil.

— E os teus companheiros? — continuou Kai-Kumu.

— Os meus companheiros são ingleses como eu. Somos viajantes e naufragámos. Mas, se tens interesse em sabê-lo, não tomámos parte na guerra.

— Pouco importa! — retorquiu brutalmente Kara-Tété. — Todos os ingleses são nossos inimigos! Têm roubado os nossos campos! Têm queimado as nossas aldeias!

— Fizeram mal! — replicou Glenarvan com voz grave. — Digo-to porque o penso e não porque estou em teu poder.

— Escuta —olveu Kai-Kumu —, o Tohonga, o grão-padre do Nui-Atuá , caiu em poder dos teus irmãos; está prisioneiro dos *pakekas* . O nosso Deus ordena que o resgatemos. Os meus desejos eram arrancar-te o coração e que a tua cabeça e as de teus companheiros ficassem eternamente cravadas nas estacas desta paliçada. Mas Nui-Atuá falou.

Arrazoando assim, Kai-Kumu, até então senhor de si, tremia de cólera, e a sua fisionomia tomava expressão de uma exaltação feroz.

Passados alguns instantes prosseguiu friamente:

— Julgas que os ingleses troquem o nosso Tohonga pela tua pessoa?

Glenarvan hesitou em responder e observou atentamente o chefe maori.

— Ignoro-o — disse, passado um momento de silêncio.

— Fala — continuou Kai-Kumu. — A tua vida vale a do nosso Tohonga?

— Não — respondeu Glenarvan. — Não sou nem chefe nem padre entre os meus!

Paganel, estupefacto em vista desta resposta, olhou para Glenarvan com admiração profunda.

Kai-Kumu pareceu igualmente surpreendido.

— Então duvidas? — perguntou.

— Ignoro — replicou Glenarvan.

— Os teus não te aceitarão em troca do nosso Tohonga?

— Eu só, não — objetou Glenarvan. — Nós todos, talvez.

— Entre os maoris — elucidou Kai-Kumu — é cabeça por cabeça.

— Oferece primeiro estas mulheres em troca do teu padre — disse Glenarvan, designando Lady Helena e Mary Grant.

Lady Helena quis correr para o marido. O major deteve-a.

— Estas duas damas — prosseguiu Glenarvan, inclinando-se com respeitosa graça diante de Lady Helena e Mary Grant — ocupam alta posição no seu país.

O guerreiro olhou friamente para o seu prisioneiro. Aos lábios assomou-lhe um riso de mau agouro; mas reprimiu-o logo e redarguiu, com um tom que dificilmente moderava:

— Esperas acaso enganar Kai-Kumu com falsidades, europeu maldito? Julgas tu que os olhos de Kai-Kumu não sabem ler nos corações?

E apontando para Lady Helena, afirmou:

— Aquela é tua mulher!

— Não! É a minha! — exclamou Kara-Tété.

E, repelindo os prisioneiros, a mão do chefe estendeu-se para Lady Helena, que empalideceu ao seu contacto.

— Edward! — exclamou a desgraçada, na maior consternação.

Glenarvan, sem proferir palavra, levantou o braço. Ouviu-se um tiro. Kara-Tété caiu morto.

Ao soar a detonação, saiu das cabanas enorme multidão de indígenas. O *pah* encheu-se num instante. Sobre os desgraçados levantaram-se cem braços. Num relance o revólver de Glenarvan foi-lhe tirado da mão.

Kai-Kumu deitou um estranho olhar para Glenarvan; em seguida, estendendo a mão sobre o assassino, conteve com a outra a multidão, que corria de roldão para ele.

Afinal a sua voz dominou o tumulto.

— Tabu! Tabu! — exclamou.

A esta palavra, a multidão parou diante de Glenarvan e dos seus companheiros, momentaneamente preservados por um poder sobrenatural.

Passados instantes eram reconduzidos ao Waré-Atuá, que lhes servia de prisão. Mas Roberto Grant e Jacques Paganel haviam desaparecido.

Capítulo 12 — O Funeral de um Chefe Maori

Como é muito frequente na Nova Zelândia, Kai-Kumu acumulava com o título de *ariki* o de chefe de tribo. Estava revestido da dignidade de padre, e, como tal, podia estender sobre as pessoas ou sobre os objetos a supersticiosa proteção do tabu.

Comum a todos os povos da Polinésia, o tabu tem por efeito imediato interdizer toda a relação com a pessoa, ou todo o uso do objeto sobre que recai o seu efeito. Segundo a religião maori, qualquer que levantar mão sacrílega sobre a pessoa ou coisa declarada tabu será punido de morte pelo Deus irritado. Demais, dado o caso que a divindade tarde a vingar a própria injúria, os padres não deixam de acelerar a sua vingança.

O tabu é aplicado pelos chefes com um fim político, quando o não é por efeito de alguma situação ordinária da vida particular. Um indígena está sob o tabu durante muitos dias, em muitas circunstâncias, quando corta o cabelo, quando sofre a operação de lhe pintarem o corpo, quando constrói uma piroga, quando edifica uma casa, quando é atacado de doença mortal, quando morre. Ameaça um imprevidente consumo despovoar os rios de peixes, arruinar os primeiros frutos de uma plantação de batata doce: estes objetos são cobertos com um tabu económico e protetor. Um chefe quer afastar os importunos da sua cabana: põe-lhe o tabu; monopolizar em seu proveito as relações com um navio estrangeiro: põe-lhe também o tabu; fazer estar de quarentena um comerciante europeu de quem não gosta: cobre-o igualmente com o tabu. A sua interdição parece-se então com o antigo veto dos reis.

Quando qualquer objeto está nessas circunstâncias, ninguém impunemente lhe pode tocar. Quando um indígena se acha coberto por esta interdição, são-lhe proibidos certos alimentos por um tempo determinado. Quando é rico e o dispensam de tão severa dieta, os escravos servem-no e introduzem-lhe na boca os manjares em que ele não deve tocar com as mãos; se é pobre, fica reduzido a apanhar os alimentos com a boca, e o tabu transforma-o num animal.

Em suma, para concluir, este singular costume dirige e modifica as menores ações dos zelandeses. É a incessante intervenção da divindade na vida social. Tem força de lei e pode-se dizer que todo o código indígena, código por discutir e indiscutível, se resume na frequente aplicação do tabu.

Quanto aos prisioneiros encerrados no Waré-Atuá, era um tabu arbitrário que acabava de os subtrair aos furores da tribo. Alguns indígenas, os amigos e os partidários de Kai-Kumu tinham

parado subitamente à voz do seu chefe e protegido os cativos.

Glenarvan não se iludia, porém, a respeito da sorte que o esperava. Só com a morte podia pagar o assassinio de um chefe. A morte nos povos selvagens é sempre o termo de longo suplício. Glenarvan esperava por isso expiar cruelmente a legítima indignação que lhe armara o braço, mas esperava que a cólera de Kai-Kumu só a ele ferisse.

Que noite ele e os seus companheiros não passaram! Quem poderia pintar as suas angústias e dar a medida dos seus sofrimentos? O pobre Roberto, o excelente Paganel, não tinham tornado a aparecer. Mas como duvidar da sua sorte? Não eram eles as primeiras vítimas sacrificadas à vingança dos indígenas? Fugira toda a esperança, até do coração de Mac-Nabs, que não era homem que desesperasse facilmente. John Mangles sentia apagar-se-lhe a razão perante o sombrio desespero de Mary Grant, separada de seu irmão. Glenarvan pensava no terrível pedido feito por Lady Helena, que, para se subtrair ao suplício e à escravidão, queria morrer às suas mãos! Seria ele capaz de tanta coragem?

— E Mary, com que direito pôr-lhe mão homicida? — pensava John, cujo coração se despedaçava.

Quanto à evasão, era ela evidentemente impossível. Dez guerreiros, armados até aos dentes, guardavam a porta do Waré-Atuá.

Chegou a manhã de 13 de fevereiro. Não houve comunicação entre os indígenas e os prisioneiros defendidos pelo tabu. A cabana encerrava uma certa quantidade de víveres, nos quais os desgraçados apenas tocaram. Diante da dor a fome desaparecia. O dia passou-se sem trazer uma mudança ou uma esperança. Era fora de dúvida que a hora do funeral do chefe e a do suplício haviam de soar juntas.

Glenarvan tinha toda a certeza de que Kai-Kumu devia ter abandonado qualquer ideia de troca, mas o major, neste ponto, conservava alguma esperança.

— Quem sabe — dizia, lembrando a Glenarvan o efeito que produzira no chefe a morte de Kara-Tété —, quem sabe se no fundo da consciência Kai-Kumu não se lhe reconhece obrigado?

Apesar, porém, das observações de Mac-Nabs, Glenarvan não queria conservar esperanças. O dia seguinte passou-se sem que os preparativos do suplício se fizessem. Eis qual era a razão da demora.

Os maoris julgam que a alma, nos três primeiros dias que se seguem à morte, continua a habitar no corpo do defunto, e durante este tempo o cadáver está insepulto. Este costume foi observado com todo o rigor. Até 15 de fevereiro o *pah* esteve deserto. John Mangles, em pé sobre os ombros de Wilson, observou muitas vezes as trincheiras exteriores. Nenhum indígena

apareceu. Só as sentinelas, fazendo vigilante guarda, se rendiam à porta do Waré-Atuá.

Ao terceiro dia, porém, as cabanas abriram-se; os selvagens, homens, mulheres, crianças, isto é, mais de cem maoris, reuniram-se no *pah*, silenciosos e tranquilos.

Kai-Kumu saiu da cabana e, rodeado dos principais chefes da sua tribo, tomou lugar sobre um morro de terra, que se elevava ao centro do acampamento. A multidão dos indígenas formava um semicírculo algumas toesas atrás de Kai-Kumu. Toda a assembleia guardava profundo silêncio.

A um sinal de Kai-Kumu, um guerreiro dirigiu-se para o Waré-Atuá.

— Não te esqueças — recomendou Lady Helena.

Glenarvan apertou a esposa contra o coração. Mary Grant aproximou-se de John Mangles e disse-lhe:

— Lord e Lady Glenarvan devem pensar que, se uma mulher pode morrer às mãos do marido para se livrar de uma vergonhosa existência, a esposa prometida deve também morrer às mãos do noivo para se livrar da mesma sorte. John, neste instante supremo posso dizer-lho: no mistério do seu coração não sou há muito a sua prometida esposa? Posso contar consigo, querido John, como Lady Helena conta com Lord Glenarvan?

— Mary! — exclamou o jovem capitão, consternado. — Ah! Querida Mary!...

Não pôde concluir; a esteira levantou-se e os cativos foram conduzidos à presença de Kai-Kumu; as duas mulheres estavam resignadas à sua sorte; os homens dissimulavam as suas angústias sob um aspeto tranquilo, filho de uma energia sobre-humana.

Chegaram à presença do chefe zelandês. Este não fez esperar a sentença.

— Mataste Kara-Tété? — perguntou a Lord Glenarvan.

— Matei — respondeu o lord.

— Amanhã, ao nascer do sol, morrerás.

— Só? — interrogou Glenarvan, cujo coração batia com violência.

— Ah! Se a vida do nosso Tohonga não fosse mais preciosa do que a tua! — exclamou Kai-Kumu, cujo olhar exprimiu um pesar feroz.

Naquele momento produziu-se agitação entre os indígenas. Glenarvan deitou um olhar rápido em volta de si. A multidão abriu caminho e, apareceu um guerreiro, escorrendo suor e com sinais de grande fadiga.

Assim que o avistou. Kai-Kumu disse-lhe em inglês, com a evidente intenção de ser compreendido dos cativos:

— Vens do campo dos *pakekas*?

— Sim — respondeu o maori.

— Viste o prisioneiro, o nosso Tohonga?

— Vi.

— Vive?

— Morreu! Os ingleses fuzilaram-no!

Estava tudo acabado para Glenarvan e os seus companheiros.

— Morrereis todos — exclamou Kai-Kumu — amanhã ao romper do dia!

Comum castigo feria indistintamente os infelizes. Lady Helena e Mary Grant levantaram para o céu um olhar de sublime agradecimento.

Os cativos não foram reconduzidos para o Waré-Atuá. Deviam naquele dia assistir ao funeral do chefe e às sangrentas cerimónias que o acompanham. Um grupo de indígenas levou-os para um enorme *kudi*, que ficava próximo. Os guardas conservavam-se ao pé deles sem os perder de vista. O resto da tribo maori, absorta na sua dor oficial, parecia tê-los esquecido.

Haviam decorrido os três dias regulamentares após a morte de Kara-Tété. A alma do defunto abandonara definitivamente o invólucro mortal. Começou a cerimónia.

O corpo foi trazido para o meio do acampamento. Estava revestido de um trajo sumptuoso e envolvido numa esteira magnífica de fórmio. Na cabeça, ornada de penas, trazia uma coroa de folhas verdes. O rosto, os braços e o peito, untados de azeite, não denotavam corrupção alguma.

Os parentes e amigos aproximaram-se do lugar em que estava colocado o corpo, e, de repente, como se algum diretor de orquestra batesse o compasso de um canto fúnebre, elevou-se no espaço imenso concerto de lágrimas, gemidos e soluções. Pranteavam o defunto em ritmo plangente e com uma cadência pesada. Os que lhe eram mais chegados batiam na cabeça; as mulheres feriam o rosto com as unhas e mostravam-se mais pródigas de sangue que de lágrimas. Aquelas desgraçadas cumpriam conscienciosamente o seu selvático dever. Não bastam, porém, estas manifestações para sossegar a alma do defunto, cuja cólera feriria decerto os sobreviventes da sua tribo, e, como não o podiam chamar à vida, os seus guerreiros não quiseram que ele no outro mundo tivesse saudades do bem-estar terrestre. Por esta razão, a companheira de Kara-Tété devia acompanhar o esposo no túmulo. A infeliz seria a própria que não quereria sobreviver-lhe. Era o costume, de acordo com o dever, e não faltam na história zelandesa exemplos de semelhantes sacrifícios.

Apareceu a mulher do defunto. Era moça ainda. Os cabelos soltos flutuavam-lhe sobre os ombros. Os seus soluços e gritos soavam ruidosamente. Palavras vagas, saudades, frases interrompidas em que celebrava as virtudes do morto, cortavam-lhe os gemidos, e num supremo

paroxismo de dor, batendo com a cabeça no solo, estendeu-se ao pé do estrado onde estava o cadáver.

Kai-Kumu aproximou-se dela. De súbito, a desgraçada levantou-se; mas um violento golpe de *méré*, espécie de maça formidável, redemoinhando na mão do chefe, lançou-a por terra. Caiu fulminada.

Soaram no mesmo instante temerosos gritos. Cem braços ameaçaram os cativos, espantados com aquele horrível espetáculo. Mas ninguém se moveu, porque a cerimónia fúnebre não concluía.

A mulher de Kara-Tété reunira-se ao esposo no túmulo. Os dois corpos estavam estendidos um junto do outro. Mas para a vida eterna não bastava ao defunto a sua fiel companheira. Quem serviria ambos junto de Nui-Atuá, se os seus escravos não os seguissem deste mundo para o outro?

Seis desgraçados foram trazidos para junto dos cadáveres dos donos. Eram servidores, que as leis desapiedadas da guerra tinham reduzido à escravidão. Durante a vida do chefe, haviam padecido as mais duras privações, sofrido mil tratos cruéis, mal alimentados, empregados sem cessar em trabalhos de besta de carga, e agora, segundo a crença maori, iam continuar na eternidade aquela existência de escravidão.

Os infelizes pareciam resignados à sua sorte. Não se admiravam de um sacrifício previsto há tanto tempo. As mãos, livres de quaisquer laços, atestavam que iam receber a morte sem resistir.

Contudo, essa morte foi rápida, e pouparam-lhes longas agonias. A tortura estava reservada para os autores do assassínio que, agrupados a vinte passos, desviavam os olhos daquele terrível espetáculo, cujo horror ia aumentar.

Seis golpes de *méré*, brandidos pela mão de seis guerreiros vigorosos, estenderam as vítimas no solo, no meio de um mar de sangue.

Foi o sinal de espantosa cena de canibalismo.

O corpo dos escravos não está protegido pelo tabu como o cadáver do senhor. Pertence à tribo. É a gratificação que se atira aos carpidores dos funerais. Por isso, consumado o sacrifício, toda a multidão dos indígenas, chefes, guerreiros, velhos, mulheres, crianças, sem distinção de idade nem de sexo, tomada de um furor bestial, caiu sobre os restos inanimados das vítimas. Em menos tempo que leva a descrever, os corpos ainda fumegantes foram despedaçados, divididos, cortados, feitos, não em pedaços, mas em migalhas. Dos duzentos maoris presentes ao sacrifício, todos tiveram o seu quinhão de carne humana. Lutavam,

agrediam-se, disputavam o menor bocado uns aos outros. Gotas de sangue quente salpicavam os monstruosos convivas, e todo aquele bando repugnante formigava sob uma chuva vermelha. Era a fúria e o delírio de tigres devorando raivosos a presa. D ir-se-ia um circo em que os belonários devorassem as feras. Em seguida, acenderam-se mais de vinte fogueiras em diversos pontos do *pah*; o cheiro de carne queimada infetou a atmosfera, e se não fosse o espantoso tumulto do festim, se não fossem os gritos que saíam daquelas gargantas repletas de carne, os cativos ouviriam os ossos das vítimas estalar sob os dentes dos canibais.

Glenarvan e os seus companheiros, ofegantes, procuravam ocultar aos olhos das duas pobres senhoras tão abominável cena. Compreenderam que suplício os esperava no dia seguinte, ao romper do sol, e de que tormentos cruéis seria precedida uma tal morte. O horror emudecia-os.

Depois começaram as danças. Licores fortes, extraídos do *piper excelsum*, verdadeiro espírito de pimenta, apressaram a embriaguez dos selvagens. Não tinham nada de humano. Era possível até que, esquecendo o tabu do chefe, chegassem aos últimos excessos para com os prisioneiros, a quem aquele delírio aterrava.

Mas Kai-Kumu conservava o uso da razão em meio da embriaguez geral. Concedeu uma hora à orgia de sangue para que ela pudesse chegar à maior intensidade e extinguir-se, e o último ato do funeral representou-se com o cerimonial costumado.

Foram levantados os cadáveres de Kara-Tété e de sua mulher e dobraram-lhes os membros de encontro ao ventre. Tratava-se de os enterrar, não de um modo definitivo, mas até ao momento em que a terra, devorando as carnes, só deixasse os ossos.

O local do Udupa, isto é, do túmulo, tinha sido escolhido fora do acampamento, a quase duas milhas de distância, no alto de uma pequena montanha chamada Maunganamu, situada na margem direita.

Era para ali que os cadáveres deviam ser transportados. Dois palanquins de uma espécie muito primitiva, ou, para falarmos melhor, duas padiolas, foram trazidas para junto do estrado. Os cadáveres, dobrados, mais sentados que deitados, com os trajos amarrados ao corpo por meio de cipós, foram dispostos nas padiolas. Quatro guerreiros pegaram nelas aos ombros, e toda a tribo, tornando a cantar o hino fúnebre, seguiu-se processionalmente até ao lugar do enterro.

Os cativos, sempre vigiados, viram o cortejo sair do primeiro recinto do *pah*; depois, os cantos e os gritos foram diminuindo.

Em consequência da profundidade do vale perderam-no de vista por espaço de meia hora. Depois tornaram a avistá-lo serpenteando pelos atalhos da montanha. A distância tornava

fantástico o aspeto daquela extensa coluna ondulada.

A tribo parou numa altura de oitocentos pés, isto é, no cume do Maunganamu, no próprio lugar preparado para o enterro de Kara-Tété.

Um simples maori teria por cova apenas um buraco e um montão de pedras. Mas, a um chefe poderoso e temido, talvez destinado a próxima deificação, a tribo reservava um túmulo digno das suas façanhas.

O Udupa tinha sido rodeado de paliçadas e, próximo do fosso onde deviam ficar os cadáveres, elevavam-se várias vigas ornadas de figuras avermelhadas a ocre. Os parentes de Kara-Tété não haviam esquecido que o «Waidoua», o espírito dos mortos, se alimenta de substâncias materiais, como costuma fazer o corpo na vida mortal. Por esta razão, no recinto tinham depositado víveres, como também as armas e os trajos do defunto.

Nada faltava ao conforto do túmulo. Os dois esposos ali foram depositados um junto do outro, e cobertos com ervas e terra depois de nova série de lamentações.

O cortejo tornou a descer silenciosamente a montanha, e ninguém podia agora subir o Maunganamu, sob pena de morte, porque fora coberto com o tabu, como o Tongariro, onde repousam os restos de um chefe esmagado em 1846 por uma convulsão do solo zelandês.

Capítulo 13 — As Últimas Horas

No momento em que o sol desaparecia por detrás do lago Taupo, ocultando-se com os cimos do Tuhahua e do Puketapu, os cativos foram reconduzidos para a sua prisão. Só deviam tomar a sair dela quando os cumes do Wahiti-Ranges se tingissem com os primeiros fulgores do dia.

Tinham uma noite para se prepararem para a morte. Apesar do aniquilamento, apesar do horror que os fulminava, tomaram a refeição em comum.

— Não serão de mais todas as nossas forças — dissera Glenarvan — para encarar a morte. É preciso mostrar a estes bárbaros como os europeus sabem morrer.

Terminada a refeição, Lady Helena recitou a oração da noite em voz alta. Todos os seus companheiros, com a cabeça descoberta, a acompanharam.

Qual é o homem que não pensa em Deus quando vê a morte diante de si?

Cumprido este dever, os prisioneiros abraçaram-se.

Mary Grant e Lady Helena, retiradas para um canto da cabana, estenderam-se sobre uma esteira. O sono, que suspende todos os males, cerrou-lhes dali a pouco as pálpebras. Prostradas pela fadiga e pelas longas insónias, adormeceram nos braços uma da outra.

Glenarvan, chamando de parte os companheiros, comunicou-lhes:

— Queridos companheiros, a nossa vida e a destas pobres mulheres pertencem a Deus. Se está nos seus decretos que devemos amanhã perecer, tenho a certeza de que havemos de saber morrer como homens corajosos, como cristãos prontos a aparecer sem receio diante do Juiz Supremo. Deus, que vê o fundo das almas, sabe que é nobre o fim que levamos em vista. Se em vez do êxito nos espera a morte, é porque Ele assim o quer. Por dura que seja a sua sentença, não murmurarei contra ela. Mas a morte aqui não é só a morte, é o suplício, é a infâmia talvez, e eis duas mulheres...

Neste ponto a voz de Glenarvan alterou-se. Calou-se a fim de dominar a sua comoção. Após um momento de silêncio:

— John — exclamou —, prometeste a Mary o que eu prometi a Lady Helena. Que resolveste?

— A promessa de que Vossa Honra fala, parece-me que tenho perante Deus o direito de a cumprir.

— Sim, John, mas estamos sem armas.

— Eis aqui uma — replicou John, mostrando um punhal. — Arranquei-o das mãos de Kara-Tété quando esse selvagem caiu a seus pés. Aquele que sobreviver de entre nós cumprirá o voto de Lady Helena e Mary Grant.

Após estas palavras estabeleceu-se profundo silêncio. Finalmente o major interrompeu-o, dizendo:

— Meus amigos, guardem para os últimos instantes esse recurso desesperado. Sou pouco partidário do que é irremediável.

— Não falei por nós — replicou Glenarvan. — Qualquer que seja a espécie de morte que nos espera, saberemos arrostá-la. Ah! Se estivéssemos sós, já vinte vezes lhes teria bradado: «Meus amigos, tentemos uma surtida! Ataquemos estes miseráveis!» Elas! Elas, porém!...

John levantou a esteira e contou vinte e cinco indígenas que velavam à porta do Waré-Atuá. Tinham feito uma grande fogueira, que lançava sinistros clarões sobre a planta acidentada do *pah*. Os selvagens, uns estavam sentados em volta do braseiro; outros de pé, imóveis, sobressaíam vigorosamente, delineando-se-lhes o negro vulto no fundo brilhante das chamas. Todos dirigiam frequentemente o olhar para a cabana confiada à sua vigilância.

Diz-se que entre um carcereiro que vela e um preso que quer fugir, as probabilidades são a favor do preso. Efetivamente, os interesses são diferentes. O carcereiro pode esquecer que guarda, mas o preso não pode esquecer que é guardado. O cativo pensa mais em fugir que o guarda em impedir a fuga. Eis a razão de tantas evasões frequentes e maravilhosas.

Mas aqui era o ódio, a vingança, que vigiavam os cativos, e não um carcereiro indiferente. Se os presos não tinham sido amarrados, é que os laços não se tornavam necessários, porque vinte e cinco homens guardavam a saída do Waré-Atuá.

Esta cabana, encostada ao rochedo em que terminava o entrincheiramento, só era acessível por uma estreita língua de terra, que a reunia ao *pah* pela banda de diante.

Tornava-se, pois, impossível qualquer evasão, e Glenarvan, depois de ter pela vigésima vez sondado as paredes da prisão, foi obrigado a reconhecer essa impossibilidade.

Iam entretanto decorrendo as horas daquela noite de angústia. Espessas trevas tinham invadido a montanha. Nem a lua nem as estrelas alteravam a profunda escuridão. Algumas lufadas varriam os flancos do *pah*. As estacas da cabana gemiam. A fogueira dos indígenas animava-se subitamente por efeito desta ventilação passageira, e o reflexo das chamas lançava rápidos clarões no interior do Waré-Atuá. O grupo dos prisioneiros iluminava-se por um instante. Aquela pobre gente jazia absorta nos seus últimos pensamentos. Na cabana reinava um silêncio de morte.

Deviam ser quase quatro horas da manhã quando a atenção do major foi despertada por um ligeiro ruído, que parecia produzir-se por detrás das estacas do fundo, na parede da cabana encostada à rocha. Mac-Nabs, a princípio indiferente a este ruído, vendo que ele continuava, pôs-se a escutar; depois, fazendo-o cismar a sua insistência e para melhor o apreciar, encostou o ouvido ao chão. Pareceu-lhe que esgaravatavam, que cavavam da banda de fora.

Depois de se certificar do facto, o major, dirigindo-se sem fazer ruído para o lugar onde estavam Glenarvan e John Mangles, arrancou-os aos seus dolorosos pensamentos e conduziu-os para o fundo da cabana.

— Escutem — recomendou-lhes em voz baixa, fazendo sinal para que se baixassem.

O ruído tornava-se cada vez mais perceptível; podiam-se ouvir ranger as pequenas pedras sob a pressão de um corpo agudo e desmoronarem-se exteriormente.

— Alguma fera no covil — sugeriu John Mangles.

Glenarvan bateu na testa.

— Quem sabe — disse ele. — Quem sabe se será um homem?

— Homem ou animal — replicou o major — hei de ver o que é!

Wilson e Olbinett reuniram-se aos seus companheiros e puseram-se todos a escavar na parede, John com o seu punhal, os outros com pedras arrancadas do solo ou com as unhas, enquanto Mulrady, estendido no chão, espreitava por uma abertura da esteira o grupo dos indígenas.

Os selvagens, imóveis à roda da fogueira, não suspeitavam de nada do que se passava a vinte passos de distância.

O solo era composto de uma terra movediça e friável, que cobria o tufo silicioso. Por isso, apesar da falta de instrumentos, a escavação avançava rapidamente. Tornou-se bem depressa evidente que um ou mais homens, trepados aos flancos do *pah*, abriram uma galeria na parede exterior. Mas com que fim? Conheciam eles a existência dos prisioneiros, ou o acaso de uma tentativa pessoal explicava o trabalho que parecia estar a executar-se? Os cativos redobram de esforços. Os seus dedos escorriam sangue, mas continuavam a cavar. Depois de meia hora de trabalho, o buraco aberto por eles alcançara meia toesa de profundidade. Pelo ruído, mais sonoro já, reconhecia-se que uma camada de terra pouco espessa era apenas o que impedia a imediata comunicação.

Decorreram mais alguns minutos, e, de repente, o major retirou a mão ferida por aguda lâmina. Conteve um grito prestes a escapar-lhe.

John Mangles, opondo-lhe a lâmina do seu punhal, evitou a faca que se agitava fora do solo,

mas agarrou a mão que a empunhava.

Era mão de mulher ou de criança, mão europeia!

De parte a parte não se proferira uma palavra. Tornava-se evidente que de ambos os lados havia interesse em não falar.

— És tu, Roberto? — murmurou Glenarvan.

Mas, apesar de proferir muito baixinho esta palavra, Mary Grant, que despertara com o movimento que reinava na cabana, aproximou-se, sem ruído, de Glenarvan, e, agarrando na mão toda enxovalhada de terra, cobriu-a de beijos.

— Tu! Tu! — exclamou a jovem, que não se enganara. — Tu, meu Roberto!

— Sim, querida irmãzinha! — respondeu Roberto. — Estou aqui para os salvar a todos.

Mas, silêncio!

— Valorosa criança! — repetia Glenarvan.

— Tomem sentido nos selvagens que estão lá fora — recomendou Roberto.

Mulrady, um momento distraído pela aparição da criança, tornou a ir para o seu posto de observação.

— Tudo vai bem — informou ele. — Só há quatro guerreiros que vigiam. Os outros estão adormecidos.

— Coragem! — exclamou Wilson.

O buraco alargou-se num instante, e Roberto passou dos braços da irmã para os braços de Lady Helena. Trazia enrolada no corpo uma comprida corda de fórmio.

— Meu filho, meu filho — murmurava a jovem —, os selvagens não te mataram!

— Não, senhora — volveu Roberto. — Não sei como, durante o tumulto, pude ocultar-me deles; transpus o recinto; por espaço de dois dias estive oculto por detrás de arbustos. De noite vagueava; queria tornar a vê-los. Enquanto toda a tribo se ocupava do funeral do chefe, vim fazer o reconhecimento deste lado do entrincheiramento onde se eleva a prisão, e vi que me poderia aproximar do lugar onde estavam. Roubei numa cabana solitária esta faca e esta corda. Os montículos de erva, os ramos de arbustos, serviram-me de escada. Por acaso, achei uma espécie de gruta onde se apoia esta construção; tive apenas que escavar alguns pés numa terra mole, e eis-me aqui.

Vinte beijos silenciosos foram a única resposta que Roberto pôde obter.

— Partamos — ordenou ele em tom decidido.

— Paganel está lá em baixo? — perguntou Glenarvan.

— O Sr. Paganel? — disse Roberto, surpreendido.

— Sim, está à nossa espera?

— Não, milord. Como, pois o Sr. Paganel não está aqui?

— Não, Roberto — respondeu Mary Grant.

— O quê? Não o viste? — insistiu Glenarvan. — Não se encontraram no tumulto? Não fugiram juntos?

— Não, milord — esclareceu Roberto, aterrado por saber do desaparecimento do seu amigo Paganel.

— Partamos — recomendou o major —, não há um minuto a perder. Esteja Paganel em que lugar estiver, não pode estar pior do que nós aqui. Partamos!

Efetivamente, os momentos eram preciosos. Convinha fugir. A fuga não oferecia dificuldades, a não ser uma parede quase perpendicular fora da gruta, e de vinte pés apenas de altura. Passada ela, o talude oferecia uma descida bastante suave até à base da montanha. Depois, os cativos podiam rapidamente vencer a distância que os separava dos vales inferiores, enquanto os maoris, quando descobrissem a evasão, seriam obrigados a dar um grande rodeio para os apanhar, porque ignoravam a existência da galeria aberta entre o Waré-Atuá e o declive exterior.

A fuga começou. Tomaram-se todas as precauções para que ela tivesse bom resultado. Os cativos passaram um a um pela estreita galeria e chegaram à gruta. Antes de deixar a choupana, John Mangles fez desaparecer todo o entulho e meteu-se por seu turno na abertura, sobre a qual deixou cair as esteiras da cabana. A galeria achava-se perfeitamente disfarçada.

Era preciso agora descer a parede perpendicular até ao declive, descida que seria impossível se Roberto não trouxesse a corda de fórmio.

Desenrolaram-na; foi amarrada a uma saliência do rochedo e pendurada para a banda de fora.

John Mangles, antes de consentir que os seus amigos se suspendessem dos filamentos de fórmio que, torcidos, formavam a corda, experimentou-os; não lhe pareceu que oferecessem grande solidez. Era preciso não se exporem inconsideradamente, porque uma queda podia ser mortal.

— Esta corda — informou ele — só pode suportar o peso de dois corpos; procedamos em conformidade com a sua força. Que Lord e Lady Glenarvan desçam primeiro; quando chegarem ao talude, puxem três vezes pela corda em sinal de que podemos segui-los.

— Irei adiante — observou Roberto. — Descobri na base do talude uma espécie de escavação onde os que chegarem primeiro podem esconder-se para esperar os outros.

— Vai, meu filho — disse Glenarvan, apertando a mão do mancebo.

Roberto desapareceu pela abertura da gruta. Um minuto depois, três puxões da corda indicavam que o mancebo acabava de realizar com felicidade a sua descida.

Em seguida Glenarvan e Lady Helena arriscaram-se a sair da gruta. Era profunda a escuridão, mas alguns tons pardacentos começavam a colorir os cumes que se erguiam a leste.

O frio agudo da manhã reanimou a jovem. Sentiu-se mais forte e começou a perigosa evasão.

Primeiro Glenarvan, depois Lady Helena, deixaram-se escorregar ao longo da corda até ao lugar onde a parede perpendicular encontrava o cume do talude. Em seguida Glenarvan, precedendo a esposa e ajudando-a, começou a descer de recuo. Procurava os montículos de erva e os arbustos capazes de lhe oferecerem ponto de apoio; experimentava-os primeiro, e colocava em seguida sobre eles o pé de Lady Helena. Alguns pássaros, acordando de súbito, levantavam o voo, dando pequenos pios, e os fugitivos tremiam quando qualquer pedra, desprendendo-se do alvéolo, rolava ruidosamente até à base da montanha.

Tinham chegado a meio do talude quando se ouviu uma voz murmurar na entrada da gruta:

— Esperem!

— Era a voz de John Mangles.

Wilson tivera um aviso. Percebendo algum ruído no lado exterior do Waré-Atuá, recolhera-se à cabana, e levantando a esteira observava os maoris. A um sinal dele, John fez parar Glenarvan.

Efetivamente, um dos guerreiros, surpreendido por algum rumor insólito, levantara-se e aproximara-se do Waré-Atuá. Em pé, a dois passos da cabana, escutava com a cabeça inclinada. Permaneceu nesta atitude por espaço de um minuto que pareceu uma hora, com o ouvido à escuta e o olhar atento. Depois, abanando a cabeça como homem que se enganou, voltou para o pé dos seus companheiros, pegou num braçado de lenha e lançou-a na fogueira quase apagada, cujas chamas se reanimaram. O seu rosto, vivamente iluminado, não denunciava preocupação alguma, e depois de observar os primeiros fulgores da alvorada, que branqueavam o horizonte, deitou-se ao pé do lume para aquecer os resfriados membros.

— Tudo vai bem — informou Wilson.

John fez sinal a Glenarvan para que tornasse a descer.

O lord deixou-se escorregar suavemente pelo talude; dali a pouco Lady Helena e o marido punham pé no estreito atalho onde Roberto os esperava.

A corda foi sacudida três vezes, e John Mangles, precedendo Mary Grant, seguiu por sua vez o perigoso caminho.

Foi bem sucedido; dali a nada reunia-se a Lord e Lady Glenarvan na gruta indicada pelo jovem Roberto.

Cinco minutos depois, todos os prisioneiros, realizando com felicidade a evasão do Waré-Atuá, deixavam o seu retiro provisório, e, fugindo das margens habitadas do lago, embrenhavam-se, seguindo estreitos atalhos, na solidão das montanhas.

Caminhavam rapidamente, procurando afastar-se de todos os pontos onde pudessem ser vistos. Não falavam, deslizavam como sombras através dos arbustos. Onde iam? Ao acaso, mas a verdade é que estavam livres.

Por volta das cinco horas começou o dia a despontar.

As altas camadas das nuvens cobriam-se de tons azulados. Os cumes longínquos iam-se limpando dos vapores matutinos. O astro do dia não devia tardar e o sol, que despontava, em vez de dar o sinal do suplício, ia, pelo contrário, descobrir a fuga dos condenados.

Era preciso, portanto, antes daquele momento fatal, que os fugitivos se pusessem fora do alcance dos selvagens, a fim de lhes fazerem perder a pista por meio da distância. Mas não caminhavam depressa porque os atalhos eram íngremes. Lady Helena subia os declives, amparada, para não dizer transportada, por Glenarvan, e Mary Grant encostava-se ao braço de John Mangles; Roberto, feliz, triunfante, com o coração cheio de alegria pelo êxito obtido, abria a marcha; os dois marinheiros fechavam-na.

Daí a meia hora havia o astro radiante de sair de entre as sombras do horizonte.

Durante esse espaço os fugitivos marcharam ao acaso. Não tinham ali Paganel para os dirigir — Paganel, a causa dos seus receios e cuja ausência lançava uma sombra na felicidade que então gozavam. Entretanto, iam seguindo para leste, tanto quanto lhes era possível, e caminhavam ao encontro de uma aurora esplêndida. Não tardou que atingissem uma altura de quinhentos pés acima do lago Taupo, e o frio da manhã, que naquela altitude era mais intenso, causava-lhes viva sensação. Colinas e montanhas de forma indecisa alteavam-se umas sobre as outras; Glenarvan só desejava perder-se entre elas. Depois veria como sair daquele difícil labirinto.

Finalmente, apareceu o sol e lançou os seus primeiros raios na dianteira dos fugitivos.

De súbito, um clamor terrível, composto de inúmeros gritos, estalou os ares. Elevava-se do *pah*, cuja direção exata Glenarvan ignorava. Demais, um espesso lençol de névoa, estendido a seus pés, não lhe deixava distinguir os vales inferiores.

Mas não restavam dúvidas aos fugitivos: estava descoberta a evasão. Seria possível escaparem à perseguição dos indígenas? Tê-los-iam visto? Não os descobririam pelo rasto?

Naquele momento o nevoeiro inferior levantou-se, envolveu-os instantaneamente em húmida nuvem, e avistaram a trezentos pés abaixo de si o bando frenético dos indígenas.

Viam, mas também tinham sido vistos. Estalaram novos uivos acompanhados de latidos, e toda a tribo, depois de haver de balde procurado escalar a rocha do Waré-Atuá, precipitou-se para fora dos recintos fortificados, e correu pelos atalhos mais curtos em perseguição dos prisioneiros que fugiam à sua vingança.

Capítulo 14 — A Montanha Tabu

O cume da montanha ficava ainda a uns cem pés. Os fugitivos tinham interesse em alcançá-la, a fim de se ocultarem, na vertente oposta, à vista dos maoris. Esperavam que algum declive praticável lhes permitisse atingir os cumes próximos, que se confundiam num sistema orográfico cujas complicações o pobre Paganel, se ali estivesse, teria desembrulhado.

Sob a ameaça destas vociferações, que se aproximavam cada vez mais, apressaram a ascensão. O bando invasor chegava à base da montanha.

— Coragem! Coragem, meus amigos! — gritava Glenarvan, estimulando os companheiros com a voz e o gesto.

Em menos de cinco minutos chegaram ao cume do monte; aí voltaram-se, a fim de ajuizar da situação e tomar uma direção que pudesse desorientar os maoris.

Desta altura os olhares dominavam o lago Taupo, que se estendia para o ocidente encerrado na sua pitoresca moldura formada de montanhas; ao norte, eram os cumes do Pirongia; ao sul, a cratera em chamas do Tongariro. Porém, para leste, ao olhar deparava-se a barreira composta de cimos e cabeços dos Waihiti-Ranges, essa grande cordilheira cujas articulações, não interrompidas, ligam a ilha setentrional do estreito de Cook ao cabo oriental. Era preciso, pois, descender a vertente oposta e meterem-se em estreitos desfiladeiros, talvez sem saída.

Glenarvan lançou olhar ansioso em volta de si; como o nevoeiro se tinha desfeito, a vista devassava perfeitamente as menores cavidades do solo. Nenhum movimento dos maoris podia passar despercebido.

Os indígenas achavam-se a menos de quinhentos pés de distância dos viajantes quando estes alcançaram a chapada sobre que se elevava o cone solitário.

Glenarvan não podia, por pouco tempo que fosse, prolongar a paragem. Exaustos de forças ou não, era-lhes forçoso fugir, sob pena de serem cercados.

— Desçamos — exclamou ele — antes que tenham tempo de nos cercar.

Mas, quando as pobres senhoras faziam um supremo esforço para se levantar, Mac-Nabs deteve-as e disse:

— É inútil, Glenarvan. Veja.

A perseguição fora subitamente interrompida. O assalto da montanha cessara por uma imperiosa contraordem. O bando de indígenas reprimira o ímpeto que trazia e parara como as

ondas do mar diante de um rochedo impossível de transpor.

Todos os selvagens, com o apetite de sangue estimulado, postados em redor do monte, uivavam, gesticulavam, agitavam as espingardas e os machados, mas não avançavam um palmo. Os cães, presos como eles ao solo, latiam com desespero.

Que era aquilo? Que poder invisível detinha os indígenas? Os fugitivos olhavam sem compreender o que se passava, receando que o encanto que sopeava a tribo de Kai-Kumu se quebrasse.

De súbito, John Mangles deu um grito que fez voltar os companheiros.

Com a mão levantada, indicava-lhes uma pequena fortaleza no cume do cone.

— O túmulo do chefe Kara-Tété! — exclamou Roberto.

— Falas verdade, Roberto? — perguntou Glenarvan.

— Sim milord, é aquele o túmulo de Kara-Tété! Conheço-o!...

Roberto não se enganava. A cinquenta pés acima deles, no pico extremo da montanha, havia uma paliçada formada de estacas recentemente pintadas. Glenarvan reconhecera também o túmulo do chefe zelandês. O acaso da fuga levava-o mesmo ao cimo do Maunganamu.

Seguido dos seus companheiros, o lord trepou os últimos declives do cone e chegou ao túmulo. Uma grande abertura coberta de esteiras dava acesso àquele recinto. Glenarvan ia entrar no Udupa quando recuou de repente.

— Um selvagem! — exclamou.

— Um selvagem neste túmulo!? — estranhou o major.

— Sim, Mac-Nabs.

— Que importa, entremos.

Glenarvan, o major, Roberto e John Mangles penetraram no recinto. Estava ali um maori envolto num grande manto de fórmio; a sombra do Udupa não permitia distinguir-lhe as feições. Parecia perfeitamente sossegado e almoçava muito à sua vontade.

Glenarvan ia dirigir-lhe a palavra, quando o indígena, antecipando-se-lhe, convidou em tom amável e em bom inglês.

— Sente-se, meu caro lord, o almoço espera-o.

Era Paganel. À sua voz todos se precipitaram no Udupa e se lançaram nos compridos braços do excelente geógrafo. Paganel fora encontrado! Era a salvação que se apresentava na sua pessoa! Iam interrogá-lo, queriam saber como e porque se encontrava no cume do Maunganamu, mas Glenarvan suspendeu com uma simples palavra esta importuna curiosidade.

— Os selvagens! — exclamou ele.

— Os selvagens! — retorquiu Paganel, encolhendo os ombros. — São sujeitos que profundamente desprezo!

— Mas não podem eles?...

— Eles! Uns imbecis assim! Venham vê-los!

Seguiram Paganel, que saíra do Udupa. Os zelandeses estavam no mesmo lugar, em roda da base do cone, e soltavam terríveis imprecações.

— Gritem! Uivem! Deitem os bofes pela boca fora, estúpidas criaturas! — bradou Paganel. — Desafio-os a que trepem esta montanha!

— E porquê? — perguntou Glenarvan.

— Porque o chefe está aqui enterrado, porque este túmulo nos protege, porque a montanha é tabu!

— Tabu?

— Sim, meus amigos! E eis a razão por que me refugiei aqui como num desses lugares de asilo da Idade Média franqueados aos desgraçados.

— Deus protege-nos! — exclamou Lady Helena, levantando as mãos ao céu.

Efetivamente, a montanha era tabu, e, em virtude da sua consagração, escapava à invasão dos supersticiosos selvagens.

Não era ainda a salvação, mas uma trégua salutar, de que eles tratavam de se aproveitar.

Glenarvan, entregue a indizível comoção, não dizia palavra, e o major meneava a cabeça com ar de verdadeira satisfação.

— E agora, meus amigos — anunciou Paganel —, se esses brutos esperam exercitar a paciência connosco, enganam-se. Dentro de dois dias estaremos fora do alcance desses patifes.

— Fugiremos! — disse Glenarvan. — Mas como?

— Não sei — replicou Paganel —, mas devemos de fugir.

Quiseram então todos saber as aventuras do geógrafo. Coisa esquisita, singular reserva num homem tão prolixo: foi por assim dizer preciso arrancar-lhe as palavras da boca. Ele, que tanto gostava do papel de narrador, só respondeu de um modo evasivo às perguntas dos amigos.

— Mudaram o meu Paganel — comentava consigo o major Mac-Nabs.

Com efeito, a fisionomia do digno sábio já não era a mesma. O geógrafo envolvia-se rigorosamente no seu xale de fórmio, e parecia evitar os olhares curiosos. Os seus modos embaraçados, quando se tratava da sua pessoa, não escaparam a ninguém, mas, por discrição, todos fingiram que não davam por isso. Demais, quando a sua personalidade não andava na tela da discussão, Paganel readquiria o bom humor que lhe era habitual.

Pelo que diz respeito às suas recordações, eis o que julgou conveniente dizer aos seus companheiros, depois que todos se sentaram em roda dele, junto das estacas que formavam o Udupa:

Depois do assassinio de Kara-Tété, Paganel aproveitou-se, como Roberto, do tumulto dos indígenas e correu para fora do recinto do *pah*. Mas, menos feliz que o jovem Grant, foi ter direito a um acampamento de maoris. Governava-o um chefe bem apessoado, de fisionomia inteligente, evidentemente superior a todos os guerreiros da sua tribo. Este chefe falava corretamente inglês, e saudou o geógrafo, esfregando a ponta do nariz no dele.

Paganel perguntava a si mesmo se devia considerar-se como prisioneiro ou não. Mas, vendo que não podia dar um passo sem ser amavelmente acompanhado do chefe, soube logo o que devia pensar a tal respeito.

O chefe, chamado Hihi, quer dizer, «Raio de Sol», não era mau homem. Os óculos e o telescópio do geógrafo pareciam dar-lhe alta ideia de Paganel, e prendeu-o particularmente à sua pessoa, não só pelos benefícios que lhe dispensou, mas também com boas cordas de fórmio, de noite principalmente.

Durou três dias a nova situação. Neste lapso de tempo, Paganel foi bem ou mal tratado? «Sim e não», disse ele, sem se explicar mais. Numa palavra, estava prisioneiro, e salvo a perspectiva de um suplício imediato, a sua condição não lhe parecia mais invejável que a dos seus desventurados amigos.

Felizmente, certa noite, conseguiu quebrar as cordas e fugir. Assistira de longe ao enterro do chefe, e sabia que o tinham sepultado no cume do Maunganamu, e que a montanha devia ser tabu por este facto. Foi ali que resolveu refugiar-se, não querendo abandonar o país onde tinha os amigos. Saiu-se bem da perigosa empresa. Chegara na noite antecedente ao túmulo de Kara-Tété, e esperou, ao mesmo tempo que restaurava as forças, que o céu livrasse os companheiros por meio de algum acaso providencial.

Tal foi a narrativa de Paganel. Omitiria ele de propósito alguma circunstância que se dera durante a sua estada entre os indígenas? O seu ar embaraçado mais uma vez fez supor isso. Em todo o caso, recebeu unânimes felicitações, e, conhecido o passado, voltaram ao presente.

A situação continuava excessivamente grave. Os indígenas, embora não se atrevessem a subir o Maunganamu, contavam com a fome e com a sede para tornar a apanhar os prisioneiros. Era questão de tempo, e os selvagens têm grande paciência.

Glenarvan não se iludia com as dificuldades da sua posição; mas resolveu esperar circunstâncias favoráveis, ou até, em caso de precisão, provocar essas circunstâncias.

Primeiro que tudo quis fazer um reconhecimento meticoloso no Maunganamu, isto é, na sua fortaleza improvisada, não para a defender, porque não era de recluir o cerco, mas para de lá sair. Auxiliado pelo major e por John, Roberto e Paganel, tirou uma planta exata da montanha. Observaram a direção dos atalhos, o seu declive e os pontos aonde iam dar. O morro, de uma milha de extensão, que reunia o Maunganamu à cadeia dos Waihiti, descia para a planície. Era na sua aresta, estreita e de caprichoso contorno, que havia o único caminho praticável, caso fosse possível a evasão. Se os fugitivos, favorecidos pelas trevas da noite, passassem por este caminho sem que os vissem, talvez conseguissem embrenhar-se nos profundos vales dos Ranges e desorientar os guerreiros maoris.

Mas a evasão por semelhante forma oferecia mais de um perigo. Na parte inferior, o caminho passava ao alcance das espingardas. As balas dos indígenas, postados nas escarpas inferiores, podiam cruzar-se e estender sobre ele uma rede de ferro, que ninguém poderia impunemente atravessar.

Glenarvan e os seus amigos, ao aventurarem-se a pôr pé na parte perigosa da aresta, foram saudados por um chuva de balas que não os apanhou. Algumas buchas trazidas pelo vento caíram junto deles. Eram feitas de papel impresso, que Paganel apanhou por simples curiosidade e que logo decifrou sem custo.

— Bravo — exclamou ele. — Sabem, meus amigos, com que é que estes animais carregam as espingardas?

— Não, Paganel — respondeu Glenarvan.

— Com folhas da Bíblia! Se é este o seu emprego que dão aos versículos da Escritura Sagrada, tenho dó dos missionários! há de custar-lhes a fundar bibliotecas maoris.

— E qual foi a passagem dos livros santos que os indígenas nos atiraram? — perguntou Glenarvan.

— Uma sentença do Todo-Poderoso — respondeu John Mangles, que por seu turno acabava de ler o papel manchado pela explosão. — Diz que tenhamos confiança nele — acrescentou o jovem capitão, com a inabalável convicção da sua fé escocesa.

— Lê, John — pediu Glenarvan.

E John Mangles leu o versículo respeitado pela combustão da pólvora:

— Salmo 90. *Porque esperou em mim, eu o livrarei.*

— Meus amigos — propôs Glenarvan — é preciso levar essas palavras de esperança às nossas queridas companheiras. São bastantes para lhes reanimar o coração.

Glenarvan e os seus companheiros recomeçaram a ascensão dos íngremes atalhos do cone e

dirigiram-se para o túmulo que queriam examinar.

Caminho andado, sentiram-se admirados por surpreenderem, com pequenos intervalos, certos estremecimentos do solo. Não era uma agitação, mas a vibração continuada que se observa nas paredes de uma caldeira sacudida pelo movimento da água a ferver. Vapores extremamente expansivos, provenientes da ação dos fogos subterrâneos, estavam decerto encerrados no invólucro da montanha.

Esta particularidade não podia maravilhar quem, como eles, acabava de passar pelas nascentes de água quente do Waikato. Sabiam que a região central de Ika-Na-Maoui é essencialmente vulcânica, como que uma peneira, cujo tecido deixa transpirar os vapores da terra pelas nascentes de água a ferver e pelas solfataras.

Paganel, que já a observara, chamou a atenção dos seus amigos para a natureza vulcânica da montanha. O Maunganamu não era senão um dos numerosos cones que erizam a parte central da ilha, isto é, um vulcão do futuro. A mais pequena ação mecânica podia ocasionar a formação de uma cratera nas suas paredes feitas de um tufo silicioso e esbranquiçado.

— Com efeito — disse Glenarvan —, aqui não estamos em mais perigo do que ao pé da caldeira do «Duncan». É uma folha de ferro bem sólida esta crosta de terra!

— É verdade — replicou o major —, mas uma caldeira, por muito boa que seja, depois de grande serviço, acaba sempre rebentando.

— Mac-Nabs — declarou Paganel —, não desejo ficar neste cone. Mostre-me a Providência um caminho praticável, que logo o abandono.

— Ah! — ponderou John Mangles —, porque não há de este Maunganamu mesmo transportar-nos, já que nos seus flancos encerra tamanho poder mecânico. Debaixo dos nossos pés está talvez a força de muitos milhares de cavalos, porém, estéril e perdida! O nosso «Duncan» não precisava da milésima parte dessa força para nos levar ao fim do mundo!

Esta recordação do «Duncan», evocada por John Mangles, deu em resultado despertar no espírito de Glenarvan os mais tristes pensamentos. Por muito desesperada que fosse a própria situação, esquecia-a muitas vezes para deplorar a sorte da sua tripulação.

Pensava ainda nela quando encontrou no cume do Maunganamu os seus companheiros de infortúnio.

Lady Helena, logo que assim o avistou, correu para ele.

— Meu caro Edward — disse —, reconheceu a nossa posição? Devemos ter esperança ou desesperarmos?

— Ter esperança, querida Helena. Os indígenas não transpõem decerto os limites da

montanha, e teremos tempo para formar um plano de evasão.

— Demais, senhora — acrescentou John Mangles —, é Deus mesmo que nos diz que esperemos.

E John Mangles entregou a Lady Helena a folha da Bíblia, onde se lia o versículo sagrado. A jovem esposa e a donzela, com a alma cheia de confiança e o coração aberto a todas as promessas do céu, viram nas palavras do livro santo um presságio infalível de salvação.

— Agora, para o Udupa! — exclamou alegremente Paganel. — É a nossa fortaleza, a nossa sala de jantar, o nosso gabinete de trabalho! Ninguém nos irá lá incomodar! Minhas senhoras! Permitam-me que lhes faça as honras desta encantadora habitação.

Seguiram todos o amável Paganel. Quando os selvagens viram os fugitivos profanar outra vez a sepultura protegida pelo tabu, fizeram numerosos tiros e soltaram espantosos uivos, tão ruidosos estes como aqueles. Mas, por fortuna, as balas não alcançaram tão longe como os gritos, e caíram a meio da encosta, enquanto as vociferações se iam perder no espaço.

Lady Helena, Mary Grant e os seus companheiros, tranquilizados por verem que a superstição dos maoris podia neles mais do que a cólera, entraram no monumento fúnebre.

Era uma paliçada de estacas pintadas de vermelho o Udupa do chefe zelandês. Figuras simbólicas, verdadeira pintura selvagem sobre madeira, contavam a nobreza e os altos feitos do defunto. Enfiadas de amuletos, de conchas ou de pedras com diversos feitios, balouçavam-se de um barrote a outro. No interior, o solo desaparecia sob um tapete de folhas verdes. No centro, uma pequena elevação denunciava a existência da cova aberta de fresco.

Estavam depositadas no Udupa as armas do chefe, as suas espingardas carregadas e escorvadas, a lança, a bela acha verde, e uma provisão de pólvora e de balas para as eternas caçadas.

— Um arsenal completo — observou Paganel —, de que faremos melhor uso que o defunto. Que boa ideia que os selvagens têm de trazer as armas para o outro mundo!

— Ora esta! — exclamou o major. — São espingardas de fabrico inglês!

— Que dúvida! — replicou Glenarvan. — É um costume bem tolo o de fazer presentes de armas de fogo aos selvagens. Estes depois servem-se delas contra os invasores, e têm muita razão. Em todo o caso, as tais espingardas podem ser-nos de bastante utilidade!

— Mas o que ainda nos há de ser mais útil — afirmou Paganel — são a água e os víveres destinados a Kara-Tété.

Efetivamente, os parentes e amigos do morto haviam feito as coisas como deviam. O fornecimento atestava a estima que tinham pelas virtudes do chefe. Havia víveres em suficiente

quantidade para sustentar dez pessoas durante quinze dias, ou, melhor dizendo, para sustentar o defunto durante a eternidade. Os alimentos, de natureza vegetal, constavam de fetos, de batatas doces, o inhame indígena e de batatas introduzidas havia muito na Nova Zelândia. Viam-se também ali grandes vasos contendo a água pura que costuma figurar nas refeições dos zelandeses, e uma dúzia de cestos, artisticamente entrançados, contendo uma espécie de pastilhas de certa goma verde inteiramente desconhecida.

Estavam, pois, os fugitivos precavidos por alguns dias contra a fome e contra a sede. Não se fizeram rogar para tomar a sua primeira refeição à custa do chefe.

Glenarvan trouxe os alimentos necessários aos seus companheiros e confiou-os ao cuidado de Mr. Olbinett. O *steward*, sempre formalista até nas mais graves situações, achou a lista da refeição um pouco limitada. Depois, não sabia preparar aquelas raízes, porque lhe faltava o lume.

Mas Paganel tirou-o de dificuldades, aconselhando-o simplesmente a que enterrasse os fetos e as batatas doces no próprio solo.

A temperatura de camadas superiores é muito elevada, e um termómetro enterrado naquele terreno havia de indicar um calor de sessenta a sessenta e cinco graus. Olbinett esteve até em perigo de se escaldar muito seriamente, porque, no momento em que acabava de fazer um buraco para enterrar as raízes, saiu da terra uma coluna de vapor, que subiu à altura de uma toesa.

O *steward* caiu para trás assustado.

— Feche a torneira! — bradou o major, que, ajudado pelos dois marinheiros, acudiu e encheu o buraco de pedra-pomes ao mesmo tempo que Paganel, contemplando o fenómeno com singular expressão, murmurava as seguintes palavras:

— Isto! Isto! Ora! Mas porque não há de ser?

— Não está ferido? — perguntou Mac-Nabs a Olbinett.

— Não, Sr. Mac-Nabs — respondeu o *steward* —, mas não esperava...

— Tantos benefícios do céu! — exclamou Paganel com ar chocarreiro. — Depois da água e dos víveres de Kara-Tété, o fogo da terra! Mas esta montanha é um paraíso! Proponho que fundemos nela uma colónia, que a cultivemos, estabelecendo-nos aqui para o resto dos nossos dias! Seremos os Robinsons do Maunganamu! Na verdade, de balde cogito o que nos falta sobre este cómodo cone!

— Nada, se for sólido — replicou John Mangles.

— Qual! Não é de ontem este monte — informou Paganel. — Há muito que resiste à ação

dos fogos interiores, e deve resistir até que nos vamos embora.

— O almoço está na mesa — anunciou Olbinett, com tanta gravidade como se estivesse no exercício das suas funções no solar de Malcolm.

No mesmo instante os fugitivos, sentados próximo da paliçada, começaram a devorar uma dessas refeições que havia algum tempo a Providência tão exatamente lhes enviava nas mais graves conjunturas.

Ninguém se mostrou difícil de contentar quanto à qualidade dos alimentos, mas as opiniões a respeito das raízes do feto comestível variaram. Uns acharam-lhes sabor doce e agradável, outros um gosto mucilaginoso, deveras insípido, e verdadeira dureza coriácea. As batatas doces, cozidas num solo ardente, eram excelentes. O geógrafo fez observar aos companheiros que a sorte de Kara-Tété não era para lastimar.

Depois, satisfeito o apetite, Glenarvan propôs que se discutisse sem demora um plano de evasão.

— Já! — exclamou Paganel, em tom de verdadeira mágoa. — Como, pois já pensa em abandonar este lugar de delícias?

— Mas, Sr. Paganel — disse Lady Helena —, admitindo que estejamos em Cápua, bem sabe que não se deve imitar Aníbal!

— Senhora — replicou Paganel —, não tomarei a liberdade de a contradizer, e, visto que quer discutir, discutamos.

— Em primeiro lugar, sou de opinião — declarou Glenarvan — de que devemos tentar uma evasão antes de sermos a isso obrigados pela fome. Não nos faltam forças, e é preciso aproveitá-las. Esta noite faremos por chegar aos vales do leste, atravessando o círculo dos indígenas, protegidos pelas trevas.

— Muito bem — admitiu Paganel —, mas isso é se os maoris nos deixarem passar.

— E se nos impedirem a passagem? — perguntou John Mangles.

— Ah! Nesse caso lançaremos mão dos grandes recursos — respondeu Paganel.

— Dispõe então de grandes recursos? — perguntou o major.

— Nem lhes sei a conta! — afirmou Paganel, sem se explicar mais.

Só havia que esperar a noite para tentar a passagem da linha dos indígenas.

Estes não tinham arredado pé. As suas fileiras pareciam até haver engrossado com a chegada dos retardatários da tribo. Na base do cone, as fogueiras, a distância umas das outras, formavam um cinto de fogo. Quando as trevas invadiram os vales subjacentes, o Maunganamu pareceu sair de um vasto braseiro, enquanto o seu cume se perdia em densa sombra. A

seiscentos pés mais abaixo sentiam-se a agitação, os gritos, o murmúrio do acampamento inimigo.

Às nove horas, estando a noite muito escura, Glenarvan e John Mangles resolveram operar um reconhecimento, antes de meterem os companheiros por tão perigoso caminho. Desceram, sem fazer ruído, durante quase dez minutos, e tomaram por uma estreita aresta, cinquenta pés acima do acampamento.

Até ali tudo foi bem. Os maoris, estendidos junto das fogueiras, pareciam não descobrir os fugitivos, que deram mais alguns passos. Mas, de repente, à esquerda e à direita do cume dos rochedos, soaram descargas.

— Para trás! — exclamou Glenarvan. — Estes bandidos têm olhos de gato e espingardas de *riflemen!*

E, acompanhado de John Mangles, tornou a subir as íngremes escarpas do monte, e ambos sossegaram os amigos, assustados pelas detonações. O chapéu de Glenarvan fora atravessado por duas balas. Era, pois, impossível percorrer a interminável crista entre duas fileiras de atiradores.

— Esperemos pelo dia de manhã — propôs Paganel — e, visto que não podemos iludir a vigilância dos indígenas, hão de me dar licença que lhes sirva um prato guisado à minha moda!

A temperatura estava bastante fria. Felizmente, Kara-Tété trouxera para o túmulo os melhores trajos de noite, quentes coberturas de fórmio, em que todos se embrulharam sem escrúpulos, e dali a pouco os fugitivos, guardados pela superstição indígena, dormiam tranquilamente ao abrigo das paliçadas, sobre o solo tépido e agitado pelos fogos interiores.

Capítulo 15 — Os Grandes Meios de Paganel

No dia seguinte, 17 de fevereiro, o sol nascente acordou com os seus primeiros raios os sonolentos moradores do Maunganamu. Havia já bastante tempo que os maoris giravam em redor do cone, sem se afastarem da sua linha de observação. Furiosos clamores receberam a aparição dos europeus que saíam do recinto profanado.

Lançaram todos o primeiro golpe de vista para as montanhas circunvizinhas, para os vales profundos, ainda imersos no nevoeiro, para a superfície do lago Taupo, que o vento matinal encrespava ligeiramente.

Depois, ávidos de conhecer os novos projetos de Paganel, reuniram-se em torno dele e interrogaram-no com o olhar.

Paganel satisfez logo a inquieta curiosidade dos seus companheiros.

— Meus amigos — começou —, o meu projeto tem de excelente que, se não produz todo o efeito que espero dele, a nossa situação não piora. Mas deve, há de dar bom resultado.

— E que projeto é esse? — perguntou Mac-Nabs.

— Ei-lo — respondeu Paganel. — A superstição fez desta montanha um lugar de asilo, e a superstição nos ajudará a sair daqui. Se conseguir convencer Kai-Kumu de que fomos vítimas da nossa profanação, que a cólera celeste nos feriu, que padecemos uma morte terrível, julgam que ele abandonará esta chapada do Maunganamu e voltará para a aldeia?

— Isso decerto — concordou Glenarvan.

— E qual é a morte horrível com que nos ameaça? — perguntou Lady Helena.

— A morte dos sacrílegos — explicou Paganel. — As chamas vingadoras estão debaixo dos nossos pés. Dêmos-lhes saída.

— O quê! Pois quer fazer um vulcão? — exclamou John Mangles.

— Sim, um vulcão fictício, um vulcão improvisado, cujos furores dirigiremos! Temos aqui uma provisão de vapores e de fogos subterrâneos, que só pedem para sair! Organizemos em proveito nosso uma erupção artificial!

— É boa ideia — afirmou o major. — Bem imaginado, Paganel!

— Compreendem — prosseguiu o geógrafo — que fingimos ser devorados pelas chamas do Plutão zelandês e que desaparecemos espiritualmente no túmulo de Kara-Tété...

— Onde ficaremos três dias, quatro dias, cinco dias, se for preciso, até que os selvagens,

convencidos da nossa morte, abandonem a partida.

— E se eles tiverem a ideia de verificar o nosso castigo, se eles subirem à montanha?

— Não, minha querida Mary — retorquiu Paganel —, não o farão. A montanha está protegida pelo tabu, e, depois de devorar os seus profanadores, mais rigoroso será ainda esse tabu!

— O projeto é realmente bem concebido — disse Glenarvan. — Há só uma probabilidade contra ele, e é que os selvagens teimem em permanecer tanto tempo junto do Maunganamu, que os víveres venham a faltar-nos. Mas é pouco provável isso, principalmente se representarmos bem o nosso papel.

— E quando tentaremos este último meio de salvação? — perguntou Lady Helena.

— Esta noite mesmo — esclareceu Paganel —, à hora em que as trevas forem mais densas.

— Combinado — replicou Mac-Nabs. — Paganel, o senhor é um homem de génio, e eu, que habitualmente pouco me entusiasmo, respondo pelo êxito. Ah! Patifes! Vamos servir-lhes um pequeno milagre, que retardará a sua conversão pelo menos um século! Que os missionários nos perdoem!

Estava, pois, aceite o projeto de Paganel, e na verdade, vistas as ideias dos maoris, podia, devia ter bom resultado. Faltava a execução. Era boa a ideia, mas pô-la em prática tornava-se difícil. O novo vulcão não iria devorar os atrevidos que lhe abriam uma cratera? Seria possível dominar, dirigir a erupção, quando os seus vapores, as suas lavas, as suas chamas rebentassem? Não se sepultaria todo o cone em voragem de fogo? Era tocar nesses fenómenos, cujo privilégio absoluto está reservado à natureza.

Paganel previra tais dificuldades, mas tencionava proceder com prudência e sem levar as coisas ao extremo. Bastava a aparência para enganar os maoris, e não a terrível realidade de uma erupção.

Quão longo pareceu o dia! Todos lhe contaram as horas intermináveis. Estavam feitos os preparativos da fuga. Os víveres do Udupa tinham sido repartidos e formavam pacotes de fácil transporte. Algumas esteiras e armas de fogo completavam a ligeira bagagem, tirada do túmulo do chefe. Escusado é dizer que estes preparativos foram feitos no recinto de estacas e sem que os selvagens vissem o que se passava.

Às seis horas, o *steward* serviu uma refeição confortável. Onde e quando comeriam nos vales inferiores, ninguém o podia prever. Por isso trataram de jantar por conta do futuro. O prato do meio compunha-se de meia dúzia de ratos grandes, apanhados por Wilson, e estufados. Lady Helena e Mary Grant recusaram obstinadamente provar aquela caça tão estimada na Nova

Zelândia, mas os homens saborearam-na como verdadeiros maoris. A carne era deveras excelente, saborosa até, e os seis roedores foram roídos até aos ossos.

O crepúsculo da noite chegou. O sol desapareceu por detrás de uma faixa de espessas nuvens de aparência tempestuosa. Iluminavam o horizonte alguns relâmpagos e um trovão longínquo ribombava na profundidade do céu.

Paganel saudou a tempestade que vinha em auxílio dos seus desígnios e completava o cenário. Os grandes fenómenos da natureza impressionam muito os selvagens. Os zelandeses consideram o trovão como a voz irritada do seu Nui-Atuá, e o relâmpago é apenas o fulgor dos seus olhos acesos em ira. Parecia, pois, que a divindade vinha pessoalmente castigar os profanadores do tabu.

Às oito horas, o cume do Maunganamu desapareceu numa sinistra obscuridade. O céu proporcionava um fundo negro ao leque de chamas que a mão de Paganel ia abrir na amplidão.

Os maoris não podiam já ver os seus prisioneiros. Era chegado o momento de meter mãos à obra.

Urgia proceder com rapidez. Glenarvan, Paganel, Mac-Nabs, Roberto, o *steward* e os dois marinheiros puseram-se simultaneamente a trabalhar.

O local da cratera foi escolhido a trinta passos do túmulo de Kara-Tété. Importava efetivamente que o Udupa fosse respeitado pela erupção, porque com ele desapareceria também o tabu da montanha. Naquele sítio Paganel fizera reparo num enorme pedregulho, em torno do qual os vapores se expandiam com bastante intensidade. O pedregulho cobria uma pequena cratera natural aberta no cone, e opunha-se com o seu peso à expansão das chamas subterrâneas. Se o tirassem do alvéolo, os vapores das lavas sairiam pela abertura desobstruída.

De estacas arrancadas do interior do Udupa, os trabalhadores fizeram alavancas, e atacaram vigorosamente o rochedo. Sob o impulso dos seus esforços simultâneos, não tardou que a pesada mole oscilasse. Abriram-lhe uma espécie de calha no declive do monte, a fim de que ela pudesse escorregar por aquele plano inclinado. À medida que a levantavam, as trepidações do solo tornavam-se mais sensíveis.

Debaixo da adelgada crusta e correndo por toda ela, soavam rugidos de chamas e silvos de fornalhas acesas. Verdadeiros ciclopes revolvendo os fogos da terra, os audaciosos obreiros trabalhavam silenciosamente. Dali a pouco algumas fendas e jatos de ardente vapor avisaram-nos de que o local se tornava perigoso. Porém, com um supremo esforço arrancaram a pedra, que rolou pelo monte e desapareceu.

A camada adelgada cedeu. Uma coluna incandescente subiu aos ares, acompanhada de

fortes detonações, ao mesmo tempo que regatos de água a ferver e de lava deslizaram na direção do acampamento e dos vales inferiores.

Estremeceu todo o cone, e fez recear que se abismasse em voragem sem fundo.

Glenarvan e os seus companheiros mal tiveram tempo de se subtrair às consequências da erupção; fugiram para o recinto do Udupa, não sem terem sido alcançados por algumas gotas de água a ferver elevada a uma temperatura de noventa e quatro graus. Esta água espalhou a princípio um leve cheiro de metal derretido, que pouco depois mudava para um cheiro muito intenso de enxofre.

Então a vasa e os detritos vulcânicos confundiram-se num mesmo abrasamento. Torrentes de fogo sulcaram as faldas do Maunganamu. As montanhas próximas iluminaram-se com as chamas da erupção; os vales profundos apareceram subitamente alumiados por uma reverberação intensa.

Os selvagens levantaram-se todos, uivando escaldados pelas lavas que ferviam em meio do acampamento. Aqueles a quem o rio de fogo não alcançara fugiam e subiam para as colinas circunvizinhas. Voltando-se aterrados a meio da carreira, contemplavam o fenómeno aterrador, o vulcão em que a cólera do seu deus sepultava os profanadores da montanha sagrada. Nos momentos em que enfraquecia o ruído da erupção, ouviam-nos soltar como um uivo o seu grito sacramental:

— Tabu! Tabu! Tabu!

Enorme quantidade de vapores, de pedras inflamadas e de lavas saía da cratera do Maunganamu. Não era um simples géiser, como os que existem nas proximidades do monte Hecla. Toda aquela supuração vulcânica contivera-se até ali sob a crusta do cone, porque as válvulas do Tongariro não bastavam para a sua expansão; mas quando lhe abriram nova saída arremessou-se por ela com violência extrema, e naquela noite, em virtude de uma lei de equilíbrio, as outras erupções deveriam perder a habitual intensidade.

Uma hora depois da estreia do vulcão na cena do mundo, corriam pelas faldas da montanha grandes regatos de lava incandescente. Dos buracos, agora impossíveis de se habitarem, viam-se sair bandos de ratos, que fugiam do solo abrasado.

Durante toda a noite e debaixo de tempestade desencadeada nas alturas, o cone funcionou com uma violência que inquietou um pouco Glenarvan. A erupção desmoronava as bordas da cratera.

Os prisioneiros, ocultos por detrás do recinto das estacas, seguiam com a vista os assustadores progressos daquele fenómeno.

Amanheceu. O furor vulcânico não diminuiu. Com as chamas misturavam-se espessos vapores avermelhados; por todos os lados serpenteavam torrentes de lava.

Glenarvan, com o olhar atento, o coração palpitante, espreitou pelos interstícios da paliçada e observou o acampamento dos indígenas.

Os maoris tinham fugido para as alturas próximas, pondo-se fora do alcance do vulcão. Junto da base do cone estavam alguns cadáveres carbonizados. Mais longe, nas proximidades do *pah*, as lavas tinham alcançado umas vinte cabanas, que ainda fumegavam. Os zelandeses, espalhados por diversos pontos, contemplavam com religioso terror o cume do Maunganamu, sobrepujado pelo seu penacho de fumo e chamas.

Kai-Kumu veio tomar lugar entre os seus guerreiros, e Glenarvan reconheceu-o. O chefe avançou até à base do cone, pelo lado respeitado das ondas de lava, mas não passou da primeira chapada do monte.

Aí, com os braços estendidos, como um feiticeiro que exorciza, fez algumas caretas, cujo sentido não escapou aos prisioneiros. Como Paganel previra, Kai-Kumu lançava sobre a montanha vingadora um tabu mais rigoroso.

Dali a nada os indígenas retiravam-se em fileira pelos caminhos sinuosos que iam ter ao *pah*.

— Partem! — exclamou Glenarvan. — Abandonam o posto! Deus seja louvado! O nosso stratagem vingu. Querida Helena, valentes companheiros, eis-nos mortos, eis-nos enterrados! Mas esta noite ressuscitaremos, sairemos do túmulo, fugiremos destas bárbaras povoações!

Difícilmente se imagina a alegria que se espalhou no Udupa. A esperança renascera em todos os corações. Os corajosos viajantes esqueciam o passado, esqueciam o futuro, para só pensarem no presente! E, contudo, não era fácil empresa chegar a algum estabelecimento europeu, em meio daquelas regiões desconhecidas. Mas, desorientado Kai-Kumu, julgavam-se livres de todos os selvagens da Nova Zelândia!

Da sua parte, o major não dissimulou o soberano desprezo que lhe inspiravam os maoris, e não lhe faltaram expressões com que os qualificar. Foi um tiroteio entre ele e Paganel. Trataram-nos por brutos indesculpáveis, por asnos, por idiotas do Pacífico, por selvagens de Bedlam, por cretinos dos antípodas, etc. Foram inesgotáveis.

Faltava passar ainda um dia. Empregaram-no em discutir um plano de fuga. Paganel conservara cuidadosamente consigo o mapa da Nova Zelândia, e pôde procurar nele os caminhos mais seguros.

Depois de discutirem, os fugitivos resolveram encaminhar-se para leste na direção da baía

Plenty. Era atravessar regiões desconhecidas, mas provavelmente desertas. Habitados já a tirarem-se de dificuldades naturais, a vencerem obstáculos físicos, os viajantes só temiam o encontro dos maoris. Queriam pois evitá-los a todo o custo e alcançar a costa oriental, onde os missionários fundaram alguns estabelecimentos. Demais, aquela porção da ilha escapara até então aos desastres da guerra, e os bandos indígenas não batiam o campo.

Quanto à distância que separava o lago Taupo da baía Plenty, podia-se avaliar em cem milhas. Eram dez dias de marcha na razão de dez milhas por dia. Não se realizaria sem fadigas uma tal jornada, mas naquele grupo intrépido ninguém contava os passos. Chegados que fossem às missões, os viajantes aí descansariam, aguardando entretanto alguma ocasião favorável de partir para Auckland, porque era nesta cidade que eles continuavam a pôr a mira.

Assentes estes diversos pontos, continuaram a vigiar os indígenas até à noite. Não restava um só junto da base da montanha, e quando a noite invadiu os vales do Taupo, nenhum fogo denunciou a presença dos maoris. Estava completamente livre o caminho.

Às nove horas, estando escura a noite, Glenarvan deu o sinal de partir. Equipados e armados à custa de Kara-Tété começaram a descer com todas as precauções as rampas do Maunganamu. John Mangles e Wilson iam na frente, com o ouvido e o olhar atentos. Paravam ao menor ruído, interrogavam o menor clarão. Deixavam-se por assim dizer escorregar pelo declive do monte para melhor se confundirem com ele.

Duzentos pés abaixo do cume, John Mangles e o marinheiro chegaram à perigosa aresta defendida tão obstinadamente pelos indígenas. Se, por desgraça, os maoris, mais astutos que os fugitivos, houvessem fingido uma retirada para os atrair ao alcance dos seus tiros, se o fenómeno vulcânico os não tivesse iludido, era naquele mesmo lugar que a sua presença se revelaria. Apesar de toda a sua confiança e a despeito dos gracejos de Paganel, Glenarvan não pôde deixar de estremecer. A salvação dos seus ia ser posta em jogo durante os dez minutos necessários para percorrer a aresta. Sentia bater o coração de Lady Helena, pendurada do seu braço.

Não pensava em recuar, e John ainda menos. Seguido de todos e protegido por uma escuridão completa, caminhou de rojo pela estreita aresta, parando quando alguma pedra despegada de alvéolo rolava até à chapada. Se os selvagens ainda estivessem emboscados na parte inferior, aqueles ruídos insólitos deviam provocar de um e de outro lado uma temível descarga.

A caminharem de rastos como uma serpente sobre a aresta inclinada, os fugitivos não avançavam rapidamente. Quando John Mangles chegou ao ponto mais baixo, apenas vinte e

cinco pés o separavam da chapada onde na véspera acamparam os indígenas; depois, a aresta formava na extensão de uma milha uma subida muito íngreme em cuja extremidade havia um matagal.

A parte inferior foi, contudo, atravessada sem acidente, e os viajantes começaram a realizar a ascensão em silêncio. Não se avistava o matagal, mas era conhecida a sua existência naquele ponto, e se ali não estivesse preparada alguma emboscada, Glenarvan esperava achar nele um lugar de asilo. Contudo, observou que a partir daquele momento deixava de estar protegido pelo tabu. A aresta que subia não fazia parte do Maunganamu, mas do sistema orográfico que eriçava a parte oriental do lago Taupo.

Eram, pois, de recear, não só os tiros dos indígenas, mas também uma luta corpo a corpo.

Por espaço de dez minutos o pequeno grupo elevou-se insensivelmente para as chapadas superiores. John não divisava ainda o sombrio matagal, mas devia estar a menos de duzentos pés de distância dele.

De repente parou e recuou até. Pareceu-lhe surpreender algum ruído na sombra. A sua hesitação deteve a marcha dos companheiros.

Permaneceu imóvel o tempo suficiente para inquietar os que seguiam. Pararam todos. As angústias que por certo experimentaram durante aquela expectativa não é possível pintá-las! Teriam de voltar para trás e tornar a subir o monte Maunganamu?

Vendo, porém, que o ruído não se repetia, John tornou a tentar a ascensão do estreito caminho da aresta.

Pouco depois a espessura delineou-se vagamente na escuridão. Bastaram poucos passos para a alcançarem, e os fugitivos ocultaram-se sob a espessa folhagem das árvores.

Capítulo 16 — Entre Dois Fogos

A noite favorecia a fuga. Era preciso, pois, aproveitá-la para saírem daquelas funestas paragens do lago Taupo. Paganel tomou a direção do pequeno bando, e o seu maravilhoso instinto de viajante novamente se revelou durante esta difícil peregrinação pelas montanhas. Manobrava com surpreendente habilidade nas trevas, escolhendo sem hesitar os caminhos quase invisíveis e segundo uma direção constante de que não se afastava. A nictalopia servia-lhe, é verdade, de muito, e os seus olhos de gato permitiam-lhe distinguir os menores objetos.

Durante três horas marcharam sem descanso pelas rampas suaves da vertente oriental. Paganel inclinava-se um pouco para sueste, a fim de alcançar uma pequena passagem aberta entre os Kaimanawa e os Waihiti-Ranges, pela qual corre a estrada de Auckland à baía Hawkes. Depois de atravessar este desfiladeiro, esperava afastar-se do caminho trilhado e, abrigado pelas altas cordilheiras, encaminhar-se para a costa através das regiões desabitadas da província.

Quando eram nove horas da manhã, depois de uma marcha de doze horas, tinham feito doze milhas. Não se podia exigir mais daquelas mulheres intrépidas. Demais, o local pareceu conveniente para um acampamento. Os fugitivos haviam chegado ao desfiladeiro que separa as duas cordilheiras. A estrada de Oberland ficava à direita e tomava a direção do sul. Paganel, com o mapa na mão, virou para nordeste, e às dez horas a pequena caravana chegou a uma espécie de redente abrupto, formado por uma saliência da montanha.

Foram tirados dos sacos os víveres, e prestaram-lhes a devida homenagem. Mary Grant e o major, a quem os fetos comestíveis pouco tinham satisfeito até então, regalaram-se naquele dia com eles.

A paragem prolongou-se até às duas horas da tarde, e depois os viajantes tornaram a tomar a direção de leste, parando a vinte e oito milhas das montanhas. Não lhes foi custoso dormir ao ar livre.

No dia seguinte, o caminho apresentou dificuldades bastante sérias. Foi preciso atravessar o curioso distrito dos lagos vulcânicos, dos géiseres e das solfataras, que se estende a leste dos Waihiti-Ranges. Os olhos sentiram-se mais satisfeitos do que as pernas. De quarto em quarto de milha eram desvios, obstáculos, rodeios, na verdade fatigantes. Mas que extraordinário espetáculo e que infinita variedade não oferece a natureza em tão grandiosas cenas!

Naquele vasto espaço de vinte milhas quadradas, a expansão das forças subterrâneas manifestava-se sob todas as formas. Nascentes salinas de admirável transparência, povoadas de miríades de insetos, saíam de entre a espessura de árvores de chá. Rescendiam um cheiro penetrante de pólvora queimada e depositavam no solo uma espécie de resíduo branco semelhante neve deslumbrante. As suas águas límpidas estavam quase em ebulição, ao mesmo tempo que as de outras nascentes vizinhas se desdobravam em lençóis de água nevada. Nas suas proximidades cresciam fetos gigantes, em condições análogas às da vegetação siluriana.

Por todos os lados, jatos líquidos envoltos em redemoinho de vapores, esguichavam do solo como os repuxos de um jardim, uns contínuos, outros intermitentes e como que submetidos ao capricho de um Plutão voluntarioso. Sobrepondo-se em anfiteatro nos terraços formados pela natureza, as suas águas confundiam-se pouco a pouco sob as volutas de fumo esbranquiçado, e desmoronando os degraus quase diáfanos daquelas imensas escadarias, alimentavam verdadeiros lagos com as suas ferventes cascatas.

Mais adiante, às nascentes de água a ferver sucederam-se as solfataras. O solo apareceu todo empolado por grandes pústulas. Eram outras tantas crateras meio extintas e gretadas de numerosas fendas, pelas quais saíam diversos gases. A atmosfera estava saturada do cheiro penetrante e desagradável dos ácidos sulfurosos. O enxofre, formando crostas e concreções cristalinas, cobria o solo. Durante muitos séculos ali se acumulavam riquezas estéreis e incalculáveis, e é a este distrito ainda pouco conhecido da Nova Zelândia que a indústria virá decerto abastecer-se se as minas de enxofre da Sicília se esgotarem.

Compreende-se que fadigas não passaram os viajantes ao atravessarem estas regiões tão erizadas de obstáculos. Tornava-se difícil formarem um acampamento, e a carabina dos caçadores não encontrava uma ave digna de ser depenada pelas mãos de Olbinett. Tiveram por isso muitas vezes de se contentar com os fetos e as batatas doces, mesquinhos alimentos que não restauravam as forças exaustas da pequena caravana. Todos tinham pressa de sair daqueles terrenos áridos e desertos.

Foram necessários nada menos do que quatro dias para percorrer tão intransitável região. Só no dia 23 de fevereiro, a cinquenta milhas de distância do Maunganamu, é que Glenarvan pôde acampar ao pé do monte anónimo indicado na carta de Paganel. Em frente estendiam-se planícies cobertas de arbustos e no horizonte reapareciam as grandes florestas.

Eram de bom agouro toda a vez que as condições habitáveis daquela região não fossem causa de nela existirem muitos habitantes. Até ali os viajantes não tinham encontrado a sombra de um indígena.

Naquele dia, Mac-Nabs e Roberto mataram três *kiwis*, que honrosamente figuraram na mesa do acampamento, mas, para dizer a verdade, não por muito tempo, porque foram completamente devorados em poucos minutos.

À sobremesa, entre as batatas doces e as batatas comuns, Paganel apresentou uma moção, que foi adotada com entusiasmo.

Propôs que se desse o nome de Glenarvan à montanha sem nome, cujo cume se elevava a três mil pés nos ares, e apontou com todo o cuidado no mapa o nome do lord escocês.

Insistir nos incidentes bastante monótonos e pouco interessantes que assinalaram o resto da viagem é inútil. Só dois ou três factos de alguma importância sucederam desde os lagos até ao oceano Pacífico.

Caminhavam todo o dia através das florestas e das planícies. John guiava-se pelo sol e pelas estrelas. O céu, assaz clemente, poupava-os a calores e chuvas. Apesar disso, um cansaço, que ia sempre em aumento, demorava os viajantes, já tão fartos de privações cruéis, e que tinham pressa de chegar às missões.

Conversavam, entretinham-se ainda, mas não de um modo tão geral. A pequena caravana dividia-se em grupos, entre os quais reinava, não já uma estreita simpatia, mas uma comunhão de ideias mais pessoais.

A maior parte das vezes, Glenarvan caminhava sozinho e pensava, à medida que se aproximava da costa, no «Duncan» e na sua tripulação. Esquecia os perigos que ainda o ameaçavam até Auckland para só se lembrar dos seus marinheiros assassinados. Tão horrível quadro não lhe saía da mente.

Já não falavam de Harry Grant. Para quê, se nada se podia tentar em favor dele? Se ainda alguma vez se proferia o nome do capitão, era nas conversas da filha e de John Mangles.

John não recordara à jovem o que ela lhe dissera na última noite de Waré-Atuá. Por discrição não queria tomar a sério palavras pronunciadas em momento de supremo desespero.

Quando falava de Harry Grant, John fazia ainda projetos de ulteriores pesquisas. Afirmava a Mary Grant que Lord Glenarvan recomeçaria a abortada empresa. Partia do princípio de que a autenticidade do documento não podia ser posta em dúvida. Harry Grant existia por força nalguma parte. Era preciso revolver o mundo inteiro, porque o deviam achar. Mary embriagava-se com tais palavras, e ela e John, unidos nos mesmos pensamentos, confundiam agora as almas numa mesma esperança. Muitas vezes Lady Helena tomava parte na sua conversação, mas não se entregava a tantas ilusões, se bem que não chamava os dois jovens à triste realidade.

Mac-Nabs, Roberto, Wilson e Mulrady caçavam, sem se afastarem muito da pequena

caravana, e cada qual fornecia o seu contingente de veação.

Paganel, sempre embuçado no manto de fórmio, conservava-se à parte, pensativo e silencioso.

Mas — deve dizer-se — apesar da lei da natureza que faz com que no meio das provações, dos perigos, das fadigas, das privações, os melhores caracteres se exacerbem e azedem, todos estes companheiros de infortúnio permaneceram unidos, cheios de mútua dedicação, prontos a morrer uns pelos outros.

No dia 25 de fevereiro encontraram no caminho um rio, que devia ser o Waikari do mapa de Paganel. Puderam passá-lo a vau.

Durante dois dias as planícies povoadas de arbustos sucederam-se sem interrupção. Metade da distância que separa o lago Taupo da costa fora atravessada sem um mau encontro, embora o fosse com fadiga.

Apareceram então imensas e intermináveis florestas, que lembravam as florestas australianas; aqui, porém, os *kauris* substituíam os eucaliptos. Apesar de haverem gasto a sua admiração durante os quatro meses que durava a viagem, Glenarvan e os seus companheiros ainda se sentiram maravilhados à vista dos pinheiros gigantescos, dignos rivais dos cedros do Líbano e dos *mamouth trees* da Califórnia. Os *kauris*, ou, na língua do botânico as *abietaceas damarinas*, mediam cem pés de altura desde o solo até às primeiras pernas. Cresciam em grupos, afastados uns dos outros, e a floresta compunha-se não de árvores, mas de numerosos grupos de árvores, que elevavam à altura de duzentos pés a sua umbela de verdes folhas.

Alguns dos pinheiros, novos ainda, isto é, com cem anos apenas, pareciam-se com os pinheiros vermelhos das regiões europeias. A sua copa era em forma de coroa sombria, terminada por um cone agudo. Os pinheiros mais velhos, árvores de cinco e seis séculos de idade, formavam imensas barracas de verdura, sustentadas pelas bifurcações dos ramos. Aqueles patriarcas da floresta zelandesa mediam quase cinquenta pés de circunferência e os braços reunidos de todos os viajantes não podiam rodear o seu tronco gigantesco.

Durante três dias, a pequena caravana divagou debaixo daquelas vastas arcarias e sobre um solo argiloso, que a planta do homem nunca trilhara. Conhecia-se isso pelos montes de goma resinosa acumulada em muitos lugares, junto dos *kauris*, e que por longos anos poderia alimentar a exportação indígena.

Os caçadores encontraram bandos numerosos de *kiwis*, os quais tão raros são nas regiões frequentadas pelos maoris. É nas florestas inacessíveis que se refugiam aquelas aves curiosas caçadas pelos cães zelandeses. Forneceram às refeições dos viajantes alimento são e abundante.

Paganel chegou a avistar ao longe, num espesso matagal, um par de aves gigantescas. Acordou nele o instinto de naturalista. Chamou os companheiros, e, apesar da fadiga que os prostrava, o major, Roberto e ele lançaram-se em perseguição daqueles animais.

Compreender-se-á a razão da ardente curiosidade do geógrafo, dizendo-se que reconhecera ou julgara reconhecer naqueles pássaros um casal de *moas* pertencentes à espécie dos *dinormis*, que muitos sábios classificam entre as variedades que já desapareceram. Ora, um tal encontro confirmava a opinião de Mr. de Hochstetter e de outros viajantes a respeito da existência atual daqueles gigantes sem asas na Nova Zelândia.

Os moas que Paganel perseguia, contemporâneos dos megatérios e dos pterodáctilos, deviam ter dezoito pés de altura. Eram avestruzes enormes e pouco corajosos, porque fugiam com extrema rapidez. Mas nenhuma bala os pôde deter na carreira! Depois de alguns minutos de caça, os moas desapareceram por detrás das grandes árvores, e os caçadores ficaram apenas com a pólvora e as passadas perdidas.

Naquela noite, 1 de março, Glenarvan e os seus companheiros, abandonando enfim a imensa floresta de *kauris*, acamparam junto do monte Ikirangi, cujo cimo ficava a cinco mil e quinhentos pés de altura.

Desde o Maunganamu tinham sido percorridas quase cem milhas, e a costa ficava ainda a trinta milhas de distância. John Mangles esperava realizar a viagem em dez dias, porque ignorava as dificuldades que aquela região oferecia.

Com efeito, os rodeios, os obstáculos do caminho, os defeitos das observações tinham aumentado a duração da viagem na quinta parte do que devia ser, e infelizmente os viajantes, ao chegarem ao monte Ikirangi, estavam exaustos de forças.

Eram precisos ainda dois grandes dias de marcha para chegarem à costa, e agora tornavam-se indispensáveis nova atividade e extrema vigilância, porque se entrava numa região muitas vezes frequentada pelos naturais.

Contudo, fizeram todos um esforço e no dia seguinte a pequena caravana tornou a pôr-se a caminho ao romper do dia.

Entre o monte Ikirangi, que deixaram à direita, e o monte Hardy, cujo cume se elevava à esquerda, a uma altura de três mil e setecentos pés, a viagem tornou-se muito penosa. No meio destes dois montes corria uma planície de dez milhas, erichada de *supple-jacks*, espécie de laços flexíveis, com muita razão chamados «cipós sufocantes». A cada passo embaraçavam-se neles os braços e as pernas, e os tais cipós, verdadeiras serpentes, envolviam o corpo dos viajantes com as suas tortuosas roscas. Durante dois dias, foi preciso avançar de machado em punho e

lutar contra aquela hidra de cem mil cabeças, contra aquelas plantas molestas e teimosas, que Paganel de bom grado classificaria entre os zoófitos.

Nestes plainos tornou-se impossível a caça, e os caçadores não pagaram o costumado tributo. Estavam quase acabadas as provisões e não era possível renová-las; faltando também a água, não podiam saciar uma sede exacerbada pelas fadigas.

Então os sofrimentos de Glenarvan e dos seus tornaram-se horríveis, e pela primeira vez a energia moral esteve quase a abandoná-los.

Afinal, de rastos, porque verdadeiramente já não podiam andar, corpos sem alma, unicamente animados do instinto da conservação, que sobrevivia a qualquer outro sentimento, chegaram à ponta Lottin, na costa do Pacífico.

Viam-se ali algumas cabanas desertas, ruínas de uma aldeia recentemente devastada pela guerra, estavam abandonados os campos, eram gerais os vestígios do saque e do incêndio.

Aqui reservava a fatalidade nova e terrível provação aos infelizes viajantes.

Vagueavam pela praia quando, a uma milha da costa, apareceu um grupo de indígenas, que correu para eles, agitando as armas. Glenarvan, metido entre os indígenas e o mar, não podia fugir, e, reunindo as suas últimas forças, ia tomar disposições para lutar, quando John Mangles exclamou:

— Uma canoa, uma canoa!

Efetivamente, a vinte passos, um piroga guarnecida por seis remos estava encahada na praia. Porem-na a nado, lançarem-se dentro e fugirem da perigosa praia foi obra de um instante. John Mangles, Mac-Nabs, Wilson e Mulrady empunharam os remos; Glenarvan lançou mão do leme; as duas mulheres, Olbinett e Roberto estenderam-se junto dele.

Em dez minutos achava-se a piroga um quarto de milha ao largo. O mar estava bonançoso. Os fugitivos guardavam profundo silêncio.

Como não quisesse afastar-se da costa, John ia dar ordem para navegar ao longo dela quando o remo lhe parou subitamente nas mãos.

Acabava de avistar três pirogas, que desembocavam da ponta Lottin, com a tenção evidente de lhe darem também caça.

— Ao largo! Ao largo! — bradou ele — e antes nos abismemos nas ondas!

A piroga, movida pelos quatro remadores, fez-se ao largo. Durante uma hora pôde conservar a mesma dianteira; mas os desgraçados, faltos de forças, não tardaram a afrouxar no primeiro impulso, e as três pirogas ganharam-lhes sensível distância. Duas milhas apenas os separavam dos seus perseguidores. Não havia, pois, nenhuma probabilidade de evitar o ataque dos

indígenas que, armados de compridas espingardas, se preparavam para atirar.

Que fazia Glenarvan? Em pé na popa da canoa, procurava algum socorro quimérico. O que esperava? Que queria? Teria algum pressentimento?

De repente o olhar inflamou-se-lhe e estendeu a mão para um certo ponto do espaço.

— Um navio! — exclamou ele. — Meus amigos! Um navio! Remem, remem! Força!

Nenhum dos quatro remadores se voltou para ver o navio inesperado, porque era preciso não perder um momento. Só Paganel, levantando-se, assestou o óculo de alcance para o ponto indicado.

— Sim — disse ele —, um navio! Um vapor! Navega com toda a força! Dirige-se para nós! Força, valentes camaradas!

Os fugitivos desenvolveram nova energia, e durante mais meia hora, mantendo a mesma distância, fizeram vogar a piroga remando precipitadamente. O vapor tornava-se cada vez mais visível. Distinguiam-se-lhe os dois mastros com todo o pano ferrado e os grandes rolos de fumo negro. Glenarvan, entregando o leme a Roberto, lançara mão do óculo do geógrafo e não perdia um movimento do vapor.

Mas, o que não deviam pensar John Mangles e os seus companheiros quando viram as feições do lord contraírem-se, empalidecer-lhe o rosto e cair-lhe das mãos o óculo. Bastou uma simples palavra para lhes explicar tão repentino desespero.

— O «Duncan» — exclamou Glenarvan —, o «Duncan» e os convictos!

— O «Duncan»! — repetiu John, largando o remo e levantando-se.

— Sim, a morte por dois lados! — murmurou Glenarvan, aniquilado por tantos contratempos.

Não havia dúvida, era efetivamente o iate, com a sua tripulação de bandidos! O major não pôde conter uma maldição contra o céu. Era muito!

A piroga ficara abandonada a si mesma. Para onde dirigi-la? Para onde fugir? Era possível escolher entre os selvagens e os convictos?

Da embarcação indígena mais próxima partiu um tiro de espingarda, que veio bater no remo de Wilson. Algumas remadas impeliram a piroga para o «Duncan».

O iate navegava a todo o vapor e estava apenas a meia milha. Com a retirada cortada por todos os lados, John Mangles não sabia como manobrar, em que direção fugir. As duas pobres mulheres, ajoelhadas, com a cabeça perdida, oravam.

Os selvagens faziam um bem nutrido fogo e as balas choviam em roda da piroga. De repente soou uma formidável detonação e uma bala, arremessada pela peça do iate, passou sobre a

cabeça dos fugitivos. Estes, colhidos entre dois fogos, ficaram imóveis entre o «Duncan» e as canoas dos indígenas.

Louco de desespero, John Mangles lançou mão do machado. Ia fazer um rombo na piroga e metê-la no fundo com os seus infelizes companheiros quando o deteve um grito de Roberto.

— Tom Austin! Tom Austin! — bradava o jovem. — Está a bordo! Vejo-o! Reconheceu-nos! Agita o chapéu!

O machado ficou suspenso do braço de John.

Uma segunda bala sibilou-lhe por cima da cabeça e foi cortar em duas a mais próxima das três pirogas, ao mesmo tempo que estrondosas aclamações se elevavam a bordo do «Duncan».

Os selvagens, espantados, fugiam para terra.

— Acode, acode, Tom! — gritava John Mangles com voz vibrante.

E, dentro de poucos instantes, os dez fugitivos, sem saberem como, sem nada compreenderem do que se passava, estavam em segurança a bordo do «Duncan».

Capítulo 17 — Por Que Razão Cruzava o «Duncan» na Costa Oriental da Nova Zelândia

É preciso renunciar à descrição do que sentiram Glenarvan e os seus amigos quando lhes chegaram aos ouvidos os cantos da velha Escócia. No momento em que punham pé na tola do «Duncan», o *bag-piper*, enchendo de vento a sua gaita de fole, entoava o canto nacional do clã de Malcolm, e vigorosas aclamações saudavam o regresso do lord a bordo do seu navio.

Glenarvan, John Mangles, Paganel, Roberto, o próprio major, todos choravam e se abraçavam. A primeira expansão foi de alegria, de delírio. O geógrafo estava como doido; dava grandes passadas e assestava o seu inseparável óculo sobre as últimas pirogas que fugiam para terra.

Mas à vista de Glenarvan, dos seus companheiros, dos trajos em pedaços, dos rostos cavados e com todos os indícios dos mais horríveis sofrimentos, a tripulação do iate interrompeu as suas demonstrações festivas. Eram espectros que voltavam a bordo e não os alegres e destemidos viajantes que três meses antes procuravam cheios de esperança os rastros dos naufragos. O acaso, só o acaso, os fazia regressar àquele navio que já não esperavam tornar a ver! E em que triste estado de fraqueza e miséria não apareciam!

Antes de pensar na fadiga, nas imperiosas necessidades da fome e da sede, Glenarvan interrogou Tom Austin a respeito da sua presença em tais paragens.

Por que razão se encontrava o «Duncan» na costa oriental da Nova Zelândia? Porque não estava em poder de Ben-Joyce? Porque providencial fatalidade o trouxera Deus ao encontro dos fugitivos?

Como? Porquê? A que propósito? Assim começavam as perguntas simultâneas que apanhavam Tom Austin à queima-roupa. O velho marinheiro não sabia a quem dar ouvidos. Tomou por isso a resolução de só escutar Lord Glenarvan e de só a ele responder.

— Mas os convictos! — perguntou Glenarvan. — O que fez dos convictos?

— Os convictos?... — repetiu Tom Austin, no tom de um homem que não compreende coisa alguma da pergunta que se faz.

— Sim, os miseráveis que atacaram o iate?

— Que iate? — inquiriu Tom Austin. — O iate de Vossa Honra?

— Sim, Tom! o «Duncan» e o Ben-Joyce, que veio a bordo?

— Não conheço esse Ben-Joyce, nunca o vi — respondeu Tom Austin.

— Nunca! — exclamou Glenarvan, estupefacto com as respostas do velho marinheiro. — Então há de me dizer, Tom, por que razão cruza o «Duncan» neste momento nas costas da Nova Zelândia?

Se Glenarvan, Lady Helena, Miss Grant, Paganel, o major, Roberto, John Mangles, Olbinett, Mulrady e Wilson nada compreendiam da admiração do velho marinheiro, qual não foi a sua estupefação quando Tom replicou com voz sossegada:

— Mas, milord, o «Duncan» cruza aqui por ordem de Vossa Honra.

— Por minha ordem! — exclamou Glenarvan.

— Sim, milord. Não fiz mais do que conformar-me com as instruções contidas na sua carta de 14 de janeiro.

— Na minha carta! Na minha carta! — repetia Glenarvan.

Neste momento os dez viajantes rodeavam Tom Austin e devoravam-no com o olhar. Chegara a carta datada de Snowy-river ao «Duncan»?

— Vejamos — prosseguiu Glenarvan —, expliquemo-nos, porque me parece que sonho. Recebeu uma carta, Tom?

— Sim, uma carta de Vossa Honra.

— Em Melbourne?

— Em Melbourne, exatamente quando acabava de reparar as minhas avarias.

— E essa carta?...

— Não era escrita, mas unicamente assinada por Vossa Honra.

— É isso mesmo. E foi-lhe entregue por um convicto chamado Ben-Joyce.

— Não, por um marinheiro chamado Ayrton, cabo de marinheiros da «Britannia».

— Sim, Ayrton e Ben-Joyce são o mesmo indivíduo. Mas bem! O que dizia a carta?

— Dava-me ordem de largar imediatamente de Melbourne e vir cruzar na costa oriental da...

— Austrália! — exclamou Glenarvan, com uma veemência que perturbou o velho marinheiro.

— Da Austrália! — repetiu Tom Austin, abrindo muito os olhos. — Não! Da Nova Zelândia!

— Da Austrália, Tom, da Austrália! — disseram a uma voz os companheiros de Glenarvan.

Tom Austin sentiu uma espécie de deslumbramento. Glenarvan falava-lhe com tal segurança que receou ter-se enganado quando lera a carta. Ele, o fiel e rigoroso marinheiro, teria cometido semelhante erro? Corou, perturbou-se.

— Sossegue, Tom — interveio Lady Helena —, a Providência quis...

— Mas não, milady, perdoe-me — insistiu o velho Tom. — Não, me enganei! Ayrton leu a carta como eu a li, e era ele que, pelo contrário, queria que navegasse para a costa australiana!

— Ayrton? — exclamou Glenarvan.

— Ele mesmo! Sustentou que era um erro, que lord me designara a baía Twofold para nos encontrarmos!

— Tem ainda a carta, Tom? — perguntou o major, deveras confuso.

— Sim, Sr. Mac-Nabs — respondeu Austin. — Vou buscá-la.

Austin correu para o seu camarote do castelo da proa. Enquanto durou a sua ausência, olhavam todos uns para os outros sem proferir palavra, exceto o major, que, com o olhar fito em Paganel, disse, cruzando os braços:

— Na verdade, Paganel, deve confessar-se que seria muito forte!

— Que é lá? — exclamou o geógrafo, que, todo curvado e com os óculos puxados para a testa, parecia um gigantesco ponto de interrogação.

Austin voltou. Trazia na mão a carta escrita por Paganel e assinada por Glenarvan.

— Leia Vossa Honra — pediu o velho marinheiro. Glenarvan pegou na carta e leu:

Ordem a Tom Austin para se fazer ao mar sem demora e conduzir o «Duncan» à costa oriental da Nova Zelândia...

— Para a Nova Zelândia! — bradou Paganel, dando um pulo.

E tirou a carta das mãos de Glenarvan, esfregou os olhos, puxou os óculos para o nariz e leu-a também.

— Nova Zelândia! — exclamou num tom impossível de reproduzir, ao mesmo tempo que a carta lhe escapava dos dedos.

Naquele momento sentiu um braço apoiar-se-lhe no ombro. Endireitou-se e deu de rosto com o major.

— Vamos lá, meu bom Paganel — gracejou Mac-Nabs com ar muito grave —, é uma fortuna que não mandasse o «Duncan» para a Cochinchina!

Este gracejo acabou por derrotar o pobre geógrafo. A tripulação do iate não pôde conter uma gargalhada geral, homérica. Paganel pôs-se a andar de um lado para e outro, como doido, e levando as mãos à cabeça começou a arrancar os cabelos. Não sabia o que fazia e muito menos o que pretendia. Desceu maquinalmente pela escada do tombadilho; percorreu a tolda e, caminhando em frente, sem direção determinada, subiu ao castelo da proa. Aí, os pés

embaraçaram-se-lhe num montão de cabos. Vacilou. Ao acaso, deitou as mãos a uma corda.

Soou uma súbita detonação. A peça da proa deu fogo e uma chuva de metralha fez espadanar as tranquilas ondas. O desventurado Paganel agarrara-se à corda da peça, carregada ainda, e o cão batera no fulminante. Proviera daí a detonação. O geógrafo caiu pela escada de proa e desapareceu pela escotilha, indo ter ao alojamento.

À surpresa produzida pelo tiro sucedeu um grito de terror. Julgaram todos que tivesse acontecido alguma desgraça. Dez marinheiros precipitaram-se na coberta e trouxeram para cima Paganel, feito num feixe. O geógrafo perdera a fala.

Transportaram o comprido corpo para o tombadilho. Os companheiros do bom francês estavam desesperados. Sempre médico nas grandes ocasiões, o major preparava-se para despir o pobre Paganel, a fim de lhe ligar as feridas; mal, porém, pôs a mão no moribundo, levantou-se este, como se o tocasse o fio de alguma máquina elétrica.

— Nunca! Nunca! — exclamou ele; e aconchegando sobre o descarnado corpo os farrapos do fato, abotoou-se com vivacidade singular.

— Mas, Paganel — observou o major.

— Não, repito.

— É preciso examinar...

— Não me deixarei examinar.

— Talvez fraturasse... — lembrou Mac-Nabs.

— Sim — respondeu Paganel, apurando-se sobre as compridas pernas —, o que eu fracturei, o carpinteiro consertará!

— O que foi então?

— O prumo do alojamento, que se quebrou com a minha queda.

A esta réplica estalaram com mais força as gargalhadas. Como Paganel saíra são e salvo das aventuras com a peça do castelo de proa, todos os seus amigos se tranquilizaram.

— Em todo o caso — pensava o major —, sempre é um geógrafo muitíssimo pudibundo!

Entretanto, Paganel, já sossegado de todas as suas grandes comoções, teve ainda de responder a uma pergunta que não podia evitar.

— Agora, Paganel — disse Glenarvan —, responda francamente. Reconheço que a sua distração foi providencial. Se não fosse o senhor, com certeza cairia o «Duncan» nas mãos dos convictos, e tornaríamos a ser apanhados pelos maoris. Mas, por Deus, diga-me por que singular associação de ideias, por que sobrenatural aberração do espírito, escreveu o nome da Nova Zelândia em vez da Austrália.

— Ora! — exclamou Paganel. — Foi...

Mas no mesmo momento os seus olhares dirigiram-se para Roberto e Mary Grant, e estacou. Passado um instante respondeu:

— Que quer, querido Glenarvan, sou um insensato, um doido, uma criatura incorrigível, e hei de morrer com a pele do homem mais distraído...

— Dado o caso que não o esfolem — acrescentou o major.

— Esfolarem-me — exclamou o geógrafo com ar furibundo. — É uma alusão?...

— Que alusão, Paganel? — perguntou Mac-Nabs com a sua voz tranquila.

O incidente não teve consequências. Estava aclarado o mistério da presença do «Duncan»; os viajantes tão milagrosamente salvos não se lembraram de mais nada senão de se recolherem aos seus excelentes camarotes e almoçarem.

Deixando Lady Helena e Mary Grant, o major, Paganel e Roberto subiram para o tombadilho, Glenarvan e John Mangles retiveram Tom Austin. Queriam interrogá-lo ainda.

— Agora, meu velho Tom — disse Glenarvan —, responda-me. Não lhe pareceu extraordinária a ordem para ir cruzar nos mares da Nova Zelândia?

— Decerto — respondeu Austin —, fiquei muito surpreendido, mas não tenho por costume discutir as ordens, e obedeci. Poderia proceder de outro modo? Se, por não ter seguido à letra as ordens de Vossa Honra, sucedesse uma catástrofe, não era eu o culpado? Procederia de outro modo, capitão?

— Não, Tom — respondeu John Mangles.

— Mas o que pensou? — perguntou Glenarvan.

— Pensei que, para interesse de Harry Grant, era preciso ir aonde me mandavam, e que, em virtude de novas combinações, algum navio o havia de transportar à Nova Zelândia, e que eu devia esperar Vossa Honra na costa oriental da ilha. Demais, quando larguei de Melburne, guardei o segredo do meu destino, e a tripulação só o conheceu quando já estávamos no mar largo, quando as terras da Austrália já tinham desaparecido a nossos olhos. Mas então, um incidente que se deu a bordo tornou-me muito perplexo.

— O que quer dizer, Tom? — perguntou Glenarvan.

— Quero dizer — respondeu Tom Austin — que Ayrton, no dia seguinte ao da partida, quando soube o destino do «Duncan»...

— Ayrton! — exclamou Glenarvan. — Pois ele está a bordo?

— Sim, Vossa Honra.

— Ayrton aqui! — repetiu Glenarvan, olhando para John Mangles.

— Deus o quis! — replicou o moço capitão.

Num instante, com a rapidez de relâmpago, o procedimento de Ayrton, a sua traição que tanto tempo levava a preparar, a ferida de Glenarvan, o atentado contra Mulrady, as misérias da expedição detida nos pântanos do Snowy, todo o passado do miserável surgiu à vista daqueles dois homens. E agora, por efeito do mais singular conjunto de circunstâncias, o antigo degredado achava-se em poder deles.

— Onde está ele? — perguntou Glenarvan com vivacidade.

— Num camarote do castelo da proa — explicou Austin — e guardado à vista.

— Porque o prenderam?

— Porque Ayrton, quando viu que o iate seguia o rumo da Nova Zelândia, teve um acesso de furor, quis obrigar-me a mudar a direção do navio, ameaçou-me, e finalmente excitou a minha gente à revolta. Compreendi que era homem perigoso e tive de tomar precauções contra ele.

— E desde então?

— Desde então? Tem estado no seu camarote sem fazer diligência para de lá sair.

— Bem, Tom.

Glenarvan e John Mangles foram chamados ao tombadilho. O almoço, de que tinham tão urgente necessidade, estava preparado; tomaram lugar à mesa da câmara e não disseram palavra a respeito de Ayrton.

Mas, terminada a refeição, quando os convivas, restauradas as forças, se encontravam reunidos no convés, Glenarvan anunciou-lhes a presença do cabo de marinheiros a bordo. Ao mesmo tempo declarou que tinha tenção de o fazer comparecer na sua presença.

— Posso deixar de assistir a esse interrogatório? — perguntou Lady Helena. — Confesso-lhe, querido Edward, que a vista desse desgraçado seria muito penosa para mim.

— É uma confrontação, Helena — informou Lord Glenarvan. — Fique, peço-lhe. Convém muito que Ben-Joyce se veja, face a face, perante todas as suas vítimas!

Lady Helena deixou-se vencer por esta observação. Juntamente com Mary Grant, tomou lugar ao pé de Glenarvan. Em volta deste agruparam-se o major, Paganel, John Mangles, Roberto, Wilson, Mulrady e Olbinett, todos tão gravemente comprometidos pela traição do convicto. A tripulação do iate, sem ainda compreender a gravidade desta cena, guardava profundo silêncio.

— Mande vir Ayrton — ordenou Glenarvan.

Capítulo 18 — Ayrton ou Ben-Joyce?

Ayrton apareceu. Atravessou a coberta com passo firme e subiu a escada do tombadilho. Trazia o olhar sombrio, os dentes cerrados, os punhos fechados convulsivamente. No aspeto não revelava nem fanfarronice nem humildade. Quando se encontrou na presença de Lord Glenarvan, cruzou os braços, mudo e sereno, esperando que o interrogassem.

— Ayrton — começou Glenarvan —, eis neste «Duncan» todos os que queria entregar aos convictos de Ben-Joyce!

A estas palavras, os lábios do cabo de marinheiros tremeram levemente. Uma rápida vermelhidão coloriu-lhe as feições impassíveis. Não era, porém, a vermelhidão do remorso, mas a vergonha do insucesso. Naquele iate, onde queria mandar como senhor, estava prisioneiro, e a sua sorte ia decidir-se em poucos instantes.

Contudo, não respondia. Glenarvan esperou pacientemente que ele o fizesse. Ayrton obstinava-se em guardar absoluto silêncio.

— Fale, Ayrton, que tem a dizer? — insistiu Glenarvan.

Ayrton hesitou; as rugas da fronte tornaram-se-lhe mais profundas; mas, com voz tranquila e cheia de firmeza, exclamou:

— Nada tenho a dizer. Fiz a tolice de me deixar agarrar. Proceda como entender.

Dada esta resposta, o cabo de marinheiros, dirigiu o olhar para a costa que se desenrolava ao ocidente e fingiu profunda indiferença por tudo o que se passava em volta dele. Quem o visse, julgá-lo-ia estranho ao grave assunto que se tratava. Glenarvan resolvera, porém, ser paciente. Um poderoso interesse o levava a querer conhecer certas particularidades da misteriosa existência de Ayrton, principalmente o que dizia respeito a Harry Grant e à «Britannia». Prosseguiu, portanto, no interrogatório, falando com extrema doçura e impondo a mais perfeita tranquilidade às violentas pulsações do seu coração.

— Suponho, Ayrton, que não recusará responder a certas perguntas que desejo fazer-lhe. Em primeiro lugar, devo chamá-lo Ayrton ou Ben-Joyce? Foi ou não cabo de marinheiros a bordo da «Britannia»?

Ayrton ficou impassível a olhar para a costa, surdo a todas as perguntas.

Glenarvan, cujo olhar se animava, continuou a interrogar o cabo de marinheiros.

— Quer dizer-me como é que deixou a «Britannia» e porque estava na Austrália?

Seguiu-se o mesmo silêncio, a mesma impassibilidade.

— Ouça bem, Ayrton — tornou Glenarvan. — Tem interesse em se explicar. Pode ser-lhe levada em conta uma franqueza que é o seu único recurso. Pela última vez, quer responder às minhas perguntas?

Ayrton voltou a cabeça para Glenarvan e fitou-o.

— Milord — disse —, nada tenho que responder. É à justiça e não a si que pertence procurar provas contra a minha pessoa.

— Serão fáceis as provas! — retorquiu Glenarvan.

— Fáceis, milord? —olveu Ayrton em tom zombeteiro. — Parece-me que Vossa Honra avança muito. Pois eu afirmo que o melhor juiz de Temple-Bar ver-se-ia embaraçado com a minha pessoa! Quem poderia dizer a razão por que vim à Austrália, visto que o capitão Grant não está presente para dar tais informações? Quem há de provar que sou Ben-Joyce, quando a Polícia nunca me teve em suas mãos e os meus companheiros estão em liberdade? Quem apontará em meu descrédito, salvo Vossa Honra, não um crime, mas uma ação censurável? Quem pode afirmar que eu quis apoderar-me deste navio e entregá-lo aos convictos? Ninguém, entenda, ninguém! Tem suspeitas, mas são precisas provas certas para condenar um homem, e essas provas faltam-lhe. Enquanto não se demonstrar o contrário, sou Ayrton, marinheiro da «Britannia».

Ayrton animara-se, mas voltou logo à habitual indiferença. Imaginava decerto que a sua declaração terminaria o interrogatório, mas Glenarvan tornou a tomar a palavra e disse:

— Ayrton, não sou um juiz encarregado de o interrogar. Não me pertence isso. Importa que as nossas respectivas situações sejam claramente definidas. Não lhe pergunto coisa alguma que o possa comprometer. Isso é com a justiça. Mas bem sabe que pesquisas intentei, e com uma palavra pode pôr-me no rasto que perdi. Quer falar?

Ayrton meneou a cabeça como homem resolvido a calar-se.

— Quer dizer-me onde está o capitão Grant? — perguntou Glenarvan.

— Não, milord — respondeu Ayrton.

— Quer indicar-me onde encalhou a «Britannia»?

— Menos.

— Ayrton — insistiu Glenarvan em tom grave, quase suplicante —, quer ao menos, se sabe onde está Harry Grant, dizê-lo aos pobres filhos do capitão, que só esperam uma palavra da sua boca?

Ayrton hesitou. As feições contraíram-se-lhe. Mas em voz baixa murmurou:

— Não posso, milord.

E acrescentou com violência, como homem que a si mesmo exprobrasse um momento de fraqueza:

— Não! Não falarei! Se quiser, mande-me enforcar!

— Enforcar! — exclamou Glenarvan, fazendo um repentino movimento, filho da cólera.

Depois, dominando-se, prosseguiu com voz grave:

— Ayrton, aqui não há juízes nem verdugos. No primeiro porto em que tocarmos será entregue às autoridades inglesas.

— É o que peço — replicou o cabo de marinheiros.

Depois voltou a passo tranquilo para o camarote que lhe servia de prisão, e à porta foram colocados dois marinheiros, com ordem de observar os seus menores movimentos. As testemunhas desta cena retiraram-se indignadas e desesperadas.

Visto que Glenarvan acabava de ser mal sucedido perante a obstinação de Ayrton, que restava fazer? Era claro que pôr unicamente em execução o projeto formado em Éden, isto é, regressar à Europa, sem prejuízo de mais tarde prosseguir na empresa por agora mal sucedida. Perdidos completamente os vestígios da «Britannia», não se prestando o documento a qualquer nova interpretação e não havendo até nenhum outro país ao longo do paralelo trinta e sete, o «Duncan» não tinha mais nada a fazer do que voltar para trás.

Depois de consultar os seus amigos, Glenarvan tratou mais especialmente do regresso com John Mangles. O capitão inspecionou os paióis; a provisão de combustível devia durar, o muito, quinze dias. Havia, portanto, necessidade de meter carvão no porto mais próximo.

John propôs a Glenarvan que seguissem o rumo da baía de Talcahuano, onde o «Duncan» já uma vez se abastecera antes de empreender a sua viagem de circum-navegação. Era um trajeto direto e precisamente sob o paralelo trinta e sete. Depois, o iate, largamente reabastecido, navegaria para o sul; dobraria o cabo Horn e regressaria à Escócia pelo Atlântico.

Adotado este plano, deram ordem ao maquinista para aumentar a pressão. Meia hora depois, seguia o «Duncan» o rumo de Talcahuano, num mar digno do seu nome de Pacífico, e às seis horas da tarde as últimas montanhas da Nova Zelândia sumiam-se nas ardentes brumas do horizonte.

Começava, pois, a viagem do regresso. Triste travessia para aqueles corajosos exploradores, que voltavam à pátria sem trazerem Harry Grant! Por isso a tripulação, tão alegre no momento da partida, tão cheia de confiança no começo da empresa, tomava triste o rumo da Europa. Entre todos aqueles bravos marinheiros, nenhum se sentia comovido com o pensamento

de tornar a ver a pátria e todos teriam de boa vontade arrostado os perigos do mar ainda por muito mais tempo para encontrarem *p* capitão Grant.

Aos vivas que aclamaram Glenarvan, quando o tornaram a ver a bordo, sucedia-se o desânimo. Já não havia as comunicações incessantes entre os passageiros nem os colóquios que outrora alegravam a viagem. Todos se conservavam afastados uns dos outros, na solidão do seu camarote, e raras vezes algum aparecia na coberta do «Duncan».

O homem em que de ordinário se manifestavam exageradamente os sentimentos de bordo, penosos ou alegres, Paganel, ele que, em caso de necessidade, teria inventado a esperança, Paganel conservava-se triste e silencioso. Mal o viam. A sua loquacidade natural, a sua vivacidade francesa tinham-se mudado em mutismo e abatimento. Parecia até mais completamente desanimado que os companheiros. Se Glenarvan falava em recomeçar as pesquisas, Paganel abanava a cabeça como homem que já perdera toda a esperança e que já parecia ter formado a sua opinião definitiva a respeito da sorte dos náufragos da «Britannia». Pressentia-se que ele os considerava irremediavelmente perdidos.

Havia, porém, a bordo um homem que podia dizer a última palavra a respeito daquela catástrofe e cujo silêncio se prolongava. Era Ayrton. Não havia dúvida de que o miserável conhecia, se não a verdade a respeito da situação atual do capitão, pelo menos do naufrágio. Mas Grant, quando o encontrassem, seria decerto uma testemunha contra ele. Por essa razão calava-se o marinheiro obstinadamente. Tudo isso fazia com que, principalmente os marinheiros, se sentissem deveras indignados e tivessem vontade de o agredir.

Glenarvan renovou muitas vezes as suas tentativas junto do cabo de marinheiros. Foram inúteis as promessas e as ameaças. A teima de Ayrton ia tão longe e era, em suma, tão pouco explicável, que o major chegava a crer que ele não sabia nada. Esta opinião era também partilhada pelo geógrafo, porque corroborava as ideias particulares que tinha acerca de Harry Grant.

Mas se Ayrton nada sabia, porque não confessava a sua ignorância? Essa ignorância não podia redundar em seu prejuízo. O seu silêncio aumentava a dificuldade de formar um novo plano. Do encontro do cabo de marinheiros na Austrália deveria deduzir-se a presença de Harry Grant no continente? Era preciso a todo o custo resolver Ayrton a explicar-se a tal respeito.

Vendo que o marido nada conseguia, Lady Helena pediu-lhe licença para lutar por seu turno contra a obstinação do cabo de marinheiros. Naquilo em que um homem foi mal sucedido, talvez uma mulher ganhe vitória pela sua doce influência. Não significa isso a eterna fábula da tempestade, que não consegue arrancar a capa dos ombros do viajante, enquanto o menor raio de

sol lha tira no mesmo momento?

Conhecendo a inteligência de sua mulher, Glenarvan deixou-lhe toda a liberdade de ação.

Naquele dia, 5 de março, Ayrton foi conduzido ao aposento de Lady Helena. Mary Grant teve de assistir à entrevista, porque a influência da jovem podia ser grande, e Lady Helena não podia desprezar nenhuma probabilidade de êxito.

As duas jovens estiveram fechadas uma hora com o cabo de marinheiros da «Britannia», mas nada transpirou do seu colóquio. O que disseram, os argumentos que empregaram para arrancar o segredo do *convicto*, todas as particularidades do interrogatório ficaram ignoradas. Demais, quando acabaram o colóquio, não pareciam ter sido bem sucedidas, e no aspeto denotavam verdadeira desanimação.

Por isso, quando o cabo de marinheiros foi reconduzido ao seu camarote, os marinheiros dirigiram-lhe, quando passou, violentas ameaças. Ayrton contentou-se com encolher os ombros, o que aumentou o furor da tripulação, e para a conter foi preciso nada menos que a intervenção de John Mangles e de Glenarvan.

Mas Lady Helena não se deu por vencida. Quis lutar até ao fim com aquela alma desapiedada, e no dia seguinte foi ela mesma ao camarote de Ayrton, a fim de evitar as cenas que ocasionava a sua passagem pela tolda do iate.

Duas compridas horas esteve a boa e meiga escocesa só, face a face com o chefe dos convictos. Glenarvan, entregue a uma agitação nervosa, girava em torno do camarote, ora resolvido a esgotar todos os meios de ser bem sucedido, ora prestes a arrancar a esposa a tão desagradável colóquio.

Mas desta vez, quando Lady Helena reapareceu, lia-se-lhe no rosto verdadeira confiança. Teria arrancado o segredo e feito vibrar no coração do miserável as últimas fibras da piedade?

Mac-Nabs, que foi o primeiro a vê-la, não pôde reprimir um movimento bem natural de incredulidade.

Espalhou-se imediatamente entre a tripulação que o cabo de marinheiros cedera afinal às instâncias de Lady Helena. Foi uma espécie de comoção elétrica. Todos os marinheiros se reuniram sobre a coberta, e até mais rapidamente do que se os chamasse o apito de Tom Austin para a manobra.

Glenarvan correu ao encontro da esposa.

— Falou? — perguntou ele.

— Não — respondeu Lady Helena. — Mas, cedendo às minhas súplicas, deseja vê-lo.

— Ah! Querida Helena, foi bem sucedida!

— Assim espero, Edward.

— Fez alguma promessa que eu deva ratificar?

— Uma apenas, meu amigo: é que empregará todo o seu crédito para suavizar a sorte desse desgraçado.

— Bem, querida Helena. Que Ayrton se apresente quanto antes.

Lady Helena retirou-se para o seu quarto, acompanhada de Mary Grant, e o cabo de marinheiros foi conduzido para a câmara onde o esperava Lord Glenarvan.

Capítulo 19 — Uma Transação

Assim que o cabo de marinheiros se encontrou em presença do lord, os guardas retiraram-se.

— Quis falar comigo, Ayrton? — disse Glenarvan.

— Sim, milord — respondeu o cabo de marinheiros.

— Comigo só?

— Sim, mas parece-me que se o major Mac-Nabs e o Sr. Paganel assistissem ao colóquio seria melhor.

— Para quem?

— Para mim.

Ayrton falava com serenidade. Glenarvan olhou para ele fixamente; em seguida avisou Mac-Nabs e Paganel, que acederam ao convite.

— Estamos escutando — declarou Glenarvan, assim que os seus dois amigos se sentaram à mesa da câmara.

O cabo de marinheiros recolheu-se por alguns momentos e disse:

— Milord, é costume figurarem testemunhas em todos os contratos ou transações. Eis a razão por que pedi a presença dos Srs. Paganel e Mac-Nabs. Pois que, para falar rigorosamente, é um negócio que venho propor.

Glenarvan, habituado às maneiras de Ayrton, não pestanejou, ainda que um negócio entre ele e aquele homem lhe parecesse coisa singular.

— Que negócio é? — perguntou.

— Ei-lo — respondeu Ayrton. — Deseja saber de mim certas particularidades que lhe interessam. Eu desejo obter de Vossa Honra certas vantagens que me são preciosas. É troca por troca, milord. Convém-lhe ou não?

— Que particularidades são essas? — perguntou Paganel com vivacidade.

— Não — antepôs Glenarvan —, quais são as vantagens?

Ayrton, com uma inclinação de cabeça, mostrou que percebia a diferença subtil notada por Glenarvan.

— Eis — disse — as vantagens que peço. Tem ainda, milord, tenção de me entregar às autoridades inglesas?

— Sim, Ayrton, o que aliás é justo.

— Não digo que não — respondeu tranquilamente o cabo de marinheiros. — Visto isso, não consentiria que me dessem liberdade?

Glenarvan hesitou antes de responder a uma pergunta formulada com tanta precisão. Do que ia responder dependia talvez a sorte de Harry Grant!

Contudo, pôde nele mais o dever para com a justiça humana, e disse:

— Não, Ayrton, não posso restituir-lhe a liberdade.

— Não a peço — replicou o cabo de marinheiros com altivez.

— Então o que quer?

— Um meio termo entre a força que me espera e a liberdade que não me pode conceder.

— E esse meio termo...

— Que me abandone numa das ilhas desertas do Pacífico, fornecido dos objetos de primeira necessidade. Arranjarei a vida como puder e arrepende-me-ei se para isso tiver tempo.

Pouco preparado para esta declaração, Glenarvan olhou para os dois amigos, que permaneciam silenciosos. Depois de refletir alguns instantes, respondeu:

— Ayrton, se lhe conceder o que pede, dir-me-á tudo o que tenho interesse em saber?

— Sim, milord, isto é, tudo o que sei a respeito do capitão Grant e da «Britannia».

— Toda a verdade?

— Toda.

— Mas quem me responderá?...

— Oh! Bem sei o que o inquieta, milord. Terá de se fiar em mim, na palavra de um malfeitor! É verdade! Mas que quer? A situação é assim. É pegar ou largar.

— Fiar-me-ei em si — declarou Glenarvan com simplicidade.

— E fará bem, milord. Demais, se o enganar, terá sempre meio de se vingar!

— Que meio?

— Indo buscar-me à ilha, donde não poderei fugir.

Ayrton tinha resposta para tudo. Era o primeiro a encarar as dificuldades e ministrava contra si mesmo argumentos sem réplica. Como se vê, mostrava tratar o seu «negócio» com uma boa fé indiscutível. Era impossível alguém entregar-se com mais perfeita confiança. E nesta senda do desinteresse achou meio de ir ainda mais longe.

— Milord e senhores — prosseguiu ele —, quero que fiquem convencidos de um facto, e é de que jogo com as cartas na mesa. Não procuro enganá-los, e vou dar-lhes uma nova prova da minha sinceridade neste negócio. Procedo com franqueza, porque eu mesmo conto com a sua

lealdade.

— Fale, Ayrton — convidou Glenarvan.

— Milord, não me deu ainda a palavra de que cedia à minha proposta, e contudo não hesito em dizer-lhe que pouco sei a respeito de Harry Grant.

— Pouco! — exclamou Glenarvan.

— Sim, milord, as particularidades que estou habilitado para lhe comunicar são relativas a mim; são-me pessoais, e em nada contribuirão para lhe fazer encontrar os vestígios perdidos.

Nas feições de Glenarvan e do major refletiu-se um profundo desânimo. Julgavam Ayrton possuidor de um segredo importante, e ele confessava que as suas revelações seriam quase inúteis. Quanto a Paganel, estava impassível.

Fosse como fosse, a confissão de Ayrton, que se entregava por assim dizer sem garantias, impressionou bastante os seus ouvintes, principalmente quando acrescentou em conclusão:

— Portanto, milord, fica prevenido: o negócio será mais vantajoso para mim do que para Vossa Honra.

— Não importa — replicou Glenarvan. — Aceito a sua proposta, Ayrton. Tem a minha palavra de que será desembarcado numa das ilhas do oceano Pacífico.

— Bem, milord — replicou o cabo de marinheiros.

Aquele homem singular dar-se-ia por feliz com semelhante decisão? Era para duvidar, porque a sua fisionomia impassível não revelou comoção alguma. Parecia que negociava para outro e não para si.

— Estou pronto a responder — declarou.

— Não temos perguntas a fazer-lhe — disse Glenarvan. — Diga-nos o que sabe, Ayrton, começando por declarar quem é.

— Senhores — exclamou Ayrton —, sou realmente Tom Ayrton, cabo de marinheiros a bordo da «Britannia». Saí de Glasgow no navio de Harry Grant, a 12 de março de 1861. Durante catorze meses corremos juntos os mares do Pacífico, procurando alguma posição vantajosa para aí fundar uma colónia escocesa. Harry era homem para grandes coisas, mas muitas vezes graves questões se suscitaram entre nós. O seu carácter não me agradava. Não sei dobrar-me; ora, com Harry Grant, quando ele uma vez toma uma resolução, toda a resistência se torna impossível, milord. É homem de ferro para si e para os mais. Contudo, ousei revoltar-me. Procurei fazer com que a tripulação me acompanhasse na revolta, e tentei apoderar-me do navio. Se fiz mal ou não, pouco me importa. Fosse como fosse, Harry Grant não hesitou, e no dia 8 de abril de 1862 desembarcou-me na costa ocidental da Austrália.

— Então — disse o major, interrompendo a narrativa de Ayrton — deixou a «Britannia» antes de ela tocar em Callao, donde são datadas as últimas notícias?

— Sim — respondeu o cabo de marinheiros —, porque a «Britannia» nunca tocou em Callao enquanto estive a bordo. E se, na herdade de Paddy O'Moore, lhes falei nesta terra, é porque a narrativa de milord acabava de me informar dessa particularidade.

— Continue, Ayrton — convidou Glenarvan.

— Achei-me, pois, abandonado numa costa quase deserta, mas a vinte milhas apenas dos estabelecimentos penitenciários de Perth, capital da Austrália ocidental. Divagando pelas suas praias, encontrei um grupo de convictos que acabavam de fugir. Incorporei-me com eles. Dispensa-me, milord, de lhe contar a minha vida durante dois anos. Saiba só que me fiz chefe dos evadidos, sob o nome de Ben-Joyce. No mês de setembro de 1864 apresentei-me na herdade irlandesa. Fui aí admitido como criado sob o meu verdadeiro nome de Ayrton. Esperava ocasião de me apoderar de um navio. Era esse o meu supremo desejo. Dois meses depois chegou o «Duncan». Quando milord visitou a herdade, contou toda a história do capitão Grant. Soube o que ignorava, isto é, o facto de a «Britannia» ter tocado em Callao, as suas últimas notícias datadas de junho de 1862, dois meses depois do meu embarque, o caso do documento, a perda do navio na altura do paralelo trinta e sete, e finalmente os bem fundados motivos que Vossa Honra tinha para procurar Harry Grant através do continente australiano. Não hesitei. Resolvi apropriar-me do «Duncan», admirável navio, superior em andamento aos navios mais rápidos da marinha britânica. Mas o barco tinha grandes avarias a reparar. Deixei-o por isso partir para Melbourne e apresentei-me a Vossa Honra na minha verdadeira qualidade de cabo de marinheiros, oferecendo-me para o guiar ao teatro de um naufrágio imaginado por mim para o lado da costa oriental da Austrália. Foi assim que, seguido a distância e muitas vezes precedido do meu bando de convictos, dirigi a expedição através da província de Vitória. A minha gente cometeu em Camden-Bridge um crime inútil, porque o «Duncan», uma vez próximo da costa, não podia escapar-me, e com um iate daqueles ficava senhor do Oceano. Conduzi-os assim, sem que desconfiassem, até Snowy-river. Os cavalos e os bois foram caindo envenenados pelo *gastrolobium*. Enterrei o carro nos alagadiços do Snowy. A pedido meu... Mas sabe o resto, milord, e pode estar certo de que, se não fosse a distração do Sr. Paganel, eu agora seria comandante a bordo do «Duncan». Tal era a minha história, senhores; infelizmente as minhas revelações não podem pô-los no rasto de Harry Grant, e bem veem que, entrando em transações comigo, fizeram um mau negócio.

O cabo de marinheiros calou-se, cruzou os braços, segundo o seu costume, e esperou.

Glenarvan e os seus amigos guardavam silêncio. Conheciam que toda a verdade acabava de ser dita por aquele singular malfeitor. A tomada do «Duncan» só falhara por uma causa independente da sua vontade. Os seus cúmplices tinham vindo às praias de Twofold-Bay, como provava a camisola de convicto encontrada por Glenarvan. Aí, fiéis às ordens do chefe, haviam espreitado a chegada do iate, e afinal, cansados de esperar, tinham-se metido outra vez a exercer o seu mister de ladrões e de incendiários nas campinas da Nova Gales do Sul.

O major foi o primeiro a recommençar o interrogatório, a fim de determinar rigorosamente as datas relativas à «Britannia».

— Portanto — perguntou ele ao cabo de marinheiros — foi efetivamente no dia 8 de abril de 1862 que o desembarcaram na costa ocidental da Austrália?

— Exatamente — confirmou Ayrton.

— E sabe quais eram então os projetos de Harry Grant?

— De um modo vago.

— Diga sempre, Ayrton — convidou Glenarvan. — O menor indício nos pode esclarecer.

— O que estou habilitado a dizer, ei-lo, milord — retorquiu Ayrton. — O capitão Grant tinha intenção de visitar a Nova Zelândia. Ora, esta parte do programa não foi executada durante o tempo que estive a bordo. Não seria, pois, impossível que a «Britannia», largando de Callao, navegasse na direção das costas da Nova Zelândia. Concordava isso com a data de 27 de junho de 1862, na qual o documento põe o naufrágio da galera.

— Decerto — observou Paganel.

— Mas — replicou Glenarvan — nos restos de palavras conservadas nos três documentos nada se pode aplicar à Nova Zelândia.

— A isso não sei responder — declarou o cabo de marinheiros.

— Bem, Ayrton — concluiu Glenarvan —, cumpriu a sua palavra, cumprirei a minha. Vamos resolver em que ilha do oceano Pacífico deve ser posto.

— Oh! Pouco me importa, milord — replicou Ayrton.

— Volte para o seu camarote e espere a nossa decisão.

Ayrton retirou-se sob a guarda de dois marinheiros.

— Este celerado podia ter sido um homem — disse o major.

— É verdade — acrescentou Glenarvan —, é dotado de energia e inteligência. Porque haviam as suas faculdades de se aplicar ao mal?

— Mas Harry Grant?

— Receio bem que esteja para sempre perdido! Pobres crianças! Quem lhes poderia dizer

onde está o pai?

— Eu! — exclamou Paganel. — Sim! Eu.

Deve ter-se notado que o geógrafo, tão falador, tão impaciente de ordinário, quase não falara durante o interrogatório de Ayrton. Ouvira sem abrir a boca. Mas a última palavra que proferira valia por muitas e fez dar um pulo a Glenarvan.

— O senhor! — exclamou. — Pois o senhor, Paganel, sabe onde está o capitão Grant?

— Sim, tanto quanto é possível saber-se — respondeu o geógrafo.

— E por onde o sabe?

— Pelo eterno documento.

— Ah! — exclamou o major, no tom da mais perfeita incredulidade.

— Ouça, primeiro, Mac-Nabs — disse Paganel —, depois encolherá os ombros. Não falei há mais tempo porque não me acreditaria. Demais, era inútil. Hoje, se resolvo explicar-me, é porque a opinião de Ayrton veio exatamente corroborar a minha.

— Assim, a Nova Zelândia?... — perguntou Glenarvan.

— Escute e avalie — replicou Paganel. — Não foi sem razão, ou antes, não foi sem «uma razão» que cometi o erro que nos salvou. Na ocasião em que escrevia a carta ditada por Glenarvan, a palavra «Zelândia» trabalhava-me no cérebro. E vou dizer-lhes o motivo porquê. Lembra-se de que estávamos no carro. Mac-Nabs acabava de referir a Lady Helena a história dos convictos; tinha-lhe entregue o número da «Australian and Zealand Gazette», que relatava a catástrofe de Camden-Bridge. No momento em que escrevia, jazia o jornal no chão, e dobrado de tal maneira que só se viam duas sílabas do título. As duas sílabas eram *aland*. Que luz se não fez no meu espírito! *Aland* era precisamente uma palavra do documento inglês, palavra que até então tínhamos traduzido por *terra*, e que devia ser a terminação do nome próprio *Zealand*.

— O quê! — exclamou Glenarvan.

— Sim — prosseguiu Paganel com profunda convicção —, a interpretação escapara-me, e sabe porquê? Porque as minhas lucubrações se exerciam, como era natural, sobre o documento francês, mais completo do que os outros, e no qual falta essa palavra importante.

— Oh! Oh! — exclamou o major —, é imaginação de mais, Paganel, e esquece um pouco facilmente as suas deduções precedentes.

— Vá, major, estou pronto a responder-lhe.

— Nesse caso — objetou Mac-Nabs — que faz da sua palavra *austra*?

— O mesmo que fazia. Designa somente os países «austrais».

— Bem, e as sílabas *indi*, que foram uma vez radical de *índios* e outra vez radical de

indígenas?

— Pois, bem, na terceira e última vez — explicou Paganel — serão as primeiras sílabas da palavra *indigência!*

— E *contin!* — exclamou Mac-Nabs. — Significa ainda *continente?*

— Não! Pois que a Nova Zelândia é apenas uma ilha.

— Então?... — perguntou Glenarvan.

— Caro lord — disse Paganel —, vou traduzir-lhe o documento, segundo a minha terceira interpretação, e avaliará. Faço apenas duas observações: 1.º Esqueça, tanto quanto lhe for possível, as interpretações precedentes e desprenda o espírito de qualquer preocupação anterior; 2.º Certas palavras hão de parecer-lhe «forçadas», e é possível que eu as traduza mal, mas não têm importância alguma, entre outras a palavra *agonia*, que me desagradou, mas que não posso explicar de outro modo. Demais, é o documento francês que serve de base à minha interpretação, e não esqueça que foi escrito por um inglês para quem os idiotismos da língua podiam não ser familiares. Posto isto, comecemos.

Paganel, articulando cada sílaba com lentidão, recitou as frases seguintes:

No dia 27 de *junho* de 1862, a *galera* «*Britannia*», de *Glasgow*, foi ao *fundo* depois de uma longa *agonia* nos mares *austrais*, nas costas da Nova Zelândia — em inglês *Zealand*. — *Dois marinheiros* e o *capitão Grant* puderam aí *abordar*. Vítimas *continuamente* de uma *cruel indigência*, lançaram *este documento* ao mar por *de longitude e 37° 11' de latitude*. *Socorram-nos*, ou ficam *perdidos*.

Paganel calou-se. A sua interpretação era admissível. Mas exatamente porque parecia tão verosímil como as precedentes, podia ser igualmente falsa. Glenarvan e o major não trataram por isso de discutir. Contudo, visto que nem nas costas da Patagónia nem nas costas da Austrália, no ponto em que estas duas regiões são cortadas pelo paralelo trinta e sete, se haviam encontrado vestígios da «*Britannia*», as probabilidades passavam a ser em favor da Nova Zelândia.

Esta observação feita por Paganel foi o que principalmente impressionou os seus amigos.

— Agora, Paganel — insistiu Glenarvan — há de explicar-me porque teve durante quase seis meses oculta esta interpretação.

— Porque não queria dar-lhes esperanças enganadoras. Depois, íamos a Auckland, mesmo ao ponto indicado pela latitude do documento.

— Mas depois, quando fomos arrastados para longe desse ponto, porque não disse nada?

— É porque, por justa que seja a nova interpretação, ela não pode contribuir para a salvação de Grant.

— Porquê, Paganel?

— Porque, admitida a hipótese de que o capitão Grant deu à costa na Nova Zelândia, se passaram dois anos sem reaparecer, é porque foi vítima do naufrágio ou dos zelandeses.

— Portanto a sua opinião é... —olveu Glenarvan.

— Que seria possível talvez encontrar alguns vestígios do naufrágio, mas que os náufragos da «Britannia» estão irremediavelmente perdidos!

— Silêncio a respeito de tudo isto, meus amigos — aconselhou Glenarvan — e deixem-me escolher o momento em que deverei dar tão triste notícia aos filhos do capitão Grant.

Capítulo 20 — Um Grito no Silêncio da Noite

Não tardou que a tripulação soubesse que a misteriosa situação do capitão Grant fora esclarecida pelas revelações de Ayrton. Tornou-se profundo o desânimo a bordo, porque tinham contado com o cabo de marinheiros, e ele nada sabia que pudesse indicar ao «Duncan» o rasto da «Britannia».

Continuou por isso a navegar no mesmo rumo. Faltava escolher a ilha em que Ayrton devia ser abandonado.

Paganel e John Mangles consultaram os mapas de bordo. No paralelo trinta e sete figurava precisamente uma ilhota conhecida pelo nome de Maria Teresa, rochedo perdido em meio do oceano Pacífico, afastado três mil e quinhentas léguas da costa americana e mil e quinhentas da Nova Zelândia. Ao norte, as terras mais próximas formavam o arquipélago de Pomotu, sob o protetorado francês. Ao sul, até à muralha dos gelos eternos do pólo austral, nada havia. Nenhum navio se aproximava daquela ilha solitária. Nenhum eco do mundo ali chegava. Só os pássaros das tempestades descansavam nela por ocasião das suas grandes viagens, e muitas cartas nem indicavam aquele rochedo batido pelas ondas do Pacífico.

Se alguma vez na terra se devia encontrar o absoluto isolamento, era naquela ilha, colocada fora dos caminhos seguidos pelo homem. Fizeram conhecer a sua situação a Ayrton. O cabo de marinheiros aceitou a proposta de viver ali afastado dos seus semelhantes, John Mangles aproou na direção da ilhota Maria Teresa. Neste momento uma linha rigorosamente reta teria passado pelo eixo do «Duncan», a ilha e a baía de Talcahuano.

Dois dias depois, pelas duas horas, o vigia de proa avistou terra. Era Maria Teresa, baixa, sobre o comprido, mal saindo das ondas e parecendo enorme cetáceo. Trinta milhas a separavam ainda do iate, cuja roda de proa cortava as ondas com a rapidez de seis nós por hora.

O contorno da ilha foi-se esboçando no horizonte. O sol declinava para o ocidente, e delineava-lhe com toda a luz o caprichoso perfil. Alguns cabeços pouco elevados assomavam em diversos pontos feridos pelos raios do astro do dia.

Às cinco horas, John Mangles julgou distinguir um fumo ligeiro, que subiu para o céu.

— É um vulcão? — perguntou a Paganel, que de óculo assestado observava a nova terra.

— Não sei o que pense — respondeu o geógrafo. — Maria Teresa é um ponto conhecido. Não era contudo para admirar que devesse a origem a algum abalo submarino, e, por

consequente, vulcânico.

— Nesse caso — observou Glenarvan —, se uma erupção a produziu, não se pode reear que uma erupção a faça desaparecer?

— É pouco provável — replicou Paganel. — A sua existência está conhecida há muitos séculos, o que já é uma garantia. Quando a ilha Júlia surgiu do Mediterrâneo, não esteve muito tempo fora das ondas e desapareceu meses depois de haver aparecido.

— Bem — disse Glenarvan. — Pensas, John, que possamos fundear antes de anoitecer?

— Não, milord. Não devo arriscar o «Duncan» em meio das trevas, numa costa que me é pouco conhecida. Conservar-me-ei bordejando e com pequena pressão, e amanhã, ao romper do sol, mandaremos uma embarcação a terra.

Às oito horas da noite, Maria Teresa, apesar de ficar cinco milhas a barlavento, parecia uma comprida sombra e mal se divisava. O «Duncan» continuava a aproximar-se dela.

Às nove horas brilhou na escuridão um clarão bastante vivo. Era imóvel e contínuo.

— Eis uma circunstância que me confirmaria a ideia do vulcão — disse Paganel, observando atentamente o ponto luminoso.

— Contudo — objetou John Mangles —, a esta distância deveríamos ouvir o estrondo que acompanha sempre as erupções, e o vento leste não nos traz ruído algum.

— Efetivamente — disse Paganel — este vulcão brilha, mas não fala. Dir-se-ia até que tem intermitências, como um farol de luz girante.

— Acho-lhe razão — concordou John Mangles — e contudo não estamos numa costa iluminada. Ah! — exclamou. — Um outro fogo! Desta vez é na praia! Veja! Agita-se! Muda de lugar!

John não se enganava. Brilhava um novo fogo, que por momentos parecia extinguir-se e de repente reanimar-se.

— Por selvagens, com certeza — redarguiu Paganel.

— Nesse caso não podemos abandonar nela o cabo de marinheiros.

— Não — respondeu o major —, seria um mau presente até para selvagens.

— Havemos de procurar uma outra ilha deserta — afirmou Glenarvan, que não pôde deixar de sorrir da «delicadeza» de Mac-Nabs. — Prometi a vida a Ayrton e hei de cumprir a minha promessa.

— Em todo o caso, desconfiemos — acrescentou Paganel. — Os zelandeses têm o bárbaro costume de enganar os navios com fogos moventes, como outrora os habitantes de Cornualha. Ora, os indígenas de Maria Teresa podem conhecer também o processo.

— Descaia uma quarta — gritou John ao marinheiro do leme. — Amanhã ao nascer do sol veremos o que se há de fazer.

Às onze horas os passageiros e John Mangles recolheram-se aos camarotes. À popa a gente de quarto passeava sobre a tolda do iate. Na proa só havia o homem do leme, que estava no seu posto.

Mary e Roberto Grant subiram ao tombadilho.

Os dois jovens, encostando-se ao corrimão da borda, puseram-se a olhar tristemente para o mar fosforescente e para a esteira luminosa do «Duncan». Mary pensava no futuro de Roberto; Roberto pensava no futuro da irmã. Ambos se lembravam do pai. Existiria ainda aquele ente adorado? Deveriam perder a esperança de o tornar a ver? Não, sem ele, que seria a vida? Sem o pai, que seria feito deles? Qual teria sido já a sua sorte, se não fossem Lord Glenarvan e Lady Helena?

O jovem, amadurecido pelo infortúnio, adivinhava os pensamentos que agitavam o espírito da irmã. Agarrou-lhe na mão.

— Mary — disse ele —, nunca se deve desesperar. Lembra-te das lições que nos dava nosso pai. «A coragem supre tudo neste mundo», repetia ele. Tenhamos, pois, também a coragem obstinada, que a tudo o fazia superior. Até aqui trabalhaste para mim, irmã; agora quero trabalhar para ti.

— Querido Roberto! — suspirava a jovem.

— Preciso dizer-te uma coisa — anunciou Roberto. — Não te zangarás, Mary?

— Porque me hei de zangar, meu irmão?

— E deixar-me-ás fazer o que entendo?

— Que queres dizer com isso? — perguntou Mary, inquieta.

— Minha irmã, serei marinheiro...

— Pois hás de deixar-me! — exclamou a donzela, apertando a mão do irmão.

— Sim, irmãzinha! Serei marinheiro como meu pai, marinheiro como o capitão John! Mary, minha querida Mary! O capitão John não perdeu a esperança de todo! Terás, como eu, confiança na sua dedicação! Fará de mim, prometeu-me, um bom, um grande marinheiro, e até lá procuraremos juntos nosso pai! Dize que é esse o teu desejo. O que nosso pai faria por nós, o nosso dever, o meu pelo menos, é fazê-lo por ele! A minha vida tem um só fim, a que de há muito se votou: procurar, procurar sempre aquele que não teria abandonado nenhum de nós! Querida Mary, como ele era bom, o nosso pai!

— E tão nobre, tão generoso! — acrescentou Mary. — Sabes, Roberto, que ele era já uma

das glórias do nosso país e que havia de vir a figurar no número dos seus grandes homens se a sorte o não detivesse na sua carreira!

— Se sei! — disse Roberto.

Mary Grant apertou o jovem contra o coração. Roberto sentiu na fronte as lágrimas da irmã.

— Mary! Mary! — exclamou ele. — Os nossos amigos podem dizer o que quiserem, tenho esperança ainda e sempre a terei! Um homem como meu pai não morre antes de ter cumprido o seu destino!

Mary Grant não pôde dizer nada. Sufocavam-na os soluços. Ao lembrar-se de que se fariam novas tentativas para encontrar Harry Grant e que a dedicação do jovem capitão não conhecia limites, desvairados sentimentos se debatiam na sua alma.

— O Sr. John Mangles tem esperança ainda? — perguntou ela.

— Sim — respondeu Roberto. — É um irmão que não nos abandonará nunca. hei de ser marinheiro, não é verdade, minha irmã, marinheiro para juntamente com ele procurar meu pai. Não desejas isto mesmo?

— Se desejo — respondeu Mary. — Mas separarmo-nos! — murmurou a jovem.

— Não ficarás só, Mary. Bem o sei! O meu amigo John disse-mo. Milady não consentirá que a deixes. Tu és uma mulher, tu podes, deves aceitar os seus benefícios. Rejeitá-los seria ingratição. Um homem, porém, muitas vezes mo disse meu pai, um homem deve tratar da sua vida!

— E a nossa querida casinha de Dundee, tão cheia de recordações?

— Conservá-la-emos, querida irmã! Tudo isso está combinado pelo nosso amigo John e por Lord Glenarvan. Guardar-te-á no castelo de Malcolm como se fosses sua filha! O lord disse-o ao meu amigo John e John repetiu-mo. Estarás como em tua casa, tendo com quem falar de nosso pai enquanto eu e John não to trazemos um dia! Ah! Que belo dia não será! — exclamou Roberto, cuja fronte estava radiante de entusiasmo.

— Meu irmão, meu filho — voltou Mary —, como não seria feliz nosso pai se te pudesse ouvir! Como te pareces com ele, querido Roberto, com o nosso querido pai! Quando chegares a homem, serás Harry Grant todo inteiro!

— Deus te ouça, Mary — disse Roberto, a quem um santo e filial orgulho fez corar.

— Mas como pagar tantos benefícios a Lord e Lady Glenarvan? — lembrou Mary Grant.

— Oh! Não será difícil! — exclamou Roberto, com a sua confiança juvenil. — Amam-se, veneram-se, diz-se-lho, e depois, um dia, na primeira ocasião, faz-se uma pessoa matar por eles.

— Não, ao contrário, vive para eles! — bradou a jovem, cobrindo de beijos a fronte do irmão. — hão de querer antes isso e eu também!

Em seguida, entregando-se a intermináveis meditações, os dois filhos do capitão Grant contemplaram-se mutuamente em silêncio na vaga escuridão da noite. Por pensamentos, conversavam, interrogavam-se e respondiam. Sereno o mar, balouçava formando longas e suaves ondulações, e a hélice produzia na escuridão um redemoinho luminoso.

Deu-se então um incidente estranho e verdadeiramente sobrenatural. Os dois irmãos, graças a uma dessas comunicações magnéticas que ligam misteriosamente as almas, tiveram ao mesmo tempo, no mesmo instante, idêntica alucinação.

Do meio daquelas ondas, alternadamente sombrias e brilhantes, Mary e Roberto julgaram ouvir uma voz, cujo som profundo e lastimoso lhes fez estremecer as fibras do coração.

— Socorro! Socorro! — bradava a voz.

— Mary! — disse Roberto. — Ouviste? Ouviste?

E inclinando-se subitamente por cima da borda do navio, interrogaram as sombras da noite.

Nada viram, porém, porque a escuridão era imensa.

— Roberto — declarou Mary, pálida de comoção —, julguei... Sim, como tu, julguei... Ambos deliramos, meu Roberto!...

Mas um novo chamamento se fez ouvir, e daquela vez a ilusão foi tal que um grito igual saiu ao mesmo tempo de ambos os corações:

— Meu pai! Meu pai!...

Era de mais para Mary Grant. Vencida pela comoção, caiu desmaiada nos braços de Roberto.

— Socorro! — gritou Roberto. — Minha irmã! Meu pai! Socorro!

O homem do leme veio ajudar a amparar a jovem. Os marinheiros de quarto acudiram; logo a seguir vieram John Mangles, Lady Helena e Lord Glenarvan, que tinham acordado de repente.

— Minha irmã morre e meu pai está acolá! — exclamava Roberto apontando para as ondas.

Ninguém compreendia as suas palavras.

— Sim — repetia ele. — Meu pai está acolá! Ouvi a voz de meu pai! Mary ouviu-a como eu!

E Mary Grant, que neste momento tornara a si, louca, alucinada, exclama também:

— Meu pai! Meu pai está acolá!

A desgraçada jovem, levantando-se e inclinando-se por cima da borda, queria precipitar-se no mar.

— Milord! Milord! — repetia ela, pondo as mãos —, digo-lhes que meu pai está acolá! Afirmo-lhes que ouvi a sua voz sair do seio das ondas como uma lamentação, como um último adeus!

Então a pobre criança tornou a cair em espasmos e convulsões. Pôs-se a estrebuchar. Foi preciso transportá-la para o camarote, e Lady Helena seguiu-a para cuidar dela, enquanto Roberto continuava a repetir:

— Meu pai! Meu pai está acolá! Tenho a certeza disso, milord!

As testemunhas desta dolorosa cena acabaram por compreender que os dois filhos do capitão Grant tinham sido vítimas de uma alucinação. Mas como fazer com que os seus sentidos, tão cruelmente iludidos, se desenganassem?

Glenarvan ainda o tentou. Pegou na mão de Roberto e disse-lhe:

— Ouviste a voz de teu pai, meu querido filho?

— Sim, milord. Além, no meio das ondas, gritava: Socorro! Socorro!

— E reconheceste essa voz?

— Se reconheci a sua voz, milord! Oh! Sim! Juro-lho. Minha irmã também a ouviu, reconheceu-a como eu! Como quer que ambos nos enganássemos? Milord, vamos em socorro de meu pai. Um escaler! Um escaler!

Glenarvan reconheceu que não podia enganar a pobre criança. Ainda assim, fez uma última tentativa e chamou o homem do leme.

— Hawkins — perguntou-lhe —, estava ao leme no momento em que Miss Mary teve o seu inexplicável desmaio?

— Sim, Vossa Honra — respondeu Hawkins.

— E nada viu, nada ouviu?

— Nada.

— Bem vês, Roberto.

— Se fosse o pai de Hawkins — respondeu o pequeno com indomável energia —, Hawkins não diria que não tinha ouvido nada. Era meu pai, milord! Meu pai! Meu pai!...

A voz de Roberto ficou sufocada num soluço. Calou-se, empalideceu e perdeu também os sentidos.

Glenarvan fez conduzir Roberto para o seu leito, e o jovem, prostrado pela comoção, caiu em profunda modorra.

— Pobres órfãos! — exclamou John Mangles. — Deus fá-los passar por terrível provação!

— Sim — redarguiu Glenarvan —, o excesso da dor deve ter produzido em ambos, e no

mesmo momento, idêntica alucinação.

— Em ambos! — murmurou Paganel —, é extraordinário. A ciência pura não admitiria isso.

Em seguida, debruçando-se por seu turno para o mar, e depois de fazer sinal para que todos se calassem, o geógrafo pôs-se à escuta.

O silêncio era profundo. Paganel pôs-se a gritar com força. Ninguém respondeu.

— É singular! — repetia o geógrafo, recolhendo-se para o camarote. — Uma íntima simpatia de dores e pensamentos não basta para explicar um fenómeno assim!

No dia seguinte, 8 de março, pelas cinco horas da manhã, ao romper da alvorada, já todos os passageiros estavam no convés do iate, e entre eles Mary e Roberto, porque fora impossível retê-los. Todos queriam examinar aquela terra, que mal se havia entrevisto na véspera.

Os óculos foram assestados sobre os pontos principais da ilha. O iate costeava as margens a distância de uma milha. Não podiam escapar as mais pequenas particularidades que houvesse em terra.

De repente ouviu-se um grito de Roberto. O jovem asseverava que via dois homens correndo e gesticulando, enquanto um terceiro agitava um pavilhão.

— O pavilhão de Inglaterra! — exclamou John Mangles, que lançara mão do óculo.

— É verdade! — exclamou Paganel, voltando-se com vivacidade para Roberto.

— Milord — disse Roberto, tremendo de comoção —, milord, se não quer que chegue à ilha a nado, mande armar uma embarcação. Ah! Milord, peço-lhe de joelhos que me deixe ser o primeiro a saltar em terra!

Ninguém a bordo se atrevia a falar. O quê! Pois naquela ilhota, cortada pelo paralelo trinta e sete, havia três homens, três náufragos, e ingleses! E lembrando-se todos dos acontecimentos da véspera, pensavam na voz ouvida de noite por Roberto e Mary!... Os jovens só se podiam ter enganado sobre uma coisa: era possível que tivessem ouvido uma voz, mas essa voz não podia ser de seu pai! Infelizmente não, mil vezes não! E pensando na horrível decepção que os esperava, receavam todos que aquela nova provação fosse superior às forças das duas crianças. Mas como detê-las? Lord Glenarvan não teve coragem para isso.

— Arria o escaler! — bradou ele.

Passado um minuto estava o escaler no mar. Os dois filhos do capitão, Glenarvan, John Mangles e Paganel precipitaram-se dentro dele, e a embarcação deslizou rapidamente, impelida pelos esforços de seis marinheiros, que remavam com vigor.

A dez toesas da praia, Mary soltou um grito dilacerante:

— Meu pai!

Na praia estava um homem no meio de dois. Era de estatura avantajada e robusta, e a sua fisionomia, de expressão ao mesmo tempo meiga e enérgica, apresentava o conjunto das feições de Mary e de Roberto Grant. Era na verdade o homem que os dois jovens muitas vezes tinham retratado. Não os enganara o coração. Era seu pai, era o capitão Grant!

O capitão ouviu o grito de Mary, abriu os braços e caiu na praia, como fulminado.

Capítulo 21 — A Ilha Tabor

Não se morre de alegria, porque o pai e os filhos volveram à vida ainda antes de chegarem ao iate. Como pintar aquela cena? Não bastariam as palavras. Toda a tripulação chorava vendo aqueles três entes confundidos em estreito abraço.

Assim que se viu no convés do iate, Harry Grant curvou o joelho. O piedoso escocês, ao tocar no que era para ele o solo da pátria, quis primeiro que tudo dar graças a Deus pelo seu salvamento.

Depois, voltando-se para Lady Helena e Lord Glenarvan, agradeceu-lhes com voz emocionada. Em poucas palavras, durante a travessia da ilha para o iate, os filhos tinham-lhe contado a história do «Duncan».

Que imensa dívida não havia contraído para com aquela nobre mulher e os seus companheiros! Desde Lord Glenarvan até ao último dos marinheiros não tinham todos lutado e sofrido por ele? Harry Grant exprimiu a gratidão de que se achava possuído com tanta simplicidade e nobreza, o seu rosto varonil estava iluminado por uma comoção tão pura e tão meiga, que toda a tripulação se sentia recompensada em muito mais do que mereciam os seus trabalhos. O próprio major, impassível como era, tinha os olhos humedecidos pelas lágrimas, que não estava na sua mão conter. Quanto ao digno Paganel, esse chorava como uma criança que não cuida de ocultar o pranto.

Harry Grant não se cansava de olhar para a filha. Achava-a bela, encantadora! Dizia-lho e repetia-lho em voz alta, invocando o testemunho de Lady Helena, como para demonstrar que o amor paternal o não enganava. Depois, voltando-se para o filho, exclamou:

— Como tem crescido! Está um homem!

E prodigalizava àqueles dois entes tão queridos os milhares de beijos que juntara no coração durante dois anos de ausência.

Roberto apresentou-lhe sucessivamente todos os amigos e achou meio de variar as fórmulas, apesar de ter que dizer de cada um quase a mesma coisa! É que todos tinham sido excelentes para os dois órfãos. Quando chegou a vez de John Mangles ser apresentado, o capitão fez-se corado como uma donzela e a sua voz tremia ao responder ao pai de Mary Grant.

Lady Helena fez então a narração da viagem ao capitão Grant e tornou-o orgulhoso da filha e do filho.

Harry Grant foi informado das façanhas do jovem herói, e como a criança já tinha pago a Lord Glenarvan uma parte da dívida paterna. Em seguida, por seu turno, John Mangles falou de Mary em termos tais, que Harry Grant, esclarecido por algumas palavras de Lady Helena, pôs a mão da filha na robusta mão do jovem capitão e, voltando-se para Lord e Lady Glenarvan, disse:

— Milord e milady, abençoemos os nossos filhos!

Depois de tudo dito e repetido mil vezes, Glenarvan informou Harry Grant do que dizia respeito a Ayrton. Grant confirmou as declarações do cabo de marinheiros quanto ao desembarque na costa australiana.

— É um homem inteligente, arrojado — ajuntou —, que as paixões encaminharam para o mal. Possam a reflexão e o arrependimento inspirar-lhe melhores sentimentos!

Antes de Ayrton ser transferido para a ilha Tabor, Harry Grant quis fazer as honras do seu rochedo aos seus amigos. Convidou-os para visitarem a barraca e sentarem-se à mesa do Robinson oceânico.

Glenarvan e os seus companheiros aceitaram de boa vontade. Roberto e Mary Grant ansiavam ver os lugares solitários onde o capitão os chorara por tanto tempo.

Arriou-se uma embarcação, e o pai com os dois filhos, Lord e Lady Glenarvan, o major, John Mangles e Paganel desembarcavam dali a pouco na ilha.

Bastaram poucas horas para percorrerem os domínios de Harry Grant. A dizer a verdade, constavam do cume de uma montanha submarina, de uma chapada onde abundavam os rochedos de basalto e os detritos vulcânicos. Nas épocas geológicas da Terra, o monte surgira pouco a pouco das profundezas do Pacífico, por efeito dos fogos subterrâneos; mas, havia séculos, o vulcão tornara-se uma pacífica montanha, e, depois de cheia a cratera, da planície líquida emergira uma ilha. Em seguida formou-se o húmus; o reino vegetal tomou posse da nova terra; alguns baleeiros de passagem desembarcaram nela animais domésticos, cabras e porcos, que se multiplicaram no estado selvagem e a natureza manifestou os seus três reinos naquela ilha perdida em meio do oceano.

Quando os náufragos da «Britannia» aí se refugiaram, a mão do homem veio regularizar os esforços da natureza. Em dois anos e meio Harry Grant e os seus marinheiros metamorfosearam a ilha. Algumas jeiras de terra, cuidadosamente cultivadas, produziam legumes de excelente qualidade.

Os visitantes chegaram à casa, coberta pela sombra de verdejantes gomeiras; em frente das janelas estendia-se o mar esplêndido, que cintilava, ferido pelos raios do sol. Harry Grant

mandou pôr a mesa à sombra de formosas árvores, e todos se sentaram a ela. Uma perna de cabrito, pão de nardo, alguns bolos de leite, dois ou três pés de chicória silvestre, uma água pura e fresca, compuseram aquela refeição simples e digna dos pastores da Arcádia.

Paganel estava encantado. As suas antigas ideias de Robinson subiam-lhe ao cérebro.

— Não devemos ter dó desse patife do Ayrton! — exclamou no seu entusiasmo. — Esta ilhota é um paraíso.

— Sim — replicou Harry Grant —, um paraíso para três pobres prisioneiros que Deus aqui protegeu! Mas tenho pena de que Maria Teresa não seja uma ilha vasta e fértil, com um rio em vez de um regato, e um porto em vez de uma enseada batida pelas vagas do mar largo.

— Porquê, capitão? — perguntou Glenarvan.

— Porque lançaria aqui as bases da colónia com que quero dotar a Escócia no Pacífico.

— Ah! Capitão Grant — disse Glenarvan —, pelo que vejo ainda não abandonou a ideia que tão popular o tornou na nossa velha pátria?

— Não, milord, e Deus não me salvou pelas vossas mãos senão para que eu a realize. É preciso que todos os nossos pobres irmãos da velha Caledónia, todos os que sofrem tenham um refúgio contra a miséria em terra nova! É preciso que a nossa querida pátria possua nestes mares uma colónia propriamente sua, onde encontre um pouco da independência e do bem-estar que lhe faltam na Europa.

— Ah! Isso é bem dito, capitão Grant — apoiou Lady Helena. — É um belo projeto, digno de um grande coração! Mas esta ilhota?...

— Não, senhora, é um rochedo, bom, o muito, para sustentar alguns colonos, e precisamos de uma terra vasta e rica de todos os tesouros das idades primitivas.

— Ora bem, capitão — exclamou Glenarvan —, o futuro pertence-nos e procuraremos juntos essa terra!

Harry e Glenarvan apertaram-se as mãos afetuosamente, como para ratificar o projeto.

Em seguida, naquela mesma ilha, na humilde casa, todos quiseram saber a história dos naufragos da «Britannia» durante aqueles dois longos anos de ausência e abandono.

Harry Grant deu-se pressa em satisfazer os desejos dos seus novos amigos.

— A minha história — disse ele — é a de todos os Robinsons lançados sobre uma ilha, e que, não podendo contar senão com Deus e consigo, conhecem que é do seu dever disputar a vida dos elementos! Foi durante a noite de 26 para 27 de junho de 1862 que a «Britannia», desmastreada ao fim de seis dias de tempestade, se despedaçou contra os rochedos de Maria Teresa. O mar estava furioso, era impossível a salvação, toda a minha desgraçada gente morreu.

Só eu e os meus dois marinheiros, Bob Learce e Joe Bell, conseguimos chegar a terra depois de vinte infrutíferas tentativas! A terra onde nos acolhemos era apenas uma ilha deserta, de duas milhas de largura, do comprimento de cinco, com umas trinta árvores no interior, alguns campos e uma nascente de boa água, que felizmente nunca seca. Só com os meus dois marinheiros, neste canto do mundo, não desesperei. Pus a minha fé em Deus e, preparei-me para lutar com constância. Bob e Joe, meus valentes companheiros de infortúnio e meus amigos, auxiliaram-me energicamente. Começámos, como o Robinson ideal de Daniel Defoe, nosso modelo, recolhendo os destroços do navio, alguma ferramenta, uma pouca de pólvora, armas e um saco de preciosos grãos. Foram penosos os primeiros dias. Mas não tardou que a caça e a pesca nos fornecessem uma alimentação segura, porque as cabras selvagens abundavam no interior da ilha e os animais marinhos nas costas. A nossa existência foi-se pouco a pouco organizando regularmente. Conhecia exatamente a situação da ilha por meio dos meus instrumentos, que salvara do naufrágio. A sua posição punha-nos fora do rumo seguido pelos navios, e não podíamos ser recolhidos senão graças a algum acaso providencial. Entretanto, ao mesmo tempo que pensava nos entes que me eram queridos e que não esperava tornar a ver, resignei-me corajosamente a tão dura provação, e os nomes dos meus dois filhos todos os dias se confundiam nas orações que elevava a Deus do íntimo da alma. Trabalhávamos corajosamente. Semeámos logo algumas jeiras de terra com os grãos da «Britannia»; as batatas, a chicória, as azedas sanaram a nossa alimentação quotidiana; mais para diante ainda pudemos fazer uso de outros legumes. Apanhámos alguns cabritos, que facilmente se domesticaram. Obtivemos leite e manteiga. O nardo, que crescia nos leitos dos rios já secos, forneceu-nos uma espécie de pão bastante nutritivo, e a vida material não nos inspirou nenhum receio. Com os restos da «Britannia» tínhamos construído uma casa; cobrimo-la de velas muito bem alcatroadas, e debaixo deste sólido abrigo passámos perfeitamente a estação das chuvas. Aí discutimos bastantes planos, a bastantes devaneios nos entregámos, dos quais o melhor acaba de se realizar! A princípio tinha tido a ideia de afrontar as fúrias do mar numa canoa feita com os restos do navio; porém, mil e quinhentas milhas nos separavam da terra mais próxima, isto é, das ilhas do arquipélago de Pomotu. Nenhuma embarcação pequena poderia resistir a viagem tão longa. Desisti da empresa e fiquei esperando a salvação só da intervenção divina. Ah! Meus pobres filhos! Quantas vezes, do alto dos rochedos, espreitámos se algum navio passava ao largo! Durante o tempo que durou o nosso exílio, só duas ou três velas apareceram no horizonte, desaparecendo no mesmo instante! Assim se passaram dois anos e meio. Já pouca esperança tínhamos; porém, ainda de todo não desesperávamos. Finalmente, ontem, subira ao cume mais

alto da ilha, quando distingui uma ligeira nuvem de fumo para a banda do ocidente. Foi aumentando. Dentro de pouco tornava-se visível um navio. Parecia dirigir-se para nós. Mas não evitaria ele esta ilhota, que não lhe oferecia nenhum ancoradouro? Ah! Que angustiado dia e quão violentamente não me pulsou o coração! Os meus companheiros acenderam uma fogueira num dos picos de Maria Teresa. Sobreveio a noite, mas o iate não fez nenhum sinal de reconhecimento! E a salvação estava ali! Iríamos vê-la desvanecer-se? Perdi toda a hesitação. As trevas tornaram-se profundas. O navio podia dobrar a ilha durante a noite. Lancei-me ao mar e dirigi-me para ele. A esperança triplicava-me as forças. Fendi as ondas com vigor enorme. Aproximava-me do iate, do qual apenas trinta braças me separavam, quando ele virou de bordo! Foi então que soltei os gritos desesperados que os meus filhos ouviram e que não foram uma ilusão. Em seguida voltei para terra, exausto de forças, aniquilado pela comoção e pela fadiga. Os meus dois marinheiros recolheram-me quase morto. Foi horrível a última noite que passámos na ilha, e já nos julgávamos para sempre abandonados quando, ao romper do dia, avistei o iate que bordejava com pouco vapor. Os senhores lançaram o escaler ao mar... Estávamos salvos, e (bondade divina!) os meus filhos, os meus queridos filhos estendiam os braços para mim!

A narrativa de Harry Grant terminou em meio dos beijos e das carícias de Mary e de Roberto. E foi só então que o capitão Grant soube que devia a salvação ao documento sofrivelmente hieroglífico que oito dias depois do naufrágio metera numa garrafa e confiara ao capricho das ondas.

Mas que pensava Jacques Paganel durante a narrativa do capitão Grant? O digno geógrafo revolvia pela milésima vez no cérebro as palavras do documento! Passava pelo espírito as três interpretações sucessivas, todas três falsas! Como era pois que a ilha Maria Teresa estava indicada naqueles papéis comidos do mar?

Paganel não se pôde conter, e agarrando na mão de Harry Grant, exclamou:

— Capitão, não me dirá finalmente o que se continha no seu indecifrável documento?

A esta pergunta do geógrafo tornou-se geral a curiosidade, porque a chave do enigma, procurada havia nove meses, ia ser declarada!

— Ora bem, capitão — perguntou Paganel —, lembra-se dos termos precisos do documento?

— Perfeitamente — respondeu Harry Grant — e não se passava um dia que não me viessem à lembrança as palavras em que se fundava a nossa única esperança.

— E que palavras são essas, capitão? — perguntou Glenarvan. — Fale, porque o nosso amor-próprio anda nisso bastante interessado.

— Estou pronto a satisfazê-lo — respondeu Harry Grant —; mas sabe que, para aumentar as probabilidades de salvação, encerrei na garrafa três documentos, escritos em três línguas. Qual dos documentos deseja conhecer?

— Não são idênticos? — perguntou Paganel.

— São, apenas com um nome de diferença.

— Então cite o documento francês — pediu Glenarvan —; é aquele que as ondas respeitaram mais e que principalmente serviu de base às nossas interpretações.

— Milord, ei-lo, palavra por palavra — disse Harry Grant. — *No dia 27 de junho de 1862, a galera «Britannia», de Glasgow, perdeu-se a mil e quinhentas léguas da Patagónia, no hemisfério austral. Dirigindo-se para terra, dois marinheiros e o capitão Grant chegaram à ilha Tabor...*

— O quê! — exclamou Paganel.

— *Aí* — prosseguiu Harry Grant —, *entregues a uma cruel indigência, lançaram este documento ao mar por 153° de longitude e 37° e 11' de latitude. Socorram-nos, aliás estão perdidos.*

A este nome de Tabor, Paganel levantara-se repentinamente; em seguida, não podendo conter-se mais, exclamou:

— Como a ilha Tabor! Mas é a ilha Maria Teresa!

— Decerto, Sr. Paganel — retorquiu Harry Grant. — Maria Teresa nos mapas ingleses e alemães, mas Tabor nos mapas franceses!

Naquele momento Paganel apanhou num ombro um formidável soco que o fez vergar. Pede a verdade que se diga que o soco foi vibrado pelo major, o qual, pela primeira vez, faltava à sua gravidade habitual.

— Geógrafo! — bradou Mac-Nabs, no tom do mais profundo desprezo.

Mas Paganel nem sequer tinha sentido a mão do major. O que era aquilo comparado com o murro geográfico que o aniquilava!

Portanto, como disse ao capitão Grant, aproximara-se pouco a pouco da verdade! Decifrara quase completamente o indecifrável documento! Alternadamente as palavras Patagónia, Austrália, Nova Zelândia, tinham-lhe surgido com irrecusável evidência. *Contin*, a princípio *continente*, tinha pouco a pouco retomado a sua verdadeira significação de *contínua*. *Indi* significara sucessivamente *índios*, *indígenas*, e finalmente *indigência*, seu verdadeiro sentido. Só a palavra, meio apagada, *abor*, deixara ficar mal a sagacidade do sapiente geógrafo! Paganel fizera dela obstinadamente o radical da palavra *abordar*, quando era um nome próprio, o nome

francês da ilha de Tabor, da ilha que servira de refúgio aos náufragos da «Britannia»! Erro difícil de evitar, ainda assim, porque os planisférios ingleses do «Duncan» davam àquela ilha deserta o nome de Maria Teresa.

— Não importa! — exclamava Paganel, arrancando os cabelos. — Não devia ter esquecido este duplo nome. É uma falta imperdoável, um erro indigno de um secretário da Sociedade de Geografia! Estou desonrado!

— Mas, Sr. Paganel — disse-lhe Lady Helena —, modere o seu pesar!

— Não, senhora, não! Não passo de um burro!

— E nem chega a um burro sábio! — acrescentou o major, à maneira de consolação.

Acabada a refeição, Harry Grant pôs tudo de casa em ordem. Não quis trazer nada consigo, para que o culpado herdasse as riquezas do homem de bem.

Voltaram para bordo. Glenarvan tencionava partir naquele dia e deu as suas ordens para o desembarque do cabo de marinheiros. Ayrton foi conduzido para o tombadilho e achou-se em presença de Harry Grant.

— Eis-me aqui, Ayrton — disse Grant.

— É o capitão — observou Ayrton, sem mostrar admiração por se encontrar com Harry Grant. — Pois estimo tornar a vê-lo de perfeita saúde.

— Parece-me, Ayrton, que cometi uma falta em o desembarcar em terra habitada.

— Assim parece, capitão.

— Vai substituir-me nesta ilha deserta. Possa o céu inspirar-lhe o arrependimento!

— Deus queira! — disse Ayrton, com serenidade e firmeza.

Em seguida, Glenarvan, dirigindo-se ao cabo de marinheiros, perguntou-lhe:

— Insiste, Ayrton, em querer ficar abandonado?

— Sim, milord.

— Convém-lhe a ilha Tabor?

— Perfeitamente.

— Agora, ouça as minhas últimas palavras, Ayrton. Aqui, ficará afastado de toda a terra e sem comunicação possível com os seus semelhantes. São raros os milagres, e não poderá fugir desta ilhota onde o «Duncan» o deixa. Estará só aqui, sob as vistas de um Deus que lê no mais fundo dos corações, mas não ficará perdido e ignorado, como o esteve o capitão Grant. Por indigno que seja da lembrança dos homens, os homens lembrar-se-ão do senhor. Sei onde está, sei onde poderei achá-lo, nunca o esquecerei.

— Deus conserve Vossa Honra! — retorquiu Ayrton com simplicidade.

Tais foram as últimas palavras trocadas entre Glenarvan e o cabo de marinheiros. O escaler esperava. Ayrton desembarcou.

John Mangles fizera de antemão transportar para a ilha algumas caixas de alimentos de conserva, fatos, ferramentas, armas e uma provisão de pólvora e chumbo. O cabo de marinheiros podia, portanto, regenerar-se pelo trabalho; nada lhe faltava, nem livros, e entre outros a Bíblia, tão estimada dos corações ingleses.

Chegara a hora da separação. A marinagem e os passageiros estavam no convés. Mais de um sentia opressa a alma. Mary Grant e Lady Helena não podiam dissimular a comoção que sentiam.

— É preciso, pois — perguntou a jovem esposa ao marido —, é preciso que o infeliz seja abandonado?

— Assim é preciso, Helena — respondeu Lord Glenarvan. — É a expiação!

O escaler, comandado por John Mangles, largou de bordo. Ayrton, em pé, sempre impassível, tirou o chapéu e saudou com ar grave.

Glenarvan descobriu-se, e o mesmo fez a tripulação, como é costume diante de um homem que vai morrer, e o escaler afastou-se em meio de profundo silêncio.

Chegando a terra, Ayrton saltou do escaler, o qual voltou para bordo. Eram quatro horas da tarde, e de cima do tombadilho os passageiros puderam ver o cabo de marinheiros, de braços cruzados, imóvel como uma estátua, sobre um rochedo, e olhando para o navio.

— Partimos, milord? — perguntou John Mangles.

— Sim, John — replicou Glenarvan com vivacidade, mais comovido do que queria parecer.

— Larga! — gritou John ao engenheiro.

O vapor assobiou nos tubos, a hélice agitou as ondas, e às oito horas os últimos cimos da ilha Tabor sumiam-se nas trevas da noite.

Capítulo 22 — A Última Distração de Jacques Paganel

O «Duncan», onze dias depois de ter deixado a ilha, a 18 de março, avistou a costa americana, e no dia seguinte fundeou na baía de Talcahuano.

Voltava ali após uma viagem de cinco meses, durante a qual, seguindo rigorosamente o trajeto do paralelo trinta e sete, fizera a volta ao mundo. Os passageiros de tão memorável expedição, sem precedentes nos anais do *Traveller's Club*, acabavam de atravessar o Chile, os Pampas, a República Argentina, o Atlântico, as ilhas Tristão da Cunha, o oceano Índico, as ilhas Amsterdão, a Austrália, a Nova Zelândia, a ilha Tabor e o Pacífico. Não tinham sido estéreis os seus esforços e reconduziam à pátria os náufragos da «Britannia».

Nenhum dos bravos escoceses que haviam partido à voz do seu lord faltava ao apelo; todos regressavam à velha Escócia, e esta expedição lembrava a batalha «sem lágrimas» da história antiga.

Depois de se abastecer, o «Duncan» navegou ao longo das costas da Patagónia, dobrou o cabo Horn e atravessou o Atlântico.

Nunca houve viagem mais falta de incidentes. O iate levava uma carga de ventura. Não havia segredos a bordo, nem sequer os sentimentos de John Mangles para com Mary Grant.

Só um mistério ainda trazia preocupado Mac-Nabs. Porque é que Paganel se conservava hermeticamente embrulhado no seu fato e engravatado no seu cachené, que lhe subia até às orelhas? O major ardia em desejos de conhecer o motivo daquela singular mania. Mas era caso para se dizer que, apesar das interrogações, alusões e suspeitas de Mac-Nabs, Paganel não se desabotoava.

E, o que mais admira, até nem se desabotoou quando o «Duncan» passou a linha e as costuras do convés se abriram sob um calor de cinquenta graus.

— É tão distraído que se julga em S. Petersburgo — gracejava o major, vendo o geógrafo embrulhado no seu amplo casacão, como se o mercúrio gelasse no termómetro.

Finalmente, a 9 de maio, cinquenta e três dias depois de largar de Talcahuano, John Mangles avistou os faróis do cabo Clear. O iate enfiou pelo canal Saint-Georges, atravessou o mar da Irlanda e a 10 de maio entrou no golfo de Clyde. Às onze horas dava fundo em Dumbarton. Pelas duas horas da tarde, os seus passageiros entravam em Malcolm-Castle, no meio dos vivas dos *highlanders*.

Estava, pois, escrito que Harry Grant e os seus dois companheiros seriam salvos e que John Mangles desposaria Mary Grant na velha catedral de Saint-Mungo, onde o reverendo Paxton, depois de orar nove meses antes pela salvação do pai, abençoou o casamento da filha e do seu salvador. Estava também escrito que Roberto seria marinheiro como Harry Grant, marinheiro como John Mangles, e tentaria com eles, e sob a alta proteção de Lord Glenarvan, a realização dos grandes projetos do capitão.

Mas estaria igualmente escrito que Jacques Paganel não havia de morrer solteiro? Parece que sim.

Com efeito, o sábio geógrafo, depois das suas heroicas façanhas, não podia escapar à celebridade. As suas distrações fizeram furor na alta sociedade escocesa. Andavam todos em competição para gozarem a presença da sua pessoa, e não chegava para as atenções de que era objeto.

E foi então que uma amável donzela de trinta anos, nada menos que a prima do major Mac-Nabs, também um pouco excêntrica, mas excelente pessoa e ainda formosa, se apaixonou pelas singularidades do geógrafo e lhe ofereceu a sua mão. Dentro dessa mãozinha havia um milhão, mas evitaram falar nisso.

Paganel estava longe de se mostrar insensível aos sentimentos de Miss Arabella, mas não se atrevia a dar uma decisão.

Foi o major quem serviu de intermediário entre aqueles corações feitos um para o outro. Chegou até a dizer a Paganel que o casamento era a «última distração» que podia permitir a si mesmo.

Observou-se grande embaraço em Paganel, o qual, por uma inexplicável singularidade, não se atrevia a proferir a palavra fatal.

— Não lhe agrada Miss Arabella? — perguntava-lhe incessantemente Mac-Nabs.

— Oh! Major, ela é formosa! — exclamou Paganel —, mil vezes formosa, e, para tudo dizer, estimava até que o não fosse tanto! Queria ver-lhe um defeito.

— Esteja sossegado — retorquiu o major —; tem, e até mais de um. A mulher mais perfeita possui sempre o seu contingente. Portanto, Paganel, está resolvido?

— Não me atrevo — tornava Paganel.

— Vejamos, meu sábio, porque hesita?

— Sou indigno de Miss Arabella! — respondia invariavelmente o geógrafo.

E não saía disto.

Afinal, colocado um dia entre a espada e a parede, acabou por lhe confiar, debaixo de

segredo, uma particularidade que devia facilitar o seu reconhecimento se a Polícia alguma vez lhe andasse na pista.

— O quê! — exclamou o major.

— É como lhe digo — confirmou Paganel.

— Que importa, meu digno amigo?

— Julga?

— Pelo contrário, isso torna-o mais singular. Aumenta os seus méritos pessoais! Faz do senhor o homem sem igual sonhado por Arabella.

E o major, conservando a sua seriedade imperturbável, deixou Paganel entregue à mais pungente inquietação.

Entre Mac-Nabs e Arabella houve um pequeno colóquio.

Passados quinze dias celebrava-se um estrondoso casamento na capela de Malcolm-Castle. Paganel estava magnífico, mas hermeticamente abotoado, e Miss Arabella esplêndida.

E o segredo do geógrafo ficaria para sempre sepultado nos abismos do desconhecido se o major não tivesse dito alguma coisa a esse respeito a Glenarvan, que não o ocultou a Lady Helena, a qual também disse alguma coisa a Mistress Mangles. Numa palavra, o segredo chegou aos ouvidos de Mistress Olbinett e estalou.

Durante os três dias de cativo entre os maoris, Jacques Paganel tinha sido pintado, mas pintado dos pés até aos ombros, e trazia no peito a imagem do *kiwi* heráldico, de asas abertas e mordendo-lhe no coração. Foi a única aventura da sua grande viagem de que nunca se consolou e que não perdoou á Nova Zelândia; foi também o que, apesar dos pedidos e das saudades, o impediu de voltar à França. Teve receios de expor na sua pessoa toda a Sociedade de Geografia aos gracejos dos caricaturistas e dos jornais baratos, levando-lhe um secretário pintado de fresco.

O regresso do capitão à Escócia foi saudado como um acontecimento nacional, e Harry Grant tornou-se o homem mais popular da velha Caledónia. Seu filho Roberto fez-se marinheiro como ele, marinheiro como o capitão John, e é sob os auspícios de Lord Glenarvan que tornou a formar o projeto de fundar uma colónia escocesa nos mares do Pacífico.